



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**

CENTRO DE ESTUDOS GERAIS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Desa(fios) da travessia do niilismo no  
contemporâneo: Como produzir um corpo  
liberto do nojo?

**ALINE RIBEIRO NASCIMENTO**

Niterói, agosto de 2022

Aline Ribeiro Nascimento

Desa(fios) da travessia do niilismo no  
contemporâneo: Como produzir um corpo  
liberto do nojo?

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade  
Federal Fluminense, como requisito para obtenção do  
título de Doutora em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Subjetividade, Política e Exclusão  
Social

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cecília Maria Bouças Coimbra

Niterói, agosto de 2022

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

N244d Nascimento, Aline Ribeiro  
Desa(fios) da travessia do niilismo no contemporâneo :  
Como produzir um corpo liberto do nojo? / Aline Ribeiro  
Nascimento ; Cecília Maria Bouças Coimbra, orientador.  
Niterói, 2022.  
498 f. : il.

Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói,  
2022.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGP.2022.d.06923405726>

1. Niilismo. 2. Transdisciplinaridade. 3. Covid-19. 4.  
Escuta. 5. Produção intelectual. I. Coimbra, Cecília Maria  
Bouças, orientador. II. Universidade Federal Fluminense.  
Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD -

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

---

**Aline Ribeiro Nascimento**

**Desa(fios) da travessia do nihilismo no contemporâneo:**

como produzir um corpo liberto do nojo?

Aprovada em 08 de agosto de 2022 com o seguinte parecer:

" A Banca Examinadora deliberou pela APROVAÇÃO da aluna, de acordo com o seguinte parecer: A banca ressalta a importância desta *Anti-Tese* como experimento literário anárquico. Entre os vários efeitos desse experimento, a banca destaca: sua incidência crítica e clínica sobre as produções e pesquisas (atuais e futuras), em particular, no contexto da pandemia do COVID19; a singularidade da análise de implicações desenvolvida no trabalho, escapando a todo e qualquer psicologismo; a crítica ao funcionamento "*capestalístico, sucupirante e branquitudinal*" da academia.

Recomendamos outros usos da Anti-Tese para além da protocolar publicação, tais como: *podcasts*, notas de aula, peça de teatro etc. A banca insiste que foi difícil fotografar o quase. Parabéns a E.L.A.!"

Banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Cecilia Maria Boucas Coimbra -Orientadora (UFF)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Heliana de Barros Conde Rodrigues (UERJ)

---

Dr<sup>a</sup> Vanessa Menezes de Andrade (UFF)

---

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup> Eder Amaral e Silva(UESB)

---

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup> Luis Felipe Barboza Lacerda (UNICAP)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Joana D'Arc Fernandes Ferraz (UFF) suplente

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Rosa Cruz Santos (UFF) suplente

## DEDICATÓRIA

Dedico essa tese a meu pai Abrahão (in memoriam) que me ensinou a ser junto ao ínfimo; a minha mãe Mauricea que me ensina a acolher o tempo e se abrir para outras temporalidades; a minha avó Antonia Ribeiro Alvarenga (in memoriam) por ser sopro que nos abastece e fundamentalmente a minha companheira de vida e de profissão Claudia Camuri, minha força telúrica, que me ensina a pisar no chão.

## AGRADECIMENTOS

À Denise Farias, a bruxinha esquizoanalista que me acompanha cuja escuta sensível possibilitou que o E.L.A se apresentasse como aranha e teia desse escrito.

À Cecília Coimbra, orientadora, amiga, mulher-acontecimento cuja escuta, também de bruxa, vem me transformando ao longo de 28 anos e está presente no arco e flecha desse escrito.

À Heliana Conde, deusa solar cuja sabedoria e amizade é capaz de mudar a qualidade das forças que aprisionam o pensamento e está também presente como arco e flecha desse escrito.

À Kátia Aguiar, amiga que sabe nos sacudir e escutar a trajetória de nossas flechas, cuja fala direta nos alerta para as armadilhas criadas por nós mesmos e está presente no ajuste fino da rota da flecha nesse escrito. Não pode estar presente na reta final por conta de Chronos, mas foi o meio dia da virada do E.L.A.

À Vanessa Andrade, amiga-força-atabaque que mudou a minha trajetória, me ensinando a desaprender com mais propriedade que Nietzsche.

Ao Eder Amaral, meu amigo Alcebíades, cuja sensibilidade e amorosidade nela embutida amplifica a minha.

Ao Luiz Felipe Lacerda, meu amigo mais recente, cujo saber encarnado em seu corpo das forças invisíveis, me possibilitou "encantar" esse escrito.

À Joana D'Arc, pela amizade, generosidade e confiança. Está presente nesse escrito em algum cantinho amoroso dele.

À Adriana Rosa, presente-rizoma que Heliana me deu cuja delicadeza amplifica a minha.

À Heloisa e Paulo, por gerarem a força telúrica Claudia e por me acolherem com tanta ternura.

À Ana Monteiro, cuja escuta amiga e clínica foi responsável por fazer com que meu desejo deslizasse em direção ao retorno a Academia.

À Nadia Figueiredo, amiga do meio-dia cuja escuta de bruxa abriu meus portais e me curou em muitos momentos com seus florais e leituras astrológico-clínicas.

À todos os alunos que me tornaram professora.

À Tática, amiga escritora do grupo Cecilândia, cuja escuta esquisito encontrou-se com a minha e reforçou os fios da minha teia literária.

Aos demais amigos do Cecilândia: Júlia, Áurea, Alessandra, Vanessa Diniz, Thiago, Zé, Catarine, Lívia que me ensinaram muito com seus ricos trabalhos.

À Paula, Carlos, Heitor, Maju e Barthô pelos anos de amizade, compreensão, cumplicidade e por ter dado ao mundo Heitor e Maju que nos ensinam sobre o infinitesimal e por me emprestar o Barthô quando preciso da presença canina para me alegrar.

À Lousie, amiga-irmã que me ajudou na confecção das Oficinas e que me ensina como ser haste fina que qualquer brisa verga, mas nenhuma espada corta.

À Alice Frazão, filha que gostaria de ter e pessoinha responsável pela presença de Bifo nesse escrito, pois foi ela que me apresentou essa preciosidade.

À Rosimere Dias e ao João pela amizade, doçura e cumplicidade.

Ao Guto e Aramita, presentes de Brasília que sabem fazer da vida poesia.

À Anitta, outro belo e alegre presente de Brasília que me ensina a rir do que parece trágico.

A Adriana, mais outro presente de Brasília cuja delicadeza e força me inspiram.

Renata, Melina, Valdirene, Liana, Anne, mulheres superpoderosas que fizeram com que fosse possível conspirar, no sentido de respirar junto, em Brasília e que se transformaram em forças em mim que eu nem sabia que tinha.

À Noelle Resende que me ensina sobre Deligny encarnado no modo como ela mesma se conduz no mundo.

À minha prima Eliane, por manter acesa nela a força da infância, por ter gerado "meus sobrinhos" Jessica, Lucas e Matheus e por ter me ajudado a lembrar detalhes sensíveis que estão nessa anti-tese.

À minha tia Marlene (in memoriam) por nunca ter se curvado diante da dor.

À Coordenação, professores e à Secretaria de Pós-graduação em Psicologia da UFF.

E, fundamentalmente, ao saberes dos povos originários que espiritualizam o pensamento e a música popular brasileira que muda as vibrações do ouvido.

Desa(fios) da travessia do niilismo no contemporâneo: Como produzir um corpo liberto do nojo?

### RESUMO

O título do trabalho já expressa a tensão que o atravessa qual seja, a diluição de uma escrita acadêmica após os dois pontos. Os fios que teceram a teia dessa diluição são fortes o suficiente para fazer com que se defenda aqui uma anti-tese. Uma anti-tese não visa a verdade, mas a expressão do jogo de forças no corpo. Tal modo de expressão se faz em fios zigzagueantes que misturam memórias daquela que escreve e autores, mas estes atuando como conectores da trama que foi se desenrolando no processo da escrita. Nesse processo, quem conduz o leitor não é uma autora, mas um "Isso" intitulado E.L.A (experimento literário anárquica). E.L.A se apresenta como pele que absorve o mundo e, nessa absorção, expressa as forças que se apoderam dessa pele e lhe dão voz e corpo provisórios, dentre elas estão a formação acadêmica, o universo do trabalho como psicóloga e professora, o Estado e a gestão e/ou indigestão da pandemia da COVID-19, dentre outras. Então, embora um mundo se configure nas trajetórias que faz, as ultrapassa porque E.L.A encarna muitos. O que não significa que E.L.A seja uma representação, mas um dispositivo que se produz no encontro de corpos, cujo sentido vai estar ligado às forças que se apoderam do leitor em seu encontro com E.L.A. Nesse processo, vai se metamorfoseando e aprendendo a selecionar os signos sensíveis que possibilitam afirmar os deuses e deusas que estão no E.L.A e num mundo dentro desse mundo, abrindo-a para outras temporalidades.

Palavras-chave: niilismo, nojo, experimento literário anárquico, saberes originários



Défis de traverser le nihilisme dans le contemporain: comment produire un corps sans nausées?

## RÉSUMÉ

Le titre de l'ouvrage exprime déjà la tension qui le parcourt, à savoir la dilution d'une écriture académique après les deux-points. Les fils qui ont tissé la toile de cette dilution sont suffisamment solides pour faire défendre ici une antithèse. Une antithèse ne vise pas la vérité, mais l'expression du jeu des forces dans le corps. Un tel mode d'expression est fait de fils en zigzag qui mélangent les souvenirs de l'écrivain et des auteurs, mais ceux-ci agissent comme des connecteurs de l'intrigue qui s'est déroulée dans le processus d'écriture. Dans ce processus, celui qui guide le lecteur n'est pas un auteur, mais un "Ça" appelé ELA ( expérience littéraire anarchique). ELLE se présente comme une peau qui absorbe le monde et, dans cette absorption, exprime les forces qui s'emparent de cette peau et lui donnent une voix et un corps temporaires, parmi lesquelles la formation académique, l'univers du travail de psychologue et d'enseignant, l'État et la gestion et/ou l'indigestion de la pandémie de COVID-19, entre autres. Ainsi, bien qu'un monde se configure dans les trajectoires qu'il emprunte, il les dépasse car ELLE en incarne plusieurs. Ce qui ne veut pas dire qu'ELLE est une représentation, mais un dispositif qui se produit dans la rencontre des corps, dont le sens sera lié aux forces qui saisissent le lecteur dans sa rencontre avec ELLE et qui permettent d'affirmer les dieux et les déesses. qui sont dans l'ELA et dans un monde dans ce monde, l'ouvrant à d'autres temporalités.

mots clés: nihilisme, nausée, expérience littéraire anarchique , savoir originel

Desafíos de cruzar el nihilismo en la contemporaneidad : ¿cómo producir un cuerpo libre de náusea?

### RESUMEN

El título de la obra expresa ya la tensión que la recorre, a saber, la dilución de un escrito académico tras los dos puntos. Los hilos que tejieron la red de esta dilución son lo suficientemente fuertes como para defender aquí una antítesis. Una antítesis no apunta a la verdad, sino a la expresión del juego de fuerzas en el cuerpo. Tal modo de expresión se hace en hilos en zigzag que mezclan recuerdos del escritor y los autores, pero estos actúan como conectores de la trama que se desarrolla en el proceso de escritura. En este proceso, quien conduce al lector no es un autor, sino un "eso" llamado E.L.A (experimento literario anárquico). ELA se presenta como una piel que absorbe el mundo y, en esa absorción, expresa las fuerzas que se apoderan de esta piel y le dan una voz y un cuerpo temporales, entre ellos la formación académica, el universo del trabajo como psicóloga y docente, el Estado y el manejo y/o indigestión de la pandemia del COVID-19, entre otros. Entonces, si bien un mundo se configura en las trayectorias que toma, va más allá de ellas porque ELA encarna muchas. Lo que no quiere decir que ELLA sea una representación, sino un dispositivo que se produce en el encuentro de los cuerpos, cuyo significado estará ligado a las fuerzas que se apoderan del lector en su encuentro con ELA que posibilitan la afirmación de los dioses y diosas. que están en el ELA y en un mundo dentro de ese mundo, abriéndolo a otras temporalidades.

Palabras clave: nihilismo, náusea, experimento literario anárquico, conocimientos originarios

## SUMÁRIO

Introdução- substantivo feminino que introduz a anti-tese.....	14
TRAJETÓRIAS DO TEMPO/ TEMPO DAS TRAJETÓRIAS: REPETIÇÃO E DIFERENÇA.....	40
Exercícios espirituais para dissolver o olho .....	41
Qualifica(n)ção.....	49
O corpo transdisciplinar(do)I.....	76
O corpo transdisciplinar(do)II.....	119
A engrenagem baiacu I- A sabedoria de Iemanjá agindo n'E.L.A.....	151
A engrenagem baiacu II- Quando a pele avisa que as libélulas são baratas disfarçadas.....	161
Transmutação das baratas em libélulas poéticas.....	173
Desfazendo a engrenagem baiacu n'E.L.A- a compreensão do recado de Iemanjá.....	176
Do corpo amoroso ao corpo colapsado: um passo atrás para alcançar um passoa frente!.....	181
Pausa para um instante transformador: Morte do pai Almeida Nascimento.....	202
Do corpo amoroso ao corpo colapsado ouvdo por Belchior n'E.L.A.....	211
O QUE ESTÁ ACIMA É IGUAL AO QUE ESTÁ ABAIXO:ETERNO RETORNO DA BENÇÃO E/OU DA MALDIÇÃO? .....	231
O que está acima é igual ao que está abaixo.....	232
A carne mais barata do mercado .....	241
Brasília - um laboratório do nojo.....	249
O eterno retorno do espírito de vingança: as engrenagens do Judiciário.....	263
Brasília- DF /2018: novas formas de platonismo para o povo em nós?.....	297
E.L.A e seu computador .....	305
ENCANTAR-SE COM OS NASCERES: A ESCUTA POÉTICA DOS SIGNOS.....	331
A escuta do infimo.....	332

O ouvido e a formiga.....	334
E.L.A, as baratas e outros insetos.....	338
Brasília-DF/ morcegos : primeiro anúncio da pandemia?.....	343
A beleza dos nascimentos e a abertura para os acontecimentos.....	344
Espelho estelar de oxum. ....	350
BLOCO DE SENSACIONES PANDÊMICAS E INSTANTES DE PENSAMENTO.....	361
Niteroi, Rio de janeiro, 2020- pandêmico.....	362
Imagens poético-virais.....	378
Com que sonham as crianças?.....	391
Niterói-RJ, março de 2020/ dezembro 2021 pandêmico.....	395
O que falava n'E.L.A nos encontros acadêmico-amorosos.....	399
FRAGMENTOS PÓSTUMOS DO E.L.A DA (NA) ANTI-TESE.....	408
AGUA AR FOGO TERRA AGUA... Nza (The Universe Created Itself.....	430
Notas conversa.....	445
Anexos.....	460

Deus disse: Vou ajeitar a você um dom:  
Vou pertencer você para uma árvore.  
E pertenceu-me.  
Escuto o perfume dos rios.  
Sei que a voz das águas tem sotaque azul.  
Sei botar cílio nos silêncios.  
Para encontrar o azul eu uso pássaros.  
Só não desejo cair em sensatez.  
Não quero a boa razão das coisas.  
Quero o feitiço das palavras.  
Manoel de Barros

Ouvir aqui: [https://mega.nz/file/34Nk0B5L#bNzP0Guv-O9IHE\\_xCVstXQJEZv7RGodzEYPRWkQ4EMs](https://mega.nz/file/34Nk0B5L#bNzP0Guv-O9IHE_xCVstXQJEZv7RGodzEYPRWkQ4EMs)

## Introdução: substantivo feminino que introduz a anti-tese

Niterói/RJ, 2021/2022

Trilha sonora de abertura: Oração ao tempo. Caetano Veloso

<https://www.youtube.com/watch?v=qNIPLFsBNbc>

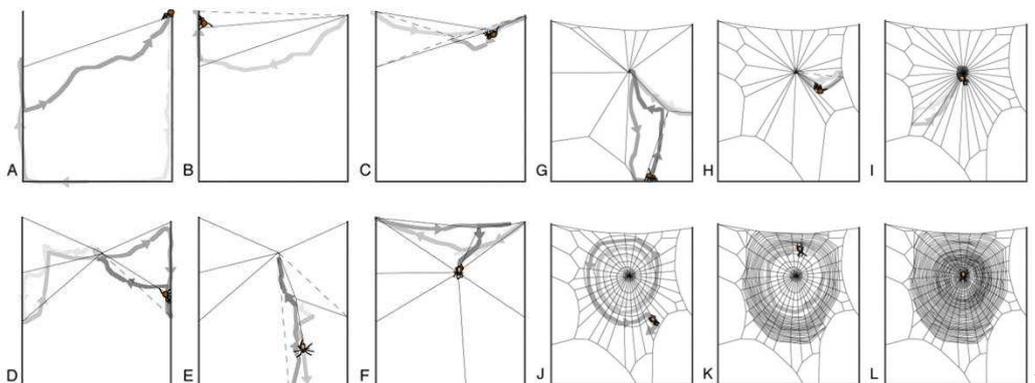
Ouvindo não a mim, mas ao lógos, é sábio concordar ser tudo-um (...) não sabendo ouvir não sabem falar. (Heráclito)<sup>1</sup>

A escrita dessa texto começa por um convite de espiritualização. Esse convite foi uma espécie de chamado que percorreu os ouvidos da autora e tomou seu corpo inteiro para que ela se lançasse na tentativa de escrever dissolvendo o nome próprio. Uma tentativa para fazer com que a vida pudesse ser escrita através de imagens mnemônicas, sensações, sons e toda uma constelação afetiva que tem como ponto de partida o corpo, mais precisamente a pele<sup>2</sup> que o envolve e suas trajetórias. Toda narrativa será conduzida por algo que será expresso pela sigla E.L.A. E.L.A não é um eu, mas um experimento literário anárquico em que o encontro do mundo com a memória do corpo vai delineando fragmentos de uma ou várias histórias. Algumas no presente, outras misturando tempos, subvertendo temporalidades, outras misturando ficção e vivências pessoais. E.L.A. é um mundo-corpo que se metamorfoseia para manter-se vivo, em movimento. Claro que o corpo que aqui se expressa, é o corpo da autora, o que o toca e o modo como expressa o que lhe toca. Mas a autora é uma mera ocasião para que as forças que vergam sua pele falem através dela e a façam pensar pela vivência da memória do corpo, não se reduzindo a forças de uma mera história individual, embora tal história apareça. **Ouvir aqui:**

<https://mega.nz/file/Wg1QBbDa#IGE5snkjSYJVhyyUMuW0IVlh5AMN0-h0iYsV2LCA5Ec>

As lembranças são pontos de encontro, pontos de partida escolhidos ao acaso ou melhor, escolhidos de acordo com a intensidade que esteja pedindo passagem, por isso os capítulos seguiram a ordenação dessas intensidades que escolheram a escrita e não o contrário e só se revelaram como capazes de aderência com o texto, criando "intervalos"- como uma espécie de zona livre e aberta-, porque trilhou um caminho semelhante ao da tecelagem de uma aranha, que inicia seu movimento escolhendo um ponto no alto para onde estica seu primeiro fio, em seguida movimenta seus fios em zigue zague, faz um espiral provisória com pontos secos, movimentando-se de dentro para fora (de um centro provisório para a periferia) e, depois, de fora para dentro, quando concerta o centro provisório dela, substituindo seus fios por uma outra rede irregular de fios e, novamente, em zigue zague, coloca viscosidade neles para pegar as presas e ai, girando numa espiral- agora viscosa e sobreposta a essa rede - em sentido anti-horário-, prepara seu caminho novamente para o centro, mas toma o cuidado de deixar uma zona livre nele, sem os fios adesivos, e ali fica em espreita<sup>3</sup>. **Ouvir aqui:**

[https://mega.nz/file/3xViVYYB#AI-364iugXF1bbEo45watOj0IM\\_CmzTex5AQfoqrzWc](https://mega.nz/file/3xViVYYB#AI-364iugXF1bbEo45watOj0IM_CmzTex5AQfoqrzWc)



Sim, E.L.A é como essa aranha da imagem narrada e exposta nas gravuras acima, um convite de captura que procura seguir também o que sentiu com Nietzsche n'E.L.A:

de que o pensamento pensa em nós e não o contrário<sup>5</sup>. Que Isso<sup>6</sup> pensa e não um eu. Que signos sensíveis jogam seus fios no Isso que pensa em nós em zigue zague e, numa espiral produz o pensar. Mas E.L.A é um Isso, onde sente que o divino está, e é também um aquilo. Um aquilo de conceitos que a ajudam a ser um Isso e, ao mesmo tempo, um ISSO que a faz viver conceitos, que os sustenta desde que intempestivos<sup>7</sup> e viscosos, nos valorando de outra forma além do bem e do mal. Mas E.L.A não quer transformar esse aquilo em quilos que podem ser pesados somente pelos entendidos. E.L.A, ao longo do texto, os dissolverá, os transformará em água, terra, fogo e ar. Ao menos tentará fazê-los voltar a sua forma primeira, qual seja, a da vivência em que tais elementos se fazem presentes em formas variadas de constelações afetivas e/ou signos sensíveis: montanhas, rios, mar, ondas, bichos, secreções, respirações, pisar no chão, encoleramentos, conspirações, relâmpagos, sonoridades e não a da vidência acadêmica, a da erudição que não tem porosidade para a poesia, sobretudo a cósmica. No entanto, percebeu inicialmente- através de todos os seus sentidos-, uma afinidade espiritual entre o saber pré-socrático<sup>8</sup> para quem a vida contemplativa criava a possibilidade de sentir e narrar o mundo em sua transformação<sup>9</sup>; o saber do aedo<sup>10</sup>, dos poetas cantores que praticavam, na Grécia Antiga, o culto da deusa Mnemosyne e das musas quando, possuídos por elas, compunham canções e o saber dos povos originários, seja na matriz indígena ou afro no que tange a incorporação de tais elementos como deuses de onde mundos nascem e não estão apartados dos corpos que ocupam e por eles são ocupados. **Ouvir aqui:** <https://mega.nz/file/nwUlkSSK#SoXUEZm8clcEj7Dqq0-LwerDEhk8EnnkqJKhZotppY8>

E.L.A sente que não somos um eu, mas forças que se transformam em outras forças e que, num breve instante,



teve a forma humana, mas esta é só uma passagem. O problema é que virou hospedagem e está na hora de se despedir desse casulo e entrar em contato com signos sensíveis que nos assinalam aonde mora a nossa força. Por isso a necessidade de retorno às formas primeiras que se expressam em forças que se movimentam em nós a partir do encontro com territórios infinitesimais que são territórios invisíveis aos corpos que só encontram solaridade no olho e dessa maneira são incapazes de gerar um saber noturno tecido nos sonhos. Logo, esse retorno às formas primeiras é, desde o início, um convite a uma abertura disforme e, ao mesmo tempo, redescoberta de forças ativas e outras temporalidades. Caos de onde mundos nascem e junto deles estrelas bailarinas<sup>11</sup>, como Zaratustra entoava. Por isso, E.L.A. busca nascimentos, germinações e metamorfose das forças e sabe que essa busca mistura todos esses elementos num mesmo instante de aparição. Para tanto, E.L.A sabe que o caminho é fazer pinturas com as palavras porque E.L.A respira por imagens. E imagens são blocos de sensações como aprendera com Nietzsche.<sup>12</sup> Mas tais pinturas chegam quando querem, não quando um suposto "eu" autoral as escolhe. Por isso, provavelmente, estarão misturadas no texto junto a formas mais duras de exposição, aquelas ainda presas ao universo conceitual datado ou a de suas práticas "psi", que também é um de seus corpos, mas não mais o principal. Porém, mesmo nesses corpos, essas pinturas se farão presentes em alguns cantinhos mágicos da própria escrita.

**Ouvir**                    **aqui:**                    <https://mega.nz/file/fwclgCZK#-3m6typ049Hi-CnmLvwXmkPjIGaWb9CJxs3xUUeNAMg>

Além disso, toda história envolve uma coletividade, um tempo, um modo de subjetivação em curso, bem como dessubjetivações e E.L.A é uma aposta numa escrita que poderia ser a de outrem, afinal, uma lembrança que surja, embora seja do corpo da autora, não se encerra nele,

podendo passar a ser a lembrança de outro passante a partir do afeto que brota quando ele esbarrar na lembrança d'E.L.A, encontra-se com o E.L.A, habitando um "entre" onde se dança mundos que se reconhecem irmãos de caminhada pelos signos sensíveis que, porventura, lhes toquem a pele.<sup>13</sup> Uma aposta para quebrar com a solidão que parece existir quando se escreve, mas que inexistente posto que quando se escreve, um mundo inteiro nos chega e nos povoa. O tempo se alarga ou é posto em suspenso ou se eterniza. O corpo perde a fome porque come as palavras que não sabia que apareceriam e lhe alimentariam e, quando essa escrita atinge o leitor, mais uma beleza se dá. Essa enormidade que se abre, abre-se também para esse outro e é acrescida de novos tons, de outras aberturas, que o leitor não sabe que as têm mas encontra no entre. No Isso que agora o guia. No respiro que se faz em conjunto, um respirar embrião-germinação de múltiplas afecções. Muitas vezes indizíveis, mas experienciáveis pela pele. Pele não comporta juízo moral, mas qualidades, tonalidades afetivas. Pele fala através de rachaduras, ressecamentos, mas também pela maciez, pelo pêlo arrepiado, pela quentura ou pelo resfriamento. Pele repele, mas também absorve. Pele é o maior órgão do corpo, a superfície que nos dá profundidade e contorno ao mesmo tempo. Somado a pele, o ouvido também será convocado a participar dessa anti-tese. Algumas partes dela serão gravadas. A voz de quem escreve aparecerá. Não o rosto. Desse modo, o leitor poderá ler e ouvir quando clicar no endereço virtual exposto em algum ponto da página. Ou só ler e depois ouvir. Ou só ouvir. Por isso, logo no início dessa introdução há essa advertência, pela "boca" de Heráclito, da relação entre lógos e ouvido...Em alguns momentos, músicas ou sons acompanharão às narrativas de E.L.A, na tentativa de continuar na aposta de convidar o ouvido do leitor a encontrar outras dimensões sensíveis. É

um convite de desaprendizagem, que aprendera com Vanessa Menezes de Andrade<sup>14</sup>, como também com Nietzsche: um exercício de educação para a escuta com "orelhas pequenas"<sup>15</sup>, que, embora se sirva da engrenagem tecnológica, dela se desvia porque visa outros modos de ouvir e escrever.

**Ouvir aqui:**

[https://mega.nz/file/7sll2ZbL#2QasdlGM3DI3tDEj9bDkoc7LG4\\_psdCTK3y-E\\_u7KUQ](https://mega.nz/file/7sll2ZbL#2QasdlGM3DI3tDEj9bDkoc7LG4_psdCTK3y-E_u7KUQ)

Essa aposta se sustenta porque a escrita de uma anti-tese se dá num tecido vivo que a reveste e que é, ao mesmo tempo, corpo e mundo. Mundo sentido como um certo lugar que ocupamos e de onde nossos afetos partem e nos fornecem narrativas sobre nós mesmos e sobre os demais, numa relação de indissociabilidade. Mundo sentido também como aquilo que o corpo capta e cria células que sustentam esse tecido vivo, em que se misturam um certo modo de ver a realidade que nos circunda e vários reais que nos cutucam. Reais que incluem imaginação e abertura para o que não é, mas é no corpo, logo traz também aquilo que será e também o que já foi. Esse tecido vivo, cuja dimensão maior é a pele que envolve o corpo e o mundo, cria desenhos provisórios em cada dobra que nos subjetiva, por vezes, a pele se fecha em consciência e, nesse estado de ser, cria juízos de valor, em outros momentos, é pele propriamente dita, que só sabe incorporar e /ou repelir o que chega, momento esse em que apenas sente e pressente, deixando a vida valorar nela. Poder-se-ia pensar ingenuamente que, nesse segundo aspecto, não há pensamento, só intensidades, mas são as intensidades que encarnam e encantam pensamentos e, por isso, a aposta aqui é pintar ao máximo a pele com as palavras que nascem nesse momento de encontro sem o juízo, fazendo da composição com os afetos ativos carne, sangue e esqueleto da escrita no habitar de uma outra nervura temporal.

**Ouvir**

**aqui:**

[https://mega.nz/file/Oktz3lwZ#V8G5IIG5iciUz6\\_fOaLVYLKAgfErnmnrmtBGqaMeKlo](https://mega.nz/file/Oktz3lwZ#V8G5IIG5iciUz6_fOaLVYLKAgfErnmnrmtBGqaMeKlo)

Essa outra nervura temporal, na realidade, não é uma novidade, ela sempre esteve presente como pulso da vida, a novidade, talvez, é que pela primeira vez na história ela se fez sentir por todos, no momento em que "o mundo parou" por conta do início da pandemia da COVID-19 em 2020. Mas a maneira em que cada um expressa essa nervura vai estar ligada ao modo como pode conduzir esse processo, o tipo de trajetória que criou e o local em que foi lançado nele, ou seja, ficou confinado com quem, aonde e em que circunstâncias e por quanto tempo ou não pode se confinar de forma alguma e como tais arranjos passaram a guiar o desejo para esse ou aquele caminho. Quando o mundo parou suas atividades e o isolamento social foi, inicialmente, a estratégia de "cuidado" diante da força desse mundo invisível- um vírus desconhecido- ao menos de março a agosto aqui no Brasil, junto a essa pausa veio um excesso de afetos ligados a memória, porque a vida apareceu em sua fragilidade, como também em sua força. De repente, não havia mais seta temporal, métrica temporal e cada um de nós teve que se haver consigo e com a nocividade da engrenagem do socius agindo no desejo, separando quem podia ou não se isolar. Nesse exercício forçado, àqueles que fazem da inteireza do corpo, uma vida, que trazem memória da força ao invés da memória do ressentimento incapaz de gerar metamorfoses no espírito; aqueles que na vida, se conduzem na afirmação de sua trajetória e dessa afirmação fazem nascer modos de se conduzir afinados com o corpo ativo, puderam entender que seu corpo precisava inventar novas normatividades capazes de criar zonas de inteireza cotidianas, pois cada dia, nessa pandemia, convocou o corpo a saber-se formado por partículas sempre em movimento; movimento que nasce de relações de forças, de modo que, com a cidade parada, as partículas de memória e de pele ficaram em movimento livre e precisavam estar bem agrupadas

para que a cada dia, uma dança delas com a vida formasse em nós um desenho provisório, ativo e, a partir dele, conquistássemos a saúde diária de nosso espírito. **Ouvir aqui:** <https://mega.nz/file/7ps3SI5B#D1vxUV9VSRJINdc-5XN6ZLW65h-11F0TuHWBAKehMs0>

Claro que aqueles que não tiveram (e não tem) como ficar confinados se encontraram numa posição ainda mais difícil de fazer essa dança de partículas guiadas pela atividade das forças, porque esse vírus acabou mostrando a seletividade do socius. Estes tiveram que encarar o vírus de frente, nas conduções, nas ruas e em suas casas, misturados nos espaços apertados, mas escutando que tinham que ter distanciamento, usar máscara, ter álcool etc. quando nem trabalho e comida tinham e, com isso, a seletividade do movimento de suas partículas de força para os manterem vivos seguia um desenho da luta pela sobrevivência - bases mais duras-, o que implicava movimentos mais complexos, bem como seletividade "inconsciente" do que escutar. O mundo não parou para essas pessoas. O "tu deves" dos cuidados pandêmico-higiênicos ressoava em seus ouvidos de maneira perversa...A dança de suas partículas tinham outros ritmos que E.L.A sabe que não tem como descrever, porque só pode falar do que vivencia no corpo e sabe que seu corpo se encontrava num lugar privilegiado, protegido. Um lugar capaz de otium criativo-curativo<sup>16</sup> que cuidava da dança de suas partículas. Mas sentia que todos foram convocados a criar novas normatividades para o corpo afim de prosseguirem. E mesmo os cuidados da engrenagem-branquitude-capitalística não livrava ninguém do vírus. Ele não era seletivo como a engrenagem do socius. **Ouvir aqui:** <https://mega.nz/file/yw1kXJwB#jkSmxNeGPKyvo8edSt0-nYR2JYrh2BpkvCMfPpHcteM>

Mas, mesmo contando com esse lugar de privilégio, havia muitos dias em que não acontecia essa dança com as partículas de lembranças e sensações que ativavam n'E.L.A a

sua força, porque as forças fora d'E.L.A desagregavam sua trajetória através do medo ou do ódio ou do ressentimento despertados pelo modo como esse processo pandêmico e tantos outros vinham sendo conduzidos em nosso país, chegando em excesso no corpo, como um peso e acabava se transformando em uma partícula descolada daquilo que trazemos de mais belo -a possibilidade de acessar outros mundos dentro desse- nesse momento havia sensação de vazio ou cansaço ou desespero. Em outros momentos, até tinha música n'E.L.A, mas fora de rotação ou ainda, seu ouvido captava apenas aquele espaço de ruído entre uma estação e outra e as partículas se moviam desordenadas, acordando, no meio da tarde chorava ou ria e chorava no mesmo instante; momento em que seus afetos ficavam confusos e, se quisesse dançar, pisaria em seus próprios pés e/ou nos pés de quem com E.L.A estivesse. Mas, em outros momentos lembrava de que não podia esquecer que apesar desses cenários anímico-sociais que lhe assombravam e esgotavam, mesmo assim as partículas sempre estavam ali, movendo-se. Governá-las não está sendo fácil. Mas talvez a tarefa mais importante nesse estado de espasmo caosmótico<sup>17</sup> aqui é Guattari falando n'E.L.A - de contração dolorosa do organismo social planetário<sup>18</sup>, seja exatamente assumir esse governo dessas partículas caotizadas com as ferramentas que dispomos, tendo atenção a qualidade das intensidades que as percorrem, posto que as intensidades do presente vem gerando patologias coletivas. Mas, quanto mais ferramentas temos em nós mesmos, mais rápido trocamos nossa pele e criamos outros ritmos intensivos para os afetos, ritmos mais lentos capazes de obstaculizar esse regime de viscosidade da teia do capital-tarântula em nós. Tudo depende do agenciamento entre uma ferramenta e outra com a partícula que se desloca e exercício de atenção para a partícula que não provém do que temos de mais potente em

relação a vida. Só assim outras teias aparecem e outras aranhas, estas, sem veneno mortal, podem desenhar nosso desejo. Mas tudo isso se tivermos comida na barriga, abrigo e muitos exercícios espirituais no pensamento ativados pela sensibilidade, ferramenta capaz de produzir o quantum de força que necessitamos para viver de outro modo esse caos tóxico, capitalístico e criar a possibilidade de imaginar e agir na construção de uma outra cultura de forças.

**Ouvir**

**aqui:**

[https://mega.nz/file/mx8lhC4K#xIndUqJSwzsM8Z0WX1GcPi39SSLiaQ\\_IBHs1jm9E3y0](https://mega.nz/file/mx8lhC4K#xIndUqJSwzsM8Z0WX1GcPi39SSLiaQ_IBHs1jm9E3y0)

E.L.A, em função da sorte de poder estar isolada e recheada de ferramentas, tem buscado juntar suas partículas com fotos do céu, sem que isso esteja ligado a transcendência, mas sim a beleza dos tons distintos dos que encontra nas paredes do confinamento em seu apartamento. O Céu tem sido o seu fora que a ajuda a dobrar a pele quando as suas partículas não encontram sua dança. A música também tem sido parceira. Às vezes uma formiga, uma abelha que entra pela janela, um passarinho, uma joaninha, uma planta regada ou o cuidado com a casa e, claro, a formação de uma rede afetiva constante entre seus pares amorosos, sobretudo quando a dança com os outros encontros a desgoverna. E a escolha por E.L.A se deu por conta do tema dessa antiteze: o nojo. Isso mesmo, o nojo, sintoma e signo da semiótica patológica que vem nos subjetivando nesse momento histórico-pandêmico iniciado em 2020, mas que não é uma novidade inventada nesse presente, ele é o endereçamento da nossa cultura que, somente agora, se tornou totalmente translúcido através dos enunciados tóxicos emitidos junto a práticas correspondentes, que escutamos por todos os lados.

A crença na civilização, no progresso da história narrada pela ótica dos vitoriosos da linearidade, causalidades, evolução, colonialidade reforçaram forças reativas que sustentam e são sustentadas por formas de

fantasia que, em sua execução desastrosa de controle de processos - transformados em estado de permanência absoluta- nos conduziu a genocídios em todas as suas variações em nome da lei do capital, hoje financeiro-midiático-algorítimo-parlamentar-jurídico. Essa lei, transformada em justiça em nome dos homens, construiu um modelo que não envolve a todos (e nunca envolveu) de modo que o modelo homem precisa ser superado, já dizia Nietzsche. A crença em salvadores variados (religião, política, exército, Estado, saberes, Justiça, empresas, academia capestalizada, democracia representativa, tecnologia) é o modelo homem, suas engrenagens e sua correlata humanidade que nos levou a um ponto de estrangulamento tal que tudo perdeu o sentido, mas essa perda é fundamental para que nosso espírito, ao estar lançado na evidência do que nos tornamos ao sustentarmos um sistema humanocida , etnocida, genocida, animanocida, vegetocida, em suma planetocida, terricida de práticas, possa ser sacudido e todo esse nojo pela vida possa ser revertido. Vida sentida como força cuja vontade escapa e que é no escape que cria possibilidades de pausa nos processos nefastos em curso nascidos desde o momento em que dissemos para nós mesmos que pensamos através de nossa racionalidade cujo decalque, desde a Modernidade, é a razão de Estado<sup>19</sup> (razão político-liberal, agora neoliberal, governamental, algoritimica), mas esse instrumento em nós e nas engrenagens que sustentam o Estado, é tirano porque a todo momento luta contra a diferença por não suportar o devir, logo, nos afasta do sentir da terra e dos nossos sentidos finos. E, agora, é a pele da terra- que envolve também o céu - que está nos repelindo, trazendo vírus, inundações, incêndios, secas, que por sua vez são fraturas abertas pelas ações dos homens nela e nele<sup>20</sup>. **Ou vir**

**aqui:** [https://mega.nz/file/XwsjXTwD#UN-slq\\_kbjmBK6hxVNjHCM6dHyTNwygFtpVvMaFIUnE](https://mega.nz/file/XwsjXTwD#UN-slq_kbjmBK6hxVNjHCM6dHyTNwygFtpVvMaFIUnE)



E se não escutarmos o que ela e ele estão nos assinalando, enojados da gente, mundos saudáveis não poderão emergir. Já não nos é mais possível fazer gambiarras com a vida, da e na terra porque os artifícios partem de uma fiação que já nasceu enferrujada e agora estão esfarelado e produzindo armengues. Por isso, se perdermos a dimensão do ensinamento daquilo que se abriu, num átimo de segundo, quando tudo parou no início da pandemia, nos fazendo sentir e ver o respiro do céu, do mar, da terra e do ar que ficaram limpos a partir do afastamento das nossas práticas epidêmico-mercadológicas neles; se não estranharmos que os bichos não morrem pelo vírus, mas nós sim, que as plantas e alimentos da terra continuam a crescer, independente de nós, que a natureza segue e também tem força para nos destruir, que o pânico instalou-se no mundo branco dependente do artificial que o anima porque não tem outros recursos, colocando-o em crise mental, enfim, se não abandonarmos o antropocentrismo e entendermos que não somos o sal da terra, palavras proferidas por Krenak<sup>21</sup>, haverá a queda do céu, como nos ensina Davi Kopenawa, xamã e porta voz dos Yanomamis. Essa queda, assinalada por ele antes mesmo da ocorrência da pandemia, é efeito da epidemia de xawara<sup>22</sup> que assume várias formas entre as práticas dos brancos motivadas pelo desejo desenfreado por mercadorias<sup>23</sup> que, ao levarem, há séculos, essa lógica desejante da cidade-fumaça para a floresta, devoram a terra e o céu num mesmo movimento, num mesmo gesto, de modo que ferindo a ambos, tal movimento de espelhamento nocivo desequilibrará o cosmos. **Ouvir aqui:**

<https://mega.nz/file/rh1xCDYR#3wY4zhaD1ftEOJePZkQh6wkcZPlaigoFrpQS7tlGpWk>

E, para dar conta de suportar essa travessia, que implicará em mergulhar nas diversas manifestações do niilismo que esfumaça a terra nos intoxicando e produzindo falta de sentido para a existência, frouxidão da vontade

diante do assombro que se tornou viver, porque nosso desejo também desliza nesse mundo epidêmico-mercadológico-político, E.L.A aparecerá, em muitos momentos, em forma de flechas ou de flashes, pontos de maravilhamento- alguns desses bem longos- como uma maneira de manter em dia a saúde da escritora, a conquista pela saúde; na tentativa de responder a pergunta: como criar um corpo liberto do nojo? Essa tentativa fez com que fosse urgente lembrar que assombro é também maravilhar-se com a vida. Talvez, dessa forma, possa fazer com que a expressão nietzschiana: "somente o caos pode gerar uma estrela bailarina" consiga ser sentida, e, somente dessa maneira, entendida por todo o corpo do leitor. Assim, o que se deseja é que esse escrito seja uma espécie de carta para alguém do futuro ou um tipo de garrafa lançada ao mar a espera de alguém sensível que se interesse por mergulhar no tempo, na memória e nos afetos de um outro alguém cujo corpo sentiu e buscou narrar a morte de um mundo e a emergente necessidade de um outro, bem como os efeitos desse processo no modo em que se lançou nessa aventura, sabendo de antemão que, dependendo de como tudo se desenrole, pode não haver a menor possibilidade de compreensão do que E.L.A diz por esse outro do futuro, mas precisa fazer tal aposta para se sentir em pé, inteira e não ser capturada pelas imagens desoladoras do presente. Essa é a maneira que encontrou para responder a pergunta da anti-tese: como construir um corpo liberto do nojo?.

**Ouvir** **aqui:** <https://mega.nz/file/mtkjDBjT#qMBB3V5qXB9v-YDSIRiXT5GIDydEgapY1Vz4u3FD7M>

E também a maneira que encontrou para manter a flecha da sua vontade vibrando e apontando para o futuro, mas guiada por instantes de extraordinário onde todos os tempos se misturam, pois assim acredita escapar do risco de se tornar um tipo melancólico que só enxerga a vida pelas

costas, ou seja, vira de costas para lançar a flecha da sua vontade no passado, de modo que o tempo se reduz a esse movimento e não permite abri-lo para outros lados. Buscam uma repetição de presentes passados, como se fosse possível assim existir e desejar. A seta de sua vontade aponta para um eterno "tarde demais". É filho do tempo, mas congelado num tempo. Incapazes de deixar o tempo passar, não digerem nada. Ou um tipo esperançoso que sempre está esperando que algo aconteça para que ele aconteça junto, mas esse algo não chega nunca porque ele só sabe esperar. De tanto esperar, não age e acaba se tornando ser de lamento, a flecha da sua vontade se estagna no lamento, não é lançada para lado algum, tanto que a esperança, na filosofia antiga, é pensada como um mal entre os males, como o mal mais astucioso por excelência e por isso permanecia no fundo da fonte de todo mal, no fundo da caixa de Pandora<sup>24</sup>. Pode ser pensada como uma espécie de melancolia invertida. Ou o tipo enfadado, enfastiado que, por excesso de presente, enxerga urgências em toda parte e por não encontrar respostas em lugar nenhum, não aprende com o que passou e nem consegue se lançar em projetos a frente, age impulsivamente de modo que sua ação acaba lhe produzindo estagnação do pensamento acreditando estar em movimento. O excesso de movimento faz com que suas forças se extenuem e ele pode também vir a cair no lamento. Não há afetos de expansão nesses tipos porque o tempo se fecha nessas qualidades de emoção, não flui, não passa, não escoa porque é ordenado em subjetividades fechadas em si mesmas.<sup>25</sup> Se observarmos bem, esses tipos são típicos de nosso tempo, mas também são típicos do século XIX, como aprendera com Nietzsche, cujo ponto em comum, além dessa relação com o aprisionamento do tempo, é uma resposta que damos a vida através do nojo, rejeitando nosso planeta a ponto de hoje, séc.XXI, estarmos diante da possibilidade de destruição do

terra e os mais ricos do mundo investirem capital em Marte, mas também há uma resposta das forças da terra enojada de nós, nos colocando diante de várias catástrofes uma atrás da outra, culminando num vírus, sendo que tal resposta nasce do agenciamento das forças humanas com as forças da terra na má gestão do planeta, como já assinalou. E nunca é demais ouvir Nietzsche: O nojo da sujeira pode ser tão grande que nos impeça de nos limparmos- de nos "justificarmos".<sup>26</sup>

Ouvir

aqui:

[https://mega.nz/file/mtFCBBzY#8YPlpTtLSi\\_hv1WbqAgw6I-2thh2tZbIOcN1Rw\\_r2BU](https://mega.nz/file/mtFCBBzY#8YPlpTtLSi_hv1WbqAgw6I-2thh2tZbIOcN1Rw_r2BU)

Se tais tipos retornam, se, no Brasil, práticas semelhante a ditadura retornam, tendemos a pensar em retrocesso histórico, na ilusão de que caminhávamos rumo ao progresso do espírito. As engrenagens que construímos nos tornaram melhores e mais sábios? A engrenagem pode ser melhorada, desde que coloquemos os indivíduos certos nos lugares certos? Podemos melhorar um estabelecimento se mudarmos as práticas ali existentes, pois sempre há linhas de fuga? Mas é possível produzir linhas de fuga, que são linhas de vida, nos locais onde o que impera é a morte (física ou emocional), a violência e/ou o desejo de vingança cada vez mais instrumentalizado por leis? Não está claro para nós que toda a engrenagem do *socius* que sustenta e é sustentado por nosso pensamento e práticas foi feita girando em torno da reatividade e de um niilismo pautado num ideal de perfeição jamais alcançável porque o valor atrelado ao que se chama de perfeição não tem e nunca teve "nobreza" alguma? A diferença nessa repetição de agora é que a repetição dessa lógica tornou-se transparente e, se as tintas estão mais gritantes e caóticas, não é porque estamos no pior dos mundos, nosso mundo já vinha sendo estrangulado pela forma como o alimentamos e somos por ele alimentados; pela ilusão de que podíamos agir dentro da sua

engrenagem para lhe dar outro destino. Claro que quem ocupa o lugar de condução do país, nesse momento, precisa sair dessa condução o mais rápido possível, porque suas ações aceleraram as partículas de caos e crise em níveis inimagináveis. Mas não podemos achar que a saída necessária desse parasita perpetuador de doenças em nossas partículas vai resolver as questões porque todas as nossas ações nessa engrenagem só a fizeram crescer - apesar de nossas "boas intenções"!

**Ouvir**

**aqui:**

<https://mega.nz/file/n0kUllxY#TgHm31WexPKxzIJkoWQa92Zm3aghZnrVZZDniTAuc2Q>

Não se produz linhas de fuga, mas de morte nessa engrenagem, pois não se extrai atividade da reatividade, não se cria vida a partir de corpos, medicalizados, mendicalizados, midianizados, estadunizados, colonizados, psicologizados, judicializados, robotizados, zumbinizados, morimbundos! Todo e qualquer recurso que provém dessa engrenagem é uma melhora da piora, como as que os médicos narram acerca de alguém que, estando internado em estado grave, subitamente melhora e horas depois ou no dia seguinte morre. De modo que se tornou urgente perceber a diferença a respeito do tipo de afeto que tiraniza o corpo daquele que aposta na melhoria, daquele que sabe que não pode mais viver fazendo armengues com a vida, bem como o tipo de temporalidade/vida que tais corpos expressam. Já passou da hora de entendermos a diferença entre ser povoado por Ídolos (Deus, Estado, Justiça, Democracia representativa, Academia Capestalizada, algoritmos, etc.) ou por deuses (forças da natureza) e como essa ocupação determina o modo como exercemos nossa liberdade ou mesmo se a desejamos, afinal, quem cultua Ídolos, tem a ilusão de controle sobre si, posto que não percebe que depende do controle vindo de forças exteriores para se sentir seguro no mundo, mas, sem que perceba constrói um corpo separado

do que ele pode porque entre um e outro há uma máquina lhe dizendo qual o seu destino, e, tendo seus passos atrelados a ela, não há como se manter de pé sendo dono de seu próprio caminhar porque só se mantém de pé sustentando, direta ou indiretamente, toda a engrenagem que massacra aqueles que julga defender ou proteger. Quem cultua ídolos esvazia a potência dos corpos, afinal, tanto esses, quanto aqueles que pensa defender, só existem traduzidos pelo poder que provém dos ídolos e ele próprio se torna um para todos esses outros, um mero replicador da mesma moral e da manutenção do mundo que acredita, ilusoriamente, se opor.

**Ouvir**

**aqui:**

[https://mega.nz/file/H0tVmQ4J#N0rvT2JpZOLUDQXbKDucy4UUbAsobYNr2qA\\_bLQuqc](https://mega.nz/file/H0tVmQ4J#N0rvT2JpZOLUDQXbKDucy4UUbAsobYNr2qA_bLQuqc)

o

Já, quem cultua deuses não coloca nada entre corpo e mundo e essa é a aposta que guia a garrafa-escrita para alguém do futuro. Quem cultua deuses respeita as forças da vida em suas múltiplas aparições humanas e não humanas, as absorve e as deixa escoar no tempo oportuno de sua aparição. Sabe que "o passado" que se deve reverenciar é aquele carregado de sabedoria e que é atemporal, portanto, não é bem um passado, mas todas as dimensões temporais juntas e, por isso, só retorna presentificado nos corpos daqueles que são capazes de dar passagem àquilo que foi, àquilo que é e àquilo que será. Tal como exercício da palavra cantada dos poetas e loucos, antes da emergência da razão como pensamento das alturas, quando estes eram possuídos e guiados pela deusa *Mnemosyne*<sup>27</sup>, filha do céu e da terra que condensavam todas essas dimensões da temporalidade numa memória oracular sustentada por práticas de oralidade. Portanto, diferente de um passado histórico que foi inventado por humanos demasiadamente humanos em sua lógica de branquitude, de rostidade<sup>28</sup> inabalável, para sustentar suas conquistas do agora, forjando, para isso,

práticas de escrita que, para fundamentarem a própria historicização, criam chaves de continuidade e causalidade entre um antes que produz um depois. Mas esse antes se redefine a partir do que se quer fazer ver nesse agora, como se o agora fosse a tese buscada, a síntese encontrada, a vida melhorada, o sentido histórico que encontraria no Estado sua forma perfeita<sup>29</sup>. Então, esse passado criado por humanos demasiadamente humanos que retorna precisa ser deslocado desse arranjo que busca sustentar seu sentido para termos a ilusão de melhoramento. Precisa ser guiado de forma diferente. Precisa ser mergulhado num campo afetivo vasto fora de uma subjetividade fechada em si mesma que, como vimos, não respeita o escoar do tempo e, portanto, não se abre para o futuro. Esse fechamento em si, encerra, no si, esse mundo de angústias que aprendemos ser o nosso. Só habita um mundo, desconhece mundos. **Ouvir aqui:**

<https://mega.nz/file/H0EDEDib#8ae50AwQTtmkd4pgl9WY8M-ilzswpTNvGvQchYZf2uQ>

O futuro, para esse tipo de subjetividade, é sempre pensado como um melhoramento do passado, logo, as práticas só reformulam o já existente, são práticas armengue. Tais práticas não encontrariam morada em quem sabe escutar a trágica delicadeza das forças, mas práticas originárias sim. Além disso, se o que retorna é sempre o mesmo e esse mesmo nos estrangula, nos enjoa, é porque estamos sustentando, com nossas práticas ordinárias, essa repetição e, com isso, estamos adoecendo o nosso corpo e o corpo do planeta no mesmo processo, matando também o escoar do tempo que, a todo instante, pede passagem para que, nesse escoar, a vida se expanda e se expresse enquanto memória do futuro. Para que haja memória do futuro - uma espécie de energia espiritual - faz-se necessário nos conectarmos com a memória da terra - que tem a mesma idade da vida no planeta - mais do que com a memória do *socius* que é datada

pelos homens, e que tem serventia se a destituirmos do lugar privilegiado do nosso pensamento, usando-a para vencer o niilismo através da destruição do "mundo ideal" que o sustenta. A memória da terra é a vida agindo em nós, nas nossas costas (força), do nosso lado (amor) e a nossa frente (sabedoria) num mesmo processo para que nos libertemos justamente daquilo que empobrece a vida. Memória daquilo que efetivamente somos sem os contornos da racionalidade da branquitude em suas várias formas, um sentir da vida enquanto tal, como um impulso que nos impele a afirmar a vida, comum a criança, a planta, ao animal, a pedra, a cachoeira, a montanha, aos loucos e poetas. Enfim, como aquilo que anima os seres vivos humanos e não humanos, mantendo-nos em movimento no lugar de sustentarmos reformulações que não deixam o passado passar, comum a memória do *socius* vencedor. Mas há uma lição a ser tirada da memória do *socius*: a de fazer ver o que nos tornamos e cultuamos!

**Ouvir**

**aqui:**

[https://mega.nz/file/b9cjEbKB#RQfHi32ZNq4f8Tw\\_1XKvuBzLnCtsL5zky7JcqeM4iZM](https://mega.nz/file/b9cjEbKB#RQfHi32ZNq4f8Tw_1XKvuBzLnCtsL5zky7JcqeM4iZM)

A receita que E.L.A encontrou para não cair nessa roda que não gira, da roda que se fecha em afetos aprisionantes do tempo, enferrujando sua beleza por repetir o mesmo cenário, foi tirar fotos do céu em constante mudança e também dos seus cabelos que estão embranquecendo, bem como dar bastante atenção ao que os sonhos lhe dizem fora de uma explicação "psi" que sempre os aprisiona num destino estruturante e com um sentido pré-definido de linguagem. Ore pelo tempo, com o tempo, como Caetano Veloso, ame esse senhor bonito, que também é criança porque aparece no que envelhece, mas também no que nasce e no que perdura, é a aposta desse escrito. Perceba que o tempo, ou melhor, a experiência da temporalidade nos corpos depende do modo como circulamos e nos deixamos circular pelos acontecimentos e pela qualidade dos afetos que se



despreendem nesse encontro. Num desses, surgiu a imagem da anti-tese como garrafa lançada ao mar. Ela foi tecida durante um sonho. Nele, E.L.A sabia que tal imagem estava remetida ao presente, mas, ao mesmo tempo, uma música cantava n'E.l.A durante o sonho, e a remetia ao passado enquanto o primeiro momento de sua vida que a escutou, mas também abriu seu corpo para o que ainda não sabia que a própria música abria. Momento, inclusive, que a ajudou a finalizar a anti-tese, trazendo uma frequência vibratória que instalou, na sua vontade, o desejo de voltar a escrever, numa hora que estava a um passo de desistir. A música em questão era "Nu com a minha música", de Caetano Veloso (<https://www.youtube.com/watch?v=G-8ww0MCYbw>). O tempo se serve da música para nos lembrar que ele tem muitas dimensões e que, na maioria das vezes, senão em todas, elas ocorrem todas juntas e também se serve dos sonhos para quebrar com nossa racionalidade ocular. Por essas e outras, sonho e música aparecerão em muitos momentos dessa escrita, assim como bichos, plantas, pedras e seres invisíveis que mantêm com E.L.A uma estreita relação desde a sua infância. Esses signos sensíveis não remetem a transcendências. São portais na vida, da vida. Portais do instante que embaralha o tempo e produz epifanias. Poética e estética, ciência da sensibilidade, que politiza o corpo d'E.L.A e daquele que a lê/ouve, mas movida pelo desejo de que, aquele que lê perceba aquilo que os povos originários já sabem a muito tempo, que só há pensamento quando os olhos morrem e não quando se fixa os olhos em peles de papel. Só nesse estado as imagens falam em nós e por nós. Só nesse estado se encontra a cura para as doenças e se alcança a sabedoria dos sonhos<sup>30</sup> **Ouvir aqui:** [https://mega.nz/file/GONByaYB#eeUnEZU1n7s87P6cvPRyLTZosypQbc0AOFJFc\\_oBkOk](https://mega.nz/file/GONByaYB#eeUnEZU1n7s87P6cvPRyLTZosypQbc0AOFJFc_oBkOk)

Por isso, E.L.A é um experimento para alargar a pele de quem lê com o corpo, com as intensidades e, muito

embora, em diversos momentos, a narrativa seja descrita com excesso de detalhes molares, os aspectos moleculares a eles se entrelaçam formando inflexões do presente. Trata-se de inflexões porque sabia que para pensar é necessário fazer curvas, dobraduras, desvios, pois aprendera com o poeta Manoel de Barros que "a reta é uma curva que não sonha" e essa reta era exatamente o pensamento adoecido do presente, incapaz de poesia porque filho e pai do ressentimento inerente ao destino niilista da nossa cultura e dos tipos que a sustentam, muitas vezes tais tipos sendo nós mesmos, como aprendera com Nietzsche, seu conselheiro bigodudo, que se dizia decadente, mas também o seu contrário. Como a poesia pensa n'E.L.A e a salva, ela lhe sussurra: mas, se mesmo a reta é uma curva, mas que não sonha, que curva, que desvio se deu na história para que perdêssemos a dimensão da imaginação, da inventividade em estado ativo das curvas que sonham a ponto delas terem sido transformadas, nesse presente, em fake news? **Ouvir aqui:**  
<https://mega.nz/file/GkExVB6a#DveaqKblYISxwR-I9MYcHrCUly6ilKUanlmOZH0Ib3k>

Uma curva que não sonha "não tem mundos"- só o que entende por realidade-, porque é uma reta que se assemelha a uma curva, mas, no entanto, ainda assim, produz um mundo, uma única e mesma dimensão de um mundo empobrecido que acreditamos ser único porque a reta parece manter-se igual em todos os seus pontos, de modo que a curva que faz é a da circularidade, uma circularidade que volta para o mesmo ponto, como um cachorro correndo atrás do próprio rabo. Dizer que não tem mundos implica em afirmar que é incapaz de beleza, mas mesmo assim tem força de produção, mas pela negação de todos que sonham, impondo a todos uma reta, impondo a todos uma mesma meta, uma mesma métrica, um modo de estar no mundo em que para existir há que se respirar ar tóxico, envenenado, perigoso guiado pela invenção e contágio, em larga escala, de uma moral da pobreza do

espírito... Uma curva que não sonha desplugou-se do devir ativo porque se tornou refém dos olhos. Ou melhor, acredita que desplugou-se - porque um devir ativo é a lógica inquebrantável da vida, do desejo, da história de uma vida, força que movimenta e desgoverna tudo para que outros mundos nasçam. O devir expressa a natureza do tempo nos corpos e os corpos expressam essa natureza através do modo em que desejam e constroem mundos. Quando essa "natureza" é uma reta que não sonha, desejo e tempo se moralizam; devir se torna ser e vida, padecer. O tempo se resume a Cronos que divide o tempo num antes e num depois e o corpo se reduz aos olhos. Porém, como a vida sempre pede mais e, por isso, como agora, essa criança travessa que é o devir ativo governado pelo tempo de aion<sup>31</sup>- que mobiliza nos corpos e na história novas formas de pensamento em que passado e futuro acontecem ao mesmo tempo sem que se transforme num presente, mas como algo que escapa dele e o equivoca como um acontecimento - necessitou se apresentar como um tsunami derrubando tudo. É a única maneira de fazer-se visceralmente presente tendo em vista que o devir reativo que vem nos governando pensa em nós com muita força através das normas humanas e seus ídolos abstratos, mas criadores de formas que nos estrangulam, regem a "vida" e nos lançam num abismo que nos olha. **Ouvir aqui:**

<https://mega.nz/file/ikkjnKJJ#kYNxKgyy3reX-FBffkDurr9nL26QmrJSP3NBYNd9kLU>

Uma curva que não sonha intoxicou a vida e o tempo, o nosso tempo de vida, com muitos venenos, apostando que ele, o tempo, pudesse ser reduzido a moral da obediência a um controle, a uma lógica pré-definida capaz de fazer um certo passado voltar tal como fora outrora. Desplugou-se, pensando que o desejo obedece a uma lei fora do corpo tal como defendido nesse passado ou que prescinde da falta como ainda vigora no presente. Tolice de quem não pensa com a vida e seus excessos benfazejos. Tolice de quem se acha

acima da vida. A vida pode ensinar a reta a se curvar aos sonhos, a se tornar distinta do conjunto de pontos que parecem estar grudados nela para que encontre a sabedoria da curva e se espiralize, como o movimento da aranha. A sabedoria da curva nos faz entrar em contato com o ponto-abertura para a diferença em que ciclo e instante se encontram, se cruzam, num fundo em zigue zague no qual essas duas espirais (ciclo de vida, ciclo dos processos vividos que retornam e instante criador como portal de virtualidades onde todos os deuses do tempo estão presentes) repousam, dançam em nós e nos dessubjetivem, nos espiritualizem num outro tipo de circularidade, a do eterno retorno da força ou a da serpente ouroboros como signo da eternidade de uma roda que jamais cessa de girar<sup>32</sup>. Imagem essa também descrita como a mais antiga imago mundi negro africana que circunda a terra toda, como um disco de bronze no qual se associam os contrários e onde também se apresenta os oceanos primordiais no meio dos quais flutua a terra<sup>33</sup>, sentida como uma serpente cósmica ligada a criação da vida na terra, presente na mitologia egípcia, como também na hindu, mas também guia do saber dos povos originários amazonenses através da imagem da anaconda cósmica Ronin<sup>34</sup>, eixo do mundo e linguagem dos espíritos da natureza que se assemelha ao DNA, molécula da vida presente em todos os seres.<sup>35</sup> Ao mesmo tempo em que também é pensada como a espiral da revolução do pensamento<sup>36</sup> que sabe que somente comendo a si mesmo, destruindo o que é nocivo, é que se criam mundos possíveis e distintos do existente, como aprendera com Paul Valéry, imagens-sensação que dançaram em seu corpo, trazendo o que estava presente nele em outros momentos de sua vivência, agenciando-as a outros encontros do presente. **Ouvir**

**aqui:** [https://mega.nz/file/O09whZxa#DGAiHbrf7VH84bZ9VqbXJvv7rz7UqpMUeRc\\_sh3w7Wl](https://mega.nz/file/O09whZxa#DGAiHbrf7VH84bZ9VqbXJvv7rz7UqpMUeRc_sh3w7Wl)

E.L.A sai desses pensamentos rizomáticos e resolve desenhar de outra forma, nas situações do presente, o que seria a curva que não sonha. Lembra que os leitores não tem como inflexionar com E.L.A sem entrar num contato mais estreito com as imagens e afetos que impulsionam suas dobras do pensar. Lembra, junto de seu amigo bigodudo, que pensar é ruminar. Então preparem-se, o texto que seguirá após essa introdução será bem longo, mas não necessariamente chato- ao menos é o que deseja. E.L.A vai pegar fios de sua memória para criar um mapa afetivo-narrativo e, assim, cartografar um certo espaço-tempo desde os anos de 1970, quando nasceu, até os dias atuais. Mas de forma misturada, indo e vindo, produzindo aparentes repetições que precisam de um sentir atento para ver que são diferentes. Espera que o leitor se prenda mais as molecularidades do que as molaridades, mas sabe também que a dança da vida caminha com essas duas expressões de força. Nesse processo estará presente o exercício de despedida e de desaprendizagem das engrenagens que machucaram a pele d'E.L.A , dentre elas, as da própria academia. **Ouvir aqui:** <https://mega.nz/file/2lcWyZCS#urAR7OH8fWDAyNlmr4z-YXNP-UTm3mpcJnWrsyAxEAA>

A academia pode se tornar um dos braços do monstro que é preciso combater não como uma exterioridade, mas em nós mesmos, quando perde a sua dimensão de ponte para diversos mundos, quando adocece do socius nela, perpetuando a mesma engrenagem patológica em suas práticas. Essa academia adoecida não pode se transformar no ar que habita o nosso respirar, naturalizando os encaixes de poder que impossibilitam respiro pelos pulmões do mundo sensível na escrita e na vida mesma, obstaculizando a possibilidade de se tornarem um só corpo. A academia adoecida não pode ser aquilo que está entre o corpo e o que ele pode, dizendo quem ele é ou como deve ser. Despedir-se dessa engrenagem

não significa despedir-se do que aprendeu com os autores. Os autores a ajudaram a pensar tudo que conseguiu até hoje. Eles estarão presentes, mas como conectores de um (ou vários) processo(s) e não como porta-vozes. Certamente, em alguns momentos, pode acontecer deles falarem demais com E.L.A e menos com o leitor, como ocorreu em alguns momentos dessa introdução, o que implicou em ter que colocar notas de fim para que ele a acompanhasse. Mas tal movimento só aconteceu no final do processo, para que não quebrasse o fluxo do E.L.A. Algumas discussões/conceitos deles estavam presentes na intuição do E.L.A sem que E.L.A tivesse tido acesso a tais discussões durante o processo, mas, ao final da escrita, quando as encontrou, resolveu colocar em nota de fim ou dentro do próprio texto. Embora esse corpo-nota-de fim, ou esse acréscimo de fim no corpo do texto, traga elementos da lógica acadêmica, não vai negá-lo ou escondê-lo, porque acabou fazendo parte do agenciamento de seu corpo com peles já construídas ou peles em estado de intempestividade.

**Ouvir**

**aqui:**

[https://mega.nz/file/egtBjADA#4\\_Er5udfQ8TCNA\\_ICVGUdctzKjXQsjJFD7gcenuGOsw](https://mega.nz/file/egtBjADA#4_Er5udfQ8TCNA_ICVGUdctzKjXQsjJFD7gcenuGOsw)

Mas, seu desejo desliza de forma mais macia por imagens, sonoridades, poesia e E.L.A espera que a constelação afetiva se expresse mais dessa maneira, pois sente que para que a vida se manifeste como circularidades-mundo e não como círculo-mundo que obstaculiza nosso ouvido de escutar a vida em seu esplendor, uma ciência da sensibilidade é mais eficaz nesse processo. Sente que a exigência da vida é a de que rompamos de uma vez por todas com a dependência a tal círculo-mundo, espiritualizando nosso pensamento com as forças da terra e do céu, numa mesma pele cósmica, planetária, para que assim a vida possa pensar em nós, nos valorar sem mediações e/ou estreitamentos, sem afetos tristes que podem surgir quando

não se sente junto, quando não se compartilha um comum e quando não dobramos a nossa pele o suficiente para mudar o cenário das forças em nós. Claro que tais afetos também fazem parte da vida do corpo, mas para assinalarem toda uma rede de maus encontros que tendem a nos levar a estagnação ou exaustão ou frouxidão da vontade de viver. Eles certamente aparecerão no texto, mas como a vida é mais que tais afetos humanos demasiado humanos, ela os dissolverá, estando presente no texto em miudezas gigantes que possibilitaram a criação da proposta da autora em seu próprio desaparecimento para que o E.L.A a espiritualizasse.

Por fim, pede desculpas ao leitor se o cansou lendo/ouvindo tantas páginas nessa abertura. Mas é que a oralidade não conhece ponto final porque ela é sopro, é respiração, é vento em nós e, na canção que faz com o ar, colocando-o para dentro e depois para fora, sempre encontramos novos mundos, sempre somos outro e o ar também. Deixemos a folha dançar como o tempo pede.

**Ouvir**

**aqui:**

[https://mega.nz/file/n1tVAYgK#ga9WYQmAhtV9tkT\\_15EXdD7qviPCW12mOQa2Kxu](https://mega.nz/file/n1tVAYgK#ga9WYQmAhtV9tkT_15EXdD7qviPCW12mOQa2Kxu)

[PmRM](#)

Trilha sonora : Dembwa (10 de agosto). Tiganá Santana.

<https://www.youtube.com/watch?v=ekXTTvbyMTc&t=6s>

# Trajetória do tempo/ tempo das trajetórias– repetição e diferença

*(...) – Vede este corpo, que salta como a chama sucede à chama, vede como pisa e esmaga o que é verdadeiro! Como destrói furiosamente, alegremente, o próprio lugar onde está, e como se embriaga do excesso das mudanças!(...) E o corpo, que é o que é, eis que não pode mais se conter na extensão! – Onde ficar? – Onde mudar?(...) sendo coisa explode em acontecimentos! Exalta-se! – E como o pensamento excitado toca toda sua substância, vibra entre os tempos e os instantes, atravessa todas as diferenças; e como em nosso espírito se formam simetricamente as hipóteses, e como os possíveis se ordenam e se enumeram – esse corpo exercita-se em todas as suas partes, e se combina consigo mesmo, e dá forma depois de forma, e sai sem cessar de si.*

Paul Valéry- A alma e a dança

Ouvir aqui:  
<https://mega.nz/file/vtUyyRLR#8RWnIEx-qNgcWj96AkgSfMU0eEL7ruM8zsCFVkrK8nM>



## Exercícios espirituais para dissolver o olho.

Brasília-DF/ 2018

Trilha sonora. Mama Kalunga . Virgínia Rodrigues :

<https://www.youtube.com/watch?v=poyl25wKxyk>

E.L.A olha os movimentos do mundo da sua caverna. Olha não. E.L.A sente os movimentos. O olho não é uma parte destacada do corpo, como se fosse possível ver sem corpo. E.L.A pára e, antes de continuar a frase, pensa: que força é essa que me faz começar uma frase com : "ela olha os movimentos do mundo"? É a alegoria da caverna em mim? Mas será que só porque o mito da caverna faz parte das leituras que me constituem desde a graduação, menciono o olho? Será tão simples assim essa associação? Uma questão "subjetiva", individual e acadêmica? Não seríamos nós, desde a idade pré-escolar, ou mesmo antes, tendo em vista que nascemos inseridos num mundo que pensa e se expressa a partir da dimensão ocular, que mantemos acesa essa matriz grega socrático-platônica em nós? Não seríamos nós que continuamos investindo nossa energia em equipamentos que fazem do olho o único portal da razão e da verdade, ignorando os demais sentidos do corpo, como se fosse possível ver sem ser visto pelo mundo; como se o mundo fosse objeto e o olho sujeito? E.L.A lembra também de Édipo furando os olhos e como essa imagem virou o grande ritornelo da psicanálise. Lembra também da música de Caetano " é que narciso acha feio o que não e espelho" e, por fim, lembra que o Sócrates de Platão, no famoso mito da caverna<sup>37</sup>, fazia do olho instrumento principal do corpo, como algo que, mesmo estando no corpo, dimensão do sensível, a ele se opunha, por dar-lhe o contorno da razão, a tirana dos instintos- como aprendera com Nietzsche- ligando-o, a um plano, digamos, "individual", mas sustentado num céu imaginado por Platão de onde as ideias nasceriam puras. Mas, lembra também que o Sócrates de Xenofonte, contemporâneo de Platão, não dava importância ao olhar e ao céu-modelo-ordenador de conduta, mas a questões práticas de ação coletiva, afinal era descrito como um guerreiro numa obra chamada *As Memoráveis*<sup>38</sup>! Inclusive Xenofonte o consultava para resolver questões militares e dizia que Sócrates fazia oferendas aos deuses para saber às respostas! Às gargalhadas, pensa dentro desse pensamento: "cada um tem o

Sócrates que merece! Eu prefiro o guerreiro e macumbeiro!" Esse não me parece desprezar o corpo e os instintos!

Não é possível, portanto, olhar e não sentir e se posicionar a partir daquilo que se sente no apresentar-se da sensação, é o sentir que dá direção ao olhar de acordo com os movimentos do mundo, no corpo através dos afetos, mas é possível produzir sentidos diferentes ao olhar e com isso produzir outros modos de sentir, para o bem e para o mal. Mas cuidado, o horizonte de sentido único e binário se transforma facilmente numa moral. Sem perceber, E.L.A disse: "para o bem e para o mal". Agora Nietzsche aparece, lhe dá um tapinha nas costas e lhe sussurra ao pé do ouvido: reformule a frase! E.L.A ri e reformula a frase: É preciso sentir sem um sentido prévio, somente esse exercício nos libertaria da moralidade e da consciência de rebanho. Porque o "para o bem" e "para o mal" tornados universais, portanto, morais, perdem a dimensão do que é bom e mau para o existente enquanto tal. Não são "juízos" de amor com a vida, mas juízos de valor contra a vida. É preciso pensar para além do bem e do mal, abrigar a diversidade de perspectivas que se expressam através da imensidão de afetos que permitem falar dela, portanto, que não é alheia à dor e ao tempo.<sup>39</sup> E.L.A pensa: É isso, é preciso construir uma ética pético-anarquista. Uma ética do pensamento, algo que poderia ser dito da seguinte maneira: "diga-me como vives que te direi como pensas" que traz como correlato uma ética da escrita: "diga-me com o que te conectas para escrever que eu te direi a que tipo de comum ascendes".

**Ouvir** **aqui:** [https://mega.nz/file/L91ila6a#vnCE-okP2ddEnNTK1Uvduunt\\_NKjk12UZrX7v5ZXd4w](https://mega.nz/file/L91ila6a#vnCE-okP2ddEnNTK1Uvduunt_NKjk12UZrX7v5ZXd4w)

\*

E.L.A sempre gostou das notas de rodapé dos livros. Sempre que encontrava uma, deixava o que estava escrito na folha principal de lado e ia à caça daquela preciosidade. Tinha a ilusão de que, se seguisse aquela pista, aquele excesso que não cabe na folha, mas que diz algo sobre as andanças do autor, a colocaria lado a lado com ele, ou melhor, a colocaria nele. Porém, ao seguir a indicação da nota, achava um novo mundo e se esquecia do mundo anterior. E quando, nesse novo mundo, achava outras notas, o mesmo processo se dava. E.L.A, que antes pensava estar habitando um plano comum, na verdade se colocava num labirinto e não sabia mais o caminho de

volta. Mas, nesse instante, descobre que essa nota que escapa da folha era, na verdade, a vida em seu estado natural. A vida, na folha não é a vida da folha. A vida da folha se desenha no vento, quando ela, através da nota que escapa a simetria, nos abre o mundo enquanto processo sem fim. Mas eis que, na academia, aprende outra coisa: a nota é apenas uma forma de defesa, quase uma p(h)oda na escrita. A nota é verdade-prova da fala escrita ou o lembrete de que algo será dito mais a frente, quando nem sabemos ainda o que será dito mais a frente, mas, por um arranjo que a temporalidade acadêmica exige, fingimos que escrevemos nesse tempo e a nota é a mentira que convém. Usamos esse espaço, a nota, para dizer, calma, o conceito escapuliu aqui, ele falou comigo antes deu ter condições de escrever sobre ele, mas sei que ele expressa bem o que digo, mas, como preciso provar que ele está em mim, é necessário dizer ao leitor acadêmico sua fonte, parar o fluxo, para que dê crédito àquilo que já faz parte de meu corpo, que fala em mim e que por isso brota assim, sem pedir licença, e de forma inconsciente. Mas, se eu parar para ter que explicar isso que fala em mim, perco a próxima linha, quebro o fluxo, pois isso que fala, sem pedir licença, se encadeia com o restante, mas, a academia quer que paremos tal fluxo e escrevamos com a consciência, não com o instante... Então a nota não é respiro e abertura de mundo, mas moral de obediência e teste de DNA, afinal, se tem que provar a paternidade da fala, quando ela não tem pai, é apenas um sussurro que surgiu de algum encontro, como algo que brota da pele que se rasga e que só um corpo feminino ou quem se deixa seguir um devir mulher entende o sentido e, com ele, constrói um outro regime de verdade, de sensibilidade, um outro mundo dentro desse que a academia não acolhe. É a experiência da verdade-mulher que falava Nietzsche, verdade-simulacro, fundo sem fundo, a não verdade da verdade que se apaga no teste da paternidade pedido pela academia através das notas. Essa verdade-mulher precisa ser apagada porque foge ao modelo, não se deixa cair nas amarras da representação, é irrepresentável, é sedução. Então, a força dela de ser sempre simulacro, máscara, só se faz na recusa de ser falo, de ser evidência de algo. Mas, não é isso que a academia pede, a academia quer a idolatria da ideia, ela é falo-platônica. Por isso, o corte na sedução, feito pelo teste de DNA, traz, como correlato, a nota aparecer como espaço das coisas inúteis, uma espécie de muleta da memória ou memória da muleta, ambas memória da fraqueza para aqueles que não sabem pensar por si mesmos. Aquela que

não é memória da franqueza dos afetos, mas algo que surge a serviço da má consciência acadêmica, aquela que não nasce do encontro de perguntas sobre o que o conceito produziu na sua vida, mas onde ele está nos livros, quem é seu dono, qual sua evolução na história das ideias, como se tais respostas inúteis, esse falo acadêmico, fosse a defesa de um texto, de uma vida...A magia que antes a envolvia se desfaz...Descobre que o pesquisador acadêmico não pode escrever, não têm o direito de se apropriar de algo sendo com ele, como um literato faz ou como, ao menos Nietzsche fez em seus escritos aforismáticos. E, no caso do Nietzsche, a presença de notas só ocorre uma única vez, em Genealogia da Moral, quando ele se dirige ao leitor para pedir que faça algo por ele, algo que não pôde fazer naquele escrito, mas dá as pistas do que poderia ser feito. Talvez devêssemos agir assim. Ao invés de notas verdade-prova, notas conversa... E.L.A pára e pensa em escrever uma nota de rodapé para provar o Nietzsche falando ou para mostrar a inspiração da verdade-mulher que surgiu em seu texto. Mas, nesse instante, ri de si mesma e diz: Confie em mim. Ao mesmo tempo lembra que não pode apagar de si o que sentia antes com as notas e o que aprendeu e pensa: Cada um faz com a nota aquilo que merece! Eu sempre fiz canção! Mas, por rebeldia resolve pô-la no texto. Escreve: Confirmam a última parte da primeira dissertação de Genealogia da Moral e o prólogo de Além do Bem e do Mal. Quem fala n'E.L.A, nesse instante de rebeldia? É a nota musical ou a nota da academia?

**Ouvir aqui:**

<https://mega.nz/file/eoESHZSS#70EjYgrRbQD7RyL2zJyX8bTxPbtSFJyJ42w2DZRSQpU>

\*

Começamos de novo. E.L.A sente os movimentos do mundo, da sua caverna. O corpo contrai. A lágrima cai. O peito dói. O enjôo vira tonalidade do espírito e a enxaqueca ataca sua retina. E.L.A pensa em escrever essas sensações e o que pensa, naquele momento, n'E.L.A, lhe sussurra um título: "Desafios da travessia do niilismo no contemporâneo: como produzir um corpo liberto do nojo?" Tal título, separado por dois pontos, já expressava a luta que estava sendo travada n'E.L.A contra a imobilidade do pensamento. Mas E.L.A não sabia, mas algo n'E.L.A sabia. Por um lado, o sussurro de seu corpo acadêmico e seus conceitos trazia seu percurso e o não lugar d'E.L.A dentro da psicologia. Provinha das dores oriundas do encontro perverso com aquilo que E.L.A antes pensava ser o espaço formador da sua fala, em que E.L.A acreditava

que podia dançar o samba transverso e não o samba perverso de uma nota só dos concursos produzidos ali. E.L.A trazia a ilusão de que o samba de uma nota só viria de outros espaços e estava preparada para isso, era o esperado, não o temido. Mas o encanto acabou quando recebeu mais de uma vez o carimbo "indeferido" nas seleções para dentro daquela que ela pensava ser sua casa...Mesmo assim ela volta ao espaço, para ter direito a ocupá-lo, ter o título de Doutora em Psicologia, já sendo Doutora em Memória Social e tendo feito pós-doutorado em Psicologia Social! Esse traçado de afetos tristes poderia ter separado seu corpo do que ele pode, mas, o que a salvou veio no momento em que escreve a justificativa de seu projeto, quando uma música aparece em seus ouvidos. Não porque estava sendo tocada em algum lugar. Ela simplesmente aparece, como que para abraçá-la. Primeiro em forma de refrão, que cantarola n'E.L.A: "tudo novo de novo, vamos nos jogar onde já caímos. Tudo novo de novo, vamos mergulhar do alto onde subimos!" E.L.A cantarola, mas não presta a devida atenção. A música vai crescendo dentro d'E.L.A e se apresenta inteira: Vamos começar / Colocando um ponto final/ Pelo menos já é um sinal/ De que tudo na vida tem fim/ Vamos acordar/ Hoje tem um sol diferente no céu/ Gargalhando no seu carrossel/ Gritando nada é tão triste assim/ É tudo novo de novo/ Vamos nos jogar onde já caímos/ Tudo novo de novo/ Vamos mergulhar do alto onde subimos /Vamos celebrar/Nossa própria maneira de ser/ Essa luz que acabou de nascer/ Quando aquela de trás apagou/ E vamos terminar/ Inventando uma nova canção/Nem que seja uma outra versão/Pra tentar entender que acabou/ Mas é tudo novo de novo/ Vamos nos jogar onde já caímos/Tudo novo de novo/Vamos mergulhar do alto onde subimos")

**Ouvir**

**aqui**

**:**

[https://mega.nz/file/ixdGCABB#JbVQ46YL8okGsqio0N5bfLabo\\_VLqMXDcsgkHJMx4nM](https://mega.nz/file/ixdGCABB#JbVQ46YL8okGsqio0N5bfLabo_VLqMXDcsgkHJMx4nM)

\*

E.L.A, por um instante, pára e resolve inserir a música no contexto do projeto. Escreve, ao final de sua justificativa, que o refrão poderia ser pensado como o nihilismo vencido por ele mesmo, sobretudo se o leitor acompanhar a letra inteira, mas, naquele momento, a derivação que fazia a partir desse som em seus ouvidos é que estava desejando retornar a UFF, gostaria de ser orientada novamente pela mesma orientadora desde a época de sua graduação, portanto, ia se jogar onde já havia caído, porém, agora, tudo é novo (ela, sua orientadora, a UFF, o grupo de trabalho, as

condições histórico-políticas) e precisava mergulhar do alto onde subira, pois já tinha uma trajetória de pesquisa, que lhe permitia olhar as coisas do alto, mas precisava retomar tudo de novo, pois a altura produz vertigem e isolamento. Além disso, ser novamente orientada por aquela que a pariu dentro da Psicologia e que tinha um corpo capaz de mudança, pois acompanhava as modulações das forças do tempo, transformando seu espírito junto a essas modulações, mantendo, como ninguém, a vibratibilidade do arco de sua vontade sempre apontado para o futuro e sem perder a ternura, poderia lhe oferecer o que necessitava nesse momento. Ou seja, precisava voltar ao início e reencontrar a terra ou o "aterramento" para dar conta das vertigens e da solidão produzidas pela impossibilidade de dar passagem aos seus afetos. A partir daí seria possível mergulhar no mar de forças, pois não correria o risco de se afogar sabendo que teria uma rede forte, ativa e afetiva que acolheria a sua queda livre. Só dessa maneira as suas inquietações poderiam germinar um "sol diferente no céu", desde que este fosse contemplado do chão, junto às práticas de parceiros-amigos, lembrando aqui Foucault e a importância que conferia a amizade como modo de vida, pois nos ajuda "a celebrar nossa própria maneira de ser".

**Ouvir**

**aqui:**

<https://mega.nz/file/P4Nw3RLK#A7F6ioNOckO7LDjodQO6uEmATWqzs8Lj4OKLIJGSUK>

Aqui era já o corpo d'E.L.A. tateando uma fala depois dos dois pontos. Aqui E.L.A. encontrava a centelha da alegria do respiro, sem saber-se encontrando.

No projeto original, que segue em anexo, E.L.A. se vestiu do corpo acadêmico antes dos dois pontos. Ia seguir Nietzsche para falar do nojo, percorrer os diversos momentos de sua obra em que tal expressão estivesse presente (e ela já havia marcado todos esses momentos) e, mais especificamente, ia seguir Zarathustra até o ponto em que tal personagem conceitual a levasse ao meio dia, momento da sombra mais curta no qual o niilismo seria vencido dentro dele mesmo no encontro de Zarathustra com o enigma do eterno retorno. Seria dividida assim: No primeiro momento da tese, a escrita caminharia ao lado de algumas obras de Nietzsche em que a questão do nojo se mostra presente (1992b, 1994, 1995, 1998, 2001, 2003a), num segundo momento traria para a cena o personagem conceitual Zarathustra, o grande psicólogo nietzschiano, que atravessa o niilismo e nos conduz ao meio dia e ao eterno

retorno, imagens-conceitos que estariam presentes ao longo da tese, tendo em vista o abalo que provocam na metamorfose de Zaratustra, apontando para a possibilidade de atravessar o nojo sem perder-se na negação da vida. No terceiro momento da tese, buscar-se-ia fazer Zaratustra visitar o século XX e XXI, fazendo a filosofia nietzschiana conversar com a história e os modos de subjetivação em curso na busca pelo meio dia ou, ao menos, nos ajudar a conquistar saúde, para que não façamos do nojo, um modo de vida. A pergunta -guia da tese seria: como resistir a essa terrível pressão histórica de longa data, que estoura agora, no século XXI, sem sujeitar-se a ela e, sabiamente, como um convalescente em busca de saúde, não esquecer que o júbilo da força retorna, para quem faz da vida, um experimento e pode selecionar o que deve deixar para trás? Porém, abandona esse percurso filosófico porque a manteria presa a lógica que queria escapar e E.L.A não tinha mais tempo para isso porque esse não era seu novo corpo falando, mas algo que se colocava entre ele e o mundo, a escrita acadêmica. Para que esse desvio não desrespeitasse a casa-DNA, na qual entrava pela terceira vez, fez um longo artigo em que tais aspectos apareciam, mas sem perder a dimensão poética. Nele buscou situar o leitor nas implicações do tema do assombro no seu corpo (como emergiu em sintonia com as forças do contemporâneo, como sintoma e, ao mesmo tempo, signo de força). Posteriormente, levou o leitor até Nietzsche, apresentou o modo como ele discutia tal tema dentro de sua obra, sempre acentuando a conexão da relação entre assombro, niilismo e seu correlato, o nojo pela existência, bem como sua inversão, para que, mais a frente, no transcorrer das argumentações do texto, pudesse estabelecer conexões com o auge do niilismo no contemporâneo, antevisto por Nietzsche no século XIX quando dizia que eclodiria nos próximos dois séculos: XX, XXI. Então, o leitor, munido das ferramentas nietzschianas foi conduzido a alguns analisadores que materializariam o plano conceitual nietzschiano. E aqui se serviu da visibilidade das engrenagens dos golpes transparentes em curso no Brasil desde o impeachment e acentuou um decreto sobre segurança pública no RJ, cartografando alguns efeitos no modo de subjetivação que encontraria, nos afetos, um lugar privilegiado para o controle social; resgata algumas memórias da mesma estratégia utilizada em outro momento, também no RJ nos anos 90 através de um trabalho de sua orientadora chamado "Operação Rio- o mito das classes perigosas", mostra o tipo de material que os militares, na atualidade, usava para

justificar ações contra “terroristas” e foi conduzindo o texto para mostrar que o eterno retorno de práticas só se sustenta porque acreditamos ainda na “sombra de Deus”, no Estado, na democracia representativa. Vai levando o leitor a entender que biopolítica é niilismo globalizado, mas que também há lampejos de tentativas de “inversão do niilismo”, como ocorreu nos movimentos moleculares que possibilitaram as jornadas de junho de 2013, ao menos antes de sua captura numa forma política partidária. Dessa maneira mostra também que a força da filosofia está em fazê-la dançar “fora” dela, ou melhor, que ela dança quando seus gestos são multiplicados em outros campos. Fecha o texto com uma linda sacada de Pelbart que diz que o assombro veio das ruas, fomos nós que assombamos o “sistema”. O texto tem uma música de abertura que também o fecha: Dona do Raio: O Vento, na voz de Bethania: “vamos chamar o vento, vamos chamar o vento” (<https://www.youtube.com/watch?v=wR05zNR5GCc>)... Nesse final, a música ganha total clareza, sobretudo porque remete o leitor a uma outra interpretação de Bethania, de 1973 (<https://www.youtube.com/watch?v=g23bLGQhYHo>), em que estabelece uma relação de tensionamento entre a rainha de maio e as nuvens de chumbo e, nessa interpretação mais recente, sentimos uma pegada de outra ordem, talvez nos inspirando a um enfrentamento mais molecular que nos situa na transformação de fazer “da insegurança nossa força e no risco de morrer, nosso alimento”: a morte do que já não nos serve mais. E.L.A fez esse artigo para se libertar e não se sentir em dívida com a casa, podendo seguir o rumo depois dos dois pontos. E, agora em que retoma o que faria e relê tudo que escreveu até a última página dessa anti-tese, percebe que esse percurso foi e tem sido o d'E.L.A! Se emociona! E esse exercício de reler sempre é feito em voz alta, pois percebeu que quando lia tão somente acompanhando com os olhos o texto, ele se prendia a gramática, a ortografia e outras regras de academia como citações e derivados e assim E.L.A perdia a sensação de intensidade e melodia, E.L.A perdia a afetividade, perdia o Isso que quis passar. E que além disso, ouvir também trazia as correções de forma ainda mais clara do que o olhar via. Mas, uma voz dentro d'E.L.A diz : calma, você ainda não qualificou! A escrita pode ganhar ainda novos rumos ou não estar inteira como você pensa. A escrita precisa ser sentida por esses corpos escolhidos para acolhê-la e expandir a letra de sua canção. Qualificação é composição. A letra da canção está pronta, mas uma outra



qualidade de melodia que precisa de outros ouvidos não. Aguarde para receber as oferendas que virão dos instrumentos sonoros que esses corpos irão te fornecer para que letra e música se encontrem e dançam bem nos ouvidos transformando-se em arte das musas, arte capaz de dosar silêncio, respiração e verbo e dissolver vestígios do que seja apenas olho. E outra voz dentro d'E.L.A lhe sussurra: você sabe que essa banca é "água mãe, capaz de aprimorar o seu desmanche". **Ouvir aqui:** [https://mega.nz/file/fpdzVRDb#3rLaah1rsga\\_IJSy8twao4Eml1y1GGrUITPottbB8uE](https://mega.nz/file/fpdzVRDb#3rLaah1rsga_IJSy8twao4Eml1y1GGrUITPottbB8uE)

\*

**Qualifica(n)ção –  
Niterói, janeiro de 2022**

**Trilha sonora: 6 horas de Mozart**

<https://www.youtube.com/watch?v=shoVsQhou-8>

Começamos de novo. E.L.A sente os movimentos do mundo, da sua caverna. E.L.A jamais poderia intuir que essa expressão : "E.L.A sente os movimentos do mundo da sua caverna" pudesse ser um ritornelo afetivo-existencial de diversas pessoas espalhadas pelo mundo desde 2020 por conta dos efeitos da pandemia da covid-19 - quando ainda não havia vacina- que modificou tudo, inclusive o modo de se trabalhar. Na realidade, a caverna foi e (é) um luxo de uns poucos, porque o direito a se proteger depende de quem tem alguma reserva financeira para não necessitar circular ou trabalhar em alguma função que foi capaz de se inserir na lógica home office. Então, para estes "escolhidos" do quais E.L.A fazia parte, a caverna se tornou um estribilho de uma música confusa, feita de fragmentos de saudade , medo , cansaço e a presença constante de um espelho- erguido por todos os cantos dessa caverna- a nos mirar, não impedindo, assim, que sentíssemos o que nos tornamos, porque esbarrávamos conosco o tempo todo. Talvez agora mais do que outrora, tanto os "escolhidos" quanto os "sem caverna" estivessem diante do que Nietzsche chama de o peso mais pesado e, desse lugar, efetivamente pudessem estabelecer um compromisso com a vida ou com a morte na relação com o tempo que passa a se apresentar sem a mediação do relógio e das datas. Um tempo trágico, de destruição, mas também abertura para a criação sem isso ser uma mera imagem retórica. Um tempo caosmose... uma vida, híbrida engrenagem Deleuze e Guattari n'E.L.A, mas também

naqueles que desconhecem essa engrenagem como E.L.A porque um mundo se desterritorializou de tal modo que nos desterritorializamos junto e estamos buscando encontrar os fluxos que nos conectam a vida para não padecermos de falta de sentido e desejo, muito embora os perigos desse padecimento possam ampliar molecularidades tóxicas . Por isso, para que eles apareçam como linhas de virtualidade ativas, nossa relação com a vida não tem mais como se sustentar como outrora e o desafio é hercúleo. **Ouvir aqui:**

[https://mega.nz/file/LhFTXRpS#SVmDO\\_ORFREi3Pvmi8pc28qDoy19TZumtFyknZQeuy8](https://mega.nz/file/LhFTXRpS#SVmDO_ORFREi3Pvmi8pc28qDoy19TZumtFyknZQeuy8)

Antes, quando E.L.A se expressou em vários momentos dessa anti-tese de sua caverna, essa caverna era em outra cidade e em outro tempo, que, embora próximo, parece agora distante diante da força abissal que, ao nos puxar para baixo, nos coloca tão diminutos que tudo se agiganta na percepção do corpo. Antes, se abrigar na caverna foi uma escolha para sentir os movimentos do mundo porque precisava se sentir parada para ter movimento. Precisava não ser capturada pela máquina de repetição do mesmo que apaga tudo. Isso porque a caverna anterior era em Brasília e a segura do lugar, bem como a segura das pessoas não acionavam n'E.L.A o desejo de se agenciar com pessoas, de estabelecer relações com corpos humanos; a geopolítica da cidade parecia estar encarnada nos corpos. Agenciada consigo conseguia escrever e não perder a dimensão úmida dos afetos que trazia no peito fruto de seus relacionamentos anteriores fora daquele lugar. Havia agenciamentos com o céu de Brasília, com a vegetação e com joaninhas que a visitavam, bem como com várias trilhas sonoras que iam desenhando seus afetos e auxiliando a sua escrita. Algumas vezes fugia da caverna, pegava um avião e vinha para sua cidade natal quando sentia emudecer seus dedos mas, agora, nesse outro instante em que escreve, a caverna que habita é outra, se desenhou junto aos efeitos da pandemia no modo de habitar a vida. Nesse momento em que redige essa fala, sabe que ela também aparecerá em outro momento dessa anti-tese, talvez com outras palavras e que está em algum ponto desse texto enorme, mas precisava falar de novo. O falar de novo não é um falar de repetição, mas de ajuste de rota e precisa ajustar para conseguir finalizar esse processo de escrita. Afinal, a escrita, embora fosse passar pela qualificação hoje, que, na lógica acadêmica refletiria o meio de um processo, já teria que ter sido terminada antes em 2021, só se alongou por conta dos efeitos da engrenagem- pandemia na

academia e nos processos de escrita dos mestrandos e doutorandos. A qualificação seria quase literalmente uma pré-defesa e já tinha muito material para apresentar.

**Ouvir**

**aqui:**

[https://mega.nz/file/Po9TQABZ#zjKXtvUz228oaDozqGqVv5XMBE4dO6\\_csnHQ2HAHvo](https://mega.nz/file/Po9TQABZ#zjKXtvUz228oaDozqGqVv5XMBE4dO6_csnHQ2HAHvo)

[g](#)

A passagem de uma caverna para a outra, a princípio, não lhe gerou dificuldade. A aprendizagem anterior lhe conferiu vantagem corpórea para lidar com esse novo convite iniciado em março de 2020. Os instrumentos de saúde outrora usados continuaram em pleno vigor nesse novo cenário, mas E.L.A sentia que precisava ajudar alguns de seus pares a encontrar suas próprias ferramentas para esse mergulho, sobretudo aqueles que, diferentes d'E.L.A, precisavam fazer das pernas um modo de pensar. Sem as pernas circulando na cidade e sem os encontros de corpos, a vida parecia definhar. Não que E.L.A não precisasse mais de suas pernas e relações corpóreas, mas suas mãos sempre foram sua melhor companhia, bem como seus ouvidos e voz, afinal ouvir música e cantá-las também faziam parte do processo de subjetivação de sua saúde . Por isso, conseguiu escrever mesmo depois de ter sentido enjoão da escrita em alguns momentos e participar de bancas virtuais, porque, estando em outra cidade acabou fazendo parte de duas delas à distância, porém, sem mostrar o rosto; sem estar " em corpo" no dia, mas emprestando sua voz para participar desses eventos no formato gravação. Esse processo anterior e esse novo processo amplificaram sua necessidade de selecionar o que efetivamente lhe era importante na vida, bem como o modo de expressá-la. Nesse novo processo E.L.A não se ressentia com o vírus, o que não significa que não sofresse em demasia com as mortes e com a gestão genocida e etnocida do planeta e se enraivecesse com os enunciados tóxicos, sentindo-os como uma corda suicidária suspensa no ar seduzindo pescoços a entrarem nela, fossem eles sensíveis ao que estava acontecendo ou negadores de plantão ou aqueles que não tem nem como escolher lado algum porque perderam tudo. Mas buscou ouvir com muita atenção a sabedoria de Ailton Krenak em inúmeras lives e se abriu para novas leituras que aprendia nesses encontros virtuais. Ao mesmo tempo, sabia que o que lhe cabia, naquele momento, era tão somente cuidar de quem lhe era próximo nessa travessia e assim o fez. Vídeos com amigos, conversas longas pelo

whatsApp, preparação da mãe para o novo tempo inserindo-a na tecnologia e se permitindo adentrar em seu universo valorativo para não se sentir sozinha, ou seja, escutava louvores com sua mãe- atitude impensável antes porque essa escuta não faz parte de seu mundo- ao mesmo tempo em que realizava com ela exercícios diários no mundo virtual para que pudesse compreender as novas linguagens e os novos recursos e encontrasse os canais em que tais signos pudessem ser acionados pelo celular ou tablet; mudança de casa para estar bem próxima a ela, como vizinha quase de porta; acompanhamento de trabalhos de amigos que paralisaram a escrita, longas conversas com sua companheira e reinvenção diária dos laços de amor, cumplicidade e amizade e a necessidade de afirmar uma escrita que trouxesse o que gritava com mais força dentro d'E.L.A naquele momento: fragmentos de sua própria história como se a trajetória de sua vida fosse o que realmente E.L.A precisasse afirmar para prosseguir.

**Ouvir**

**aqui:**

[https://mega.nz/file/ulsBTBwY#EzfpWpjmV9KKkjiKrqlHopg87x\\_8Q5YZlTtiqxPQGns](https://mega.nz/file/ulsBTBwY#EzfpWpjmV9KKkjiKrqlHopg87x_8Q5YZlTtiqxPQGns)

Por isso, em diversos momentos, a escrita foi mudando o tom e passava a se apresentar, em primeira pessoa, sobretudo quando resgatava conversas do passado que resolvera anexar a anti-tese ou imagens de fotografias tiradas por E.L.A para ilustrar alguma situação ou alguma fala feita numa banca. Chegou a pensar que o trabalho estivesse perdendo seu prumo. Se perguntava se o Isso estaria sendo perdido nesse processo, mas, ao mesmo tempo sentia que o Isso, nesse momento, o Isso como fluxo de imanentes virtualidades, como cosmo do caos só podia se materializar na forma como o corpo é capaz de dizê-lo. E que esse Isso, mesmo quando aparecia como um "eu", sempre era um outro, um heterônimo. Cada um deles eram diferenças d'E.L.A, diferenças em seu corpo que foram mudando ao longo do tempo e essa mudança era o Isso agindo e deflagrando a multiplicidade que nos constitui e que, portanto, jamais se reduz a uma mesmidade, a uma individualidade. Foi nesse momento em que inseriu na introdução algumas partes em que buscou alertar ao leitor sobre esse processo. Mas, não completamente satisfeita com essa explicação, ao reler o que escrevera até o final, ouvindo-se, percebeu que em algumas passagens, que percorria tanto a sua escrita feita numa caverna em 2018 quanto a das outras cavernas em 2020, 2021 e agora 2022, trazia o Isso em estado pleno, impessoalizado,

portanto, essas partes E.L.A escolheu gravar porque via nelas expressa o que se propunha a fazer como nervura do trabalho , sobretudo no que tange ao exercício do pathos de distância em sua relação estreita com uma certa escrita literária. Nos momentos em que esse pathos não conseguiu fazer morada em seus dedos, a escrita trouxe elementos, por vezes, reativos, comuns a voz da memória das marcas, que se grifa na consciência e se internaliza como ferida do espírito na memória, alimentando-se somente dela a ponto de tornar-se uma infecção na pele que passa a sentir o mundo a partir dessa infecção.. Essa memória das marcas, na narrativa, traz um certo "eu" adoecido para o texto, mas esse "eu" é algo sobre o qual E.L.A vai se despedindo . Torna-o visível, mas como uma espécie de desenho na areia da praia em que outros afetos que surgem, como uma onda gigante de forças, podem alcançá-lo para apagá-lo. E.L.A acreditava que essa onda já os havia apagado de dentro d'E.L.A porque não lembrava deles. Para reconstruí-los teve que se ater a memória-prótese das marcas externas : e-mails antigos, gravações de whatsapp, mas, quando os visualizou/ouviu atualizou as marcas e escreveu a partir delas de modo que percebeu que, sem o devido cuidado, bastaria uma leve fagulha para acender demônios que ainda moravam n'E.L.A, mas os deuses do tempo, como um vento, tinham mais força do que E.L.A podia imaginar, porque mesmo somada a essas recordações a força d'E.L.A aparecia em formato de poesia. De modo que sua pele não se infeccionou a ponto d'E.L.A perder seu modo de ser poético, mesmo durante o processo de inoculação do agente agressor do corpo, pois desde o princípio, ela poetizava até chegar a um ponto em que a ferida já não mais estabelecia com E.L.A uma relação particular que a envenenasse. Assim, E.L.A pôde fazer a dança da memória das marcas com a memória das forças e essa percepção possibilitou que escrevesse um texto-flecha lançado na sua qualificação ocorrida em janeiro de 2022 em que buscou descrever os acordes de seus processos ou o arco envergado de suas forças gerador de seus lançamentos, nos quais a tônica da escrita não eram fatos, mas acontecimentos em seu corpo, mantendo-a como fiel seguidora de aion e kairos, mas, agora, com uma linguagem acadêmica que organiza "as memórias" em respeito ao chronos que se faz presente nessa liturgia.

**Ouvir aqui:** [https://mega.nz/file/mIFDQTCA#wstsRHAAuc-FARdJTYc-p756pvNVo\\_-FHB1ft-lhgvq](https://mega.nz/file/mIFDQTCA#wstsRHAAuc-FARdJTYc-p756pvNVo_-FHB1ft-lhgvq)

Então....

Começamos de novo. E.L.A sente os movimentos do mundo de sua caverna. É de manhã. Uma segunda feira do dia 10 de janeiro de 2022. Está nervosa e faz muito calor. Liga o computador e começa a testar a câmera para deixar tudo organizado para o encontro que ocorreria às 14 horas. Alegria e tristeza se misturam. Iria se reunir com corpos que subjetivaram seu corpo em momentos importantes de sua vida, multiplicando-o, mas não poderia abraçá-los para sentir o seu calor, apenas seus olhos os veria na tela de 21 polegadas de seu velho computador. Por sorte havia adquirido um headset ( um fone de ouvido com microfone externo) que ao isolar bastante o som ambiente traria a voz de cada um deles para dentro de seu ouvido e, se E.L.A fechasse os olhos, talvez pudesse sentir a melodia desses corpos, tal como sente a melodia dos corpos das canções através desse instrumento.

Um mês antes havia enviado seu trabalho para eles e hoje ocorreria o encontro que definiria os próximos passos. Pega o texto de 365 páginas e o lê pela enésima vez desde que o enviou. Em alguns momentos o ama, em outros tem estranhamento , em outros pensa: para quê tudo isso, você deve estar louca! Em outros pensa: talvez nada disso seja importante, mas essa desimportância talvez seja a sua força. Lembra de algumas palavras de Manoel de Barros que, soltas, formam o seguinte refrão: "Sou livre para o silêncio das formas e das cores"<sup>40</sup> (...) Só quem está em estado de palavra pode enxergar as coisas sem feitiço (...) <sup>41</sup> A poesia não existe para comunicar, mas para comungar. A palavra é o nascedouro que acaba compondo a gente (...) <sup>42</sup> A palavra amor anda vazia. Não tem gente dentro dela. *Melhor ser as coisas do que entendê-las.* <sup>43</sup> *Poderoso para mim não é aquele que descobre o ouro. Para mim poderoso é aquele que descobre as Insignificâncias (do mundo e as nossas)*"<sup>44</sup>. E.L.A sabia que nem sempre esse estado de palavra esteve presente no texto, mas sabia que a palavra amor no texto e nos corpos que E.L.A encontraria mais tarde eram cheios dela e que sempre amou as pequenas coisas que, para a grande maioria, eram insignificantes, mas estas eram justamente o coração e pulmão de sua escrita.

**Ouvir**

**aqui:**

<https://mega.nz/file/K48GCKpR#0KIKIEXzYWIBO0MBC0DHqRsICfDk5JZ1OKIF6gAWrEU>

E.L.A precisava sair desse devaneio e se concentrar. Coloca uma música que sempre produz n'E.L.A foco: uma sessão de 6 horas de Mozart, que, embora tenha

relação com a transcendência, pois aprendera, em algum lugar que não recorda, que as músicas clássicas quando encarnadas nos movimentos das bailarinas- sobretudo nos braços voltados para o alto-, buscavam estabelecer uma relação com o divino. Afinal, eram dançadas para os reis que também encarnavam esse lugar, visando o transcendente-universal, mas, no caso d'E.L.A, o que sempre buscou nessa sonoridade foi o transcendental, como campo ocupado por acontecimentos, singularidades, em suma, por forças nas quais o real se atualiza na experiência e é possibilitado pela exploração de um inconsciente transcendental, esquizo<sup>45</sup>, tal como aprendera com Guattari e Deleuze, como também com Cláudio Ulpiano, não em sua época de graduação, mas no reencontro com sua produção anos mais tarde quando foi revisora técnica de um livro decorrente de sua tese. Mas, fundamentalmente, pelo modo como seu pensamento pensa n'E.L.A desde a infância, movendo-se através de signos sensíveis que estão nas entranhas do mundo, equivocando aquilo que pensamos ser a realidade e produzindo, nos corpos, entusiasmo pela vida. Entusiasmo que vem de uma palavra grega ενθουσιασμός (enthousiasmós) que significa “ter os deuses dentro de si”<sup>46</sup>, mergulhar em Dionísio<sup>47</sup>, dançar com o devir.

Olha para a tela do computador e começa a rascunhar uma apresentação como se seus dedos fossem as notas do piano. Num sopro so nascem as linhas que se emaranham em 16 páginas, com espaço duplo entre elas para que a leitura pudesse ser feita de forma agradável, pausadamente. Intitula a apresentação como "alguns bastidores conceituais da anti-tese". A brincadeira desse título é que E.L.A precisava se lembrar que, apesar de ter escrito uma anti-tese, E.L.A estava ocupando um espaço acadêmico, então, como se tivesse colocado a anti-tese diante de um espelho, passaria agora a brincar com a imagem invertida dela, qual seja, a tese da anti-tese: sua metodologia, seu objetivo e alguns de seus principais parceiros conceituais. Aqui poderia contemplar aquele leitor que necessita de lentes acadêmicas para acompanhar o texto. **Ouvir aqui.**

[https://mega.nz/file/X1tjBxC#a0895R\\_QfpdTUwGgL\\_zcSx1nqbKSBIZFv-hkbiOS5Ys](https://mega.nz/file/X1tjBxC#a0895R_QfpdTUwGgL_zcSx1nqbKSBIZFv-hkbiOS5Ys)

Começa o texto comentando que em seu processo anterior, tanto no mestrado quanto no doutorado, durante a qualificação, construíra o hábito de iniciar sua apresentação narrando os bastidores afetivos da escrita. Mas que nesse E.L.A faria o

contrário, apresentaria alguns bastidores conceituais que talvez não estivessem claros de primeira porque a proposta da anti-tese era justamente não colocá-los como carro-chefe das palavras. Sabia que usava muitos deles no meio de outras palavras, mas porque eles já eram seu corpo e, desse lugar de onde falavam, não precisavam de outro endereço que não fosse o da vivência deles, n' E.L.A. Já não pertenciam aos autores, aliás, os autores que o nomearam também não se achavam donos deles porque eram tão somente experimentos para o pensar e cada um pensa como pode, como seu corpo pode, de modo que não obedeciam a critérios de verdade, universalidade, uniformidade, aplicabilidade e paternidade, só maternidade: a vida agindo neles e se expandindo ou se contraindo nos corpos.

Assinala logo em seguida que na introdução já existia uma primeira provocação conceitual. "Introdução- substantivo feminino que introduz a anti-tese..." Explica que a provocação consistia em pensar que se substantivo é algo que evidencia uma substância, mas pensada no texto como algo que cria modos de existir; como a ideia de substância em Espinosa, e que essa substância sendo feminina, porque substância necessita do artigo feminino para se expressar, então era tal como a escrita e a vida, o que convidaria o leitor a pensar a escrita como um parir de uma vida ou de várias e, ao mesmo tempo invocaria, também, o feminino como a imagem nietzschiana da verdade que jamais se alcança. Essa inspiração provinha de uma passagem do autor, em "Além do bem e do mal" em que este dizia: "a verdade é mulher", e essa afirmação era irônica porque, na mesma passagem ele dizia que os filósofos, como dogmáticos (como os que acreditam na verdade absoluta, no universal) entenderam pouco as mulheres e que, além disso, essa dama jamais se deixou conquistar por eles. Por isso, já no início do que seria um "primeiro capítulo", E.L.A brinca com essa imagem da verdade-mulher quando escreve acerca da serventia das notas de rodapé para a academia.

Continua sua fala, agora na companhia de Derrida que, num livro dedicado a essa temática em Nietzsche, chamado "Esporas: os estilos de Nietzsche", mostrará a cumplicidade produzida nos textos de Nietzsche entre mulher, vida, sedução, dissimulação etc. acentuando que, não tendo essência - posto que homem é o majoritário, o metro, a uniformização, **logo é a imagem do ser**, a mulher aqui seria pensada como imagem do devir e, assim sendo, simbolizava a ruptura com a crença na identidade, por isso é possível falar que a verdade é mulher, porque o "é" aqui não essencializa a verdade, posto que o ser é sempre um sendo, o ser devem no "mundo mulher". E aqui lembra também de Deleuze e Guattari que no Mil Platôs 4 diziam que



“*Todos os devires começam e passam pelo devir-mulher. É a chave dos outros devires*”

<sup>1</sup> e que " devir é um rizoma"<sup>2</sup>

Comenta então que a escolha por E.L.A, como verdade-mulher indicaria a quebra da lógica falocêntrica da filosofia, da ciência, da cultura, do pensamento, da academia. Nesse sentido, essa verdade-mulher não poderia introduzir uma tese, mas uma anti-tese! Por isso o título: Introdução- substantivo feminino que introduz a anti-tese..." Se escrevesse uma tese, tal como já fez no passado, estaria dentro da lógica falogocêntrica, da racionalidade ocidental e arborescente. Já uma anti-tese podendo trazer a verdade mulher como guia e como melodia da escrita, seria uma aposta nietzschiana! As escritas anteriores d'E.L.A mesma, no Mestrado e Doutorado não.

Nesse momento do texto de apresentação, coloca uma nota de rodapé para não esquecer de assinalar algo que pensa ser importante para questões do presente, mas que não foi formulado por E.L.A, mas por Derrida numa entrevista a Christie V. McDonald, em 2019, chamada "Coreografias" em que dirá que as alusões irônicas de Nietzsche sobre as mulheres em diversas passagens de seus textos refere-se a um certo "feminismo reativo" que acaba por esvaziar a luta feminina. Ele ironiza para criar uma tentativa de romper com o poder reativo que percebe vigorar nas representações ou representantes das causas. Por isso, muitas vezes, associa esse feminismo reativo a figura especular do filósofo dogmático e de certa relação do homem à verdade.<sup>3</sup>

Assinala que um outro bastidor conceitual nasceu de uma inspiração (ou seria conspiração?) com o primeiro discurso de Zaratustra chamado "Das três metamorfoses": de como o espírito se torna camelo, o camelo se torna leão e o leão, por fim, criança, por entender que ele expressava bem o processo pelo qual E.L.A e todos nós somos lançados. Lançados quando queremos buscar saúde, conquistar saúde, desajustando formas que se mostram aprisionantes para o corpo afim de que as linhas que se embaralham e formam o nosso tecido humano demasiado humano pudessem estar a mostra e, nesse estado aparentemente caótico, informe, com linhas soltas e variadas pudessem ser reagrupadas, iniciando uma nova costura de nós mesmos. Aqui há a nossa relação com a história e da história conosco; o modo como nos agenciamos com os enunciados do *socius* e como expressamos nosso desejo a partir desses

<sup>1</sup> Cf. Deleuze, G ; Guattari, F. MII Platôs;capitalismo e esquizofrenia 2, Vol.4. São Paulo: Editora 34, 2012, p.74.

<sup>2</sup> Idem, p.20

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/GWDnWwVxBtPwDh6ZTyFpYPz/?lang=pt> . Acesso em: 10 de jan de 2022.

agenciamentos; o modo como nos relacionamos com os diversos corpos que nos constituem, bem como as estratégias que construímos para nos diferir de nós mesmos, sendo que tais estratégias não nascem por obra de um "eu" ou de uma suposta razão que as conduz, mas se apresentam a nós exatamente quando esse eu se esfacela e junto a ele todo um mundo. E não se esfacela sem estar em tensão com outros corpos. Precisa do caos para gerar uma estrela bailarina; precisa de relações para saber como se constituir como um outro; precisa de toda sorte de encontros, bons ou maus, para ir se subjetivando com outras tintas existenciais. Sem escuta ao corte que provém desses encontros não há fluxo de vida. E, se algo permanece nesse corte, se algo sustenta a coragem de mergulhar na abertura da pele expondo nossas entranhas, esse algo é a criança que nos habita- como bloco de sensações da infância- nos devolvendo a inocência das forças esquecidas na "adulter", posto que sabe brincar com elas, sem o juízo. A criança é a força de nossa pele! Por isso, a imagem da criança é invocada em muitos momentos da anti-tese porque esse estado de plenitude não comporta náusea, vive num "assim seja", não tendo nada a negar de passado e reagindo ao que chega no momento em que chega, apagando esse chegar logo em seguida. Só perde essa dimensão de plenitude elástica de suas forças quando aprende a expressão "foi assim". Ou seja, quando é inserida nos códigos que a disciplinam e escravizam, quando a consciência invade a memória e separa o corpo do que ele pode, fundamentalmente quando essa consciência é a má consciência do cristianismo em nós, do Estado em nós, do capital em nós nos lançando no "assim é" ou num "assim deve ser". Por isso, em algum momento do texto, quando o cristianismo se mostra encarnado no E.L.A o peso do camelo começa a tomar corpo n'E.L.A, a lhe assombrar até os sonhos, bem como, mais tarde, os efeitos das engrenagens do Estado na sua forma Justiça e, posteriormente, na sua forma Academia e ela lutava para não ser um espírito de suportaçã, não queria ser um messias ou um funcionário do Estado messiânico-hegeliano...Busca forças para não sucumbir a essa dor nova que desconhecia antes na sua tenra infância e ai, em sua solidão, em seu deserto, conforme vai crescendo e vivendo, um leão grita n'E.L.A pedindo para que E.L.A construa para si, liberdade, para que queira ser senhora de seu próprio deserto. E.L.A, sem saber, começa a encontrar na escrita essa força, a encontrar novos mundos n'E.L.A e, ao mesmo tempo, namora com o trágico e vai lhe dando novos contornos. Num desses contornos sonha com um deus que a faz rir, pois algo n'E.L.A sabia, tal como Nietzsche, que somente o riso é santo, como o sonho com o humorista

Costinha ou a música do Eduardo Dusek no momento em que confeccionava a monografia da graduação.

Assim, havia um pêndulo que girava em três movimentos na escrita tensionando o "tu deves", "eu quero" e "E.L.A diz sim". Tu deves e eu quero, puxavam a escrita para a primeira pessoa, mas o "E.L.A sim" era o devir ativo equivocando o "tu deves" e o "eu quero". Na qualidade de psicóloga e acadêmica, corpos que nasceram n'E.L.A, criou um leãozinho, começou a aprender a exercitar o "não" para vislumbrar o "sim", mas ainda não podia criar, só reagir ao que lhe fazia mal. Tinha alguns pincéis para as tintas da afirmação, porque tinha um arco que espiritualizava seu pensamento, mas não tinha ainda acordes para produzir uma canção com o som da flecha lançada, muito menos a escuta deles, de modo que suas flechas ainda não eram capazes de transformar o "não" do leão em modo de se dizer "sim" a vida. Tais corpos eram capazes sim de exercitar uma análise genealógica, seu zunido trazia o diagnóstico do presente, mas não lhe fornecia a possibilidade de transmutar o presente, n'E.L.A mesma, porque as ferramentas para o dizer sim a vida só podiam ser achadas na criança, no seu modo de jogar e assim, não correr o risco de cair num pessimismo da vontade ou na nostalgia de um passado "feliz". Afinal, percebia que, no presente, diferente do passado, o diagnóstico das forças de resistência apontavam para a anestesia ou, quando insurgiam, apontavam para a prisão a modelos que não sustentam a virada das forças. Porém, quando começou a pandemia, E.L.A, intuitivamente, sentiu que o trágico que se abria era um convite ao sim, um convite a fidelidade à terra e não aos homens, entendendo homem como toda a engrenagem do *socius*, ou melhor, como algo que a convocava a superar essa imagem do ser, n'E.L.A mesma, para construir um sim a partir daquilo que aprendera com o leão n'E.L.A (análise crítica) e com a lembrança do bloco de sensações da sua infância que E.L.A acreditava ter uma relação com a sabedoria dos povos originários. Por isso, a última imagem da anti-tese é um fechamento-abertura de seu novo nascimento aos 49 anos, como um convite a um novo começo...

Continua a escrita dizendo que na linguagem nietzschiana essas imagens do camelo, leão e criança são transmutações operadas no modo pelo qual a vontade de potência se manifesta nos corpos e se "corporifica" em imagens como o do sacerdote, do louco, do último homem e do além homem. Este último, correlato a imagem da criança posto que esse modo de existência não está atrelado a um querer dominar ou mesmo a um querer a potência. Se assim o fosse, dependeria dos valores estabelecidos mesmo que para refutá-los, mas a um dar e criar, como virtude dadivosa, como aquilo

que quer na vontade enquanto expressão de fluidez da vida. Vida que se afirma enquanto tal nos pés daqueles que sabem dançar; que afirmam a dança e não mais afirmam o exercício de carregar; que sabem dizer um não agressivo no lugar de um não ressentido até finalmente conseguirem ser fluidez, afirmação da terra e do corpo. Ou seja, a vontade de potência, como expressão da vida, como constelação de forças, mar de forças sem início ou fim, podem ser qualificadas segundo um critério de passividade ou reatividade e a proposta de Nietzsche é apostar numa resposta afirmativa, que poderia ser anunciada pela imagem da criança ou pelo "devir-artista" em nós. Como imagem da inocência do devir que joga com a vida no tabuleiro das forças, tal como Heráclito, o filósofo do devir, descreveu através da imagem do fogo e não no tabuleiro humano falsificado de jogo divino, como o platonismo de Platão nos fez sentir até hoje, através da noção de Ideia, partindo sempre de pressupostos morais que paralisam os processos e se prendem no olho, desqualificando o corpo. Tudo está em devir, ao mesmo tempo em que o ser é o ser do devir enquanto tal, como dirá Deleuze no livro dedicado a Nietzsche chamado "Nietzsche e a filosofia". Uma imagem, portanto, que não implica nada pueril, ao contrário, ela não foge do trágico, mas aprende a dançar com ele porque sente que é a vida a avaliadora do jogo, na qual quem joga são as forças do acaso, não havendo vencedores ou perdedores. O jogo não é fechado num sistema, ele é feito de pura abertura às forças que determinarão seu destino imprevisível. *Aion*, o tempo eterno é o jogador ideal: o próprio jogo. *Aion* é a linha de fuga de um corpo tornado acontecimento, um corpo que, sendo pura expressão desse tempo no acontecimento, não abre espaço para representação

O acaso ou a ocasião platonismo em nós, cristianismo em nós, modernidade em nós, capitalismo em nós, Estado em nós, nos afastou desse plano ativo, porque eternizamos o resultado do jogo transmitido assim pela história como se fosse expressão do próprio jogo que a anima e nos anima. Em outras palavras, o arranjo desse tabuleiro que cria vencedores e vencidos sempre torna a vida perdedora, mas agora um acaso-vírus colocou esses outros acasos - pensados como resultados inevitáveis e inquestionáveis posto que obedientes a cronos e encarnados em nós no relógio diário de nossas práticas -, no tamanho que têm: minúsculos diante do gigante- ínfimo vírus que trouxe o poder de mostrar a falência desse mundo construído até aqui e a necessidade de o valorarmos a partir da terra e a nós mesmos dessa outra maneira, como um novo começo, como um meio- dia em que a sombra está mais curta e na qual ciclo e instante se cruzam para que, dessa brecha surgida daí, um mundo se alargue. Ciclo e

instante vivem a se cruzar em nós mesmos e na história no modo eterno retorno. Por vezes escutamos, ao longe, esse chamado, mas ele se torna uma sombra breve, pois logo em seguida tiramos da cena nosso ouvido e colocamos nosso olho de volta na regência da vida governado pelas forças e formas do socius, ou seja, voltamos para a estaca zero das representações, repetimos o mesmo, sustentamos o mesmo e nesse sustentar alimentamos a mesma história como se nada pudesse mudar. Porém, agora, a sombra mais curta atingiu o planeta e se mantivermos a mesma resposta talvez não haja mais escuta possível... O encontro com os saberes dos povos originários tem sido a escuta necessária para esse momento, que, infelizmente, demorou para ser escutado. Mas também a escuta por outros saberes antes da emergência da racionalidade ocidental como metro do pensamento ou saberes de outras culturas que acabaram sendo conduzidos para o universo esotérico, poderiam nos ajudar a sentir de outro modo.

Comenta ainda que a proposta da anti-tese era também combater a psicologia do padre, expressão usada por Nietzsche e lembrada por Deleuze e Guattari no *Anti-Édipo*, quando diz que o que sempre houve foi uma única psicologia: a do padre!<sup>4</sup> Através dela, dirão os autores, o desejo foi pensado como falta, decalque do ideal ascético que encontraria nos pais seu espaço de codificação; como se o desejo se resumisse a lei (pai) e território (mãe) e todo campo social de onde tais enunciados emergem não tivesse participação nessa pobre representação de nós mesmos. Afinal, a psicanálise dirá que trata-se de estruturas edípicas que, por nos constituírem, definiriam o desejo faltante e o sujeito falante desse desejo como uma espécie de aderência inevitável presente em nosso inconsciente sempre amordaçado por elas posto que só se expressaria através delas. Essa aderência interpretativa que se pauta em elementos transcendentais: mãe, pai, lei, enfim, nesse "platonismo para o povo" portanto, como diria Nietzsche referindo-se ao cristianismo em nós, a esse poder pastoral, em *Além do Bem e do Mal*,<sup>5</sup> é combatida no texto. Daí, a criança aparecer para lembrar-nos do excesso de vida que pulsa em seu jogo inocente com as forças que desenham sua constelação afetiva, explorando os meios sem receio e criando, a partir deles, as ferramentas essenciais de sua atividade psíquica, como dirá Deleuze no texto: "O que as crianças dizem" do *Crítica e Clínica*, sendo pai e mãe também um meio que a criança percorre, como os demais. Ser um meio não é ser uma coordenada do inconsciente, mas um conector ou

---

<sup>4</sup> Cf. Deleuze, G ; Guattari, F. *Psicanálise e familiarismo: a santa família ( o desejo ignora a lei, a falta e o significante)*. In: *O Anti-Édipo*, São Paulo: Ed.34, 2010, p.152.

<sup>5</sup> Cf. Nietzsche, F.. *Prólogo*. In. *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras , 1992, p.9.

desconector da possibilidade das andanças da criança. Quanto mais trajetos, mais devires, mais imagem como blocos de sensações. Claro que para que esse exercício se efetivasse teve a sorte de ter encontrado parceiros em sua mãe e pai que não obstaculizaram essas aventuras, deixando-a livre para encontrar suas coordenadas e quando, num determinado momento da anti-tese, há a narrativa da morte do pai, o que pediu passagem ali não foi a dor da perda de uma representação da lei, mas a costura de uma amizade e a aprendizagem do excesso de vida que transborda num bom encontro e que se expande em outros encontros, não por representação da figura do pai neles, mas por conspiração amorosa com outro ser que compôs e compõe com E.L.A, delizando esse aprendizado na memória de sua pele. Tratava-se da narrativa do efeito do encontro de corpos e não de representações para o encontro. Não se está falando de Édipo, como entidade metafísica da psicanálise, mas de "um menino, de um moleque morando sempre no coração d' E.L.A" porque aqui era o tempo da experiência de um bom encontro falando com E.L.A. e com os demais, o tempo senhor e criança, tal como o tempo que abre a introdução da anti-tese e que se materializava também nas imagens-sensação com as quais desenhou a partida de seu pai, que venta n'E.L.A, como a outra imagem complementar do tempo presente também na introdução. E, por obra de kairós, também se manifestou num vídeo do youtube que achou sem procurar, deu-se a E.L.A quando tinha tão somente a vontade de ilustrar essa passagem com a música do Milton Nascimento e, ao colocar no google "bola de meia, bola de gude", a primeira menção a música foi o vídeo. Nessa hora, E.L.A chorou copiosamente porque sentia que aquela composição de imagens condensava suas palavras: desejo como expansão do corpo, tempo como oração, enfrentamento da morte a partir de uma aprendizagem estoíca ofertada por seu pai em que fim e início se cruzam como um instante em que aquilo que se eterniza é o amor a vida ventando n'E.L.A. Ali podia sentir na pele o que aprendera com a morte e vida de seu pai que materializava tudo que havia lido dos estoícos e que também podia ser sentida nas canções da abertura de sua anti-tese. Leituras e modo de existência são pipas que se cruzaram no vento da despedida. Cada um tem a cartografia que merece de acordo com o modo pelo qual a desenha no espírito do corpo!

Indaga se a banca havia observado que as notas de rodapé, em alguns momentos, apareciam tal como se faz normalmente em teses, indicando autor, livro e fazendo algum comentário conceitual e que, por isso, o estilo de letra era times new roman, comum a escritura das teses em geral, mas o texto em si, o corpo do texto, tinha outras fontes, sendo a maioria de máquina de escrever. Essas mudanças na fonte funcionava

como mudanças na vida desse corpo, como se marcasse tempos diferentes e/ou afectos diferentes no momento da escrita. Essa sutileza poderia ser pensada como uma certa metodologia da escrita, seu pulso. Também tinha notas finais. Não quis colocar tudo em nota de rodapé para não fugir da proposta de anti-tese. As notas de rodapé aparecem até um determinado momento, mas desaparecem junto a parte da pandemia, porque, nesse momento, o E.L.A não permitia mais notas de rodapé, porque ali o texto se abria completamente para a literatura e colocar notas de rodapé atrapalharia, desviaria o sentir do leitor. Mas talvez mudasse essa jogada estilística e separasse tudo que fosse acadêmico em notas de fim, deixando apenas no texto as notas que não tivessem o rosto acadêmico, mas não como notas, mas inseridas no próprio corpo dele, entre parênteses, quando se tratasse de links de música ou qualquer outro elemento mais artístico.

Comenta ainda que a variação de estilos de letra e maneira de se expressar também tinham uma estreita relação com a proposta nietzschiana de multiplicação de gestos de escrita, de estilos de escrita que não se mantêm uniformes porque não descreveriam processos. Por isso, quando a escrita trazia a sombra acadêmica, se apresentava através da fonte times new roman, como a que usa nesse momento para escrever esse texto da qualificação (com notas de rodapé também com essa fonte) ; quando a escrita se remete a memórias longínquas ou situações que se tornaram longínquas a fonte é no estilo mais próximo da máquina de escrever courier new, que percorre a maior parte do texto, com exceção de e-mail e whatsapp cuja fonte é arial posto que é a fonte tradicional usada nesses dispositivos, mas quando o E.L.A aparece, como impessoalidade dos/nos processos, como flecha em estado pleno, a fonte é **calibri** por conta da semelhança de sonoridade com colibri, pássaro que é um gênero de beija flores, que gosta de florestas montanhosas e são os únicos capazes de voar para trás e para frente! Mas também lembra calibre, que lembra tiro e tiro, para ela, não remete a tiro de arma, mas o tiro de arco e flecha que espiritualiza o pensamento! Essa fonte é usada também para apresentar as trilhas sonoras. E os títulos que separam as partes da anti-tese usam a fonte Andalus tão somente porque essa fonte lembra a música Andaluz de Djavan (<https://www.youtube.com/watch?v=GJ-0NggAYEI>) letra que parece uma leitura "trans" da espiritualidade.

Diz que tem uma série de artigos que versam sobre Nietzsche e a questão do estilo ou mesmo sobre o conceito de grande estilo em Nietzsche ou sobre a arte do estilo

que poderia vir nas notas de fim. Mas podia compartilhar uma passagem linda de Nietzsche sobre essa questão, que está no *Ecce Homo*:

Direi ao mesmo tempo uma palavra geral sobre a minha *arte do estilo*. *Comunicar* um estado, uma tensão interna de *pathos* por meio de signos, incluído o *tempo* desses signos — eis o sentido de todo estilo; e considerando que a multiplicidade de estados interiores é em mim extraordinária, há em mim muitas possibilidades de estilo — a mais multifária arte do estilo de que um homem já dispôs. *Bom* é todo estilo que realmente comunica um estado interior, que não se equivoca nos signos, no *tempo* dos signos, nos *gestos* — todas as leis do período são arte dos gestos (...) que em meus escritos fala um psicólogo sem igual é talvez primeira constatação a que chega um bom leitor <sup>6</sup>(o uso do itálico em algumas palavras é do próprio Nietzsche).

Nessa anti-tese quis mostrar tudo isso que aprendera diretamente com Nietzsche: que estilo tinha relação com andança, materializava andanças, clima, tempo etc. Que estilo comunica tensões que se expressam na escrita sempre movida pela busca da grande saúde. Por isso, em algum momento da escrita, E.L.A nomeia-a como peregrina e também se serve de fragmentos de escrita feitos ao longo desse tempo do novo doutorado - nos quais anotava pensamentos que gostaria de desenvolver- que poderiam ou não se expandir na anti-tese. Namorava aqui Nietzsche através do que se convencionou chamar de fragmentos póstumos. Brincou de escrever tais fragmentos numa parte intitulada provisoriamente de: aforismos, poesia, flechas e flashes, mimetizada a essa forma nietzschiana de escrita que está presente nas anotações que Nietzsche fazia antes da feitura de livros ou brincando de fazer poesia como ele também fazia em algumas passagens de seus escritos. Talvez aja mudanças nessa parte. Pode acontecer deslocamentos do que está nela para outras partes do texto.

Em relação a escolha musical, fez também algumas observações. As primeiras trilhas sonoras são acerca do tempo. Uma de Caetano Veloso (oração ao tempo) que abre a introdução e uma de Tiganá Santana que fecha a introdução. Essa escolha é já uma primeira variação temporal e existencial da processo da escrita do E.L.A. Ao pesquisar sobre essa música, para falar dela nesse momento da qualificação, soube que Caetano a lançou em 1979 no disco cinema transcendental e, numa entrevista em 1980 quando falava sobre a feitura do disco disse que o fio condutor de todas as músicas foi algo que ele chamou de palavra cantada. Ficou toda arrepiada porque também usava essa expressão quando falava do poeta do aedo e percebia que ali, sem que ela soubesse, estava acontecendo um agenciamento do desejo no qual E.L.A e Caetano entendiam a

---

<sup>6</sup> Cf. NIETZSCHE, F. Por que escrevo livros tão bons livros. In: *Ecce Homo: como algupem se torna o que é*. São Paulo: Companhia das letras, 1995, p.57-58



importância do som guiando as letras. E ai, mais emocionada ficou quando ele dizia que " talvez, esse fenômeno decorra, um pouco, do cansaço do visual, da comunicação visual, da leitura. O fim dos anos 1960, os papos de McLuhan talvez tenham sido uma notícia desse cansaço. O olho dançou. O ouvido é uma coisa mais envolvente, mais participante. O som chega de todos os lados, entra em todos os poros. Pode ser que esse cansaço seja apenas passageiro. As coisas vão e vêm. Não creio nessa caminhada para a frente, como se pudesse haver um progresso." <sup>7</sup>

De certa forma, essa atmosfera do cansaço ocular marca essa anti-tese também e, no que tange a escolha da música "Oração ao tempo", ela marca um certo modo de pensar o tempo tal como proposto ao longo de toda anti-tese como infância e velhice - "senhor tão bonito quanto a cara de meu filho", como tambor de destinos (imagem que está presente na reviravolta dos processos da escrita d'E.L.A), é cronos e também divindades mais moleculares.

Mas, ao final, uma outra dimensão de tempo que expande essa - sobretudo através do signo sensível "tambor"- se apresentou aos ouvidos da escrevente de processos existenciais, com Tiganá Santana através da música Dembwa -10 de agosto (data que dembwa é cultuado nos terreiros)- não mais através de um disco de vinil de 1979 virtualizado no youtube e introduzido nessa anti-tese em 2021, mas por um link do youtube referente a um cd de 2010 que, no entanto, trouxe para o presente uma sonoridade de matriz africana, com língua africana mesclada ao português sobre o tempo pensado como Dembwa. E.L.A não entendia completamente letras, mas sua pele sim, ela se expandia e nela deslizava uma vibração que, ao percorrer todo o seu corpo, o colocava em total estado de alegria e abertura. Tenta arriscar, seguindo a própria letra, o que seria Dembwa. É tempo, mas tempo sentido como vento que pede para a folha dançar e nunca parar e sempre curar o dia; como ofício de abrir os braços quando não há quem abraçar; como exercício de espera até para os deuses; como mundo todo e como sangue da mulher; como o que levanta e derruba; como canto para o ato da caça; como perfurar do vento, para o rio cicatrizar e como lugar de proteção do guerreiro que nos protege. Lê, no site em que escuta a música, que Dembwa fazia parte do álbum Maçalê de 2010, que E.L.A escuta inteiro e esse "cd" foi descoberto dentro do seu processo de escrita na mesma época do sonho do bongô (2018) e marca o primeiro batuque que fez

---

<sup>7</sup> Cf. Entrevista realizada em São Paulo, em 5 de dezembro de 1979, e originalmente publicada na revista *Código 4* (Salvador, ago. 1980). <http://sibila.com.br/critica/caetano-veloso-1979/3730>. Acesso em: 10 de jan 2022.

sozinha, em sua sala, para E.L.A e os deuses, pedindo permissão a eles. Nessa época sentia e se emocionava com a sonoridade e essa sonoridade foi responsável pelas partes mais bonitas da anti-tese. Hoje sabe que Dwemba é uma visão do tempo, da energia do ar ou de vários eventos ligados as estações climáticas, logo, ligado ao movimento constante, simbolizando todas as flutuações (estações, a temperatura, o vento, a chuva e o sol. Senhor das árvores sagradas, da cronologia para o povo bantu, que levanta e derruba. Tiganá, no encarte do álbum escreve: "Maçalê quer dizer 'o poder do Orixá em mim'. Por esta razão extrema e central, eu dedico este disco (que é pouco, raso e descontínuo) ao Caçador-Mor. É Ele o que mais acredito e priorizo no ato, no fato e na sensação de existir, minha divindade-essência, meu eu-mesmo transbordado para a efetiva ultrapassagem. Todos possuem um transbordo. Transmito-lhes aqui um carinhoso e reverente apelido do meu. É uma partilha que se pretende íntegra. De agora em diante, recebo-os em minha casa alugada..."<sup>8</sup>

Tem teses discutindo essa letra Dwemba! Infelizmente não teve tempo de lê-las, mas já as separou para ler em outro momento. No entanto, folheou a tese de Tiganá Santana Neves Santos e alguns artigos dele e se arrepiou ainda mais. Embora não tenha como desenvolver um diálogo profundo com ele nessa anti-tese e talvez jamais o faça porque sente como desrespeitoso incorporar em seu mundo algo que não faz e não tem como fazer parte de seu caminhar, só se permitindo apresentar pequenas estrofes desse universo na forma de signos, na forma canção ou sonho, pede licença para compartilhá-lo como estado pele que se arrepiou e se alargou. abrindo-se para um bom encontro. Sentiu, folheando a tese de Tiganá Santana, que havia uma semelhança entre a intuição do meio dia nietzschiano que E.L.A usa na escrita a partir de Nietzsche, como tempo decisivo da virada das forças<sup>9</sup>, com o meio-dia no candomblé. No candomblé, segundo

<sup>8</sup> Cf. em [https://www.youtube.com/watch?v=Qn4S2eZFG\\_I](https://www.youtube.com/watch?v=Qn4S2eZFG_I). Acessado em 10 de ago de 2018

<sup>9</sup> Eis algumas passagens de Nietzsche: " Minha tarefa de preparar para a humanidade um instante de suprema tomada de consciência, um grande meio-dia em que ela olhe para trás e para adiante, em que ela escape ao domínio do acaso e do sacerdote, e coloque a questão do por quê?, do para quê? Pela primeira vez como um todo –, essa tarefa resulta necessariamente da compreensão de que a humanidade não segue por si o caminho reto, que não é regida divinamente, que na verdade, sob a suas mais sagradas noções de valor, foi o instinto de negação, de degeneração, o instinto de décadence que governou sedutoramente EH, Aurora 2. / [...] Está chegando o dia, a transformação, a espada da justiça, o grande meio-dia: muita coisa então será revelada! E quem proclama o Eu sadio e sagrado e o egoísmo bem-aventurado, em verdade também proclama aquilo que sabe e profetiza: "Vê, ele está chegando, ele está próximo, o grande meio-dia!. ZA III, Dos três males 2./Retornarei eternamente para esta mesma e idêntica vida, nas coisas maiores e também menores, para novamente ensinar o eterno retorno de todas as coisas, – para novamente anunciar a palavra do grande meio-dia da terra e dos homens, para novamente anunciar aos homens o super-homemZA III, O convalescente 2.

ele, meio dia é chamado de hora aberta<sup>10</sup> quando a parteira diz que precisa esperar passar a hora aberta para o rebento nascer. Em outro escrito dirá que "*Tukula* é meio dia mas também quando você já se criou, já se educou, já se desenvolveu e está pronto para ser no mundo, para agir no mundo, para ser liderança no mundo. Liderança que *nzambi* lhe deu e que você, também, escolheu para seguir. E *Luvemba* que é quando se completa um ciclo para se iniciar outro; o caminho de todo mundo.<sup>11</sup>. Além disso, se o meio-dia tem relação com a vida, a meia-noite teria relação com a morte e a meia-noite, no Zaratustra de Nietzsche, tinha uma relação com declínio, com as formas do niilismo, mas ambas as horas eram horas abertas que precisavam se cruzar para que se rompesse com o círculo da mesmidade, para desaprender a pensar como homem, como "humano" e girar a vida de acordo com o girar da terra. Coloca, em nota de rodapé, algumas passagens de Nietzsche e de Santos e somente diz que a visão do eterno retorno foi descrita por Nietzsche como uma experiência de êxtase místico. Não fala mais nada porque acreditava que não era necessário falar mais, queria tão somente que pudessem sentir o que E.L.A sentiu quando esse agenciamento inesperado se apresentou.

Retoma então a anti-tese e explica que também trouxe um tempo macio, da época da graduação, com Patu Fu, que tocava muito na rádio e que ouvia na época em que redigia a monografia da graduação.

O girar dos dedos da escrita aconteceu quando o corpo d'E.L.A percebeu que todos nós somos cavalos de qualquer tipo de força que possa existir no mundo! O tempo, como força, como vento, tem muita beleza e muita sabedoria. E aí quando pensa que Dewmba é vento como imagem do tempo ou seu vulto, descobre também que o vento, em Deleuze é uma imagem recorrente. Deleuze diz, por exemplo, que há uma virtude impessoal do vento: O que é importante não são nunca as filiações, mas as alianças e as ligas; não são os hereditários, os descendentes, mas os contágios, as epidemias, o vento. As bruxas bem o sabem."<sup>12</sup> "O vento, como as bruxas, atravessa os domínios, espalha grãos, vírus, bactérias, palavras, dissemina doenças e vida, sementes

<sup>10</sup> C.f. SANTOS, Tiganá Santana Neves. Abrir-se à hora: reflexões sobre as poéticas de um tempo-sol (ntangu). Revista Eletrônica Espaço Acadêmico (Online), v. 20, nov.dez, 2020, p.4-11. Disponível em: <https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/53999/751375151153> Acesso em 10 de jan 2022.

<sup>11</sup> SANTOS, Tiganá Santana Neves. A cosmologia africana dos Bantu-Kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil. 2019a. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019, p.233.. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8160/tde-30042019-193540/publico/2019\\_TiganaSantanaNevesSantos\\_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8160/tde-30042019-193540/publico/2019_TiganaSantanaNevesSantos_VCorr.pdf) Acesso em 10 jan 2022.

<sup>12</sup> G. Deleuze e C. Parnet, Diálogos, São Paulo, Escuta, 1998, p. 83.

e terror. É o elemento das velocidades indomáveis e das direções inauditas. Mais do que um elemento, ou um meio, não será o vento uma força, a própria força da terra na medida em que ela se move – a terra desterritorializada?"<sup>13</sup>

Descobriu essas observações num artigo do Pelbart sobre vento e pólen, de 2015.<sup>14</sup> Mas só chegou a ele agora, nesse momento em que escreve essa fala de qualificação. As suas antenas de formiga certamente estavam em ação.

A feitura da introdução ocorreu em 3 momentos. A maior parte foi escrita em novembro de 2020. Depois continuada em abril de 2021 e terminada em novembro de 2021. E provavelmente sofrerá acréscimos agora em 2022 depois dessa qualificação.

A escolha pelas partes gravadas, 46 áudios que podem se transformar em mais dependendo do que vá ocorrer depois dessa qualificação, se fez a partir da seleção do que parecia ser mais literário, do E.L.A como virtude impessoal, como vento. Se fossem pensados em termos de páginas daria algo em torno de 56 páginas. Uma parte nasceu em 2018, quando estava em Brasília e as demais em 2020, 2021, 2022 sob o signo da pandemia, no Rio de Janeiro e em Niterói. Pode ser que faça mais gravações.

Assinala que a introdução gravada e as demais partes escolhidas são a efetivação da anti-tese no que tange ao que chamou de formas primeiras e também é o E.L.A falando dentro da proposta de diluição do eu. As partes gravadas são o "E.L.A sente os movimentos de sua caverna" ; a brincadeira sobre as notas de rodapé; depois uma repetição do E.L.A sente os movimentos, mas apontando para uma diferença na narrativa do que sente e a apresentação do título da tese, frisando a questão dos dois pontos. Mais a frente a leitura de uma cantiga de ninar feita para crianças. E aí, quando entra na pandemia retoma as gravações quando o texto volta a ser literário e depois, ao final na parte "água ar fogo terra água" buscou mostrar a repetição novamente do ritornelo "começamos de novo", mas para apontar o ultrapassamento do adoecimento e a afirmação do corpo de 49 anos que pode enfim se apresentar de outra maneira.

Como nessa anti-tese não há propriamente capítulos e subtítulos dentro deles, a passagem de um processo a outro se faz através de canções e algumas vezes vídeos que são como pulsos que movimentam as veias das palavras, pulsos-sangue das palavras, pulso-corção da sua pintura sonora, funcionam também como pausas para respiro e

---

<sup>13</sup> G. Deleuze e F. Guattari, O que é a filosofia, trad. Bento Prado Jr. e Alberto A. Muñoz, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992, p. 113.

<sup>14</sup> Disponível em : <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2015/07/26/da-polinizacao-em-filosofia-peter-pal-pelbart/> Acesso em 10 jan de 2022.

abertura para mergulhos nos abismos. Temos *Mama Kalunga*, com Virgínia Rodrigues; *Metamorfose ambulante* com Raul Seixas.; *tudo novo de novo* com Paulino Moska; *Sujeito de Sorte* com Belchior: Vídeo: *AMA - a short film* by Julie Gautier; *Paulino Moska- Mobile no furacão*; *Paul Dukas com L'Apprenti Sorcier*; *ABBA com Dancing Queen, Bola de meia, bola de gude* com Milton Nascimento; *Leve e suave* com Lenine; *Pequena Memória Para Um Tempo Sem Memória (A Legião Dos Esquecidos)* com Gonzaguinha; *Socorro* com Arnaldo Antunes; *Coração Selvagem* com Belchior; *A carne* com Elza Soares; *Sobre o tempo*, com Patu Fu; *Nostradamus*, com Eduardo Dussek; *Sítio do pica pau amarelo* com diversos cantores; *Acalanto* com Dorival Cayme; *Estrela de OXUM* com Monica Salmaso; *Linha do Equador* com Djavan; *Imaginary Landscape No. 4: March No. 2 (1951)* com Jonh Cage; *Brasil* com Cazuzá; *É*, com Gonzaguinha; *Samba da Utopia* (Jonathan Silva); *O dia em que a terra parou* com Raul Seixas; *Com o afeto das canções* com Rita Ribeiro e Zeca Baleiro; *Nza (The Universe Created Itself)* com Tiganá Santana; *Reverência também* com Tiganá Santana; *Canto de Oxum e Iemanjá* com Maria Bethânia e Mozart, que entrou nesse momento. Todas essas canções acompanharam a confecção de cada uma das partes em que elas aparecem. Não foram escolhidas para ilustrar a anti-tese, inseridas num momento posterior para lhe dar "forma" sensível. Fizeram parte do próprio processo da escrita, num processo em que ora chamavam a escrita ora eram chamadas por ela.

Há também, em alguns momentos, a demarcações dos lugares-cavernas que serviram de espaço no qual esse corpo atual se viu sentado para escrever, assim temos Del Castilho, Niterói, DF, Natal como os "CEPS" desse processo, como se marcassem andanças e paragens da autora em diferentes territórios, como também estavam presentes outros que habitou no passado e tem datas entre parênteses, mostrando o ano em que as partes foram escritas.

As partes da anti-tese que aparecem como recordações com pouco ou quase nenhuma lente poética ou sem a presença explícita do bloco de sensações da infância, não puderam trazer impessoalidade para o primeiro plano da escrita talvez porque fossem marcas mais recentes da memória afetiva do corpo. Memórias de dor, certamente. Mas, sobretudo, desejo de vômito e o vomitar nada traz de bonito para quem presencia e sente o cheiro do vômito, mas quando, aquele que vomita morde a serpente que produziu nele o desejo de vômito, uma boniteza trágica se faz ali e a boniteza desse processo também está presente na busca pela saúde que é a tônica dessa anti-tese, de modo que se fez necessário mostrar os alimentos geradores do vômito, o

circular deles no corpo da escrita e as modulações no tempo dos afectos que traziam de volta a criança que salva.

Essa criança que salva foi o pathos de distância que trazia a memória da força para o presente, distanciava a autora que escrevia para a banca, do horror de algumas imagens em seu corpo, aproximando-a de outro tempo em que o excesso da vida era seu guia. Tratava-se do júbilo da força que retorna. Como um sussurro da vida para lembrar que ela é muito mais do que aquele presente estrangulador. O pathos de distância, para Nietzsche, é o exercício da nobreza de nossas forças, é governar o afeto dentro dele mesmo, produzindo um certo distanciamento, mas esse "governar" não implica em encontrar um juiz em nós que pegaria o leme, como um eu que nos tiranizaria para esse ou aquele lugar, tal como o olho socrático-platônico ou o super-ego psicanalítico. Esse governar é um certo modo de cartografar esse emaranhado de forças que nos desenha, que desenha nosso desejo, como fios de uma teia de afetos variados que ora nos puxam para um lado, ora para outro, mas tendo como "árbitro" o que o corpo pode, por onde o desejo caminha, onde ele estanca e como estanca e para quê estanca. Em psicanálise seria o momento em que elaboramos algo, que rompemos a recordação e a repetição do mesmo, muito embora essa bela imagem psicanalítica não se efetive na psicanálise tradicional quando ela nos faz pensar que se trata sempre do retorno do recaiado cujo conteúdo sempre está remetido ao Édipo que seria a origem e o "corpo" do desejo. O que se repete e que permite deslocamento é quando isso que retorna são forças emaranhadas e, nesse retorno traz elementos diferentes capazes de alargar nosso campo desejante. Mas nem sempre é possível atingir tal nobreza e isso fica evidente nas partes sobre a engrenagem baiaçu da academia (e não só dela) ou sobre Brasília, na parte sobre a justiça que foram escritas-vômito.

A escolha musical também cumpria essa função de pathos de distância, tanto para E.L.A., quanto para o leitor. Porque a forma como a escrita se apresentou, com parágrafos longos (mania aprendida com a leitura de Nietzsche que escrevia assim e de tanto lê-lo acabara pegando esse modo de se expressar no plano de intensidades que sabe que um assunto não se esgota tão rapidamente, daí a dificuldade de passar para outro parágrafo sem ruminar em excesso), com temas difíceis de digerir, precisavam de pausa e a música trazia isso sem atrapalhar o processo. Mas a escolha dela não foi pensada antes; aparecia durante o próprio processo da escrita, como já mencionara.

Por fim, uma coisa importante que talvez mereça destaque é o modo como a memória foi construída na anti-tese e que muda o tom da escrita. Só percebeu essa

mudança quando leu/ouviu até o final tudo que escreveu. E aí, precisa retomar a discussão sobre pathos de distância. Se pensarmos na questão da nobreza do pathos de distância, talvez ele tenha se feito presente quando a escrita conseguia misturar tempos e todas as partes em que essa mistura se fez a lembrança adivinha da memória do corpo; das imagens que saltavam para os dedos sem precisar fazer esforço para lembrá-las. Embora o E.L.A não se apresentasse aqui como força impessoal, havia pathos de distância e, junto a ele, passagens poéticas. Porém, quando adentrou na engrenagem baiacu ou quando falou das engrenagens do Judiciário em Brasília, percebeu que o pathos reativo ganhou a cena alimentado não por essa memória espontânea do corpo, mas pela memória prótese (conversas no whatsapp, no facebook, e-mails). A escrita detalhada não foi obra de sua memória, ela não acumulou aquilo, mas esse aquilo veio de registros fora de seu corpo. Aqui não era memória máquina de escrever, mas memória ciborgue e talvez a letra aqui, a fonte precise ser outra para assinalar essa passagem, até porque nelas a criança não aparece porque não há espaço para ela brincar. Ou será que brinca, mas como gente grande, através da ironia? Não sabe ao certo, o que sabe é que o excesso de detalhe veio de memória prótese, artificial porque o que efetivamente estava gravado n'E.L.A eram algumas cenas, mas não aquelas...Mas se estivesse escrito a partir dos lampejos que existiam em seu corpo, talvez a escrita dessas partes não fizesse sentido... Será que isso era envelhecimento, no sentido de que as memórias mais recentes vão saindo de cena e as antigas ganham mais destaque sem precisar do uso da memória prótese? Podia ser...mas também podia assinalar que criar pathos de distância em eventos tão recentes talvez não seja possível, sobretudo porque em função da velocidade em que tudo acontece fora de nós e em nós, nesse presente digitalizado, algoritmizado, confeccionado por inteligências artificiais que nos sobrecarrega, somos incapazes de lembrança e digestão porque o tempo se encurtou... Aqui o tempo do enfado pode ter adentrado na escrita, o tempo da urgência que acabou se apresentando, talvez, como narrativa de um trauma, como se, naquele momento, o que se movia na escrita e no desejo de escrever sobre a engrenagem baiacu e a engrenagem Justiça em Brasília, fosse a acreditação, como se precisasse de testemunhas que a ouvissem...

De todo modo, se isso se apresentou dessa maneira e a partir desses instrumentos prótese, algo interessante poderia sair daí, mas em outra pesquisa ou como convite de pesquisa de outrem, pois daria muito o que se pensar em termos da construção de outra memória, que produz dor por outras vias, que não a que o corpo teria caso lembrasse por

si mesmo. A tentativa de usar essas memórias prótese como uma forma de afirmar a "verdade" dos "fatos", esquecendo dos meios que a autora usou para esquecer. Captura da memória pelo modo de subjetivação do presente e invenção de uma outra, simulacro sem corpo, mas que atualiza o corpo antes existente. Aqui fica evidente a subjetivação digital e a memória tecnológica. Memória- ciber não é memória do corpo ou seria um novo corpo ou seria algo novo entre mundo e corpo? Aqui as demais dimensões do tempo não aparecem porque impedidas de aparecer por excesso de presente. Aqui seria o tipo impulsivo que acaba enfadado...

Saindo dessas indagações e voltando para a anti-tese, E.L.A então perguntaria a banca se entenderam a escolha da mosca para fechar a anti-tese. Assinala que esse texto final havia sido escrito bem antes, em 2018. Ele dizia desse estilo de escrita rizomático e também invocava o vento do início da introdução através do vento das asas da mosca. Mas ela só se tocou que desse encontro de imagens no final de 2021 quando preparava o texto para a banca. Percebe também que embora o olho aparecesse ali como central, não era o olho humano, mas o da mosca e o olho da mosca coloca tudo em câmera lenta de modo que, diferente do olho humano, alarga o tempo e nesse alargar consegue se defender melhor do que nós quando a olhamos, como se ela pudesse "congelar" nossos passos antes do nosso gesto para pegá-la porque nossas ações e reações são percebidas por ela como se fossem bem mais lentas. Somado a isso, há a lembrança auditiva da rádio relógio, a primeira professora de verdade da escritora dessa anti-tese e que também trazia um elemento afetivo d'E.L.A e n'E.L.A por conta do rádio ser um elemento que liga a autora a seu pai, pois este fez um rádio e foi nesse rádio que ouvia a rádio relógio. Tinha esse rádio até hoje. Poderia até colocar uma foto! E só nesse final arrisca assinar seu nome porque concorda com Deleuze quando, inspirado em Nietzsche, diz que ele:

"dá o gosto para cada um dizer coisas simples em nome próprio, de falar por afectos, intensidades, experiências e experimentações(...)Dizer algo em nome próprio (...) não é em absoluto quando nos tomamos por um eu, por uma pessoa ou um sujeito que falamos em nosso nome. Ao contrário, um indivíduo adquire um verdadeiro nome próprio ao cabo do mais severo exercício de despersonalização, quando se abre ” Ou seja, é preciso aprender a “se abrir às multiplicidades que nos atravessam de ponta a ponta”<sup>15</sup>”, implicando numa “despersonalização de amor, não de submissão”.

Rene Scherer, por sua vez, complementa essa análise deleuziana dizendo que:

"a exaltação nietzschiana de si, ou até mesmo do “eu”, não tem nada a ver com o recuo implicado no narcisismo contemporâneo; que se trata, bem ao contrário, de uma maneira de se abrir, de se entregar às forças que nos atravessam, de aumentar a

<sup>15</sup> DELEUZE, G. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992, p.15



intensidade da potência de ser e de agir(...)abrir-se, por amor, ao outro que não é, necessariamente, uma outra pessoa, mas, talvez, um animal, uma coisa qualquer, ou também um humano, mas que não recebe, por essa razão, um privilégio particular"<sup>16</sup>.

Por isso E.L.A, nesse final do processo, se autorizou a assinar seu nome próprio. E, por fim, um medo. Pergunta: será que essa anti-tese pode se transformar exatamente na imagem do menino que oferece um espelho pro Zaratustra num sonho? Se não lembram do que se trata, eis a imagem: O menino pede para Zaratustra se olhar no espelho e no lugar de ver-se aparece um riso de um demônio, indicando que aquilo tudo que dissera não havia sido compreendido, que tudo foi distorcido... Mas viver, assim como escrever, envolve riscos. Que venham então todas as orelhas!

**Tudo isso que E.L.A escreveu acima partiu do que disse no dia, mas, ao reescrever, começou a pensar junto e, tendo seu corpo afetado pelas linhas, acabou acrescentando novos detalhes que não apareceram no dia. Esse é sempre seu problema. A escrita nunca acaba. Ela (E.L.A) não para de crescer, tem vida própria e não quer ser podada! Mas E.L.A sabe que a poda faz a planta ficar mais forte e por isso, buscará, ao longo do texto, tirar seus excessos, como a própria banca assinalou . Mas confessa que tem receio de ler alguns livros que ofereceram a E.L.A- não porque estivessem faltando na sua escrita, mas para inspirá-la, como disseram - porque tudo que lê e a afeta, cresce n'E.L.A e seus dedos se agigantam e pedem movimento! Abandona Mozart aqui e deixa a voz de Ninah Jo trazê-la de volta para a anti-tese com a música Renascer do CD: Caminhos de mim: <https://www.youtube.com/watch?v=gUYObRiEacY> , sonoridade inspirada em Camile Saint-Saens : The Swan (Le Cygne) - Carnival of the Animals - <https://www.youtube.com/watch?v=b44-5M4e9nI>**

---

<sup>16</sup> SCHÉRER, RENÉ. APRENDER COM DELEUZE *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 93, p.1188, Set./Dez. 2005. Disponível em <https://www.scielo.br/j/es/a/GmQZtY6nDyzP9TZFxPZzZtb/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 15 jan 2022.

## ESCLARECIMENTOS PÓS- QUALIFICA(N)ÇÃO

Olhando para anti-tese com os ouvidos do que escutou na qualifica(n)ção E.L.A fez alguns ajustes na escrita e no formato, mas sempre respeitando a temporalidade da memória. Não que tivessem pedido isso a E.L.A. O que pediram foi que mantivesse a flecha da escrita tensionada, soltando-a na hora certa para percorrer alvos cada vez mais distantes e que ficasse atenta para os perigos do ressentimento. Não foram essas as palavras exatas, mas essa é a forma como E.L.A consegue expressar o que ouviu. Essa escuta foi fundamental na continuidade de seu processo e conforme tirava uma coisa daqui, acrescentava outra ali, foi percebendo nascer espaços abertos que lhe possibilitaram dividir a anti-tese em partes sem perder sua poesia. Inicialmente só tinha uma capa com o título da anti-tese e uma espécie de capítulo intitulado: "Trajetória do tempo, tempo das trajetórias: repetição e diferença" que E.L.A sentia que condensar todo o processo e o intervalo entre um tópico e outro se dava através das músicas. Mas, conforme lia e relia o escrito, sempre falando em voz alta para ouvi-lo, algumas imagens saltaram e outros "capítulos" surgiram, bem como subcapítulos mantendo, em sua maioria, o ano em que cada escrito nasceu e o local de nascimento. No primeiro **"TRAJETÓRIAS DO TEMPO/TEMPO DAS TRAJETÓRIAS:REPETIÇÃO E DIFERENÇA"** nasceram os subcapítulos: *Exercícios espirituais para dissolver o olho* (Brasília-DF/ 2018); *Qualifica(n)ção* (Niterói, janeiro de 2022); *O corpo transdisciplinar(do)I* (Del Castilho-RJ- novembro de 2020); *O corpo transdisciplinar(do) II* (Brasília- DF -2018-2019/ Del Castilho-RJ- fevereiro de2020 /Niterói- RJ-2021-2022); *A engrenagem baiacu I- A sabedoria de Imenajá agindo n'E.L.A* (Niterói- RJ-2021-2022); *A engrenagem baiacu II- Quando a pele avisa que as libélulas são baratas disfarçadas; A transmutação das baratas em libélulas poéticas; Desfazendo a engrenagem baiucu n'E.L.A- a compreensão do recado de lemanjá; Do corpo amoroso ao corpo colapsado- um passo atrás para dar um passo a frente?-Parte 1* (Niterói- RJ-2021-2022); *Pausa para um instante transformador: Morte do pai Almeida Nascimento* (Niterói-RJ-2020); *Do corpo amoroso ao corpo colapsado ouvido por Belchior n'E.L.A-Parte 2* : 2016-2017 (Niterói, 2020). Surge um segundo capítulo intitulado: **O QUE ESTÁ ACIMA É IGUAL AO QUE ESTÁ ABAIXO: ETERNO RETORNO DA BENÇÃO E/OU DA MALDIÇÃO?** do qual derivaram os seguintes subcapítulos: *O que está acima é igual ao que está abaixo; A*

*carne mais barata do mercado* (Niterói, 2020); *Brasília - Um laboratório do nojo* (Niterói 2021-20122); *O eterno retorno do espírito de vingança: as engrenagens do Judiciário*; *Brasília-DF 2018: novas formas de platonismo para o povo em nós?* e *E.L.A e seu computador I*. Um terceiro capítulo intitulado: **ENCANTAR-SE COM OS NASCERES: A ESCUTA POÉTICA DOS SIGNOS**, subdividido em : *A escuta do ínfimo*; *ouvido e a formiga*; *E.L.A ,as baratas e outros insetos*; *Brasília-DF/ morcegos: primeiro anúncio da pandemia?: A beleza dos nascimentos e a abertura para os acontecimentos* e *Espelho estelar de oxum*. Um quarto capítulo intitulado: **BLOCO DE SENSAÇÕES PANDÊMICAS E FLASHES DE INSTANTES DE PENSAMENTO**, subdividido em: *Niterói, Rio de Janeiro, 2020- pandêmico*; *Imagens poético-virais*; *Com que sonham as crianças.*; *Niterói-RJ, março de 2020/ dezembro 2021 pandêmicos* e *O que falava n'E.L.A nos encontros acadêmico-afetivos*; um quinto capítulo sem subcapítulos chamado **FRAGMENTOS PÓSTUMOS DO E.L.A DA (NA) ANTI-TESE-** que condensa rascunhos do que gostaria de desenvolver e tais rascunhos saltam propositalmente para a própria "capa" do capítulo para evidenciar que ali não havia discussões organizadas e uma parte "final" intitulada **ÁGUA AR FOGO TERRA ÁGUA Nza (The Universe Created Itself)** que termina, propositalmente, com uma folha em branco. Após essa folha há notas conversa que só serão **colocadas** no final do processo, seguidas de um anexo que seria a **IMAGEM INVERTIDA DA ANTI-TESE** ou a **ANTES-TESE-** o projeto de doutorado apresentado ao programa. Não haverá referências bibliográficas. Estas só existem no projeto.

Estava a poucos passos do término, recheada de alegria por saber-se, ainda, em estado de poesia. Nesse estado retoma novamente a escrita e acrescenta o ritornelo "Começamos de novo. E.L.A sente os movimentos do mundo" em diversas partes do texto para acentuar ainda mais a dança da repetição da diferença, da diferença da repetição como imagem circular do eterno retorno e imagem espiral da serpente cósmica do conhecimento. Precisava mostrar-se comendo a própria calda, tal como a imagem que trazia em umas das partes da introdução da anti-tese. Ao visitar as partes da engrenagem baicau e de Brasília, achou sua poesia e conseguiu exercitar o phatos de distância. Manteve, então, essas partes com fonte *courier new* porque agora foram incorporadas a sua memória digestiva, já não eram mais memória-

prótese. E, ao final desse momento de ordenação, descobriu-se aranha que teceu a sua teia. Imagem que acabou acrescentando na introdução, em junho de 2022.

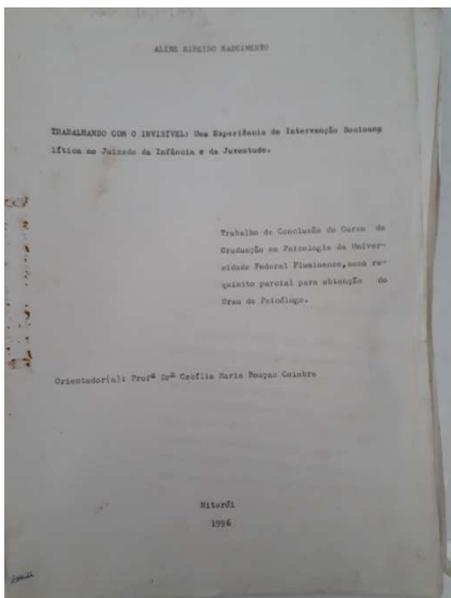
\*

## O corpo transdisciplinar(do)I

Del Castilho-RJ- novembro de 2020

Trilha sonora: Sobre o Tempo. Patu Fu

<https://www.youtube.com/watch?v=Fh0vvDWtX2s>



Começamos de novo. E.L.A sente os movimentos de um mundo de outrora de sua caverna. E.L.A adentra no tempo da sua monografia redigida na máquina de escrever Olivete, verde<sup>48</sup>). Ia finalmente se tornar psicóloga. O ano, 1996. Precisava entregar para sua orientadora no dia seguinte esse material, como havia prometido. Acompanhando esse momento, toca na rádio FM uma música sobre o tempo, do grupo Patu Fu. Cantarola junto: "Tempo, tempo mano velho, falta um tanto ainda eu sei Pra você correr macio/ Tempo, tempo mano velho, falta um tanto ainda eu sei Pra você correr macio/ Como zune um novo sedã/ Tempo, tempo, tempo mano velho Tempo, tempo, tempo mano velho/ Vai, vai, vai, vai, vai, vai/ Tempo amigo/ seja legal/ Conto contigo/ pela madrugada/ Só me derrube no final Ah-ah-ah ah-ah Ah-ah-ah ah-ah Tempo, tempo mano velho, falta um tanto ainda eu sei /Pra você correr macio/

Como zune um novo sedã/ Tempo, tempo, tempo mano velho/  
Tempo, tempo, tempo mano velho/ Vai, vai, vai, vai, vai,  
vai/ Tempo amigo/ seja legal/ Conto contigo/ pela  
madrugada/ Só me derrube no final... oh-oh... oh-oh ah...  
Uh... uh... ah au Uh... uh... ah au Vai, vai, vai, vai,  
vai, vai.

E.L.A. gostava de sentir a maciez do tempo através da folha de papel e da dança das palavras. Escrevia poesias, poemas e reflexões sobre tempo, linguagem, natureza, espiritualidade, amor etc. nessas folhas desde que ganhara aquela máquina de escrever quando entrou para a universidade no início dos anos de 1990. Antes, escrevia em cadernos, prática que mantinha, mesmo aprendendo a usar a máquina. Nos cadernos escrevia o que viria a ser escrito posteriormente na máquina; fazia os esboços neles. E.L.A gostava da solidão da escrita porque não sentia solidão escrevendo. Sentia o mundo todo em seus dedos, em sua respiração, no cigarro que a acompanhava desde então. Sim, o hábito de fumar tem uma relação íntima com a escrita na máquina de escrever. Nasceu praticamente junto ao prazer de estar no mundo sendo mundo através dos dedos, sendo pensamento que não se sabe existir porque salta na folha sem que E.L.A pense nele, antes ele pensa n'E.l.A, pensa nos dedos d'E.L.A. Escrevia e guardava os escritos. Não mostrava a ninguém. Aquele era seu mundo. Ele bastava pra E.L.A e achava que era incomunicável aos demais, afinal, quando olhava ao redor e tentava comunicar o que os signos sensíveis lhe sussurravam, não encontrava eco, sentia-se fora do universo humano, não tinha interesses mundanos-mercadológicos, nem mesmo quando criança. Desde criança preferia a presença das formigas, borboletas, joaninhas, pedras as das bonecas, bem como de quaisquer outros brinquedos . Parecia não precisar de mais nada. Mas gostava de brincar com outras crianças. Meninos e meninas. Não

havia distinção de gênero. Todos brincavam juntos e de tudo, mas, esse tudo, os instrumentos que construíam esse tudo, era o que estavam a mão: pedras, barro, subida nas árvores, no mastro da bandeira da escola - pois sua casa era dentro de uma escola-, peças da oficina mecânica de ônibus que ficava ao lado da casa e que estavam no lixo e viravam objetos como carrinhos de rolimã ou outras inventividades, frutas dos vizinhos sempre roubadas, pipas feitas em casa, pesca de barrigudinhos no valão do aeroporto que fazia divisa com o bairro, minhocas tiradas da terra que iam para o tanque, mergulho dentro da lata do lixo cheia de água, balões feitos a mão chamados de maria fumaça, ajuda às formigas (observava as folhas que mais levavam para suas casas embaixo da terra e colocava várias na entrada delas), mastigava-se flores e sugava-se flores também observando o que as borboletas faziam. Roubavam doces escondidos do armário da escola e, muitas vezes, quando tinham dor de barriga, todos iam para detrás da escola e faziam cocô juntos, um do lado do outro, limpando-se com folhas de bananeira que tinha aos montes naquela parte da escola. Sempre sabia quando ia chover olhando para a direção em que os pássaros voavam e também acreditava que podia mudar o tempo se desenhasse um sol na terra. Tinha todo um mundo encantado ali. Não havia falta. Não sabia o que era falta. Também se ouvia muita música no rádio e se dançava muito, momento delicioso em que subia nos pés da mãe ou da tia e eles a conduziam pra lá e para cá, ao som de um bolero.

No entanto, aos 9 anos ou 10 anos, num delírio místico e megalomaniaco, teve sua primeira grande crise existencial: temia ser escolhida como Messias, afinal havia ouvido, no catecismo, que ele poderia aparecer a qualquer hora e ser qualquer um, pelo menos, foi como ouviu. Ia para o telhado da casa de sua avó, olhava para o céu, chorava

copiosamente pedindo para que Deus jamais a escolhesse, não se sentia a altura dessa missão. Não contava essa dor a ninguém também. Outras vezes, no mesmo período, tinha pesadelos recorrentes de que a água invadiria o mundo e tudo desapareceria. Nesse período, que foi dos 7 anos ou 8 em diante (1979 ou 1980) não morava mais com a avó na escola, mas a visitava recorrentemente. Agora era condominizada e começava a ser inserida em outra lógica de brincadeiras em que menino brinca disso e menina daquilo. A subjetivação da classe média não lhe caiu bem. Sua primeira expressão ocorreu no concurso de "Miss Universo" que participou e no qual curiosamente ganhou o concurso, era a Miss Polônia, sabe -se lá por quê. Como prêmio, ganhou flores, um livro "O pequeno príncipe", uma coroa improvisada e um bastão e teve que desfilar com véu azul pela rua. Não sentiu nenhuma alegria e ainda apanhou das outras concorrentes no dia seguinte, quando descia para brincar. Cumpriu as normas, mas depois disso se fechou em casa. Em casa, fazia pipas com folhas de caderno, cortava um quadrilátero, amarrava uma linha solta na ponta da dele, de onde amarrava as rabiolas e no centro colocava outra linha, que estava enrolada num carretel. Ligava o ventilador e as fazia voar. Aprendeu a ficar sozinha e a criar seu mundo com livros, música, escritos e pipas. Com o tempo, encontrou parceiros parecidos, mas poucos, que E.L.A. sabia escutar bem, pelo menos é o que diziam a E.L.A. Como gostava de estudar, era também procurada para dar aulas, sempre pelos meninos e, com o tempo, foi sendo incorporada nas brincadeiras deles de bola, futebol de botão, jogos variados e se saía bem nessas ações. Mas também era protegida por eles, quando a brincadeira era violenta demais.

Paralelo a isso, saíra da escola municipal Cuba, no bairro chamado Zumbi e adentrava na escola "militar" Newton

Braga, num bairro chamado Galeão, que ficava na praça do avião. Estudou muito para passar, com a ajuda de sua mãe, afinal, desde o jardim de infância era sua mãe que cumpria essa função e lhe ajudava a ser a queridinha das professoras, o que lhe possibilitava ir a todos os passeios que a escola pública promovia porque tirava boas notas, recebendo como prêmio esses passeios, que muito alegrava sua mãe. Lembra que ganhou o seu primeiro livro, no dia de seu aniversário da "tia" Vanilda, sua professora da 1ª série do primário com a seguinte dedicatória: "serás uma grande mulher" que sua mãe guarda até hoje. Mas, a mudança para o cenário militarizado mudou os encontros alegres que tinha, usava calça comprida no lugar de saias, ficava em fila antes de entrar na sala, cantava o hino militar da escola "herói do ar, que a pátria consagra, salve newton braga!; precisava ver a bandeira sendo hasteada todos os dias e achava tudo muito estranho, mas não sabia bem por quê. Se tornou ainda mais comportada. Não levantava a mão nunca para tirar dúvidas. Não sentava no fundo da sala. Morria de medo do diretor do colégio. Detestava a aula de moral e cívica, sentia tédio, mas não contava a ninguém que detestava, até porque não teve facilidade de fazer amizades ali e poucos coleguinhas da escola anterior passaram na prova de admissão como E.L.A, mas ficaram em outras turmas, de modo que ao menos no recreio não se sentia tão sozinha. O ensino era bem difícil, mas E.L.A se saía bem. Por sorte d'E.L.A, sua mãe, percebendo sua tristeza, a cutucava para E.L.A fazer alguma travessura. Um dia tomou coragem e fez. Fugiu do colégio por um buraco, pegou o ônibus, chegou em casa mais cedo, contou a mãe e ela riu! Na adolescência, quando passava para o período intermediário entre o ginásio e o segundo grau, a chamada 8ª série, um novo corte se deu. Por tirar notas boas foi inserida na turma dos melhores. Eram 3 ou 4 turmas com esse perfil. Acabou perdendo a



amizade dos amigos anteriores que demorara para conseguir posto que não prosseguiram junto com E.L.A, os que prosseguiram, não lhes eram próximos e ainda eram mais disciplinados que ela. Mas, com o tempo os incorporou em sua vida e os inseriu na arte da travessura. Num determinado dia os convenceu a fugirem com E.L.A, mas pela porta da frente! Conseguiram e desde então não se separaram mais! Nos esportes se saia bem, sobretudo no vôlei e no handball, habilidades que acabou adquirido através de sua amizade com os meninos de seu prédio e com as demais crianças de sua infância intensiva antes da condominização. Futebol jogava no recreio, e era boa jogadora, mas não lembra dele estar presente nas atividades de educação física.

Sua entrada na Universidade não foi tranquila. O mundo da graduação era absurdamente diferente de seu mundo escolar militarizado. Como vinha sendo subjetivada a ter como meta tirar notas boas e ser calada em sala, estudava muito e interagia pouco. Fugiu da prova de calouros já no primeiro dia. Até entender que aquele mundo era mais liberto, demorou e esse demorar fez com que E.L.A fosse vista como CDF. Mas como uma menina travessa também morava n'E.l.A, num belo dia, se irritou com isso e montou uma cena. Foi para a praça de alimentação no shopping, sentou bem no centro dela, num ponto em que poderia ser vista por todos que entrassem na praça. Acendeu um cigarro e tomou um chop (sim, E.L.A fumava e bebia e não era proibido fumar em espaços fechados). Tal gesto chamou atenção dos colegas de turma que estavam chegando no local. Desde aquele dia E.L.A foi incorporada ao grupo como uma CDF gente boa e passou a sair com eles , como também a tirar dúvidas deles quando precisavam, coisas do tipo: fulana qual o livro que discute tal assunto? Onde acho, no autor tal, a referência a tal coisa? Mas, tudo isso, sempre em corredores, jamais em sala

de aula, até porque E.L.A, dentro das salas da Universidade, continuava tímida em excesso.

Já mais velha e instruída, numa espécie de delírio megalomaniaco, se sentia um pouco como Cassandra, a vidente amaldiçoada por Apolo que previu a destruição que adviria da guerra de Tróia , mas não se sentia tranqüila em dividir suas sensações com ninguém. Achava que não aguentariam o peso da vidência ou a achariam chata ou louca ou pessimista. Essas vidências vinham em forma de sonho ou, surgiam de repente, como uma imagem de futuro. Em uma delas, que era recorrente em seu sonhos desde a infância, vivenciava a seguinte cena: E.L.A, de frente para a Tv via e ouvia a notícia: miséria atinge tamanha magnitude que pessoas devoram outras para não morrerem de fome. Ai uma família aparecia comendo os restos mortais de outra. (Aqui E.L.A precisa compartilhar algo que aconteceu mais recentemente . Estava procurando, na internet, músicas que eram comuns nas estações de rádio na época de seu nascimento, em 1972. De repente, no mesmo site, encontra registros de acontecimentos importantes daquele ano e, pasmada, descobre que em 1972 um avião caiu em algum lugar do planeta e como as pessoas ficaram desaparecidas por um tempo, quando as descobriram, algumas ainda estavam vivas, mas a custa de terem comido umas as outras! Infelizmente não salvou o link, mas sabe que é possível encontrá-la nesse sítio: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/aviao-caiu-nos-andes-sobreviventes-precisaram-comer-os-mortos-em-1972-11124788>)

Outro sonho recorrente era da natureza se vingando da humanidade na forma de ondas gigantescas que derrubavam tudo pela frente. Ondas negras e oleosas, como se fossem ondas de petróleo. Animais manchados com essa oleosidade, mortos e boiando nas águas que adentravam nos apartamentos, derrubando-os um a um. Inclusive, no momento em que redigia

a monografia, um episódio com cheiro de "fim" de mundo a rondou. Estava E.L.A digitando em sua máquina quando escuta um enorme barulho, jamais escutado por E.L.A seguido de um balançar do chão. Dentro d'E.L.A algo pensava se tratar de um terremoto, por mais que isso não fizesse sentido. E.L.A continuou a escrever sem mexer um músculo em seu rosto. Ao mesmo tempo, algo n'E.L.A dizia: "a vida tá precisando gritar conosco, finalmente vamos escutá-la, talvez seja tarde demais para nós, mas, que bom, sinal de que há realmente algo que se movimenta aqui além do que vemos e que é muito mais poderoso do que pensamos! Uma alegria trágica a tomou. E uma trilha sonora bem humorada também. Nostradamus, de Eduardo Dussek (<https://www.youtube.com/watch?v=-c8ZoJB2yBE>). Mas durou pouco. Quando seus olhos saíram do teclado da máquina e olharam para frente, em direção a janela que lhe dava acesso a baía da Guanabara, viu uma imagem que parecia ser um cogumelo gigante - como a imagem da bomba de Hiroxima -, formado a partir de explosões sucessivas que ocorriam ao longe, num ponto distante do mar. Se esse evento tivesse ocorrido hoje, pensa ela agora, teria imediatamente tirado uma foto e narrado o acontecido durante a escrita, mas, naquele momento, como registrar imagens não fazia parte de sua subjetivação, como agora, e muito menos misturar, o tempo das intensidades do que o corpo sente, no momento em que sente, com o escrita acadêmica, E.L.A simplesmente olhou, registrou em algum canto de seu corpo o visto e continuou a escrever a monografia, mas agora sem a alegria trágica, mas com enjôo do humano. (<https://www.youtube.com/watch?v=FJBv7MvHdro>). Nesse instante, sua mãe bateu na porta de seu quarto, nervosa, avisando que era para descer rapidamente. E.L.A então ouvia a gritaria que se formava embaixo do prédio. Com calma, se levanta da cadeira, pega sua pequenina papagaia (na

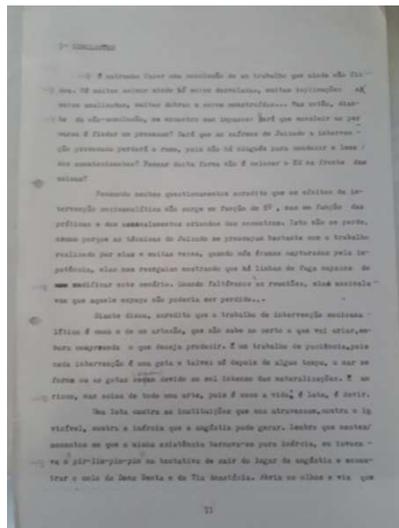
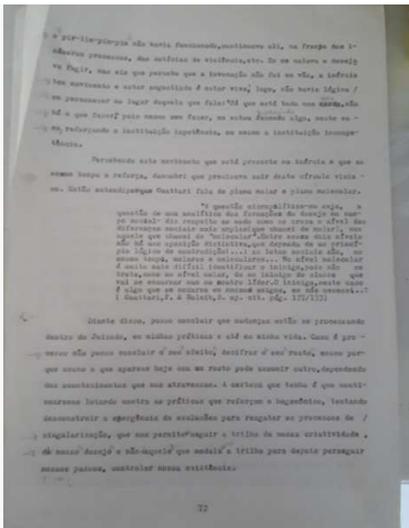
realidade uma jandaia) que praticamente morava em seu



ombro, desce com E.L.A e seus pais.

Embaixo do prédio fica sabendo que vários paiós da marinha havia explodido na ilha do governador. Os moradores do prédio estavam apavorados pensando se tratar de uma guerra, mas E.L.A continuava calma e sua jandaia também, que, vez por outra, pegava uma mexa de seu cabelo, percorria fio por fio, tal como ela próprio fazia com suas penas. E.L.A e ela eram uma só. Talvez houvesse uma alegria trágica ali também, da humanidade acabando consigo sem a presença de um "deus" para isso! Lembra que, aos 13 anos, havia escrito que o homem era o projeto de Deus que não deu certo, mas se Deus era a perfeição, então, como um ser perfeito pode gerar algo tão imperfeito? Como podemos ser a imagem e semelhança de Deus? E, mais, como Ele pode deixar que cuidássemos da terra? Deus, se existe, só pode ser um comediante , na melhor das hipóteses! E ai se recorda de um sonho que teve nessa época em que escrevia a monografia no qual o mundo estava sendo criado. Adão ou Jesus, não sabe ao certo, era o Edson Celulari que vinha trazido, nu, enrolado num pano por uma cegonha gigante e Deus era o humorista Costinha, que aparecia na cara do sol, como se fosse o miolo do girassol e, nesse instante descia um microfone e ele dizia, com uma careta safada : maummm, expressão que o humorista usava em algum quadro da televisão, como um bordão que vinha junto de uma careta e ninguém conseguia conter a gargalhada (<https://www.youtube.com/watch?v=SaUmdFoYFwk>). Mal sabia E.L.A que esse era um sonho nietzschiano, o deus d'E.L.A já a fazia rir, sabia que o riso era santo!

Por essas e outras, preferia continuar sendo a que escuta mais do que a que fala de si. Esse modo de se conduzir a acompanhou na Universidade, mas agora precisava entregar seu mundo ao mundo acadêmico e orientar sua escrita pelas normas estipuladas afim de confeccionar sua monografia. Mesmo assim, sua escrita partiu de sua vivência, do corpo de estagiária no Juizado da Infância e da Juventude de Niterói, em que, somado ao que aprendera conceitualmente, narrou situações do cotidiano profissional. Nascia a monografia intitulada "Trabalhando com o invisível: Uma experiência de intervenção socioanalítica no Juizado da Infância e da Juventude de Niterói e, no final da escrita, arriscou uma passagem literária.



Esse trabalho foi entregue em 1995 e essas imagens são de duas páginas, escolhidas ao acaso, da única cópia que tem dele, ainda com as observações de correção da orientadora. E.L.A lembra que, nesse tempo, as monografias não iam para biblioteca, não eram publicizadas porque não se estava operando ainda na lógica da produtividade, não era capestalismo ainda. A monografia recebia uma nota, o aluno a trazia para casa e pronto. Podia até circular, caso o orientador achasse que ela poderia ajudar outro aluno,

momento em que era xerocada "entre amigos" e circulava em orientações. Não havia também "produção desejante" pelo mestrado, nem havia mestrado no programa, que só começou em 1999. Alguns professores nem tinham essa titulação quando iniciaram porque não era o modo de subjetivação acadêmica daquele período.

O título lhe surgiu num sonho, no momento em que não sabia sobre o que escreveria como trabalho de conclusão de curso. Sonhos sempre lhe salvavam, bem como a música, salvavam ensinando. Inclusive foi pela música que entrou também em contato com o sentimento de luto. Lembra que sua primeira experiência de perda foi com a morte de Elis Regina, cantora que E.L.A amava e tinha todos os discos. Lembra em detalhes o que sentiu e viu e tinha apenas 9 anos! (<https://www.youtube.com/watch?v=tuTCQCPQ2WI> e [https://www.youtube.com/watch?v=O\\_VRfuGV15k](https://www.youtube.com/watch?v=O_VRfuGV15k)) Tanto que, muitos anos mais tarde, já adulta, chorou copiosamente quando foi a um show de Milton Nascimento, no Canecão e ele convidara Maria Rita, filha de Elis, para dividir a primeira vez o palco com ele e com a platéia. E.L.A não continha as lágrimas, soluçava como se estivesse sentindo a alegria de Elis pela filha. Ficava repetindo: É a filha da Elis, é a filha da Elis e seu namorado da época não conseguia entender nada, fazendo uma cara do tipo: mas de onde vem tudo isso? Mas, voltando a monografia, E.L.A entendeu, a partir do título que surgiu em seu sonho, que precisava escrever a história que se mostrava mais intensiva em seu corpo, o trabalho de intervenção do grupo de estágio que fazia parte. O invisível, mas palpável, ali era toda engrenagem que fazia aquele estabelecimento funcionar; engrenagem cujo sucesso era não ter sucesso, era ser disfuncional para a população, mas funcional para o Estado na sua forma Justiça. O invisível também era o efeito das práticas de trabalho, posto que, passados 2

anos, nada parecia mudar, muito pelo contrário, cada dia se sentia mais impotente diante da máquina de apagar vidas, de sequestrá-las e de eternizar vigilâncias para que nada possa equivocá-la. Essa era a "alma" do Judiciário e também a "alma" que saía da boca da população que aparecia dando entrevistas na TV e jornais, bem como dos políticos que representavam a cidade do RJ naquele momento.<sup>49</sup>

E.L.A sabia que esse jogo narrativo nauseante já nos acompanhava a muito tempo. Mas, a partir de sua experiência no Juizado, o cheiro desse ralo entrava em suas narinas todos os dias, entupia também seus ouvidos e fazia seus olhos arderem. Isso a matava aos poucos e E.L.A percebia, em seu corpo, que a prática psicológica na Justiça implicava em ser ouvido do Juiz (transformando a escuta terapêutica em escrita normativa) e mais um de seus olhos (através da observação do comportamento das "partes" e do registro dessas impressões nos processos). Então, o que se esperava da função "psi" era que fosse mais uma peça de julgamento, controle moral, punitivo. E.L.A via ali, materializado, todo o livro "Vigiar e Punir" do Foucault. Percebia que seu parecer atestaria quem pode ou não ter uma guarda, quem está apto a adotar ou não, para onde encaminhar tal adolescente ou criança, que medida deve ser aplicada e com que critérios, o adolescente oferece perigo ou não, a família pode ou não ficar com o filho etc. Para se salvar desse encargo de controle dos corpos e das vidas que ali chegavam e que não era de todos os corpos, mas os selecionados para tal controle: pretos, pobres, maioria meninos, acreditava poder equivocar essa demanda e, para sustentar isso, precisava encontrar pontos luminosos na sua prática no Juizado para acreditar num mundo possível dentro do sistema, para acreditar que era preciso haver psicólogos naquele sistema. Mas será que o sistema precisa existir? Essa pergunta E.L.A não fez, naquele momento. Mas E.L.A a

sentia. Tinha pesadelos recorrentes de que estava dormindo na rua sobre um mesmo cobertor de lã com os demais pessoas em situação de rua. Acordava chorando e não entendia como elas suportavam aquilo tudo que era feito contra elas, como se fossem culpadas por existirem sem o capital para as humanizarem.

E.L.A lembra que naquele momento, uma nova lei, criada em 1990, começava a lançar, no "imaginário social da esquerda", possibilidades de destinos outros para as vidas que frequentavam aquele estabelecimento. Essa lei era o E.C.A que supostamente poderia garantir mudanças no modo de condução da infância e da juventude. Instrumentalizada pela novidade, mostra, em seu texto, a diferença entre Código de Menores e a nova lei, como também faz um diagnóstico genealógico de como a infância foi construída, de como o Tribunal de menores surgiu, como o Juizado surgiu, mas, resabiada, chama esse capítulo de "o possível nascimento da criança na tentativa de desconstrução do termo 'menor' ". Essa intuição se sustentava pelo que via no dia a dia do trabalho e se mostrou ainda mais vívida quando, ao escarafunchar documentos antigos (processos antigos) encontrados numa sala esquecida do estabelecimento, localizada no 8º andar que ninguém ia - era imunda, cheia de processos largados, mesas quebradas e cadeiras, sem ventilador - pode traçar o nascimento do setor de psicologia naquele estabelecimento, bem como o destino que tais profissionais davam as "partes" (termo usado para falar das pessoas atendidas) e que não era diferente do que acontecia naquele momento.

Essa sala do 8º andar, esquecida, era a sala onde inicialmente o setor de psicologia lançou suas bases, contando, inclusive com um centro de estudos ao menos como consta nos papéis que achou. O setor nasceu nos anos 1980, quando funcionava, a todo vapor, o Novo Código de Menores



de 1979. Havia ali um jogo discursivo interessante. O novo código era apresentado como humanitário, respeitador dos direitos da criança. E, para tanto, não existia na lei a classificação "menor abandonado e delinquente". A expressão correta era: "sistema de descrição do estado sócio-econômico-familiar dos menores". Trocando em miúdos, o novo padrão de normalidade era: se a família é ineficaz no cuidado e proteção do "menor", o Estado está autorizado a ocupar essa função, qual seja, atrelando sua vida e da sua família a um processo; transformando-as em partes, determinando seus destinos. Em suma, exercendo seu poder tutelar que é o de continuar a produzir e alimentar um mercado da infância. O novo código, tal como o anterior, se endereçava aos segmentos mais pauperizados, afinal, a marca da irregularidade só se encaixava nesse segmento, conforme ficou evidente nos laudos "psis" da época. Irregular virou sinônimo de "carência a ser tratada pelo Estado para "evitar" a marginalização; quando, na realidade, essa "moral humanitária" era o que marginalizava.

Num primeiro momento, só havia uma psicóloga cedida por um estabelecimento voltado para jovens infratores chamado , na época, de FEEM, posteriormente, uma psicóloga voluntária e uma estagiária. Os casos iniciais atendidos eram oriundos da classe média, triados pelo Juiz, ligados a desajustes familiares e uso de tóxicos. Um ano depois, chega a equipe cedida da FUNABEM, o estabelecimento muda de nome, mas as práticas não e agora havia 6 psicólogas, sendo duas voluntárias, uma assistente social e um psiquiatra e o público também muda. Os processos do setor se avolumam em casos de fuga de casa e, mais acentuadamente, infração penal, tratados com a técnica do "psicodagnóstico do menor" ,seguida de orientação ao mesmo e sua família, nos moldes da psicoterapia breve. Também se brigou muito para que o psicólogo atuasse na "colocação familiar" em parceria com o

Serviço Social e a Psiquiatria e ao longo do tempo alargou suas atribuições: treinamento de comissários (no sentido de produzir mão de obra com o perfil do Juizado); trabalhos visando relações interpessoais (qualificar a produtividade, tratar a Instituição, diminuindo as áreas de atrito, os "conflitos institucionais" em que o íntimo de cada participante era convocado para ser trabalhado pelo "psi"); intervenção em processos de guarda que objetivassem adoção (no sentido de trabalhar a personalidade da criança adotada "efetivando um bom desenvolvimento da mesma", bem como dos pais adotivos) etc. Trocando em miúdos, o psicólogo brigava para sistematizar, descrever, explicar e interpretar "os desvios do comportamento" e da "personalidade" das pessoas por ele atendidas, já que não estava havendo uma atuação "profilática", que só ele poderia produzir, como era dito nesses documentos. Nesse tripé enunciativo e normativo, o "psi" farejava para o Juiz a "deseestrutura familiar", jogava para a mãe (na maioria dos casos) a responsabilidade pela não prevenção da marginalidade do filho e justificava a necessidade da tutela do Estado para interromper "os processos de marginalização" através do saber psi. Nos processos que teve acesso, observou que em todos eles, depois do psicólogo descrever os motivos da consulta: "manifestação de conduta anti-social", explicava-se os procedimentos técnicos usados: testes psicológicos e conversas, em que se explicitava o âmbito emocional, afetivo, sexual e a estrutura familiar e por fim orientava-se o juiz, dizendo: "psicoterapia do menor com o intuito de fortalecer a estrutura do ego" e como prognóstico: "caso não seja seguida a orientação anterior, o prognóstico não é favorável, podendo o menor adotar comportamento anti-social de maior gravidade". Muitas vezes acentuava-se a necessidade de atendimento psicológico somente dentro do Juizado alegando que fora dele poderia haver abandono e com

isso não se "eliminará o comportamento anti-social" do menor. Tais enunciados eram sustentados pelos manuais de higiene mental e psicologia preventiva, nos quais se acentuavam a necessidade da prevenção secundária (impedir que estados ameaçadores se agravem, detectando e afastando o perigo) e terciária (evitar complicações e contágios, por atuar no mal já instalado). Afirmavam que o Juizado lida com uma população específica e por isso, sua atuação se dá secundária e terciariamente, assim caracterizada: "quando trabalha com menor carente, abandonado, adotado, com desajuste familiar e suas respectivas famílias, a prevenção é secundária, quando trabalha com menor infrator, é terciária". Ou seja, parte-se do pressuposto de que há uma periculosidade inerente aos "menores carentes", previne-se contra a infração e marginalização que poderiam ocorrer! Previne-se para que o terceiro estágio não apareça. Talvez essa ferramenta desse ao psicólogo a sensação de estar fazendo um trabalho humanitário. O psicólogo, com sua bola de cristal, atuaria antes que a enfermidade emergisse e a origem dela estaria na personalidade e/ou na sua interação com o meio. A profilaxia era a bola da vez, ou seja, a crença no controle das virtualidades capazes de gerar periculosidade. Essa ferramenta dava ao psicólogo o poder de pensar sobre as pessoas e não com as pessoas.

No momento em que E.L.A lembra desses processos que usou, pensa: É assim que nasce o messianismo "psi": "Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão através de mim", lembrando aqui da passagem de João 14:6, tal como aprendera no catecismo. Nesse momento, se recorda de que a primeira imagem que lhe chamou atenção, quando entrou pela primeira vez numa sala de audiência, foi a de um crucifixo que ficava na altura da cabeça do juiz, acima da cadeira majestosa onde ficava sentado. Logo, o pai, claro, é o Juiz, tal como outrora era a figura do

soberano, o filho é o saber "psi" (ninguém chega ao Pai senão através de mim) que propõe um modelo (de família, de criança, de adolescente) inalcançável, os repassa ao juiz e o espírito santo é a sentença "humanizada". Trata-se do casamento da psicologia com o cristianismo, trata-se da produção da renúncia de si e da dívida eterna com a (In)Justiça dos homens ! Uma renúncia e uma dívida que, no entanto, não é escolhida pelas partes, mas produzida como se delas fosse.

Naquele período, depois de ler tais processos dos anos de 1980 e documentos sobre o nascimento do setor acreditava estar fazendo diferente desses "psis", afinal, a estratégia argumentativa teórica para conseguir habitar aquele espaço e acreditar estar criando nele brechas era a seguinte, assim escreve em sua monografia: "trazer a luz a dialética instituinte-instituído de maneira generalizada, ou seja, suscitar o aparecimento das contradições existentes no interior da sociedade e dos estabelecimentos; desconstruir modelos psicologizantes das relações deflagrando as relações de poder e os silenciamentos naturalizados; desnaturalizar formas que aprisionam a vida a modelos judicializantes, normatizantes e normalizantes, encontrar e/ou forjar formas de resistência, genealogizar os saberes e as práticas etc.". Em termos práticos, tudo isso dito acima significava: construção de espaços coletivos de discussão dos casos atendidos sempre guiados por uma contextualização mais ampla, ou seja, fugindo do âmbito subjetivista e lançando-o para o da subjetivação; reunião com todos os profissionais, não somente psicólogos para caleidoscopizar os saberes (momento em que E.L.A nada falava, só ouvia os mais experientes); construção de estratégias narrativas e mesmo jurídicas para instrumentalizar processos afim de diminuir as interações (ação que nunca conseguiu fazer porque não entendia de

leis, mas fantasiava que os outros estagiários sabiam e, como tinha dificuldade de trocar com eles, nada dizia e, assim, não expressava suas dúvidas, por vergonha ou medo de que descobrissem sua inaptidão); exercício de atenção a enunciados estigmatizantes; afirmação de estilos de vida e não normas de conduta; desnaturalização da prática de transformar pessoas em partes do processo fazendo com que participassem do processo enquanto estava sendo feito, isto é lhes informando no que consistia, por quais setores passou e para quê, qual o papel de cada um na tramitação (isso E.L.A fazia bem) e as informações sobre seus direitos garantidos na Lei (tanto a nível do ECA quanto da Constituição que E.L.A nunca fez porque não entendia embora tenha redigido isso na monografia, talvez porque só naquele momento de final de estágio compreendesse) e, fundamentalmente (essas partes E.L.A sabia fazer bem) abrindo espaço para discutir com elas o que seria escrito no processo a respeito de sua vida e do que se pretendia relatar e por quê a partir dos encontros (na entrevista) que, posteriormente, seria anexado ao processo; evitar a prática desenfreada de encaminhamentos do Juizado, com o "selo" do Juizado, para outros estabelecimentos em que trabalhassem psicólogos, exigindo a feitura de "avaliação psicológica de fulano" porque, na maior parte das vezes, quando essa avaliação retornava para a Justiça não tinha caráter terapêutico, mas punitivo -de modo que se sugeria a pessoa procurar uma avaliação ou tratamento, explicando-lhe a importância, fornecendo um contato conhecido, mas não as obrigando a fazer o que não desejassem. A exceção são casos de maus tratos ou abuso sexual, pois aí a intervenção da instância jurídica se fazia necessária.

E.L.A depois de adentrar na sala do 8º andar com os demais estagiários, pensou ser possível criar brechas no setor de Psicologia, dando-he um outro destino, mesmo

sentindo toda a dificuldade do processo. Foi um parto. Levou quase nove meses para ser implementado. O juiz aceitou o projeto em julho de 95, mas só no final de março puderam apresentá-lo aos funcionários. Nessa "gestação", limpavam sem parar a sala, tinham crises alérgicas, organizavam os documentos, conseguiram algumas cadeiras e umas duas mesas nos bastidores porque o Juiz não atendia a nenhuma solicitação deles (mesa, cadeira ventilador, telefone...) No projeto, o que se visava era vincular os diversos setores e também estabelecimentos para quebrar com a lógica do fracionamento do trabalho e, munidos de ferramentas como textos, debates, vídeos, palestras, livros e ideias variadas, se acreditava conseguir juntar todos que compunham aquele espaço e assim, fazer com que pudessem se apropriar melhor do que produziam, pudessem entender melhor o que faziam, viabilizando agenciamentos e análise de implicação, conceitos-chave da intervenção socioanalítica.

Logo no primeiro encontro, que não foi feito na sala, pois não tinha mesas e cadeiras suficientes ainda, foi exibido o curta "Por Dúvida das Vias" (para consegui-lo foi necessário mandar um fax para Brasília afim de obter autorização e doação do filme pela diretora. Hoje é fácil achá-lo no youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=RH0isUmTimQ>)

Esse curta é uma caricatura do funcionalismo público que ilustrava a situação de alienação do trabalho. Apesar do quórum baixo, as poucas pessoas que ali estavam falaram como percebiam o funcionalismo público e algumas delas acreditavam que privatizar seria a solução, dizendo que acreditavam que haveria mais ordem por conta de uma maior vigilância no trabalho e uma melhor distribuição de hierarquias. E.L.A pensa: quanta ingenuidade! Acreditar que mudando o chefe Estado para empresas muda o cenário! Não entendem que estão dentro de um panoptico e ainda querem

mais vigilância! Hoje, E.L.A diria: Fulano, as empresas são o "chefe" do Estado, não se iluda e o fracasso das instituições é o sucesso desses "chefes"! Quisera poder mostrar, para essa pessoa e para E.L.A mesmo, o que aconteceu alguns anos depois: Em 2016, a empresa Vale do Rio Doce - privatizada em 1996, foi responsável pelo desastre ambiental em Mariana, e, em 2019, pela tragédia ambiental em Brumadinho, ambas, tiraram vidas, fez uma cidade desaparecer e contaminou os rios e vales ([https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/27/opinion/1548547908\\_087976.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/27/opinion/1548547908_087976.html)) e agora, em 2020, em plena pandemia, não há energia no Amapá, impactando as necessidades básicas de 90% da população e a energia de lá é da responsabilidade de uma empresa privada, a LMTE. Falta água, energia, as pessoas não conseguem usar caixas eletrônicos, internet e telefonia; os postos de gasolina estão fechados porque não tem gerador, logo, afetou transportes também e mercados. Um caos! (<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-11-06/amapa-enfrenta-quarto-dia-seguindo-de-apagao-e-ministro-fala-em-dez-dias-para-normalizacao.html>)

Mas voltando ao cenário do curta, uma outra pessoa, uma moça da sessão que distribuía processos, falou que as pessoas deviam trabalhar no que gostavam para produzirem mais; sugerindo que o centro de estudos fizesse treinamento e seleção de pessoal (E.L.A pensou: "não estamos aqui para sermos o lobo mal que diz a chapeuzinho: "é para comer-te melhor minha filha"!)."Uma outra, animada com a novidade que se instalava ali, ficou a vontade para dizer que o serviço do Juizado é fragmentado porque as pessoas não se uniam para fazer reivindicações salariais, não procuravam sindicatos etc. Essa pessoa, dias depois, foi transferida para um setor isolado do Juizado...

Na mesma semana, quando chegaram no que era infantilmente pensado como "nossa" sala, a do Centro de

Estudos, uma surpresa: os móveis estavam arrumados de outra maneira, a sala estava limpa, tinha ar condicionado, telefone, ventilador de teto e UMA COORDENADORA que foi convidada pelo juiz para ser a responsável pelo setor, vinda, não do Juizado, mas do Fórum . Uma desconhecida que surgiu da cartola do Juiz e que passava o dia sentada na cadeira lixando as unhas. Persistimos no espaço como se ela não estivesse ali...Ela lixava as unhas e nós nos lixávamos para ela. Ironia do destino, o curta "Por Via das Dúvidas" se encaixava perfeitamente bem nessa figura, inclusive, havia uma personagem exatamente como ela, que passava o dia lixando as unhas.

Nesse tempo, E.L.A sofria muito. No período dos estágios, que ocorria dois anos antes de se formar, vivia entre dois mundos que pareciam distantes, pareciam não se comunicar e E.L.A se sentia cindida. De um lado Fenomenologia existencial, numa mistura de Heidegger de "Ser e Tempo" com Jung, talvez para dar uma justificativa clínica ao estudo filosófico e do outro Análise Institucional ou Socioanálise, onde se lia a produção dos professores da casa como também Lapassade, um pouco de Guattari através de dois livros: "Cartografias do Desejo" e "Revolução Molecular , alguma coisa de Deleuze, mencionado em trabalhos, e, mesmo tendo E.L.A tido aula, no primeiro período, de filosofia com Claudio Ulpiano, principal expoente do pensamento deleuziano no Rio de Janeiro.Entretanto, só entendeu sua importância quando já estava quase terminando a graduação. No estágio socioanalítico lia-se um pouco de Lourau- mas somente o do encontro na UERJ que derivou o livro "Análise Institucional e práticas de pesquisa"; Foucault, lia-se "Microfísica do Poder", "Vigiar e Punir e "Foucault revoluciona a história" de Paul Veyne; lia-se Donzelot "Polícia das famílias"; Ariès "História Social da Criança e da Família"; "Ordem



médica e norma familiar" de Jurandir Freire Costa e algumas publicações de Análise Institucional, sobretudo "Análise Institucional no Brasil" e os primeiros volumes de Saúde e Loucura. Lia-se também "O Inconsciente Institucional" de Barenblit, Lapassade em "Grupos, Organizações e Instituições" e o livro "Guardiães da Ordem: uma viagem pelas práticas psi no país do milagre" lançado por sua supervisora e partes da visita de Guattari no Brasil em "Micropolítica: cartografias do desejo", é o que lembra. O que não lembra, não adentrou n'E.L.A. Por isso, não se trata aqui de narrar um horizonte verdadeiro, mas um horizonte do que pode ser escutado e assim, vivido por aquele jovem corpo. Freud E.L.A conhecia um pouco, mas não por conta da Universidade propriamente dita, mas porque sua mãe trabalhava no Círculo do livro entregando, de porta em porta, os livros aos assinantes e E.L.A adquiriu muitos livros assim, dentre eles, vários de Freud, mas também Marques de Sade e outros que não recorda e nem sabe porque os escolheu. Acredita que o interesse por Freud se deu por conta de programas de TV dos anos 1980, a TV mulher na Globo, onde a "psicanálise era levada para o povo". Inclusive, por conta desse programa, ganhou um livro da Martha Suplicy chamado Conversando sobre sexo, como presente de sua mãe, pois nessa época a Martha era a sexóloga do programa, a psicóloga clínica (<https://www.youtube.com/watch?v=vIOcp2ZwkTI>). No momento em que lembra disso, solta uma gargalhada porque finalmente entendeu porque seu pai ficou apavorado quando E.L.A resolveu estudar psicologia na universidade!!!! Marques de Sade não tem a menor ideia de como chegou a E.L.A, talvez em alguma nota de rodapé de Freud. Mais gargalhadas dá!

Retomando a sua experiência de graduanda, lembra que o primeiro mundo, o da clínica, aparecia tingido pelas cores da angústia como sua força maior, como se a força da

existência pulsasse somente a partir dela, como necessariamente produtora de mundos interiores e, no segundo mundo, se discutia o funcionamento da universidade, se aprendia sobre a história política das práticas "psi" no sentido das alianças produtoras de determinadas subjetividades, se equivocava todo o funcionamento de uma engrenagem que visasse a manutenção do status quo, se desconstruía tudo, inclusive a clínica. E.L.A, oscilava então entre a "falta" inerente a existência, quando habitava o estágio em clínica e as intervenções engajadas, quando habitava o outro estágio pela "falta" do poder público. Este lhe convocava a produzir um corpo ágil e sagaz para lidar com o cotidiano dos processos e visitas que se fazia do Juizado, bem como para conseguir acompanhar as discussões acaloradas no grupo de supervisão. Sempre que E.L.A estava no estágio em clínica se sentia culpada por não estar no outro espaço. Sempre lhe vinha a mente o som e uma fala: **"Enquanto isso, na sala da Justiça"** que era o bordão do desenho "super amigos" que passava na Tv no período de 1973 a 1985! (<https://www.youtube.com/watch?v=o6bP4yNQHro>). Ai apareciam, em sua imaginação, a mulher maravilha, o super homem, o batman, o robin etc. Essa era a sala que E.L.A achava ser a mais importante para existir, a da Análise institucional, a dos defensores do "bem contra o mal". Resquício de sua subjetivação cristã -midiática incapaz de pensar e além do bem e do mal. Não que fosse esse tipo de valoração que ocorresse ali, mas era como E.L.A sentia por conta de sua própria subjetivação e nunca verbalizou essas sensações para ninguém. De todo modo, E.L.A nem sabia ao certo como foi parar naquela sala. Não lembra. Talvez tenha seguido a orientação de alguma amiga. Não se sentia com habilidade para fazer parte dela. Seu modo de ser fechado, mais da escuta do que da fala e seu constante receio de não ser

compreendida por habitar um mundo comunicacional mais poético parecia destoar da intensidade e modos de expressão dos demais participantes. Lembra inclusive que no dia do lançamento da tese de sua supervisora que virou um rico e potente livro sobre as práticas psi no país do Milagre, já citado por E.L.A, ganhou a seguinte dedicatória: Para XXXXX, aluna/amiga/companheira. Você com tua sensibilidade e criatividade deveria, efetivamente, ocupar mais os espaços, não?" Somado a isso, a realidade das pessoas que chegavam no juizado, a qualidade de suas dores e a perversidade da engrenagem que só funcionava para apagá-las dava a E.L.A pesadelos...

Uma cena do Juizado lhe assalta o espírito, nesse momento em que visita essa outra-d'E.L.A: É seu primeiro dia de trabalho, em setembro de 1994, o Juiz determina que todas as viaturas do Juizado recolham todas as crianças e adolescentes que estivessem nas ruas, trouxessem-nas ao estabelecimento, onde passariam por uma triagem e somente aqueles que pudessem se identificar (nome completo, idade, endereço, telefone, responsáveis) voltariam para suas casas, caso contrário seriam destinados a estabelecimentos como Padre Severino, Santos Dumont etc. e, depois de certo prazo (não se disse qual) poderia ser feita reintegração familiar. Nesse dia todos os funcionários tiveram que parar suas atividades rotineiras para dar conta do grande número de crianças e adolescentes que ali chegavam. Nos corredores apelidaram a operação de "carrocinha-de-cachorro". Comentava-se, também, que essa ação do Juiz era uma aliança política com a Prefeitura para que se fizesse a "limpeza" da cidade.

A maioria das crianças e adolescentes eram negras, mal vestidas e sujas...e a viatura recolhia-as como se fossem lixo. Algumas delas já estavam acostumadas a esta situação e diziam umas para as outras: "Ai, negona, vai de novo pra

FEEM!. E a "negona" respondia de volta: "Não tem problema, eu fujo!" E gargalhavam. Um outro menino, negro, na faixa de 10-12 anos, vestindo uma camiseta com o lógo do supermercado, short e tênis sujos e surrados, diferente desses outros, estava apavorado, chorava o tempo todo e não conseguia nem mesmo dizer o nome. Olhava para o chão acompanhando a rota de suas lágrimas, pensando que só elas seriam cúmplices de sua dor e agonia. E.L.A se aproxima do menino, tenta acalmá-lo, pergunta se conhecia aquele lugar e ele diz que não. Pergunta onde a viatura o pegou, ele disse que na saída do supermercado. Pergunta o que fazia no supermercado. Ele diz que estava saindo do trabalho...que trabalhava carregando sacolas de compras para ajudar em casa e naquele momento, ia para a casa do primo, mas, de repente, foi puxado e colocado dentro de uma viatura que passou e o recolheu. Não entendeu absolutamente nada, nunca havia entrado numa viatura, pensou que ia morrer e se apavorou. Conforme conversava com e.le, foi se acalmando e, ao ser informado que lugar era aquele e que era importante se lembrar do nome de algum parente e de algum telefone, todos os números do telefone do trabalho do irmão surgiram em sua lembrança. Alívio! O irmão prontamente veio buscá-lo. Saiu de lá sorrindo e tremendo. Enquanto essa cena transcorria, outra cena entrava em meus ouvidos, vinda dos funcionários: "A FEEM não é tão ruim assim, gente. Não entendo porque vocês estão tão preocupadas!" Dentro d'E.L.A uma voz gritava: É isso, a Justiça? É isto o homem?<sup>50</sup>

Fecha os olhos. Respira. Outra lembrança salta. Nesse mesmo dia, a menina negra, grandalhona e com vontade forte que havia dito pro outro menino: "Não tem problema, eu fujo!" ia ser enviada para alguma instituição "barra pesada" porque não tinha dado nenhum contato, vivia nas ruas. E.L.A, que acabara de chegar naquele espaço, naquele dia, não conhecia os estabelecimentos e só estava guiada

pela sua revolta, pergunta para alguma técnica qual o estabelecimento menos pior e é informada que era o de umas freiras, ou algo assim. E.L.A não pensou duas vezes. Se oferece pra ligar para o estabelecimento. A freira atende. E.L.A pede para a freira receber a menina e tem como resposta, uma pergunta: Ela é boazinha? E.L.A, sem pestanejar, diz: Muito boazinha e dá uma piscadela pra menina! (Nesse momento, gargalha por dentro e desejou que lá fosse até mais fácil de fugir. E.L.A gargalha lembrando de seu gargalho interior. Mas, logo em seguida, vem outra lembrança. Dessa vez de uma portaria redigida pelo Juiz, em maio de 1996, determinando que fossem distribuídos, nos hospitais, um documento que poderia ser assinando pela parturiente que quisesse desistir do filho logo após o nascimento afim de facilitar os trâmites legais. Ao menos, nesse momento, falas diferentes dos funcionários surgiam, agora indagavam: "onde fica a depressão pós-parto? O juiz precisa pensar nisso!" E algum dos estagiários diz: "É preciso também pensar que tipo de estratégia se quer produzir com tal tutela!" Alguém responde: "é para destituir o pátrio poder da mãe que é pobre". Outro diz: "é para mantê-las impotentes diante da própria vida". Outro complementa: "é para não brigar por direitos a saúde, trabalho etc". "É uma disputa de juristas pra ver quem faz mais adoções, quem tem mais processos em curto prazo e conseguir alguma progressão de carreira", outros dizem. Fora desse espaço, diversos movimentos ocorreram para frear essa sandice e ela acabou não indo adiante.

Poderia parecer que era mais equipada para funcionar melhor no outro espaço, o clínico, mas esse outro lhe parecia cada dia menor, por tratar do que considerava, naquele momento, como assuntos menos importantes. Afinal, as dores neuróticas e , muitas vezes, as psicóticas que lhe chegavam para que E.L.A as acompanhasse, não lhe pareciam

feridas tão gritantes como as abertas a luz do dia, a luz da pele com cicatrizes visíveis que precisavam de cuidados imediatos. Naquele momento, não entendia muito bem a diferença entre dor neurótica e psicótica, porque o encaminhamento de ambas era semelhante, embora enxergasse uma certa "poesia trágica" nos psicóticos em função de visitas que havia feito no Nise da Silveira e entrado em contato com os trabalhos de Bispo do Rosário com seu manto sagrado ou Fernando Diniz com sua estrela de oito pontas pensando-os numa abordagem junguiana, mas sem relação com a luta antimanicomial, pois não se recorda de ter discutido essas questões no estágio da clínica. Sentia que as dores da alma que a clínica cuidava não tinham o mesmo cheiro das demais dores, ao menos, a partir dos encaminhamentos oferecidos aos casos, no grupo de supervisão. Ele parecia ser forçado a sair pela consciência, como se fosse uma dor fechada na individualidade, não brotava como chagas abertas tecidas no mau encontro entre corpo e mundo, ou melhor, da engrenagem de um certo mundo quebrando esse corpo. Pareciam mais abstratos, ligados a interpretações ou sentido existencial, mas sem relação com o *socius* porque esse não era costurado nas supervisões clínicas desse grupo que frequentava e não parecia habitar também o mundo clínico da psicanálise. O exercício clínico era solitário. Clínica e política não caminhavam juntos nesse momento, e, embora ao lado dos socioanalistas lêssemos teses falando de sua inseparabilidade, não tem clareza se os mestres da sua época sabiam fazer essa relação, na prática diária ou se E.L.A. que não tinha condições de entender essa inseparabilidade. Lembra que leu, na supervisão socioanalítica, parte da tese de uma professora da casa-DNA que falava sobre grupos, mas não entendeu absolutamente nada! Ali soube do Anti-Édipo, até comprou o livro, mas não conseguiu ler. A recordação que tem do grupo que trabalhava

com essa professora naquele tempo era e a de que eles discutiam muito o analisador dinheiro. Sobre analisadores E.L.A entendia bem.

O que se conseguia, talvez, era não separar prática e teoria e isso se refletia no modo como escrevíamos nossos trabalhos de conclusão de curso, ao menos do grupo que fazia parte. Isso sim, era um movimento político, E.L.A pensava. E talvez por isso não tenha entendido porque E.L.A e mais duas amigas do grupo de estágio em clínica- que virou um grupo de pesquisa no qual E.L.A era bolsista-, ganhou o primeiro lugar no prêmio Vasconcelos Torres com a discussão sobre hermenêutica e clínica psicoterápica. Lembra que no dia que soube que ganhara o primeiro lugar nem estava no evento, foi jogar sinuca e as outras amigas a encontraram lá, lhe deram a notícia e entregaram o certificado. Tinha certeza de que o grupo do analisador dinheiro era mais apto ao prêmio e estava torcendo por ele. Torcia porque se encantava com essa abordagem politizada das práticas. Mas esse universo não habitava escritos da clínica que E.L.A frequentava e E.L.A não tinha contato com outros universos de prática clínica dali, mas pensa hoje que talvez nenhum deles fizesse tal articulação de forma clara. Tanto que começava a ter uma especialização em Psicanálise, onde se estudava Freud e Lacan. Desse modo, havia um fosso entre esses âmbitos, mesmo havendo, ainda que de forma tímida, eventos em que Deleuze/Guattari eram mencionados. Mas estes eventos não eram para a graduação, mas para um curso de Especialização em Teorias e Práticas Psicológicas em Instituições Públicas que começava a se formar. E.L.A chegou a assistir, como ouvinte, um desses eventos, na mesma época em que começava a redigir a monografia, em 1995. Mas não assistiu a todas as apresentações. As que não foi, uma amiga gravava num gravador portátil, em fita cassete e a repassava para

E.L.A, as que foi, E.L.A mesma gravava. Se recorda que ficou muito impressionada com a fala de uma professora de uma Universidade em São Paulo que também era psicanalista- mas diferente dos psicanalistas da casa-DNA- explicando a subjetividade de maneira poética e performática, não entendeu o que ela dizia, mas sentiu algo passar ali, talvez porque ela falasse de pele e dobras ou simplesmente porque se distinguia dos demais por falar caminhando e ser bastante teatral. E.L.A curtiu seu charme, ela sabia conduzir a "platéia" porque ninguém nem piscava! Não lembra se alguém falou de esquizoanálise ali, ou se essa professora falou, se falaram, E.L.A não ouviu e não ouviu porque não reconheceu a presença dessa discussão na casa, ao menos, não pelo espaço clínico que frequentava, ou se ouviu, não escutou porque não ressoou. Lembra que somente mais tarde, em 2004, quando estava fazendo Mestrado lá é que encontrou um grupo de estudos que discutia o dispositivo esquizoanalítico. Momento inclusive que soube que ele existia desde o ano 2000 quando foi apresentado como um estágio curricular de "Clínica Trans" conectando graduação e pós-graduação, bem como permitindo a entrada de pessoas de fora que se interessassem pela interface clínica, política, filosofia e arte e era coordenado por um professor que, nessa época da sua graduação, não dava estágio em clínica e isso lhe gerou uma grata surpresa. As aulas dele, nessa época da graduação, eram tensas para E.L.A. Não entendia nada porque tinha muita erudição. Então gravava todas as aulas e dormia ouvindo cada uma delas quando estava na época das provas. Sempre tirou notas altas na matéria dele, não porque sabia o que escrevia, mas porque decorava cada palavra dele e as replicava no papel. Dessa forma, E.L.A parecia inteligente. Mas, no Mestrado, pode finalmente sentir o que ele já ensinava na graduação, talvez porque agora esse professor clinicasse também ou



porque E.L.A tenha ampliado seu corpo afetivo-cognitivo, pensa consigo.

Mas, voltando ao evento de 1995, E.L.A se recorda ter ficado encantada com uma professora que acabara de entrar na casa e a estava vendo pela primeira vez. A frase pronunciada num tom firme por ela: "tem que matar a cobra e mostrar o pau" ecoou em quem estava ali, porque condensava muito bem toda a temática trabalhada por ela. Ela matava a cobra e mostrava os instrumentos que usava nessa luta. Sua energia era contagiante. Uma força incrível, como se não temesse nada e que falava tudo de forma clara e olhando nos olhos de todos. Falava sobre movimentos sociais e sociedade de controle, apontando tanto as armadilhas quanto os escapes possíveis, pautada em sua vivência junto a tais movimentos. Apresentava imagens deleuzianas no cotidiano de uma conversa informal com uma agente de saúde em que o monstro invisível ou uma cobra de muitas cabeças surgiam na fala dessa pessoa e expressavam muito bem a nova ordem mundial ou o novo modo de subjetivação em curso - a globalização da economia aliada ao projeto neoliberal que traria mudanças no universo do trabalho que poderiam ser irreversíveis. E.L.A escutava tudo e anotava, sem entender direito, mas sentindo tudo e tendo desejo de estudar Deleuze. Era necessário, dizia a professora, parar de reivindicar e começar a elaborar propostas de ação antes que fosse tarde, evitando sempre o risco de formação de guetos nesse processo. E.L.A presta bastante atenção a essas palavras porque também as ouvia em sua supervisão de estágio socioanalítico. Entretanto, o máximo que conseguia extrair era entender que havia muitos perigos ligados a um pensamento único pautado no capital financeiro internacional e que tal pensamento sustentava e produzia a forma como as pessoas enxergavam a vida e se conduziam nela. Infelizmente, naquele tempo, não tinha ainda

capacidade para entender que essa professora já estava anunciado os perigos que hoje estão evidentes: de que as dificuldades no tratamento da temática da democracia, seu valor de igualdade em tensão com o direito a diferença se efetivava porque, historicamente, a direita se vinculava ao diferente, à diferença e tal diferença, por sua vez era a bandeira dos movimentos sociais a partir dos anos 70 para enfrentarem os regimes autoritários. Então ficava parecendo que defendiam a mesma coisa. Hoje a confusão discursiva se aprimorou a tal ponto que, se por exemplo, os movimentos sociais conseguiram aprovar leis relacionadas à população LGBTiA+ ou relacionadas à condenação de práticas de racismo, essa direita vai dizer que a diferença é ter uma outra opinião acerca de tais temas, eliminando toda a história de lutas que passam a se transformar em opinião, em liberdade de expressão que tais grupos anteriores conseguiram. E, nessa liberdade vale tudo: xingar um outro de macaco, defender torturadores, furar a barreira sanitária para garantir o direito de ir e vir em plena pandemia, etc. A diferença de hoje é que antes a estratégia da direita era para neutralizar as divergências, agora é para acentuá-las, mas se servindo do direito à diferença transformada em opinião. Também não tinha condições de entender que ela já apontava para os perigos que os movimentos sociais enfrentariam caso se mantivessem dentro da lógica representativa que compactuaria justamente com aquilo que precisavam romper para não manter o modo de subjetivação hegemônico. Não entendia bem, mas sabia que tudo era importante. Essa professora pouco tempo depois foi convidada por E.L.A e demais estagiários a dar uma aula-intervenção no Juizado, junto a uma turma de adolescentes da F.I.A que ficaram encantados com ela também. Conseguiu fazer com que eles falassem de seu cotidiano, seus medos e desejos; envolveu também a nós e a E.L.A nesse contexto de

modo que, esses meninos e meninas que ficavam calados com receio de que tudo que falassem se voltasse contra eles puderam ficar tão a vontade que até funk dançaram. Um único encontro e aqueles meninos e meninas puderam, por um instante, ser meninos e meninas e não menores dentro do Juizado. Foi um encontro muito potente para todos. Vinte e três anos mais tarde deu de presente para essa professora a transcrição dessa atividade que E.L.A guardava com carinho num baú de afetos!

Outras falas que versavam sobre tópicos semelhantes ao dessa professora produziam uma espécie de vácuo em seu corpo, sobretudo as que se utilizavam de jargões deleuzianos e/ou citações que conversavam com outras. Quando as ouvia, se sentia diminuta porque seus ouvidos nada apreendiam e sua pele nada falava para E.L.A também. Sentia sono. Que Deleuze diferente é esse? Pensava E.L.A. Mal sabia que esse era o modelo da escrita acadêmica! E não sabia porque nesses anos de 1990 a lógica capitalística não existia (o portal de periódicos iniciou somente em 2000) e, com isso, não havia a incitação enlouquecida de produção de artigos sobre todos os assuntos como meta a ser atingida pela universidade para que não perdesse benefícios, não havia Mestrado e Doutorado, não havia nem a exigência de que os professores os tivessem e aqueles que tinham o fizeram durante muitos anos, fora do país. Enfim, a temporalidade do aprendizado era mais larga e se lia muito mais do que se lê hoje em dia e se escutava as aulas com mais atenção por conta dessa subjetivação mais lenta, mais próxima da escuta do corpo. De modo que esse modelo que saia dessas falas, não fazia sentido àquele corpo de graduanda. Modelo que só serve ou só é absorvido por aqueles que têm a senha de uma determinada escuta que se faz pelos olhos: a escuta platônico-socrática do olho como razão em detrimento do corpo. A escuta tão somente das

cópias perfeitas das Idéias da casa do saber. Aquela que parece combater o presente com conceitos, mas sem os dentes apropriados da vida ou sem os conceitos encarnados na vida para que se tornem dentes ou apresentem-se como pau em que nem todos podem reconhecer sua força, logo, serviria para quem e para que? Para a própria erudição! E.L.A também passou por isso no seu Mestrado e Doutorado. E.L.A tinha desenvolvido esse corpo IDEAL da branquitude. Agora, nesse novo doutorado, quando visita essa lembrança, entende que precisava fazer diferente e reencontrar aquele corpo anterior que absorvia o que lhe era útil pelo que toca o ouvido e a pele, mas sem as angústias de sua subjetivação platônico-socrático-cristã ou suas dores decorrentes da ilusória hermenêutica de si que polariza o mundo em duas partes distintas sempre em conflito e àvida da verdade verdadeira pautada no conhecimento de si seja através do Édipo e suas variações! Talvez só agora tivesse dentes para triturar os alimentos e assim, fazer uma boa digestão e expulsar o que não serve a partir dela!

O que ouvia e via, no dia a dia da Universidade, ao menos nos encontros que seu corpo tinha, nos agenciamentos em foi capaz de fazer naqueles anos de graduação, era que a clínica parecia servir a propósitos individualizantes, burgueses, mesmo que essas palavras não fossem pronunciadas assim. Havia, inclusive, rachas entre grupos, brigas de institucionalistas contra clínicos, algumas abertas, outras veladas. Esse clima tenso confundia o corpo, pensamentos e o modo de se conduzir d'E.L.A, como se para existir tivesse que escolher um lado e esse ser a VERDADE, a REALIDADE. Não que isso tenha sido dito a E.L.A, mas era como sentia. Mas, depois de sua experiência clínica sentiu que sim, a clínica privada tem esses ranços, tem essa herança que atende a lógica neurótico-liberal. No entanto, era necessário entender o desenho desejanete dessa lógica, sua construção,

sua produção, para ai sim, criar outras formas de clinicar, outras escutas. Extrair alguns momentos intempestivos da obra de Freud, bem como de outros autores, como mais tarde pode vivenciar a partir do estudo mais aprofundado de Guattari e Deleuze e, principalmente através de Nietzsche, precursor de muitas sacadas "clínico-políticas". Não se tratava da verdade, mas da produção da verdade e não se tratava de lados, mas de agenciamentos do desejo. Como aprenderia com Heráclito mais tarde, "maiores partes[de vida],maiores destinos obtêm."<sup>51</sup>

Mas, quando se recorda do primeiro dia de aula de psicologia, lembra que teve um choque com o que seria uma abordagem psicanalista lacaniana. E.L.A tinha 18 anos. A primeira fala do professor foi: Mãe não existe porque mulher não existe! Seguida de outra: não existe relação sexual! E.L.A não entendeu nada. Como assim: mulher não existe? Eu existo, minha mãe existe e se não existisse relação sexual, eu não teria nascido! Teria sido bem mais fácil se ele tivesse dito que se tratava de construções sociais, mas, longe dessa explicação, que para ele seria uma explicação menor, ele justificava a fala usando fórmulas lacanianas sobre significantes; sobre a ausência de significante para a mulher, não sendo possível existir encontros amorosos por conta disso. Colocava umas fórmulas no quadro etc., ao final da aula, dizia, rindo, que era bom os alunos pensarem bem se queriam assistir suas aulas ou mesmo fazer psicologia porque alguns dos seus tentaram suicídio! E.L.A ficou apavorada! O que estava fazendo ali?

Por essas e outras dá para entender as forças que fizeram com que E.L.A escolhesse um lado e o pensasse como materialização do "Enquanto isso na sala da Justiça" (**vide p.97**), no período em que o aluno escolhia onde queria estagiar. Os encontros eram calorosos. Fez uma monografia sobre o "Enquanto isso na sala da Justiça" e, no momento em

que ia despachá-la, estava irritada porque havia sugerido que a monografia fosse entregue em disquete, mas não tinha computador e dizia para si mesma que jamais se separaria da sua máquina de escrever. Gostava de sentir as letras machucando seus dedos, de vê-las manchando o papel, de saber que cada letra tinha um som, gostava de rodar o papel, colocá-lo no canto, depois posicionar outro no rolo... imaginava que se fosse se desfazer da máquina não mais conseguiria criar. Também achava um absurdo sugerirem algo que ninguém sabia mexer direito e já estava com o material pronto. O máximo de proximidade com o tal equipamento era uma aula em que se ensinava a linguagem print e que E.L.A não entendia nada. E.L.A confeccionou, em 2 meses, 80 páginas na máquina de escrever e conseguiu entregar no formato que queria, graças a aposta da orientadora que prontamente aceitou o material nesse formato! Se tivesse que aprender a transpor tudo para a novidade do momento, que nem tinha em casa, não teria conseguido entregar! Ainda bem que sua orientadora, naquela época, era da resistência! Ainda bem que sua orientadora, hoje, ainda resiste com E.L.A e aposta numa virada de mesa para que novos dados caiam.

Somado a isso, uma outra situação a irritava. Começava a circular nas ruas o uso do celular, que E.L.A também se negava a adquirir e ficava intrigada porque tanta gente, com baixo poder aquisitivo, parcelava em 12 x a compra desse aparelho, que era caro, falavam na rua, no ônibus, em todos os lugares, como se ninguém as pudesse ouvir e se endividavam com essa compra. Porque era caro, também, manter aquilo e E.L.A adorava os orelhões, saia mais barato usá-los porque as pessoas tinham telefone fixo em casa e precisavam dele até mesmo para usar o computador, caso o comprasse, pois a internet era via discada. Além disso, quando se ligava de um telefone móvel para outro, os

créditos acabavam rápido e quando se ligava pra ele de orelhão também !Que absurdo! E, muito embora sentisse saudade das fichas e do girar do dedo para discar cada número dos 7 números de um telefone, embora agora tivesse que acrescentar mais um número, o número 2, na frente de qualquer número e usar cartão no orelhão, apertar em teclas e não mais girar o círculo mágico que encurtava distâncias, ainda assim ficava encantava porque, em suas memórias, o telefone tinha um lugar de travessura e poesia. E.L.A se transporta para um tempo entre 1972-78. Morava numa casa simples, dentro de uma escola , sim, dentro de uma escola, como já assinalara antes, pois sua avó era servente da escola e conseguira ter direito a moradia no referido estabelecimento, bem como a responsabilidade de cuidar de todo o espaço quando a escola estivesse vazia. Embora a casa tivesse dois quartos, era pequena, mas tinha um quintal enorme nos fundos. Seu pai, então, aos poucos, conseguiu fazer mais um quarto, bem como construir uma casinha de ferramentas na qual as guardava, bem como onde ficavam todos os sapatos. E.L.A adorava esse cantinho. Foi nele que aprendeu a gostar de parafusos, pregos e martelos, bem como tudo ligado a montagem e desmontagem das coisas. Traz esse aprendizado até hoje: fura paredes, monta móveis, instala coisas... sente, nesse gesto, a presença do pai. Foi também nesse espaço que aprendeu a andar com desenvoltura de salto alto, muito embora prefira tênis. Nos fundos da casa havia dois tanques que E.L.A enchia de minhocas para desespero da mãe, tia e avó, porque era ali que todos se refrescavam do calor e onde se lavava a roupa da casa, sempre de forma coletiva, até para lustrar as tampinhas do fogão, cuja gordura era tirada misturando terra no bombril e esfregando a tampinha até brilhar. Tinha também pé de goiaba vermelha nos fundos da casa, ao lado da casinha de ferramentas. No lado direito da casa tinha uma

oficina mecânica de ônibus, separada por um muro. Lembra que cresceu ouvindo que, quando tinha uns 3 ou 4 anos, ninguém a achava em casa e que foi encontrada sentada no banco do motorista, num ônibus da garagem vazio, mexendo no volante e feliz! O que não foi exatamente uma surpresa, pois quando tinha meses, mas já conseguia ficar de pé no cercadinho, este, por ter rodinhas, a fazia sumir também da vista dos adultos, sendo encontrada bem longe da casa, nos fundos dela, fazendo todos rirem após o desespero de não a acharem! Esses episódios, lembrados agora, a fazem recordar de algo mais recente, o trabalho de seu amigo, Éder Amaral, sobre as constelações da infância e suas cruzadas, rico material para quem tem orelhas pequenas capazes de sentir, tal como E.L.A, como se deu esse agenciamento-lembrança... resolve colocá-lo nas notas de fim<sup>52</sup>. Do lado esquerdo da casa tinha a escola. Entre a casa e a escola tinha um portão que dava para os fundos da casa e da escola. Dava para percorrer a escola pelos fundos, seguir todas as salas e ouvir seus barulhos. Os alunos não podiam andar por ali, porque o portão fazia parte das dependências da casa de sua avó e todos respeitavam esse limite. Mas E.L.A podia circular ali livremente. Havia pé de goiaba vermelha, de abacate, botijões de gás, pé de banana, pé de manga carlotinha, pé de goiaba branca, cadeiras velhas jogadas num cantinho bem arrumadas e um cano de água que era chamado de ladrão, onde, muitas vezes, E.L.A e sua prima se banhavam.

Nesse fundo da casa, separada por um muro, havia também uma outra escola, que E.L.A estudava e que ia somente até a 1ª série. Muitas vezes pulava o muro para entrar nessa escola, cuja moradora, também servente, era amiga de sua avó. Então, tinha duas escolas para brincar. Na escola propriamente dita em que morava, na parte da frente, havia pé de caju que ficava em frente ao mastro da



bandeira que E.L.A usava para escorregar. Na frente de sua casa havia um jardinzinho que sua mãe cuidava com sua tia e tinha uma limoeiro, várias florzinhas, laranja da terra e mamoeiro, cujo caule era usado para soltar bolinhas de sabão. Na entrada da casa tinha uma imagem de São Jorge a quem sua avó era devota e que muito se revoltou quando ouviu dizer que Igreja Católica queria tirar o posto dele de santo e no quarto da avó uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, que ficava num altarzinho sobre a cama. Ninguém adentrava na casa e seria fácil porque não havia divisória entre ela e a escola, a não ser na lateral que dava para seus fundos. A única vez que tentaram entrar foi num dia em todos estavam fora de casa e sua avó estava trabalhando na escola. E.L.A estava sozinha na sala e ouviu passos, e pelo espelho- que ficava de frente para o quintal da frente- viu a chegada de uns três meninos. Saiu de fininho da sala, pulou a janela dos fundos, saiu pela lateral da casa e viu os meninos entrando na casa. Correu para sua avó que estava no refeitório. Ela, mesmo pequenina, tinha uma presença grande, impunha respeito. Chegou em casa e deu um pito em cada um dos meninos. Nunca mais ninguém fez isso! A escola foi assaltada algumas vezes, mas nunca invadiram a casa de sua avó e nunca viram os assaltos, só o resultado que, na maioria, era roubo de algum equipamento. Mas isso ocorreu muito pouco. Sua avó era muito respeitada e também ajudava bastante a comunidade. Todo final de ano juntava dinheirinho para fazer uma grande festa, às vezes usava as sobras da merenda que não serviriam mais, bem como o farnel que o pai d'E.L.A recebia no fim do ano. Também se envolvia com o problema dos alunos, tentava ajudar quem passava mais necessidade que ela; oferecia moradia a quem estivesse com dificuldade de chegar na escola por morar longe. Mas tudo de forma silenciosa. E.L.A mesmo só soube disso quando a avó morreu e seu enterro lotou de gente vinda de vários

lugares e de vários postos (de moradores a diretores de escola), onde cada um falou a importância dela na vida deles. E.L.A, inclusive, acompanhou de perto a morte da avó que faleceu em casa, não na casa da escola, mas num apartamento que passara a morar. Tivera três AVCs. O primeiro ocorrera quando ainda trabalhava na escola, se recuperou e continuou a trabalhar. Os outros, quando já era aposentada e morava nesse outro lugar. Também se recuperou do segundo, mas o terceiro a derrubou e a manteve acamada por longos anos, entrando em estado de senilidade. Mas, o mais curioso é que, nesse processo, nos momentos em que tinha alucinações, saía do silêncio e da imobilidade e dizia para E.L.A: minha neta, tá pegando fogo na escola, precisamos chamar o bombeiro. Ai, E.L.A entrava na alucinação da avó, que parecia ser uma atualização de alguma vivência e perguntava: "onde, vó, que tá pegando fogo? Ali, ô! Ah, tô vendo, vó. Vamos pegar um ônibus? A senhora está vendo o ponto de ônibus? Sim. Tá ali, à direita. Ai E.L.A pegava a avó e andava para a direita. Mas ai de repente ela se cansava, voltava ao silêncio e dormia. Mas, com o tempo, nem alucinação tinha, porque não mais falava, mas sorria quando a via.

Esteve com E.L.A no dia de seu último suspiro, escutou o som e experienciou algo inesquecível. Quando o último sopro saiu, um vento percorreu a casa e derrubou um quadro e não tinha vento no dia. Sua avó estava deitada na cama, com a cabeça voltada para a janela. E.L.A, sua mãe e tia, em volta da cama. E.L.A à direita da avó segurando sua mão e sua tia e mãe à esquerda. Sua avó suspira fundo. Do som do suspiro saiu junto um ventinho de sua boca, circulou por detrás de sua cabeça, fazendo estalar um crucifixo pequenino de madeira que estava preso no encosto da cama, fez a volta no peito d'E.L.A que estava à direita e partiu em alta velocidade seguindo a porta que ficava em frente a

cama, derrubado o quadro que ficava no corredor, logo após a porta, um quadro com a imagem de Jesus apontando com a mão direita para um coração bem luminoso e com a esquerda levantada. E.L.A, sua tia e sua mãe presenciaram esse fenômeno, mas nada disseram (ou será que só E.L.A viu ?) e também arrumaram sua avó para sua ida ao cemitério que ficava ao lado do apartamento onde residia com sua tia. Lembra que a vestiram com um vestidinho amarelo.

Trilha sonora: sítio do pica pau amarelo

<https://www.youtube.com/watch?v=wXbSlxZwatU>

Mas, voltando a escola. Na sala suntuosa da diretora (pelo menos para os olhos d'E.L.A criança era assim) havia 3 mesas e em uma delas um objeto de luxo: o telefone preto. Este telefone era parecido com o do Batman, que, embora mais tarde E.L.A descobrisse que era vermelho, naquele tempo não sabia, porque a sua televisão era Telefunken preto e branco, de modo que o registro mnêmico é o da cor preta. Certo dia, sua mãe precisava falar com sua avó e lembrou que tinha o número do telefone preto da sala da diretora anotado no caderno: 393-3413 ! Esses eram os números mágicos! Ligou. Sua mãe não tinha certeza se sua avó atenderia. Sua avó atendeu! Foi sorte, pois, como sua avó era residente na escola e o telefone nunca havia tocado antes com ela estando só na sala, certamente era algo urgente, então, correu, abriu a porta da sala e atendeu. Alô? Falou em tom grave! Do outro lado da linha, no orelhão da rua, antes de comunicar o que precisava ser comunicado, sua mãe começou a chorar quando ouviu a voz da mãe dela do outro lado da linha, afinal, o telefone da escola era da escola, então conseguir aquele encontro de ouvidos separado por um fio, não era uma benção da companhia telefônica brasileira (CTB), mas de kairós, pensa E.L.A, enquanto escreve essa lembrança. E.L.A, em sua meninice, não

entendia o que se passava com a mãe, só percebia emoção na voz dela e não entendia sobre o que conversavam. E.L.A, menina, só registrava os afetos em curso. Depois que sua mãe se acalmou e conversou com a sua vovó normalmente, passou o telefone para que E.L.A também falasse com ela. E ai, uma mágica inesquecível se instalou. Não entendia como, se a avó não estava ali, como falava com E.L.A de tão pertinho, dentro de seu ouvido? Onde ela estava? Tirava o fone do gancho e procurava a avó dentro dele? Colocava de novo no ouvido e a escutava? Mas se ela estava na escola e nós na rua, como sua voz podia estar tão ao lado? Onde ela estava? Dentro do fio? Mas como teria parado ali? Ela era uma super heróina? Ela virou uma super heroína formiga? E.L.A, então, começa a chorar como a mãe, mas também ficou rindo diante da mágica que estava acontecendo ali. Interrogou a mãe perguntando como aquilo era possível e ela lhe falou das invenções do homem, do que ele podia criar, mas E.L.A não registrou nada, preferiu ficar com sua versão de super heroína e seu amor por formigas aumentou, pois achou que a avó se transformava em formiga escondida no fio. Depois que a situação foi absorvida por E.L.A, a avó deixou de ser formiga e o instrumento deixou de ser mágico, passando a ser objeto humano dentre outros, e E.L.A, sorrateiramente, quando a escola estava vazia, roubava a chave da sala, entrava lá, ligava para números inventados até ouvir um alô do outro lado e depois desligava e ria sem parar, aprendera essa arte com sua prima, 9 anos mais velha que E.L.A. Jamais contou isso para a avó ou para a mãe e nunca foi pega em flagrante. Nessa época não havia, por sorte d'E.L.A, identificador de chamadas ou câmeras!

A lembrança desse tempo enchem seus olhos d'água. E.L.A se toca que morou num lugar que não existe mais. Não existe mais! Não existe mais...<sup>53</sup> Ao ecoar essa frase se deu conta de não só uma casa pode desaparecer, como um

bairro, uma constelação de relações. Será? Tudo é efêmero... Fecha os olhos e os olhos de sua pele a levam para ver tratores derrubando as casas...de repente, só ruínas ao redor...de repente deserto... Nada de escola, nada das ruas, árvores. A cidade muda com as exigências do capital. O capital aqui é um trator mudando vidas. Um trator pode apagar a força do espírito? Abre os olhos. Busca seu ar. Sente que respira ainda. Não existe vazio onde há lembrança de beleza e força. Não há vazio quando se está viva e em estado de poesia. Não há vazio quando se sabe fazer viver fios fortes que a salvam quando outros a embaralham e lhe desconectam da aprendizagem que teve e guarda, com carinho, no peito...Nem o trator nem o o Google maps não lhe retira a magia, porque não há como achar esse lugar nesse dispositivo. Não estar nele até lhe dá mais magia porque aciona a lembrança sem próteses. Mas também se dá conta de que esse desaparecimento lhe trouxe aprendizado sobre a não duração das coisas, pela mão dos homens ou pela mão da vida nua, mas também a sua duração em seu espírito... Se amplificar essa imagem pode entender que tudo pode desaparecer, inclusive E.L.A, mas talvez não a sua imagem nas dobras da pele de outros . Mas isso tem importância? E.L.A se pergunta. Se tem, qual? Retoma a imagem da pele da lembrança de onde morou. Salta poesia, alegria a invade e E.L.A entende que ali se produz força, ali se aprendeu a ser agraciada pelo simples e do simples ter muito. O simples que é invisível para os que não sabem respirar. O simples, invisibilizado pelas máquinas; um bairro que some do mapa sem deixar vestígios, mas que está presente no espírito dos guardiães da magia que viveram lá. Então, se eu, ao me tornar invisível, mas visível no espírito da pele de alguns, se esse aparecimento tiver semelhança com o efeito da lembrança desse lugar na minha pele, que me abraçou e ainda abraça, então, algum presente

dei ao mundo e a vida continua vibrante como canção que abre outras canções curativas. Aqui poderia morar a minha moral . Aqui poderia residir o molde de meu espírito. Esse bairro chamado Itacolomi, ficava onde hoje é uma parte do Aeroporto Internacional Tom Jobim. Parecia uma imensa fazenda transformada em bairro. Tinha características rurais: casas baixas; áreas verdes preservadas; ruas sem calçamento, saneamento e iluminação; duas escolas municipais Nossa Senhora do Loreto (escola onde E.L.A morava que, por obra de um "decalque de kairós" foi batizada assim porque essa santa "virou" padroeira dos aviadores, e a aeronáutica se tornou a madrinha da escola , mas, por obra de aion n'E.L.A, hoje sabe que a negritude dela trazia sua origem de deusa lunar africana do Egito. A deusa lunar africana foi roubada do Oriente e codificada no Ocidente em santa católica, em Loreto, na Itália, misturada a uma história de milagre que vai desde o modo como surgiu em Loreto até nos milagres que representa, sendo trazida para o Brasil por imigrantes italianos<sup>54</sup>); uma única linha de ônibus o 922 que levava os moradores para dentro da Ilha do Governador; um mercadinho de bairro; pessoas que se conheciam no escuro, iluminados por estrelas ou vagalumes- porque não havia luz elétrica nas ruas- e todos se referiam a si mesmos pelas ruas que moravam: fulano da rua 2, beltrano da rua 3, cicrano da 5. Uma igreja católica, com o mesmo nome da santa, reunia a todos, mas também várias manifestações religiosas: a velhinha benzedeira que tirava mal olhado de criança, na rua 4, à direita, era toda enrugadinha e não tinha um dos olhos- e que curiosamente não provocava medo porque ela tinha uma voz doce e parecia um personagem de desenho animado; à esquerda, o curandeiro que passava garrafada, na rua 5; as festas de candomblé na rua 4, à esquerda; o culto evangélico que acontecia na rua 3; a visita de uma santa, talvez Nossa Senhora, que ficava

1 dia na casa de cada morador...Um detalhe: a ida da santa, algumas vezes acontecia na escuridão, que era iluminada por velas e cânticos. E a maravilha desse evento era a traquinagem que E.L.A e sua prima faziam. Como o vinho do padre e a hóstia ficavam guardados para o dia seguinte num canto da estante da avó, E.L.A e sua prima bebiam um pouco do vinho e comiam a hóstia, escondidos de todos. Era uma delícia! Ah, como é bom ser tecida por saudades doces num micromundo cheio de diversidade !!!!

## O corpo transdisciplinar(do) II

**Brasília- DF -2018-1019 / Del Castilho-RJ- fevereiro de2020 /Niterói- RJ-2021-2022**

**Trilha sonora: Raul Seixas. Metamorfose ambulante**

<https://www.youtube.com/watch?v=CmB4sfoZkwo>

**E.L.A arrisca uma trama narrativa com um tom mais encarnado em algumas imagens-sensação de sua formação acadêmica e/ou prática psi. Deixa sua mão ser guiada por algumas dores, mas também pelos amores que encontrou nessa caminhada. Um pathos reativo espreitou a sua escrita, como um fantasma mas, sempre que se apresentava a E.L.A, quem a salvava era a criança, na forma de poesia, que morava n'E.L.A e que lhe ensinara a potência da inventividade como ferramenta de virada de chave existencial ou como ferramenta de lembrança de um corpo pleno de alegria, tal como teve um dia e lutava para mantê-lo vivo. Não existe sa(l)dade quando se mantêm no peito as espumas vivas das ondas das águas alegres e doces de outr(h)ora(s). Não para viver em estado de nostalgia, mas para viver em estado de agenciamento com forças expansivas, tal como aprendera e não esquecera.**

Comecemos de novo. E.L.A sente os movimentos de outros mundos seus de sua caverna. Avancemos um pouco para encontrá-los. Vamos nos aproximar mais d'E.L.A ao menos de seus corpos mais atuais e não necessariamente mais importantes e/ou mais reais. Vamos permitir que outros de

seus inúmeros "eus" se mostrem com mais literalidade e talvez com menos poesia, em alguns momentos.

Como aprendera a trilhar um caminho transversal e como a temporalidade que desenha sua existência sempre a lançou em imagens-pensamento que não habitavam o tempo corrente com suas demandas de concretude dentro da engrenagem molar das práticas, encontrou dificuldades para adentrar nos espaços nos quais poderia ser um membro formador de outros corpos desde que terminou sua pós-graduação, talvez porque levasse a sério demais a estética que construiu para si mesma que se expressava sempre por caminhos rizomáticos. Com isso, não conseguia o visto de entrada para ocupar tal espaço. Foi barrada na porta inúmeras vezes! Ao mesmo tempo, algo n'E.L.A sabia que era preferível ser barrada do que barrar seus processos criativos. Sem eles E.L.A não teria nada que lhe importasse na vida.

Cada vez que se submetia a um processo avaliativo, mais e mais Nietzsche se fazia presente em seu corpo, fazendo-a sentir que os estabelecimentos de ensino tinham orelhas grandes e E.L.A precisava das orelhas pequenas, as únicas capazes de escutar seu modo de ser e pensar. Mas, se por um lado se sentia solitária e ferida, os deuses do tempo sempre a protegeram, trazendo amigadas capazes de ajudá-la a manter sua flecha em movimento. Kairós (tempo oportuno que rege bons encontros e faz florescer composições grávidas de um virtual-vital enquanto realidade do criativo) e Aion (tempo criança que eterniza o instante criativo e o estica ao infinito, atualizando o virtual que se torna intempestivo porque aqui não há passado ou futuro, é o acontecimento agindo no corpo e fazendo com que ele se torne o próprio acontecimento, expressão da linha de fuga que escapa do presente) sempre brincavam n'E.L.A e com E.L.A.



Antes dos processos avaliativos desconcertantes ocorrerem, talvez se faça necessário percorrer a sua trajetória "trans" para que nos aproximemos mais d'E.L.A, desse corpo construído desde a sua graduação. Na época da graduação, ocorrida entre 1991-1996, habitava o mundo da socioanálise e o mundo da fenomenologia-existencial. Não sabia ainda que já dava seus primeiros passos na transdisciplinaridade, somente sentia angústia porque, de algum modo, ainda não era possível a E.L.A afirmar a diferença como força e estética. Seu corpo sofria por achar-se cindido, polarizado e ávido por achar um lado. Na época da dissertação, ocorrida entre 2004-2006 conseguiu o título de Mestra em Psicologia através da flecha: "O que é a psicologia para Nietzsche?"<sup>55</sup> E.L.A não sabia, mas já afunilava ali o que aprendera na graduação, mas se libertando da angústia de outrora e, agora, tinha o suporte de um orientador, que era um filósofo transverso no horizonte da filosofia, um deleuziano, que, naquele momento, estava como bolsista recém doutor no estabelecimento. E.L.A não o conhecia. Na seleção para o Mestrado E.L.A fez boa prova e, com isso, mesmo apresentando um projeto filosófico foi aceita e tal projeto foi direcionado para alguém que a entrevistou, escolhido, por seus pares, como aquele que seria capaz de orientá-la, na área clínica e subjetividade, por conta da temática- assim fala o Chronos acadêmico. Mas E.L.A sabe, hoje, que foi por conta de Kairós e Aion que tal encontro -encanto seu deu! Entendeu que só conseguiu sustentar esse modo transverso e fora dos arranjos espaço-temporais-paralisantes, porque esse outro corpo que se compôs com o seu, também conspirava o mesmo ar e estava naquele espaço por força de um belo acaso de forças. Um bom agenciamento se fazia ali, bem como com um dos membros da banca que abraçava a filosofia e o budismo e outros anteriores a

esse, como o da sua orientadora da graduação que pariu n'E.L.A o universo político e de seu supervisor da clínica, nessa mesma época, que incentivou sua escuta/escrita filosófica. Não sabia ainda que nesse novo encontro com esses novos pares poderia dar um outro destino narrativo para seus afetos de outrora ao afirmar um Nietzsche psicólogo, que assim se apresentava para desviar-se da filosofia tradicional; um Nietzsche que ajudava E.L.A a se afirmar na sua trajetória, que a levava a se desviar da psicologia tradicional. Após a defesa, foi convidada por um dos participantes da banca a tentar doutorado em Memória Social, porque esse participante disse estar interessado pelo desdobramento de suas questões. E.L.A não o conhecia e não imaginava que continuaria pesquisando, mas, ao receber tal convite, o acolheu porque o corpo d'E.L.A tinha aprendido a funcionar de outra forma. Era um corpo acadêmico, que, no entanto, afirmava desvios por conta de seu agenciamento com seu orientador de Mestrado. De toda forma, tinha recebido o passe mágico que lhe conferia uma nova senha para o "espírito". Agora E.L.A era Mestra em Psicologia, defendendo a filosofia nietzschiana! Tinha um novo lugar no mundo. Acreditava que havia conseguido afirmar o que aprendera e ainda por cima, com Nietzsche, o mestre de todos os mestres que auxiliava os doutores da casa-DNA. Afinal, Nietzsche era ponto de partida para o pensamento disruptivo dos principais autores trabalhados na casa tanto na clínica daqueles anos, quanto na socioanálise! Estava radiante! Nietzsche a ajudou a problematizar a psicologia, E.L.A não estava só com suas angústias da graduação de 10 anos atrás. Como não havia Doutorado ainda em Psicologia na casa-DNA, aceitou estudar para a prova nessa outra área - Memória Social-, sem pestanejar e acabou conseguindo uma bolsa porque ficou em segundo lugar na avaliação final (prova e entrevista com

uma banca que não era formada por seu futuro orientador). Um detalhe curioso é que a sua bolsa só chegou n'E.L.A porque estava sobrando no departamento de teatro. Então foi pela ajuda de uma dimensão artística que E.L.A conseguiu prosseguir seus estudos! Kairós e Aion estavam novamente presentes!

Pensava estar respirando, afinal, havia retornado a Academia, em 2004, logo, depois de 8 anos de formada e acreditava ter encontrado a ponta do fio capaz de ajudá-la a desembolar as questões que trazia no peito. Durante o desenrolar desse fio, no mestrado, foi criando um corpo mais confiante e se divertia muito lendo Nietzsche. Nesse ínterim ainda trabalhava na área de saúde de uma Prefeitura do interior do RJ, atendendo crianças, adolescentes, pais, recebendo encaminhamentos do Conselho Tutelar, do Juizado, de escolas, problematizando esses encaminhamentos com a equipe, fazendo intervenções em alguns espaços, montando grupos de discussão com os pais das crianças atendidas, com as adolescentes gestantes, grupos de trabalho com os profissionais de saúde...Era bem jovem e cheia de energia! Acreditava que encontrara ali espaço para usar as ferramentas que compuseram a formação inicial d'E.L.A, sobretudo os instrumentos da Análise Institucional. Para tanto, precisou reinventar sua escuta clínica. Afinal, a sua experiência clínica inicialmente ligada a fenomenologia-existencial não parecia suficiente para as urgências do dia a dia. Não era possível fazer clínica ali, nos moldes de consultório. E.L.A precisava ter agilidade e sagacidade para não cair na armadilha de fenomenologizar os problemas que, em sua maioria, eram questões ligadas a aprendizagem de crianças pobres, problemas de comportamento das crianças, sobretudo dos casos oriundos da Justiça, tensionamento com médicos que queriam medicalizá-las sem avaliar as questões da escola na paralisação da vida delas

ou das engrenagens do judiciário no apagamento de suas existências etc. O que via materializar-se ali eram diversas instituições a partir das relações saber-poder, bem como os fios que formam a rede dos dispositivos que as sustentam e a necessidade de criação permanente de estratégias para que se produzissem contra-dispositivos, ou seja, que cortassem tais fios estranguladores. Em outras palavras menos rebuscadas, encontrava, nesse momento de sua trajetória, a possibilidade de criar estratégias, junto a outros profissionais, que ajudassem a desobstaculizar formas e formulações que pudessem paralisar a vida das pessoas que chegavam até o posto de saúde. Nesse momento de sua vida não entendia que esse modo de intervir era clinicar!

Um importante analisador foi a história de um menino de 4 anos negro que havia sido expulso da escola por mau comportamento, ou melhor, por ser visto como "virtualmente perigoso" e sua mãe o levava ao posto para ver se ele tinha algum transtorno como a escola dizia. Era um menino lindo, cheio de vida. Ao conversar com o menino E.L.A descobre que um coleguinha havia pego seu estojo de canetinhas e não queria devolver. Ele se aborreceu, pegou a cadeirinha de plástico minúscula e jogou para o alto. A cadeira caiu e bateu no outro menino, cortando de leve sua testa. A escola que ele estava estudando era particular e ele era o único menino negro da escola e o único pobre que conseguiu entrar porque sua mãe havia conseguido reunir um dinheirinho para que ele tivesse uma educação melhor que a dela. Esse único episódio causou a expulsão do guri da escola. Inconformada, E.L.A vai a escola conversar com a diretora. Para sua surpresa, a diretora se apresenta a E.L.A como psicóloga e se dizia orgulhosa de ser psicóloga. E.L.A engole a raiva que sente e diz, de forma doce: "Fulana, você como psicóloga não vê que esse episódio nada mais é do que uma

briga normal de crianças? Você como psicóloga não vê os efeitos terríveis que advirão dessa postura da escola contra esse menino? Ele só tem 4 anos e está sendo tratado como se fosse um menino perigoso só porque jogou uma cadeira de plástico para o alto"! A diretora arregala os olhos e diz: "Você tem razão, é só uma criança...mas é que vários pais vieram me procurar reclamando dele porque viram um episódio do programa Malhação em que um rapaz que tinha um mal comportamento atrapalhou os demais alunos, era um marginal, sabe, e os pais dos demais alunos se reuniram para expulsar esse". E.L.A, com toda calma do mundo diz: "Mas ai você vai expulsar uma criança da escola baseada num programa televisivo? Explique para esses pais que eles não estão vendo um menino, mas estão vendo fantasias de futuro que não estão nesse menino, mas na cabeça deles e que, se continuarem agindo assim serão responsáveis por gerar um trauma irreparável para essa criança que apenas está sendo uma criança. Traga a situação que deflagrou o lançar da cadeira ao ar e lembre-os que a cadeira era minúscula e de plástico, projetada, inclusive, para não machucar, não é mesmo? Explique que uma criança de 4 anos não é um adulto que supostamente chamaria o outro para conversar diante de um aborrecimento -aliás, vamos combinar que nem os adultos fazem isso, não é mesmo?- ela reage ao que incomoda e cabe a escola e aos pais escutarem os incômodos da criança e lhe dar uma solução educativa e não punitiva".

Na semana seguinte, a mãe da criança chega com seu filho no posto com um sorriso largo no rosto e uma camiseta branca com letras garrafais em rosa onde estava escrito: AMIGA! A escola não expulsou o menino.

Outro analisador ocorreu durante o atentado as torres gêmeas do World Trade Center, nos E.U.A, em 11 de setembro de 2001. Todas as crianças, nesse período, ao chegarem na sala, quando perguntadas se estavam bem, não respondiam,

pegarem os brinquedos e silumalavam o atentado! Não falavam sobre ele, simplesmente mostravam o que percorria seus afetos naquele momento, sobretudo porque tal evento foi televisionado e passava exaustivamente na T.V. Não se tratava de Édipo, mas das forças do socius circulando e dobrando as suas peles.<sup>56</sup>

E.L.A estava bem envolvida com a comunidade. Quando terminava de trabalhar, muitas vezes era levada até o ponto de ônibus de carona na bicicleta, com alguma mãe de um paciente, sendo que as crianças também iam de bicicleta. Às vezes não ia de carona com uma dessas mães, mas pedia a uma das crianças para trocar de lugar com E.L.A, pedalando com essa criança na cadeirinha. Nessa hora, revivia a experiência de sua infância na qual seu pai, numa bicicleta verde, a carregava assim e E.L.A amava a sensação do vento e da confiança que tinha nele, na trajetória. E também era transportada para o momento em que aprendera a andar de bicicleta aos 6 anos. Era vermelha, seu pai havia tirado as rodas e dizia a E.L.A que havia chegado o grande dia de andar tal como ele. E.L.A estava no pátio acimentado da escola onde morava- sim, E.L.A morava numa escola- era fim de semana e a escola estava vazia. No lado esquerdo havia desenhos de bichinhos próximos ao bebedouro, entre dois banheiros, logo depois 5 salas de aula, uma ao lado da outra, nas suas costas tinha o refeitório e a sua frente, bem mais a frente, a sala das diretoras. E.L.A senta na bicicleta, seu pai estava atrás empurrando-a e segurando-a ao mesmo tempo quando, de repente, E.L.A sente o vento bater em seu rosto e percebe que ele não mais a estava segurando. E.L.A estava andado sozinha! E.L.A sabia andar sem rodinhas. O percurso do refeitório até a sala das diretoras ganhava um sabor mágico! Sua relação com a escola sempre teve tal sabor! Não que E.L.A distinguisse tais lugares, para E.L.A todos eram iguais e sua bicicleta

mostrava essa indistinção de papéis na pele d'E.L.A tocada pelo vento.

E.L.A oferecia seu número de telefone para todos os pacientes. Algumas crianças, às vezes, ligavam escondido dos pais para E.L.A, só para dar boa noite ou para dizer que estavam bem. Uma delas, ao mudar de residência, ligou uma vez só para que E.L.A ouvisse o barulho de um grilo na casa nova!

Mas, a cada mudança de prefeitura, mudava a estrutura do posto e, a rotatividade de profissionais- na maioria contratados- inviabilizava a continuidade de projetos, sobretudo quando mudava a chefia do posto. Além disso, começava a circular uma exigência de que ninguém saísse do posto e que todos fossem atendidos em 5 minutos, queriam aumentar o número de atendimentos para ajudar na eleição de um prefeito. Seu novo "chefe", um médico que nunca tinha visto, foi colocado lá, de uma hora para outra, e exigia isso. A antiga coordenadora era uma enfermeira que realmente fazia o trabalho funcionar porque não se rendia a nada que fosse atrapalhar a rede de encaminhamentos e as singularidades dos profissionais. Porém, foi desviada de função e provavelmente foi colocada em algum ponto longínquo, pois E.L.A nunca mais a viu.

E.L.A começa então uma briga, junto a outra psicóloga, com o diretor do posto e com o secretário de saúde alegando que o trabalho do psicólogo era diferente do trabalho do médico, exigia escuta mais sensível, mais demorada e implicava em intervenções fora do posto e que a exigência deles feria o código de ética dos psicólogos, feria o edital do concurso, atrapalhava o serviço desenvolvido até ali, não só o d'E.L.A, mas dos demais profissionais etc. Toda semana ia atrás do secretário de saúde e ele, quando a via, como não tinha argumentos, passou a fugir d'E.L.A pela porta dos fundos! Meses mais tarde, o secretário de

saúde foi exonerado porque descobriram que ele estava envolvido em alguma coisa ilegal. Soube, inclusive, que havia destruído computadores que continham movimentações irregulares dele. "Magicamente" o coordenador do posto não implicava mais com o tempo de 30 minutos de consulta, mas se fosse sair do posto, essa saída estaria configurada fora da hora exigida de trabalho. Na hora do trabalho teria que estar no posto. Porém, a sala que usava começou a ser ocupada por outros médicos. E.L.A e a outra psicóloga ficaram sem sala. Passou então a atender nas imediações do posto, embaixo de uma árvore. E, mais uma novidade se instalou: nenhum profissional que não fosse médico podia solicitar atendimentos fora de seu saber, ou seja, E.L.A não podia mais solicitar atendimento de fono, nutricionista, terapeuta ocupacional etc. para fazer parceria de trabalho num caso. Só um médico podia solicitar encaminhamentos. Nesse momento, a sala voltou para E.L.A e para a outra psicóloga. Estavam sendo jogadas para trabalhar tão somente dentro do consultório, teriam que ser somente "clínicas", ou seja, escutar e não fazer a engrenagem girar para o público, impossibilitadas de intervir na ferrugem das naturalizações e normatividades. Suas parceiras de trabalho percebendo isso foram saindo uma por uma, inclusive a outra psicóloga e E.L.A ficou sozinha. Sem rede, não conseguia mais encontrar criatividade e, como tudo passava pelas mãos dos médicos, não chegavam mais pacientes, pois eram eles que triavam tudo. E.L.A chegava no trabalho, deixava a porta aberta e não havia ninguém do lado de fora. Angustiou e não sabia mais o que estava fazendo ali. Para que servia aquilo tudo? O trabalho não estava em suas mãos, as forças políticas locais determinavam vidas e aí E.L.A teria que aguardar possíveis mudanças na gestão e enquanto isso naturalizar a impotência? Ou então ficar mudando de emprego, achar vida,



sair de emprego quando ele sumisse, buscasse outro e outro sempre guiada por isso, pela arena política? Era isso resistir? E resistir ganhando uma miséria, porque recebia 1 salário mínimo? E ainda correr o risco de nem conseguir ganhar tal salário porque não era fácil passar em concursos! Não, E.L.A não queria ser um Messias!!!

Continuava a atender no consultório particular, exercício que começou desde que se graduou. Mas ali as demandas eram outras: problemas conjugais, problemas de pais que queriam filhos distintos do que tinham, problemas de filhos adultos com pais que queriam que fossem distintos, enfim problemas edipianos neuróticos que, para E.L.A, pareciam pequenos demais frente as dores mais gritantes do mundo e E.L.A se cansava. Até porque um fenômeno curioso a acometia:sonhava com os pacientes falando com E.L.A na sessão. Quando acordava, lembrava em detalhes tudo que foi dito a E.L.A. Quando chegava para atender, eles falavam tudo aquilo que E.L.A havia sonhado! Trabalhava duas vezes, ninguém merece! Mas, mesmo cansada e sentindo tudo aquilo como muito pequeno, buscava encontrar um "corpo clínico" através de sua analista da época com a qual chegou a fazer uma formação em Gestalt. Mas essa analista se dizia Reichiana. Chegou nessa analista porque aprendera que para ter o selo de psicóloga clínica era preciso fazer análise e formação e E.L.A só chegou nessa pessoa porque uma amiga, transferida a enésima potência com essa analista, a indicou. Mas E.L.A não percebia a nocividade dessa transferência porque era inexperiente, era recém formada e estava tentando se achar no mundo clínico. Não sabe porque não continuou sua formação em fenomenologia. Talvez porque, nessa época de recém formada, não entendia a diferença de escolas de pensamento e só era guiada pelo fluxo dos afetos. Seguindo tão somente tal fluxo, acabou chegando nessa analista pelo afeto que nutria

pela amiga. Mas, nessa formação começa ouvir absurdos de que a clínica era uma maneira adulta de viver, uma maneira liberal, porque quem trabalha para o Estado está atrás de um pai e da lei inerente a tal figura (como se a clínica estivesse apartada das relações de poder e tudo se tratasse de Édipo- o que não formulara na época, mas sua pele sim, pois ela repelia essa fala).Ouve também que sempre que um paciente quer sair da análise é porque está resistindo ao que não quer ouvir, que era para trabalhar com ele essa resistência, não podia deixar ele ir embora se quisesse (atitude que jamais conseguiu fazer, muito pelo contrário, E.L.A costumava trabalhar a alta tão logo sentisse que seu trabalho não tinha mais sentido e jamais prendeu ninguém que não quisesse continuar).Escuta também que as atividades sexuais do homossexual não o faziam alcançar a potência orgástica de Reich, como se houvesse uma meta saudável da sexualidade que só poderia ser alcançada tão somente na relação de gêneros opostos, única capaz de ultrapassar a perturbação de sua genitalidade na vida adulta (fala que fez sua pele se contorcer porque não entendia que a tarefa do clínico fosse moralizar o desejo); que o preço da clínica tinha que ser alto por conta dos gastos enormes com a constante formação que deveriam fazer, incluindo a análise, somado aos gastos com a graduação.E que tudo isto refletia o investimento do desejo do sujeito em seu processo (atitude que nunca teve porque sempre negociou o preço e que hoje a escuta como se fosse semelhante ao que se diz ao crente em relação ao dízimo, como lógica pastoral-capitalística da clínica).Afirmava, ainda, que o barato da gestalt era o "hora do show", quando o psicólogo usaria técnicas específicas para vencer resistências, inclusive, resistências ao atendimento clínico (como se o poder da escuta clínica sobre a vida do outro jamais produzisse erros e que a técnica seria uma ferramenta capaz

de quebrar com o erro de percepção desse outro com menos ou nenhum saber ou poder sobre si, quando, muitas vezes desistir seria sim atitude de saúde e potência diante de um mau encontro, fala que infelizmente não tinha condições de verbalizar por, naquele momento, estar presa a posição de súdita, mas sua pele não). E, o mais grave, essa pessoa que ministrava o curso atendia também a todos que faziam o curso e, durante as consultas, comentava o que uma e outra dizia nas consultas e debochava do que uma e outra havia dito (só nessa hora conseguiu escutar todas as nervuras de sua pele e terminou o processo analítico). Sim, E.L.A não estava num bom agenciamento e ele aumentava seu desconforto com a clínica porque não conseguia exercitar nenhum dos passos dessa formação em sua atuação. E, devido a relação de poder que esse universo estabelece sobre os outros, uma relação em que o paciente deposita confiança no saber desse outro supostamente maior e mais sábio que ele, que investido de tal lugar, poderia curá-lo de sua neurose, inclusive da neurose relacionada a dificuldade com o dinheiro- como se isso fosse um "mal em si" - E.L.A demorou um pouco para perceber toda toxicidade daquilo, embora seus pêlos se arrepiassem quando ouvia essas bizarrices e não fizesse o que era recomendado. A pele de seu corpo, a cada dia, se retorcia mais e, no dia em que conseguiu ouvi-la no lugar de ouvir o lugar de poder-saber da analista, rompeu com esse espaço e afirmou outras leituras através de Nietzsche e, mais tarde, com o Mestrado, aprofundou leituras de Guattari e Deleuze que, mesmo existindo antes em sua formação, E.L.A ainda não tinha a capacidade corporal-afetiva de sentir sua força.

Durante o Mestrado, conforme adentrava Nietzsche- psicólogo, foi sentindo com mais clareza a proposta de Deleuze e Guattari (esquizoanálise) e foi aprofundando a relação deles com Foucault, criando, inclusive, grupos de

estudos onde buscava uma articulação entre clínica, filosofia e política, incorporando também Bauman, Agamben e outros que chegavam a E.L.A. Estudava na maior parte das vezes sozinha. Começou a aceitar convites em espaços clínicos diversos para fazer o mesmo. Um germe de professora nascia ali impregnado pela inquietação que percorria sua dissertação de Mestrado: para que serve a psicologia? Todo esse processo era guiado por uma flecha que seguia as linhas do que aprendera e estava aprendendo e que, ao que tudo indicava, ia na contramão da própria clínica privada, no modo como ela se organiza, no modo como ela escuta a vida! A flecha atingia o peito d'E.L.A e a interpelava com as seguintes questões: como organizar tudo o que aprendera na graduação, com o que aprendera no serviço público, com o infeliz processo analítico que abandonou, com o Mestrado que estava fazendo e com esses escritos que percorria sozinha e com as aulas que começava nos espaços clínicos? Seu orientador ampliava seus horizontes nos encontros de orientação, mas E.L.A não estudava só Nietzsche e Deleuze, E.L.A ia comendo tudo que chegava e digeriria o que já tinha antes. Muita coisa se avolumava n'E.L.A e se perguntava se realmente já tinha condições de fazer articulações que talvez precisassem de mais tempo e experiência para digerir e aí poder pensar na possibilidade de inventar uma clínica diferente. Estava conseguindo fazer isso? Se sim, que isso era esse? Algo n'E.L.A estava sussurrando que o que E.L.A buscava era uma certa "coerência epistemológico-existencial" que pudesse dar forma às diversas forças que a habitavam e que, a todo instante, a cutucavam no sentido de forçá-la a pensar na sua prática, nos efeitos das ferramentas usadas nela e de como se constrói um corpo que a sustente e afirme. Percebe com clareza de que esse processo estava em ação n'E.L.A e

que foi ele que a conduziu ao mestrado com seu projeto "O que é a psicologia para Nietzsche?".

Recorda-se de que Nietzsche adentrou no seu radar na graduação, nos idos de 1995 quando escreveu um trabalho clínico em que Jung conversava com ele a partir do Zaratustra. Lembra de ter lido "Nietzsche e a filosofia" de Deleuze na feitura desse trabalho, mas uma leitura superficial em que o que lhe interessava era a parte sobre Zaratustra e que chegou nesse livro após ter lido um outro, de outro autor chamado Naffah Neto, no livro "A psicoterapia em busca de Dionísio". Nele, este autor revisitava Nietzsche a partir de Freud, mas acompanhado de Deleuze, Guattari, Foucault etc. mas não o compreendeu a fundo, até porque Jung, Heidegger e a daseinanaíse, na época da clínica, eram o carro-chefe da supervisão que fazia parte, então não se recorda de ter se aprofundando em Nietzsche nesse momento. O que recorda é que antes de tentar o Mestrado em 2004 para a UFF, em 2000 retomara a leitura de Nietzsche e não parara desde então, chegando, inclusive a participar de um processo seletivo para Mestrado no IMS-UERJ com o mesmo projeto apresentado à UFF em 2004. Passou com nota alta na prova, mas não passou na fase da entrevista e o pouco que se recorda dela é que o professor que provavelmente a orientaria ficou perguntando, o que, na UFF, era dito sobre o IMS e E.L.A não sabia responder porque estava afastada da universidade, naquele momento, há 4 anos e não entendia o tom da *pergunta*. Lembra que somente disse que um dos livros do tal professor era muito estudado lá em psicologia social institucional, que inclusive o usou na sua monografia...até hoje não entende porque não passou e também não lembra por que tentou para a UERJ/IMS afinal não conhecia ninguém lá.

Mas, retomando a época de seu Mestrado, ao longo da feitura de sua dissertação (2004-2006), a partir dos

eventos que participou e dos projetos de pesquisa que passou a fazer parte (tudo novidade para E.L.A), foi percebendo que as indagações que a motivaram a escrever sobre psicologia, provinham do desassossego que os autores que fizeram parte de sua formação havia produzido n'E.L.A e, além disso, começou a ter uma necessidade vital de trilhar um caminho de pesquisa coerente com aquilo que o seu corpo de pesquisadora efetivamente podia afirmar como sua trajetória de pesquisa, já que não estava dissociada da vida que vinha tecendo a partir do que seu corpo pedia como alimento para se expandir. E.L.A via isso materializado no modo como seu orientador se conduzia e sentia que E.L.A se parecia com ele. Não se sentia deleuziana propriamente dita, mas foi se dando conta que o vasto campo da filosofia nietzschiana era exatamente o espaço capaz de lhe fornecer as ferramentas digestivas que necessitava e se sentia livre para afirmar esse processo. Lembra que na defesa de Mestrado disse para banca ter encontrado, na obra de Nietzsche, indagações acerca da relação entre filosofia e saúde que convergiam com os afetos que guiavam sua escrita, e, ao ver um filósofo se auto-intitular psicólogo para não ser confundido com a maneira tradicional de fazer filosofia, e, munido dessa máscara, propor uma abordagem genealógica dos valores, que implicava, por sua vez, percorrer todos os matizes que participam da produção da subjetividade, pode vasculhar a "história da alma moderna" numa empreitada na qual o diagnóstico da cultura não estaria desatrelado da problematização do saber, da consciência e da produção do sujeito, tal como havia aprendido através da "lente-Foucault" em sua graduação. E mais que isso, que essas problematizações só puderam emergir porque Nietzsche se utilizava de elementos vindos de várias fontes - filosofia, filologia, fisiologia, biologia, história, literatura etc. o que a auxiliava,

também, na afirmação de uma proposta transdisciplinar de pesquisa em psicologia, conforme escutava nesse momento de sua pós-graduação e que a fazia entender que tal processo sempre fez parte de sua formação, embora não se recorde de ter ouvido, durante a sua graduação, alguém nomeá-lo assim se o fez, não registrou, porque o que se recordava era o uso do termo "abertura do coeficiente de transversalidade" usado por Guattari tendo como imagem a regulagem da viseira dos cavalos para pensar na diferença entre grupo sujeitado e grupo sujeito no que tange ao modo em cada grupo se comunica /escuta/intervém nos espaços que circula.

De todo modo, foi se dando conta de que Nietzsche acabou lhe conduzindo pelos caminhos que fizeram parte do que ouvira na sua formação, pois todos os autores que foram priorizados nela, de uma forma ou outra, o mencionavam como referência principal deles, incluindo aqui Heidegger, o que a ajudou também a ganhar um entendimento melhor de seus trabalhos e a sua diferença em relação a Foucault e Deleuze. Aos poucos, como diria Nietzsche, pode ir encontrando "os remédios certos contra os estados ruins", ou seja, quais seriam os personagens e as ferramentas conceituais que poderiam lhe acompanhar na aventura dos processos do pensamento e da criação de práticas afins a tais processos e quais deixaria. Mas, tudo isso só ficou claro para E.L.A no final do processo da pesquisa e E.L.A também estava inserida em outras, ligadas a temática da exclusão social. Pensava estar inteira, mas ao mesmo tempo não sabia como iria levar o que aprendera para o serviço público e não tinha corpo suficiente para "transvalorar" sua atividade na clínica particular. Por sorte, o encaminhamento da banca foi que seu trabalho merecia ser publicado e que E.L.A deveria prosseguir seus estudos em um doutorado. Não publicou o trabalho, lhe pareceu suficiente deixá-lo exposto na página da UFF (escolha que

curiosamente, conforme ficou sabendo, teve muitas visualizações) e, como já mencionara antes, quando um dos membros da banca, que se apresentava como nietzschiano, a convidou para tentar doutorado em Memória Social E.L.A não pestanejou. Até porque nesse período, a UFF não tinha doutorado em Psicologia, então E.L.A não podia ser Doutora em Psicologia na UFF. Estudou, passou na prova , ficou em segundo lugar, ganhou bolsa e largou o trabalho na Prefeitura e na clínica para se dedicar exclusivamente a pesquisa, como já mencionou. Pensou que pudesse respirar com mais força, porque curiosamente o seu texto de Mestrado acentuava mais o aspecto crítico da análise nietzschiana, o aspecto afirmativo só aparecia esboçado, talvez porque, naquele momento atendesse ao seu impulso soberano de juntar a crítica social com a filosofia, mas dentro de uma linguagem nietzschiana. Foi-lhe sugerido que entrasse no plano da experimentação, no ventre da vida mesmo, suas forças, seus abismos, seu caos. Da vida como arte. Da afirmação do eterno retorno da diferença. Do enaltecimento da embriaguez como experiência fisiológica da arte, aquele desregramento necessário para que a criação brote. Ficou radiante com essa possibilidade de mergulhar nesse mar de forças poéticas, como se pudesse levar literatura , além de filosofia, para a psicologia através de uma discussão sobre memória. Claro, esse era o encaminhamento de seu orientador que sabia que o zigue zague a habitava também. Mas, pensando bem, o zigue zague era anterior a Nietzsche e Deleuze, porque, na infância gostava de soltar pipas e seu corpo sabia o prazer do zigue zague que sai das mãos na manobra de cortar outras pipas e depois correr atrás delas acompanhando seu movimento do céu a terra, sem perceber nada a frente ou simplesmente na manobra de mantê-la no alto acompanhando o dançar do vento, tendo a palma da mão cortada por conta do cerol, mas não sentir dor alguma! Mas



não foi isso que aconteceu no doutorado. O cerol da academia paralisava movimentos. Não havia dança porque não havia vento. O tensionamento vinha de outras forças que não permitiam o vibrar das mãos na escrita. E, talvez esse processo tenha ocorrido porque na sua dissertação E.L.A escolheu trilhar um certo caminho "cronológico" dentro da obra de Nietzsche e seu orientador respeitou o desenho que o corpo d'E.L.A podia fazer naquele momento, mas quis sacudi-la para o exercício do zigue zage no doutorado, intuindo talvez o que ocorreria.

No doutorado com outro orientador não pode fazer zigue-zague como agora achava que seria capaz de fazer. Sua criatividade se viu cerceada pela necessidade de escrever com a letra da filosofia tradicional, na qual um conceito conversa com outro e com outro e com mais outro desde Platão e, mesmo com Nietzsche, não pode fazê-lo voar, manteve-o preso dentro dele mesmo, numa exegese exaustiva compreendida como cerol dentro da filosofia somente por eruditos que certamente jamais colocaram uma pipa no ar. Eruditos em filosofia só se desfazem da erudição se a colocam a serviço da vivificação, da experimentação, como seu orientador de mestrado, esse sim um nietzschiano nato. Irritada nesse novo processo doutoral, fez dois textos para a qualificação um literário com 100 páginas chamado "Escrita, pensamento e memória: a literatura como grande saúde", onde trazia literatos lidos por Nietzsche e outros por E.L.A, num modo de escrita mais ensaístico e um outro filosófico, também com 100 páginas chamado "Da arte e seu poder de simulação expulsos da filosofia ao resgate literário na filosofia trágica nietzschiana". O primeiro apresentado como uma introdução e o segundo como se fosse um primeiro capítulo. Pediu para a banca decidir o caminho da escrita que devia seguir porque os estilos eram distintos. Mas, mesmo tentando esconder o mais literário

com um título mais filosófico e o mais filosófico com um título mais literário, escolheram o filosófico porque estava mais ordenado, segundo disseram. Ficou triste no dia, mas o que a conformava é que E.L.A continuava afirmando seu *ethos* transverso. Estava fazendo Doutorado em Memória social, mas tendo Nietzsche como flecha e não os autores tradicionais da Memória Social e, para se manter fiel a sua sensibilidade, batizou sua tese de 496 páginas com um título poético numa escrita filosófica: "Os desafios da memória em direção as forças de criação"<sup>57</sup> e, para finalizar, na sua defesa, largou a escrita filosófica e fez uma fala literária, pegando seu orientador desprevenido.<sup>58</sup> Tinha que respirar e sustentar, pelo seu diafragma, a expansão de suas notas musicais existenciais e, com isso, produzir um "corpo nietzschiano" que não se deixa valorar pelo ressentimento de um mau encontro que, ao longo do processo, buscou aprisionar as palavras e gestos inventivos femininos, mas não conseguiu.

\*

Nesse momento em que escreve sua segunda tese, chamada de Anti-tese, iniciada em 2017, se permite, finalmente, experimentar a escritora-poeta para se desviar da psicologia e também da filosofia, que são dimensões de seu corpo, mas não SEU CORPO inteiro. Sua orientadora e a banca sabem deixar pipas voarem e não temem a "verdade-mulher". Cada uma dessas pessoas são dimensões que inspiraram sua trajetória, como também os autores com os quais se agenciou através delas e de outros que surgiram de encontros variados que teve ao longo da sua trajetória. Fazem parte de seu corpo. Todos a ajudaram a chegar até aqui, bem como a auxiliam também na defesa dessa anti-tese. E a defesa dessa anti-tese se configura como uma despedida da escolha por um corpo acadêmico porque E.L.A começou a perceber que

para que esse corpo se mantivesse como engrenagem acadêmica ele precisava aprisionar seus fluxos e E.L.A precisa ter sempre sua pele alargada para conseguir respirar e pensar com seu corpo, bem como ser fiel a sua própria formação que lhe conferiu as ferramentas para alargá-lo e problematizar os espaços que o aprisionavam, mesmo quando esse espaço é a própria academia. Esse corpo não foi aprisionado na graduação pelas mesmas forças que passou a encontrar no Mestrado e que ficaram mais acentuadas no Doutorado. De alguma maneira, o desejo que deslizava na escrita do Mestrado acompanhava os dedos da academia, mesmo E.L.A tendo um orientador transverso. E.L.A era uma pesquisadora. Esse era seu corpo e para mantê-lo, não podia sair da máquina. Tinha que produzir artigos, procurar revistas qualy, atualizar o lattes e partir em direção a concursos para professor munida de tal corpo ideal. Mas, esse corpo não se percebia assim porque era "trans", forma que veio ganhando para que respirasse e fosse fiel a trajetória da casa-DNA para a vida e acreditava que esse corpo seria bem acolhido na casa ou nos braços dela espalhados pelo interior. E.L.A se jogou nesses espaços e queria ser a acadêmica transversalizante formadora de outros corpos afins, como o de suas amigas de respiro. Mas, conforme adentrava mais e mais nesse território, mais efeitos nocivos foram produzidos na sua pele. Esse adentrar tornou mais evidente a impossibilidade de respiro na academia adoecida. No lugar da possibilidade de expansão do ar que acreditara poder fazer circular através desse corpo acadêmico transverso, construído ao longo de muitos anos, a água salgada passaria a banhar seu rosto em diversos momentos por conta dos abismos que tal corpo lhe apresentou por conta de sua afirmação transdisciplinar. Como se para ter visto de entrada na academia precisasse obstaculizar o exercício da dança das pipas no ar; precisasse calar a

dança da vida no corpo, de toda uma vida, n'E.L.A. No lugar do vento, águas salgadas brotavam em seu rosto saindo de seus olhos. Inicialmente sentida como expressão de água de dor, esse endereçamento reativo das águas a lançou em desertos do espírito, fazendo-a chegar bem perto do ressentimento, da loucura e do niilismo. Mas, no mesmo processo, esse mesmo niilismo que agia ganhava um outro destino, E.L.A precisava enfrentar toda a sua monstruosidade afirmando a força de "tornar-se quem se é", apropriando-se de tudo que lhe atingia buscando um endereçamento criativo, mesmo quando isso que vinha era trágico. Tal processo não foi fácil. Entretanto, se tornou possível quando percebeu que a água salgada era de amor, de amor da vida agindo n'E.L.A, lhe convidando a fazer um desvio mais profundo e se apresentava como signos sensíveis que, com o tempo, quando E.L.A os captava, lhe alargavam a pele e a desintoxicava para que um novo ar, sem a mediação do ressentimento e da acusação, adentrasse em seus pulmões e a fizesse ventar e junto a ela, uma nova maneira de escrita. E.L.A percebia que não podia alimentar esse novo desejo deslizando n'E.L.A alimentando ressentimentos. Ao encontrar a forma doce da água, encontrou um novo ar brotando dela, n'E.L.A que também foi possível porque pode ser ouvida, muitas vezes, por uma rede de amigos que acompanharam suas dores, acolhendo-as e auxiliando-a ainda a manter-se em estado de pesquisa encarnada.

Trilha sonora: Sujeito de sorte. Belchior

[https://www.youtube.com/watch?v=fdwb\\_siAV54](https://www.youtube.com/watch?v=fdwb_siAV54)

Escreve a uma amiga, em janeiro de 2012, quase um ano após seu primeiro doutoramento:

Estou muito confusa com as configurações do mundo.  
Não consigo encontrar um "lugar" para trabalhar talvez porque eu pense demais, sinta demais e esteja isolada demais dos outros desde o doutorado...

Ontem escrevi um texto que gostaria de compartilhar com você, para, quem sabe eu consiga dar um outro lugar para meus afetos. Não é acadêmico. É um desabafo. E sei que você é sensível, sábia e pode me ajudar, de alguma forma, a mudar as estações da minha alma.

Pensei imediatamente em você, mais não sabia bem por que, por isso, não mandei o texto de imediato. Hoje, menos afetada e tentando adequar sensível e concreto, imaginei que talvez essa discussão pudesse interessar a você também e, caso isso se confirmasse, pudéssemos pensar em um trabalho conjunto. Sei que você está cheia de orientações e não queria deixá-la constrangida, mas será que haveria possibilidade de você ser orientadora/supervisora de pós-doutorado? Não sei como isso funciona, sou um zero à esquerda em burocracia, mas, diante das tentativas frustradas em tentar arrumar um trabalho no qual eu pudesse continuar minhas pesquisas com alunos, pois já "rodei" em 5 concursos por questões internas e externas. Explicando melhor: o primeiro que me inscrevi, rodei porque perdi a voz no dia e era na mesma semana da minha defesa de doutorado em Memória Social, graças aos deuses, era numa segunda e a defesa foi na sexta, de modo que a voz voltou a tempo e a defesa foi linda, pelo menos isso de bom. O segundo eu não tive problemas físicos, tava animadíssima porque a questão sorteada era saber, poder e subjetividade, dei uma aula linda, totalmente foucaultiana, mas aí o cara da banca, o presidente, disse que eu não tinha postura de professor! Disse também ao outro candidato que ele se mexia demais. Enfim, no final das contas resolveu aprovar o outro e me deixou com o segundo lugar, alegando que tinha que escolher um de nós porque não podiam abrir novo concurso etc. Até hoje não sei o que significa " não ter postura de professor!". O terceiro concurso, me inscrevi, mas aí, quando vi quem era a banca, desisti do concurso, era com o mesmo presidente de banca que havia me desclassificado por não ter a tal postura de professor...Detalhe: dos 15 candidatos, pelo que soube, apenas 1 ficou pra prova de aula e entrou. O quarto concurso foi pra aquela palhaçada toda que não convém comentar e por fim, o mais ridículo de todos: pra uma universidade particular. Detalhe: eu e minha companheira havíamos sido indicadas para esta faculdade por uma amiga. A gestora adorou nosso currículo e forneceu seu número de telefone para marcarmos uma entrevista. Fomos. Ela se mostrou animada com a gente, compartilhou problemas institucionais, pediu sugestões e nos informou que devíamos nos inscrever para um concurso que estaria aberto na semana seguinte. Nos inscrevemos. Nesse ínterim ela tirou férias e outra pessoa ficou no lugar dela. Mandamos nosso currículo no dia 19 e só recebemos o aceite de nossa inscrição no dia 27. Um pouco estranho, mais até aí tudo bem, afinal, dezembro é um mês atribulado. Mas, para nossa surpresa e perplexidade no dia 5 recebemos um email avisando que estávamos eliminadas do concurso por excesso de candidatos, que eles estabeleceram um critério de corte, de x candidatos para tal vaga. Porém, no edital não constava isso como critério, de modo que era uma impropriedade jurídica...

Quando a moça voltou, informamos a ela o acontecido e claro, ela, que precisa do emprego, naturalizou a situação...Obviamente ficamos putas, mas ao mesmo tempo entendemos a posição dela e sabíamos que ali havia forças institucionais que ditavam as regras e que provavelmente aproveitaram a ausência da moça para colocarem quem queriam pra dentro. Enfim, diante disso, acredito que uma possibilidade pra mim seria o pós-doutorado, tentar uma bolsa. Mas não sei como isso funciona e também não quero colocar você numa posição delicada como se pudesse resolver nossos problemas. A minha demanda é mais de organização e acho que você pode me ajudar. Caso não possa ser minha orientadora, fique tranqüila que não ficarei chateada. Queria saber, ao menos, se há essa possibilidade e se não houver, se você poderia me dar algum conselho. Obrigada e desculpe por esse e-mail enorme.

Grande beijo,

Segue o texto:

*As palavras e as coisas*

Ouço um refrão:

Bom é não saber o quanto a vida dura  
 Ou se estarei aqui na primavera futura  
 Posso brincar de eternidade agora  
 Sem culpa nenhuma”  
 (Benditas. Música de Zélia Duncan e Martn'ália)

<https://www.youtube.com/watch?v=eoTJjM9oFXy>

De repente um clarão se faz em mim: a eternidade é agora. É no agora que vivo, que todos vivemos e isso é liberdade! O que desejo nesse agora? O que posso ser nesse agora?

Imensa abertura de possibilidades e afetos. Alegria invade.

Cada dia é um único dia, como torná-lo perfeito se cada dia é o último e o primeiro, é eterno? A eternidade da perfeição. Que delícia de rima, de canção.

Surfar nessas ondas me lança na enésima potência do pensamento. Mas aqui, existem palavras e afetos ligados a ela, mas e as coisas?

Como fazer desse surfe uma via, uma vida, com suas exigências de moradia que não se assemelham a moradia das idéias?

Tento, a cada dia, apostar na ressonância das idéias na vida de outros seres, mas não encontro espaço, na moradia do concreto, para habitar esse plano sensível.

As representações das coisas estão, a cada dia, mais afastadas desse plano sensível. As coisas ditam a moradia. Ditam os valores. Ditam os desejos.

Freud, em um texto que não me recordo agora dirá, de forma crítica e irônica, que a filosofia está próxima da esquizofrenia, posto que ambas se abastecem, florescem junto aos discursos, em torno das palavras, nunca no registro das coisas. Delírio e filosofia seriam uma mesma estrofe. As palavras viram coisas, viram mundo, sem a necessidade do teste de realidade, para filósofos e esquizos.

A filosofia e a esquizofrenia fariam do vazio a sua rede de referência.

Mas Freud não entendia nem de filosofia, nem de esquizofrenia, embora a irmandade entre ambas estivesse correta, mas por outros motivos.

Filosofia e esquizofrenia rompem com a realidade. Com sua dureza. Navegam no vazio das formas que implodem, porque navegam no espaço que não se representa, na fertilidade daquilo que escapa a toda organização modelar, ou, como diria Deleuze e Guattari: molar.

Navegam no sensível, fazem variar as moléculas da água. Mas navegar no sensível tem seus riscos, da mesma forma que caminhar no concreto tem seus riscos. Você pode se confundir com as moléculas, mas também pode se confundir com as molas, com as engrenagens...

Mas, no contemporâneo nos pedem para nos lançarmos no sensível, posto que a produção de novidades é a demanda que faz o mercado girar, porém, esse simulacro do “devir artista” é logo capturado pelas mesmas exigências do mercado: ter um perfil artístico implica no consumo de uma imagem, ou melhor, na manutenção dessa imagem para ser consumida, o que por sua vez implica em possuir equipamentos, capital de giro etc.

Olhando para tudo isso eu piro. Seria melhor dizer: eu pifo, porque meu corpo perde a sua mobilidade e deixa de caminhar pelos trilhos que acredita: o mar aberto da potência. Pifar é melhor que pirar porque nem hoje, nem antes se pira, não há espaço para a loucura, só para a clausura dela. Aqui inexistente. Porque não há moléculas para nos fazer derivar junto, mas excesso de molas, no entanto, fluidas, que nos asfixiam de realidade e, ao sufocarmos diante de tanta realidade, pifamos. Ou ainda, as moléculas se confundem com o fluxo do capital e se tornam molares. O capital se tornou simulacro da vida, então, não são mais moléculas e nem molas, mas um lançar-se num devir esmola: “por favor, alguém ai me dê dignidade para existir”. Mas falamos com quem alguém? Nem Deus temos mais! Ou melhor, temos o Deus mercado, mas ele não tem rosto, só um posto. Hum, então Deus existe! E continua a não se apresentar ou só se apresenta no sofrimento. Continuamos cristãos??? Ou materializamos o pathos cristão nas relações sociais?

De todo modo nossa mendicância não mais produz esquizofrenia e nem a chamada angústia de antes.

Não deliramos o impossível, não nos confundimos com Deus ou com o excesso de pulsação, “enlouquecemos” por excesso de realidade e novidade asfixiante e pelo novelo das duas formas. Excesso de concretude, mas num espaço volátil! Concretude invisível que dilacera a alma.

Até o Estado é invisível, mas sua mão em nossa jugular concreta. Não nos representa porque as forças que modelam e remodelam as relações sociais não estão mais concentradas num território, logo, o imperialismo que nos rege não é submetido a nenhuma lei, mas, no entanto, cria leis, sem se responsabilizar por nada porque por detrás delas há um vazio, uma falta de rosto e uma ausência de espaço mas um excesso de práticas de estrangulamento.

O que é o mercado?

Um jogo de forças que, no entanto, possui uma mão invisível, mas concreta porque capaz de decidir quem vive e quem morre, inviabilizando a realização de direitos democráticos e, fundamentalmente, o direito dos trabalhadores. Não há trabalho. Há manobras que inviabilizam a tomada de direitos e seu exercício. Talvez por isso haja uma demanda enorme por direitos penais. Buscamos culpados a todo instante porque pensamos precisar encontrar um algoz. Mas ele não tem forma, então, quem assume a culpa é quem não tem. Como culpar a força? Como prender a força? Como mudar a realidade? O capital hoje é financeiro, não é mais de produção. Não tem concretude, é líquido, mas afeta a concretude das existências. O invisível, o móvel domina o capital comercial, industrial. Toma corpo na bolsas de valores e, aquilo que ocorre ali delimita os demais corpos do mundo, todo corpo social.

Deus-bolsa de valores. Deus mercado financeiro. Deus produtor de misérias, mas sem promessa de felicidade no além e nem aqui.

Criamos assim uma sociedade de ressentidos e de escravos do ressentimento. Criamos inimigos imaginários, porque temos medo. Muito medo. Novamente o “devir

cristão” em nós, mas transformado, multiplicado, globalizado, mas sem promessa de felicidade.

Assistimos a inúmeros suicídios que são praticados de A a Z, em toda camada social. Motivados por quê? Excesso de concretude! Não por delírio! Falta de emprego, moradia, postos perdidos enfim... Até nossos medos são concretos e matéria de investimento financeiro! Como diz Bauman, o vagabundo é o alterego do turista!

Não há mais espaço para definir a angústia, tal como a psicanálise, como medo sem objeto, mas angústia por perda de objetos concretos. Deveria mudar de nome...

Como diz Eduardo Galeano, hoje, nessa organização criminal do mundo assassinaram o dicionário. As palavras já não dizem o que dizem ou não sabem o que dizem.

E eu, que preciso das palavras para respirar, fico sem lugar! Emociono-me com a canção que abriu essa discussão para logo em seguida me decepcionar pela falta de lugar das palavras... elas não mais criam mundo, porque não sustentam esse mundo da concretude volátil, são capturadas por ele e remodeladas ao capital.

Então será que aqueles que insistem na vida é que talvez sejam os loucos?! Como sobreviver a ditadura do medo invisível, mas com objetos concretos? Como ser livre? E como fazer da eternidade o agora sem culpa nenhuma? Como viver o agora se até esse agora foi capturado pela ausência de vida digna no amanhã?

Como fugir do medo da precarização da vida, dos laços, dos afetos, do abandono, da indignância comum a todos nós? Universalizaram o barco dos desvalidos? Tornamo-nos, finalmente, irmãos em desgraça? Devo virar evangélica e aguardar o juízo final para assim conseguir ultrapassar esse mal do século XXI?

De todo modo, continua importante não saber quanto a vida dura ou se estarei aqui na primavera futura, mas não por amorfati... Parece que mataram o destino ou sou eu quem não encontrou ainda as novas roupas adequadas ao agora?

E olha que curioso: duas cigarras cantam na minha janela e chove e amanhã também choverá. As cigarras sempre anunciavam o sol... Agora, nem elas encontraram suas roupas novas nesse mundo invertido, seus afetos não ressonam na natureza. Elas não decifram o invisível com seu corpo sensível. O mundo está sem loucura, sem filosofia e sem natureza. O mundo pifou. Que dirá eu...

Embora essa carta estivesse carregada de dor, o E.L.A a espreitava para fazê-la sair da dor. Sair da dor não era fugir da dor, mas transformá-la em outro universo de sensações. Se podia escrever é porque ainda estava pulsando, ainda tinha pulso. Algo n'E.L.A persistia e insistia em sentir o mundo de outra forma e buscar uma maneira de habitá-lo, ao menos, o mundo que, naquele momento, era o seu. Sabia, no entanto, que não perseverava por adaptação ou moral de sobrevivência. Dizia a si mesma que só se encaixava onde entendia se encaixar para poder fluir junto ao encaixe e, por sorte d'E.L.A, graças aos deuses que habitam sua pele, seus processos, mesmo que doídos, eram criativos e a criação era sua canção



cotidiana. Sabia que não se podia nunca fazer das palavras duras, coisas, porque assim elas viravam entes que se apoderavam do pensamento. Sabia que elas são, antes, afeto e, nessa qualidade, são móveis, mudam, mesmo não havendo mais estações fixas como outrora e as cigarras estivessem se confundindo. Havia sol, noite e lua. Então, havia canção. Não há como matar a musicalidade da vida. O que não significava que se tratasse de canção de esperança, mas canção de luta, de uivar pra lua. Então, diz para si mesma: Ainda sou um lobo. Na verdade, estou na idade da loba. E estou uivando. É só isso.

Um sol lunar se apresentou a E.L.A na troca com essa amiga, carinhosamente apelidada por E.L.A como "versão feminina do deus Hélios", pois ilumina a todos. Mas, como é versão feminina, é sol delicado e como é lunar, espelha e aquece na medida exata. Talvez seja o sol que as cigarras entoavam na minha janela, diz para a amiga, cantando para o tempo que não é esse que via pela janela, mas o tempo da vida que pulsa como o que cresce da amizade. Essa iluminação a emocionou, pois a fez respirar de novo o respiro da acolhida, da generosidade, da amizade. Dedicou-se a elaborar um projeto que fizesse jus a beleza das andanças de sua amiga e desejava que, mais tarde, essa beleza as conduzisse a outras ainda por descobrir e que embora suas andanças ainda fossem curtas comparadas as dela, esperava que pudessem se expandir a ponto de um dia reverberar belezas como as que sua amiga estava proporcionando a E.L.A.

Um mês após o aceite de sua amiga em ser interlocutora desse processo, E.L.A já era outra. Escreve para ela:

Querida,

A cada dia que passa constato que o tempo da escrita age em nós como uma força independente, é afecção, não é razão.

Poderia mesmo questionar se existe tempo da razão. Não acho que exista, esse tempo é invenção dos homens na ilusão de controle sobre a vida. Assim, concordo plenamente com Nietzsche quando diz: "o pensamento vem quando ele quer e não quando eu quero", estando sempre ligado a uma luta de afetos e a sentimentos ligados a ele. Nossas ideias são afetos que pedem passagem, mas às vezes há excesso de afetos e aí, fica tudo congestionado.

Tenho sido atravessada, o melhor seria dizer, tenho me deixado atravessar, por tanta coisa, que acabaram me impossibilitando encontrar um afeto de comando que pudesse se transformar ou ganhar a forma de escrita. Vinha uma ideia, eu a seguia, mas aí, vinham problemas exteriores a ideia, e eu me perdia. Tentei sair desse vai e vem lendo tudo que podia, varias entrevistas de Foucault, comentaristas, citações nos escritos de Foucault a respeito de Nietzsche, produções suas a respeito de Foucault no Brasil, textos da Margareth Rago etc. Anotava tudo na folha mais próxima a mão, e, no meio disso tudo, o mundo acontecia. De repente, esse acontecimento-mundo, as imagens da violência em Pinheirinho, greve em Salvador, greve no Rio, começaram a me sacudir e eu entrei numa viagem estranha e meus afetos se agenciaram com tudo o que estava acontecendo. Afetos tristes misturados a uma sensação de virtualidade de novos possíveis diante de resistências em curso... vontade de mudança da história. Cheguei a pensar que poderia escrever sobre isso, mas o afeto de perplexidade estava colado demais a retina, e aí, nada acontecia em termos de escrita...

Comecei a ficar confusa se devia escrever ou se devia militar e, no final das contas, não deu para fazer nem uma coisa nem outra. Até a militância está atravessada pela velocidade e, seguindo essa lógica, obviamente, o curso da historia não mudou ! E aí, ontem, ao entrar em contato com uma fala da Dona Canô, mãe do Caetano, no alto de seus 104 anos dizendo: " Ser feliz é pra quem tem coragem!" e ler, no mesmo momento, uma entrevista de Cora Coralina, algo em mim se deu. Eis a entrevista: Um repórter perguntou à Cora Coralina o que é viver bem. Ela responde:

"Eu não tenho medo dos anos e não penso em velhice. E digo pra você, não pense. Nunca diga estou envelhecendo, estou ficando velha. Eu não digo. Eu não digo que estou velha, e não digo que estou ouvindo pouco.

É claro que quando preciso de ajuda, eu digo que preciso.

Procuro sempre ler e estar atualizada com os fatos e isso me ajuda a vencer as dificuldades da vida. O melhor roteiro é ler e praticar o que lê. O bom é produzir sempre e não dormir de dia. Também não diga pra você que está ficando esquecida, porque assim você fica mais.

Nunca digo que estou doente, digo sempre: estou ótima. Eu não digo nunca que estou cansada. Nada de palavra negativa.

Quanto mais você diz estar ficando cansada e esquecida, mais esquecida fica.

Você vai se convencendo daquilo e convence os outros. Então silêncio!

Sei que tenho muitos anos. Sei que venho do século passado, e que trago comigo todas as idades, mas não sei se sou velha, não. Você acha que eu sou?

Posso dizer que eu sou a terra e nada mais quero ser. Filha dessa abençoada terra de Goiás.

Convoco os velhos como eu, ou mais velhos que eu, para exercerem seus direitos. Sei que alguém vai ter que me enterrar, mas eu não vou fazer isso comigo.

Tenho consciência de ser autêntica e procuro superar todos os dias minha própria personalidade, despedaçando dentro de mim tudo que é velho e morto, pois lutar é a palavra vibrante que levanta os fracos e determina os fortes.

O importante é semear, produzir milhões de sorrisos de solidariedade e amizade.

Procuro semear otimismo e plantar sementes de paz e justiça. Digo o que penso, com esperança.

Penso no que faço, com fé. Faço o que devo fazer, com amor. Eu me esforço para ser cada dia melhor, pois bondade também se aprende.

Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobri, no caminho incerto da vida. que o mais importante é decidir".  
(Cora Coralina)

Desde então comecei a escrever sem parar, mas não vai dar tempo de terminar no prazo de fevereiro proposto pelo Cnpq . Porque, nesse momento, é o que meu corpo pode. É onde minha alma velha se expressa, bem como onde minha criança brinca. Essa é minha militância.

Então, minha linda, perdoe essa recente amiga, que tem mania de escrever e-mails longos para falar de coisas simples. O segundo prazo é até maio, nos lancemos a ele, então! No final das contas vai ser ate melhor, pois posso assistir suas aulas, fazer parte do seu grupo e, agenciada com pessoas bacanas, a escrita certamente ganhará tons de potência e alegria.

Beijos

**PS: Espero que não desista de ser minha interlocutora, afinal, ao deixar vc entrar em contato com minhas esquisitices, de repente**

**possa chegar a conclusão que meu caso é mais de internação do que interlocução rrsrrsrrsrrsrrsrrsrrsr**



Cria então um projeto intitulado "Ressonâncias de Nietzsche em Foucault: o encontro criativo da flecha do pensamento". Envia-o para o Cnpq e, quase doze meses mais tarde após tal envio, começa um novo capítulo em sua vida. A vida estava tão sorridente para E.L.A que soube do aceite do Cnpq quando estava em outra cidade, Natal, num momento em que ali também nada dava certo. Havia chegado lá porque as condições de trabalho no Rio de Janeiro havia se esgotado para E.L.A e sua companheira e havia um convite de trabalho para dar aula numa universidade particular de lá, que só durou dois meses, mas essa é uma outra história...que talvez apareça aqui ou não, tudo vai depender do que os dedos desejem fazer passar pela sua pele. O que importa narrar é que no dia em que sabia que não teria como continuar na nova cidade, recebeu um telefonema de sua futura interlocutora emocionadíssima porque o Cnpq havia agraciado o projeto com a bolsa. Um capítulo belo se fazia ali, que durou dois anos, muitos chopes, greve e paródias, artigos, leituras, política da amizade confeccionada num rico grupo de doutorandos e mestrandos pelas mãos dessa deusa hélio, em que todos participavam dos trabalhos uns dos outros ativamente e alegremente e que fez brotar inspiração para aprimorar o seu, cujos frutos foram 5 artigos. Neles experimentou criar conceitos como "pensamento-flecha" e "tiro espiritualizado do pensamento" servindo-se da imagem do arqueiro para se referir a Nietzsche e a Foucault.

Sintetizou o que seria um pensamento-flecha da seguinte maneira:

1- tem um *alvo no presente* e esse alvo emerge do diagnóstico das forças que dão contorno às formas de pensamento, mas para delas se deslocar<sup>59</sup>, o que, em Foucault foi chamado de ontologia histórica de nós mesmos;

2- que implica numa *atitude capaz de sustentar a tensão do arco*<sup>60</sup> para que esse alvo seja atingido, mostrando que o lançamento da flecha é tarefa do homens fortes, isto é, aqueles que sabem fazer a corda de seu arco vibrar<sup>61</sup>, de modo tal que a tarefa destes consistiria "em não afrouxar a tensão do arco"<sup>62</sup>, o que, em Foucault está relacionado a construção de um *ethos* (discussões presentes não só em seus últimos escritos, mas também no modo como problematiza o *socius* a partir da análise das práticas e dos discursos), revelando-se como a atitude, de um corpo, que, ao sustentar problematizações, a partir delas, cria estratégias e táticas de intervenção no *socius*, bem como encontra maneiras mais libertárias de governar a si mesmo, tal como propõe em seus últimos escritos<sup>63</sup>;

3-que, munidos da força, podem atingir, também, *alvos distantes*, posto que quanto mais teso o arco, mais longe vai a flecha e, com isso, podem encontrar um pensador do futuro que a recolhe e que pode lançá-la em novas direções, o exercício feito por Foucault, ao longo de todos os seus escritos, a partir da flecha - Nietzsche. Isto é, Foucault, leitor de Nietzsche, se tornou alvo de suas flechas e mais do que leitor, perpetuador de sua vibratibilidade;

4- que todo esse processo envolve um aprendizado de que o *tiro certo* é aquele no qual não se faz um grande barulho<sup>64</sup>, pois o ato de criar novos valores não deriva dos grandes acontecimentos, mas da percepção de pequenos acontecimentos cuja força sutil e precisa só é percebida

por quem tem sensibilidade na audição, aquele ouvinte de orelhas pequenas<sup>65</sup>, que pode perceber que "as palavras silenciosas são as que carregam maior tempestade"<sup>66</sup> e assim caminham na contramão do modo como comumente se escuta e se desenha a história, o que em Foucault se caracterizou como exercício de uma genealogia do poder que mais tarde foi chamado de genealogia da ética ;

5-E, fundamentalmente, *coragem e firmeza na sustentação da tensão e da ausência de ruídos quando a flecha sai do arco*, posto que ela só abrirá novos caminhos se o arqueiro não tremer as mãos no lançamento, ou seja, quando é capaz de fazer da vibração da corda no arco, sem trepidação, a afinação entre vida e pensamento, estando inteiro num exercício ético que espiritualiza o tiro.

Esse último aspecto, do "tiro espiritualizado" foi uma imagem inspirada no arqueiro zen que, no momento em que dispara a flecha, atinge a si próprio, mas, para tanto, precisa desprender-se de si, sem perder a habilidade e o preparo técnico no disparo da flecha. Tal imagem é invocada por Foucault numa das aulas do curso *Hermenêutica do sujeito*<sup>67</sup>, mas a inspiração inicial veio de algumas passagens do *Zaratustra*<sup>68</sup>, bem como no modo em que Nietzsche encaminha sua "autobiografia" no *Ecce Homo*, cujo subtítulo é: *como alguém se torna o que é. Significa* que o "arqueiro" finalmente desaparece e se confunde com o seu próprio instrumento, pois somente quando a força se confunde com a materialidade do pensamento, a flecha se apresenta em estado puro e assim é capaz de atingir os outros porque foi produzida na osmose entre escrita e vida. É o espaço da experiência que assume o primeiro plano, não sendo, portanto, nem espaço da arte, da literatura ou da filosofia, como assinala Foucault, numa entrevista em 1966, referindo-se a Nietzsche e outros<sup>69</sup>. Aqui, a flecha encontra a sua forma de pura força, ela é experimentação e

experimento para quem tem coragem de ser perfurado por ela. Assemelha-se a discussão trazida por Foucault em "O que é um autor?", bem como as "técnicas de si" trabalhadas no curso *Hermenêutica do sujeito*, onde, inclusive a imagem do arco e flecha aparece.

Como disse, a realização do projeto durou dois anos. Ele surgiu depois e durante algumas experiências de dor ligadas a processos seletivos para a docência.

A dor inaugural do seu primeiro concurso talvez mereça um maior detalhamento.

### **A engrenagem baiacu I- A sabedoria de Imenajá agindo n'E.L.A Niterói- RJ-2021-2022**

**Vídeo: AMA - a short film by Julie Gautier**

<https://www.youtube.com/watch?v=bdBuDg7mrT8>

Como já mencionou, E.L.A se formou numa universidade que se orgulha de ser transdisciplinar. E.L.A ouvia sempre essa palavra no Mestrado, que se orgulha de defender a filosofia da diferença, que não separa clínica de política, como diziam também. E.L.A levou a sério o que aprendeu e fez um percurso "trans" e, acima de tudo, se dedicou a estudar Nietzsche que, por sua vez, era o autor principal que ajudou aos autores mais importantes da casa "Deleuze e Foucault", em suas próprias trajetórias. Na época em que ainda fazia doutorado em outra universidade que também adotava o prefixo "trans", mas para pensar a memória social, foi convidada por uma professora querida da casa-DNA para dar aula, junto a uma equipe maravilhosa de professores, entre eles seu antigo orientador de Mestrado, em Macaé, numa Especialização em teorias e práticas transdisciplinares e violência com alunos formados em diversas áreas. Essa experiência durou 1 ano e foi também convidada a organizar, como revisora técnica, a tese de Claudio Ulpiano, chamada "O pensamento de Deleuze ou a

grande aventura do espírito" para o formato livro. Ficou apavorada com esse convite, mas aceitou porque sabia que iria aprender muita coisa nova e de qualidade. A leitura sensível que fez e que ficou pronta em 2011, serviu de base para a publicação ocorrida anos depois, em 2013, por outro grupo de professores que finalizaram o processo. Nessa época também preparou várias pessoas para o mestrado e doutorado para tentarem ingressar na casa-DNA, bem como na casa Memória-Social e todos que preparou passaram nas provas, alguns conseguiram até bolsa.

A finalização do doutorado somada a tais experiências recentes, bem como as passadas, a fazia confiante de estar em consonância com o que aprendera ao longo da vida. Vestida com essas forças, confiante de saber-se filha de casas "trans", trazendo seu DNA como prova de filiação em sua pele, ossos e sangue parte para seu primeiro concurso, em 2011, para professor substituto.

Um dia antes da seleção, resolveu pedir a benção a Iemanjá. Se concentrou, conversou com Iemanjá agradecendo por sentir-se confiante nesse primeiro concurso. De repente, olhou para areia ou a areia olhou para E.L.A e viu um peixe morto que a muito tempo não via, um Baiacu, que desaguou em seus pés trazido pelos cabelos ondulados da Rainha. Sua mulher, que estava com E.L.A, lhe diz que pensava que era um sapo. E.L.A explica a sua mulher que esse era um peixe que, quando se sentia ameaçado, inchava, engolindo água e/ou ar, para provocar medo nos outros e que também por natureza, sobretudo quando se apresentava assim. Mas, embora estivesse inchado, estava morto. Sua defesa não havia dado certo, coitadinho. Sua defesa se voltou contra ele. Ele inchou, mas ai ficou leve e acabou sendo arrastado para a areia, onde acabou morrendo. Após essa fala, ficou uns instantes encucada com a imagem e pensou: será que vou



morrer na praia? Mas, não se permitiu demorar nessa incompreensão e foi para o hotel.

E.L.A sabia que alguns amigos da época de sua graduação estavam no pólo onde ocorreria o concurso e isso a animava, mas E.L.A não tinha mais contato com eles e também não os viu lá no dia do concurso. Quem presidia a seleção E.L.A não conhecia, mas sabia que não tinha feito formação na casa-DNA e os outros dois professores havia se formado na casa-DNA e E.L.A os conhecia de vista, e teve a impressão de que estavam participando pela primeira vez de uma seleção, talvez estivessem em estágio probatório. O tema de aula sorteado foi saber, poder e subjetivação em Foucault. Sorriu de orelha a orelha. O episódio baiacu não fazia sentido. Não tinha como E.L.A morrer na praia, pois conhecia Foucault muito bem. Sua confiança aumentou porque a partir daquele tema seria possível afirmar a coerência epistemológica da Universidade com a trajetória trilhada por E.L.A, ainda mais porque a disciplina que estava pleiteando vaga era "Fundamentos Históricos, Epistemológicos e Filosóficos da Psicologia". **Era essa estrofe platônica que cantava n'E.L.A.** Nesse dia, agradeceu em pensamento a Iemanjá pelo tema sorteado, pensava que a coerência que afirmava em seu corpo finalmente encontraria espaço para se expandir em outros corpos. Preparou a aula e se mantinha confiante e alegre. Preparou uma aula linda. No instante em que escreve a frase "Preparou uma aula linda" sentiu vontade de compartilhá-la com o leitor. Procura, no computador, a pasta onde havia guardado essa etapa de sua vida- sim, E.L.A guarda tudo que já fez nele - como uma forma de lembrar de sua estrada. Essa é a dimensão camelo de seu espírito, não pode negar. Mas, ao mesmo tempo, é espaço de lembrança do que já foi e, nesse sentido, a faz percorrer e perceber as modulações em seu espírito. De todo modo se pergunta: Será que devia deletar tudo? Talvez em

algum momento, não agora. Resolve anexá-la ao final dessa anti-tese, mas desiste. Bobagem. Tenta se lembrar da prova escrita, mas não se recorda de nada. Deve ter se saído bem porque senão não iria para a segunda etapa da prova de aula...

No dia seguinte, na hora da apresentação, brincou que daria Foucault em 50 minutos, será que seria possível? Andava de um lado para o outro da sala, explicando detalhes da obra de Foucault que versavam sobre o tema, articulando com Nietzsche. Tinha um papel no qual os principais pontos estavam descritos, os anotou no quadro e tomada de paixão, em estado de pura flecha intensiva, discorria alegremente sobre cada ponto. No fundo da sala havia duas alunas da graduação da casa atentas ao que E.L.A falava e com olhos de compreensão. Anotavam tudo e sorriam. Na primeira fileira da sala, bem em frente a E.L.A, estava a banca. Dois professores sentados à esquerda d'E.L.A e um professor, à direita. Os da esquerda olhavam com olhos animados e atentos, o da direita... dormia e seu corpo era meio inchado! Seria, seu sono, uma defesa psíquica? Se for, o que na fala d'E.L.A gerou essa sonolência? Ou seria simplesmente uma impossibilidade daquele corpo de acompanhar o que estava sendo dito e se fechava ao encontro incapaz de se agenciar porque incapaz de sentir o que estava sendo dito ? Mas se assim o fosse, como poderia presidir uma banca com aquele tema foucaultiano fazendo parte dos tópicos do sorteio? Esses pensamentos passaram por E.L.A, mas não se demoraram , desviou o olhar deles e do professor e se concentrou nas meninas no fundo da sala. Acabada a exposição, as duas alunas vieram ao seu encontro, lhe deram um abraço e disseram: só agora entendemos a tal ontologia histórica de nós mesmos! E.L.A ficou radiante! Não fazia sentido se prender a imagem do professor

dormindo. Não estava dando aula para ele, mas para as meninas no fundo da sala!

No outro dia, última etapa do concurso- uma entrevista. Quando chega lá, o tal professor que dormiu na sua aula, fazia perguntas a E.L.A sobre onde já havia trabalhado, se já havia dado aula. E.L.A conta que trabalhou no serviço público, que tinha experiência na clínica e a pouco tempo tinha dado aula numa especialização transdisciplinar. Não se alongou na resposta porque não é de seu feitio. Lá pelas tantas ele disse que tanto E.L.A quanto o outro candidato não tinham postura de professor, mas que, por falta de outros candidatos, ia aprová-los e que o primeiro lugar seria do outro, embora ambos se mexessem demais , porque não tinham como abrir um novo edital. Falou outras coisas, mas E.L.A não lembra. E.L.A engoliu seco. Ao sair da sala, embora tivesse passado em seu primeiro concurso, em segundo lugar e teria seu nome homologado, caiu em prantos e foi consolada pelos outros membros da banca que pareciam constrangidos com a situação. E.L.A não estava chateada com o segundo lugar, mas perplexa porque o tal professor, presidente da banca, parecia estar decidindo tudo na forma do "unidunitê" e E.L.A sabia que o outro candidato conhecia Foucault tão bem quanto E.L.A , mas certamente o presidente não. Seu choro aflorou porque E.L.A teve que engolir seco diante do absurdo da avaliação feita tanto para E.L.A quanto para o outro candidato. Não foi avaliado o conteúdo da aula, mas a postura dos candidatos em sala de aula e numa discussão foucaultiana! Teríamos que disciplinar nossos corpos para sermos aptos a fazer parte dali? Não fazia sentido. Uma lástima o concurso não ter sido presidido pelos seus colegas da época da graduação. Esses sim dariam um outro encaminhamento para a avaliação!

Saiu de lá pensando que Iemanjá tinha avisado que E.L.A ia morrer na praia. Mas, por que um Baiacu para lhe dizer isso? E.L.A não se sentia como um baiacu. Seu excesso de confiança não era tóxico porque era um estado alegre e expansivo. E.L.A não queria afastar ninguém, ao contrário, gostava de aproximar, porque não tinha medo de amar os outros e as alunas que assistiram a aula entraram nessa *vibe* d'E.l.A. E.L.A não era um baiacu!

Nesse momento sentiu o que a conversa de Iemanjá com E.L.A dizia. Iemanjá dizia para E.L.A ter cuidado com o baiacu, mais especificamente com a toxicidade dele, afinal ele não era tão grande quanto parecia e quanto maior seu tamanho, menor seu tempo de vida e que, além disso, o mar de forças que constituem uma existência ativa e se expressa na nossa vontade, sempre expulsa baiacus do caminho porque a energia circulante dessa vontade é a da força da inventividade, que só funciona agenciada em estado de puro devir, pura intensidade que o baiacu não suporta e ele a afasta para se proteger, mas pode acabar morrendo na praia, sozinho e inchado de si mesmo. A expressividade d'E.L.A era como a de um cardume de peixes que o baiacu precisava espantar com essa estratégia. Que E.L.A necessitava escutar Iemanjá e não se sentir ressentida. Iemanjá alertava que o baiacu é tóxico e se não tomarmos cuidado, se entramos em contato com sua pele, nos intoxicamos com aquilo que provém dela. Logo, era necessário se proteger dos efeitos desse mau encontro, não transformá-lo em agenciamento onde o desejo desliza, porque aí sim, E.L.A morreria na praia. E que E.L.A precisava também perceber que todo e qualquer estabelecimento estava cheio de baiacus, que não tendo uma potência real em seus corpos, potência de ação plena, potência de vida, não conseguiam fazer com que seus desejos circulassem em agenciamentos que os inspirassem a escutar as forças em

variação, inchavam de fachada em torno de juízos, inchavam para parecerem maior do que são e esse inchaço não provinha de uma pele elástica, mas de uma espécie de inflamação que cresce na pele de um corpo que faz do poder uma vida e que fundamentalmente indicava mais do que o funcionamento da pessoa que incha, mas a própria lógica institucional que possibilita esse exercício. O inchaço do baiacu é efeito do medo do Baiacu produzida pela engrenagem acadêmica em seu corpo. A pele do baiacu é altamente tóxica e pode produzir dormência, paralisação dos lábios e línguas e até insuficiência respiratória naqueles que a tocam. Toda essa nocividade se dá, não por coragem do baiacu, mas por medo. Seu medo mantém a engrenagem valorativa capestalística funcionando e produzindo novos baiacus. Às vezes as duas coisas se casam e se materializam em modos de existência, como era o que parecia ter acontecido ali. Afinal, na impossibilidade de criticar o conteúdo de uma aula apelou-se para algo típico de diretor de colégio: ortopedia moral dos corpos como medida de valor da "alma", sobretudo quando tais corpos não tinham tantos "quilos" de saber no lattes. Mas, como Iemanjá mostrou, seu crescimento "interior" não é real... O inchaço do baiacu não dá a ele um corpo forte... a água do mar o lança, sem o menor esforço, para a areia por ser escravo de seu medo. Seria medo da potência dos outros corpos? Podia parecer que por E.L.A andar na contramão dessa lógica morreria na praia, e, sim, ali E.L.A já começava a perceber que na praia dos concursos morreria, mas, sentia também que, andar na contramão era afirmar a sua canção, a sua construção, a sua ética e junto a ela, a sua estética, como uma espécie de ciência da sensibilidade, como aprendera com Guattari. A sua praia era outra, feita de ondas de força em constante variação. Uma praia trans-indisciplinar. Então, ali não a morte d'E.L.A que estava sendo anunciada, mas a afirmação de sua trajetória e a

afinação dela com sua fala que inevitavelmente produzia tais efeitos. Ali E.L.A foi fiel a uma política de vida que não prioriza o poder, mas a potência de diferir e Foucault e Nietzsche guiavam seu caminho e sua expressividade, bem como Guattari e Deleuze e os professores que lhe apresentaram esses autores e moravam em seu corpo. Talvez a morte anunciada n'E.l.A seria a do exercício de não cair na armadilha do ressentimento e assim construir um corpo que pudesse acolher a morte de uma ilusão de que a casa que E.L.A achava ser sua funcionava diferente da lógica baiacu. Isso porque algo n'E.L.A começa a crescer e a indagar: como é feita a seleção de quem preside uma banca e mesmo dos demais que a compõe? E como é feita a relação dessas pessoas com os temas propostos? Como alguém pode avaliar o trabalho de um candidato sem conhecer o tópico e presidir o concurso? Não há como sabermos de tudo, mas, quando se tem uma disciplina x e se escolhe temas Y, se espera que quem julgue conheça bem a articulação X e Y para fazer uma avaliação "justa". De repente pára e uma voz grita n'E.L.A: **Pare de ser platônica. Não existe mundo ideal e belo. Existe o jogo de forças cujo arranjo se dá nos encontros e neles pode se produzir desordem, malandragem, mediocridade, como também o acaso de bons encontros em que brechas na engrenagem baiacu aparecem e podem equivocá-la. Esse é o mundo real. Infelizmente esse acaso ainda não chegou até você!**

Sai desses pensamentos e lembra agora de algo interessante. O artigo que escreveu alguns meses depois de passar por essa experiência de dor tinha uma força poética que mostrava que E.L.A não estava morta na praia. Encontrara em Fernando Pessoa e Nietzsche a brecha de respiro para não cair no ressentimento. Eles a convidaram a dar um passeio no universo das sensações e na potência de variação que podem ser extraídas delas, em suas obras e

fora delas, pois tinham a capacidade ímpar de nos atingir e desviar nosso olhar do modo tradicional de pensarmos a relação entre história e memória. Chamou-se "Da invenção da memória às memórias inventadas"<sup>70</sup> E, um ano depois, como já mencionou, ganhou bolsa de pós-doutorado junior num tipo de seleção do CNPq em que candidatos do país todo são avaliados, em todas as áreas e não há destinação de um quantitativo exclusivo de bolsas para cada área, mas sim que há x bolsas que devem ser distribuídas sem priorizar áreas, mas seguindo os critérios de: o supervisor ser pesquisador categoria I; a universidade em que estará locado ter um conceito 4, no mínimo e o projeto do candidato ser avaliado por um parecerista que entenda do seu riscado e goste do que lê. Logo, se encaixar nessa equação é fruto de um acaso de boa sorte e E.L.A o teve, por dois anos consecutivos.

Se quisesse fazer novos concursos tinha que melhorar o lattes para ter defesa se precisasse latir através de recursos burocráticos. Então para desarticular esse dispositivo-baiacu, seria necessário criar estratégias fiés a diferença e ao compromisso ético-político com a vida em seus escritos, mas demonstrando eficiência em termos de volume acadêmico, como pensa a lógica baiacu capitalística. A lógica baiacu tem diferentes expressões. Não necessariamente o volume acadêmico, naquele primeiro concurso, seria algo que a ajudaria, porque foi seu comportamento criativo e agitado que gerou desconforto, mas, nos próximos concursos precisava de mais instrumentos de defesa, até porque seriam para professor adjunto e não mais substituto, caso quisesse continuar tentando. Talvez valesse a pena, afinal, ali era só seu primeiro concurso. Observadas essas questões, pensava na possibilidade de dar aula em faculdades particulares para construir um corpo-lattes que se fazia necessário, pois precisava provar também

que tinha experiência na docência - não para torná-la um baiacu, mas para poder conversar dentro da lógica do baiacu, e dobrá-lo sem que ele precisasse inchar e gerar toxinas, pelo menos para E.L.A no momento dos concursos vindouros para adjunto. A aparência volumosa de um currículo poderia ser o critério de juízo nas avaliações. O currículo precisava se transformar num grande falo para que a fala d'E.L.A fosse escutada. E esse processo só valia a pena ser trilhado porque sabia que nem só de Baiacus vivia a Universidade, embora a engrenagem dela caminhasse nesse sentido! E.L.A tinha amigos lindos totalmente distintos dessa lógica e, quem sabe, conseguiria ser como eles, ter a força deles, para resistir aos baiacus-engrenagem, e, certamente, mesmo nesse lugar que a "tombou" esses resistentes existiam, E.L.A só não teve a sorte de tê-los na banca! Como diz Foucault, onde há poder, há resistências e como E.L.A morava na filosofia, não precisava rimar amor e dor...E.L.A então manda seu currículo para algumas universidades particulares, mas não obtém sucesso... Os baiacus também lá estavam na porteira! E.L.A melhora o currículo escrevendo artigos, mas continua sem conseguir entrar nas públicas. As situações ligadas a concursos continuavam seguindo um rumo indigesto. Agora, nem pela porta passava, suas inscrições eram indeferidas sobe a alegação de que o Doutorado d'E.L.A em Memória Social a impedia de concorrer a cadeira de professora de Psicologia e esse indeferimento feito diretamente da casa-DNA na área de social-institucional ! Mas, péra lá, a casa-DNA não era transdisciplinar tal como se *ouvia dizer* por todos os lados, sobretudo na sua época do Mestrado ? Seria mesmo necessário insistir em entrar nessa engrenagem baiacu? Mesmo assim arrisca então outro pólo, para a cadeira de Psicologia e Saúde e sua inscrição é indeferida novamente! Tanto em um concurso como no outro chegou a entrar com



recurso para conseguir participar, mas mantiveram o indeferimento. <sup>71</sup>

Tenta em outra universidade que aceita sua formação em Memória Social. Mas nessa, passou mal durante a prova, teve uma crise de dor de cabeça infernal, mesmo assim escreveu e a entregou e tirou 6,0. Sabia que não ia passar, mas ficou perplexa quando - por uma manobra do edital que conferia ilusoriamente uma maior transparência na nota da prova escrita tendo em vista que fornecia ao candidato o direito de ler sua prova para os demais, assim como ouvir as provas dos demais - ouviu a prova de um dos candidatos, que estava ao lado d'E.L.A, e nessa audição ele só lera uma folha que quase nada dizia, só dizia que ele havia conhecido e trabalhado com alguém importante e esse candidato tirou 7,0, conseguindo ir para a etapa seguinte, sabia que boa coisa não sairia dali. E, além disso, embora tivessem visto/ouvido que a melhor prova tinha realmente tirado 10 soube depois que o responsável por essa bela prova escrita recebera nota baixa na prova de aula e esse candidato já tinha 20 anos de experiência em sala de aula e, para piorar, quem passou foi uma outra candidata que havia tirado 8,0 na prova escrita, não tinha apresentado nada demais, não tinha tantas publicações e nem experiência de docência, mas tinha feito toda sua formação naquela "casa" ...Ainda bem que E.L.A sabia que não tinha feito boa prova e não precisou ficar até o fim desse espetáculo- baiacu!

## **A engrenagem baiacu II- Quando a pele avisa que as libélulas são baratas disfarçadas**

Trilha sonora: Um Móbile no furacão. Paulinho Moska

<https://www.youtube.com/watch?v=pcAnOomaz6c>

Mas, o ápice da engrenagem baiacu se deu em dois episódios quase simultâneos. E.L.A sabe que a escrita

desses episódios inevitavelmente será guiada por um pathos reativo e E.L.A ama afirmar o pathos de distância, mas, ao mesmo tempo algo n'E.L.A precisava sair: o nojo que vinha se acumulando, mas que ali extrapolou os limites de uma boca que, naquele momento, ainda conseguiu segurar o que retornava do estômago por educação ou por medo de provocar inimizades ou "cancelamentos" no universo acadêmico. Mas que agora não mais segurará porque sua prioridade é a limpeza de seu "espírito disgestivo". **Claro que o nojo ficou mais forte naquele momento porque E.L.A não deu a devida atenção a "voz" que falava das paixões platônicas do pensamento.** Ainda estava presa a imagem de um mundo ideal que criou como sendo a morada de seu corpo acadêmico. A serpente do niilismo que se manifestava tanto na lógica baiacu quanto n'E.L.A mesma estava em sua garganta devorando suas entranhas. E.L.A ainda estava aprisionada aos efeitos dessa lógica na sua vida, mas E.L.A precisava se libertar desse processo para afirmar um outro corpo; precisava acolher esse processo como força geradora de um outro corpo, precisava morder e cuspir a cabeça da serpente que adentrara em sua garganta. E.L.A precisava tirar a toxicidade do encontro com a pele do baiacu, primeiro sendo honesta consigo e escrevendo sem filtro e posteriormente buscando , em suas ferramentas existenciais, um modo de comê-lo sem medo. Por isso, ainda continuou se arriscando em novos processos avaliativos.

Por ainda pairar n'E.L.A a ilusão de que a academia seria a morada de sua potência, talvez porque estivesse em estado de graça por conta dos encontros alegres no pós-doc - esse era seu cenário afetivo do momento- se inscreve em outro concurso para outro pólo da casa-DNA, e finalmente consegue o aceite de sua inscrição. Seu estado de graça era tão forte que havia esquecido que, meses antes sua inscrição foi indeferida na casa principal desse DNA, o que

muito a chocou na época porque chegara a conjecturar que a lógica baiacu não fosse da casa-DNA, afinal, quem decidiu seu destino no concurso anterior não era filho daquela casa...Mas, movida por um desejo alegre, insiste em um novo concurso, no interior, onde, finalmente, aceitaram sua inscrição, mas tiraram d'E.L.A 1 ponto por conta do Doutorado não ser em Psicologia. Mas tudo bem, ao menos E.L.A poderia, finalmente, concluir essa etapa depois de vários indeferimentos e a tirada de 1,0 ponto fazia parte da engrenagem capestalítica que E.L.A não tinha como combater. Estava tão alegre que naturalizou isso. Fez uma prova ótima, tirou uma nota maior do que a dos outros candidatos e chegou a transformar, tempos depois, a resposta da prova num artigo<sup>72</sup>. No dia da prova de aula, recebeu nota baixa 6.0, 6.5 porque E.L.A ficou sentada - essa foi a justificativa dada a seus amigos que não entenderam o por que da nota baixa - e E.L.A assim o fez porque anteriormente, como já citou, em outro departamento também do interior, o presidente da banca havia reclamado que E.L.A andava demais e não tinha postura de professora. Mas, mesmo chateada com isso, prosseguiu sem ressentimento. Pensava: Faz parte do processo. Como sua nota da prova escrita foi alta, conseguiu terceiro lugar e, mesmo fora das vagas, que eram duas, seu nome foi homologado. Munida dessa abertura, tenta encontrar disponibilidade de vagas em outras universidades dentro e fora do Estado que tivessem com vagas abertas, tendo em vista que havia um inciso no edital que dizia "o candidato aprovado no Concurso tem direito a ser aproveitado por outros órgãos da Administração Pública Federal". Sempre enviava junto um memorial para que soubessem as ferramentas com as quais trabalhava, mas, todas as tentativas foram em vão. Todos diziam que a proposta ia ser encaminhada para seus respectivos colegiados, que o currículo e memorial eram

muito interessantes, mas nenhuma se interessou de fato. Até que, passado um tempo, menos de um ano, surge uma vaga pra E.L.A no lugar em que fez o concurso. E esse movimento só se deu porque amigos d'E.L.A começaram a pedir que, caso aparecesse uma vaga, que a chamassem porque E.L.A era uma ótima professora. Na comunicação que recebera da coordenadora do curso, essa lhe perguntou se E.L.A se interessava em dar estágio e discutir temas ligados ao trabalho, saúde, políticas públicas etc. Claro que E.L.A iria topa, estava cheia de amor para dar, louca para fazer desaguar articulações do que aprendera ao longo de 18 anos de estrada, sendo que 7 desses havia trabalhado no serviço público, outros tantos em pesquisa com Nietzsche e agora Foucault-Nietzsche no pós-doc, sem contar sua experiência em consultório tanto atendendo quanto dando cursos com temas variados! Política, filosofia e clínica andavam todas juntas n'E.l.A, com E.L.A! Foi convidada para uma reunião de departamento e foi-lhe dito que já havia começado o processo para iniciar os trâmites da convocação. E.L.A se arrumou toda e estava radiante! Ouviu e nada falou porque não tinha o que dizer, só aprender, naquele primeiro encontro. Uma professora, que E.L.A não conhecia e que acredita não ter passado pela casa-DNA (ao menos desejava isso), se aproxima d'E.L.A e diz: Nietzsche? Você estuda Nietzsche? Aquele que matou deus? E.L.A nada responde, mas abre um sorriso amarelo e sente os pêlos da pele de seus braços se arrepiarem não de prazer, mas como se fossem a pele-pêlo do gato, que se eriça quando a aproximação não é boa... A fala dessa professora não era acolhedora ou curiosa, trazia deboche em sua entonação. Nessa reunião, sondaram com E.L.A a disponibilidade de dias para dar aulas de psicologia social, E.L.A preencheu a sua possível grade de horários e outras disciplinas que daria. Avisou que havia se inscrito num outro concurso, da UFRJ, mas que,

diante da fala deles de que a vaga d'E.L.A era certa, que só estavam dependendo dos trâmites burocráticos, E.L.A desistiria do tal concurso e assim o fez. De todo modo, como ficou ressabiada depois de tantos problemas com os quais já vinha passando, insistia em perguntar se tudo estava certo e se havia um prazo para início das atividades, afinal precisava saber qual era por conta do pós-doc em Psicologia Social, dependendo de quando iniciasse suas atividades talvez precisasse adiantar tudo para se dedicar exclusivamente ao novo espaço. Sua preocupação se somava ao fato de que havia uma greve de servidores em curso e E.L.A temia que isso atrapalhasse a nomeação. A todo momento era dito a E.L.A que a vaga era certa, mas não seria imediata por conta dos trâmites, sobretudo porque a tal vaga que ocuparia estava atrelada a vaga de uma outra pessoa que havia passado em outro concurso, também na casa-DNA, de modo que os processos correriam juntos.

Porém, os meses passavam e a nomeação não saía. Ligava para a Reitoria e alegavam que a demora era por conta da greve. Até que, num determinado momento, foi dito a E.L.A que a vaga não era d'E.L.A porque o departamento havia feito o pedido dois dias depois do prazo! E.L.A então se comunica com a coordenadora e lhe diz que estava pensando em acionar um advogado. Na mesma hora a coordenadora a apoiou e se prontificou em ser testemunha caso precisasse; disponibilizando também todos os documentos necessários para o processo. Outros professores quando foram solicitados se mostraram disponíveis, com exceção de uma única pessoa que alegou que tinha receio de participar do processo porque estava em estágio probatório. Diferente de outra que também estava e não colocou isso como questão. Porém, duas situações complicadas ocorreram. A primeira foi que resolveram abrir um novo concurso com a vaga que seria

d'E.L.A e não comunicaram isso a E.L.A, decisão que ocorrera com E.L.A ainda movimentando o processo. Ficou sabendo por acaso, quando abriu sua caixa de e-mails e, num grupo que participava e que dava informes, viu que tinha data marcada para o ano seguinte na disciplina que E.L.A ocuparia: psicologia social! Um mês depois, algo trágico acontece. A testemunha chave, a coordenadora, morre num acidente automobilístico. Escreve para uma amiga que estava acompanhando toda a sua dor e que havia se oferecido como testemunha, caso necessitasse:

Querida,

Gostaria de agradecer sua disponibilidade em testemunhar a meu favor. Queria também avisar que, no momento, dois professores da casa também aceitaram. Isso é um ótimo sinal!

Mas confesso que estou um pouco zozna com tudo isso, porque é louco imaginar que a testemunha chave era a coordenadora do curso, a pessoa que me ajudou com todo o processo e que me incentivou a abri-lo e ela partiu exatamente no dia em que saiu o edital do novo concurso que foi um soco no meu estômago e um estrangulamento no meu coração. Mas, o pedido de testemunhas aconteceu no dia de Iansã, orixá regente da Lei no campo da Justiça. Meu lado esotérico fica tentando entender se há alguma coisa para ser entendida com essa situação. E meu lado racional pede para eu não pensar em nada disso porque o pensamento mágico atrapalha e ao mesmo tempo só emerge porque é um exercício de não se achar sozinha com as forças do acaso, resquício cristão de racionalizar as forças que não dominamos.

Mas agora, no momento em que terminava o parágrafo acima, entraram 2 libélulas aqui (pela primeira vez) e eu achei que eram duas baratas! Corri e pedi minha companheira para matá-las. Ainda bem que ela viu que eram libélulas e apenas apagou a luz, aí elas foram para o quarto e quando acendi a luz da sala, voltaram, deram duas voltas na luz da sala sobre a minha cabeça e, ao apagarmos a luz de novo, saíram pela janela. Abri o google e vi que seu simbolismo é a liberdade, renovação, mudança e prosperidade.

Enfim, se as forças se comunicam conosco através dos seres ínfimos ou dos orixás, se nossa imaginação precisa delas para prosseguir, talvez tenha recebido um sinal positivo com essas visitas voadoras.

**Mas fiquei encucada com o que minha pele achou que eram: baratas!** Talvez então seja mais sábio não pensar em nada e ser mais nietzschiana: acolher o que vier, como vier e seguir administrando os afetos/efeitos.

Beijos de sua amiga quase psicótica

A justiça, como E.L.A queria, como ela pensava, não se fez, foi o que pensou no momento. O processo emperrou,

teria que ir para o STF mas E.L.A não tinha mais grana para pagar ao advogado porque sua bolsa de pós-doc acabaria no mês seguinte. Sem a coordenadora, não sabia também se continuaria tendo ajuda, mas apesar de todas as dores, seu relatório de pesquisa do pós-doc que fazia ficou belo e lhe rendeu potentes artigos!<sup>73</sup> Então respirou fundo e estudou para o novo concurso, para o concurso da vaga que era sua, mas que sumira, junto da coordenadora que era parceira d'E.L.A nesse processo. Lembra da última conversa que teve com a coordenadora sobre esse novo concurso em que ela lhe dizia que sentia muito, mas que havia sido decisão do colegiado, que não podiam perder a oportunidade de usá-la e que, caso tivesse estômago, que se escrevesse no concurso porque não haveria quaisquer favorecimento para E.L.A. Estava visivelmente triste e constrangida com o destino "burocrático" das coisas. Essa coordenadora, pessoa muito querida e ética, era sua única parceira, pois foi ela desaparecer que se tornou evidente que não a queriam lá.

No dia da prova, a presidenta da banca pronuncia uma fala estranha: "ninguém pode usar os autores com os quais trabalha para não ser identificado facilmente". Não entendeu essa fala porque ela não fazia sentido. Como alguém poderia apagar sua trajetória junto a autores numa prova escrita? Era uma fala dirigida para E.L.A? Como não sabia, fez questão de não usar Nietzsche, caso ele sussurrasse em seus dedos e pedisse passagem neles- para não ser acusada de auto-identificação, embora achasse absurda a colocação! De todo modo, não havia colocado Nietzsche em nenhuma das questões que havia trabalhado porque poderia dificultar a leitura da banca e E.L.A queria escrever de forma clara, dentro do universo "psi" tal como fizera no concurso anterior que tirou 3º lugar. A questão sorteada da prova foi: "A PRODUÇÃO DA INDIVIDUALIZAÇÃO E PRIVATIZAÇÃO NA EDUCACAO ESCOLARIZADA; DIAGNOSTICOS E

DESVIOS" e, por sorte, E.L.A havia estudado bastante essa questão porque, no concurso anterior questões relacionadas a escola não apareceram, então, de certa forma, havia uma demanda diferente ali, foi o que pensou.

No dia da prova, como é de praxe, cada candidato tinha 1 hora para olhar suas anotações sobre o tópico antes da prova. Estava segura, sabia praticamente de cor o caminho discursivo escolhido. De tão segura que estava fez uma resposta em estilo de artigo, num estilo semelhante a do concurso anterior no qual tirou a maior nota entre todos os candidatos. O fez assim também porque estava muito irritada por ter que passar por aquilo e queria mostrar do que era capaz de fazer. Não havia sido fácil aceitar se inscrever nesse concurso...Fez um resumo, depois um texto e ao final colocou até referências bibliográficas, mas não se recorda se as manteve ou riscou. Usou Maria Helena Souza Patto, Foucault, Nicolas Rose, Ariés, Donzelot, Guattari, Cecilia Coimbra, Farr e foi encaminhando a discussão para falar da medicalização da infância e judicialização das relações escolares. Escreveu tudo num sopro só, a flecha da sua vontade vibrava sem parar em seus dedos. Ao acabar de escrever se lembrou dos pesadelos que tivera na noite anterior, de que a banca não seria capaz de entender o que E.L.A dizia, mas acordou e se achou arrogante por pensar isso, que não havia necessidade de infantilizar a banca, afinal, quase todos- com exceção da presidente da banca- ou já havia passado pela casa-DNA ou ao menos conheciam "genealogia foucaultiana", então conheciam aquele modo de se expressar recheado de autores/conceitos-ferramenta que ajudavam a problematizar o tema, a única diferença é que não usou Nietzsche para seguir a "ordem" da presidenta da banca de que não poderia usar os autores de referência e ele certamente faria com que soubessem que era E.L.A quem



escrevera a prova. Se o tivesse usado, falaria de seus escritos sobre educação.

Escreveu muitas laudas e saiu da prova absurdamente feliz, sabia que tinha conseguido dizer tudo que era importante. No táxi, falava tanto e com tanto entusiasmo com sua companheira do que escrevera que até o motorista se meteu na conversa e disse: com certeza a senhora arrebentou, muito obrigado por essa aula! Assim que chegou no hotel escreveu para uma amiga tudo que respondeu na prova e ambas se alegraram.

Mas, no dia seguinte soube que não passara. A banca deu 5,00 para E.L.A e, como já assinalara antes, eram em sua maioria, formados casa-DNA, logo, supostamente, entenderiam seu riscado, mas se não deram valor acadêmico para ele, alguma outra coisa devia ter ocorrido. Dá uma segunda olhada nas notas e vê que inclusive uma das pessoas tinha participado como membro da banca do concurso anterior, quando lhe deu 9,0 e seu estilo de escrita era o mesmo, ou seja, um encaminhamento genealógico para um tema que, no outro momento era sobre psicologia e representação social... E, para piorar, no edital ofereciam 1 vaga, mas incorporaram 2 candidatos porque o departamento queria aprovar 2 pessoas por conta da ausência da professora que sofreu o acidente automobilístico e pela ausência da outra que conseguira transferência para a casa-DNA, mas que, diferente d'E.L.A, não teve seu processo emperrado, mesmo tendo esse sido apensado, como acreditavam, no mesmo pedido que fizeram para sua entrada no departamento no ano anterior!!!! O emperramento do processo pode ter sido alguma confusão por conta da greve, mas o emperramento d'E.L.A, nessa seleção, parecia obedecer a outras forças... Chamaram para as vagas uma pessoa que conhecia bem de prisão e um rapaz que entendia bem de políticas públicas e já tinha parceria com a casa antes. Ambos eram excelentes

candidatos, porém, não eram pessoas com perfil em psicologia escolar, o que poderia até justificar a escolha... E.L.A não queria privilégios, por isso havia estudado muito. Mas queria respeito e não o teve. As libélulas eram baratas disfarçadas. Sua pele nunca a enganava! Será que conseguiria comer essas baratas, como Clarice em Paixão segundo GH?

Zonza com aquela situação buscou saber como poderia entrar com recurso. Disseram que o candidato teria que esperar até sexta feira - ali era uma terça-feira- , para o processo finalizar e ai ele ter direito a vista de prova e receber uma devolução da banca em relação ao perfil dos candidatos escolhidos para ocupar a vaga. Estranhou aquela fala "perfil dos candidatos" proferida por uma professora que estava participando daquele concurso como substituta de um outro que não pode estar ali e que parecia ser sua primeira experiência nessa cidade. Escutou como um ato falho dessa professora -que na realidade não era professora institucionalizada, mas pós-doutoranda-, porque não poderia ser o perfil que determinaria a nota de uma prova escrita. A prova escrita é anônima exatamente para não cair no critério de escolha através de um rosto que se queira; então, a vista da prova não teria que ocorrer no final do processo e caso ocorresse, a nota não poderia ter o perfil como critério, mas o conteúdo escrito. O que acabava dando a entender que a banca olhou o perfil para lançar as notas, pensou. Mas nada falou, estava perplexa com tamanha perversidade e entendendo que não a queriam ali (o que acabou sendo corroborado quando, tempos depois, alguém sondou algum membro da banca para saber porque as notas d'E.L.A foram tão baixas e teve como resposta que a escrita tinha sido filosófica demais, o que não era real, pois o caminho que trilhou foi historicizando o problema dentro do universo da psicologia social trazendo a psicologia escolar

como um dos braços dela, sendo guiada, claro, por uma análise genealógica comum a o universo "psi"-casa-DNA de modo que o filosófico aqui só cabia se ao invés de se aterem ao texto se ativessem ao currículo, esse sim, com teor mais filosófico!). Respirou fundo e solicitou que devolvessem as cópias curriculares d'E.L.A para que as usasse em outro concurso. Respondem que só podiam ser entregues também na sexta. Ai, novamente com calma diz que não fazia sentido ficarem segurando o comprovante curricular de quem não foi habilitado. Mas eles insistiam que não podiam entregar naquele dia. Tudo era um absurdo sem tamanho: para quê ficar segurando um candidato até o final do processo, fazendo-o gastar dinheiro com hospedagem, que é cara, para rever a prova, que é um direito e ainda por cima ter que esperar para pegar os comprovantes? E.L.A sai de lá com uma tristeza enorme que foi se transformando em nojo porque ali era a lógica baiacu elevada a enésima potência!

Vários pensamentos gritavam n'E.l.A: poderia entrar com um processo para interromper aquele concurso, havia jurisprudência suficiente para impedir seu prosseguimento e uma delas é que estavam disputando a vaga que era sua por direito e por um erro deles que poderia ser resolvido na justiça caso E.L.A sentisse que efetivamente eles estivessem apoiando sua causa, manteria o processo, mas desistiu dizendo para si mesma que era por falta de dinheiro, mas na realidade era porque já sentia um descompromisso deles depois da morte da coordenadora. Também podia ser somada a tal processo irregularidades no transcorrer do mesmo, como por exemplo fazer com que os candidatos levassem comprovantes curriculares antes da primeira prova - como estava expresso no edital, momento da instalação da banca.Entretanto, nem todos os candidatos estavam no dia que foi marcado para levar tais

comprovantes. Afinal um deles apareceu no dia da prova escrita sem ter ido para esse encontro portanto, sem cumprir com a primeira etapa. Havia ainda o fato de uma pessoa estar na banca sem ser professora, mas pós-doutoranda; de só permitirem a entrada de recurso contra a nota da prova escrita no final do processo para fazer com que o candidato desistisse etc. Mas, se fizesse isso, impediria as pessoas que passaram de entrar, poderia conseguir anular TODO o edital, criaria um problema para o departamento e no final tudo se voltaria contra E.L.A! E.L.A ia querer mesmo trabalhar ali? Quando foi fazer a prova havia n'E.l.A a ilusão de que poderia engolir seu enjôo de ter que fazer novamente o concurso porque o erro não havia sido problema do departamento em si, mas do encontro dele com a greve, mas agora percebia que talvez só a coordenadora que falecera a quisesse lá. Então será que precisava brigar para estar num lugar em que não era bem quista, só por pesquisar Nietzsche ou por ter um currículo mais filosófico do que psi? Ou por ter feito pós-doutorado em Psicologia Social e buscado as ressonâncias de Nietzsche em Foucault para pensar as ciências humano-sociais? Porque só podia ser isso, E.L.A não tinha nenhum problema com ninguém...até agora! Pensa e ri.

Então, só podia ser alguma encrenca de outra ordem e provavelmente com a presidenta da banca já que ao que tudo indica a palavra final e nesse caso, inicial, veio dela, é o que sua imaginação lhe diz! Novamente uma encrenca baiacu...com alguém que não teve formação na casa-DNA e que de alguma forma associava E.L.A a pesquisa em pós-graduação que não queria que acontecesse lá - conversa que lembra ter tido com ela em algum momento. Quando E.L.A só queria lecionar! Se, no concurso para a casa-DNA em Psicologia Social-Institucional sua inscrição não tivesse sido indeferida, talvez pudesse pensar que o problema se

resumiria a pessoas em cargos de poder que nada conhecem do riscado genealógico, mas, os demais membros da banca conheciam...Então será que nos concursos, quem vem de fora, mesmo sendo formado pela casa-DNA não falam nada porque não é de bom tom? Mas se assim o for, esses estariam presos ao juízo de deus e com isso, anti-deleuzianos, anti-guattarinianos, anti-nietzschianos, totalmente disciplinados! **Novamente o platonismo rondava seu espírito. Mate em você o desejo de encontrar na academia esse mundo ideal, sério e coerente, mulher!** A coerência é sua, você precisa dela para respirar. Além disso, escute a sabedoria do Gilberto Gil quando diz a seus netos, durante uma partida de futebol, mas que serve para a vida: "É um absurdo ganhar sempre, isso não faz parte da lógica do jogo". Tudo tem que morrer pra germinar.

Mas, agora, em que "vomita" tudo isso, estaria se vingando? Deveria apagar tudo? Resolve não apagar. Não por vingança, mas por respeito a seu processo e sua necessidade de honestidade com o modo como a sua memória afetiva se apresentou nesse momento em que narra o acontecido, mesmo que seja memória das marcas que E.L.A quer apagar e cujos detalhes havia apagado do peito, pois só o reconstruiu porque se serviu da memória-prótese dos e-mails trocados naquele período. Ou seja, percebeu que não as internalizou, quem a internalizou foi a máquina, que, por sua vez atualizou a dor n'E.L.A.

### **Transmutação das baratas em libélulas poéticas**

De todo modo, mesmo naquele momento em que tudo se dava n'E.l.A, E.L.A sabia que a lógica punitiva não estaria a serviço da vida e da força de seu corpo. Seu corpo precisava de amigos, não de baiacus. Sua vontade não obedecia ao poder, mas a potência. Chega em casa e, no lugar da vingança, faz poesia. Escreve no facebook, sem explicar o contexto, as seguintes poesias.

## O despecialista

Não tenho paciência com quem só sabe avaliar a partir de modelos

Não tenho paciência com quem não entende que criar é ziguezaguear

Que o Z é a costura de pontos num tecido transversal

Não tenho paciência com quem não mergulha na potência de um pensamento

Não tenho paciência com quem só sabe o universal

Não tenho paciência com quem aproxima o alvo da seta

E reproduz sempre o mesmo tiro... certo, para quem?

Não tenho paciência com quem não consegue se deslocar dos lugares de conforto

Não tenho paciência com quem se faz de morto

Não tenho paciência com quem não sabe mergulhar em processos

Não tenho paciência com quem só conhece uma história e a chama de verdade

Não tenho mais paciência para quem conhece

Prefiro os que fazem de si, um desenho ao léu

Ou os que se confundem com uma pipa no céu

Pois sabem que a criação almeja a altura e o vento

Antes do papel

+++++

Afirmar a diferença é um risco e uma arte

O risco de ser transformado em rabisco por aqueles que só sabem ver quadros

O risco de ser colocado a margem por aqueles que só se reconhecem na ordem

O risco por assumir que o enquadre mata o caminho

O risco de fazer de si a flecha que equivoca a verdade

Mas a arte, ah a arte...

Ela é força risonha, zombeteira

Olha pro risco e diz: liberdade!

+++++

É preciso fazer caducar as formas para que efetivamente se eduque para a vida!

Chega de instrução, sem vivificação, já dizia Nietzsche, inspirado em Goethe!

Ou como dizia o saudoso poeta passarinho Manoel de Barros, precisamos despraticar as normas!

+++++

Foucault dirá que a principal ação política é a determinação de qual é o principal perigo que nos ronda e eu diria, inspirada em Nietzsche, que a principal ação política é a construção de orelhas pequenas, isto é, desenvolver a sensibilidade para saber escutar as forças em meio a ladainha, os grandes ruídos dos meros reprodutores de opinião, que repetem, como o asno (de orelhas longas) o que " todo mundo diz e pensa", criando uma falsa afirmação: o " sim" de negação! O "sim" da negação só revela a fraqueza diante da vida, é o sim que se exime da atividade de invenção, é o sim do burro de viseiras, que só sabe correr dos perigos do presente, carregar, conduzir e se conduzir como carga e enxergar um único sentido para a história do presente: o do ressentimento porque fascinado pela ordem. Chega de ladainha, vamos transversalizar, despraticar normas!

+++++

Diante da dor, só se tem dois caminhos: fazer do espinho um caminho de criação de si, de ultrapassamento ou paralisar as forças diante do espinho e chamá-lo verdade. O tipo de escolha determina o modo como construímos nosso ethos, inseparável, portanto, de uma estilística para a existência.

+++++

E claro, chamei Manoel, esse passarinho que despratica normas

Manoel de Barros

Um olhar

"Eu tive uma namorada que via errado.

O que ela via não era uma garça na beira do rio.

O que ela via era um rio na beira de uma garça. Ela despraticava as normas.

Dizia que seu avesso era mais visível do que um poste.

Com ela as coisas tinham que mudar de comportamento.

Aliás, a moça me contou uma vez que tinha encontros diários com suas contradições.

Acho que essa frequência nos desencontros ajudava o seu ver oblíquo. Falou por acréscimo que ela não contemplava as paisagens. Que eram as paisagens que a contemplavam. Chegou de ir no oculista. Não era um defeito físico falou o diagnóstico. Induziu que poderia ser uma disfunção da alma.

Mas ela falou que a ciência não tem lógica. Porque viver não tem lógica – como diria nossa Lispector.[...]

Veja isto: Rimbaud botou a beleza nos olhos e viu que a beleza é amarga. Tem Lógica? - Também ela quis trocar por duas andorinhas os urubus que avoavam no Ocaso de seu avô. O Ocaso do seu avô tinha virado uma praga de urubu. Ela queria trocar porque as andorinhas eram amáveis e os urubus eram carniceiros. Ela não tinha certeza se essa troca podia ser feita. O pai falou que verbalmente podia. Que era só despraticar as normas. Achei certo."

**E.L.A vai renascer e sempre renasce despraticando normas !!!!**

**Ouvir aqui:**

<https://mega.nz/file/K48kwCCK#8QIDfw2FuLOIKK6lnHTmXSD4a4dgxV551DrjtTz4ZW>

s

## Desfazendo a engrenagem baiucu n'E.L.A- a compreensão do recado de Iemanjá

Mesmo tento encontrado força na poesia, ao reler tudo que escrevera antes sobre a engrenagem baiacu, sabia que havia ali um *pathos* reativo, como avisou ao leitor logo no início da escrita. Esse início, esse aviso ao leitor, foi acrescido a essa parte inicial após o momento em que relia E.L.A o escrito pronto. Percebe então que a maneira de deixar-se banhar pela onda que apaga esses rastros seria afirmar que E.L.A não podia negar que extraiu potência da educação que recebeu. Havia tanto *quantum* de potência agindo em seu corpo que E.L.A conseguiu se desviar da permanência dos encontros com a engrenagem baiacu em sua pele, mesmo quando as marcas ainda estavam abertas nela. Essas marcas não puderam esvaziar a força de seus gestos amorosos no mundo e nem as de sua trajetória "trans". Esses gestos se sustentam no modo como seu corpo acadêmico e também seu corpo "psi" se desenvolveram, não podia negar isso. A engrenagem não foi mais forte do que o exercício do seu pensamento e da sorte de ter encontrado parceiros nesse processo, muitos deles ligados a academia, mas distantes da forma baiacu ou seria correto dizer da força baiacu, porque se trata de uma força sim, pois ela desliza no desejo que está presente, também no campo social, inflamando-o e intoxicando-o. O baiacu, como



Imenajá n'E.L.A lhe disse, tem pele altamente tóxica e aumenta falsamente de tamanho, engolindo água, quando se sente ameaçado, aí, aumenta três vezes de tamanho, mas seu inflar se volta contra ele porque fica mais leve, sendo facilmente conduzido pelas ondas à areia, onde morre, inchado de si mesmo. A engrenagem baiacu é, portanto, um tipo de decalque homogeneizante e disciplinar que percorre nossos corpos quando o devir nos assusta. Tudo aquilo que pode gerar desestabilização pode nos lançar nessa engrenagem, mesmo quando temos os mais "nobres" pensamentos e ações no mundo. Criamos uma pele que afasta e junto a ela valores que podem nos matar. Platão se achava nobre quando imaginou um mundo perfeito a partir da noção de Ideia. Nós nos achamos nobres quando imaginamos um mundo perfeito, organizado e quando ele não aparece, achamos a vida injusta ou quando se avalia uma aula e quer se escolher um candidato criamos uma representação prévia, perfeita dele, que pode estar ligada ao falos acadêmico, logo, ao plano de metas capestalísticas ou a valorações pessoais de ortopedia moral. Desse modo, a serpente que envenena é o desejo de que o mundo se apresente como gostaríamos que fosse, tanto para o avaliador quanto para o avaliado. O que não significa que precisemos nos calar quando absurdos acontecem, mas não é nobre tornarmo-nos escravos da dor da absurdidade. A indignação só se transforma em força quando, a partir dela, fazemos girar algo em nós que nos convoque a ação e não a lamentação. E.L.A chegou a ficar nesse estado afetivo triste um tempo, mas algo n'E.L.A sabia que precisava criar um desvio mais profundo em suas dores para manter-se no horizonte da vida plena. Esse desvio se deu quando sentiu que o caráter seletivo que separa lamentação da ação se dá quando lamentamos pela obstaculização do fluir da vida em nome de enunciados/práticas que a diminuem. É quando vemos parceiros de profissão vencidos pelo poder porque sua potência foi desviada de seus corpos pelo medo de perderem um lugar que criaram para si mesmos como seguro ou capturados pela imagem do lugar seguro na hierarquia institucionalizada. Quando deixam de sentir composições para só imaginar competições que podem lhes destituir desse lugar; quando a subjetivação capitalística ganha tamanha força em seus corpos que se esquecem de onde vieram e para quê escolheram exercer suas profissões; quando a espiritualização de seus pensamentos que os espiraliza perde lugar para reta que não sabe mais sonhar e E.L.A mesma poderia se tornar essa reta, se ficasse presa nos efeitos dos maus encontros, deixando sua pele completamente exposta a pele do baiacu. Mas, como a vida insiste em ser virtude dadivosa, esses corpos, como também o d'E.L.A, não carregam uma essência, por isso, podem mudar seus rumos desarticulando neles aquilo que os mata. Afinal, o baiacu morre na praia inchado por seu próprio recurso defensivo que se volta contra ele. Se esses corpos sentirem que estão morrendo em vida, a própria vida os ajuda a reverter esse caminho desejante de poder e os recoloca diante da potência. Além disso, a engrenagem baiacu embora seja um analisador, pode também ser equivocada quando o acaso dos jogos das forças criam outros lances de dados. Esses lances possibilitaram a entrada de muitos de suas amigos na Universidade, sobretudo no interior e E.L.A não podia esquecer disso e nem do que aprendera na casa-DNA. Como diz o ditado popular: não se deve cuspir no prato que se comeu. **Ouvir aqui:**

<https://mega.nz/file/jh1DyYJT#ymUMoYImUmChmrRx4EJ6Y6FX0V8WSIAk-EtY14m2uZg>



<sup>74</sup> O que pode um corpo, pergunta Espinosa, o príncipe da imanência. Qual o peso mais pesado? pergunta o Zaratustra de Nietzsche. O que pode um ouvido? perguntam os antigos, os mestres do cuidado de si cuja interrogação também percorre o saber dos povos originários. Meu corpo é o palco do mundo, sem dentro e fora, é uma dobra feita na pele que o protege e o faz sentir belezas e abismos. Absorve imagens, por vezes as repele, numa relação infinita que jamais lhe confere uma interioridade, uma identidade, pois dessa maneira mostra sua força. Quando as retêm por muito tempo, se confunde com elas, esquece que sua definição se dá a partir da relação com aquilo que lhe chega, fazendo da imagem o reflexo de si, quando a imagem é reflexo das forças na dobra da pele. O que não significa que somos ociosos a espera de preenchimento. Somos relação, somos *com as forças*. As imagens que acolho são os agenciamentos que faço pelos espaços abertos que percorro e por onde meu desejo desliza. Uma imagem potente pode engravidar minha pele de cores múltiplas, pode se espalhar por mim e assim posso me derramar no mundo com mais potência. Uma pele forte é como um espelho que me olha, pois me faz ver a riqueza das forças no mundo que também são minhas. <sup>75</sup> **Ouvir aqui:** <https://mega.nz/file/rI9T1ZaQ#kWN-WQJ8h2mcx3OjQgz83wyqrwDOT0sfUYWrP1WSh-A>



<sup>76</sup> O corpo é também o palco da dança de forças, como a dança espiritual do corpo- dervixe totalmente entregue ao silêncio daquilo que gira no deserto de si: átomos em profusão em torno do sol. O giro do retorno a si, da conversão a si que faz girar corpo e mundo, giro da vida em nós que em nada se assemelha a renúncia de si cristã. O girar se faz em estado de doçura. Gira-se como os planetas giram. Gira-se como a criança gira e não teme perder os sentidos. Ataraxia( ausência de perturbação, domínio de si que faz com que nada nos perturbe) e a autarcia (autossuficiência que faz com que de nada mais se necessite senão de si mesmo) estão presentes nesse movimento giratório, lhe permitindo ouvir, sem saber-se ouvindo, uma voz que fala do peso mais pesado, a afirmação da existência sem verniz, pureza das forças de destruição e criação que o lança no processo de dissolução do eu para ser com as forças, para ser ocupado pelos deuses nos movimentos espiralados de rodopio, primeiro, várias voltas em sentido horário, depois várias voltas no sentido anti-horário. O corpo-dervixe<sup>77</sup> se encanta com essa voz, pois ela ressoa em seu girar como um pedido ético: como você se ocupa de si? Sinta essa pergunta e se puderes afirmar essa ocupação, a cada giro que faz, você tem condições de girar cada vez mais e afirmar o eterno retorno dela em você, amar as forças que se jogam em você, é o mundo circulando em você e você no mundo, num movimento horário e também anti- horário. Sinta-o em seu corpo, mas sobretudo nas palmas das mãos. Amor fati, amor ao destino que escolhes a partir daquilo com o que te ocupas, com o que em ti dança, com o que em ti gira. Desapareça e seja tão somente corpo em movimento. Desapareça e seja o giro do universo. Encontre Dionísio e com ele faça versos. **Ouvir aqui.** [https://mega.nz/file/OldiWRaK#lbmzV-s1LKWZj\\_gufY0ubvDotLtmSlKgLin31jdQ\\_a8](https://mega.nz/file/OldiWRaK#lbmzV-s1LKWZj_gufY0ubvDotLtmSlKgLin31jdQ_a8)



Mas é preciso saber ouvir as forças. Saber selecionar o que queres ouvir ou o que podes ouvir. O que você ouve te afasta do que você quer se ocupar, do modo como quer se ocupar? O que você ouve, te equipa para a vida? Narrar seus afetos é uma arte tecida no seio da escuta. O exercício da escuta determina o que seu corpo pode. Ouvir as forças é ser afetado por elas. Ser afetado por elas produz um pensamento a respeito delas. Ouça as forças e olhe sua pele. Como ela reage? Repelindo o que escuta ou se dobrando, querendo ser invaginada por elas? O que você ouve também abre o canal da imaginação? Mas se abre, essa imaginação se agencia com que tipo de qualidade de força afetiva? Por quais caminhos ela anda e te leva? Expande sua temporalidade ou a encurta? Quantos perigos e beleza está na arte de ouvir as forças do mundo! O que você faz com o que escutas? A escuta é a escrita de um combate. Um combate consigo mesmo. Um combate cujo juiz e vencedor é você mesmo, a sua história, o seu caminho, a sua escolha e o eterno retorno de tudo isso a você. O combate faz retornar a força, o desejo de existir? É isso que pede o corpo. Ouvir aqui: **Ouvir aqui:** <https://mega.nz/file/j1cXSLJD#hiL5Bzw1jW4i6NnKWqgD29Rc-FBekfWdoJ4M49RJPcs>

Trilha sonora de "O aprendiz de feiticeiro": Paul Dukas - L'Apprenti Sorcier  
<http://www.youtube.com/watch?v=jNaNDXyXRfo>

## Do corpo amoroso ao corpo colapsado --: um passo atrás para alcançar um passo frente!...Parte 1.

**Niterói- RJ-2021-2022**

Trilha Sonora: ABBA- Dancing Queen

<https://www.youtube.com/watch?v=xFrGuyw1V8s>

Antes de retornar a academia para esse segundo doutorado e após ter passado por diversos concursos cujo desenho das forças a lançaram na engrenagem-baiacu presente na lógica institucional, quanto n'E.L.A mesma, finalmente teve o aceite para dar aula com carteira assinada. Estava animada, depois de cinco anos tendo título de doutora em Memória Social e a dois anos ter concluído estágio pós-doutoral em Psicologia Social, finalmente E.L.A conseguia ser contratada para dar aula na Graduação de Psicologia, numa faculdade particular. Não foi através de um concurso, mas por indicação de um amigo que a convidou para substituí-lo. Suas atividades iniciaram em 2016, com duas turmas, uma de psicologia e educação e outra de psicologia social e um salário irrisório. Seu amigo era um professor muito querido pela turma, que precisou sair no meio do semestre porque havia passado num concurso. O coordenador do curso, muito simpático, disse a E.L.A que ia lhe encher de matérias no período seguinte em função da plasticidade de seu currículo. Ele não estava elogiando sua trajetória trans, estava vendo ali um "capital intelectual" que poderia gerar economia para a universidade, algo do tipo 10 matérias para uma pessoa. E.L.A também sabia que não ia ser fácil substituir alguém querido, mas não pensou nisso e nem nos olhos brilhantes do coordenador ao currículo d'E.L.A, só pensava no amor que tinha para dar. Era isso que pensava n'E.L.A. Convidou o amigo a se despedir da turma e passar o bastão para E.L.A. Eles precisavam ser comunicados por ele e não pela direção, para não levarem um susto. No meio

de choros, os alunos entenderam que o professor precisava seguir novos rumos e a acolheram bem. A delicadeza sempre é a melhor condutora das despedidas e dos encontros.

Nessas aulas buscava preparar os alunos para os novos perigos que adviriam do que ocorria no país naquele momento, 2016, em que, sem nenhuma maquiagem, assistíamos a um golpe atrás do outro e que traria como efeito, como E.L.A sinalizou em um de seus artigos escritos durante essa época, os desmontes dos direitos, do patrimônio nacional, cultural, da proteção das terras indígenas, da priorização da educação, o ataque à diversidade, o insuflar do racismo etc. Víamos-nos diante de um tipo de investimento contra os direitos básicos conquistados no passado, bem como contra a própria vida e sem máscaras, portanto, um investimento nefasto tanto macro como micropolítico. Mas E.L.A sabia que tais movimentos não expressavam um retrocesso histórico por mais grotescos que fossem os encaminhamentos, porque jamais sentiu o destino dado a vida pelos "gestores" de sua forma macro, como um progresso. O "progresso" do espírito é micropolítico e só aparece nas brechas, não nas formas prontas e grandiosas. Aprendera com Nietzsche que o nojo contra a vida era o que animava a história do pensamento e com Deleuze, agenciado com Nietzsche e Guattari, de que o devir reativo triunfa na moral que sustentamos, adentrando em todos os espaços que construímos como sendo um lar, através do modo como nosso desejo desliza nos acontecimentos ruidosos. Mas também aprendera com eles que a afirmação de um desejo robusto de vida pode criar tensionamentos nesse direcionamento, desde que aprendamos a desaprender em nós essa engrenagem que sustenta o niilismo, libertando nosso desejo da suposta falta que precisa ser preenchida pelas representações ofertadas, pelos ídolos criados em nós por meio de estratégias baiacus. Já vinha escrevendo sobre isso e sentia, na pele de seus sonhos esse

horizonte trágico e na pele de suas práticas seus efeitos. Mas também sabia que, um dia, essa luta contra a vida que a esvazia de sentido por não colocá-la acima das coisas humanas, demasiado humanas, reverberaria nos corpos, sobretudo no corpo da terra e E.L.A suportava essa visão trágica desde muito cedo, apostando nas brechas dadivosas que sempre estavam disponíveis aos sensíveis de coração e espírito. Lembra, nesse momento, de uma entrevista de Raul Seixas<sup>78</sup> no idos de 1980, quando, diante de uma situação em que o mar, de ressaca, havia adentrado na pista do bairro Leblon e gerado a manchete : "a maior ressaca de todos os anos no RJ" e, correlata a ela, a imagem de seu efeito, no carro amassado do cantor ,este, de forma sábia e bem humorada, ao ser perguntado pela repórter o que ele achava daquela ressaca, ele dizia: "Eu acho que é profética, que se trata de uma profecia, porque eu acho que todo mundo sabe que o Rio de Janeiro está abaixo do nível do mar, então é um primeiro vômito, sabe (...) e quem dançou fui eu porque meu carro foi jogado para cima e arreventou o carro todo(...)Mas a onda tá certa. Eu tô a favor dela. O que tá errado é esse negócio de aterro, de botar esse monte de edifício. Tomara que arrevente esses edifícios todos ai(...) a natureza tá certa!"

(<https://www.youtube.com/watch?v=OPTI3X20W2E>)

Agora que lembra dessa fala de Raul, entende que nela cintilavam dois elementos que sempre estão presentes nos jogos trágicos: o assombro e o maravilhar-se. Tal como ele, E.L.A trazia essas estrofe em seu peito, quando, diante dos acontecimentos que o apertavam em 2016, escreve, em seu diário, as seguintes observações:

Algumas imagens têm me assombrado. Assombrado? Seria essa a palavra? Vejamos. Assombrar remete a cobrir-se de sombra; para tanto, inviabiliza a visão de imagens, mas também invoca o seu contrário, a lembrança da luz, a lembrança de momentos em que um cenário, estando

iluminado, se permitiria ser visto, como forma de não se deixar apagar por esse manto. Assombrar também remete a assombração, a um sentimento de terror causado por coisas que não se pode explicar e que frequentemente são interpretadas como sobrenaturais. Então, assombrar, aqui, é, ao mesmo tempo, colorir-se de sombra a ponto de a sombra ser o guia da visão e, nesse momento em que se escolhe a sombra como via de leitura do corpo, se teme o não ver mais como antes. Também implica fantasiar acerca do que não se conhece, mas, por não suportar a perda da visão, cria-se uma imagem do "fora do mundo" ou do "ideal de mundo". Assombrar implica, portanto, invocar a lembrança de um ponto anterior no tempo, distinto do atual, em que a luz era presente e o cenário conhecido, como forma de se suportar a escuridão momentânea que a sombra produz. Talvez por isso haja equivalência entre assombro e tornar algo sombrio, de modo que a lembrança da luz anterior funciona como aquilo que colore nossa visão e vontade de retornar ao que éramos antes da sombra... Mas desejar esse retorno da visão é exercício de potência? Como fazer com que se torne possibilidade de visão sem se perder, também, em fantasias, seja de melhor ou de pior, sem sair de um horizonte meramente moral que sustenta as formas? Como saber dos novos perigos se não sentirmos a vida desde o agora? Como fazer do passado uma preparação sem se perder nele como salvação? Nesse instante me lembro que se assombrar também tem o sentido de maravilhar-se. Mas como percorrer essas modulações de sentido, no corpo, se as imagens que chegam a nossa retina, no contemporâneo, só nos produzem nojo? *Como então acionar, em nós, o sentido de assombro como maravilhar-se, espantar-se, que também estão ligados ao verbo assombrar? Que imagens estão sendo germinadas quando há mais sombra e que movimentos precisamos fazer para achar novos espaços luminosos após ser tocado pela breve escuridão?* (verão, 2017)

Essa anotação que fez num diário, como uma espécie de *hypomnemata*<sup>79</sup>, surgiu a partir dos efeitos da enorme sombra, em formato de onda tóxica, que tomava o país em 2016. Uma sombra jurídico-parlamentar-empresarial-midiática que se avolumava na população que também a sustentava e retroalimentava. Estava em vários lugares, estava no cidadão comum, nos parentes próximos e até na academia. O investimento político-empresarial-midiático era tão



gritante que E.L.A jamais lembrou te ter visto em algum momento de sua vida as pessoas se interessarem por assistir votações na Câmara. A Câmara dos Deputados adentrava em todas as Tvs do país, estava nas redes sociais que agora manipulavam subjetividades para lados opostos. Assistíamos literalmente a um espetáculo de horror no qual o pedido de impeachment da então presidenta Dilma Roussef, era feito por diversas criaturas caricatas, que, por um lado, foram eleitas pelo povo, mas também representavam as alianças que o próprio governo impeachmentiado havia feito. Afinal, o vice-presidente Michel Temer, não era do mesmo partido, mas um representante de peso de um outro partido cujas ações pautavam-se na destruição de direitos, muito embora carregasse o emblema democrático em sua sigla inicial PMDB (Partido democrático brasileiro- que após o golpe virou MDB). Tal partido compunha a maior bancada da Câmara e Senado, junto do próprio PT, desde a eleição anterior, onde, também Temer foi vice da presidenta. A escolha dele trazia junto todo o lado sombrio das forças políticas ou melhor, trazia a luminosidade do que efetivamente é a democracia representativa. Tendo virado MDB, após o golpe, em seu site atual<sup>80</sup>, tira o "P" que o acompanhava, alegando que o uso da letrinha tinha sido exigência da época da ditadura, pois o tal partido sem o "P" crescera absurdamente durante governo Geisel e esse crescimento foi uma estratégia das forças da época para fingirem dar voz a todos e, efetivamente, o MDB condensava todas as forças de oposição ao governo golpista porque não existiam vários partidos como hoje, só MDB e ARENA. Mas o MDB da "resistência" em nada se assemelharia ao que hoje chama-se centrão. Em 1979 desapareceu com a entrada do PMDB de Ulisses Guimarães<sup>81</sup>. Ulisses foi visto como um dos principais opositores da ditadura, tendo presidido, mais tarde, a Assembléia Nacional Constituinte de 1987-1988

inaugurando a nova ordem democrática após 21 anos de ditadura sendo conhecido como o "senhor das diretas já" . Essa historicização manteve o "P" junto do MDB até 2017 como emblema da "democracia" e não como exigência da ditadura. A historinha contada pelo MDB atual para explicar a ausência do P é, portanto uma fake news, além do que, com o fim do bipartidarismo, surgiram, além do PMDB, outros "Ps": PDS (partido do governo) o PT, O PDT, o PTB e o PP. De modo que todos eles juntos é que implicavam na "democratização". PMDB não seria sinônimo de MDB anterior.

Então, a letrinha "P" só foi retirada, como uma espécie de símbolo, após o golpe de 2016, para dar a entender que se tratava de um movimento pela democracia, forjando um eterno retorno do mesmo de 1966 - quando foi fundado sem o "P" e resistia a retirada de direitos da ditadura como um partido único com tal finalidade, mas que congregava várias forças. Porém, o que não conta é que se no início esse "P"- que não era sinônimo de PMDB, mas de todos os partidos nascentes- trazia a esperança da redemocratização, logo, representava a democracia e não sua ausência - mas agora como esse "P" trazia muitos escândalos de corrupção<sup>82</sup>, bem como medidas impopulares que ficaram transparentes em 2016 e precisavam ser apagadas. O recente MDB finge ressurgir e cria uma narrativa no estilo empresa corrupta, afinal, muda de nome para fingir ser outra pessoa jurídica e assim fazer desaparecer, junto ao nome, os processos. Desse modo, as agências de publicidade que sustentam e são sustentadas pelas forças políticas neoliberais montam as siglas e criam narrativas com estilo de golpe de marketing para continuar a nos golpear. E nesse golpe o atual MDB centraliza as piores forças anti-democráticas. Certamente essas práticas já existiam antes e retornam porque geradoras de sucesso eleitoral, porém mais sofisticadas e, estando inseridas num novo contexto do

capital financeiro no qual os grandes empresários, ao monopolizarem as tecnologias de amplo alcance e velocidade, nos golpeiam com narrativas convenientes a esse capital sem que a grande maioria perceba o golpe e, se essas práticas retornam é porque essa enorme máquina de moer gente que é o Estado representativo só cresce enquanto o deixamos crescer na insistência de manutenção de sua existência como nosso salvador. Porque a "alma" do Estado, em qualquer de suas formas, é o capital financeiro e o capital financeiro, já dizia Guattari, é mundialmente integrado mesmo antes da globalização. Isso porque ele é tão somente a expressão da colonização dos corpos e tem como matéria prima a produção de subjetividades, ou seja, a produção e captura dos desejos que por sua vez o alimenta e é por ele alimentado. É uma engrenagem na qual diversas outras funcionam como roldanas dentadas por onde algumas vidas deslizam para um nada de potência e outras são esmagadas.

Por essas e outras talvez, o mais sombrio seja naturalizar o jogo político da democracia no qual, para vencer uma eleição e supostamente conseguir implementar mudanças chamadas de "avanços" é necessário criar uma aliança com quem tem mais poder, com quem tem a maior bancada, esquecendo-se que toda a fisiologia desse corpo político é do "toma lá da cá" e nesse "toma lá da cá", o presidente da Câmara dos deputados, Eduardo Cunha, desse atual MDB, eleito para esse cargo, por essa maioria, foi exatamente o condutor do golpe em curso, sendo ele também um representante das forças neopentecostais na Câmara, a bancada evangélica. No final de 2015, no mesmo dia em que a bancada do PT declarava apoio ao processo de cassação de seu mandato no Conselho de Ética, o então presidente da Câmara anunciava o acolhimento do pedido de impeachment contra a presidenta. Tal criatura defendia, por exemplo, a marcha do orgulho hétero, para combater a marcha do orgulho

gay que se pautava em ações afirmativas ligadas as tais mudanças que o governo anterior e o atual buscavam manter. Mas como manter as forças afirmativas, alimentando um ovo de serpente dentro dela, ou vários ovos? Como apostar em forças afirmativas quando tudo tangencia com o capital financeiro e investe em empreendedorismos variados? O que se afirma, afinal? É possível fazer desvios na lógica usando a mesma lógica? Nunca é demais ouvir Saramago: <https://www.youtube.com/watch?v=m1nePkQAM4w>

Retomando o caso Cunha, mais tarde foi afastado e renunciou ao cargo em função de denúncias de corrupção e lavagem de dinheiro. Porém, poderá voltar a ativa em 8 anos, mais precisamente em 2027. Chegou a ficar preso, mas em abril de 2021 teve a prisão revogada. Assim se apresenta o jogo político!

Mas, voltando ao impeachment. O cenário que se criou foi o seguinte. As criaturas da maior bancada, aliadas a outras com os mesmos interesses, para justificarem o voto favorável à saída da presidenta proferiam falas carregadas de nonsense como "mandar abraços a familiares ou citar Jerusalém, por exemplo, mas, isso que parecia nonsense portava gatilhos afetivos em que era acionado perversidade, ódio disfarçados em moral de rebanho, de modo que esses tipos assinavam sua decisão em nome de Deus, da família, da pátria<sup>83</sup>, enunciados que nos fazia rememorar as forças que, na época da ditadura, se serviam dessas palavras). Tanto que essas mesmas criaturas, com a ajuda de empresários, organizaram passeatas semelhantes às do tipo "Marcha da Família com Deus" que apoiavam o golpe de 1964, que já estava sendo incitada desde 2014<sup>84</sup> quando se completava 50 anos do golpe de 1964, assim que a presidenta foi eleita, aglutinando àquelas pessoas que, no passado e no presente eram (e são) favoráveis a ditadura militar, bem como pessoas mais jovens que, por desconhecimento da nossa

história, se seduziram pelo enorme ruído, bem como aquelas que, no presente, são conduzidas pela obediência à lógica neopentecostal que também estava em peso, nas engrenagens de Brasília.<sup>85</sup> E ainda por aquelas que acreditam que o funcionamento do "toma lá da cá" da democracia pode seguir outro rumo se houvesse um salvador da pátria amada. Em todas elas se desconhece que o alimento do capital financeiro não conhece pureza de intenções e que talvez a pequena diferença entre modos de governar dentro dessa lógica enferrujada esteja entre os que conseguem criar algum espaço para políticas públicas e os que nem olham para elas, mas mesmo os que abrem espaço, trazem para dentro das políticas a lógica financeira que as financiam e adocem aos profissionais que nelas trabalham. Outras marchas opostas, como as marchas anti-fascistas também se insurgiam desde 2014.

De todo modo, o absurdo da onda que surgia era que essas pequenas brechas iam ser tapadas uma a uma através da orquestração em torno de um grande investimento na memória afetiva dos ressentidos fossem eles do passado ou do presente! Tais ressentidos eram, sobretudo, os que valoram a vida a partir da moral medievá, que pensam o mundo de forma binária e defendem a violência como forma de silenciar tudo aquilo que escapa dessa moral. Tipos que são incapazes de pensar com a história, isto é, de acompanhar as trajetórias do tempo, de se transformarem.

Nesse espetáculo, uma das criaturas mais agressivas foi a do Jair-Verme (não vai colocar sobrenome para não dar ibope algoritmo) que disse: "Nesse dia de glória para o povo brasileiro, tem um nome que entrará para a história nessa data pela forma como conduziu os trabalhos dessa Casa. Parabéns presidente Eduardo Cunha. Perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o

comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff. Pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim."...<sup>86</sup>

Um torturador era louvado e ao mesmo tempo um enunciado que ligava 64 a 2016 como se tratasse de um mesmo cenário de forças e que geravam algoritmos, como passou a entender depois. E esse louvar e essa enunciação foram aplaudidas, pela maioria da Câmara e por milhões, nas redes sociais. Mal sabíamos que tais aplausos das redes sociais contavam também com alta tecnologia de falsificação...mas que teve efeito de produção de adesão para as eleições alguns anos depois...foi dada munição para um desejo fascista circular e encontrar corpos que com ele queriam dançar.

Essa criatura que louvou um torturador encontrara, ali, naquele episódio, uma ocasião para ganhar tamanho, mas, a absurdidade dessa situação não produzia resistência necessária para frear esse jogo. A oposição parecia não entender o que estava acontecendo e isso gerava um vazio de sentido que tinha como resposta uma certa anestesia, como se fôssemos incapazes de elaborar aquele horror. Ou entendia, mas não sabia que armas usar para lutar.

Mergulhávamos num ringue sem combate, mas que se mostrava como sendo um espetáculo de uns contra os outros nas redes sociais que ganhavam tamanho esplendoroso desde esse momento, virando combate digital. Era um ringue sem combate entre pessoas, mas efetuado entre elas, porque a orquestração que incitava o combate de uns contra os outros era tão somente para transformar a então presidenta numa ocasião para derrubar, a um só tempo, todas as conquistas de diretos que passaram a ser golpeadas em nome de Deus e contra o comunismo, em que a "verdade dos fatos" era

substituída por uma política da imaginação perversa, muito utilizada nos anos 60, 70 que dizia, por exemplo, que os comunistas comiam criancinhas, tal como um lobo mau das histórias infantis. Reterritorializavam-se afetos conservadores e, junto a eles, a produção do inimigo interno vermelho. Vermelho seriam todos que defendem minorias. Vermelho seria a cor do inferno que a então chamada ultra-direita criou como produtor do abismo, quando infernais e infantis foram as estratégias usadas nessa produção a nos abismar. Agora, essa ultra-direita defendia que os comunistas estavam levando as crianças para o mal caminho com o "kit gay", com o fornecimento de "mamadeiras de piroca" nas escolas. Inventava-se a escola sem partido para contrapor-se ao programa da escola sem homofobia e outras bizarrices do gênero que embaralhavam narrativas e produziam vazio de conteúdo, mas cheios de afetos de ódio. Essa estratégia afetiva viralizou rapidamente porque foi montada toda uma tecnologia de produção de imagens-gatilho para parte da geração que, na época da ditadura empresarial militar, apoiaram os golpistas daquela época e, quando a ditadura caiu mantiveram neles próprios um ódio que encontrou passagem nesse presente de bizarrice, como se o devir reativo tivesse achado a ocasião para ser "feliz". Essa geração passa a adentrar no universo dos dispositivos whatsapp, facebook por exemplo, e sem as defesas necessárias contra as fraudes que são facilmente criadas nessas plataformas, como por exemplo, editar vídeos retirando o contexto, mas dando a entender que aquele que ali estava, sobretudo algum representante da esquerda, defende algo como, por exemplo, pedofilia e, em nome da moral e dos bons costumes, de Deus acima de tudo e todos, precisava ser banido, esculachado, ameaçado etc. Desse modo a pessoa que vê o vídeo pensa se tratar da "verdade" porque ela está vendo, com seus olhos, fulano dizer tal coisa, mas que foi

montada e ela não percebe ou não quer perceber porque seu desejo desliza por aquilo que quer sentir, vendo. Além disso, produziram-se links falsos, com reportagens que "fundamentariam a tal fala" e as pessoas não sabiam como encontrar os links verdadeiros, sobretudo porque os espaços que ensinariam a fazer tal filtragem era dito, nesse outro espaço que se espalhava, como espaço de comunistas. Somado a isso, essa tecnologia, pautada numa certa "psicologia social-comportamental" abasteceu-se de um mecanismo simples que é de uma certa "serialidade por contágio", qual seja, uma reportagem falsa ou vídeo aparece, abaixo dele, uma infinidade de robôs escrevem coisas do tipo: eu vi fulano falando isso, eu estava lá ou xinga fulano. As pessoas "reais" vêem essas observações avolumadas em sua página do face e pensando tratar-se de pessoas, se seduzem por esse suposto pensamento de maioria e o replicam sem pestanejar, tal como quando várias pessoas olham para o alto e "instintivamente" as demais fazem o mesmo gesto. Outra estratégia "gatilho" é a suposta busca pela pureza, entendida como combate a corrupção, feita através de falsas acusações contra aqueles que denominam de comunistas feitas por tais representantes de extrema direita que se insurgem como aqueles que condenam as práticas no Estado. Entretanto, querem assumir o próprio Estado, sendo que tais criaturas trazem , junto de si, práticas corruptas que alegam serem falas falsas. Outras estratégias E.L.A só veio a entender depois e que tinham uma relação com os rastros deixados na internet e os algoritmos. Em outras palavras, conforme a pessoa tinha acesso a enunciados bizarros, suas pesquisas a levavam somente para tais espaços, formando uma bolha na qual ela se sentia protegida e em casa, falando a mesma língua e deslizando os mesmos afetos.

O que víamos então era o despertar das "bestas louras", termo nietzschiano que descrevia as bestas



européias colonizadoras, posto que, guiadas por um espírito de "ave de rapina", dominavam e violentavam tudo que fosse estrangeiro, vagando ávidos de espólios e vitórias e se apresentando como raça nobre, mas deixando na esteira a noção de bárbaro em toda parte onde foram e vão, tendo consciência e orgulho disso. Homens que, segundo Nietzsche, criaram o Estado!<sup>87</sup>

Estávamos diante de toda uma orquestração afetiva cujo alvo era produzir a morte de uma subjetividade crítica através da encarnação, no imaginário social, das forças da ditadura amalgamadas ao mundo bipolar da guerra fria, como se lá estivéssemos ou nunca tivéssemos saído. Todas as práticas postas em curso simulavam esse retorno, enquanto, nos bastidores, amplificavam o alcance do neoliberalismo dos anos 90, que agora encontrava seu ápice sob o comando das grandes corporações: a "elite" virtual. Nesse jogo afetivo produtor de gatilhos emocionais, um jogo de simulações, abriu-se novamente espaço para produzir-se reterritorializações conservadoras da subjetividade. O pensamento intempestivo de Guattari ainda tinha muito a nos ensinar e lendo o modo em que Bifo<sup>88</sup> o apresentava, E.L.A relembra que somente com ele podia perceber como se produzia investimentos sociais patológicos do desejo, que toda a tecnologia disponível tornava ainda mais cristalina a interseção entre fluxos econômicos e semióticos e como essa interseção nos guiou para o ápice de um processo de destruição sistemática do ambiente natural do planeta e do ambiente psíquico no qual vivemos e nos comunicamos. Novamente sentíamos o investimento no medo do inimigo interno como uma estratégia conhecida desde a ditadura que retornava agora novamente com a função de deslocar as energias do desejo para embates que, tal como antes, esvaziavam o processo de transformação social, porém agora com mais sucesso devido as tecnologias digitais em ação

através de fake news e de algoritmos. Era, inclusive, uma estratégia global, mas cada país lançava sua plataforma política do medo de acordo com suas especificidades.

Ou seja, todo esse processo vinha acontecendo também em outros países, como descobriu um ano depois ao ler Jason Stanley<sup>89</sup>. Mas, naquele momento, como não tinha muito tempo para ler, E.L.A pensava que era coisa somente do Brasil e dos E.U.A. Até porque, naquele mesmo ano de 2016, Trump vence as eleições nos E.U.A. Momento inesquecível para E.L.A porque ocorreu em 9 de novembro, dia de seu aniversário.

De todo modo, E.L.A sentia se formar um cenário em que golpes na subjetividade crítica atrelada a incitação de uma memória afetiva do ressentimento eram o principal investimento político para que um determinado mundo desaparecesse e, em seu lugar, uma subjetividade zumbi-digital emergisse. Um mundo apequenado, binarizado entre um "nós" e um "eles" que se alimentava e se retroalimentava de táticas fascistas conduzidas por eleições democráticas em que, no decorrer da permanência de Trump, conforme soube mais tarde, possibilitou que fossem eleitos representantes de extrema direita em países que incluem Rússia com Vladimir Putin, Hungria com Victor Orbán, Polónia com Andrzej Duda, Índia com Narendra Modi, Rodrigo Duterte nas Filipinas, Recep Erdogan na Turquia, Jair Verme no Brasil dois anos depois do golpe, todos "puxados" com a vitória de Trump nos Estados Unidos, só para citar alguns. O nacionalismo era a mola mestra que sustentava os discursos desses representantes e que alimentava a política genocida incitada declaradamente por eles ao que se mostrasse estrangeiro ou desnecessário ao "crescimento da nação". Isso porque já não havia mais a necessidade de conquistar territórios. As conquistas de faziam dentro de casa via tecnologia digital e não havia mais espaço para globalizar.

Tudo já estava globalizado. Era momento de fechar fronteiras e conservadorizar o socius, espantando toda e qualquer ameaça de "intrusos".

Estávamos, em 2016, fazendo a virada para essa extrema direita cuja transparência do horror passa a estar estampada sem cortes em 2019, mas que foi costurada em 2016. Essa virada tinha uma relação direta com a especialidade americana em dar golpes quando um determinado território lhe interessa e estivesse obstaculizando a extração de riquezas dele. Afinal, a infertilidade da terra americana faz com que seus representantes só consigam torná-la soberana através do roubo dos tesouros alheios, seja através de guerra/ produção de subjetividades já que disfarçadas em missões humanitárias "contra o terrorismo" ou produção de subjetividades sem guerra, como no Brasil, pois este jamais ofereceria uma resistência forte como, por exemplo, Irã, Iraque, Afeganistão, Paquistão, Cuba etc que, tendo uma cultura distinta e fortalecida entre a população, não cedem, mas vivem sob constante tensão.

Porém, todo esse processo de perseguição a uma subjetividade crítica criava também um problema relacionado às críticas que precisavam ser feitas aos representantes da própria esquerda. Mas, nesse cenário, criticá-los seria dar munção as bizarrices em curso. Cairíamos também na lógica "nós" e eles" com o Estado no meio. Era necessário construir algo além do que uma subjetividade crítica. Era necessário entender qual o valor do valor desse jogo para a vida. Era necessário entender que, no tabuleiro da vida democrática, a combinação dos dados que caem no jogo político esgotaram suas jogadas. Todo o arranjo, cedo ou tarde, nos estrangularia porque esgotadas as suas jogadas só lhe restava exhibir-se sem verniz e não suportamos sentir isso. O Estado sempre exerceu domínio político sobre os corpos, sempre foi violento, mas no estilo morde e assopra,

tal como as missões de paz que se alimentam da guerra. De 2019 até agora só morde e morde mais forte por conta de tecnologias mais sofisticadas que permitem um controle a céu aberto das subjetividades zumbi-digitais que, nesse estado morto-vivo, elegem quem declaradamente aposta na matança de seus próprios eleitores. Encarna o suicídio do povo que passa a não ter mais trabalho, direitos e, com a pandemia, mesmo vendo as mortes diárias pela TV, se negavam a ver e correm em direção a morte pautadas no discurso do direito a liberdade de circular. Encarna o Estado suicidário e homicida. Espalha o caos para gerar esperança sem saber-se governado por algoritmos! Sempre foi assim, mas com tintas menos evidentes nos discursos e sem a tecnologia digital. O Estado é a própria caixa de pandora em nós! E o que sobra para a esquerda se, nesse momento, essa figura que encarna as forças políticas, escancara a engrenagem do Estado e a engrenagem dele, em nós mesmos? Estado e capitalismo são irmãos gêmeos! Nossa saída é o niilismo passivo de um corpo anestesiado e vazio ou um niilismo reativo que grita contra os absurdos, mas ainda trabalha na manutenção da ferrugem e acaba canceroso. Ou um niilismo ativo, da inversão de tudo: do combate contra a engrenagem-serpente dentro de nós?<sup>90</sup> Já passou da hora de percebermos que nossa doença é a nossa normalidade, chamada agora de novo normal pela direita e pela esquerda! Em última instância, podemos dizer que só é possível constituir um pensamento crítico, que diagnostica as forças do mundo quando nós próprios diagnosticamos as forças que nos aprisionam e é essa estrofe que não é entoada em toda a sua extensão pelo modo como a subjetividade crítica se desenhou até agora.

E.L.A lembra que Bifo também dirá que desde os anos 1990 a globalização da economia criou as condições de intercambiar livre comércio por todas as zonas do planeta

com os estilos de vida ligados ao consumo. Esse processo já era um pensamento intempestivo de Guattari desde os anos de 1982 quando falava em capitalismo mundial integrado (CMI). Condição, portanto, para se formar uma subjetividade planetária em torno do consumo e seus efeitos, de modo que mercadorias de descarte passam a ser a chave da vida também descartável. Os povos originários também alertavam para a mesma coisa. A desterritorialização do processo produtivo desterritorializa também as vidas, que se tornam voláteis, sobretudo as que orbitam e não tem a senha financeira para adentrar nessa lógica. E, nessa lógica, não é bem a mercadoria em si que produz valor, mas a melhor informação acerca dela. Lembra de Guattari quando dizia que o capital não é uma categoria abstrata, mas um operador semiótico! E hoje temos uma sobrecarga informativa que produz psicopatias planetárias. fluxos financeiros e fluxos psíquicos são firmemente interdependentes! Por isso Guattari ensina que só se pode estudar a catástrofe política, econômica e social a partir de uma análise nos investimentos sociais do desejo. Só dessa forma podemos ultrapassar o caráter meramente molar da luta.

Por conta disso, nesses 5 anos que se passaram desde o "golpe" até a emergência da pandemia, E.L.A não sabia ao certo se o tabuleiro no qual os dados pandêmicos caíram foi criação humana para finalizar o projeto de abolição do tempo e do espaço ou resposta do tempo ao que fazemos com nosso planeta-espaço. Para n'E.L.A uma dúvida se os desdobramentos desse acontecimento sars-covid-19 foi maquinado por corporações para implementar um mundo digitalizado, eliminar os custosos e/ou opositores com "mãos limpas" do Estado posto que essa eliminação se dá por incitação e curtidas; em que no lugar das ruas, habitemos e desejemos plataformas; em que nossos corpos desapareçam e

viremos avatares; em que nos acostumemos a falar com robôs porque também nos tornaremos um e já estamos nos tornando; em que rede de amigos é rede de desconhecidos que pensam como você, mas que não são escolhidos por você, mas por algoritmos que dizem quem és tu; em que o acaso dos encontros não se dá ao acaso, mas pelos rastros que você deixa nos espaços da rede e que retornam a você pelo poder dos algoritmos; em que nos incomodamos com os pedidos de esmola nas ruas que cresceram assustadoramente e desejamos a "limpeza das ruas" para não vê-los, em que naturalizamos a morte a luz do dia dos que chegam nessa condição. Ou se isso se deu "ao acaso", mas nesse acaso vislumbrou-se uma vantagem de amarrar tudo isso que já vinha em curso, transformando-nos em robôs consumidores de entretenimento, incluindo nesse pacote a própria morte, seja pelo vírus ou os assassinatos diários de pretos, mulheres, indígenas, lgbtqi+, migrantes: a tudo isso chamarmos de "nova normalidade". Nela, para que consumamos entretenimentos precisamos emburrecer, porque nesse futuro-presente digitalizado, algoritmizado o espaço entre a vida e o que ela pode foi ocupado por curtidas, que se transformam em dados, e que, somente avolumados, te garantem presente, ou seja, dinheiro no bolso também virtualizado e que te transforma em referência da sociedade, oferecendo o lugar de influenciador digital para uma legião que busca distração que, por sua vez, a busca para não enlouquecer de excesso de presente. Afinal, produziu-se a sensação de fim do futuro e o amanhã fica parecido com o hoje. Mas, essa sensação não é ilusória, porque não há mais como garantir futuro para a população. Poucos poderão viver no (do) mundo-casulo e os que conseguirem verão que não sairão desse refrão, de modo que pode vir pandemias que não haverá necessidade de sair de casa, formar canção. Se não estivermos atentos, a fantasia

virtual tomará o lugar da realidade e a política nacionalista, o casulo dentro do casulo, encontrará uma bela justificativa para suas artimanhas, como se fosse a seta da esperança para nos manter "salvos", mas não são. Vacinados e com máscaras, mas intoxicados por uma estranha moral da sobrevivência do capital que agoniza em nós. E todo esse processo não será um destino entendido como algo trans-histórico no qual estamos a mercê, mas um exercício que estamos ajudando a manter. Sim, podemos estar construindo um fim de mundo, quando podíamos estar criando o fim de um mundo distinto do que ocorre...Pandemônio e pandemia, irmãos gêmeos que se servem da tecnologia para nos afundar na entropia no qual tudo vem sendo esmagado: palavras, frases, gestos, encontros e nos lançado numa vida que, mergulhada nesse processo que parece irreversível. Para nos mantermos dentro da cultura teremos que ser tal como o polvo apresentado nas experiências do biólogo Alain Bombard, citado por Guattari, em que apresenta duas bacia de vidro, uma com água do mar poluída e outra com água limpa. Ao colocar o polvo na primeira bacia, ele parecia animado, movendo-se como se dançasse, mas, na outra, após alguns segundos, enrugava-se, se abate e morre.<sup>91</sup> A nossa música então seria, êh, ohh vida de gado, polvo marcado ê, polvo feliz?!

Apesar desse cenário catastrófico E.L.A não quer se prender a essas imagens...ele não precisa ser o destino d'E.L.A...Precisa lembrar de algo que disse numa banca para uma amiga, em 2021. Eis as suas palavras:

Nesse tempo catastrófico, nossos afetos ficam confusos porque não encontramos nenhum registro, em nós mesmos, para nomear o que sentimos, as palavras não dão conta da ruína e, se antes desse cenário estávamos escrevendo algo, esse algo que escrevíamos muitas vezes caduca dada a urgência em conseguirmos entender o que se processa em nós e no mundo e não estamos conseguindo fazer isso. Não sei se estou falando só de mim, porque isolada na caverna a gente fica falando com fantasmas

refletidos nas paredes com as luzes da tv ou do pc e talvez o reflexo que vejo sejam dos meus fantasmas e não uma tipologia de forças...Mas, se minha sensibilidade ainda estiver em consonância com um coletivo que acredito que ainda me habite, penso que a escrita que nasce nessa virada de chave do mundo ou desse caducar de formas onde nos reconhecíamos, tremula e, por vezes, emudece e a pergunta que me faço é: como encontrar um quantum de força em nós para cuidarmo-nos de nós mesmos e dos nossos? Como não ser tragada pela enorme sombra que se abate no espírito e o excesso de luminosidade dos jogos de força que atinge a nossa pele ocular? Não agüento mais tanta enxaqueca ! E tanta oscilação de humor.

A aposta que tem guiado a flecha da minha vontade é pensar que, nesse momento, é fundamental escrevermos sobre nossa trajetória de pesquisa, sobre o nosso desenho existencial, para nele encontrarmos a chave da força que nos trouxe até aqui e que nos valorou até o presente, e, nesse exercício, estar atento para as modulações que ocorreram, as diferenciações do mundo, de nós mesmos e o tipo de problematizações que foram surgindo nesse caminhar, nesse exercício em que movimentar-se era a chave de nossa saúde e que ainda é. Um exercício clínico-político, de cuidado consigo, de criar artes de tentativa, como dizia Deligny, ou de resgate da memória da força, como sugere Nietzsche e não do perder-se nesse presente que nos enforca e coloca a existência em suspenso, como se não houvesse mais futuro...uma grande espera para coisa alguma, como diz Pelbart numa *live* que assisti um dia desses. Uma força aparece quando jogamos nossa vontade no transcendente, porque, quando fazemos isso, esvaziamos a processualidade, a diferenciação e apostamos num sentido de mundo pautado no fim do mundo; na crença em um outro mundo e num salvador. Uma força aparece também quando, diante da perda de referências, buscamos referências no passado, querendo que o tempo funcione tal como outrora. Uma força também aparece quando ficamos em suspenso, tão somente em estado de espera, governados pelo medo ou em estado de zumbi, apocalipse zumbi. Uma força aparece quando paramos de pensar. Quando nossa existência e a do mundo perdem seu sentido. Quando emudecemos por estagnação ou procrastinação. Quando não conseguimos mais fazer conexões conosco, com os nossos, com o mundo. Como se o mundo se reduzisse ao pandemônio ou ao novo governo de condutas possibilitado pela pandemia.

Para que essa corda não fique em nosso pescoço, precisamos cortar essas manifestações dela que grudam em nós e chamar a vida para o primeiro plano. Precisamos resgatar o modo como valoramos o mundo e a nós mesmos naquelas frestas em que sentimos que nos deslocamos, que não fomos súditos ou mero expectadores dos jogos de força. Aquelas frestas que fazem com que sintamos movimento em nós. Que nos faz sermos ondas de força e de recusa a essa dimensão de zumbilândia que parece ser o único tom do mundo.

Então, a minha primeira sugestão, antes de ler o texto é, escreva sobre sua trajetória. Encontre nela os pontos de força, a flecha da vontade que saiu de um solo x e foi lançada para um outro, a força que se fez nesse lançamento, o que se encontrou nos novos solos. Desenhe essa trajetória e a olhe com carinho, sint-a. Construa um mapa afetivo para você mesma e, dessa maneira fará o leitor andar de mãos dadas com você e também encontrar e relembrar da sua força. Se possível, escreva também sobre o solo movediço do presente e a dificuldade de fincar uma flecha nele, acentue os efeitos nas políticas públicas, focando na saúde mental. Se possível, escreva também sobre as problematizações que tal solo trazem para o pesquisador, pois problematizar é abrir caminho. Coisas do tipo: o que imaginava escrever no início e o que mudou? Que forças guiaram a mudança? O que é possível escrever em alguns meses antes da defesa durante essa pandemia ? Estou com esse mesmo problema (preciso defender meu novo



doutorado em 2021!) e a estratégia que encontrei foi fazer um texto mais literário... o texto literário tem sido a minha língua possível!

**ADVERTÊNCIA:**

Apesar de toda essa análise crítica a respeito da democracia representativa, a respeito da engrenagem Estado e todos os efeitos decorrentes do modo como temos conduzido a vida no planeta a partir do culto a ídolos diversos que separam a vida do que ela pode, E.L.A, que não é ingênua e sabe que estamos diante de um cenário catastrófico que não tem como ser transformado, ainda, pelas vias de uma espiritualização do pensamento, nesse agora em que aquele que governa o país, caso se mantenha nesse posto, vai continuar a abrir feridas irrecuperáveis que, embora tenham sido possibilitadas pela abertura dos desmontes variados nas políticas públicas durante a gestão pós-golpe de 2016, que, por sua vez, foi possibilitada pela aliança da esquerda com o MDB, assumiram uma proporção e um destino que precisa ser estancado. É necessário, portanto, dar um passo atrás para, se tivermos tempo, construir um passo a frente. É urgente dar um basta nessa gestão psicopática, suicidária através das eleições, mas sem a ilusão de que haja um salvador, mas apenas um conjunto de forças que, nesse momento, tenha mais condições de tirar da cena política esse verme perpetuador do bolsonarismo que vem devorando, através de ações, alianças políticas e incitações de ódio, povos indígenas, negros, militantes, acadêmicos, cientistas, artistas, população lgbtqi+, trabalhadores, o meio ambiente, as políticas públicas enfim, a população em geral.

**Pausa para um instante transformador. Morte do pai Almeida Nascimento  
Niterói- RJ- dezembro 2019**

O nome do arco é a vida; sua obra, a morte. Quem se esquivará do fogo que não se apaga? (Heráclito, Fragmento 48)

Trilha sonora: Bola de meia, bola de gude. Milton Nascimento

<https://www.youtube.com/watch?v=SAcEfo3MDZE>

Há um menino, há um moleque morando sempre no meu coração...

Aqui E.L.A pede licença ao leitor para dar passagem a um momento de dor e ternura com a partida de seu pai. O eu e o E.L.A se confundem na escrita, por isso o E.l.A se apresenta como Ela em alguns pontos em outros como E.L.A. Não foi possível fazer diferente. Antes, porém, resolve compartilhar a passagem de um livro que descobriu um ano depois de ter escrito essa parte da anti-tese. Um livro chamado Metamorfose:

Como todas e todos, eu esqueci de que já fui o corpo do meu pai. Fui e ainda sou; e não apenas de um ponto de vista material. Ao nascer, carrego em mim a forma de meu pai e a forma de minha mãe: geneticamente, sou o improvável e barulhento diálogo entre seus corpos e suas formas. Esse esquecimento que coincide com o nascimento é o elemento mais profundo da memória. Aliás, meus pais também são fruto desse esquecimento e dessa mistura. Ter em mim o corpo de meu pai e de minha mãe, suas formas, suas vidas significa, portanto, ter em mim o corpo e a vida de uma série inumerável de seres vivos, todos nascidos de outros seres vivos, até às fronteiras da humanidade e ainda mais além, até às fronteiras do ser vivo, e ainda mais além. O nascimento não é simplesmente o surgimento do novo, é também o extravio do futuro em um passado sem limite(...)É o sopro de um outro que se prolonga no nosso, o sangue de um outro que circula em nossas veias, é o DNA que um outro nos deu que esculpe e cinzela nosso corpo. Se nossa vida começa bem antes do nosso

nascimento, ela termina bem depois da nossa morte. Nosso sopro não vai esgotar-se em nosso cadáver: vai alimentar todos aqueles que encontrarem nele uma ceia para celebrar.<sup>92</sup>



14 de agosto de 2016 ·  
Compartilhado com Seus amigos



Primeiro dia dos pais, sem meu pai para abraçar...Seu corpo se retirou daqui há 55 dias e sua energia passeia por outros espaços que talvez, um dia, eu tenha acesso. No entanto, a ausência do abraço torna a presença mais intensa, sua energia também pode se desdobrar na profusão de imagens de nossa linda trajetória juntos, que gritam em mim. Uma espécie de álbum de fotografias passeia em meu peito, algumas folhas desse álbum se descolam do livro imaginário e fazem rodopio em meu coração. Sua voz canta em mim. Seus ensinamentos dançam em mim. Vejo-me pequena passeando com ele, em sua bicicleta verde. Vejo-me aprendendo a andar de bicicleta com ele. Era vermelha e eu usava uma roupinha também vermelha. Lembro da minha alegria pela conquista e do orgulho dele pela minha independência. Lembro dele escrevendo no quadro negro. Lembro dele preparando um discurso quando foi paraninfo pela primeira vez e me passando esse discurso, escrito num papel que guardo até hoje. Lembro dele me ensinando a nadar para acompanhá-lo porque ficava angustiada quando entrava no mar e sumia a cada braçada em direção ao horizonte. Lembro dele me ensinando a dirigir, me colocava no colo e me ensinava a passar as marchas em seu Chevette amarelo, depois sentava ao meu lado e me deixava fazer tudo sozinha, Lembro dele jogando futebol, coisa mais linda! Lembro dele orgulhoso com meu desempenho em jogos escolares e também pelos meus boletins...Lembro dele respeitando minhas escolhas, me protegendo quando precisava de seu colo. Lembro da gente falando de futebol, torcendo pelo flamengo...Lembro dele feliz da vida porque um passarinho começou a visitar sua janela e ele colocou um potinho preso na parede para o passarinho se banhar...Camadas e mais camadas de lembranças, doces lembranças, de uma pessoa leve, forte, poética e estóica que faz parte da minha vida e se perpetua nas estrofes que deixou em mim.

Te amo, meu pai. Muito.

PS: Hoje peguei a camiseta que fiz para ele e ele não tirava do corpo...Visto-a agora, visto-me dele, para estar com ele, nesse dia..

Um dia depois do primeiro dia dos pais sem a presença dele, resolve postar uma situação mágica que acontecia em sua casa.

15 agosto de 2016

Compartilhado com Seus amigos



Vejam só o que tem crescido espontaneamente aqui em casa. Isso que é presente da vida insistindo em perseverar. Batata doce em formato de coração, com folhinhas em formato de coração, crescendo por escolha própria, irrigando-se de (por) si mesma. E quanto mais as folhas crescem, o formato de coração vai ficando cada dia mais nítido. Lindo, emocionante!!!! Como diz Manoel de Barros:

"Dou respeito às coisas desimportantes

e aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade

das tartarugas mais que a dos mísseis.

Tenho em mim esse atraso de nascença.

Eu fui aparelhado

para gostar de passarinhos.

Tenho abundância de ser feliz por isso.

Meu quintal é maior do que o mundo."

Novas fotos. A folhagem continua crescendo, multiplicando coraçõzinhos !!



O pai d'E.L.A faleceu num dia de domingo, em junho de 2016. A hora talvez tenha sido entre 4 e 6 da manhã. Isso porque às 4 horas sua mãe escutou ele entrar no banheiro e depois voltar para o quarto. Ela havia adormecido no outro quarto que tem T.V. Por volta de 5:30, sua mãe acordou e foi tomar banho. Às 6:00 horas, quando entrou no quarto do marido, o vê deitado, mas de um jeito estranho, estava de barriga pra cima, na lateral da cama, na diagonal, como se tivesse jogado o corpo contra o colchão da cama. Chegou perto, chamou pelo seu nome e nada. Chamou de novo e nada. Conferiu se respirava. E ... nada... Liga para o Samu mas não consegue que atendam. Liga para um hospital perto da casa dela e eles dizem para ela ligar para o Samu. Liga para o Samu de novo e não consegue. Liga para casa da filha e quem atende o telefone é sua nora. Conta o que aconteceu, mas pede para não contar a sua filha. A nora não conta, diz que ele estava passando mal.

Chega na casa de seu pai, sua mãe atende a porta e diz que ele havia partido e narra o acontecido para ela. Ela vai ao quarto e o vê estirado na cama, gelado, com o lado esquerdo do pescoço roxo, bem como com a orelha esquerda roxa. Os olhos estavam fechados. O semblante era de tranquilidade. Todo o processo ocorre para E.L.A em câmera lenta, parecendo uma cena de filme que assistia, mas não estava lá. Não era nenhuma parte dela lá. Não chorou porque não estava lá. Coloca uma calça nele e tenta colocar uma blusa, mas não consegue porque os braços estavam começando a enrijecer.

A mulher dela providencia funerária. Passando um tempo, chega o cara da funerária. Ele dá os valores, mostra modelos de caixão. Ela escolhe enquanto sua mãe procura o bloquinho com telefones para avisar aos parentes e amigos. Marcaram o lugar do sepultamento que, por sorte, era perto de casa.

O agente funerário liga para o médico que só chega por volta das 13 horas. O médico explica que foi morte súbita decorrente de infarto fulminante provavelmente por ele ser diabético, mostrando as partes do corpo que estavam roxas e que indicavam esse diagnóstico. E, como esse médico, por um acaso, era candidato a vereador, ficava falando de política, fazendo campanha, o que a deixou perplexa, mas nada falou porque não conseguiu, diante do absurdo. Ele

demora a ir embora. Sua mãe se aflige, queria que resolvessem logo tudo...

Por volta das 15horas, chega um rapaz para levar o corpo e depois chega outro. E.L.A pede que façam a barba dele, que coloquem uma blusa azul e perfume. Entrega o frasco para um deles. Enrolam o corpo de seu pai num cobertor que E.L.A havia cedido. Para conseguir tirá-lo do quarto, tiveram que colocá-lo em pé na maca. Ele sai em pé, dois homens o levam. E.L.A abre a porta do elevador para que entrem com ele. Sua mulher desce com os homens. Quando sobe, conta para E.L.A que, lá embaixo, o colocaram no caixão. Nesse momento começam as ligações para avisar familiares. Sua mulher quem liga.

Num determinado momento, alguém, no bar em frente do apartamento de seus pais, coloca para tocar " meu pequeno cachoeiro". Seu papai é de Cachoeiro do Itapemirim. Pensa que colocaram em homenagem a ele, pois frequentava esse bar e as pessoas gostavam dele. Ela então chora um pouco, um choro de emoção e gratidão pelo carinho. Enquanto isso, sua mãe limpa compulsivamente sua casa, passa roupa. Sua mania de limpeza se acentua. Forma que encontra de criar uma zona de distanciamento da angústia.

E.L.A pega o relógio de seu pai que havia achado na rua e dado para ele. Estava com ele há mais de 20 anos. No momento em que E.L.A pega o relógio e o coloca no pulso, ele pára de funcionar. Ai ela chora com força.

Enquanto isso, sua mãe ficava repetindo a cena da morte. A noite, sua pressão sobe muito. Ela e sua mulher a levam na emergência. Explica a situação para o plantonista. Ele administra Diazepam. 30 minutos depois a pressão cai. Sua mãe sente sono. Retornam para casa dela. Ela dorme na sua mãe. Sua mulher volta para casa delas. Sua mãe apaga. De repente acorda em prantos. E.L.A a abraça. Fica com ela a noite toda. Não dorme. Fica velando seu sono e sonhos.

No dia seguinte sua mulher e o pai dela as levam para o velório de carro. Amigos seus aparecem. Alguns familiares também. Amigos do seu pai aparecem.

Uma mulher se sentindo padre faz orações. Foi até engraçado porque estava se sentindo "a padre" e parecia animadora de festa. Praticamente obrigou todo mundo a ler uma parte daquele papelzinho em que há passagens bíblicas. Dizia: levanta a mão quem quer ler! Vamos, não sejam tímidos! Sua mulher, que é atéia, vendo o constrangimento da situação

foi a primeira a ler e E.L.A ficou com vontade de rir. Ela mesmo não leu. O pai dela deitado e, "a padre" começa a falar de lázaro ressuscitando dos mortos. A tia dela, que não via a muito tempo, irmã de seu pai, chega nessa hora e quando E.L.A olha a tia, leva um susto, era a cara do pai dela, mas com roupas femininas. Por um instante se confundiu e teve novamente vontade de rir. Sua tia chega e fala para E.L.A: cuida da sua mãe! E a voz dela era idêntica a do seu pai. Nessa hora ela não riu, se arrepiou!

Acaba o velório, todos seguem para a catacumba. Ele ia ficar num lugar distante, mas, no último segundo, vagou um espaço ao lado de uma igrejinha bonitinha, bem perto da entrada do cemitério. Um lugar bonito e fácil de chegar. Com uma bela árvore fazendo sombra.

Quando ela vê colocarem o caixão na catacumba e tamparem com cimento, sentiu que ia desabar. Ficou tonta. Chorou, mas engoliu o choro por conta de sua mãe. Só pensava nela. Mas suas pernas ficaram bambas. Pede alguém para andar com ela de braço dado. Começa a chorar compulsivamente. Muitos abraços aparecem. Entra no carro. Vai para a casa da mãe. Sua mãe novamente fica repetindo toda a cena da morte, bem como é invadida por inúmeras lembranças do cotidiano. Dormiu lá de novo. Sua mãe toma o remédio que o médico receitou e dorme pesado.

Na casa de sua mãe a dor da perda crescia nas duas. Excesso de pai em todo lugar, excesso de marido em todo lugar. Na noite anterior tinha acontecido um fenômeno que E.L.A não deu conta. Estava sentada no sofá da sala, a noite, enquanto a mãe dormia no quarto. De repente sentiu a presença do pai, que ia se aproximando dela, vindo do quarto. Conforme sentia a aproximação, uma energia absurdamente poderosa, como se fosse a energia do corpo dele, tomava conta de todo o espaço e E.L.A teve vontade de gritar, porque ela parecia sugá-la e levá-la para um local de dor inimaginável. Saiu da sala e foi para a cozinha. Olhou para o céu e, aos prantos, se desculpou com o pai dizendo-lhe que sentia que ele estava ali, mas que não tinha condições de acolhê-lo, que ia ficar tudo bem, mas por alguma razão que E.L.A desconhecia, não estava sentindo alegria por senti-lo ali, mas uma enorme dor. A energia se dissipou e E.L.A entendeu que precisava sair da casa e sua mãe também. Foram para a casa dela e levaram também a jandaia dela que morava há 30 anos com sua mãe.

Passado uns dias a mãe ensaia sair sozinha. E.L.A incentiva. Vai a Igreja e demora 4 horas na rua. E.L.A se preocupa, mas finge que não estava porque sabia que sua mãe estava tentando fazer um movimento de autonomia...

Aos poucos sua mãe vai ganhando mais corpo e passa a ir a fisioterapia sozinha, ao shopping, a manicure, enfim, vai retomando sua vida. Enquanto isso E.L.A corrige trabalhos de alunos, lê jornais. A noite uma tosse com uma leve falta de ar a acompanha, mas nada demais. O coordenador do curso lhe cedeu 9 dias de afastamento e logo depois chegaria as férias de 15 dias. Os alunos sabiam do ocorrido e lhe mandava e-mails carinhosos.

Passando um tempo, talvez um mês, ela e sua mãe conversam e entendem que sua mãe já tinha condições de voltar para casa e que como moravam perto, qualquer problema ela tinha como ir correndo na casa dela. As aulas tinham começado e ela não teria condições de se dedicar, como havia feito até então. Sua mãe volta para a casa e ela a monitora de longe. Tudo ia ficar bem. Escreve a uma amiga:

Meu pai foi embora. A flecha do tempo atravessou seu peito, mas teve a delicadeza de despi-lo da vida dormindo. Embora tenha visto seu corpo sem vida, embora tenha lhe tocado a face poucas horas depois desse despir-se da existência, embora um vazio enorme se abra em meu peito, com pontadas de dor, a presença dele, em mim, aparece, me preenche e me prende a quem ele foi, me coloca diante da sua beleza, da sua generosidade, da sua leveza, da sua força, de seu infinito amor. Tenho orgulho do pai que tive. Sou feliz por tê-lo como parte nobre de meu espírito. Pude aprender muitas delicadezas, como por exemplo ficar feliz se um passarinho pousar na janela. Também aprendi a amar lecionar.

Escreve para uma outra amiga:

Por mais horrível que tenha sido toda essa situação, acredito que meu pai estava se preparando para morrer. Ele sabia...ele desejava ir embora...Ele vinha conversando com minha mãe que sentia que estava perto de acontecer isso e pedia para ela se preparar e ao mesmo tempo deixou tudo preparado para sua partida, morreu sendo o matemático que era. Mesmo sem poder ir ao banco orientava quanto ela devia retirar, quando devia deixar etc. de modo que o dinheiro no banco cobre todas as despesas dela com folga até chegar a pensão. E na noite anterior ele conversou longamente com ela, numa espécie de genealogia afetiva, agradecendo tudo que ela fez por ele, fazendo recomendações para quando ele morresse, pedindo para continuar me protegendo e dizendo de forma enfática que agora podia ir porque eu havia arranjado um trabalho que eu queria fazer e estava feliz. Que agora ele podia ir tranquilo. Um movimento estóico lindo. Meu pai foi uma pessoa linda, leve e amava as coisas simples. Ficava feliz quando um passarinho pousava na janela e ai colocava água para ele voltar. Me ensinou a prestar atenção nas coisas desimportantes, meio Manoel de Barros, sabe? Escrevia lindamente, foi um ótimo professor de matemática e desenho e era militar também, coisa que não gostava mas que possibilitou ele adquirir coisas. Passou fome, trabalhou em muitas coisas, como por exemplo, fábrica de



botão. Gostava de exercitar-se e mesmo com fraqueza dava um jeito de deitar no chão e fazer exercícios. Porém, nas últimas semanas, não estava conseguindo mais e ai depressei.

A última vez que estive na minha casa foi uma ou duas semanas depois da defesa da minha mulher. Ele fez questão de comemorar a defesa dela, de comprar a bebida preferida dela já que não pode estar presente na UERJ por conta das dificuldades de locomoção.

Nesse dia conversamos muito e lá pelas tantas ele me disse que se arrependia de não ter sido bom pai para mim quando eu era pequena, que deveria ter me pego no colo, deveria ter me dado banho como os pais de hoje fazem. Eu disse a ele que eu não trazia mágoa alguma, que ele foi pai numa geração em que pai só colocava dinheiro em casa e quem cuidava dos filhos era a mulher. E que mesmo assim eu lembro de passear com ele, de aprender a jogar damas e ping-pong, a gostar de esportes e praticá-los porque o via jogando muito bem futebol e de andar na garupa de sua bicicleta. Ai ele disse: Quando você ficava na garupa ficava pedindo para eu ultrapassar os carros! Nós rimos! Foi ele que me ensinou a andar de bicicleta e eu lembrava disso detalhadamente, tinha 6 anos. E foi ele também que me ensinou a dirigir, ainda menina, quando me levava de carro para uma pista que não tinha quase movimento, colocava-me em seu colo e me ensinava a passar a marcha e eu adorava! Então não fazia sentido pensar na forma pai a partir de hoje e replicá-la no passado, exigindo o mesmo formato. Isso era perda de tempo e coisa de gente que não entende de história e nem de amor.

Depois eu disse a ele que precisava perdoar o pai dele, pois ele se queixava que o pai não dava atenção a ninguém. Ai eu disse que ele pensasse no ano que o pai nasceu, que era filho de índio com branco ou de branco com caboclo, que ele nasceu no início do século XX e que a mãe dele, avó de meu pai, provavelmente não era a branca dessa história. Assim sendo, pode ter sido escrava; pode ter sido violentada, porque, infelizmente tais práticas eram comuns quando um europeu chegava aqui... então não sabemos nada da vida dele e que muito provavelmente deve ter sido horrível, provavelmente viveu muitas atrocidades junto a mãe. Além disso, dos filhos, pelo que ele contava, o único que se parecia fisicamente com ele era seu irmão mais velho e esse ele tinha mais proximidade corporal porque talvez somente esse lembresse dele mesmo e em função disso acabasse acreditando que precisasse protegê-lo mais do que os demais. Não porque pensasse sobre isso necessariamente e escolhesse agir assim, mas porque talvez em função das cicatrizes que carregava, elas pensavam nele...Ele concordou e disse que nunca tinha pensado naquilo.

Depois disso, a última vez que saímos foi no dia das mães. Eu não o deixei beber por conta da glicose alta. Ele ficou chateado, mas aceitou. Depois, tão logo arranjei emprego na faculdade ele se mostrava mais radiante que eu, sua voz ficava cristalina e olha que ele estava tendo dificuldades de pronunciar as palavras! Eu contava sobre o dia e ele lembrava da sensação de amor e prazer que sentia quando preparava suas aulas de matemática e desenho para os alunos de segundo grau. Esse sentimento nos unia, era algo que pensava em nós. E, mais ou menos, 15 dias antes de morrer me ligou para dizer que estava feliz por eu ter conseguido emprego, que agora estava tranquilo, que seu ciclo estava finalizado etc. Sua voz era límpida, tranquila.

Esse modo de preparação dele com ele mesmo me acalanta. Minha dor é saber que não vou mais poder conversar com ele.

Minha dor também é não ter me despedido dele. Iria na sua casa no sábado e ele faleceu no domingo. Mas no sábado, não sei o que me deu, mas fui tomada de um sono tão forte que apaguei. Nele, sonhava que alguma coisa ruim iria acontecer. Acordei e pensei que tinha acontecido algo com minha mulher que havia saído de carro com o pai dela. Liguei para ela e, de forma disfarçada, pergunto: você chega que horas? (era só para ver se ela atenderia, sabe?) . Ela atendeu e disse, lá para umas

18, 19 horas. Ai eu disse: tá bom, então vou descansar, tá? Ela pergunta: tá tudo bem? Eu digo: sim. Logo depois liguei para a mãe e disse: mãe, estou cansadinha, avisa o pai que vou na sua casa amanhã, tá? Eu ia na mãe porque a mãe tinha contado que o pai estava deprimido, não queria mais sair e desejava que eu conversasse com ele porque ele só ouvia a mim...

Durante o processo ficou totalmente entregue a finalização do período e preparação para o próximo.

<p>Pessoal,</p> <p>Meu pai faleceu hoje de manhã... Por isso, não estarei na Universidade essa semana.</p> <p>Mas, por favor, não esqueçam de me enviar por e-mail os trabalhos de vocês referentes a 3 avaliação até sexta.</p> <p>Lembrem que é para vocês assistirem e comentarem o documentário chamado "Globalização Milton Santos - O mundo global visto do lado de cá" . Pode ser uma resenha ou comentários do que o filme nos faz pensar</p> <p>Link do documentário: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=-UUB5DW_mnM">https://www.youtube.com/watch?v=-UUB5DW_mnM</a></p> <p>Conto com a compreensão de vocês. Estou muito triste e peço que me alegrem com a feitura dos trabalhos.</p> <p>Bj Grata pela compreensão.</p>	<p>Para a coordenação escreveu: Essa semana realmente será delicada porque sou filha única, minha mãe é idosa e hipertensa... Preciso ajudá-la a se organizar.</p> <p>Quanto as avaliações, não se preocupe porque por sorte eu havia combinado antes com os alunos de que os trabalhos seriam enviados por email. A matéria já foi concluída e só nos encontraríamos para fazer uma avaliação conjunta da disciplina.</p> <p>Também já havia resolvido questões de possíveis 2 chamadas.</p> <p>Fique tranquilo que corrigirei os trabalhos a e lançarei notas dentro do prazo.</p> <p>Então só gostaria de pedir para ficar liberada essa semana e na próxima eu apresento o doc de óbito no Rh para q não haja problemas, bem como procuro você para conversarmos a respeito do próximo semestre. Também fique tranquilo porque já comecei a rascunhar as emendas para as 6 disciplinas que vou dar.</p> <p>Novamente agradeço seu cuidado. O enterro será amanhã de manhã.</p> <p>Abraços</p>
---	---

Trilha sonora: Leve e suave. Lenine

<https://www.youtube.com/watch?v=kLVB-1NcYqs>

\*

**Do corpo amoroso ao corpo colapsado ouvido por Belchior n'E.L.A .Parte II: 2016–2017  
Niterói, 2020–2021**

Trilha sonora: Pequena Memória para um tempo sem memória ( A legião dos esquecidos/ Gonzaguinha)

<https://www.youtube.com/watch?v=4F8A4TUTPGo&t=13s>

Como narrava antes, nesse cenário de 2016–2017 lecionava numa universidade particular e buscava preparar

os alunos para os novos perigos que adviriam dos efeitos do golpe parlamentar-financeiro-midiático-jurídico-policial-evangélico-pentecostal em curso que já anunciava, numa tacada só, os desmontes dos direitos, do patrimônio nacional, cultural, da proteção das terras indígenas, da precarização da saúde, educação, o ataque à diversidade. Enfim, estávamos diante de um tipo de investimento, sem máscaras, de privatização da vida, tanto macro como micropoliticamente. Esse processo não era novo, E.L.A sabia, mas a velocidade sim, bem como a transparência. E.L.A pensava: "O que faremos, se a crença na democracia representativa não nos salvou? Se a consagração da democracia em sua aliança com o capitalismo, após a queda do muro de Berlim em 9 de novembro de 1989 - novamente um dia inesquecível por ser a data de seu aniversário- criou a fachada do mito da universalidade dos direitos humanos, mas, ao serem governados pelo capital, jamais protegem "todos os humanos", mas cria um novo muro, separa quem é e quem não é humano para ter direitos a partir dos valores econômicos? O que faremos se os próprios governos são os seus maiores violadores? Se no jogo da oposição aos governos que defendem declaradamente esse massacre, essa mesma oposição, quando está na gestão do Estado se alia a tais forças, dá algumas migalhas em forma de direitos para população, mas apenas para adiar, por mais um dia, o seu fim? Tudo, no final das contas, é mero espetáculo de distração?

E.L.A sabia de tudo isso, mas não podia falar tudo que sentia aos alunos. O recuo tático às vezes se faz necessário como sinal de respeito ao corpo daqueles que ainda não têm a vivência necessária para conspirar algo que nem nós mesmos sabemos sustentar sem pigarrear. Mesmo assim, lançou-se no exercício do "jornalismo radical das ideias", expressão que Foucault usava para se referir a

Nietzsche como o "primeiro filósofo jornalista". Afinal, "foi ele quem nos ensinou a formular questões no hoje e reagir ao que acontece no momento em que acontece". Servia-se de notícias diárias, compartilhava links, passava documentários... Porém, nesse exercício nietzschiano, E.L.A se via solitária e assombrada pelos discursos e imagens que chegavam, lutava para que os afetos tristes decorrentes daí não contaminassem seu discurso, buscando assinalar para os alunos as possíveis linhas de fuga que também estavam sendo desenhadas naquele agora, buscando nelas algum respiro, mesmo que frágil. E.L.A se agarrava a conceitos-chave de respiro que todo acadêmico da "diferença" se servia para terminar artigos e não lançar o leitor no abismo ou fingia encontrar linhas de fuga para não deixar desolados nem E.L.A., nem eles, desolados. Mas, também se sentia esgotada nesse exercício solitário, tendo em vista também o despreparo da instituição de ensino que trabalhava para lidar com o que estava ocorrendo. Despreparo não, como se tratava de uma faculdade particular, só interessa ao estabelecimento tratar do privado desvinculado do público e isso aparecia na maioria dos professores, e claro, na direção e também na postura de alguns alunos que torciam a cara para as discussões, em especial os que entraram na faculdade logo após esse primeiro golpe. Insistia em pedir a todos, independente do período em que estavam, que lutassem contra o fascismo neles próprios. Pedia atenção aos novos perigos em curso que vinham de todos os lados, qual seja, a constante estimulação, pela mídia, governo, mercado e fundamentalistas de plantão, dos afetos de raiva e ódio perante a vida, manipulados e direcionados a outros que, supostamente, seriam os geradores de tais sensações. E.L.A se esforçava para mostrar a eles que os afetos nascem do encontro do corpo com o mundo. Então, a narrativa criada para esse encontro poderia furar a história ou mantê-la do

mesmo jeito. Dizia que se não fizéssemos esse exercício nosso olhar seria facilmente capturado pela força desses estímulos e nosso desejo caminharia para um perigoso amargor contra a vida. Trazia também inúmeras reportagens que mostravam a aliança entre o poder do mercado financeiro com os representantes das forças conservadoras, tanto no Brasil quanto fora. Mostrava os desmontes que viriam dali e como era feita toda a manipulação do discurso para que esse intento fosse alcançado. Discutia o legado deixado pela ditadura na produção do "inimigo interno" como também a aliança de grande parte do saber "psi" no fornecimento de ferramentas para esse modo de subjetivação. Apontava que o fantasma da corrupção alardeado por todos os cantos era um artifício-gatilho para adentrar no imaginário social e produzir uma falsa virtude e uma moral correlata a ela, mas que essa imagem-gatilho servia para banir os diferentes, entre eles as religiões afrocentradas, tendo em vista que aquilo que a bancada da bíblia e da bala queria era banir todos os projetos de cunho social ancorados em políticas públicas que, dentre outros serviços, ajudavam a população preta a existir. Também visavam destruir as armas de contestação (dai o ataque a Educação e o projeto da escola sem partido). Pretendiam eliminar toda a força de trabalho que não servisse mais ao projeto neoliberal em curso e, com isso estimulam práticas de genocídio da população negra, o feminicídio, o etnocídio etc. como uma necessidade de limpeza moral quando a moral da limpeza era destruir os descontentes ou os discordantes ou os que não têm poder de compra no novo cenário do capital. Para tanto, precisavam colocar num mesmo barco demonizado todos aqueles que lutam por políticas públicas, por direito das mulheres ao seu próprio corpo, chamando-as de feminazi, por direitos dos negros a cultos afro que os fortaleciam, chamando-os de demoníacos, por direitos LGBTQia+ sob o slogan de ferir a

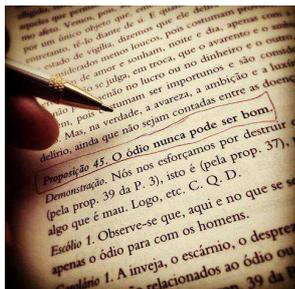
imagem da família. Enfim, atacavam todas as questões defendidas por aqueles que tinham um pensamento voltado para a esquerda.

E.L.A tentava desesperadamente mostrar que tudo estava transparente, mas que a manobra da transparência das forças era um tipo de jogo em que a trapaça envolvia a própria transparência. Nessa trapaça tudo se vê, mas há o jogo ilusório da mágica democracia representativa atuando em nossos afetos, nos dando a ilusão de que boas intenções poderiam ainda vir dali, desde que o protagonista fosse outro. E junto a ele, ou dele derivando, os manipuladores dessa democracia se serviam dos meios de produção de subjetividades através de uma biopolítica dos afetos, agora, tecnologizada e digital . Nela, quando nossos olhos e ouvidos são assombrados pelo excesso de sujeira e ruídos estrondosos, paralisamos o ver e o escutar e, com isso, anestesiámos nosso sentir e entramos numa experiência de choque. Servia-se do documentário A Doutrina de Choque: a ascensão do capitalismo do desastre de Naomi Klein (<https://www.youtube.com/watch?v=Y4p6MvwpUeo>) para falar sobre o processo que vinhamos atravessando e que não era novo, mostrando o que acontecia quando perdíamos nossa narrativa, nossa história, tal como ocorrera na ditadura e se mantém como estrofe do capitalismo que amplia seus tentáculos nos momentos de crise produzidos por ele mesmo. Se pudesse ampliar a discussão, teria a dito a eles também que nesse processo, aqueles que defendem políticas públicas não têm como defender mais o Estado porque ele criou condições para a morte dessas políticas e, além disso, quem o representa agora é indefensável, o vice presidente do MDB, e aqueles que cultuam o deus mercado, não defendem políticas públicas, mas aderem às promessas desse Estado transparente para si mesmo e seu discurso de segurança. Então, a manobra atual produz um excesso de luz que cega a

todos e se fôssemos capturados pela enxaqueca ou pela anestesia, não entraríamos em contato com o meio-dia, a sombra mais curta que nos faz pensar, como aprendera com Nietzsche. Por isso, por vezes, precisaríamos nos afastar desse excesso de luz, do excesso de informações, e procurar aquelas que nos abastecessem, as que permitissem a desintoxicação de nossos afetos. Além disso era necessário estar atentos as manobras fraudulentas de narrativas.

Porém, E.L.A sabia que essas discussões eram muito difíceis de serem trabalhadas na graduação e, ao mesmo tempo, conforme as situações do presente iam se tornando cada vez mais tensas, mais forte essa tensão percorria o arco da flecha d'E.L.A, criando , em seu corpo, a necessidade de ultrapassamentos rápidos de discussões que não serviam mais, como as que estavam presentes na grade curricular do curso de Psicologia, mas, não tinha tempo de se dedicar a tais ultrapassamentos, que vinham como raios. E.L.A corria contra o tempo, mas percebeu que não podia exigir dos alunos que se interessavam pelas discussões, que acompanhassem esse seu lançamento, seria desrespeitoso com o corpo deles (teórico, existencial, temporal etc.). Então, precisou recuar, afrouxar o arco, diminuir o ritmo das problematizações, mas esse frear fez com que os afetos intensivos precisassem de um lugar de expressão para ela não adoecer. O que acabou acontecendo alguns meses depois...

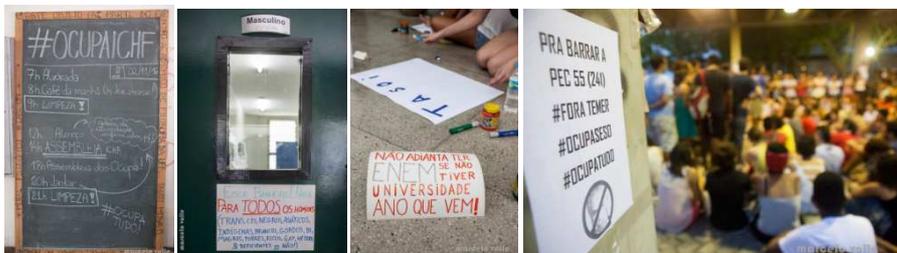
Lembra então de uma situação que viveu em 9 de novembro de 2016, dia de seu aniversário, e que escreveu na time line do facebook junto a uma imagem. Sim, E.L.A era tecnologizada, precisou aprender a adentrar nessa rede para comunicar-se com o novo mundo e também, e sobretudo, para aproximar-se ainda mais do modo de expressão da geração de



seus alunos:

Hoje acordei com a vizinha literalmente

gritando debaixo do prédio: O TRUMP venceu! O Trump venceu! Seu grito trazia um quê de desespero, como se sua voz encarnasse tantas outras. Eu, totalmente sonada, imaginei que estava no meio de um pesadelo, mas eis que de repente outras vezes adentravam no quarto, pois o grito da vizinha produziu contágio entre os porteiros e demais vizinhos e subiu, como uma nuvem que prenunciava chuva forte, para dentro de meus ouvidos. Essa nuvem só não produziu chuva em meus olhos porque no dia anterior havia abastecido meu corpo com os afetos do #ocupaichuff



(<https://www.facebook.com/ocupaichf/>)<sup>93</sup>.

Então, uma camada protetora de

aprendizado com os jovens me ajudou a abrir os olhos e levantar da cama. Ao longo do dia os afetos biopolíticos estimulados no contemporâneo continuavam a circular embaixo do prédio e também no facebook, isto é, todos aqueles que derivam da tristeza: o medo, a melancolia, o desespero, o ódio... afetos que materializam o dever reativo... Meu olhar começou a ser capturado pela força desses estímulos, como se as forças do mundo, nesse momento, materializassem um desejo niilista coletivo, em que ausência de beleza parecia sugerir, também, estrofes das relações consigo e uma vontade de fugir do mundo, não mais sentir nada. E esse mecanismo é tão forte que os afetos de resistência do dia anterior não estavam sendo suficientes para segurar a minha mão.

Começo então a ver, na minha linha do tempo, inúmeras mensagens de carinho pela lembrança de meu aniversário. Amigos e família ligam. Sinto minha mão sendo afagada e vários peitos abertos vindo ao encontro do meu. Recomeço a respirar. Estou nascendo, penso. A vida prossegue em delicadezas. O mundo não está perdido, meu olho ainda pode se abrir para a beleza do carinho. Onde há braços abertos, há resistência, penso.

Me organizo para dar aula pensando em todos esses aspectos que circulavam em meu corpo. Ando pela praça XV e vejo muitos carros de polícia circulando por lá.



Molaridades por toda parte, penso eu. Mas não se esqueça das moléculas, digo para mim. Não se esqueça das linhas que fogem, das que equivocam o cenário duro. Fique atenta! Elas precisam estar ativas para que o devir reativo não governe seu corpo! Várias vozes falam em mim. Fico tonta.

Chego na universidade e algo mágico acontece: os alunos de períodos diferentes se reuniram e fizeram uma festa surpresa. Muitos braços me envolvem. Sussurros em meu ouvido me comovem. Diferentes universos existenciais fazem versos para mim, me desenham, me aquecem, me embalam. Me sinto como se eu estivesse sendo parida naquele instante, por várias mãos.

Choro e não encontro as palavras para tanta intensidade. E o que posso dizer é que o amor é realmente revolucionário. E, pensando em revolução e nascimento, me lembro de um poema que li, pela primeira vez, num trabalho de Cecília Coimbra, aquela que pariu o "político" em mim, chamado Mãos Dadas, de Carlos Drummond de Andrade, que diz assim:

Não serei o poeta de um mundo caduco  
 Também não cantarei o mundo futuro  
 Estou preso à vida e olho meus companheiros  
 Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças  
 Entre eles, considero a enorme realidade  
 O presente é tão grande, não nos afastemos  
 Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas  
 Não serei o cantor de uma mulher, de uma história  
 Não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela  
 Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida  
 Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins  
 O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes  
 A vida presente.

Trilha sonora: Socorro. Arnaldo Antunes

<https://www.youtube.com/watch?v=7pRIHTB4YtI>

Porém, a sabedoria de seu pensamento não foi capaz de ecoar com a mesma força em seu corpo no semestre seguinte ou foi, dependendo de como se sinta o que será descrito a seguir. As relações de forças do presente começavam a estrangulá-la, a impor-se entre o que seu corpo sabia e o que o seu corpo podia e também ao silenciamento que precisava fazer para não jogar toda a merda no ventilador.

Nesse momento, a universidade recebia novos alunos e a política da casa, que antes deixava o professor dizer o que quisesse, mudou. Mas não de forma clara. As bolsas tinham diminuído também, de modo que alunos pretos oriundos das favelas não ocupavam mais as salas como no semestre anterior. Mesmo assim E.L.A insistia em "politizar" suas aulas, no sentido de trazer para as discussões tudo que estava ocorrendo no país e os efeitos na prática profissional do psicólogo. E.L.A ministrava muitas matérias: psicologia ciência e profissão; psicologia social; esquizoanálise (essa, inaugurada por E.L.A na casa no semestre anterior, era lotada porque o coordenador estava testando E.L.A - a aula "bombou", ninguém faltava, gravavam as aulas, os trabalhos de fim de curso foram lindos e se discutia de tudo, desde o funcionamento da universidade até as manifestações nas ruas em curso, usando recursos variados como filmes, músicas, leitura de textos etc. Mas, no semestre seguinte, por uma manobra do coordenador, foi esvaziada de forma brutal - dos 60 alunos inscritos antes pelo coordenador, no primeiro semestre de 2017 só tinha 6 inscritos, porque era ele quem organizava a grade curricular de cada aluno); psicopatologia fundamental; psicologia da comunicação, psicologia escolar e história da psicologia.

Parecia que de um semestre para o outro a música que habitava os corpos dos mais "combatentes" era: Socorro, de Arnaldo Antunes já no final de 2016, ficando mais acentuada no início de 2017.

O trabalho foi ficando asfixiante e paralisante e E.L.A havia perdido o pai no ano anterior - mesmo abalada, continuou as aulas e muitas vezes usava a experiência do luto como matéria das disciplinas "clínicas", expondo-se sem medo. Mas, a coordenação lhe mandava e-mails dizendo que "a maioria" dos alunos não queria discussões políticas

em sala de aula; que não era para ela falar em CRP (mas como, se E.L.A dava uma disciplina intitulada "Psicologia, Ciência e Profissão", como não falar em CRP e CFP nessa disciplina do primeiro período?). Esses alunos de 2017 já não tinham mais o perfil dos alunos anteriores - bolsistas e "de comunidade". - e eles agora eram a "maioria" - que E.L.A rapidamente entendeu que se tratava de 5 a 8, numa sala de 40, pois eram estes que não suportavam escutar críticas a ditadura: mas faziam barulho como se fossem 100 e os demais em silêncio, talvez anestesiados pela perplexidade da ignorância. A representante de turma do segundo período, de uma determinada disciplina, que já havia sido sua aluna no semestre anterior e com a qual percebia sua imensa dificuldade em entender a importância de se discutir sobre racismo e temas afins, bem como temas sobre ditadura na disciplina História da Psicologia (só ela e mais 4 pessoas numa turma de quase 30 pessoas), havia sido eleita a ocupar esse posto pelo coordenador. Num dia após esse e-mail da coordenação, retoma a expressão "a maioria não quer" e isso foi a gota d'água. A menina disse: "professora, a maioria não quer que a senhora fale do que está acontecendo no país, ninguém quer ouvir sobre política" e quer que a senhora dê aula de psicologia social" (oi?) e vai levar essa reclamação por escrito na reunião de colegiado dessa semana porque a coordenação quer que avaliemos os professores, afinal nossa opinião importa (oi?).E.L.A olha para a menina diz que não estava entendendo aquela observação pois havia feito uma enquete na turma no primeiro dia de aula - como sempre fazia - do modo como eles queriam que a aula seguisse e foi apresentado os temas que seriam discutidos e o modo. Caso desejassem outra discussão, que falassem porque aquele espaço era um espaço de liberdade onde construiriam juntos seu formato. Todos disseram estar de acordo com a sugestão

d'E.L.A. Então de onde saiu essa reclamação? Quem realmente estava descontente? Por que e para quê não se pronunciaram antes? Nesse momento ficou evidente para E.L.A que não existia "a maioria quer" porque quem "governava" esse movimento eram 4 alunos de uma turma de 30, pois, tão logo E.L.A fez tal questionamento à representante, os demais se pronunciaram avisando que não foram consultados, que aquilo era um absurdo e se instaurou uma enorme confusão em sala. De forma doce e delicada E.L.A pede para eles se acalmarem e que o problema talvez tenha surgido porque de um modo geral as pessoas tem dificuldade com a liberdade. Que E.L.A havia possibilitado o exercício dessa liberdade e que por desconhecerem a possibilidade de escolherem acerca do que desejam, por acharem que é sempre necessário uma figura de maior poder para lhes dar a voz que pensam não ter, resolveram ir ao coordenador. Mas que tudo poderia ser resolvido ali, em sala, no próximo encontro, caso efetivamente aquilo se tratasse do desejo da maioria. Que era para eles irem para casa e avaliarem aquela situação e escolherem o que realmente desejavam da disciplina. A representante ficou desconcertada e silenciou. Os demais vieram pedir desculpas para E.L.A. E.L.A não podia dizer a eles que o que estava acontecendo ali era a condução de suas vidas pelo governo de condutas ditado pelo mercado político-financeiro se materializando no estabelecimento de ensino, prometendo-lhes o "poder" de fala, mas tirando-lhes o direito de entrar em contato com a "fala política do momento", sobretudo quando era evidente que a maioria, essa sim numérica, queria discutir outras coisas no colegiado, como a questão do Enade, como a questão das bolsas, da demissão de professores, pediam palestras sobre feminismo, homofobia, transfobia, racismo, temas que E.L.A havia iniciado na universidade e que já discutira, inclusive com essa mesma turma no semestre anterior, mas

que foram abafados por esse "poder" oferecido a essa outra "maioria" cujos representantes de turma eram escolhidos pelo coordenador e eles é quem falavam no colegiado em nome dos demais. De modo que a palavra "maioria" que não é numérica, mas é a que fala mais alto, só tinha força porque estava em consonância com a direção do estabelecimento, que a categorizava como tal e que estava em total consonância com as forças fascistas em curso do país, naquele momento, porque era nessas forças que o capital circulava e, para continuar circulante, tinha que silenciar qualquer produção de subjetividades críticas. Esse movimento não era maquiavélico, ou seja, não era nascido de corpos individualizados. Essas forças estavam em ação no mercado e a voz do estabelecimento era a voz dele. Ficava ali quem quisesse. E tal jogo mercadológico era tão perverso que havia espaço para falar do presente, mas só se fosse em separado e por outros profissionais, numa semana acadêmica que supostamente atendia ao desejo de todos os alunos através de enquete. Assim, se desenhava diante de todo corpo d'E.L.A o jogo de forças que alimentam a *doxa* do contemporâneo e estas o atingiram sem piedade.

Ao chegar em casa recebe uma ligação de uma amiga que há muito não via. Ela diz: soube que você está dando aula na Universidade tal. Uma amiga minha é sua aluna, ela está no primeiro período da disciplina tal. Ligo para te avisar que ela me disse que estão tentando armar um maior barraco com você na sua próxima aula. Que tem um pequeno grupo de alunos que reclamaram do que você tem discutido em sala e parece que o negócio vai ficar feio. Tome cuidado.

Meses antes seu corpo começara a dar sinais de cansaço, paralisia, taquicardia e episódios de pânico que se apresentavam a cada vez que saia de casa. Tais episódios eram o aviso prévio de seu corpo, como dizia Clarice Lispector<sup>94</sup>, de que ele estava atento e impregnado por

todas as forças, mas respondendo a elas, não estava morto. Por isso, mesmo assim E.L.A continuava a dar aulas. Num dia, antes dos episódios acima ocorrerem, uma situação parecia assinalar os riscos que seu corpo pressentia, mas E.L.A ainda não os escutava. Uma aluna muito querida de uma outra disciplina, chega para E.L.A e diz: professora, a senhora sabia que é a única que dá aula com a porta aberta? E.L.A estranha a observação, mas, algo ressabiado n'E.L.A a faz perguntar: os demais professores discutem temas como os que discuto? A aluna diz: só mais uns dois, mas estes de porta fechada como os demais. E.L.A então responde: Nunca me toquei que deixava a porta aberta. Deve ser porque gosto de sentir o vento circulando ou porque sou indisciplinada por natureza! Continuou com as portas abertas porque se antes isso não era questão, agora era, se tratava de liberdade.

Mas, foi somente depois da ligação que se somou ao que acontecera na outra turma que um "crack-up" se deu n'E.L.A. E.L.A dormiu, acordou, preparou aula, mas no final do dia, quando começava a se arrumar para ir ao trabalho começou a chorar compulsivamente, seu corpo rompeu com o "si" adoecido que vinha se expressando com os sinais "aviso prévio" acima descritos e ficou fora de si literalmente. Os sinais que vinha dando não era efeito da morte de seu pai, não eram decorrentes do luto transformado em melancolia como uma certa psicanálise poderia interpretar, mas efeito de tudo que acontecia no país, no espaço em que E.L.A estava trabalhando e tudo que já havia acontecido em seu passado recente. Estava fazendo mais força do que era capaz de sustentar, sobretudo quando se sentiu sozinha. A possibilidade de criar furos na engrenagem da universidade havia sumido ou então E.L.A já não era mais capaz de pensar em novos furos porque parecia que sua comunicação não encontraria mais eco, ou se os buscasse produzir nos

alunos, criaria situações tensas deles com a universidade, podendo prejudicar sua trajetória posto que o modo pelo qual se dava a inscrição dos mesmos nas disciplinas passava pela mão do coordenador. Por isso, sentia que para manter-se lá teria que fechar as portas e a boca e tal modo de agir em nada combinava com seu exercício ético-estético.

De repente, parou de se comunicar e se expressar com o mundo. Se recusava a responder estímulos, mas não se sabia recusando, porque simplesmente seus olhos não viam mais nada, embora os olhos estivessem abertos. E.L.A entrou num espaço vazio ou quase. Numa espécie de paralisia da vontade. Era quase vazio porque não estava completamente só Belchior cantava em seu ouvido e E.L.A só ouvia isso e era bom. Um lugar bom. O espaço vazio ficou cheio da música coração selvagem. Ela aparecia inteira, com as guitarras, bateria... "Meu bem, guarde uma frase pra mim dentro da sua canção/ Esconda um beijo pra mim/ Sob as dobras do blusão/ Eu quero um gole de cerveja/ No seu copo, no seu colo e nesse bar /Meu bem, o meu lugar é onde você quer que ele seja/ Não quero o que a cabeça pensa /Eu quero o que a alma deseja/ Arco-íris, anjo rebelde/ Eu quero o corpo, tenho pressa de viver/ Mas quando você me amar/ Me abrace e me beije bem devagar/ Que é para eu ter tempo/ Tempo de me apaixonar/ Tempo para ouvir o rádio no carro/ Tempo para a turma do outro bairro ver e saber que eu te amo/ Meu bem, o mundo inteiro está naquela estrada ali em frente/ Tome um refrigerante, coma um cachorro-quente/ Sim, já é outra viagem/E o meu coração selvagem tem essa pressa de viver/ Meu bem, mas quando a vida nos violentar/ Pediremos ao bom Deus que nos ajude/ Falaremos para a vida/ Vida, pisa devagar, meu coração, cuidado, é frágil/ Meu coração é como vidro, como um beijo de novela/Meu bem, talvez você possa compreender a minha solidão/ O meu som, e a minha fúria e essa pressa de viver/E esse jeito de deixar sempre de lado

a certeza/ E arriscar tudo de novo com paixão/Andar caminho errado pela simples alegria de ser/Meu bem, vem viver comigo, vem correr perigo, vem morrer comigo/Meu bem, meu bem, meu bem/ Talvez eu morra jovem, alguma curva no caminho/Algum punhal de amor traído completará o meu destino/ Meu bem, vem viver comigo, vem correr perigo, vem morrer comigo/ Meu bem, meu bem, meu bem/ Meu bem, meu bem, meu bem/ Que outros cantores chamam baby/ Que outros cantores chamam baby/Que outros cantores chamam baby" (<https://www.youtube.com/watch?v=OKTRc7x-zCM&t=2s>). A música se repetia dentro de seus ouvidos e tomava seu corpo por inteiro. E.L.A ficou ali, não sabe por quanto tempo, ausente do espaço costumeiro e sentada no sofá. Mas a música se repetia dentro de seu ouvido. Não. A música se expandia em todo seu corpo. O rosto estava inchado pelo choro intensivo minutos antes. Secreções saiam de seu nariz. Mas E.L.A não se mexia e nem as percebia. Lágrimas também caíam, mas não havia som algum junto a elas. Parecia que E.L.A havia se transformado num mero espaço onde a água encontrara passagem. Ainda bem que estava em casa e que não estava sozinha. Sua mulher a sacudia. E.L.A a via, mas não a via. A canção a chamava mais forte e E.L.A não se mexia, algo n'E.L.A não queria perder aquele momento ou não podia sair daquele momento, daquela canção, daqueles acordes, daquele mundo sonoro. E.L.A não sabia o que era voz e nem a do mundo. E.L.A ouvia, bem de longe, a sua mulher falar alguma coisa. E.L.A via a boca de sua mulher se mexer, mas não se sentia humana ou capaz de relacionamento humano. Não tinha voz. Era só ouvido para aquela canção. Parecia que algo n'E.L.A resolvera aceitar o convite de adentrar completamente no espaço sonoro e se tornar ouvido dele, só dele e não de um fora. E.L.A quase não volta... Sentiu esse desejo forte n'E.L.A. Mas, de repente, seu olho sente sua mulher. Sua pele sente o toque dela em seu braço e seu



ouvido escuta a pronúncia de seu nome e o apelo nos olhos de sua amada dizendo estar assustada e pedindo que E.L.A voltasse : "volta pra mim, eu te amo"! Seu olho, antes vidrado no nada e a serviço do ouvido que escutava a canção que só E.L.A escutava, agora escuta nitidamente a voz de sua mulher e seu corpo todo entra em contato com o pavor vindo dos olhos do bem que a amava e do amor a ele ligados. Sua mundaneidade volta devagarinho, mas a voz não sai ainda. Sua mulher percebe e pergunta: você está me escutando? E.L.A responde com um "sim", gesticulando a cabeça. Sua mulher a abraça. E.L.A sente o abraço e o choro aparece sonorizado. E.L.A está nascendo novamente. Devagar, balbucia: te amo, com uma sonoridade que vinha de seu peito, meio gutural, fazendo-o vibrar. Nesse instante percebe que não estava sentada no sofá, mas na cadeira do escritório, mas não lembra como foi parar lá.

Seu corpo não estava anestesiado, embora aos olhos da sua mulher estivesse catatônico. Acabara de aprender que catatonia é hiper conexão com tudo, mas ausência de poder de ação. Catatonia é sedução por outros sons mais fortes que os do mundo tal como o conhecemos. O som do mundo desaparece e as funções do corpo costumeiras também. Se ela congela algo, é esse mundo costumeiro, que se torna distante e lento, quase inexistente. Se ela congela algo, é a linguagem e o olho. Catatonia é como uma lâmpada que queima por tê-la esquecido ligada por tempo demais. Catatonia é como um disjuntor que desmonta na caixa de luz quando há um excesso de energia circulando nos cabos da rede e que acaba protegendo o possível pifar dos eletrodomésticos ou a casa de ser incendiada. Ele desliga tudo para que após o pane, tudo fique organizado. Mas, claro, há que se ter alguém para ligar novamente a chave, caso contrário, a casa ficará às escuras!

Não foi trabalhar nesse dia e no dia seguinte pediu demissão, por e-mail, alegando estar, possivelmente doente, do coração...o coordenador tenta convencê-la a ficar, diz poder esperar uns 15 dias, mas E.L.A sabia que não tinha mais como retornar. Precisava respeitar a sabedoria de seu corpo que silenciou em casa para não silenciar na sala. Como tinha um imenso respeito e carinho pelos alunos, deixou todo o cronograma das cinco disciplinas que estava pronto, com textos e tudo o mais para quem a substituísse. Na mesma semana que pediu demissão já tinha professor novo substituindo-a. Não foram os da faculdade, foram novas contratações. Mais um analisador das forças, mais aperto no peito...a máquina gira rápido, os corpos são descartáveis e certamente as matérias vão seguir outra direção...Os alunos ficaram muito mexidos e para ser fiel ao que sentia, sem expor completamente as forças que lhe atingiam, escreveu para eles o seguinte e-mail, com cópia para a coordenação:

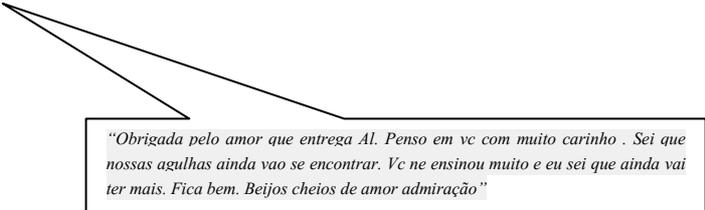
*Meus amores,*

*A vida é um tecido feito com linhas de todos os nossos encontros que como agulhas o furam para que dessa ferida por vezes alegre por vezes triste nasçam mundos. Algumas vezes uma agulha se apressa e fura o tecido antes do tempo e assim impede que um desenho de mundo se faça de forma clara outras vezes uma outra agulha entra macio no tecido possibilitando que um desenho cristalino produza existência e em outras uma dessas agulhas que o fura para que uma linha faça sua dança tem dificuldade de encontrar passagem para que outras linhas possam advir. Quando esse último processo de costura de nós mesmos se torna premente, é hora de pararmos e olharmos o que está dificultando a passagem.*

*Em meus encontros com vocês belos desenhos foram feitos a linha entrava macio guiada por uma agulha gentil e forte. No entanto outros encontros relacionados a minha trajetória mais íntima se sobrenuseram e nestes a imagem da última agulha se fez presente de forma mais intensa e aí percebi que o desconasso entre agulha linha e tecido poderia fazer com que eu perdesse a destreza para continuar me costurando, afirmando a minha potência, e isso refletiria na docência.*

*Senti então que era hora de parar para entender que forças obstaculizam a dança da existência e que agulha é essa que tem me feito mal a ponto de paralisar a flecha da minha vontade tendo em vista que percebi que as linhas ficaram, momentaneamente, paralisadas em sua vontade de costura.*





*“Obrigada pelo amor que entrega Al. Penso em vc com muito carinho . Sei que nossas agulhas ainda vão se encontrar. Vc me ensinou muito e eu sei que ainda vai ter mais. Fica bem. Beijos cheios de amor admiração”*

Essa troca amorosa alimentou seu espírito e possibilitou que E.L.A prosseguisse, mesmo estando, agora, desempregada e ferida. Sua sorte foi que, meses antes desses episódios, movida pelas inquietações do presente e sempre tendo necessidade de manter a flecha de seu pensamento em movimento, percebera que a melhor maneira de dar passagem e digerir os acontecimentos, sem ficar esgotada, anestesiada ou enojada, de modo que tais afetos não assombrassem mais as suas aulas, seria voltar a estudar e ter novos encontros. E.L.A escreve seu projeto em meio a esse cenário todo e enquanto o fazia percebia que não somente E.L.A, mas muitos amigos estavam assim, ora anestesiados, ora esgotados, ora perplexos, ora tudo junto, e isso a fez pensar que o afeto que a governava, bem como governava o presente, era o assombro. Quando E.L.A se demite, esse gesto surgiu para que E.L.A não se paralisasse e, assim, pudesse prosseguir na busca de novos encontros amorosos e num espaço que, naquele momento, parecia mais apropriado para estar, espaço que E.L.A chama de casa-DNA. Não voltaria para ele para ter título de Doutora em Psicologia e conseguir ao menos se inscrever em concursos. Já entendera que não cabia isso em seu caminho. E.L.A queria espaço para articular o que sentia e sabia que podia contar com sua orientadora e parceiras antigas e novas. E esse desvio foi fundamental para se abrigar diante da doença psico-libidinal que crescia velozmente no socius e a assombrava. Quanto mais assombro, mais enojada ficava. Nesse instante entendeu que a palavra mais apropriada para o que estava em curso era NOJO. O nojo poderia gerar paralisia. E.L.A teve esse insight quando, ao olhar mensagens no facebook ou no whatsapp, observava que não era

só E.L.A que estava enjojada, os emotions mais usados era a carinha de um bonequinho vomitando, E.L.A pensava que todos estavam assim, e poderia até ser, mas o nojo tinha alvos distintos. Talvez os tolos de sua bolha, tal como E.L.A, não percebiam que toda a sua movimentação naquela plataforma era filtrada pela tecnologia algorítmica que E.L.A só veio a entender mais tarde. Esse filtro criava ilusão de um pensamento comum, esvaziando a criação das estratégias, porque falávamos com iguais e perdíamos a noção de conjunto. Mas, de todo modo, se tratava do nojo. Parafraseando a música do Titãs: você tem nojo de que? De que? Ou parafraseando um provérbio popular: diga-me com que te enjoas que te direis quem és!

\*

Um ano após a sua demissão, duas alunas a procuram, via e-mail, porque o coordenador não havia computado a nota delas em disciplinas que ela ofertara quanto estava lá alegando problemas no sistema. Eram duas alunas excelentes, que teriam que pagar para fazer novamente a disciplina e atrasar sua graduação, sendo que uma delas só dependia dessa nota para se graduar e ambas eram pretas e com dificuldade financeira. Podia ser coincidência? Podia! Podia ser erro do sistema? Podia! Podia ser implicância de outra ordem? Podia. Então, tratava-se de uma encrenca baiacu que, nesse momento, E.L.A podia resolver. Essa encrenca, era uma encrenca baiacu com as meninas e com ela, talvez, porque E.L.A havia deixado tudo em ordem e todos os demais alunos das mesmas disciplinas não tiveram tal problema. Como tinha tudo guardado, inclusive os boletins, imediatamente entrou em contato com o coordenador e enviou os comprovantes de lançamento das notas e este mudou a nota das meninas, sendo que de uma delas colocou uma nota menor da que E.L.A havia dado. Mas, essa segunda menina só soube

que a nota era menor, 2 anos depois (abril de 2020) em plena pandemia, quando ia se formar e a nota aumentaria seu CR, por isso entrara em contato novamente com E.L.A. Imediatamente escreveu para ele, mas com cópia para a aluna. Ele enfatizou que E.L.A não deveria se deixar incomodar por essas solicitações tardias de alunos, mostrando que criara uma norma, via whatsapp com os professores, informando que o aluno só tinha direito a solicitar revisão de notas até o segundo mês do semestre seguinte. Como não podia deixar passar barato essa manobra absurda, E.L.A fez questão de enviar para ele um e-mail, da época em que dava aula, portanto, datado, em que a nota de todos os alunos, incluindo a aluna em questão, havia sido enviado para ele e para o setor de T.I no período em que lá esteve, e que tudo deveria ter sido erro do sistema que facilmente poderia ser corrigido. Ao final do e-mail diz: "Estamos carregando pesos demais, sofrimentos demasiados em função da pandemia e, se não bastasse, estamos também muito mais vulneráveis psiquicamente por conta também de nosso cenário político, de modo que esse problema da aluna poderia ser resolvido sem tensionamentos desnecessários. Desejo saúde a todos e serenidade". Nunca mais falou com ele, mas recebeu e-mail da aluna avisando que mudaram a nota dela.

O que está acima é igual  
 ao que está abaixo: eterno  
 retorno da benção e/ou da  
 maldição?



O que está acima é igual ao que está abaixo! <sup>96</sup>

**Niterói, 2021–2022**

Começamos de novo. E.L.A sente outros **movimentos de um mundo dentro desse de sua caverna**. Ao chegar em casa após seu pedido de demissão em maio de 2017, resolve consultar os astros e eis que encontra a seguinte situação astral que a fez gargalhar com aion e kairós, não somente pelas explicações, mas já por conta do título: **LUA CHEIA EM ESCORPIÃO – A MALDIÇÃO – OU A BÊNÇÃO – DO ETERNO RETORNO /10 DE MAIO DE 2017**. Qual seria a possibilidade de achar Nietzsche exatamente nessa hora, num site de astrologia da internet e, ainda por cima, relacionando tudo ao eterno retorno, tema de sua tese anterior e caminho inevitável da sua escrita atual para sair do círculo do nojo?<sup>97</sup> Imediatamente salvou a página no seu computador, arrepiada pelo seu recado, mas sem saber ainda da força de sua intempestividade.

### Astrologia Psicológica

#### LUNAÇÕES

### LUA CHEIA EM ESCORPIÃO – A MALDIÇÃO – OU A BÊNÇÃO – DO ETERNO RETORNO

10 DE MAIO DE 2017 | MARIAEUNICESOUSA | 6 COMENTÁRIOS



Reprodução

O ciclo de Touro chega ao seu ápice na Lua Cheia de amanhã, dia 10 de maio, que ocorre às 18h42min – 22h42min para Lisboa –, a 20°24' de Escorpião. Esta é uma Lua Cheia de términos, visto que Escorpião fala de encerramentos de ciclos, para começarmos outros, o que nos dá um vislumbre da eternidade se descortinando diante de nós. É o tempo de trocar de pele, de eliminar energias antigas, limpar o coração de todas as toxinas, abrir-se à compaixão. Enquanto Touro constrói estabilidade, Escorpião a destrói, para que não caia na estagnação. Escorpião destrói tudo aquilo que ameaça impedi-lo de se desenvolver, de avançar para a próxima fase, mesmo que isso não seja necessariamente, um avanço positivo, mesmo que não seja um movimento de crescimento. Entre ficar estagnado ou piorar um pouco, é

provável que opte pela segunda opção, se isso implicar movimento, liberação de alguma forma. Mas Escorpião, apesar de não se apegar a coisas e não se deixar possuir por elas, relaciona-se com a posse emocional e aqui há grande dificuldade de abrir mão, de soltar e liberar, mas uma vez que isso ocorra, é definitivo, para sempre. Pode demorar muito tempo até se atingir esse ponto, mas uma vez cruzado esse limiar, não há retorno!

Como sabemos, a Lua Cheia é um momento crítico, em que a energia atinge seu apogeu e todas as coisas que estavam se avolumando e se arrastando, atingem um ápice e são finalmente liberadas, boas ou ruins. Tensões que foram se acumulando atingem um ponto crítico e explodem e as coisas se resolvem, por bem ou por mal. Como Escorpião é o signo das emoções e sentimentos intenso e profundos, quando a Lua Cheia ocorre neste signo, esse ponto crítico fica intensificado.

Era maio, mas lua cheia era de escorpião. E.L.A era de escorpião, com ascendente em libra. Era lua cheia dos términos, de encerramento de ciclos. Livrar o coração das toxinas e manter-se em



movimento vislumbrando a eternidade. Era a energia acumulada atingindo seu apogeu e precisando explodir liberando coisas boas e ruins! E.L.A lia, escolhia algumas palavras-chave e pensava: caramba, parece eu escrevendo junto a astróloga, mas sem os graus x ou Y ou horários! Mais gargalhadas dá. **Ouvir aqui:**

<https://mega.nz/file/29kFnDAR#yyQ9MqOu5cyAZ7OFR6LXweBiqeFTcNoKbJPeWvRAD>

oM



Kali, a deusa que cria e destrói a vida - reprodução

A Lua Cheia de Escorpião anuncia um período de destruir tudo aquilo que nos prende e nos impede de dar o próximo passo: apegos a coisas, pessoas, regras; expectativas, medos, inseguranças; situações e coisas que representam segurança e estabilidade, mas das quais reclamamos e nos ressentimos, porque



Reprodução

sabemos que tal segurança é fajuta, que usamos isso como desculpa para não fazer o que precisamos fazer, para não agir de acordo com nossa consciência - em resumo, aquilo com que o ego se identifica, mas que não é sua verdadeira essência. Há momentos e situações em que ir contra a maré e destruir algo torna-se muito positivo e pode ser o ato mais criativo e libertador que podemos cometer. Então destruição nem sempre é algo negativo - depende do quê, como e quando. O que é que você precisa destruir hoje?

No mapa desta lunação, a Lua está em sextil muito próximo a Plutão em Capricórnio e, claro, o Sol faz trígono a ele. Plutão é o deus da transformação, da morte, do renascimento, do Mundo Inferior e é o regente moderno de Escorpião. Ao receber aspectos harmoniosos dos dois luminares, sinaliza que estamos abertos, neste ciclo, a enfrentar algumas verdades, a lidar com elas, a nos desapegar e proceder com as mudanças necessárias. Conseguimos olhar para a nossa sombra sem nos chocar tanto com ela e



Lua Cheia em Escorpião, Brasília, 10 de maio de 2017, 18h42min

conseguimos perceber o que precisa ser destruído, demolido, pulverizado. E mesmo que doa, destruímos, porque percebemos que de tal destruição, algo novo surgirá, possivelmente, quicá, mais verdadeiro. A Lua também faz trígonos amplos a Netuno e a Quíron em Peixes - sete graus de orbe - e este trígono, na verdade, cai exatamente no Ponto Médio entre Netuno e Quíron. Além de potencializar a grande sensibilidade dos sentimentos Escorpiônicos, faz aflorar uma grande compaixão por nós mesmos e por aqueles todos com quem estamos envolvidos e, ao invés de raiva, ódio e vingança, queremos apenas nos livrar e liberar dos conteúdos densos, permitindo que sejam purgados e curados. O trígono ao Ponto Médio entre Netuno e Quíron possibilita a mediação, a integração das nossas aspirações e sonhos mais elevados e até os mais fantasiosos, com a percepção do que podemos e não podemos. Uma conciliação torna-se possível, talvez sem amargor e sem ranger de dentes - uma aceitação, quem sabe até resignação, mas ainda assim, algo que vem com

E continua: a lua cheia de escorpião é um momento crítico, de destruição de tudo aquilo que nos prende e, mesmo nos gerando sensação de segurança e estabilidade, precisaria ser deixada de lado, pois ela é fajuta. A pergunta da lua cheia em escorpião é: o que você precisa destruir hoje? E como essa lua estava, nesse momento, em harmonia com outros planetas e em boas casas astrológicas- detalhe tudo era pensado a partir do céu de Brasília-, estaria aberta a enfrentar os efeitos dessa decisão, olhando de frente para os aspectos sombrios que conseguiria aguentar ver e que precisariam ser destruídos, de modo que o novo mundo aberto seria o mais "verdadeiro" para ela. Apesar da sensibilidade estar aflorada, nela não se instalariam sentimentos de ódio ou vingança, tendo clareza do que seu corpo poderia ou não fazer sem amargor, mas com sabedoria

e serenidade.

Ouvir

aqui:

<https://mega.nz/file/6hEnCAKS#76xZc17wVwOU4UBSvbSKeFjGvc6D2LQNYQf13cwVcV>

c

sabedoria e serenidade e não precisa ficar apodrecendo dentro de nós e nos intoxicando de amargura. Vemos, reconhecemos e soltamos. E assim, liberamo-nos.



Reprodução

O regente tradicional da Lua, Marte, está em Gêmeos, em quadratura de menos de um grau a Netuno e em trigono a Júpiter, também bastante próximo. Por um lado, isso nos fala do risco de sonharmos alto demais, de sermos ingênuos e embarcarmos na nau das ilusões criadas por nós mesmos e depois nos desapontarmos tristemente – a mente e os nossos desejos podem nos enganar e iludir. Por outro, assinala uma imaginação poderosa, uma qualidade mágica e ainda a enorme capacidade para a abnegação, além do entusiasmo quase inocente das crianças. Felizmente, tal atitude pueril é compensada pela sagacidade da Lua em Escorpião e pela conjunção Mercúrio-Urano, de modo que talvez se consiga sintonizar mais fortemente com os aspectos mais positivos dessa quadratura Marte-Netuno. Se formos mais longe e considerarmos essa conjunção Mercúrio-Urano em Áries – já

que Mercúrio rege Marte – veremos que essa lunação também traz uma energia de rebeldia, de subversão, de ser capaz de desagradar para ser fiel e leal a si mesmo e aos ditames da própria consciência. Mercúrio estando conjunto a Urano no dia da Lua cheia, é outro intensificador da energia, trazendo iluminações, mas também transtornos, imprevistos, desordem, caos. Então há um aumento da instabilidade, uma intensificação da "crise" representada pela Lua Cheia e isso pode se manifestar de várias maneiras, tanto em nível pessoal, quanto em termos coletivos. Na verdade, a Lua Cheia potencializa a conjunção Mercúrio-Urano e vice-versa.

Mas a Lua Cheia de Escorpião também traz presente a ideia do eterno retorno, um conceito filosófico que nasce com o estoicismo e que propõe que a vida é uma constante repetição de si mesma e que o mundo se extingue para voltar a criar-se, um conceito que é bem ilustrado pela figura da Uroboros, a serpente mítica que engole a própria cauda, se extingue e volta a renascer. É um símbolo da eternidade. Nietzsche discute o mesmo conceito em sua obra e nos provoca se rangeríamos os dentes e amaldiçoaríamos o demônio que sussurrasse tal ideia da recorrência no nosso ouvido, ou se ficaríamos felizes e o bendiríamos, diante da ideia da eterna repetição? O eterno retorno nos fala dos ciclos repetitivos da vida, algo que Escorpião entende bem. Mas será que a repetição é sempre igual? Será que seguimos em movimento circular, repetitivo, quase instintivo? Não seria esse movimento espiral, alterando algo sutilmente, a cada novo girar da



Uroboros, a serpente mítica que engole a própria cauda, representando a eternidade e os ciclos de morte e renascimento - Ficheiros do Google - Reprodução

Além disso, outros aspectos

estelares poderiam indicar sonhar alto demais e iludir-se ou uma imaginação poderosa, uma qualidade mágica semelhante ao entusiasmo quase inocente das crianças, porém, como é lua em escorpião, a sagacidade vence a puerilidade e como a energia de rebeldia e subversão estará em trânsito também, não temerá desagradar para ser fiel a si mesma. Haverá iluminação, mas também transtornos, imprevistos, desordem e caos que poderia se manifestar individualmente como coletivamente.

E o mais surpreendente é que essa lua cheia em escorpião trazia a ideia do eterno retorno : a vida repetindo-se; o mundo se extinguindo para voltar a criar-se. Cita os estóicos, traz a imagem mítica do uroboros, a serpente que engole o próprio rabo, mas renasce após se destruir e cita Nietzsche dizendo que ele nos provocava a saber se rangeríamos ou não os dentes diante desse sussurro da idéia da recorrência nos nossos ouvidos, lembrando que Nietzsche se pergunta se acharíamos que viria de

um deus ou de um demônio . E a astróloga magistralmente completa: " será que seguimos em movimento circular, repetitivo, quase instintivo ou não seria esse movimento, espiral, alterando algo sutilmente, a cada novo girar?" Essa imagem E.L.A mesma usa nesse e em outros escritos antes desse. Sua pele se arrepia de prazer ao revisitar essa lembrança astral!

**Ouvir aqui:**

<https://mega.nz/file/2p8XCQZY#n5usYmQ8d4BLk3aN8iif0Czs7XncPCAWUvB8LDcaMbU>

Ao mesmo tempo E.L.A foi invadida por lembranças de outras leituras que já teve, mas talvez somente agora estava encarnada n'E.L.A. Recorda-se da época da graduação em que se matriculou numa disciplina que acredita que era optativa chamada Psicologia Transpessoal e a partir dela teve acesso a leituras mais aprofundadas do que as que lia na juventude antes da Universidade porque sempre se interessou por esse universo que hoje E.L.A chama de trans-espíritual (amava, por exemplo, um dicionário que tinha sobre todas as religiões do mundo e que leu quando tinha uns 13 anos), bem como passou por experiências meditativas em sala de aula e fora dela (porque os alunos dessa optativa faziam "vivências" nas praias, à noite, por exemplo, ou nos jardins da universidade).Ouvia Ravi Shankar e Raul Seixas em fitas que ganhava de um amigo e, na época do estágio em clínica, também teve acesso a textos de alquimia, sufismo, Mircea Eliade por conta dos caminhos abertos por Jung. Ao lembrar disso seu corpo compreende que esse aprendizado esquecido n'E.L.A nunca esteve esquecido completamente, seu desejo havia se agenciado com essas forças para respirar outros mundos dentro desse, o que era, na verdade, aprendizado de sua infância quando fazia um sol na terra acreditando espantar a chuva desde que passarinhos não estivessem voando para longe das nuvens, pois eles a anunciavam e não havia qualquer possibilidade de "magia" contra esse anúncio das asas. Mais tarde, já na época do doutorado e pós-doutorado pode aprofundar a leitura dessas bases cosmológicas da infância e juventude com o estoicismo e com Heráclito, por conta de Nietzsche, Deleuze e Foucault n'E.L.A e, sobretudo, por tudo que aprendera com seu pai através da sua morte que, no entanto, lhe ensinava sobre a vida... **Ouvir aqui.**

[https://mega.nz/file/b1syhQJQ#gKJTF8n3dm3tIM\\_bWfO9Zwx30czkX60efqHwcw1EtKA](https://mega.nz/file/b1syhQJQ#gKJTF8n3dm3tIM_bWfO9Zwx30czkX60efqHwcw1EtKA)

Quando, nessa imagem, astrológica, se depara com o Uroboros ou Ouroboros, o Eliade da graduação a invade, mas também Paul Valéry que faz parte de seu corpo temporal mais próximo. Eliade<sup>98</sup> dizendo que, no pensamento hindu, tal como descrito no Rig Veda, o primeiro livro védico de onde todos os outros derivam, há uma relação do fogo com a serpente, posto que rasteja como ela, sendo também descrito como "sem pés e sem cabeça, escondendo suas duas extremidades" tal qual uma serpente enrolada. Isto é, apresentando-se como Ouroboros, imagem que simboliza a conjunção dos extremos e a totalidade primordial, ensinando-nos ainda que o comportamento da serpente que troca de pele é própria dos deuses e daqueles que se libertam "do humano demasiado humano" - essas palavras E.L.A empresta a Eliade, a partir de Nietzsche, e gargalha. E Paul Valéry- que tinha obsessão pela imagem da serpente. Este escreve, um ano antes de morrer, a seguinte passagem: "acostuma-se a pensar como Serpente (penser en Serpent) que se come pela cauda. Pois ai está toda a questão. Eu 'contenho' o que me 'contém'. E eu sou sucessivamente continente e conteúdo". Em outro momento, ele chega a fazer um desenho de uma serpente que olha para trás, para a sua cauda, com a seguinte legenda: 'como! isto também sou eu?'" e em outro escreve: "a serpente come a própria cauda. Mas e só depois de um longo tempo de mastigação que ela reconhece no que ela devora o gosto de serpente. Ela para, então...Mas ao cabo de um outro tempo, não tendo mais nada para comer, ela volve a si mesma...chega então a ter a sua cabeça em sua goela. É o que se chama "uma teoria do conhecimento"<sup>99</sup>. Somado a isso sabia que os estóicos diziam que quando os planetas se encontram no mesmo ponto do céu, as estrelas refazem seu curso de maneira idêntica, de modo que cada acontecimento do período passado se realizaria novamente e essa imagem era comum na visão do enigma de Zaratustra, heterônimo que cantava em Nietzsche bebendo, na construção dessa imagem, de fontes gregas, iranianas, brâminicas, búdicas e tantas outras que cintalaram no êxtase que lhe possuiu ao sentir o eterno retorno durante uma caminhada, imagem tão velha quanto o mundo<sup>100</sup> **Ouvir aqui.** [https://mega.nz/file/ysdTIRBL#zBQUTHQ9d9-SH10ML\\_cH5e2mKsRw0um8tBht-nW6yY](https://mega.nz/file/ysdTIRBL#zBQUTHQ9d9-SH10ML_cH5e2mKsRw0um8tBht-nW6yY)

moenda? E estamos sujeitos a tal repetição, feito cordeiros sem vontade, ou na verdade, contribuímos e ansiamos por ela? Será a repetição uma maldição ou uma bênção? Não pretendemos esgotar esse assunto aqui, até porque não o domino, a ideia é apenas provocar, porque são temas pertinentes a Escorpião e a essa Lua Cheia e porque sempre vale nos perguntar por que somos tão repetitivos, mesmo quando buscamos ser originais. A Lua Cheia, pois, convida a quebrar – ou pelo menos tentar – a repetição, a destruir a roda que nos prende a essa moenda, a esse moinho, que sempre nos joga na cara aquilo que achamos que já havíamos superado.



Reprodução

O Símbolo Sabiano para o grau 21 de Escorpião diz o seguinte: **"obedecendo à sua consciência, um soldado resiste às ordens que recebe"**. Aqui há um conflito claro entre obedecer e atender às expectativas sociais, às regras e leis e seguir a própria consciência, arcando com as consequências por tal desobediência. Quando o meio social e suas regras tornam-se poderosos por demais, diz Rudhyar, "o indivíduo não precisa se sentir atado espiritualmente, nem mesmo aprisionado. Ele ainda pode demonstrar sua liberdade interior e provar-se um 'indivíduo' e não apenas um seguidor cego de ordens absurdas e alheias ao seu coração. Essa é uma verdade de Escorpião, que geralmente está disposto a pagar o preço por suas escolhas impopulares, por não seguir a manada, nem fazer questão de ser aceito e aprovado. Aqui há o conflito entre os códigos morais exteriores e os nossos valores pessoais – às vezes é preciso transgredir, quebrar as

regras, mesmo que arquem com consequências duras. Linda Hill, outra estudiosa dos Símbolos Sabianos, nos lembra que "há uma escolha difícil entre nossa lealdade a um relacionamento, a um trabalho, um país, etc. e nossas crenças internas, nossa verdade interior e nossas ambições pessoais. Liberdade verdadeira só pode ser encontrada dentro, quando se confronta essas situações com um senso de integridade e um completo entendimento das consequências possíveis". Nem tudo o que é legal, é necessariamente correto e temos visto bastante disso recentemente. E por mais que muitas vezes nossas escolhas nos coloquem em colisão com forças maiores do que nós, sejam essas forças mundanas ou de outra esfera, ainda precisamos ser capazes de ser leais a nós mesmos, o que quer que isso signifique. E longe de nos sentir desajustados, talvez isso reflita um desvio salutar da norma, porque, como diz Krishnamurti "não é um sinal de saúde estar bem adaptado a uma sociedade profundamente doente". Então, a Lua Cheia sugere destruir o que nos prende e nos ata, quebrar as regras distorcidas, as normas que não promovem a vida, mas apenas fazem cumprir ordens sem sentido e que vão contra aquilo que acreditamos, aquilo que nossa consciência diz. E há um preço a pagar. Sempre há. Mas, como diz um outro pensador, Kipling, "nunca é alto demais o preço a pagar pelo privilégio de se pertencer a si mesmo", e de escolher a própria integridade interior, mesmo que isso também seja parte do eterno retorno e da ilusão da novidade. E é por isso que Escorpião briga e paga o preço!

Para além de tudo isso, essa Lua Cheia também nos faz sentir profundamente conectados com a rede da vida.

Sai desses pensamentos e retorna ao que astróloga diz em seguida (ou seria E.L.A, pois, a essa altura em 2021, em que relê essa passagem e a transcreve, se vê bem dentro dela, muito mais do que em 2017, de modo que já não sabe quem é quem nesse instante em que lê): "Estamos sujeitos a tal repetição, feito cordeiros sem vontade, ou na verdade, contribuímos e ansiamos por ela? O convite da Lua cheia em Escorpião é tentar quebrar a repetição. a destruir a roda que nos prende a esse moinho que sempre nos joga na cara aquilo que achamos que já havíamos superado. É necessário que o soldado resista as ordens que recebe! Aqui o conflito está exatamente em obedecer e atender as expectativas sociais, às regras, às leis e seguir aquilo que se acredita. Demonstre sua "liberdade interior" quando o meio social e suas regras parecem tornar-se poderosos demais. Essa é a verdade de escorpião. É mais importante ser livre do que ser aceito e aprovado, mesmo que tenha que arcar com as consequências duras! É o senso de integridade que o move. Nem tudo que é "legal" é necessariamente correto e temos visto bastante disso recentemente (2017). Mas, "nunca é alto o preço a se pagar pelo privilégio de se pertencer a si mesmo".

Pensam que acabou? Que nada! Mais arrepios na página seguinte.

em toda a sua poderosa manifestação e percebemos que, mesmo em situações de conflito e de morte aparente, a vida segue seu ciclo, ela é mudança constante, ela pulsa, viceja, modifica-se, muda de corpo, de invólucro, mas continua a pulsar, em nós, no outro, no mundo à nossa volta. Talvez sejamos apenas efêmeros demais para perceber as mudanças reais, porque, o que é uma vida humana diante da eternidade? Essa percepção pode nos revigorar e nos dar uma nova perspectiva sobre as coisas, os erros, as "perdas", aquilo de que precisamos abrir mão, nos desfazer, para viajarmos mais leves, menos enferrujados, menos pesarosos e defensivos, menos apegados ao controle dos resultados. E aquilo que deixamos para trás, as cascas e peles antigas, vão virar adubo, irão se transformar, no eterno ciclo do vir a ser.



Reprodução

Numa nota mais pontual, o Ascendente do mapa levantado para Brasília é Sagitário, que é regido por Júpiter, que está retrógrado em Libra, na casa 11, em quadratura a Plutão e quincúncio quase exato a Netuno. Júpiter segue como carro chefe da locomotiva, como tem estado há vários meses. Isso tudo repete um pouco o tema do entusiasmo pueril, visto que Júpiter está retrógrado e em tensão a Netuno. Parte de nós simplesmente não quer ver, não quer enxergar a verdade, os dissabores, as tristezas e desalentos e prefere continuar a se enganar. Olhando para a situação do Brasil, Júpiter faz quadratura a Plutão retrógrado e talvez alguns movimentos na esfera social e das instituições públicas levem a mais perdas, concretas, materiais e também no senso de autoestima do povo. Netuno está na 4 – somos feitos de bobo dentro de casa, pelos nossos, como tem ocorrido há séculos! Mais do mesmo! Se se considera o mapa do Brasil que tem Aquário Ascendente, a Lua Cheia ativa o MC; se se considera o mapa que tem Peixes como Ascendente, o Ascendente desta lunação para Brasília, também vai ativar o MC do mapa natal. De um jeito ou de outro, essa lunação mexe bastante com figuras de autoridade e com a imagem do Brasil, com o rumo do país.

OBS: A Lua fica Cheia numa condição chamada "Wobble". Nunca estudei isso a fundo, mas como já me perguntaram, isso é um termo astronômico, que representa uma oscilação, uma instabilidade, quando parece que a Lua "dança" da esquerda para a direita, parecendo "bambolear". Esses períodos de Lua Wobble, de acordo com alguns estudiosos, estão relacionados com catástrofes, começos e fins de guerras, conflitos e situações fora de controle. Mas antes de se desesperar, saiba que a Lua entra nessa condição cerca de três ou quatro vezes por ano, então, não é nada tão raro assim!

A lua cheia e escorpião também nos faz profundamente conectados com a rede da vida em todas as suas manifestações e percebemos que mesmo em situações de conflito e de morte aparente, a vida segue seu ciclo ela é mudança constante. O que é uma vida diante da eternidade? Essa percepção pode nos revigorar e nos dar uma nova perspectiva (E.L.A tem estado assim durante a pandemia iniciada em 2020, mesmo sentindo dor diante de um mundo em ruínas). E, finaliza falando de Brasília (E.L.A iria para lá alguns meses depois, nessa época não sabia e nunca havia pensado em lá morar) assinalando que os movimentos no céu de Brasília indicavam que os movimentos na esfera social e nas instituições públicas levariam a mais perdas concretas, materiais e também no senso de autoestima do povo, onde seríamos feito de bobos e agora ainda tinha uma condição específica lunar chamada wobble, um termo astronômico que mostrava uma oscilação da lua que dançara da esquerda para a direita, nesses períodos em que ela bamboleia, há catástrofes, começos e fins de guerra, conflitos e situações fora de controle... **ouvir aqui:** [https://mega.nz/file/Tst3hZoj#jglU1WX9dn\\_sd-zds5G2J3p9gDa5FpHZOZOr5YnFPVc](https://mega.nz/file/Tst3hZoj#jglU1WX9dn_sd-zds5G2J3p9gDa5FpHZOZOr5YnFPVc)



Thom Browne - Rituals

Uma ótima Lua cheia para você! Quebre as regras distorcidas, destrua aquilo que não gera mais vida, que perdeu o vício e apodreceu e já não alimenta, nem entusiasma! Ou se renova, ou será destruído!



Quintinos, a serpente mítica que engole a própria cauda representando eternidade e ciclo de morte e renascimento - Filhas do Google - Reprodução



Percebe, nesse instante que descreve esse encontro astrológico, que o que intuía conceitualmente no pós-doc a partir de Nietzsche e Foucault e que lhe possibilitou desenvolver o conceito de pensamento-flecha e de tiro espiritualizado do pensamento (vide p.147-150) poderia agora ser a sua própria trajetória, mas, nesse momento, sem a necessidade dos autores entre E.L.A e seu corpo para lhe dar expressão. E.L.A, tal como Nietzsche, resolvera apostar na sua vivência e quem sabe, tal como ele, poderia dizer que seus escritos falavam da história de uma enfermidade (chamada por ele n'E.L.A de nojo) e sua cura, mas não se restringia ao seu "humano demasiado humano", pois, tal como ele, tinha a confiança de que não os redigia apenas para si, como poderia parecer a um leitor menos atento. E, tal como ele, sua escrita era peregrina<sup>101</sup>... Cada parte dela foi feita em locais diferentes, em Estados diferentes, com estados de espírito diferentes em momentos diferentes... Ficou mais animada, que venha o novo Doutorado! E, além disso, sentia o eterno retorno como um acontecimento que só replicava o céu na terra por conta de práticas humanas, demasiadamente humanas, que repetiam uma mesma estrofe: a destruição do planeta e nessa destruição faziam o mesmo aparentar mesmidade porque sustentado por práticas de repetição, esse é o sentido histórico da cultura, seu destino niilista. Como dizia Nietzsche, é a vontade do homem que constitui o ponto de

partida da fatalidade que domina o Universo: "Voltará o nó das causas em que estou enlaçado; ele me recriará! Eu mesmo sou uma das causas do eterno retorno"<sup>102</sup>

**Ouvir**

**aqui:**

[https://mega.nz/file/n1MxkBKS#EbISb3x77z9eOnhVsQdRVP\\_VeW9Q6gSqjYglv-ahpgU](https://mega.nz/file/n1MxkBKS#EbISb3x77z9eOnhVsQdRVP_VeW9Q6gSqjYglv-ahpgU)

Mas, mal sabia E.L.A que aquilo que estava acima igual ao que estava abaixo poderia ser o que os povos originários chamam de anúncio da queda do céu<sup>103</sup>, processo que, segundo David Kopenawa, só continuará sendo evitado enquanto os xamãs estiverem vivos e cantando para suspendê-lo que, no sentir d'E.L.A significava: o céu cai na medida que a terra afunda pelas mãos humanas demasiado humanas...o céu cai na medida em que nos afastamos cada vez mais do coração e do respirar da terra...o céu cai na medida em que não escutamos o som das matas e dos tambores. O céu cai quando esses portais do céu que possibilitam a abertura para o retorno da repetição daquilo que é pequeno e vil só se revelam desse modo quando, nesse retorno, não selecionamos as forças que equivocam tal desenho, quando não afastamos de nós as forças reativas presentes nele através de outras práticas que nos transvalorem de uma vez por todas e dessa maneira possamos deixar que cante em nós a canção dos xamãs que liga céu e terra, quebrando a lógica do bom viver para o bem viver<sup>104</sup> na diversidade onde tudo está interligado. O céu rachado tira de nós sua camada protetiva , de modo que ficamos expostos a força total do sol, da chuva, dos raios, dos ventos que por sua vez é obra do que nós, brancos, temos feito na terra destruindo a diversidade de um lindo e rico ambiente que nos serviria de meio para uma vida em ascensão na imanência, mas estamos em declínio, junto ao céu, agora também cheio de lixo tecnológico. O que está acima é igual ao que está abaixo!

**Ouvir**

**aqui:**

[https://mega.nz/file/Wt1DhJxa#boHncT8VKyo\\_mGAY2D79zFBGL84EaNma\\_p8rwiFKvf0](https://mega.nz/file/Wt1DhJxa#boHncT8VKyo_mGAY2D79zFBGL84EaNma_p8rwiFKvf0)



## **A carne mais barata do mercado Niteroi, 2020.**

Trilha sonora: A carne. Elza Soares

<https://www.youtube.com/watch?v=yktrUMoc1Xw>

No início de julho de 2017, dois meses depois de ter pedido demissão, tenta uma bolsa no doutorado que havia se inscrito. Estava animada! Passou em terceiro lugar. Alívio. Poderia pesquisar sem se preocupar tanto com as finanças. Entregou toda documentação exigida, fez abertura de conta num banco específico, saiu para comemorar com os amigos... mas, em agosto, foi informada, pela Reitoria, de que não tinha direito porque há 6 anos atrás já tinha adquirido uma bolsa da Capes. Detalhe: Ninguém do programa sabia dessa normativa porque nem mesmo a Capes sabia. Essa normativa era invenção recente. Quase desistiu desse segundo doutorado... Porém, sua companheira havia passado num concurso para Brasília, elas se mudaram para lá e, por ironia do "destino", estaria mais próxima de algumas engrenagens da produção do "nojo" e de novos desafios. Mais do que nunca não pode esquecer do dois ponto no final do título da sua anti-tese: como produzir um corpo liberto do nojo?! Sim, E.L.A precisava prosseguir na escrita! Somado a isso, na Academia, situações bizarras de práticas de racismo ganhavam força entre alguns professores da casa-DNA, mas uma contra-força se insurgia e E.L.A começava a entender a necessidade de desaprender a pensar dentro daquela máquina que a constituía como branca acadêmica. Era o movimento chamado "Ocupação Preta" que ocorreu entre novembro de 2016 e janeiro de 2017 envolvendo jovens da graduação e refletindo na pós, quando alunos engajados com a temática, na maioria pretos, convidaram tais graduandos a participarem das reuniões do Colegiado.

Essa situação gerou diversos incômodos, conforme ficou sabendo e que foi divulgado em alguns artigos<sup>105</sup>, indo desde o esvaziamento da sala quando esses corpos adentravam nela em total contradição com o que era dito sobre eles em diversos artigos, dissertações e teses da casa-DNA até falas que também os diminuíam pois "fariam a nota do estabelecimento de ensino diminuir ou implicariam em mais trabalho para o professor que teria que dar aula de reforço". Tais incômodos expressavam o racismo institucional existente na engrenagem e acabou gerando como pauta da força insurgente a exigência de que fossem ofertadas disciplinas, para os alunos da graduação, em que houvesse autores negros. Caso não aceitassem tal pedido, não assistiriam as aulas. Tal embate acabou trazendo tais autores para a casa-DNA, mas E.L.A se interrogava se a própria contra-força não manteria a máquina de branquitude de pé, pois os mesmos brancos que proferiram falas racistas para tais alunos, de repente, passariam a inserir tópicos da contra-força em suas aulas, não porque necessariamente estivessem colocando sua branquitude em questão, mas mantendo-se como brancos, qual seja, fazendo uma espécie de restauração de danos para não se danarem... Será então que as novas epistemologias, dentro da universidade, seriam suficientes para quebrar a engrenagem da máquina? Claro que o movimento era importante, mas a atenção aos novos perigos também era. O movimento deflagrou algo que aprendera com Foucault a respeito das relações de poder que se expressam de maneira clara através do antagonismo das estratégias. Em outras palavras, para se descobrir o que significa, na nossa sociedade o racismo, teríamos que investigar a branquitude. Mas, somado a isso, não podia esquecer o que aprendera ao longo de seus estudos também com Foucault, mas também Nietzsche, Deleuze e Guattari. Quando um território quer se expandir, mas assusta o território existente, ele

acaba incorporando como seu aquilo sobre o qual teme, esvaziando sua força, mas fingindo-se abrigo e perpetuador dela, codifica-a, reterritorializa-a. Foi assim na Grécia socrático-platônica, foi assim no Cristianismo, basta lembrar as lições de Foucault sobre o cuidado de si e conhecimento de si. Foi assim com as práticas de sincretismo religioso e continua sendo assim com a globalização e as práticas capitalísticas de empreendedorismo e incitação das representações sociais e/ou políticas diversas. E.L.A temia que tudo se perdesse, que tudo se transformasse em mais uma mercadoria, mais uma peça para a vitrine da diferença que, dessa maneira, não produz diferença real... Ouvia aqui e ali algumas pessoas fazerem o movimento de buscar as raízes indígenas e afro em suas histórias familiares e E.L.A mesma estava começando a fazer isso, mas entendeu que esse caminho também comportava riscos. Pois se perguntava se tal movimento feito por um branco não seria um movimento violento para um preto, mais um dos inúmeros roubos que veio fazendo ao longo da história. Nos encontros com o grupo de orientação do qual estava fazendo parte compreendeu muitas coisas. Os brancos poderiam dizer que por pertencerem a uma cultura miscigenada também teriam sido expropriados dessa relação originária com esse passado, e que, portanto, poderiam também se juntar aos pretos numa mesma cultura de forças, que agora encontrara passagem e podia até estar na Universidade. Mas não veriam que foram os próprios brancos que cometeram a violência da colonização e inventaram a miscigenação para tornar o preto, um cara mais clarinho, mais perto do branco na cor da pele, para não passarem vergonha frente aos europeus e, agora os brancos acadêmicos não poderiam passar vergonha frente aos enunciados da "moda"! Então, seria possível habitar uma mesma cultura de forças dessa maneira? Ao mesmo tempo, se um branco efetivamente quisesse pensar através de

uma outra cosmologia talvez não conseguisse porque ele não teria como acionar em si mesmo a memória dessa força ancestral, porque não viveu na pele, literalmente, os efeitos do racismo em seu corpo. A busca por tal cosmologia atenderia tão somente ao seu intelecto, sintoma que constitui a branquitude em torno da necessidade de controle dos processos, que ele sempre vai ajeitar de acordo com a sua subjetivação e, com isso, produzir os mesmos decalques que a história da branquitude faz. O máximo que talvez um branco consiga é se desvencilhar do modo cristão que governa muito de seus afetos e, com isso, lutar junto a pretos e indígenas para não permitir que suas culturas morram, mas por outras vias que não a da visibilidade, na vitrine branca, delas. Porque pensar dentro de uma outra cultura talvez não lhe seja possível. O branco aprendeu a fazer decalque muito bem, assim como o capitalismo faz em nós e não adianta pensar que tudo se resumiria em mudar a linguagem e ser tocada por outras forças junto a ela. Não seria suficiente saber yorubá, por exemplo, para um branco sentir a força do orixá e se sentir ocupado por eles ou pelos encantados dos indígenas. Ele poderia ser ocupado, mas não se livraria da máquina da branquitude pensando nele, a menos que conseguisse efetivamente desaprender a pensar como branco e isso levaria uma vida e essa vida teria que ser fora da Universidade. E esse processo também poderia ocorrer num preto ou indígena, caso um ou outro também não revise a engrenagem da branquitude nele. Porque essa engrenagem colonial é também a engrenagem da cultura capitalística. É todo edifício em que a vida na sociedade se ergueu desde que se inventou a cidade, a população, as oligarquias, o Estado e a democracia. A diferença é que o preto e o indígena tem para onde retornar suas forças, para retomá-las nesse agora e, quem sabe, mudar o cenário, desde que não repetisse a lógica do homem ocidental e seu olho

socrático-platônico. O branco não. O branco busca suas origens numa abstração letrada chamada cristianismo. Quando muito, busca combatê-lo indo em outra abstração chamada Grécia antiga, com os pré-socráticos ou o saber do aedo, com os estóicos e epicuristas, com o budismo, no oriente. Ou na Alquimia. E.L.A mesma fez essa busca na tentativa de achar pontos de interligação em algo que escapasse desse endereçamento da branquitude, acreditando encontrar signos que comunicam outros mundos por detrás das formas vencedoras porque lhe falta a cultura da oralidade que foi apagada pelo platonismo e com mais força ainda pelo cristianismo e com isso perdera a dimensão do sagrado pensado a partir do panteísmo. Na ausência desse saber da oralidade, busca escapar das abstrações pela sensibilidade daquilo que sua pele já escutou e que é escutada n.E.L.A no modo como seus sonhos se expressam, nos encontros dessa pele com o ínfimo, nas canções e sons de tambores e das matas com seus ouvidos e nas intensidades que percorrem seu corpo nesses encontros, abrindo-o para outras temporalidades do espírito que E.L.A sente como se já estivessem presentes na história, nesses pontos longínquos onde busca respiro e que retornam aos brancos pela via poético-artística. De todo modo, não busca no saber do povo que foi colonizado, nas forças que também foram apagadas na história de nossa cultura enquanto brasileiros, porque sente que não pode e não deve, precisa saber o seu lugar e parar de exercitar uma prática comum da branquitude que é a do roubar, só porque sabe que não será preso ou silenciado por isso. Precisa desaprender a aprisionar o devir, esse real outro da diferença, com suas "boas intenções" de ordem, colocando seu saber, sua solaridade (pois ele se acha capaz de fazer jorrar luz) na noturnidade dos sonhos indígenas ou no apagão dos sentidos provocados pelos orixás. O branco é uma questão da cor de uma pele que se apresentou como

vencedora na história do ocidente, repelindo outras tonalidades, mas também um modo de habitar a vida através dessa tonalidade ou um modo de se servir das engrenagens que se construíram em torno dela (branquitude) e que vem envenenando a todos. Essa tonalidade vencedora carrega o olho socrático -platônico em nós, modulado mais tarde pelo olho do cristianismo em nós e, posteriormente, o olho do capital em nós. Decalques do devir reativo por onde nossa cultura caminha. Inevitavelmente por ser branca, pensa E.L.A, habito a vida enquanto branca porque o tom de minha pele me salva de dores-cicatrizes incuráveis e repetidas em todos os espaços que venha a frequentar, os efeitos do meu circular no mundo é completamente distinto dos de um preto ou indígena, independente de minha condição social, colocando-me na roda do mundo sem ter escolhido girar nela assim, mas desfrutando disso sem questionar tal desfrute, porque não era uma questão para mim. Só se torna agora, já estava passando da hora! Nossa cultura, a cultura da branquitude, capitalística produz a ideia do preto como um mesmo. O preto é objetificado num registro do negativo, de modo que quando se olha um preto, há uma reação de defesa contra ele "automática", imaginando-se que sempre se trata de um mesmo ser, de uma mesma essência passível de crimes. O branco bem intencionado dirá, em seus trabalhos, que é fruto da desigualdade social, mas com isso o mantém dentro das essências, não percebendo que a desigualdade é efeito de algo anterior, o racismo e essa ferramenta racista de defesa contra esse negativo nos é dada pela cultura, nos subjetiva, tal como E.L.A vinha aprendendo com Vanessa Menezes de Andrade e se apresentou de forma translúcida na casa-DNA. Nossa defesa psíquica não é um dado natural, mas um produto desse modo de subjetivação. Em relação ao indígena, também não suportamos a ideia dele circular entre nós, como se fosse refém da mata incapaz de civilidade

entendida como moral burguesa dos brancos. Contra ambos se ergue a máquina da morte, que algumas vezes alcança também outros que os defendem, sobretudo na Amazônia, no caso dos indígenas. Mas será que quando a gente entende como essa ferramenta é produzida e tenta quebrá-la dentro da gente, conseguimos largar a branquitude se ainda nos mantivermos dentro da engrenagem dela - e isso para pretos e brancos? Porque o mesmo é a branquitude. O mesmo é o cristianismo que casado com a lógica do capital em seus primórdios forneceu as ferramentas para a colonização, para todo o processo de subjetivação colonialista. O mesmo é a engrenagem que carrega o que nos estrangula. E esse exercício nos permitiria falar de um outro lugar? Seria possível a um branco viver num quilombo? Ou viver numa comunidade indígena se ele não se submetesse a essa cultura e passasse a se desenhar a partir dela? Fazer pesquisa e extrair dados certamente não! A menos que mantivesse respeito ao sagrado desses espaços, levando-os a outros somente com o consentimento da comunidade que filtraria o que pode ou não ser escrito... Ou então, ser sensibilizado pelos signos sensíveis que escapam dessa tensão e, a partir do encontro com eles, fazer com que a pele nos subjetive por outras vias poético-artísticas indicando afinidades espirituais que interligam a memória mundi ao nosso respirar.

No entanto, lembra de uma fala proferida por sua amiga em que dizia que o branco acha que pode resgatar sua ancestralidade afro ou indígena, mas se esquece que o preto não consegue reivindicar sua ancestralidade européia quando, no seu sobrenome aparece menção a isso! Não pode porque continuará sendo pensado como aquele para quem se abre uma exceção caso prove seu valor aos brancos. Pode reivindicar um papel, uma lei, mas não uma incorporação na cultura do branco que nasceu e continuará sendo a partir da

violência contra ele. De todo modo, E.L.A não podia negar que as ferramentas que povoam seu pensamento a ajudaram a incorporar esses questionamentos na sua sensibilidade, de modo que lutar contra a branquitude seria lutar contra epistemologias que a reforçam e não contra todas as epistemologias...A questão era muito mais ligada às engrenagens da branquitude, o que as mantêm e/ou o mau uso das ferramentas que poderiam fazer diferença desde que os corpos que as carregassem fizessem dela uma vida encarnada neles, um modo de existência e não um status ou uma mercadoria a ser ofertada no comércio das ideias. E também não podia esquecer que seu corpo foi sensibilizado pelo que vinha aprendendo com as novas leituras que chegavam vindas da antropologia ameríndia ou dos escritos de escritores pretos. Entretanto, havia uma diferença entre ser sensibilizada, mostrar esse encontro sensível nos escritos e as transformações que tal sensibilização produziu neles, e achar que, a partir do que se lia podia se falar largamente sobre o lido com a mesma propriedade daquele que, em sua vida, exercitou esse domínio como modo de vida. Ou achar, ainda, que qualquer um pudesse ser especialista em outras culturas na Universidade, fosse ela pública ou privada, caindo na armadilha de produzir especializações sobre elas que, dessa maneira, se transformariam em mercadorias do capital financeiro e capestalístico-sucupira que, diferente da planta sucupira não cura "inflamação"<sup>106</sup>, antes a gera. Então, o assunto era muito delicado e merecia muita atenção. De todo modo, o recado que ressoava n'E.L.A era algo que aprendera lendo Clastres, mas que E.L.A sentiu melhor escutando Krenak, de que precisávamos aprender com os povos originários que nunca quiseram instituir um governo e por isso se expressavam como sociedades sem Estado e contra o Estado. Talvez todos nós precisássemos dialogar mais com essa sabedoria para não cairmos na



armadilha da repetição da branquitude em nós e do insuflar de uma guerra entre pessoas, típicas da lógica da branquitude.

Essas indagações passavam a adentrar em seu corpo, mas, como estava agora em Brasília, não podia acompanhar todo o desdobramento do jogo de forças na Academia de perto. Seu perto agora era outro! Uma pena porque o grupo de orientação que fazia parte lhe oferecia o ar que lhe faltava e lhe ajudava a criar indagações para si mesma, como as descritas acima. Nele a tônica da diversidade acompanhava os diversos tons encarnados nos corpos somada a uma força hercúlea para fazer falar a diferença na escrita acadêmica. Mas tais indagações tiveram um disparador mais consistente num sonho que teve, mas, certamente, ele aparecerá em outro momento. Aguardemos a hora dele pedir passagem. Mas é importante ouvirmos algo que aprendera com Heráclito: como alguém escaparia diante do que nunca se põe?<sup>107</sup>

\*

## **BRASILIA DF/ 2017-2019 – Um laboratório do nojo Niteroi 2021-2022**

Trilha sonora inicial: Linha do Equador. Djavan

[https://www.youtube.com/watch?v=B\\_46wQXQaBs](https://www.youtube.com/watch?v=B_46wQXQaBs)

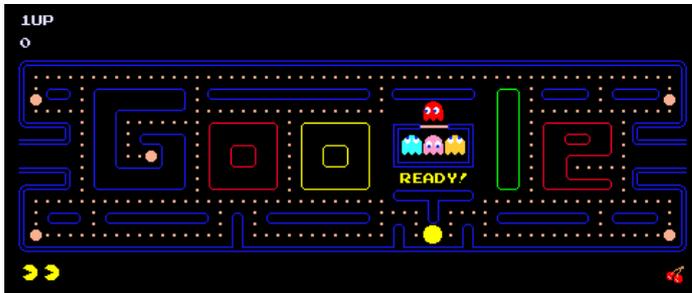
"Céu de Brasília, traço do arquiteto....

Comecemos de novo. E.L.A sente os movimentos nefastos de um tipo de mundo que a comprimia em uma nova caverna, mas o quantum de força que trazia em sua relação mágica com os signos sensíveis e a construção de diversos corpos ao longo da vida alargavam a fina pele de seus sonhos e abria seus ouvidos para os perigos que precisava afastar de si afim de manter-se com saúde.

Sua companheira havia conseguido um trabalho num órgão autônomo de combate a violações dos direitos humanos, chegando em Brasília em 2017. Como

conhecia uma menina nessa nova cidade que trabalhara com ela em outro projeto, no RJ, mas agora era funcionária concursada e trabalhava nas entranhas do Centro de Brasília, encontrou pouso na casa dessa amiga e, uma semana depois, já havia conseguido alugar um apartamento. Enquanto isso, E.L.A permanecia no RJ por conta do doutorado e só vai ao encontro de sua mulher no final desse mesmo ano.

Na sua primeira noite, na cidade, teve um sonho que foi um pisca alerta para E.L.A. Olha a cidade do alto, de muito alto. Como se a sobrevoasse. Via então uma espécie de vídeo game antigo, no estilo pac man, um joguinho dos anos 80 em que uma boquinha animada tinha que percorrer um labirinto, onde havia pontinhos que essa boquinha tinha que comer. Ganhava o jogo quem conseguisse comer todos os pontinhos sem ser devorado por um fantasma que saia do centro do jogo e andava nos espaços estreitos onde tais pontinhos cintilavam. Podia conseguir devorar o fantasma caso encontrasse pastilhas rosa no canto do labirinto e as devorasse, momento em que a boquinha ficava energizada e, por alguns instantes, revertia a jogada, podendo, inclusive, comer o mostro. Mas esse poder durava pouco. Procura a imagem do jogo no google :



Mas ela observa que a estrutura do labirinto era diferente. Parecia uma estrada-engrenagem em que um bonequinho

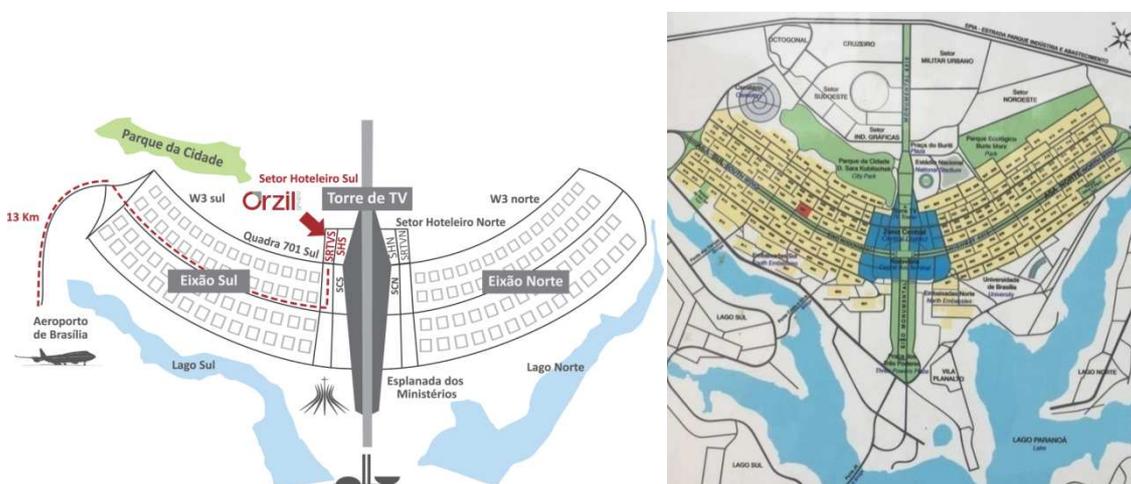
vestindo uma roupa branca com gravata preta, no estilo playmobil  seguia pontilhados amarelos que estavam marcados no asfalto, como se deslizesse numa esteira que seguia em direção a um centro. Quando chegava nesse centro, que era uma estrutura dentada redonda parecida com a de um relógio, o bonequinho voltava para o mesmo lugar que estava no início porque era conduzido a deslizar agora na direção oposta, onde encontrava outro círculo que o jogava de novo na mesma esteira anterior. Ao longe e do alto, o que se via era uma estrada em linha reta, tendo no meio essa estrutura circular; como se houvesse caminho além desse centro. Mas, na

movimentação do bonequinho, esse além não existia, era uma ilusão do alto, então ele estava fadado a jamais sair do lugar e repetia o mesmo movimento infinitamente até a exaustão. E vários bonequinhos faziam o mesmo movimento.

Ao acordar desse sonho, E.L.A imediatamente pensa: Brasília é o eterno retorno do mesmo! Como achar a diferença aqui? Vou virar esse bonequinho? Quero não! Acho que esse sonho é um aviso para que assim que eu perceber que eu e minha companheira estamos virando esse boneco, precisamos fazer as malas e ir embora! Pela esquerda, em direção ao aeroporto!

**A cidade não a decepcionou. Encontrou exatamente o que seu sonho lhe mostrou.** Enquanto sua companheira ia trabalhar, E.L.A ficava em casa. Ficou confinada um ano e meio no apartamento porque, naquela cidade, as pessoas não se visitavam e até essa amiga que acolhera sua mulher e era carioca agia assim. Seu confinamento também se deu porque queria se dedicar a escrever a anti-tese. Aos poucos percebera que esse modo de habitar a cidade parecia característica daqueles que pertenciam as asas Norte ou Sul do Plano Piloto, a classe média com ares de elite de lá que agora E.L.A fazia parte. Os ricos mesmo moravam no setor das mansões... Nesse lugar o silêncio era abissal. Parecia que não havia crimes, passarinhos andavam na rua junto aos poucos passantes que caminhavam, mas, na realidade, tudo parava depois das 18 horas tão logo anoitecia, todos estavam em suas casas, ninguém andava nas ruas, daí a sensação de tranquilidade. Muitos que moravam ali residiam em imóveis funcionais destinados a deputados federais<sup>108</sup>, mas moravam também militares de média patente aposentados, ou pessoas que de uma forma ou de outra tinham alguma relação com um dos Poderes, seja prestando serviços de consultoria, intermediados por editais de organizações internacionais como, por exemplo, a ONU ou ainda professores da UNB ou ainda pessoas que trabalhavam em projetos vindos de emenda parlamentar ou outras variedades de combinações. Ou seja, as asas sul e norte eram alimentadas pelo Centro da cidade onde o capital político e econômico girava produzindo o ambiente do que se chama Plano Piloto. Tanto que antes de se chamar Plano Piloto de onde partiam as Asas, era chamada de região administrativa. Para chegar nas asas era preciso seguir o esqueleto do eixo rodoviário porque era por tal eixo que os funcionários dos prédios e terceirizados das empresas ou dos diversos setores administrativos ali existentes deveriam chegar em seus trabalhos. Os

moradores dos planos, não, estes tinham carro ou se serviam de uber! E, nas asas, a circulação de ônibus era escassa... As asas substituíam as esquinas, talvez por isso não houvesse encontros, E.L.A pensa. Brasília tinha quadras embaixo de cada asa. Não havia, portanto, ruas! Dai a sensação de tranquilidade... O mapa para se guiar na cidade era em formato de avião e, para se saber onde se estava, era preciso situar os eixos desse avião, o EIXÃO- onde ficava a rodoviária e onde se via o desenho das asas (norte e sul) cortando O EIXO MONUMENTAL (corpo do avião e centro do Plano Piloto de onde parte uma grande avenida ligando leste (cabine do avião) a oeste (cauda do avião)). Quanto mais perto desse centro, mas caro os imóveis. Na cauda, seria melhor dizer rabo desse avião, à direita, ficava a Esplanada dos Ministérios e no seu "fiofó" a Praça dos Três Poderes! O aeroporto ficava à esquerda, bem longe desse centro....



Outro aspecto que lhe chamava a atenção é que os crimes eram abafados, afinal, um guarda jamais saberia se estaria enquadrando um funcionário ou o filho de algum político, então, fumar maconha, por exemplo, acontecia sem o menor risco de flagrante, mas se ocorresse fora do plano, saía no jornal e o indivíduo seria encaminhado para Audiência de Custódia, na melhor das hipóteses. A arquitetura das ruas, separadas por quadras e recortadas por tesourinhas, círculos no meio da estrada que, muitas vezes, nos fazia errar o caminho e voltar para o caminho anterior, girando em círculos, facilitava a circulação de carros, mas não o encontro das pessoas, embora houvesse muitos restaurantes. Porque todos eram planejados dentro da própria quadra, sempre perto, pertíssimo de onde se morava, de modo que se podia ir a pé até eles, mas os preços eram altíssimos. Todas as quadras se pareciam, de modo que não havia charme nelas, afinal, não se encontra charme na mesmidade. As pessoas até se

encontravam após os trabalhos ou para almoçarem juntas, nos locais próximos a ele, mas para falar de trabalho. Talvez por isso não se visitassem, pensa E.L.A...Até porque, quando tinha fim de semana, essa parte da cidade se esvaziava tal como o Centro de onde a vida dessas pessoas era desenhada, feriados então...Como se a vida fora do trabalho só pudesse ocorrer em outras cidades, de modo que viajar nos fins de semana ou feriados era uma constante para essas pessoas.

Quase todos tinham carros, do porteiro ao funcionário dos Ministérios. As pessoas não davam bom dia umas as outras. Vizinhos não se conheciam. Tudo girava em torno do trabalho-casa/casa-trabalho. E, o mais estranho era que as pessoas que ali moravam não necessariamente nasceram em Brasília, a maioria vinha de outros Estados. Mas pareciam ser capturados pela secura do lugar, embora a paisagem fosse bonita e muitos pássaros, dos mais diversos, circulassem. Quando se ligava a TV os noticiários eram: cobra apareceu no lugar tal, invasão de abelhas no lugar tal, escorpiões encontrados na piscina da casa tal,etc. Parecia o globo rural. Mas, quando se tratava do que ocorria fora do Plano Piloto, as notícias eram: criminoso rouba ovo de páscoa da criança e a derruba do ônibus ou companheiro mata mulher ou outras violências ligadas as mais diversas formas de roubos. As pessoas que permaneciam em Brasília eram, em sua maioria, contratadas e enquadradas em DAS (cargo de assessoria comissionados) ou terceirizadas. As primeiras, tão logo seu contrato acabasse, afinal, a maioria entrava nos espaços quando um político x iniciava seu mandato, ou o Ministro da Justiça X começava o seu, podiam perder o seu emprego inicial, mas não demorava muito para arranjar outro, sobretudo se a pessoa se tornou visível o suficiente nos espaços de Poder, se adicionou nomes chaves na sua agenda de contatos. Ai conseguia uma indicação para entrar em outro projeto e depois em outro e em outro. Não precisava ter feito necessariamente um trabalho bom, só precisava dessa senha de contatos para se manter circulando de um lugar a outro, de um cargo a outro, no entanto, girando na mesma lógica. As segundas, terceirizadas, muitas vezes ficavam sem receber por uns meses quando uma empresa que conseguia licitação e a partir dela, incorporava terceirizados no setor, não cumpria exigências e ai, precisava ser substituída por outra que poderia incorporar os mesmos ou quase todos os funcionários da empresa anterior alguns meses depois e todo mundo naturalizava isso, mesmo que, tão logo outra assumisse, seu cargo mudasse e ela viesse a ter diminuição

salarial ou fosse deslocada de setor. Muitas das licitações aprovadas para empresas x tinham problemas, mas mesmo assim venciam o "leilão". Essas que venciam geralmente tinham alguma ligação com algum político. Ninguém se questionava sobre o lugar de onde vinha o dinheiro para a sua contratação, só queriam permanecer naquele lugar sossegado, mesmo que para isso, precisassem ter o espírito em desassossego ou anestesiassem tal espírito. O mesmo em relação aos comissionados. Talvez por isso, não saíssem de casa! Outros, para vencer o desassossego, em muitos fins de semana viajavam para suas cidades natais. Única forma de suportar a *secura* dos maus encontros com a cidade e consigo próprios. Havia também os concursados. Estes costumavam ficar mais tempo num mesmo setor e isso gerava conflito com os comissionados, posto que, se por um lado conheciam melhor o espaço, por outro, podiam estar cronificados pela temporalidade mais alargada da engrenagem agindo neles, dificultando a comunicação institucional. Os mais saudáveis buscavam deslocamentos e muitos conseguiam quando seus chefes iam trabalhar em outras áreas e os convidavam ou simplesmente pedindo redistribuição, quando alguém tinha interesse de troca de lugar, talvez pelos mesmos motivos. Esses viviam em Brasília e talvez fossem os que mais se fechavam aos encontros, mesmo os nascidos em outras cidades. Brasília produzia uma subjetividade caverna naqueles que viviam em suas asas ou nos pontos próximos a ela, porque depois veio a saber que os espaços malvistas que passavam na TV tinham pessoas mais interessantes, que produziam encontros, mas, infelizmente E.L.A não teve a sorte de experienciá-los. E.L.A, para dar conta dessa *secura*, se agarrava ao céu de Brasília. Também se agarrava a joaninhas, aranhas, passarinhos que a visitavam em casa ou a árvores, que via da janela ou quando vencia o desânimo e circulava na quadra... No entanto, conseguiu fazer alguns amigos, poucos, mas especiais e aconteceram escutas radiofônicas maravilhosas. Uma delas foi ser abraçada por joaninhas no mesmo dia em que teve o sonho sobre a cartografia da cidade. Ela estava dormindo com um baby doll que tinha um desenho na frente de uma joaninha gigante. Ela amava joaninhas! Vestida assim, de joaninha, acordou sobressaltada com o sonho, com esse sonho, mas também sentiu que algo andava em seu braço e repousara em seu ombro. Acendeu a luz, olhou para o ombro direito e lá estava uma joaninha vermelha. Certamente foi lá para acalmá-la. Ofertou sua mão esquerda para a joaninha e ela aceitou a oferta, saltou para sua mão. Ela



levantou a mão e ficou olhando-a por um tempo, admirando-a. A joaninha parecia não ter pressa de ir embora, ficou ali, parada e olhando para ela também. Ela então a levou para a janela e disse: pode ir, amiga, estou mais calma. Ela abriu as asinhas e se foi. No dia subsequente, estava na sala vendo Tv a noite e uma joaninha entrou pela janela e ficou andando no teto, bem acima de sua cabeça, fazendo um movimento quadrangular. Ela acabou dormindo no sofá porque se sentiu



protegida ali, pela joaninha. A escuta do ífimo sempre a socorreu. Em algum momento certamente falará mais sobre isso, mas não agora. Agora ela apenas pincelará delicadezas que apareciam para E.L.A como dança do meio dia das forças contra a meia-noite das formas assustadoras daquele presente niilista reativo, cujo refrão da decadência em estado pleno surgiria dois anos após sua chegada a cidade...Meio dia e meia noite, lampejos de sensibilidade poético-política, que, no entanto, como aprendera com Heráclito, formavam Deus, mas se altera como o fogo quando se confunde à fumaça, recebendo seu nome conforme o gosto de cada um<sup>109</sup> ou, como diria Nietzsche, inspirado nele, expressavam variações da vontade de potência imbricadas num mesmo movimento. O corpo d'E.L.A, somente agora, tinha condições de incorporar esse processo n'E.L.A, mas afirmando outros aprendizados, outras experiências que já existiam nele virtualizadas ....

Também tirava fotos de algumas belezas encontradas na quadra onde morava:



E do céu visto de seu apartamento:



Fez amizade com uma gata chamada Dora:





Foi a passeatas...



Mas, no dia da posse do presidente Jair Verme Bolsonaro, em janeiro de 2019, outro acontecimento interessante se deu, tão interessante quanto o coice que o cavalo branco deu no carro dele, no desfile que passava na TV e logo virou meme.



E.L.A tinha uma pequenina espada de São Jorge plantada perto da janela. De repente olhou para a terra e viu surgirem pequenos cogumelos que não estavam ali no dia anterior. Tirou foto, postou no Instagram com a seguinte legenda: Apareceu de repente no vaso. Será uma visita de Lewis Carroll ou um aviso de que agora em diante vamos alucinar ou ainda, só alucinando para agüentar o que está por vir? Nessa época também as joaninhas foram lhe visitar, ainda bem!



No meio de tudo isso, lembrou de um sonho que teve em 12 de novembro 2018, alguns dias após vitória do verme no segundo turno no qual estava muito irritada. Mas não lembrava os detalhes, só sabia que o tinha enviado, por escrito, a uma amiga e que ele seguia um rumo inesperado. Procura entre os e-mails e resolve compartilhá-lo:

Queria compartilhar um sonho que tive de ontem pra hoje, que me ajudou a fazer alguma digestão do presente. Antes, é importante fazer algumas observações. Primeiro uma observação: O tempo, ou melhor, a experiência da temporalidade nos corpos depende do modo como circulamos e nos deixamos circular pelos acontecimentos e pelos afetos que se desprendem nesse encontro, de modo a permitir que todas as dimensões do tempo se façam presentes. Entendi bem isso hoje quando tive um sonho que me remeteu ao presente, mas, tão logo acordei, embora o sonho me incomodasse, surgiu a lembrança de uma música que me remeteu ao passado e, sem que eu percebesse, ela também apontava para o futuro, como uma forma de ultrapassar as forças do presente. Ela se fazia futuro em mim, para os meus afetos e só entendi isso quando a associei a interpretação que dei ao sonho e ela, a música me mostrou que todas as dimensões do tempo se movimentaram juntas, em nós, e, nesse estado, os afetos se deslocaram. Isso fez com que eu voltasse a ter vontade de escrever (não conseguia fazer isso a meses...)

Eis o sonho, que deve entrar na tese:

Eu estava numa espécie de garagem de um prédio aqui em Brasília (é meu segundo sonho em que essa cidade aparece). Havia tigres ( ou onças) em cima de uma pilastra da garagem e gatinhos filhotes andando no chão. As onças estavam com vontade de

caça e seus olhos eram assustadores. Havia filhotes de onça no chão também. Um deles pega um gatinho e o abocanha e eu queria salva-lo, mas percebo que não tinha como combater o instinto animal. Tinha que aceitar que o gatinho ia ser devorado. Nisso, aparece o "coiso"...

Algo acontece com ele. Vejo-o passando muito mal. Estava sozinho e encurvado de dor. Projetava seu corpo pra frente e cobria a barriga com as mãos. Estava com muita dor. Percebo que podia morrer se não tivesse ajuda humana. Nisso aparece um cara mal encarado, de cabelos longos, branco e com aparência suja, que está num carro preto, como se fosse um motorista particular, mas tinha feições de um homem do século XIV (isso porque tenho assistido a uma serie dessa época, muito sanguinolenta por sinal)

Ele não tem a menor sensibilidade para ver que o coiso estava mal e começa a discutir com ele.

Eu pergunto se ele, o coiso, sabia o endereço de seu apartamento funcional.

Ele não sabia,.mas eu sabia que era na 202 norte, perto da minha casa. ( Isso é real, ele fica perto da minha casa!) Nisso a minha mulher tá junto e eu peço a ela para chamar um uber, mas que eu ia junto levá-lo até a casa dele. E peço o celular dele para ligar para os filhos e pedir por segurança.

Acordo puta comigo porque como eu poderia ajudar a um sujeito tão asqueroso? Não é possível que nem meu inconsciente permita-me matá-lo!!! Vingá-lo!!! Fico puta comigo! Muito puta e com dificuldade de dormir novamente. Até porque desperta, eu tenho altas fantasias malignas, com riqueza de detalhes, mas meu inconsciente é mais generoso que meu consciente!

Fico a pensar sobre isso e ai entendi que talvez tenha me prontificado a cuidar do cara em sofrimento porque ele nada mais é do que aquilo que nos tornamos e que eu não me tornei isso. Que em estado de consciência, é a moral reativa que fala em mim, mas, em nível mais profundo sei que ele é nada mais, nada menos do que o efeito da história que nossa cultura escolheu trilhar e que toxinas como ele precisam, infelizmente, estar visíveis para que nos curemos ou não do que criamos como vida. Sonho trágico, no final das contas, mas sonho crítico-clínico.

E só consegui entender isso quando sentei aqui pra escrever. Enquanto te escrevo uma musica fica me chamando, "nu com a minha música" . Ela ficou no meu ouvido antes de te escrever e está aqui durante a escrita, sobretudo a parte que diz: "Vejo uma trilha clara pro meu Brasil, apesar da dor. Vertigem visionária que não carece de seguidor Nu com a minha música, afora isso somente amor . Vislumbro certas coisas de onde estou".

Ai, imediatamente entendi o sonho. Me arrepiei e me emocionei. Eu poderia ter feito vista grossa pro coiso no sonho e vê-lo morrer, mas algo em mim sabia que não podia alterar isso na história, tal como não podia defender o gatinho da onça. E que esse pensamento-gesto não implicava em naturalizar as coisas mas entender o processo em curso. Processo inevitável das escolhas da cultura que estão para além de mim e não é matando o cara que tudo desaparece porque as forças que estão ai nele, se presentificando nesse corpo, é uma ocasião para pensarmos no processo global. Como um planeta-corpo eliminando suas toxinas. Cabendo a nós encontrar antídotos para respirar desde as montanhas de nosso espírito. Para tanto, necessitamos eliminar de nós a vontade de vingança. Ela só mantém as mesmas engrenagens em curso.

O que é disseminado no whatsApp (campanhas políticas novas, novo ethos da verdade) virou uma forma de pensamento...não, chamar de pensamento é uma ofensa ao pensar, mas uma forma de ver o mundo e senti-lo a partir de um corpo governado por afetos de ódio pela vida. Essa subjetivação em curso não surgiu agora,

ela veio sendo alimentada pelas grandes corporações no início do século XXI, mas é muito anterior, é o desenho niilista de nossa história sem máscara e sem culpa nenhuma... Mas, nesse momento, estamos diante de uma nova dobra geopolítica em que governar é nacionalizar e inventar uma identidade. Para tanto, a dinâmica do poder se desenha fechando fronteiras e eliminando o que é diferente. Sendo que momentos antes, o poder se configurou como amplificado a partir da expansão das fronteiras e pela incorporação. Acontece que não há mais território a ser incorporado, só o da subjetividade, Guattari já falava isso nos anos 80. E, nesse presente, nesse movimento de fechamento dos países neles mesmos, há a produção de um novo individualismo de uns contra os outros, uma nova faceta da guerra internalizada e espetacularizada mas onde, os soldados somos nós atingindo outros de nós, sem percebermos, não somente o estrangeiro, mas os que se comportam estrangeiramente. As vezes os soldados são nossos aliados ou as vezes esse soldado age em nós, se transforma em nosso desejo de vingança.

Beijos

PS: O sonho não saiu de mim ainda e espero que ele não me abandone. Ele é uma espécie de oráculo que preciso cultivar com oferendas para que me sinta protegida e mantenha meu espírito vigilante.

Sinto imensamente saudades de nossos encontros. Mas a gente vai se falando por aqui sempre que o espírito fraquejar ou simplesmente para sabermos que abraços, que a existência de braços que nos confortam, são a melhor maneira de estar no mundo. Mas, se mesmo assim a tristeza chegar de mansinho, busquemos forças no humor. Escute o áudio:

Ouvir

aqui:

[https://mega.nz/file/ngkQhDTJ#hiJ5j6elh6nWD6xamVs8JU3WMocMk\\_LpOZgjMR6QpLQ](https://mega.nz/file/ngkQhDTJ#hiJ5j6elh6nWD6xamVs8JU3WMocMk_LpOZgjMR6QpLQ)

Mas, a entrada desse presidente fez com que sua companheira e seus parceiros de trabalho fossem exonerados a fórceps, através de um decreto emitido em junho. De uma hora para outra perderiam a casa e, para manterem-se lá, agora era E.L.A quem precisaria entrar numa das veias desse sistema.

Porém, antes, tenta disputar uma vaga numa universidade particular de lá que estava com edital aberto. Era para dar aula de fenomenologia e E.L.A entendia bem desse riscado por conta de sua formação inicial em fenomenologia existencial na época de sua graduação, chegando a levar, junto de seu grupo, um prêmio com o trabalho Hermenêutica e Clínica psicoterápica, pelo trabalho que desenvolveram com seu supervisor de clínica na época da graduação. Foi, na verdade, o primeiro projeto de pesquisa que participou!

Disseram para E.L.A que a tal universidade era avançada. E.L.A resolve se inscrever. Manda e-mail com currículo e recebe o aceite para participar do processo seletivo. Prepara uma linda aula, que começava com um conto de Clarice Lispector, chamado "Não sentir", que E.L.A escreveu no quadro e, a partir dele desdobrava a aula em torno dos principais aspectos da fenomenologia-existencial heideggeriana, mas também dialogando com Foucault e Nietzsche. E.L.A não passou e soube disso por e-mail no qual diziam que E.L.A não estaria alinhada as necessidades da instituição. Mas, o mais curioso é que no dia da aula, a coordenadora do curso que estava presente havia dito que tinha adorado a aula e que entraria em contato com E.L.A para a próxima etapa do concurso que seria a entrevista que ocorreria 2 dias depois. Na prova havia três professores da casa. Uma não prestava atenção a nada do que dizia, outro não tinha expressividade alguma e uma outra, que era foucaultiana, e que E.L.A conhecera a pouco tempo e havia simpatizado, que ficou surpresa ao vê-la lá, como E.L.A também, porque não sabia que estava dando aula lá, prestava atenção, mas tinha uma cara estranha, como se tivesse com medo e tinha um bloco onde fazia muitas anotações. Foi a única que lhe fez uma pergunta que foi: "Você usou Foucault, Nietzsche, Heidegger e Clarice. Você acha que alunos entenderiam?" E.L.A disse que sim, pois estava trazendo conceitos-chave desses autores mas de forma poética e sensível, encarnada na vida e que, se estivesse diante de alunos, haveria perguntas e aí E.L.A teria a oportunidade de esclarecer qualquer coisa que estranhassem, como na sua experiência de docência anterior, no Rio de Janeiro, em que na disciplina Psicopatologia Fundamental usava esse mesmo conto e esse mesmo destino e os alunos respondiam bem. Mas que ali, naquele momento, como a aula era para uma banca, de professores doutores, não achava que

precisaria dar muitas explicações. Então, não entendia qual era o problema. Ai a professora disse: "sua aula parece um artigo". Donde E.L.A responde: "grata pelo elogio, talvez vire, mais ai eu teria que ser mais acadêmica ainda, porque aqui, nessa aula, tenho a liberdade de não ficar citando nada, apenas apresento discussões, alguns conceitos e os relaciono a vida numa perspectiva fenomenológico-existencial. Acho que tá claro, não é?" A coordenadora assentiu com a cabeça. (Descobriu depois que essa professora havia lhe dado uma mordida, pois ela, que já era da casa, passou a dar a disciplina, tendo em vista que no edital havia margem para professores da casa participarem do concurso...o que não estava escrito nele é que tais professores também podiam ser banca...se soubesse disso não teria nem tentado, pensa e por isso não expuseram notas e nem nome de quem passou, soube, por outras vias, que tinha sido essa professora.)

No dia seguinte recebe um e-mail dizendo que infelizmente E.L.A não atendia as necessidades da instituição e que já tinham encontrado alguém para a disciplina. Donde respondeu que lhe parecia estranho o processo seletivo, pois como poderiam ter encontrado alguém antes de finalizar todas as etapas do concurso e ainda por cima com a coordenadora tendo gostado da aula d'E.L.A? Finaliza o email dizendo que até caberia um processo, mas diante dessa resposta E.L.A mesma não desejava entrar para o programa porque realmente não lhe interessava em se alinhar as necessidades da instituição.<sup>110</sup>

## O eterno retorno do espírito de vingança: as engrenagens do Judiciário

Trilha sonora: Jonh Cage Imaginary Landscape No. 4: March No. 2 (1951)

<https://www.youtube.com/watch?v=0GeiEjLStA>

E.L.A sente sua trajetória e relembra que há vinte quatro anos atrás havia sido estagiária num Juizado, na época de sua graduação. Essa recordação saltou-lhe no peito porque agora, morando em Brasília, se via novamente inserida no universo jurídico, como terceirizada, com uma carga horária de 36 horas num pequeno espaço desse universo. Era perto da sua casa e podia ir andando a pé.

O cargo que ocuparia era supostamente de "revisora de texto", tal como constava no seu crachá de terceirizada. A empresa responsável pela terceirização trabalhava com conservação e limpeza (mas já no primeiro mês descobriu que essa empresa era mais suja do que pau de galinheiro, não pagou os terceirizados, foi tirada da jogada e seria substituída por outra). O retorno a esse espaço atualizou seus afetos de outrora e lhe mostrou o círculo eterno do retorno das forças nefastas. Mas, agora ainda piores do que as de época de graduação talvez porque agora ela não tinha mais ilusões e seu olhar era de águia com uma serpente enrolada no pescoço<sup>111</sup>. Tal olhar lhe mostrou que ali havia o eterno retorno do mesmo e sua percepção foi tão rápida que ela pediu demissão em menos de 2 meses de trabalho para convalescer no lugar de adoecer.

Na pré-entrevista com o chefe de gabinete que era um comissionado, e que E.L.A pensava que seria seu chefe, de forma clara, apontou o funcionamento do setor, suas dificuldades e principalmente a tensão entre dois funcionários em torno de um material que envolvia uma atividade específica que não deslanchava por conta dessa tensão. Um dos funcionários, que ocupava um cargo técnico

administrativo e era concursado, tinha várias funções (muitas delas envolvendo tecnologia), como também era responsável pela condução dessa atividade específica, porém não trabalhava na ponta, de modo que tinha pouca sensibilidade pra ver pessoas, só via dados. Era o funcionário ideal para o plano de metas em termos quantitativos, mas não para os qualitativos. Tudo para ele se resumia a planilhas e mais planilhas. Era também responsável pela condução do trabalho dos estagiários de direito que existiam lá. Já a outra funcionária, cedida para aquele espaço por um tempo específico de dois anos, queria fazer um trabalho sensível com o material e com os estagiários e os dois estavam sem se falar. Quem sabe, E.L.A, como psicóloga, poderia resolver esse impasse, mediar esse conflito? Essa era a demanda inicial daquele que E.L.A achava que seria seu chefe. Deu-lhe muitas coisas para ler, pediu que assistisse a uma audiência na Câmara porque esse assunto era muito importante. Essa audiência foi de 3 horas e meia e tinha também a participação do governador do RJ, que, na época, era Witzel. Esse encontro foi muito tenso. Sua pele já se enrugava e, conforme adentrava no espaço, imediatamente percebeu que os problemas eram absurdamente maiores do que a "mediação de conflitos".

No primeiro dia, foi apresentada, ao Juiz principal, como pós doutora, doutora, Mestre e Psicóloga, também foi apresentada assim para coordenadores, assessores, para funcionários diversos, estagiários e para outro setor que funcionava em parceria com aquele. Acredita que apertou a mão de umas 30 pessoas. Só depois da titulação é que diziam seu nome. Essa sensibilidade que precisa da lisonja para sorrir produz n'E.l.A efeito inverso, dá vontade de vômito, faz a pele se contorcer, mas prosseguiu com sorriso amarelo



e apertos de mão. Entendeu que ali esse mecanismo deveria cumprir alguma função.

Mas, já nesse primeiro dia é avisada que o técnico administrativo, seria seu chefe direto. Todas as dúvidas deveriam ser tiradas com ele. E.L.A não sabia a quem "obedecer" porque recebia ordens de todos os lados. Não ficava claro quem era o chefe. Até porque pediam coisas completamente diferentes e, somado a isso, o chefe direto não a incluía no sistema, e aí E.L.A não tinha como aprender a usar a tecnologia. Disse para E.L.A que seu trabalho deveria ser o de mudar o site, atualizá-lo. Mas não ensinou como. E.L.A só conseguia visualizar o site, mas não conseguia mexer em nada para mudá-lo porque não tinha acesso ao sistema. Só muito tempo depois foi inserida no sistema. Tão logo foi inserida, precisava saber como acessar as ferramentas que geravam estatística, para que pudesse atualizar relatórios anuais que estavam muito atrasados e entregar mensalmente as estatísticas dos monitoramentos feitos ali, demanda do outro chefe que foi corroborada por este. Mas ele não ensinava a usá-las e ele era o único que detinha o saber tecnológico, de modo que além de não lhe dar acesso aos programas do sistema, porque os mantinha apenas no seu computador, também não os ensinava a usar, só dizia seus nomes para ela: o programa X extrai Y, o programa W, extrai Z etc . Mas ele dava acesso aos programas tecnológicos a estagiária de estatística que acabara de chegar, instalou-os na sua máquina e a ensinou a usá-lo. Se recusava a explicar a E.L.A e pedia que E.L.A tirasse as dúvidas com a estagiária da estatística. Mas a sala era minúscula. A mesa d'E.L.A ficava na frente da mesa da estagiária, colada. E.L.A então tinha que ficar em pé, espremida nas costas da estagiária para tirar dúvidas, já que a estagiária não podia vir a mesa d'E.L.A cujas costas eram levemente mais largas porque não tinha os programas

instalados no seu computador. Somado a isso o horário da estagiária era a tarde e E.L.A tinha que chegar as 8 da manhã lá e sair às 19 horas, porque almoço não contava como hora de trabalho. Já nesses primeiros dias chegou exausta em casa, como se a pele absorvesse, antes d'E.L.A, as doenças institucionais. E já começara indo a reuniões com sua pele entendendo tudo.

O chefe direto era simpático, oferecia docinhos para todos, fazia piadas ao longo do dia, mas, curiosamente, E.L.A percebeu que ele sempre almoçava sozinho. Quando solicitado para dar atenção a aspectos mais sensíveis do trabalho, ele não escutava e se insistissem, ele se irritava e era ríspido. Esse modo de funcionar, pensava E.L.A, deve ocorrer porque dentre todos ali, ele era o mais antigo no trabalho por ser concursado, porém, era técnico administrativo e não parecia que tivesse feito alguma formação em direitos humanos. Parecia que ele era um cumpridor de ordens cronificado na função de executar quantitativos, mas, como tinha um certo poder ali em função de ser concursado, não parecia querer se envolver com nada além das metas e parecia respeitar tão somente aos juízes. Será que novamente E.L.A estaria diante da engrenagem baiacu em ação, exercício de poder por ausência de potência? Não podia esquecer que E.L.A havia sido apresentada a todos com muita pompa por conta de suas titulações, e talvez isso tenha gerado desconforto no chefe concursado...Esse desconforto era visível também com outros membros, que, na sua grande maioria eram mulheres potentes e, com titulações.

Como as mesas ficavam coladas umas nas outras, quase não dava para andar e todos podiam ver o que os outros escreviam ou podiam escutar o que os outros diziam. Então, como forma de ter privacidade, todos usavam whatsapp para se comunicar e ai tinha vários grupos de whatsapp, alguns

com o juiz, outro com os chefes, outro só das meninas, outro com os estagiários, outros de terceirizados e vários outros grupos que iam se multiplicando. E, para não ficarem confusos com os barulhos que vinham da rua ou da sala, muitos usavam fones de ouvido, para ficarem mais focados no trabalho, mas tal recurso muitas vezes desfocava uns dos outros. Porém, como E.L.A gostava muito de música, o fone de ouvido muitas vezes a salvou. Também não havia janelas, somente nas salas dos juizes e não havia ar condicionado. Toda hora chegava um garçom com água para que ninguém desidratasse e também café, para se manterem ligados! Era uma loucura! Somado a isso, a roupa que as mulheres usavam precisava não ser sensual porque, até mesmo nos elevadores, todos aqueles engravatados de alto escalão olhavam para as mulheres de forma bem ofensiva, comendo-as com o olhos, sem o menor disfarce. E lá, embora tal olho não fosse assim, o dia a dia mostrava que funcionavam assim, por exemplo, silenciando as mulheres em reuniões (que eram a maioria lá) ou criticando alguma ideia de uma das mulheres, mas depois usando a mesma ideia na reunião com o juiz ou algum grupo importante e dizer que era sua ou ainda sobrecarregar todos com pedidos incompatíveis, muitos deles, talvez a maioria, que os "machos", em função dos cargos, deveriam executar, mas que eram demandados as mulheres, que, E.L.A não sabe como, conseguiam resolver, mas o mérito ia para eles.

Tudo isso impedia que as pessoas efetivamente pudessem trabalhar juntas- ia desde o espaço geográfico até o das relações hierárquicas, além de contar com essa epidemia machista em curso e o universo de punições que poderiam vir a qualquer momento, diante de qualquer deslize ou o medo de processo. E, mesmo havendo mais mulheres que homens, essas mulheres serem mais competentes, os cargos de chefia só caíam na mão deles. E havia muitos chefes porque vários

setores se misturavam; cada um querendo uma coisa distinta, mas todos tendo que se subordinar a alguns juizes, que por sua vez dependiam do trabalho das mulheres. Os homens davam ordens caóticas e, muitas vezes, aos berros e as mulheres davam soluções, sem levantarem a voz, mas sendo firmes. Em apenas 8 dias de trabalho já tinha ido a seis reuniões, desde micro-reuniões que duravam 30 minutos até as macro que duravam 2 horas, sem contar as reuniões de whatsapp. Já estava com vontade de sair correndo. Em alguns momentos fantasiava entrar num ônibus qualquer da rodoviária e ver para onde ele a levava e desejava que fosse longe dali! Em outros tinha inveja de quem trabalhava controlando a entrada e saída das pessoas ou servindo café. E em outras se lembrava de sua formação socioanalítica e sabia que quem entendia tudo que estava acontecendo ali era certamente quem servia café, logo, eram eles os reais analistas institucionais o que a fazia retornar para a primeira fantasia. Mas nem dava tempo de ficar nesse território da imaginação. Tinha muito trabalho para fazer e era só o começo. E já nesse começo sentia seu corpo contorcer. De manhã delegavam para E.L.A uma coisa. A tarde outra e no dia seguinte outra completamente diferente das anteriores, de modo que nada era possível de ser concluído. Não entendia qual era a sua função, quem era seu chefe, o que estava fazendo ali de fato. Toda essa tensão percorria seu corpo e, ao mesmo tempo, o tensionamento relacionado ao universo político atravessava todos os poros daquele lugar. Uma amiga lhe pergunta: "E ai, tudo bem"? E.L.A diz: "Estou organizando a semana para ver o tanto de coisas que já fiz e não ficar perdida e, no momento, uma das demandas está mais clara, mas vai tomar mais de um ano para ser resolvida e querem para a semana que vem (risos). Mas não dá para se animar, lá é Kafka a enésima potência! Mas, enquanto não sou enxergada pelos juizes, enquanto seu lobo não vem ou

seu braço direito não me enquadra, sigo pela estrada a fora, eu vou bem sozinha, levando algumas bombas pelo meu caminho (risos)".

Todo mundo trabalhava muito lá. Ninguém ficava enrolando, sobretudo as mulheres que atuavam na ponta e sempre buscavam maneiras de transformar aquele lugar num dispositivo de resistência. Envolviam-se com todas as questões nevrálgicas, faziam encaminhamentos importantes para as questões que chegavam, eram solícitas com todo mundo, tinham uma paciência hercúlea com os juízes. Mas, sempre que encontravam uma brecha pra fazer um desvio gerador de vida para os usuários do sistema, mas que poderia respingar de forma nada agradável na engrenagem jurídica baiacu, os machos da casa as obstaculizavam dizendo que aquilo não se podia fazer. Mas, havia uma diferença naqueles que trabalhavam sustentados por um sentido de criar brechas, como as mulheres, de outros que só cumpriam ordens e também daqueles que filtravam as brechas possíveis brecando seu desenrolar. Esses, embora em minoria, eram os que detinham mais poder.

Somado as demandas infinitas havia também sempre momentos de alta tensão quando o juiz apresentava sua agenda e todos tinham que fazer seus trabalhos e ainda por cima ajudar no cumprimento da agenda. Era tenso porque criticava quando alguma situação imprevista acontecia em seus encontros quando estivesse sozinho e essa crítica vinha aos berros, sempre responsabilizando algum funcionários por aquilo. Ele não errava nunca. A culpa era sempre de outrem! Mas esse outrem só fazia o que ele mandava! Círculo vicioso e viciante com o qual todos haviam se acostumado, mas E.L.A NÃO!

O som de John Cage em *Imaginary Landscape No. 4* lhe sondava os ouvidos, que, zumbiam. Tudo era mais ágil que na sua época da graduação, mas a fragmentação do trabalho era

ainda mais gritante, sobretudo por conta dos infindáveis grupos de whatsapp. As tarefas eram concluídas sem noção de conjunto, as estratégias montadas se desmantelavam com rapidez e não se tinha nitidez da possibilidade de continuidade de práticas oxigenantes porque tudo ficava picotado e havia um excesso de demanda impossível de cumprir. Tudo era rápido, mas fora de rotação. E não que essa rotação desacelerasse as coisas. Não, era um fora de rotação da rapidez, como quando se adianta uma fala no whatsapp para não perder tempo escutando a melodia da voz, mas ai o corpo, não acompanhando a tonalidade da voz, podia reagir de forma equivocada ou quando se muda uma estação de rádio com velocidade e não se escuta nada além dos ruídos entre uma estação e outra. As dúvidas das vias pelas quais se conseguiam acordos também era uma constante, ao menos para E.L.A. Formar canção, ali, tarefa impossível, mesmo havendo muitos corações bonitos pulsando e acreditando ser possível extrair "magia" daquele lugar. E.L.A percebia que todos os projetos e programas, bons ou ruins, seriam, em sua maioria, descontinuados, tão logo mudasse o Ministro da vez, até porque a equipe também mudava, caso o novo Ministro desejasse. Assim, a função dos projetos não se voltava para a ampliação de direitos, mas para a notoriedade dos Ministros no período de seus mandatos. Assim, a máquina não foi feita para girar, mas para enferrujar práticas e adoecer aqueles que, a todo custo, corriam o máximo que podiam para encontrar, nas pequenas brechas, direitos que se abriam momentaneamente junto a um programa, que geravam resoluções, mas que sabiam que poderiam desaparecer em seguida com a mudança de gestão dos Ministros a cada dois anos. O mesmo em relações as atribuições do setor.

Aos poucos começou a entender a tecnologia e quis se aproximar dela porque entendia que os dados fornecidos ali,

se bem trabalhados, poderiam equivocadamente as fake news em curso. Mas a paranóia também se materializava naquele lugar, de modo que E.L.A a percebia materializada em muitos momentos. Muitas vezes se sentiu vigiada quando solicitava determinadas extrações de dados. Achava estranho não ser autorizada a usar as ferramentas no seu computador... Começou a passar ofícios, que eram milhares, mas o texto, para cada situação, já ficava pronto, de modo que nem dava tempo para avaliar o teor dos ofícios porque a velocidade era o guia daquele espaço. Mesmo assim aprendeu a usar todos os pronomes de tratamento nos ofícios e e-mails, brincado que se sentia atendente de telemarketing, porém, supostamente erudita. Esses documentos circulavam nas caixas de todos. O que era muito difícil para ela, afinal, ao longo da vida, sempre escreveu e-mails carinhosos e às vezes tinha que passar um e-mail para a amiga do setor, que se sentava a sua frente e escrever "Prezada" e terminar com "atenciosamente", volta e meia esquecia e escrevia "abraços" ou "beijos". Ai, para manter-se inteira, precisava esquizofrenizar. Pelo whatsapp chamada todos de queridas, florzinha e mandava beijos e no e-mail prezadas e atenciosamente. E tinha ainda as chatices dos juizes. Um exigia que os ofícios fossem escritos em espaço simples, um outro teria que ser em espaço duplo e um outro exigia que fosse escrito no final " aos pleitos de não sei o que"...

Uma situação específica atizou ainda mais seu vetor paranóico. Agora E.L.A tinha um ponto eletrônico (que é um dispositivo panóptico para ver se o funcionário cumpre a carga horária), mas o T.I não podia subir para instalá-lo no computador, então pediu que E.L.A fornecesse o número do seu patrimônio (era assim que chamavam o computador que E.L.A usava) pois dessa maneira teria acesso a sua máquina. Tão logo a deu, a setinha do mouse ficou deslizando na tela, como se estivesse se mexendo sozinha. Mesmo sabendo

que ela estava sendo guiada pelo técnico, E.L.A sentia que E.L.A havia virado a tela; como se fosse o corpo d'E.L.A sendo invadido. Naquele momento viu o poder do espaço e brincou, pelo whatsapp com as meninas defensoras de que daria para escrever um conto com essa experiência cujo título seria: Socorro, uma seta passou em mim: experiência de uma mulher-tela na Justiça.

Como a demanda inicial era repaginar o site, começou a fazer algo que nomeou como "gestão de conhecimentos". Todo dia entrava no site e anotava os problemas, criava uma metodologia, com diagnóstico e prognóstico do que deveria entrar na página e o que deveria sair, bem como os objetivos gerais e específicos. Esperava conseguir reunir tudo e discutir em alguma reunião tão logo tivesse mapeado tudo. Era muita coisa porque toda página, além de mal escrita, tinha um delay de 2 anos para algumas coisas, 1 ano para outras, 3 anos para outras, estatísticas ultrapassadas e por ai vai. E tinha que estudar cada assunto que aparecia. Solicitava as meninas material para estudar e cada vez que entendia mais o riscado, mas problemas encontrava. Mas, não tinha como atualizar os dados estatísticos da página e fazer um novo relatório porque não tinha acesso a determinados sistemas. Como executar o pedido sem a ferramenta? Essa atitude dizia muita coisa; dizia do funcionamento do espaço agindo no chefe do setor, mas que E.L.A, com toda doçura e calma do mundo, tentava explicar para ele que E.L.A queria fazer uma narrativa de dados, mas parecia que ele não entendia a importância daquilo e não a ajudava, embora parecesse gostar d'E.L.A. E.L.A não achava que a atitude dele era pessoal. E.L.A não sentia assim. E.L.A achava que ele era efeito do espaço. Ou melhor, o espaço talvez o tivesse adoecido e, de tão misturado as engrenagens, funcionava tal como elas que existiam para não funcionar, mas que E.L.A ia



fingir que acreditava que funcionava e ia fingir que ele ajudava a fazê-la funcionar direito. Não entraria em choque. Mas, de tanto sentir as coisas e mesmo vê-las ampliadas, pegou uma conjuntivite e ficou 7 dias afastada do trabalho a pedido da médica. Não obteve recusa da chefia porque como a sala era fechada, sem janelas, poderia passar facilmente aos demais. No entanto, observara que todas as mulheres adoeciam. Umas com alergias crônicas, outras com enxaquecas crônicas, gastrite e, mesmo assim, continuavam a ir trabalhar!

Posteriormente, foi convidada pela assistente social, já que ela era psicóloga, a montar uma oficina para a equipe cujos pontos a serem trabalhados seriam: alteridade, diversidade e trabalho em equipe; algo que as pessoas pudessem refletir sobre o trabalho, com questões do tipo: Para quem prestamos nosso serviço? Qual o nosso público? O que é esse lugar que trabalhamos? Como realizar trabalho em equipe? Como se colocar no lugar do outro (usuário e colega de equipe); o que é função pública e o que não é de propriedade do servidor? Essas eram as questões trazidas, essa era a encomenda.

E.L.A analisa aquela encomenda e liga para uma amiga que trabalhava com essa temática relativa ao trabalho. A amiga lhe dá uma aula linda no Whatsapp. Ela absorve tudo, lê o que ela sugeriu e vai ao encontro da assistente social no dia seguinte, recheada de amor pela composição que havia se dado com sua amiga, assinalando o seguinte: essas perguntas disparadoras poderiam ser acrescidas ou reformuladas a partir das seguintes flechas: Como podemos conhecer nosso trabalho e o do outro? Como podemos usar e aplicar nossos conhecimentos no trabalho? Quais as possibilidades ofertadas no trabalho para que meu conhecimento seja aplicado? Minhas habilidades são contempladas? Como podemos ocupar melhor esse espaço?

Porque estava compreendendo que o que pediam a E.L.A era para que criasse uma forma de levantar as questões relacionadas que pudesse problematizar a qualidade do trabalho e o tipo de instrumento que poderia surgir para melhorar o cotidiano. Porém, para tanto, não poderia ser uma dinâmica de grupo porque isso esvaziaria as questões nevrálgicas e colocaria tudo na conta das relações afetivas entre uns e outros e, dessa maneira, ninguém falaria dos reais problemas e continuariam girando em torno da máquina de vigiar e punir ou se sentiriam "leves" por falarem de si mesmos e esvaziariam a dimensão política do problema. Tinham que falar do trabalho, da máquina de dentro dela, para ver se encontrariam um sentido para aquilo.

Já havia um questionário pronto que seria distribuído com essa finalidade e ela sugeriu a assistente social que não tivessem assinatura, para não identificar e, assim, pessoalizar ninguém. Então, na hora da oficina, um questionário desse seria sorteado e, a partir do que estivesse escrito, se abriria uma discussão em grupo. E.L.A sugere também que as oficinas quinzenais tendo sempre como foco pensar o próprio trabalho, o sentido do trabalho. E que o questionário se desdobrasse em ações coletivas. As perguntas disparadoras ajudariam a criar um horizonte comum de análise e implicações com a análise do trabalho criada por todos dali, para que assim fosse possível criar um coletivo de trabalho. Esse deveria ser o foco. Na conversa com a Assistente Social, finaliza suas sugestões dizendo: para que o espaço pudesse ser utilizado em sua plena potência, seria importante que cada um dali tivesse noção com o que trabalha, tivesse noção dos efeitos desse trabalho na sociedade e do sentido desse trabalho em suas vidas e, para que isso acontecesse seria importante que cada um conhecesse o trabalho do outro, o que cada um espera do trabalho, o que motiva o trabalho. Isso seria um

primeiro aspecto. Um segundo seria criar um tipo de intervenção/atuação que jamais caísse em dinâmicas relacionais voltada para a fala dos afetos, como espaço de queixas. Para ultrapassar isso, precisariam pensar no trabalho enquanto prática que sustenta outras, não se encerrando nos indivíduos. Diz ainda que ela faria ajuda de bastidor e tal ajuda não teria objetivos clínicos porque E.L.A não poderia habitar esse lugar trabalhando no próprio espaço em que os outros trabalham, seria antiproducente, anti-ético e sobreimplicado. O foco seria o sentido do trabalho e a quebra da lógica de manuseio do trabalho como mera repetição de tarefas. O que esse trabalho produz no mundo? Então, o objetivo das oficinas seria ativar a lembrança cotidiana de que aquele espaço poderia ser um espaço de intervenção, desde que todos os gestos, do estagiário ao juiz, funcionassem como composição e não como imposição hierárquica e isso só seria possível se todos ali entendessem o sentido do próprio fazer. Embora tenha dito tudo isso a assistente social, E.L.A mesma não acreditava nas palavras que proferia, mas, de alguma forma, precisava compor com o desejo da assistente social. E.L.A já foi como a assistente social, no passado de vinte quatro anos atrás...

Sugeriui encontros de 1 hora, 2 horas para conversar sobre o trabalho, pra falar sobre o que estariam fazendo naquele momento ou para falar das dificuldades no cotidiano, buscando parcerias com os demais e sabendo a quem acionar, a partir do momento em que se conheceria o que cada um faz, mas compreendendo que todos esses questionamentos só poderiam ser contemplados efetivamente quando se entendesse efetivamente para quem trabalhamos, quais os nossos instrumentos, por onde passam, como são construídos, quais as suas funções, buscando alguma ação que estivesse em curso no momento que funcionasse como um

analisador. Por exemplo: para que se criam resoluções? como ela emerge? a que demanda atende? quais os seus efeitos? Como pode ser pensada como analisador do jogo de forças político que necessita desse dispositivo para criar brechas nesse jogo? Como essa demanda chega até aquele espaço ?

A resposta a tais perguntas poderia criar o plano comum em que a potencialidade do que motiva alguém a ir para o trabalho ganhasse a cena e, se inicialmente não havia motivos, com a oficina talvez eles brotassem, desde que as tarefas diárias, as práticas diárias, seguissem um norte em comum e não ficassem na repetição de costume. Outra questão é saber como cada um de nós utiliza seus próprios conhecimentos no trabalho...

A assistente social anota tudo e lhe informa que haveria uma reunião para discutirem isso com a chefia. E.L.A diz então que o momento dessa reunião era um momento *kairós*, um momento oportuno, porque observara uma brecha dentro da demanda do próprio espaço, pois vira, entre os inúmeros e-mails que recebia, um em específico no qual se pedia sugestões de atividades que deveriam ser incorporados no planejamento anual do espaço e, entre elas havia uma que pedia a realização de atividades voltadas para gestão de pessoas e qualidade de vida, bem como outro tópico relacionado a comunicação institucional e sua relação com o ambiente externo. O "projeto delas" se encaixaria perfeitamente bem aí, mas sem mostrar ao que veio. Afinal, não se podia perder de vista que embora o instrumental fosse ótimo, ele realmente precisaria ser desdobrado em ações. Ninguém havia visto esse e-mail, só E.L.A, porque eram milhares e, por sorte, E.L.A havia lido aquele.

Outra coisa que salienta para a assistente social é que E.L.A havia se dado conta de que poderiam fazer resistência ao que estava em curso no momento em torno da extração de dados. As ferramentas tecnológicas dali

poderiam fornecer outros dados e outras narrativas a partir do que se buscasse extrair deles e fornecer a outros espaços que não tem essa tecnologia a mão. Talvez essa questão pudesse aparecer em algum outro encontro da Oficina.

Por fim, uma outra questão seria pensar no espaço em que se realizaria a oficina e as datas. E.L.A sugeriu reservar uma determinada sala e que as oficinas ocorressem quando a demanda que chegasse as secretárias fosse menor, pois ai conseguiria incorporá-las também. Para tanto, como todos tinham a agenda do juiz, seria fácil achar essa data. Essa sugestão ocorreu porque inicialmente a assistente social queria fazer a oficina no mesmo dia em que ela seria apresentada em reunião, movida talvez, pela necessidade de ser veloz e não dar tempo dos "chefes" (incluindo juiz) pensarem muito a respeito e aceitassem logo, mas podendo cair na armadilha de não poder contar com todo o setor e assim, o tiro sair pela culatra. Lembra a ela que o argumento seria o de que a oficina atenderia a demanda do próprio espaço e ai apresentaria o e-mail que todos receberam como parte do relatório anual de atividades. Era preciso abandonar o *chronos* da velocidade e abraçar *kairos*, para a demanda ser ouvida e aceita e era aquele o momento. Inicialmente, os machos de lá não queriam que os estagiários participassem, porque pensaram que ocorreria nesse mesmo dia. Mas, tão logo souberam que seria numa data de maior tranquilidade, acabaram cedendo até porque entenderam que agradaria a demanda do Juiz para o tal relatório anual.

A oficina ocorreu. De inicio, alguns ficaram irritados por terem que parar suas atividades o que geraria atraso no cumprimento do dever. Mas, conforme chegavam mais e mais pessoas, do setor e de outros setores, esse clima se desfez. Pela primeira vez, não parecia ali haver

hierarquias. Cada um se apresentou ao outro de forma descontraída. Até porque quem iniciou a roda de apresentação foi uma das secretárias que era brincalhona e se apresentou dizendo seu nome e função, mas sobretudo dizendo o que gostava de fazer em seus momentos de folga, falando de chope e pagode e os demais acabaram seguindo o rumo que ela havia iniciado. Por obra de um belo acaso, a questão sorteada acabou sendo uma questão nevrálgica que gerou incômodo pois dizia respeito a uma encrenca entre dois funcionários presentes; porém, rapidamente a assistente social contornou a situação pedindo aos participantes que formassem pequenos grupos, lessem o material e fornecessem encaminhamentos. Nesses grupos misturaram-se estagiários com defensores. Secretárias com assistentes sociais, etc. Não foram grupos panelinha. Parecia que somente naquele momento todos efetivamente ouviram as vozes dos que procuram a justiça. O juiz principal até apareceu para ver a oficina, mas ficou pouco tempo, foi só "ticar o evento", elogiando a competência da assistente social na feitura do power point e dizendo que a esposa dele também era psicóloga de R.H e que aquele trabalho era bem vindo! Ainda bem que não ficou o tempo todo porque não tinha nada a ver com R.H!

Não sabe ao certo, mas acredita que essa oficina só aconteceu naquele dia. E não sabe ao certo porque, pouco tempo depois pediu demissão. Seu pedido de demissão ocorreu motivado por situações que E.L.A foi presenciando e que lhe produziram náuseas, ao mesmo tempo em que não recebia seu salário e descobrira que a empresa que terceirizava seu serviço tinha uma ficha muito suja em outro Estado, mas, mesmo assim, havia ganhado de outras para ser a empregadora de terceirizados como E.L.A. Além d'E.L.A, mais 25 pessoas estavam na mesma situação!

Antes, porém, de pedir demissão, E.L.A, todo santo dia anotava, num diário, toda a esquizofrenia institucional e conversava com um funcionário, no privado, a loucura que acontecia e não sabia a quem escutar porque de manhã lhe pediam algo, a tarde outra coisa completamente diferente que inclusive inviabilizava completar a tarefa anterior. Ele simplesmente respondia que era assim mesmo e que ficaria muito pior, que estavam pegando leve com E.L.A, já que ainda estava no período de experiência.

Nesse interim, o funcionário que criava problemas foi deslocado de setor. Muitos estavam aliviados, finalmente a outra funcionária poderia ficar livre para dar andamento as questões sensíveis daquele espaço e poderia coordenar melhor os estagiários. Inicialmente encontra dificuldades para lidar com os estagiários. Eles gostavam do chefe anterior. Estavam confusos. A nova chefe chega apressada e quer mudar tudo com muita rapidez. Eles se defendem, criam problemas. A chefe do setor se aproxima d'E.L.A e pede ajuda. E.L.A a orienta, sugerindo que chegasse com mais calma e que pensasse em algo que pudesse produzir neles uma sensibilização para as questões que ela achava importante de trabalhar. Mais um grupo de whatsApp é criado entre a chefe, E.L.A e os estagiários. Nele se tratariam questões ligadas ao expediente, bem como teria como propósito auxiliar a equipe da assessoria na solução de enigmas e localização de documentos que eram constantemente cobrados pelos outros chefes e juízes nos outros milhares de grupos, bem como outras chefias de outros setores. Passado uns dias, a nova chefe a convida para assistir a uma Audiência de Custódia junto aos estagiários. E.L.A aceita. Esse procedimento era a menina dos olhos dos defensores de direitos do país, pois viam nele a possibilidade de evitar o aprisionamento em massa. E.L.A e os estagiários chegam no local, animados. Nunca viram

presos em carne e osso e nunca viram o dispositivo que tanto ouviam dizer lá dentro, funcionando. Nem E.L.A.

Foram visitar um local que era, ao mesmo tempo, um complexo da polícia civil e um Tribunal, isto é, tinha um núcleo específico de audiência de custódia. Chegando lá, ao apresentarem suas identidades, o policial cismou com uma das secretárias- que era negra e tinha RG do RJ e também com E.L.A. Percebendo que se tratava de racismo e que ele só tinha barrado ela também para não ficar evidente sua manobra E.L.A, para não criar um problema, logo ali, naquele momento em que a nova chefia estava tentando lançar seu charme para os estagiários, brinca: é porque somos do RJ e os demais do DF. O RJ continua lindo, mas sua moral anda baixa, ai o povo desconfia logo da gente, né moço? O policial não ri, mas libera a entrada das duas.

E.L.A leva um susto tão logo entra, seguido de náuseas e tontura. Tudo era absurdamente limpo e claro. havia várias salas e ao fundo uma porta. Ao se aproximar percebe que se tratava de um elevador com um interfone, ao lado. Observava que quem tocava no interfone falava com um carcereiro. Sim, embaixo tinha uma prisão e que, certamente, em nada devia parecer com aquela parte acima. Mas, da entrada, não se percebia que tinha um andar embaixo, porque ficava na mesma altura da rua. Então, o embaixo, era tipo um porão!

Seus olhos se arregalam, mas E.L.A disfarça. Vai para a porta onde ocorreriam as audiências. Entra, entrega celular para um guarda e passa pelo detector de metais. Lá dentro tinha várias salas e em duas delas onde ocorreriam a audiência. Três pessoas foram para uma e outras três para outra. Dentro dela havia uma mesa, no alto, onde ficava o juiz (ao centro) o promotor, a direita do juiz e o escrivão a esquerda do juiz e, numa mesa bem mais baixa, na frente do juiz e do promotor, ficaria o defensor público



(próximo ao promotor, mas bem abaixo dele) e o acusado (em frente ao defensor). E.L.A e mais duas pessoas sentaram-se ao fundo da sala, num banco, como observadoras.

Nessa audiência ficaria determinado: relaxamento da prisão ilegal ou converter a prisão em flagrante em prisão preventiva ou conceder liberdade provisória. Para tanto, o defensor teria um papel chave no destino das pessoas ali presentes, bem como a juíza no que tange a observação das infrações que poderiam ter ocorrido no modo como foi conduzido o flagrante, bem como no modo em que as pessoas se apresentavam a ela. No entanto, o defensor não olhava o seu cliente, ficava olhando o celular enquanto a juíza falava, não sabia o nome do cliente porque não conversou com ele antes, como seria seu direito. Só reproduzia uma única fala: Peço a liberdade provisória do acusado. Ai ele olhava a tela do computador para achar o nome do acusado e nada mais. O cliente, por sua vez entrava algemado com o braço para trás (o que não poderia acontecer) e de meias, os policiais ficavam junto, num canto da sala (o que também não podia acontecer porque caso quisessem fazer alguma denúncia de maus tratos ou tortura ficariam intimidados). Respondiam as perguntas feitas pela juíza, que lia o processo e pelo promotor. A juíza, embora permitisse a defesa do indivíduo, essa só era feita pelo próprio indivíduo e não por seu representante legal. Mas, ao mesmo tempo não exigia nem a retirada das algemas e nem a retirada dos policiais.

Todos os casos e sua condução lhe produziram náuseas, mas um deles quase a fez gritar. Um rapaz, visivelmente assustado com aquela situação e com o rosto machucado, entrava, como os demais na sala, de meia. Conforme andava, o chão ficava marcado com o barro vermelho típico de Brasília. Ele olhava para os pés e para todos os cantos da sala com olhos arregalados como se pedisse ajuda-

diferente dos outros que entraram lá, não olhavam e falavam muito pouco, como se já soubessem que não adiantaria falar nada - e disse que trabalhava num restaurante como garçom e que morava com sua tia, mas a casa da tia ficava muito longe do trabalho, então, dormia na rua perto do trabalho, para não atrasar e nos fins de semana ficava na tia. Ao lado do restaurante que trabalhava havia tido um assalto numa loja e ele, que estava pegando as coisas dele do cantinho em que dormia, para ir para a casa da tia, levou um susto, pois as pessoas começaram a correr e ele correu junto. Porém, uma das pessoas alegou que ele que tinha assaltado as pessoas. Nisso chega a polícia e ela colocou uma arma na mão dele. De repente estava numa viatura e tinha parado ali. A juíza percebeu que o rapaz falava a verdade. Os policiais que o prenderam estavam na sala e riam. A juíza pergunta se ele queria prestar queixa dos policiais, mas na hora que ele ouviu eles rindo, ficou quieto. A juíza entendeu a situação, mas não confrontou os policiais, mas disse que o ajudaria e sua ajuda foi a seguinte: "fulando, quando você está na sua tia, quantas horas você dorme por dia" ? Ele para, faz as contas da hora que entra e sai do trabalho, o tempo de condução que levaria para chegar na casa da tia e depois voltar para o trabalho e diz: "umas duas horas". Mas fulano, você não pode dormir tão pouco, vai ficar doente, diz a juíza. Ele responde: "Por isso fico na rua". Mas você não pode ficar na rua, precisa ficar na sua tia, diz a juíza. e continua: "Olha, vamos fazer o seguinte: não vou prender você, mas você ficará com uma tornezeleira eletrônica, tem que trabalhar com ela e tem que estar todo dia na casa da sua tia às 22:00 horas. Se passar 1 minuto, você será preso. Tá me entendendo?" Ele diz: "Mas não daria tempo. Saio às 23 horas do trabalho. A juíza responde: "Então tá, você pode chegar meia noite na casa da sua tia, mas não pode chegar

00:01 e tem que me prometer que vai dormir, ao menos, 6 horas por dia para não ficar doente!". Ele fica confuso, não parecia saber o que era tornozeleira e também não conseguia entender a matemática temporal da juíza, porque pegava às 06 horas no trabalho e sobretudo, a juíza nunca deve ter andado de ônibus em Brasília, então não sabia que quanto mais tarde da noite, menor a probabilidade de ter ônibus. E.L.A queria que o defensor dissesse aquilo, mas ele não olhava nem para o rapaz, nem para a juíza, estava no celular, jogando paciência... E E.L.A não podia falar nada porque era observadora daquilo... Ficou tonta . Assim que o rapaz saiu E.L.A saiu junto e o viu sendo conduzido a sala ao lado para colocar a tornozeleira. Escuta sua conversa com os policiais: "Não vai dar tempo. Deixa eu voltar lá na juíza para falar com ela. Ela não tem o endereço de minha tia, se tivesse, saberia que não tenho como chegar na casa dela 00:00". Os policiais riam e diziam: "agora já era, tinha que ter lembrado disso antes".

Do lado de fora da sala, senta numa cadeira e as diversas cenas das 5 audiências que ouviu lhe tomam o estômago. Quatro delas o endereçamento era liberdade com tornozeleira. A tornozeleira aparecia como se fosse um presente humanitário, quando era total controle a céu aberto que funcionava para lembrar que o individuo podia ser preso por conta de 1 minuto de erro no trajeto!

Na outra sala em que estavam os outros membros de seu grupo se reproduzia o mesmo refrão. Todos saíram de lá muito mexidos, mas ninguém questionou a tornozeleira, só E.L.A. Ficaram muito incomodados com a não defesa dos defensores. Ainda bem que perceberam, ao menos isso!

No dia seguinte da audiência, em sua mesa havia uma declaração que comprovava a ida d'E.L.A naquele espaço seguido da descrição dos casos. Logo que lê o relatório viu que em todos eles estava escrito que o acusado havia

entrado algemando na sala porque a policia disse que ofereceria perigo aos que ali estavam e não tinha como, todos os casos eram casos leves e aquele que poderia ser o mais complicado porque envolvia arma era uma mentira criada pela própria polícia....Não se podia naturalizar a entrada das pessoas algemadas, era direito delas não entrarem assim! E.L.A ficou indignada! Interroga a chefe de que aquilo estava errado, que E.L.A não assinaria um documento que não falava o que de fato ocorrera. Donde a chefe, que lutou tanto para ocupar tal lugar por querer dar encaminhamentos sensíveis diz: "relaxa, não tem problema assinar, esses documentos já ficam meio prontos antes das audiências!" Mais perplexa ficou, mas nada falou porque havia em sua mesa também um pedido para acelerar o trabalho no site.

Foi mexer no site. De repente viu, num material recente, um relatório cuja imagem da capa era de presos atrás das grades, com rostos expostos e numa posição que fazia-os parecerem modelos sarados , sensuais e felizes, parecia uma foto artística totalmente nonsense. Se horroriza com aquilo. Procura o chefe para saber quem deveria procurar para que ensinassem a E.L.A como substituir aquela foto por outra. Ficou perplexa com a resposta que obteve dele. "Você não tem que procurar ninguém, você tem que encontrar um culpado". E.L.A diz: "não vou fazer isso porque provavelmente a pessoa que cometeu esse equívoco não deveria saber que o estava cometendo, quem me garante que saberia? Tem um setor de imagens aqui, não tem, em outro andar, que não tem necessariamente relação com esse espaço, mas com várias outras coisas e, pelo que vejo, há muita rotatividade aqui de terceirizados, ninguém explica nada a ninguém, ninguém tem uma função única, não acredito que tenham explicado em outros setores questões ligadas aos direitos humanos e mesmo aqui que é um local onde as pessoas se afinizam em

torno de propostas comuns as pessoas não sabem o para quê de muitos serviços, resoluções etc., quem dirá no outro setor..." Ai ele diz a E.L.A: "Acostume-se, aqui é assim, tem caralhinhos por todos os lados esperando a hora certa pra um cu aparecer e ser enrabado. Encontre o culpado e mande embora!" E.L.A, claro, não fez isso e saiu da sala irritadíssima. No mesmo dia, foi pedido que E.L.A fizesse uma apresentação em power point, que seria apresentada pelo juiz num determinado evento. E.L.A se esmerou, mas ele achou muito grande e pediu para cortar coisas. E.L.A cortou. Ele queria dados que não estavam no power point porque, naquele ano, não havia tais dados. O juiz cismou que havia e exigiu que colocassem. Esses dados eram de 4 anos atrás, E.L.A não colocou, mas outro colocou. E o encontro dele foi terrível porque os dados estavam errados, como E.L.A sabia e ele não quis ouvir. Seu chefe então disse que seria bom E.L.A colocar um artigo de algo que o juiz tenha escrito, no site, para que ele ficasse vaidoso e que era para E.L.A se alegrar porque embora ele estivesse irritado naquele dia, em outro momento tinha dito que tinha planos de usar o saber erudito d'E.L.A na feitura dos ofícios para um outro juiz de lá. Ao ouvir isso até os pêlos que E.L.A nem sabia que tinha se arrepiaram de pavor! E.L.A só pensava: Não sei fazer lisonja para acalmar os ânimos quando é meu ânimo que está exaltado e não aceitaria ser lisonjeada trazendo Nietzsche, Foucault ou Deleuze para os ofícios. Eles se remexerem em seus túmulos e eu, no meu, pois ceder a tal apelo era matar-me. Antes dos autores levantarem-se de seus túmulos para assombrá-la, E.L.A mesma se assombraria.

Somado a isso, dias antes, soube, através do whatsapp do grupo dos terceirizados- onde se sabia data de pagamento, problemas relacionados a ponto eletrônico e afins-, que a empresa que terceirizava os serviços, não ia

pagar os funcionários já nesse primeiro mês de trabalho. Neste mesmo momento, o chefe (e não a nova chefe) começava a pressioná-la por prazos de entrega no trabalho relativo ao site. A empresa se recusava a pagar porque alegava que havia problemas no contrato com o órgão, mas os terceirizados alegavam que não tinham nada a ver com aqueles dissabores e que não era comum haver atraso de pagamento quando a empresa que terceirizava os serviços era outra. Os terceirizados começam a falar em processo. Então, mal E.L.A chegara ali e já estava no meio de uma revolução dos terceirizados. Mas tinha um dedo d'E.L.A naquilo porque eles só falaram em processo após ela assinalar, nesse grupo, que deveria haver um contrato entre a empresa e o órgão em que trabalhavam e devia haver algum item de penalidades e que os mais antigos talvez conseguissem entrar no sistema e conseguir o contrato, para ver as cláusulas. Postou essa fala às 16 horas e às 18 horas já tinha ofício rolando, em que se exigia pagamento naquele dia porque encontraram o tal contrato. Nada se resolvia e era um tal de ofício para lá, outro para cá até que resolveram levar o caso para uma instância maior para que tal instância mediasse a situação entre o órgão e a empresa e assinalaram que, enquanto isso, fariam greve. Imediatamente, o órgão, na figura de algum advogado da casa, solicitou esclarecimentos à empresa, por e-mail e tentou negociar o pagamento, via telefone, com a responsável. Foi feita uma notificação de que teriam 24 horas para quitar os salários, sem prejuízo da abertura de procedimento administrativo para apurar o descumprimento contratual relatado.

A tal empresa rompeu o contrato e o órgão deveria abrir uma nova licitação em 60 dias. Enquanto isso o órgão resolveu assumir para si o pagamento de todos, referente ao mês anterior. Porém, a outra licitação ainda não tinha sido

aberta e havia ficado claro que o órgão não pagaria os demais meses. Começaram a empurrar com a barriga. E.L.A então entendeu que poderia ficar meses sem receber...

No meio de tudo isso ainda tinha que achar um novo apartamento para morar que fosse mais barato. Mas como, se não recebia?

E.L.A não aguentou mais aquilo. Chegou em casa e mandou um áudio para o chefe em que dizia, de forma diplomática, que o contrato d'E.L.A, embora não tivesse validade jurídica porque não tinha vindo assinado pela empresa contratante, ao menos tinha a data que iniciou e quando terminaria seu período de experiência. Ele se encerraria em 6 dias. Diz a ele que, embora esse período de experiência fosse o período em que eles avaliariam o trabalho d"E.L.A para depois efetivá-la, E.L.A também o estava utilizando para avaliar se queria ficar naquele trabalho e chegou a conclusão que não. Que embora tenha sido muito bem recebida por todos, as condições de contratação eram instáveis e, somado a isso, o tipo de demanda que chegava para E.L.A era esquizofrênica demais e exigindo respostas rápidas demais de modo que percebia que não teria condições de saúde para efetivá-la e que nem sabia como eles conseguiam. Além disso, o espaço era duro demais e não conseguia vislumbrar possibilidades de furo na engrenagem, mesmo E.L.A vendo o esforço que todos faziam para isso. Encerra a conversa dizendo que já tinha passado por muita coisa e que tinha aprendido a ouvir o que o corpo d'E.L.A dizia, e ele estava lhe dizendo, desde o início, para não permanecer ali. E.L.A também sabia que se continuasse teria mais dificuldade de sair, porque se saísse do período de experiência e adentrasse no da efetivação por período indeterminado ou por um período de mais tempo, que poderia ser de 5 anos renováveis, se E.L.A tivesse vontade de sair acabaria tendo que pagar multa por descumprir o contrato.

Ele não respondeu a E.L.A. Depois ligou e tentou insistir para que continuasse. Nesse momento E.L.A abriu o jogo com ele devolvendo-lhe todos os problemas que viu no espaço, bem como assinalou o comércio "das boas intenções das tornozeleiras" e dos sistemas usados ali que sempre eram descontinuados, não por serem obsoletos, mas para tão simplesmente marcar mudanças de gestores e isso influenciava na coleta de dados sempre em defasagem. Que a parceria com a ONU que possibilitava contratar muita gente bacana acabava por alimentar a governamentalidade neoliberal porque efetivamente se prometia muita coisa, mas só se conseguia cumprir 1% das coisas e depois tudo se engavetava, de modo que nem aqueles 1% se mantinham de pé. Apontou, ainda, que práticas de liberdade eram práticas sofisticadas de controle a céu aberto; de que as alianças feitas pelos juízes com pessoas que pensavam o oposto da proposta defendida não alargava a liberdade. Era um absurdo defenderem a audiência de custódia, mas acharem o máximo que ela fosse feita por videoconferência porque agilizaria os processos, mas não se interrogava como, por tal instrumento, poder-se-ia por exemplo, avaliar casos de tortura e maus tratos. Que aquele espaço em nada se diferia de uma empresa privada com suas metas quantitativas e que a quantidade absurda de reuniões, de grupos, subgrupos possibilitada pela tecnologia criava pontos cegos no corpo porque qualquer corpo é incapaz de pensar como máquina e , com isso, a comunicação ficava fragmentada e o serviço também, mantendo a esquizofrenia institucional funcionando a todo vapor que, por sua vez, era funcional para a Justiça.

Depois que E.L.A falou isso e mais outras coisas que não lembra ele concordou com tudo que E.L.A disse e terminou dizendo que a entendia e que ele só conseguia ir trabalhar porque quando chegava em casa, se desligava de



tudo e curtia o filho recém-nascido e ai, esquecido de tudo, podia acordar no dia seguinte e fingir que fazia alguma coisa.

E.L.A então reforçou seu pedido de que seu cargo passasse para umas das secretárias que trabalhava muito, mas ganhava bem menos que ela, explicando o embrolho do tal contrato para avaliarem se valia a pena mudar de contratante e pediu que contratassem os dois estagiários de direito que iriam se formar naquele ano e eram excelentes. Pediu para ter sensibilidade na escolha do novo servidor que entraria no lugar do outro que mudou de setor para não caírem nos mesmos problemas que tiveram com o outro, observando se ele conhecia a pauta dos direitos humanos e, mais que isso, se ele comporia com os demais nessa pauta. Sugeriu também que as oficinas continuassem para que nelas se produzisse a pausa necessária no frenesi que os deixavam cegos e surdos e, assim, pudessem discutir, efetivamente juntos, os encaminhamentos importantes que acabavam esvaziados de força quando feitos por Whatsaap.

No dia em que ia se despedir das meninas, teve um sonho na noite anterior. Nele as meninas apareciam vestindo E.L.A de menino. Uma colocava barba, outra pêlo no peito, outra no sovaco e outra lhe colocava um terno. Mas E.L.A ficava muito viada. Não dava certo. Contou para as meninas elas gargalharam!

Na conversa que teve com elas disse que sentia aquele espaço como esquizofrênico e as pessoas funcionando da mesma maneira. Não que fosse diferente de outros, mas na Justiça tal espaço parecia um mercado de ações, tipo bolsa de valores. De manhã podia estar tudo bem, mas a tarde, caia uma bomba que fazia tudo oscilar e essas oscilações do dia faziam com que os afetos oscilassem junto. Como se um único corpo esquizofrênico tomassem a todos e todos passassem a falar a partir dele, mas um corpo esquizofrênico-paranoico.

Ai, no final das contas a voz, que saia do corpo, seria uma voz atravessada por essas oscilações, sobretudo em quem estava inserido mais próximo ainda do exercício de poder das decisões. Que as meninas talvez conseguissem encontrar estratégias de desvio para não adoecer porque tinham um tempo determinado para ficar ali e também porque tinham muita experiência com esses jogos, além de funcionarem em parceria constante e estarem sempre atentas umas as outras. Que E.L.A admirava a capacidade delas de criação mesmo elas entendendo bem da engrenagem falha. Mas E.L.A mesma sabia que não conseguiria, que não tinha condições de aguentar aquilo até porque E.L.A e sua companheira estavam passando por uma experiência de total desterritorialização, então quando E.L.A entra em contato com essa "moral esquizofrênica paranóide" do Judiciário, não podia dar conta. Porque era caos encontrando com caos. E ai, quando se deita a cabeça no travesseiro, todos os afetos que não puderam ser falados, todos as coisas que foram silenciadas ao longo do dia ou todas as oscilações em que seu corpo foi lançado ao longo do dia vem com muita violência. Ai se perde o sono, ai todos os sintomas, desde os psicossomáticos, afloram e E.L.A precisava dar um basta. E, embora soubesse que no RJ vários desmontes estavam em curso, porque o RJ era o laboratório de todas as políticas, E.L.A tinha a sensação de que todos os espaços de Brasília viravam um decalque da Câmara, a esquizofrenia da Câmara, a maluquice da Câmara. O grande mercado de ações da Câmara parecia atravessar tudo de forma naturalizada. Como o Judiciário ali estava completamente ligado, de forma rápida e sem mediação, ao que acontece no Palácio, então, dentro daquele lugar, mesmo que minúsculo, aquilo ficava mais virulento, mais violento e mais transparente. As meninas concordaram com tudo que E.L.A disse e ficaram pensativas...

## UMA HISTÓRIA A PARTE- O EXAME ADMISSIONAL

Trilha sonora: Brasil. Cazuza

<https://www.youtube.com/watch?v=PP1ceTYUk4E>

E.L.A se encontrou com o funcionário responsável pela terceirização que , por sua vez, não trabalhava onde E.L.A iria trabalhar. Ele era um representante da firma que fornecia serviços ao órgão, Era uma firma de conservação e limpeza de outro Estado. Esse senhor lhe entrega um endereço onde faria seu exame admissional. Chega no endereço e era uma clínica psi. Chegando lá teve que fazer testes psicológicos para mostrar se estava apta ou não para trabalhar no Órgão. Demorou 3 horas a tal avaliação "psi". A psicóloga era também dona do espaço onde o teste foi feito e, sabendo que quem seria avaliada era também psicóloga, tentava a todo custo convencê-la de fazer formação em testes, alegando que dava muito dinheiro e que ali eles preparavam pessoas para passar na prova do Detran, bem como preparavam-nas para passar no teste para conseguir porte de armas! Falava tudo com a maior naturalidade e enquanto aplicava um teste n'E.L.A. O teste consistia em escolher cores para colocar em pirâmides para supostamente avaliar os aspectos de natureza afetivo-emocionais. E.L.A, brincando com a situação- única forma de suportar aquilo- escolhia as cores e combinações mais estranhas propositalmente. E a mulher não parava de falar e se comportar de maneira anti-ética. E.L.A ficou exausta e mesmo assim teve que ir em outra sala para fazer mais testes. Nessa, era outra psicóloga, bem jovenzinha, talvez estagiária. Num determinado momento, o cansaço apareceu e E.L.A comentou com a jovem. Então a jovem lhe deu um livro de perguntas onde apareciam todas as respostas do teste! Sem energia para tamanho absurdo, E.L.A nada falou. Mas encontrou força para terminar de responder sem vomitar e

sem olhar as respostas. Teve vontade de sair dali e ir ao Conselho denunciar essas pessoas, mas entendeu que nada adiantaria, a tal dona tinha as "costas" quentes com algum político federal, pelo menos era o que dizia. Por fim, um último teste onde tinha que ficar respondendo sobre a sua vida, feito pela psicóloga dona do espaço: qual a religião, qual imagem as pessoas tinham dela (ao qual respondeu: não sei, isso não me interessa) e outras perguntas. E.L.A respondia com outras perguntas, pois resolvera bagunçar tudo e isso atrapalhou a psicóloga, pois as respostas não cabiam nos cálculos dela, fugiam da métrica, como E.L.A mesmo disse. Essa foi a forma que E.L.A novamente encontrou para se divertir com a situação, mas com cara de seriedade. Nesse momento, o feitiço virou contra a feiticeira. A psicóloga começou a contar sua vida para E.L.A e todas as bizarrices anti-éticas, com cara de felicidade por gerar dinheiro e, ao final, pediu para que E.L.A fizesse propaganda do trabalho desenvolvido ali em seu novo emprego. Perguntou quem levaria o teste para Órgão, a psicóloga disse: eu mesma levarei.

Chegou no trabalho e perguntaram a E.L.A sobre o exame. E.L.A disse que alguém o entregaria. Perguntaram aonde havia feito, E.L.A disse, no lugar tal, fiz uns testes psicológicos! Testes psicológicos?! Mas era para tirarem a sua pressão e preencher umas papeladas! Fulano, onde é para ser feito o exame admissional? No lugar tal. Era em outro lugar. Lá foi E.L.A de novo, para outro lugar onde não havia testes, tudo foi feito em 5 minutos e, até a sua saída, ninguém viu os tais testes. E ninguém entendeu o que aconteceu, muito menos E.L.A.

OUTRA HISTÓRIA A PARTE- O CONVITE PARA TRABALHAR COM SAÚDE MENTAL NO DF

Trilha sonora. É. Gonzaguinha

<https://www.youtube.com/watch?v=Fwzc9CiyzqQ>

Recebera um convite para trabalhar como psicóloga e pesquisadora num projeto que seria inaugurado e voltado para a saúde mental dos servidores públicos da saúde. Nele, além dos atendimentos clínicos, também se faria pesquisa coletando e analisando dados para entender o que acontecia no serviço público diante do enorme contingente de trabalhadores apresentando transtornos mentais e comportamentais (ansiedade, estresse, síndrome do pânico e obesidade). Seria um trabalho de 20 horas semanais, incluída nessas 20 horas, um dia reunião e contaria com uma equipe com terapeutas ocupacionais, nutricionistas, psicólogos, fisioterapeutas e nenhum tipo de medicação, logo, sem psiquiatras. E.L.A, adoecida recentemente pelos efeitos da engrenagem-DF trazida por E.L.A até esse momento, olha para esse convite e uma voz dentro d'E.L.A lhe sussurra: fique atenta pois pode se tratar de uma piada trágica.

Embora E.L.A tivesse achado o projeto, tal como apresentado a E.L.A por um psicólogo que conheceu no DF, interessante, ficou com um pé atrás porque sabia que em Brasília a vitrine poderia ser bela, mas o espaço por detrás da vitrine não. A voz n'E.L.A precisava guiar seus olhos.

Marca de conhecer o lugar, de conversar com a coordenadora do espaço e saber mais sobre a questão contratual. Quando chega no lugar, encontra o psicólogo que a havia convidado a participar do projeto e duas jovens psicólogas, ambas recém formadas, sendo que uma delas tinha acabado iniciar um trabalho num posto ou hospital porque havia passado num concurso.

Para chegar ao local não era simples, tinha que ter carro ou pegar ônibus e depois um uber. Quando chega no local, leva um susto. Era uma casa enorme e luxuosa que se destacava na rua porque o bairro era pobre.

A suntuosidade dela não era só no tamanho, mas nos objetos que tinha dentro, bem como na sua geografia interna e externa. No enorme quintal havia muitas árvores com redes. Mas não era qualquer rede, eram redes estilizadas, verdadeiras obras de arte da arquitetura. Dentro da casa havia muitas salas para atendimento, sala para a coordenadora, para diretores, uma cozinha enorme, uma imensa sala que dava para outras e, em uma delas um estúdio de TV.

Enquanto seu olhar para a casa era de estranhamento, pois sua pele se contorcia e E.L.A sempre escutava sua pele, o olhar das jovens psicólogas era de maravilhamento, encantadas com toda aquela riqueza. E.L.A pensava: de onde veio tanto dinheiro? Seria preciso gastar tanto dinheiro assim com uma casa como aquela? Se tivessem construído algo menos suntuoso certamente sobraria dinheiro para coisas mais importantes... Mas E.L.A só pensava e observava tudo e escutava tudo também.

Na conversa com a coordenadora do projeto essa dizia que estavam alinhados com a política antimanicomial e que por isso ali não iam pensar em medicalização e que o quintal com redes era uma forma de atender as pessoas afirmando a política do desencarceramento e que as salas de atendimento deveriam, por conta disso, ficarem sempre abertas. Nisso, uma outra pessoa, que devia ser assessora dessa a chama num canto e pergunta se E.L.A poderia fazer um artigo, já que era pesquisadora, falando do trabalho de lá que deveria ter até 10 páginas e que deveria ser entregue em 2 dias, antes da inauguração do espaço que seria em 3 dias. E.L.A olha para a moça e diz: "como assim

fazer um artigo de algo que ainda não começou e nem tem equipe?" A moça desconversa e a leva para o estúdio, junto das demais psicólogas e diz que todo dia alguém da equipe teria que gravar um vídeo de 5 minutos falando de saúde, ensinando fórmulas para vencer o estresse ou coisas do gênero e que também os profissionais teriam que dar entrevista para todas os canais. Naquele dia ia um pessoal da Record lá. Mas para não se preocuparem que tinham uma assessora de imprensa para prepará-los naquilo que deveriam dizer.

Quanto mais E.L.A ouvia, mas enjoada ficava: desencarcerar é atender numa rede, num local suntuoso? Onde aquele espaço se ligava às políticas públicas para atenção da população com "transtornos"? Receberiam encaminhamentos dessa rede ou ali era um espaço a parte? Mas se assim o fosse, não enfraqueceria a rede? Como se chegava até ali? Por um call center! Quem fazia a filtragem era um outro setor, que ninguém sabia dizer onde era e também não sabiam informar se era feito por humanos ou robôs. Mas que era só o funcionário ligar e o call center filtrava e encaminhava os casos. E a meta era atender 200 pessoas por dia e um dos dias seria para reunião e pesquisa. Ela fez as contas. Se eram 3 psicólogas e 1 psicólogo, sendo que esse psicólogo não atenderia porque seria o coordenador da equipe, então 3 psicólogas teriam que atender tais pessoas, e, se atendessem teria que ser em pouco menos 8 minutos cada uma por dia, atendendo cerca de 66 pessoas por dia sem almoçar ou ir ao banheiro. E ainda teria que encontrar tempo para reunião e, no caso d'E.L.A, pesquisa. E, para essa tarefa se pagaria menos de R\$3.000,00, que, com os descontos não chegaria em R\$2000,00!

E.L.A diz a moça que não assinaria nenhum contrato. As outras psicólogas pareciam não se dar conta daquela furada e chegaram animadas dizendo que assinaram o contrato e

estavam doidas para começar. Uma delas, a que tinha passado num concurso, era recém casada e estava dizendo que largaria o emprego para trabalhar ali. E.L.A puxa a menina no canto e diz: não faça isso. Isso aqui é um projeto, um experimento, se não der certo você não terá nada. Negocie no trabalho diminuir sua carga horária, se isso for possível, mas não o deixe.

Nisso, alguém chama o futuro coordenador para que ele ligasse para expoentes da luta antimanicomial pedindo que eles dessem uma entrevista para elogiar o projeto, que ele deveria descrever o projeto para eles e tal e convidá-los para a inauguração. Ele prontamente liga.

No carro, voltando com o rapaz que havia indicado E.L.A para o trabalho, E.L.A não se conteve e falou para ele de todos os seus incômodos e perguntou de onde veio a grana para o projeto. Ele diz: "Mais de 1 milhão de uma emenda parlamentar". Mas emenda de quem?, pergunta E.L.A. Ele diz: " Ah, de um cara que defende o orgulho hétero ou uma tal de cultura heterossexual". Como assim?, pergunta E.L.A, perplexa! Não sei bem, foi alguma aliança, diz ele. E você não acha estranho?, pergunta E.L.A. Eu não, uma deputada da esquerda me garantiu que não havia nada errado, diz ele. Como assim, nada errado cara? Ele vai posar como autor desse projeto?, pergunta E.L.A. Isso eu não sei, diz ele.. Mas se posar você não vai ficar, no minimo, desconfortável?, pergunta E.L.A. Acho que não, responde ele. Cara, por que você me convidou para essa roubada?, pergunta E.L.A. Não te convidei para uma roubada, o trabalho é sério!, diz ele. E ai E.L.A não se aguenta e diz: Sério? Isso aqui é uma vitrine para alavancar outras coisas. Não me parece que vai cuidar de pessoas porque a triagem dos problemas é feita por um call center, que não se sabe se é humano ou robô e a quem pertence, quer que se atenda um quantitativo enorme e o tipo de sofrimento



psíquico em curso não se resolve em 8 minutos de atendimento. Já nesse primeiro encontro tiveram a cara de pau de me pedir para fazer uma espécie de relatório para estar pronto em dois dias sobre algo que ainda não existe, só para ser apresentado num evento de inauguração para autoridades, sem contar que nesse processo todo você vai ser uma das peças alavancadas, vai trabalhar muito menos do que eu e as meninas e ganhar mais do que o dobro, posando de coordenador, só dando entrevistas e fazendo articulações, como você fez a pouco, com pessoas sérias da luta, convencendo-as da maravilha de algo que ainda não existe... Como isso pode ser sério? Olha só, não sou escada para sua possível carreira política, porque é isso que está parecendo. Onde fica a sua luta na saúde mental? Isso aqui não é serviço voltado para o servidor e muito menos algo que fortalece a rede de cuidados porque não me parece preocupado em fazer articulação com a rede, mas com expoentes do cuidado que vão comprar ideias que você estará vendendo e eles, de boa fé, acreditarão porque confiam em você. Isso aqui fede cara, fede muito. Grata pela carona. Tenha uma boa noite. Nunca mais se falaram. E E.L.A lembra de agradecer a Heráclito que morava n'E.L.A quando esse lhe dizia: "se todas as coisas em fumaça se tornassem, o nariz distingui-las-ia"<sup>112</sup>

\*

### **Brasília/DF/2018- Um novo platonismo para o povo, em nós?**

Trilha sonora: Samba da Utopia (Jonathan Silva)

<https://www.youtube.com/watch?v=KDX7m3iBzc>

E.L.A acompanha, perplexa as notícias de seu país, Brasil, em 2018. Mais do que uma eleição em curso, ela enxerga um modo de subjetivação niilista se solidificando a partir de novas ferramentas tecnológicas que ganham

estatuto de produtora de verdade na forma de uma  
mediatização idiotizante. Nessa mediatização, além da  
encenação do golpe contra a presidente Dilma em 2016 agora  
mediatizavam a prisão forjada do ex-presidente Lula, numa  
clara manobra para tirar a possibilidade dele disputar a  
presidência. "Curiosamente", desde 2016, a perseguição a  
ele já se manifestava...<sup>113</sup> A "verdade", nascida como pedra  
filosofal, como a forma privilegiada do que o pensamento da  
branquitude precisa buscar, fora da vida, para que seja  
supostamente verdadeiro, reto, puro, finalmente mostra toda  
a sua impureza: se destina a ausência de cores, a extinção  
das diferenças, a condenação do devir pela força da  
imbecilidade transformada em modo de ser que, agora não se  
envergonha de proclamar-se produzida dentro de um mundo  
próprio. O modo como o ser se manifesta estaria ligado a  
invenção de um "ser" nacional que deveria ser preservado e  
justificante de toda violência que a busca por esse ser  
produziria, visto como bem maior. As manifestações dele se  
daria pela invenção de um modelo de pátria, de honra, de  
família e de deus. A guerra pela produção desse ser se  
dirige para dentro através de discursos e decretos que  
persegue aqueles que contrariam esse modelo de ser,  
justificando seu extermínio ou expulsando-os do território  
nacional ou enclausurando o que fornece perigo a  
essamanobra. Divide, assim, a sociedade entre boas e más  
cópias desse ser. Quanto a imagem de Deus, esta se  
apresenta como a que é capaz de fazer promessas de  
felicidade no agora, mas condena comportamentos prazerosos  
como o Deus do Antigo Testamento, que é trazido para dentro  
do mundo político, para dentro do Congresso, como o  
justiceiro das boas cópias. Esse retorno ao Deus bíblico da  
ira que justifica a bancada da bala é a senha de uma nova  
moral de pastores neopentecostais para manter o  
"deus"mercado funcionando pelo comércio das armas.

As manifestações desse ser também redesenhariam a história, numa estratégia de retorno ao século XIX, como se fosse possível transformar a vida num gravador, parar a música num ponto e tentar reescrevê-la daí. Nesse ponto, o capitalismo (liberalismo) seria reescrito "sem culpa", isto é, sem ter que se justificar a ponto das instâncias que posteriormente e supostamente passaram a controlar seus excessos neoliberais (as violências do Estado) perdem força porque não teriam mais para quê existir ou antes, sua máscara cai junto da engrenagem, pois elas nascem da lógica morde e assopra. Entretanto, agora, trata-se de um "bem maior em curso", como também trata-se de eliminar a necessidade do Estado de direitos para que esse "bem" seja atingido. Se o crime nasce do Estado é necessário descorrompê-lo, privatizando-o, como se o Estado não fosse empresarial, e se há criminosos civis, é preciso exterminá-los sem a proteção do Estado, como se este não fosse penal. Se há migrantes buscando refúgio em outros países, pode-se expulsá-los sem culpa também ou mesmo matá-los porque a nação é o ser maior a ser preservado. De uma forma enviesada, a violência inerente ao Estado justificar-se-ia. Tornou-se transparente e aplaudida. Não há mais super ego cultural. Todos precisam combater o monstro que criou essa necessidade de matança: o marxismo cultural, segundo o nosso chanceler. O mundo parece ter ficado de cabeça para baixo. Mas será que ele alguma vez esteve em pé?

E.L.A sabe que muitos já discutiram o destino niilista da cultura das forças em suas teses, E.L.A mesma já tinha feito trabalhos sobre o tema inspirada nesses muitos, mas, assim como eles, E.L.A também não podia ser ouvida. Afinal, as tintas de sua fala ainda não eram transparentes como as de agora e se destinava aos escolhidos que conheciam a senha discursiva da academia, o jogo do saber-poder que lhe dá consistência, de modo que E.L.A precisava reaprender a

falar e sabia que essa tarefa não seria fácil e, por isso, brinca com o Platão na introdução desse escrito. Ao mesmo tempo E.L.A pensa: talvez agora haja ouvidos para sua fala de antes, talvez agora ela não mais se reduza a academia. E ao mesmo tempo lembra que a própria academia, ao menos a de Psicologia, teme essa fala nietzschiana por não dominar suas senhas. Talvez agora seja possível entender expressões como as de que o destino da cultura das nossas forças é niilista; que o governo de nossos afetos por um devir reativo ia encontrar seu apogeu nos séculos XX e XXI ; que o nojo da sujeira poderia ser tão grande que nos impediria de nos limparmos e justificarmos; que o eterno retorno das forças ativas dependeria da coragem em atravessar a maior das crises de valor nascida desse apogeu sabendo selecionar o que amplifica a vida e o que nadifica a vida. E, sobretudo, não agir como o povo agiu diante do discurso de Zaratustra pedindo-lhe o último homem que, na época de Nietzsche, era o homem moderno, europeu, portador da defesa de uma sociedade mercantil, de massas que prometia "felicidade, segurança e bem-estar" piscando os olhos, isto é, insinuando que tudo é encenação<sup>114</sup>. O último homem como o homem medíocre da política, o homem cujo desejo passaria a ser guiado por essa promessa contando com o auxílio do mercado de almas dos saberes sociais e "psis", do mercado do corpo pelos saberes médicos e farmacológicos, bem como o mercado financeiro pelo saber econômico. Assim como outros mercados para lhes dar fundamento, acaba produzindo um enorme deserto diante de si, posto que incapaz de ultrapassar-se por criar algo acima do sentido da terra em nome de uma esperança supraterrana, agora imanente ao campo social, a cultura capitalística , que deveria ser sentida como nojo e não como desejo. Por isso Zaratustra se entristece com seus ouvintes-massa. Ele queria que ela não zombasse da proposta em se construir um além do homem;

aquele capaz de fazer com que esse homem mediano, inventor da felicidade que prolonga uma vida apequenada fosse meta de desprezo, de nojo e não de desejo. Aquele que coloca o amor a terra, a vida e a diversidade como ponte, aquele que sabe fazer sua flecha vibrar desde esse horizonte.<sup>115</sup>A mensagem de Zaratustra, proferida no século XIX talvez possa ser ouvida agora, através da emergência do "Mito", pensa E.L.A, pois ele encarna essa imagem do último homem. Por outro lado, a encenação de uma cegueira e surdez coletiva podiam impedir a audição dessa transparência semiótica, tal como àqueles homens do mercado que desprezaram a sabedoria de Zaratustra.

Um outro pensamento pede passagem n'E.L.A e lhe diz: Diante da hipnose coletiva que transformou muitos de nós, em imbecis e , mais que isso, desejosos da imbecilidade, lançados num niilismo suicida posto que , odiosos, em grau máximo, da vida, talvez a brecha para inverter esse niilismo seja justamente trazer essas imbecilidades para a escrita; seus instrumentos de contágio; suas risibilidades e seus efeitos imediatos; bem como reconstruir uma certa memória que insiste em ser apagada e redefinida a partir de narrativas que querem lhe retirar todo conteúdo crítico. Percebe também que precisava abandonar as chaves discursivas da academia, precisava ser poética para suavizar a escrita e didática para apresentar o problema, uma escrita próxima da oralidade. E aqui lembra da clareza com que Guattari falava conosco, na visita que fez ao Brasil em 1982, cujas palavras chegaram a E.L.A na época de sua graduação em psicologia, nos anos de 1990 através do livro Micropolítica: cartografias do desejo. Guattari dizia que a mola propulsora do capitalismo era a produção de subjetividades; de modo que a luta, os afrontamentos sociais, não se restringiriam apenas ao plano da economia política, mas abrangeriam também a economia subjetiva.

Todos os equipamentos coletivos funcionariam como operários de uma gigantesca máquina de formação da subjetividade capitalística cujo resultado é o controle das vidas a partir da produção de equivalência entre realidade de mundo e realidade psíquica. Nesse cenário de forças, os fatores subjetivos foram substituídos pela mídia de alcance mundial e, através dela, moldam-se condutas, pensamentos, desejos de acordo com o que agrada ao mercado de bens e consumo. Até as cargas afetivas que porventura apareçam nesse processo são incorporadas como matéria de manobra capazes de criar um mundo coletivo e até alterar a dinâmica da bolsa de valores, dependendo do tipo de ressonância que a intensidade transbordante promova no entorno.

E.L.A percebe que há um estrangulamento comunicacional em curso que vêm gestando o esvaziamento do sentido ativo de palavras, signos e sinais que até então eram capazes de construir um plano comum de comunicação em que se priorizava uma temporalidade estendida de vivências de leituras e experimentações corpóreas das variações do mundo nos corpos, o que nos permitiria imaginar cenários antigos, compreender suas modulações, seus tensionamentos e construir mundos a partir de ruminações, da lentidão digestiva, emocional, psíquica, cognitiva capazes de produzir curvaturas em nosso espírito e, com isso, manter a existência como modo sempre a se fazer. Claro que esse exercício do espírito não foi e nunca será dado a todos, pois ele é efeito de uma certa capacidade de outramento que só viceja naqueles que sabem estar no presente e fora dele ao mesmo tempo, mas digamos que as condições de possibilidade para ele eram mais vastas do que o que vemos nesse momento de nossa história. Afinal, E.L.A percebe, que, no contemporâneo, uma guerra em torno do sentido imediato das coisas se torna mola mestra das relações

sociais. Sentido que aponta para a quebra da temporalidade lenta. Ele já vêm pronto, mastigado por uma máquina tecnológica produtora de novos sentidos que esvaziam a potência de um acontecimento. Tal maquinário se apropria de palavras que, na sua irrupção, tinham um sentido guerreiro e disruptivo, ou seja, capaz de abertura de forças, esvaziando sua potência. A título de exemplo podemos pensar na sigla MPL (MOVIMENTO PASSE LIVRE) que designava um movimento social em curso no país, sem vinculação partidária, horizontal e independente que, em junho de 2013, se tornou emblema das lutas, inicialmente em torno do descontentamento com o preço do transporte público e que inspirou outros movimentos, levando milhares de pessoas as ruas em várias partes do país, num balé com enunciados múltiplos e claramente anti-partidários que a imprensa e partidos políticos buscaram enquadrar numa disputa discursiva que acabou por criminalizar tais expressões do desejo, chegando a prender seus "supostos líderes". Um ano depois, em 2014, surge um outro "movimento", o MBL (MOVIMENTO BRASIL LIVRE) que, embora se utilizasse da palavra " movimento" , longe de compor com a abertura do outro movimento, decompõe a força ativa e a redireciona para a defesa dos valores cívicos, liberais e republicanos, configurando-se como um movimento político e afirmando essa pauta como necessária a "limpeza moral do país". O primeiro movimento tecido por jovens sem rosto (jovens-multidão; juventude das forças ativas) é confrontado por outro, de jovens com rosto (jovens-rebanho; atualização de velhas forças reativas), numa clara disputa narrativa. Correndo em paralelo, e como emblema do MBL, vimos surgir o chamado movimento Escola Sem Partido, que acabou virando PL em 2015 e, em 2018, quase foi votado no Congresso e é pauta principal do atual governo. Poderia parecer que compunha com a questão anti-partidária que era

o signo comum de 2013. Afinal a sigla é "sem partido", mas o que se via e hoje se vê ainda de forma mais transparente é que a palavra "sem partido" designava "sem o PT" e o "sem PT" se tornou "sem esquerda" e o "sem esquerda" significava acabar com qualquer pauta que viesse a atravancar a expansão do mercado (questões sociais) e qualquer movimento social visto como criminalizável posto que esquerdista, criando as condições subjetivas para o contágio das pautas da extrema direita como salvadora do país.

E.L.A pensa também que outro aspecto que merece destaque foi a sensação coletiva, em 2013, de um novo regime de sensibilidade e adesão que fazia o desejo desliar pela transmissão da seleção de palavras, imagens, discursos e informações correlatas que apareceram como signos e sinais captados por milhões de pessoas num milésimo de segundo, conduzido-as para as ruas, movidas por um plano comum afetivo capaz de produzir uma adesão imediata entre dois mundos: o virtual e o atual, o privado com o público. A onda tecnológica permitiu esse novo modo de habitar a vida naquele micro-instante. Porém, tal situação acabou sendo incorporada como estratégia governamental, em que o processamento de dados e o governo de condutas, pelas agências reguladoras do mundo político-econômico-social, se lambuzaram. O suposto espaço privado passou a ser espaço de coleta de informações a respeito de todos e de cada um e a manipulação afetiva dessa coleta fez com que o espaço público, as relações sociais, humanas, se binarizassem. Manipular afetos é uma forma de atingir o inconsciente; manipular os discursos é uma forma de manipular a consciência, manipular a memória histórica é uma forma de atingir as duas dimensões.

E.L.A percebe que não se usam mais dicionários e livros, mas Wikipédia. E.L.A percebe que textos longos não



são lidos, mas só imagens e/ou imagens com palavras curtas merecem curtidas. E.L.A se vê diante de um mundo de adoração de imagens e e-motions. E.L.A se vê diante de um mundo infantilizado e infantilizante. E.L.A se vê diante de um suposto mundo pré-verbal. Mas não é pré-verbal porque há sempre um sentido reto em curso nas palavras e imagens e que não permite muitas combinações em uma frase: racismo = mimimi vitimista. Não existe racismo/ feminismo= ato de defecar sobre a sagrada cruz / artista= vagabundo da lei rouanet/ apoios sociais= esmola para sustentar vagabundo/ história= doutrinação marxista/ educação sexual+ ato de ensinar sacanagem para crianças/ inclusão social= ato de sustentar vagabundo com meu imposto/ ecologia= comunismo contra o agronegócio/ justiça social= comunismo/ sindicalismo= comunismo contra o empresário que gera empregos/ direitos humanos= ato de defender bandidos pobres/ fatos= fake/ fake= fatos. Dai derivam expressões como esquerdopata, feminaze e outras distorções como defesa de kit gay pelos esquerdopatas e feminazes. Essas são expressões para o povo letrado pela "boa nova".

Há ainda os discursos "eruditos" que filtram a leitura histórica com essas mesmas combinações acima descritas. Mas esses, E.L.A se nega a dar destaque. Chegou a ler os "livros" desses caras, pensou em fazer anotações e trazê-las para a escrita mas seu corpo se recusou a redigir o que lia.

Mas qual a compreensão que se faz necessária agora? Escutemos Zaratustra, ainda há tempo! Talvez...

\*

E.L.A e seu computador

Niterói, 2022

Trilha sonora: Pela Internet. Gilberto gil.

<https://www.youtube.com/watch?v=v2QvAaBNc9A>

E.L.A só conseguiu abandonar a máquina de escrever quando construiu uma relação poético-filosófica com seu computador ao longo dos anos, mesmo intuindo, desde antes de seu uso, os novos perigos advindos desse dispositivo. Começou a usar computador em 1998. Havia ganhado de presente do seu namorado, em exatos dois anos após entregar sua monografia escrita a máquina de escrever. Relutara muito até ceder a "boa nova", mas sempre se manteve atenta ao que estava em jogo na produção de subjetividades que ele oferecia. E.L.A experimentava essas mudanças, mas também observava seus efeitos n'E.L.A e no entorno. O primeiro contato se deu com o modelo 486, que tinha um monitor creme que se assemelhava a uma televisão preta existente na época- com um fundo "gordinho", uma cpu, teclado e o Windows que rodava era o 95 da Microsoft.



Funcionava com internet discada.

Era necessário ter um provedor de acesso e uma rede telefônica conectada, via cabo, a um aparelho chamado modem. UM cabo saída do telefone, se ligava no modem e dele ia outro cabo que se ligava a cpu do computador, nos fundos dele. No computador era necessário clicar no ícone " meu computador"e , a partir dai clicar em " acesso a rede dial-up", logo em seguida clicar em "fazer uma conexão", nomear essa conexão, clicar em avançar, inserir numero do telefone e concluir (tinha outras coisinhas que fazia, mas não lembra). Enquanto o provedor se conectava à Internet, começava um barulho de discagem seguida de um barulho alto, como se fossem vários ruídos loucos que se misturavam, semelhantes a um barulho de frequência de rádio fora da estação com outros sons misturados, até finalmente silenciar e a conexão estabelecer-se

([https://www.youtube.com/watch?v=ofVEEWObx\\_I](https://www.youtube.com/watch?v=ofVEEWObx_I)). Era o som da conversão dos dados analógicos. Esse processo nunca acontecia de imediato. Precisava de algumas tentativas por tratar-se de uma lógica de pulso telefônico, em que dados se transformavam em som para assim poderem ser transmitidos e convertidos em sinal de internet. Cada minuto de uso era cobrado na conta de telefone, de modo que o melhor momento para usar a internet era esperar até meia-noite para se conectar a rede dial-up (linha discada), visto que até as seis horas da manhã pagava-se apenas um pulso, ou então ligar nos finais de semana e feriados, sendo que aos sábados o melhor horário era a partir das 14 horas e domingo podia ser o dia todo. Mas, quando se estava na internet, o telefone da casa não funcionava e se alguém tirasse o telefone do gancho a conexão caía. Então era necessário negociar com os demais membros da casa a hora do uso. E.L.A passou a dormir somente de madrugada por conta disso! O mundo que se abria era o dos e-mails, que passavam a substituir a escrita por cartas. Achou estranho esse mundo da agilidade das trocas, amava a sensação de ter que esperar uma resposta escrita a alguém que demorava, às vezes, 15 dias para chegar e quando chegava, seu coração pulsava, mas esse pulso não era de ansiedade, mas de alegria, de excitação. Agora, esse pulso do coração não mais existia, agora a ansiedade começava a fazer parte de sua vida. Isso porque se ultrapassasse um dia de espera pela resposta de um email, E.L.A ficava aflita. Seus afetos começavam a perder uma certa largura temporal. Começava também a fazer parte de seu cotidiano um vasto mundo de filmes e músicas que ela baixava de sites específicos através de um programa instalado no computador para esse fim, mas que levava horas ou mesmo dias baixando e depois eram salvos em cd rom ou dvd. Tudo de graça. Quer dizer, baixar era gratuito, mas a conta de telefone não. Agora não precisava mais alugar

filmes em locadoras de vídeo e dava adeus ao vídeo cassete e ao aparelho de dvd. Tudo podia ser feito no computador! Não acredita que esse processo se desse no win95, mas sim no win 98 que passou a substituí-lo quando já não era mais possível fazer atualizações do programa.

Foi nesse período que passou a se interessar pela arquitetura interior da máquina: pentes de memória, processador, fonte, placa mãe, placa de vídeo, etc. Mas, como ainda não tinha desenvolvido uma comunicação sensível com a máquina, quando apareciam os problemas, tinha que levar na loja para consertar, porém, sabia se comunicar bem com os técnicos e não era ludibriada, pelo menos acredita que não. Ou seja, mergulhou de cabeça no hardware.

Nesse início não recorda ter feito pesquisa na web, não sabe se não era possível ou se desconhecia essa funcionalidade, mas recorda que havia um único navegador (que ainda existe hoje) chamado internet explorer que iniciava a todos no tal "www" as letrinhas mágicas iniciais que davam acesso ao novo mundo : a rede mundial de computadores. Isso porque não havia google ainda, ou seja, não nos era possível apenas escrever qualquer coisa e várias opções sobre ela aparecessem para nós, mas lembra que era possível começar a se comunicar com pessoas conhecidas e desconhecidas a partir do ICQ, que era um programa de conversas, um "aplicativo", cujo ícone era uma florzinha, que gerava para o usuário um número e que tinha um som bonitinho "Ah au" quando alguém entrava na linha (<https://www.youtube.com/watch?v=SXqCP4-7q2A>). Algumas salas de bate papo apareciam também pelo chat do uol onde se podia estabelecer comunicação com pessoas do mundo todo. A globalização, palavra muito ouvida na sua graduação, somente agora se materializava para E.L.A como a "nova vida" de um mundo que se abria a partir dessas janelas virtuais criadas a partir do navegador explorer. Curioso

nome, navegar na internet porque navegação implica numa temporalidade lenta e um capitalismo dos primórdios. Claro que, comparado a hoje, 2022, era super lenta, mas, comparando o que já se produzia nesse final dos anos de 1990, no modo como nos comunicávamos com o mundo, "supostamente" alargando-o, era algo impensável e veloz. Talvez a estratégia de chamá-los de navegadores fosse exatamente para se produzir a ilusão de percorrer horizontes desconhecidos e, quem sabe, no início fosse assim, mas com o tempo não mais. Isto porque, ao longo dos anos 2000, uma nova lógica, chamada algoritmos começou a imperar, como um tipo de lógica de algo que conheceremos como GPS, dispositivo que funciona, via satélite, informando onde se está e dizendo como se faz para chegar a um determinado destino, ou seja, os algoritmos-gps em nós aparecerão como um dispositivo que situará o usuário dentro da rede e nesse situar governará seu destino dentro dela. Mas não falemos sobre isso agora. Por hora brinquemos e pensemos que o melhor seria falar em pilotar na web, no qual o usuário faria pousos nos sites através dos links fornecidos, não por navegadores mas por naves espaciais voadoras, tal como marcianos que visitam uma terra desconhecida e precisam aprender a sua língua e hábitos distintos. Mas, como o capital em nada tem de marciano, ele já lançava seus tentáculos em nós de forma humana demasiado humana, criando uma nova língua, novos regimes de sensibilidade, novos hábitos, nos fazendo voar para outros espaços e sem conhecer muros. Neles, o dinheiro começava a se transformar em cartão de crédito, veículo das dívidas infinitas que, ao longo dos anos 2000, com a emergência de outros "navegadores" e ferramentas de busca, como o google, por exemplo, passou a ser utilizado como ferramenta para "voar" nesse espaço sem tempo, consumindo seus produtos.

O ambiente virtual, nesse final dos anos 1990 começava a ser delineado e a maioria das pessoas o utilizava para falar o que quisessem com pessoas anônimas, mantendo-se assim também, pois não era necessário se identificar. Aqui começava um processo de eliminação do espaço e estreitamento do tempo e junto a ele mudanças no modo como as pessoas se relacionavam. Muitas pessoas passaram a buscar relacionamentos através desse veículo. Conversavam por meses e acabavam combinando de se conhecer ao vivo. Porém se lembra, em conversas com amigos, que a maioria delas se frustravam porque de um modo geral as pessoas ficavam a vontade de falar o que quisessem no modo anônimo, mas, quando iam para a vida real, não sustentavam o discurso espontâneo e, por vezes, ludibrioso do chat. Não havia rosto na tela, somente palavras no chat. A fantasia ganhava a cena, de si, do outro. Palavras falavam e seduziam. Foi uma explosão de pessoas de todas as idades usando esse dispositivo! Algumas achavam parceiros, viviam romances, alguns duravam, outros não, mas a maioria dos sonhos se desfaziam junto a realidade.

Nesse início, então, o modo de subjetivação produzido para essa nova habitação da vida era voltado para os encontros virtuais que poderiam se tornar reais, bem como outros joguinhos de entretenimento, como os de paciência e outros semelhantes. Era o momento de passagem de um mundo das ruas para o mundo das redes e do mundo das redes, para a rua nos quais os encontros se faziam, inicialmente por palavras sem rosto. E todas as conversas institucionais ou não se faziam por e-mail. O telefone fixo ainda era usado como contato entre as pessoas, mas cada vez menos porque o uso de celular também ganhava os ouvidos das pessoas, mas só como telefone mesmo e era pesado para segurar. Os aparelhos mais modernos tiravam fotos.

Em sua lembrança, esse modo de habitar o ambiente virtual se fez presente até os idos de 2000 quando o rosto das pessoas começou a aparecer na rede através de um novo dispositivo, o MSN que possibilitava chamadas de vídeo e de onde também se iniciou o uso dos *emotions* comuns hoje no whatsapp. Houve também, alguns anos depois, o *orkut*, cuja característica principal era a possibilidade de formação de comunidades. O *orkut* desapareceu com a consolidação do facebook em 2012. Alguns anos antes, talvez 2004, o Google, como ferramenta de busca e o Youtube como ferramenta de vídeos e áudios começava a fazer parte do cotidiano das pessoas. Ao menos E.L.A acredita ser nesse ano porque, ao vasculhar as pastas de seu computador, encontra nele alguns poucos artigos baixados já nesse ano de 2004. Mas, observando todos os anos dos documentos baixados observa que o maior uso dessa ferramenta, por E.L.A, iniciou-se de 2006 para cá. Nesse período já não mais tinha o win98, tinha uma outra máquina mais potente na qual rodava o win ME e, posteriormente, win XP e a internet já era banda larga, ou seja, se pagava mensalmente um valor fixo as operadoras de telefonia para ter um consumo "x" de velocidade, funcionando de forma independente do telefone. O mundo digital começava a se apresentar e não cabia na máquina antiga! Aos poucos passou a fazer parte também dos celulares no formato internet via satélite, nos idos de 2012,2013.

Assim, o mundo banda-larga começou a fazer parte do nosso cotidiano ao longo dos anos 2000. Nele adentramos e passamos a ser codificados pela máquina, a heterogeneidade, ao ser codificada e transformada em informações, nos lançou num processo que as homogeneiza em dados que nos sintetizam seguindo uma lógica binária e, tal síntese, circula em computadores (PC), laptops, tablets, celulares, iphones, smart tvs...tudo em alta velocidade. O processo de empobrecimento do pensamento dava um salto e o tempo passava

a ser capturado e estrangulado como um eterno presente que nem presente é, porque não se presentifica no espírito e o pensamento começava a ser reduzido a uma forma arcaica de respostas rápidas que só comporta sim ou não, preto ou branco, nós ou eles. O espaço do "e" é abolido. A conexão dos corpos na rede vai se tornando cada vez mais incapaz de composição em torno da afirmação da diferença, porque a linguagem numérica da máquina não conhece a diversidade, não tem como processá-la sem gerar informação polarizada. Por isso, a eliminação do que é oposto vira um modo de subjetivação "natural" da nova cultura digital que alimenta eleições sem nos darmos conta disso. E.L.A pensa que a moral de rebanho, a do bom e do mau encontrara sua casa na máquina! Dai a sensação de retrocesso. E, se parar para pensar que esse processo veio sendo gestado desde meados dos anos 1990, o fruto dele, nesse momento em que escreve, 2022, só poderia ser amargo, sobretudo se encontrando, em 2020, com a pandemia... Junto dele, novas patologias surgem, porque nascem, não no indivíduo, mas no destino do desejo no campo social. Se não tivermos atenção para isso, aderimos, como cordeiros, ao desejo de sermos coveiros no/do presente.

A lógica da máquina é a lógica do socius virtualizado, produzido nela e para ela e a serviço das grandes corporações; a lógica da comunicação digital em rede num mundo extremamente polarizado pelo modo-máquina pensando em nós, passa a morar no coração da subjetividade de cada um e só escapa dela aqueles que percebem essas mutações produzidas de fora, no contato dela com nosso olho capturado pelas telas e transformado em "espírito". Quando se retira o espaço e o tempo da vida das pessoas, quando se hiperexcita o olho como modo de vida, quando entre corpo e mundo uma máquina que obedece a uma lógica algorítmica é colocada, nossos pés não tocam a terra e nosso espírito não navega para além de um "si" mesmo. Fica encapsulado nele mesmo, mas



esse "nele mesmo" nem é " ele mesmo", mas um decalque jamais alcançável do que antes já criticávamos como "si" e que agora é ainda pior, posto que sua forma é o que a máquina criou para ele, inclusive no que tange ao seu universo desejante e no que entende por liberdade de ação. Se antes o rosto de Cristo era o modelo inalcançável, mas desejado pelo penitente, como modo de vida pela renúncia de si, agora é o modelo máquina que entrou nesse espaço, mas mostrando-se ilusoriamente alcançável, com serviços "gratuitos" para quem tem como acessar redes e não tem um rosto, posto que se modifica rapidamente com as mudanças nos programas em curso, mas traz a sombra da dívida infinita e da condenação do corpo, posto que destituído a favor do olho, como veículo de encontros virtuais dos usuários e vigiado e conduzido pelos olhos do grande pai- as corporações. Então, ao longo do contato d'E.L.A com a máquina, desde o início, não se mantinha apenas como usuária do sistema, mas pesquisadora de seu funcionamento no modo de subjetivação em curso. Talvez por isso não tivesse dificuldade de sentir em todo seu corpo o que Deleuze dizia a respeito da máquina quando nos alertava para a correspondência de cada sociedade com certos tipos de máquina e como essa correspondência e transformações tecnológicas nos permitia acompanhar/ sentir as mutações do capitalismo e não porque as máquinas fossem determinantes nas sociedades, mas porque elas exprimiam as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las. As primeiras máquinas, dirá Deleuze, das antigas sociedades de soberania, eram simples: alavancas, roldanas, relógios; as das sociedades disciplinares tinham por equipamento máquinas energéticas, com o perigo passivo da entropia e o perigo ativo da sabotagem. Já as da sociedades de controle, são de um terceiro tipo: máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e o ativo a pirataria e a introdução de

vírus. Não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo<sup>116</sup>. Esse terceiro tipo, para Guattari, se configuraria como uma ordem totalitária. E, quando Guattari pensa n'E.L.A, E.L.A lembra que ele falava sobre isso nos anos 80, então, E.L.A intuía que essa percepção de Deleuze só se tornara possível a partir de seu encontro com Guattari. Nos anos 80, como dirá Bifo, Guattari tinha uma prefiguração clara da globalização em rede que temos vivido hoje, quando dizia frases do tipo: "computadores estão dialogando de um continente ao outro, ditando as regras aos líderes políticos e econômicos. A produção informática automatizada não recebe mais a sua consistência de um fator humano, mas de uma continuidade maquínica que atravessa, contém, espalha, miniaturiza e recupera todas as funções e atividades humanas". Ou ainda de que "graças a essa conexão do planeta em redes- conceitualizada através da metáfora do rizoma - o capitalismo estaria se transformando em um sistema globalmente integrado". E que esse "capitalismo global integrado é feito de transformações e ajustes recíprocos entre o capitalismo ocidental e diversas formas de capitalismo de estado" o qual "não resultará em uma ordem mundial pacífica de justiça e democracia. Ao invés disso, ela desembocará em uma nova ordem totalitária que funcionará de forma rizomática (sem centro e interconectada) e estará em todo e nenhum lugar"<sup>117</sup> .

Esse processo em que impera uma ordem totalitária e uma correspondência do funcionamento social com a máquina foi ficando cada vez mais evidente para E.L.A, sobretudo a partir do que acontecia no país em 2016, onde tudo isso narrado acima se tornou transparente.

Mas E.L.A acrescentaria a lista de perigos, o medo que se instalou ou se produziu, na virada de 1999 para 2000, de que houvesse uma pane no sistema onde se alegava que os

computadores não estariam preparados para a mudança nas datas, tendo em vista que estariam programados para lidar com apenas dois algarismos. Dessa maneira acreditavam que todos os computadores na virada do ano, ou seja, de 31 de dezembro de 1999 para 1 de janeiro de 2000 seriam reiniciados para 1 de janeiro de 1900 ou lançados para o ano de 19001, causando pane no sistema, já que agora todos os serviços da sociedade global estavam conectados a uma rede. Muitas pessoas achavam que era o apocalipse chegando, que aviões cairiam por falhas nos sistemas de computação, que a economia entraria em colapso etc. O tal perigo passivo fantasmático ganhou o nome de "Bug do milênio", adentrando nos noticiários do mundo todo. Por aqui, a revista Veja, por exemplo, em outubro de 1999 fez uma longa matéria sobre isso intitulada: "Bug do milênio e você", o programa fantástico também fez alarde, em 26/12/1999 (<https://www.youtube.com/watch?v=xQgqudtWJSs>) e todos os jornais e demais revistas comentavam sobre isso. Mas nada aconteceu. E até hoje não se sabe se esse medo tinha algum fundamento ou se era uma manobra mercadológica para lucrar com a paranóia coletiva e/ou testar se o nível de nossa dependência afetivo-existencial-financeira já estava maturado o suficiente como desejavam as corporações e, com isso, o universo para a banda larga pudesse ser recebido sem resistências, pois ele veio logo em seguida. De todo modo, dizem que haverá outro Bug em 2038... O "ouvir dizer" viralizado nos diversos dispositivos, o mundo das opiniões, é a moeda cognitiva do presente, a principal produtora das fake news que se produz a partir de paixões tristes e ideias inadequadas a ela vinculadas. Espinosa tem toda razão ao colocar essa figura da imaginação como uma instância menor, ligada ao primeiro gênero do conhecimento, posto que passiva, na qual o dizer precede o ouvir e produz experiências vagas pautadas em crenças como o ouvir

daqueles que, em Nietzsche, são os portadores de orelhas grandes, hoje, olhos grandes para comer-te melhor, chapelzinho!

Em relação as resistências a essa lógica mercadológica do lucro das grandes corporações, recorda que os cds de instalação de programas, bem como jogos, filmes etc. passaram a ser vendidos nos camelôs em preço acessível no final dos anos 90, porque baixá-los era custoso diante da lógica de cobrança por pulso telefônico, prática chamada de pirataria talvez porque se a lógica do WWW é das navegações, então o navegador teme o pirata. Mas, o pirata, na realidade, amplia os usuários da rede porque possibilitava uma "democratização" do uso e outras piratarias surgiam junto a mudança de dial-up para banda larga, como sites de filmes, livros etc. de modo que, com o tempo, a maior parte dos usuários se tornou pirata de alguma forma. Entretanto, nesses espaços virtuais, o risco de vírus é enorme, então, o usuário precisava ter uma certa destreza para baixar os documentos sem contaminar sua máquina, Ou seja, fugir das inúmeras páginas que se abriam, prestar atenção para não clicar em algo suspeito e ter um bom antivírus instalado na máquina. De modo que o fator mais preocupante do perigo passivo é a interferência materializada na intrusão consentida da máquina na nossa vida que, com o tempo, se sofisticou de modo tal que para que o usuário consiga fazer qualquer movimentação nesse ambiente virtual, além de deixar seus rastros nele, informando-lhe seus dados para realizar ou não compras ou piratear "coisas", tais dados, ao ficarem nas mãos das corporações, possibilitam a manipulação das subjetividades de forma "democrática", isto é, consentida pelo usuário.

Por isso, nessa mutação do capitalismo digital em nós E.L.A ficava inquieta com a possibilidade desse controle maior da vida pessoas, seja pelo Estado ou pelas grandes

corporações ou por golpistas especializados que não necessariamente são grandes empresários. Esta inquietação se materializava desde o final dos anos 90, quando, através da distração nos bate papos e pelas trocas de e-mail, a sedução da serpente do capital já nos envenenava. Foi ampliada, no transcorrer do ano seguinte quando já era possível, à máquina, incorporar cada detalhe da vida de uma pessoa entregando-a para as grandes corporações pela lógica dos algoritmos em voga ao longo dos anos 2000<sup>118</sup> e nessa entrega foi também nossa liberdade, nosso pensamento, nossos afetos e percepções. Distraídas nos bate papos, pensavam estar livres e sem dívidas, afinal havia gratuidade de serviços que podiam ser usados a qualquer hora e em qualquer lugar pelo pc, pelo tablet ou pelo celular, desde que se pagasse uma taxa para as operadoras que não era muito cara, mas na realidade, agora toda a sua vida estava exposta para todas as formas do mercado. Quem não tem acesso a esse modo de subjetivação por não ter capital para investir nesse modo de ser, não dura muito tempo porque sem as senhas para esse mundo não se sobrevive nele e muito menos a ele. Essas e outras questões a perturbavam, mas E.L.A seguia usando a máquina e se observava constantemente para não perder-se no processo. Por isso, se inicialmente seguira o rumo das mudanças, em pouco tempo começou a estudar tais rumos pensando sobre a própria mudança nos corpos, inclusive no seu. Porém, criou também um corpo paranóico preocupado com vírus e invasões, ou seja, quaisquer movimentos que julgasse suspeitos em sua máquina eram ilusoriamente controlados por E.L.A através do uso de softwares de proteção ou formatando-a, nos casos mais graves. Capitalismo e esquizofrenia paranóide é o signo desses tempos!

Outro aspecto que percebeu foi o de que a passagem da escrita da máquina de escrever para a escrita do word a colocou diante de outro regime de sensibilidade e, junto a

ele, de pensamento. Nesse novo regime a postura corporal mudou. Antes digitava na máquina de escrever olhando para baixo, na altura do teclado, mexendo tão somente os olhos para acompanhar a letra aparecer no papel. Agora olhava para baixo para ver o teclado e para frente, para ver a letra aparecer na tela. Somado a isso, a luz da tela machucava seus olhos de modo que não podia ficar muitas horas digitando como outrora e, uma novidade se apresentava, quando digitava uma palavra errada, essa aparecia sublinhada assinalando o erro, o que imprimia, por um lado, velocidade na correção, posto que se escrevesse errado antes na máquina, teria que arrancar a folha e começar tudo de novo. Por outro lado, essa correção, que não vinha d'E.L.A, mas do programa do computador, poderia lhe emburrecer com o tempo. Por vezes, uma palavra desconhecida pelo word, era sublinhada e a fazia duvidar se existia ou não. Esse assinalamento aconteceu exatamente agora com a palavra "emburrecer". De modo que o emburrecimento não era d'E.L.A, mas da máquina, no entanto, de tanto depender das correções, por lhe dar agilidade, acabava duvidando de si mesma... Velocidade nunca foi sinônimo de inteligência. A velocidade só funciona agenciada com a lentidão!

Esse novo dispositivo comportava, então, riscos. Essa prótese de memória, acelerava o percurso, mas podia fazer com que a lembrança das palavras fosse sumindo com o tempo. As falhas de memória seriam doenças produzidas pela máquina em nós. O que a mantinha ainda dentro da lembrança da arte da escrita era manter-se leitora de livros. Mas os livros começavam a desaparecer, ganhando o formato digital, em pdf. E.L.A estranha não segurar mais no papel, não sentir seu cheiro, não fazer anotações a lápis, nas laterais da folha, em sua conversa com o que lia. Agora abria o livro na tela do computador e não sabia ao certo se conseguia

reter o que lia, ruminando o lido. Não que deixasse de compreender o que estava sendo dito, mas essa compreensão parecia mais frágil, como se pudesse esquecer rapidamente o que lera, talvez porque sua memorização estava ligada a escrita nas páginas do livro e escrever no papel foi o modo como foi subjetivada a pensar... Para resolver esse impasse, começa a ler em pdf, mas escreve o que sente no caderno que fica ao seu lado. Talvez por isso as palavras não sumiram d'E.L.A.

E.L.A também não se lembra mais das datas de aniversário dos amigos e nem de seus números de telefone, porque a memória prótese do facebook assumiu esse lugar de lembrança e a agenda de contatos do smartphone a outra lembrança. Poderia parecer que, assumindo esse lugar, liberaria mais espaços de aprendizagem e criação, mas, num mundo de excesso de informações e velocidade, somado a várias ações sendo feitas ao mesmo tempo com um único clic, não é possível ruminar coisas, apenas pensar por fragmentos que logo são abandonados e substituídos por outros. Com isso, vamos empobrecendo afetivamente porque não nos demoramos em nada, não saboreamos nada até o bagaço. E nos esquizofrenizamos afetivamente no sentido negativo do termo. Se não tivermos cuidado, o esquecimento ativo, caro a Nietzsche e importante no ato da criação cederá lugar a um esquecimento negativo incapaz de jogar com as forças da vida como a criança em tenra idade faz ou ao menos fazia. Agora não é o "foi assim" que nos retira da poesia da infância, como aprendera com Nietzsche<sup>119</sup>, mas um eterno "é assim" que faz com que a memória seja inconstante, captando tão somente conteúdos que escapam rapidamente dela porque perdem o seu valor no mercado das sensações para outros que aparecem em outro instante e se mostram mais necessários de acompanhar sem absorver. A memória se esgota não por acúmulo, mas por substituição de conteúdo e isso se dá

também nas relações sociais. Agora podemos "circular" "livremente" em vários âmbitos virtuais, em várias cidades e países. Entretanto, além da presença física inexistir, junto a ela toda uma constelação afetiva que expandia nossos corpos se perde e nessa perda suprime-se também os vínculos, posto que não há mais a memória duradoura dos laços para garanti-los. Estabelece-se falsamente um laço, porque não nos é possível lhe dar um nó. E aqui novamente dá para lembrar de Nietzsche quando, no prólogo do Zarathustra, diz tratar-se da emergência do último homem, aquele que não mais arremessará a flecha de sua vontade para além de si, porque irá desaprender a fazê-la vibrar em função das escolhas que faz para se sentir "feliz" e nesse processo a pequenar-se a terra achando ter encontrado uma vida menos dura. Essa escolha pela felicidade a pequenada o tornará incapaz de criar projetos vindouros porque incapaz de fecundar a vida com a superação de si mesmo. Afinal, a vida será toda esgotada no presente, no instante e a isso chamará sua felicidade. E esses serão chamados de bons. Mas os bons, dirá Nietzsche, na seção "das velhas e das novas tábuas" sempre foram o começo do fim.<sup>120</sup> A felicidade desse homem não tem cheiro de terra, mas desprezo pela terra!

Nesse novo modo de subjetivação nem todos serão remetidos ao passado e junto a ele sofrer de melancolia nostálgica. Só quem viveu o mundo mais "lento" poderia sentir isso. Mas, mesmo assim, não ficariam impedidos de experienciar essa nova temporalidade. Afinal, todos nós fomos lançados nesse presente que não finda porque é sempre novo e que, ao mesmo tempo, por ser tão pesado de informações desoladoras, nos lança na vontade, que não é nossa, mas produzida para assim funcionar, de entreterimento, para fugir dele, uma vontade de nada, uma vontade de anestesia. E o futuro se transforma no agora. Não estamos mais numa cultura da grande memória, do acúmulo do saber, do homem



enciclopédia nascido no século XIX que precisou ser criticado por não ceder espaço para a vivificação da experiência e por manter-se preso ao sentido única da história . Hoje não se retém nada, há um esquecimento negativo posto que não registramos o que lemos e também não conseguimos reivindicar direito as coisas porque os absurdos são tantos e variados, eles nos chegam a todo e qualquer instante , em alta velocidade , de modo que nosso corpo é incapaz de produzir foco e selecionar as batalhas necessárias. Atônitos, muitos de nós age como se esse fosse o sentido da nova história. Outros, mais atentos, querem brigar com o que chega de absurdo, mas não lhes é possível reivindicar tudo no instante em que esse tudo acontece em excesso e por todos os lados! E não que nossa cultura seja a do instante, mas do instantâneo. Dessa maneira continuamos presos a incapacidade de digestão psíquica porque essa lógica "macarrão miojo" que fica pronto rapidamente não cai bem no estômago! E essa lógica, por sua vez, nos lança na resignação como pequena felicidade. Nada podemos fazer, temos que nos resignar ou nos anestésiar! E, somado a isso, se não tomarmos cuidado não mais teremos como nos lembrar do passado e sem essa lembrança, não temos como nos deslocar e gerar novidade em nós mesmos e junto a ela, no socius. A novidade vem de instâncias fora de nossa processualidade corporal.

E essas instâncias, nem instâncias são, são programas que nos governam através de algoritmos que, embora desenvolvidos por mãos humanas, multiplicam seus gestos de perversidade e controle das nossas virtualidades ao infinito, porque são softwares que agem como "alma" das máquinas e capturam a sequência de hábitos repetidos que passamos a executar diante das tais tecnologias que produzem tais dispositivos: passamos horas olhando o facebook, clicando, curtindo, discurtindo, horas no

whatsApp nos comunicando, enviamos e-mail pelo gmail, passamos horas no instagram, horas fazendo pesquisa e /ou compras se utilizando do google etc. Todos esses hábitos formam rastros na rede e através deles se coletam dados, chamados *big data*, que fazem com que nossa vida fique exposta. Isto torna possível manipular todo e qualquer aspecto da vida do *socius*, misturando micro e macro através dos perfis criados a partir desse rastreamento, de modo que se tornou possível prever e condicionar o comportamento coletivo na direção que a agenda política desejar. Assim, o controle micropolítico passou a ser mola da macropolítica corporativa, no sentido de que esses mesmos dados agem na produção do desejo. Afinal, por nos rastrearem o tempo todo, nos fornecem "magicamente" o que precisamos, de modo que não há espaço para a coincidência, mas para a incidência de olhos e ouvidos das máquinas nos vigiando e escutando o tempo todo. Tudo aquilo que adquirimos na rede vira moeda de troca de dados que são vendidos para outras empresas ou "singularizados" pelas empresas que procuramos para nos ofertar mais produtos com a "nossa" cara, sobretudo porque chegamos a elas pelo google<sup>121</sup>, que é a maior ferramenta de coleta de informações existentes. Mas, esse processo também ocorre no gmail, android e no Chrome, que são serviços eletrônicos controlados pelo Google, que por sua vez possibilita o controle do que ocorre no facebook, no instagram e whatsApp. Tudo parece gratuito, mas não é. Entregamos, para as grandes corporações, nosso modo de viver, nosso comportamento social, nosso pensamento acerca do mundo, nossa subjetividade. Nossa subjetividade, como dirá José Gil<sup>122</sup>, se tornou digital e estamos presos num presente instantâneo, dentro de uma bolha e tendo o corpo fundido ao espaço virtual. O google é aquilo que separa o corpo daquilo que ele pode, porque determina esse pode, dá a sensação de expansão, mas a custa do governo de nossos

passos de maneira invisível, tal como outrora Cristo o determinava, mas agora um Cristo imanente, um juiz e juízo do deus mercado, a enorme sombra de Deus em nós chamado de mundo virtual. Aprendemos com Nietzsche que sempre que uma força ativa é separada do que ela pode, ela se torna reativa, daí ele falar do triunfo reativo no mundo humano que se manifesta no ressentimento, na má consciência e no ideal ascético, formas iniciais do niilismo. Tal triunfo só se efetiva separando, dividindo a força ativa e que essa força, assim separada, sempre repousa sobre uma ficção ou falsificação, produzindo, em nós, uma vontade de nada, imagem negativa e invertida da vida mesma em nós que opera sempre negando a diferença. Assim, os algoritmos que hoje nos governam através da lógica binária dos dados, elimina, com mais poder que outrora, a diferença, a multiplicidade que colore a vida, mas falsificando essa eliminação, fingindo nos expandir, capitalizando os empreendedores de si com muito dinheiro, criando influenciadores que podem vir das camadas pobres da população desde que esses sejam criativos no Tik Tok, mas cujo conteúdo criativo é de entretenimento para os ricos. Ou ainda transformando crianças e suas "gracinhas" em trabalho escravo-digital, assim como com bichos. E, embora haja também plataformas com conteúdo crítico, estas, também funcionando na lógica das curtidas, alimenta a própria máquina e a visibilidade dos hackres (espécie de inimigos virtuais), maioria robôs, que são acionados quando determinados algoritmos aparecem e os aciona, e estes passam a ser seguidos por pessoas contrárias as postagens, criando um clima de "guerra" discursiva, que, por sua vez, alimenta binaridades. Não havendo mais pele que encontra outras e assim avalia os encontros a partir do que sente e , desse modo, não se perdem no juízo, posto que não temos mais encontros corporais, mas cada vez mais virtuais - sobretudo a partir

da pandemia- não nos é possível sentir, pois nos encontramos há uma máquina entre nós e o mundo sensível que antes dispúnhamos com sendo as ruas, se apagou. O corpo agora é novamente alimentado pelos olhos, através da doença do online e assim, a estética dos fracos de espírito vigora em todo seu esplendor e nos conduz a vontade de nada que ao dizer para si mesma "por favor, chega de notícias ruins", se deixa ser preenchida por entretenimentos e *emotions*, conectadas a tal conteúdo desejante por conexão virtual que não virtualiza afetos, mas empobrece o espírito e o desejo porque não tem mais corpo por onde ele deslizaria. Afinal, naturalizou-se o distanciamento físico, porque todo encontro se faz tendo a máquina no meio- sobretudo após a pandemia- e amplificado por algo que começa a se falar, chamado de metaverso, como um novo modo de estabelecer todo tipo de relações sociais através de um óculos de realidade virtual (<https://www.youtube.com/watch?v=yHc2xMbN7AU>). Esse óculos, que produz uma tal experiência imersiva, uma experiência de simulação do "mundo" nos "corpos", por sua vez, pôde ser "sentida" por aqueles que foram a uma exposição "gratuita" de Van Gogh no CCBB-RJ em 2022, bem como em várias outras cidades do país e que percorre o mundo inteiro desde 2017 ([https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=42&v=TH2lFTDpgG0&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?time_continue=42&v=TH2lFTDpgG0&feature=emb_logo))<sup>123</sup>. Nela, para ver algumas obras e "sentí-las", o mercado das artes forneceu ao público os tais óculos de realidade virtual de modo a produzir, no espectador-consumidor, a sensação do que é ver através do metaverso e desejar esse mundo nas suas casas. Mas, o uso de óculos, que daqui a pouco estará em nossas vidas, em nossas casas, implicará no investimento em aparelhos mais potentes para fazê-lo funcionar. E, mais que isso, aprofundará o alcance da doença coletiva que nos separa uns dos outros- lugar de segurança e anestesia da sensualidade,

como alerta Bifo para quem estamos diante da tela como lugar de segurança, mas o que se produz é anestesia dos sentidos, do erotismo e junto dele, da força desejante que nos possibilita criticar e criar<sup>124</sup>. Ele chama o capitalismo atual de semiocapitalismo, para acentuar seu caráter semiótico agindo em nossos afetos. Bifo diz que "A psicopatologia do semiocapitalismo é marcada por ansiedade, distúrbios de atenção e pânico. A depressão aparece como o sintoma final do regime semiocapitalista: a intensidade do ritmo social e emocional torna-se insuportável, e a única maneira de escapar do sofrimento é romper o vínculo com o desejo e, conseqüentemente, o vínculo desejante com a realidade". Esse processo temos visto através dos negacionismos, como forma de vida de alguns que, no entanto, tal como o cristianismo foi em outra época, "salva" essas pessoas da vontade suicidária, mas suicida a vida negando o que está sendo feito contra ela. Somado a isso, as emoções digitalizadas, binarizadas e hiperbolizadas nesse formato pela pandemia, criou um campo de "imunização" contra os afetos que antes podiam ser dirigidos aos outros no sentido de empatia com sofrimentos e ajuda a ultrapassá-los, posto que esses, ao se propagarem aos montes e gerar sensação de impotência, podem se transformar em não mais sentir. De modo que estamos diante de um mundo no qual o esgotamento de recursos físicos se dá em conjunto com um esgotamento mental e cada um de nós precisará encontrar uma forma de sair do pesadelo da governança técnica (lógica), sintonizando correntes de desejo que estejam desvinculadas dessa psicopolítica<sup>125</sup>.

Toda essa discussão dizia respeito a relação filosófico-genealógica d'E.L.A com a máquina. Mas, apesar dos perigos, não podia negar que algo a encantava nesse mundo digital e lhe conferia um novo regime de sensibilidade. Como sempre gostou de notas de rodapé,

agora, quando lê um livro em pdf, copia e cola a nota no google e rapidamente acha o livro e/ou autor da nota. Esse movimento manteve aceso o seu modo rizomático de pensar e sua atração pelos labirintos do pensamento dos autores. Sua biblioteca digital, que não pára de crescer tem uns 5000 livros e a de sua casa uns 1500. Os livros de papel, E.L.A leu quase todos e não desistiu de comprar livros, enquanto ainda existem. Nem tudo que baixa consegue ler, mas lê muita coisa. Mas a maior parte do que lê, desses que foram baixados, dá-se em forma de fragmentos, porque sempre chega outro e mais outro. Essa leitura tem um efeito diferente n'E.L.A. Um fragmento de livro a sacode, mas esse sacudir não perdura como perdurava a leitura de livros de papel. Se E.L.A não escrever imediatamente o que sente, a afecção desaparece rapidamente. Ela não gruda na pele, ela não dobra na pele. Isso porque os estímulos são vários. Enquanto se está lendo um texto em pdf, abre-se um e-mail, ouve-se uma música, entra-se numa rede social, paga-se uma conta. Não há silêncio durante a leitura. De repente passamos a ter muitos braços e olhos e sempre estamos correndo. Romper esse ciclo se torna difícil porque passamos a agir a partir dele, mas não paramos para pensar que esse regime de velocidade é de algo não humano, logo, não pode governar nossos afetos. Se continuarmos a nos misturar com a máquina perderemos o que conquistamos no mundo de antes: a ruminação, o silêncio, a contemplação e o ócio criativo. Esquecemos que aquilo que éramos não precisa desaparecer para conseguirmos habitar esse novo mundo. Ao contrário, o que aprendemos antes precisa estar aceso em nós para nos salvar. A riqueza que habita aqueles que saborearam o que hoje é visto como lentidão é onde está a nossa força!

Por isso, E.L.A jamais abandona a leitura de manuais, sejam eles quais for e adora montar e desmontar coisas. E as

coisas duram com E.L.A por conta disso. Montar e desmontar lhe mostra como as coisas funcionam e como podem perdurar, ajudando-a a driblar a "lógica" do descarte e da naturalização do consumo por cada vez mais velocidade. Se mantém fiel ao Win 7 quando já se fala em win 11 e até hoje não encontrou qualquer problema no manuseio de sua máquina. E aqui é possível finalmente falar da relação poético-filosófica com a máquina que iniciou essa narrativa. Essa relação começou a se delinear com o computador que nesse instante usa para escrever. Está com ele há 10 anos, conhece cada parte dele, por dentro e por fora. Pensa que talvez essa relação de carinho tenha alguma relação com o momento que o adquiriu: veio através de uma taxa de bancada de seu pos-doc, que por sua vez marcou um momento muito alegre de sua vida. Ele nunca lhe deu trabalho porque sempre se comunicaram bem, mas, num determinado dia, nesse momento de plena pandemia, ele começou a aquecer. E.L.A observa que o aumento do calor prejudicava a eficiência dele...Esse aumento de calor se manifestava através do seguinte sintoma: o computador não conseguia "acordar nem dormir direito" porque ficava ligando e desligando sozinho, podendo indicar problemas na placa-mãe onde todos os componentes estão ligados. Nesse estado, não produzia imagens, embora fosse possível ver a existência de uma energia circulante. Ou seja, ele estava vivo, a corrente elétrica exterior entrava em sua fonte vital que a distribuía por seus componentes, mas sua memória era incapaz de mostrar vida na tela porque para que a vida aparecesse na tela era necessário ver se algo estava adoecendo seu coração, que é o processador, superaquecendo-o. Não era a placa-mãe, não havia indícios de que estivesse queimada ou com defeito, embora estivesse quente. Podia ser o cooler, que é um ventilador que acalma o calor. Se fosse ele era só ver se estava girando. Mas ele girava

normalmente. Então podia ser a sua fonte de alimentação, parte que distribui a energia vinda de fora, diminuindo a sua voltagem e a distribuindo por todas as partes ou o seu coração, o processador. Se fosse a fonte, poderia ser problema no ventilador dela, por excesso de poeira ou algum conector fora do lugar ou estar queimada; se fosse o processador, talvez esse precisasse de um remédio: a pasta térmica. De todo modo, esse superaquecimento obstaculizava sua memória, peça fundamental da ignição, por isso, sem essa fagulha funcionando, ela não era ativada e era preciso fazer o diagnóstico correto para voltar ao estado de vigília e de sono tranquilo. Se não cuidasse dele a tempo, a placa mãe que até o momento estava boa, poderia sofrer um colapso, derreter os conectores e ai sim, ele morreria, porque a energia não mais circularia entre os componentes e eles não poderiam produzir vida através de seus agenciamentos. A energia de fora não morreria, a menos que faltasse luz, mas, por não conseguir se comunicar com as partes, não mais o ligaria. Aprendera também com ele seus sons. Cada som indicava problemas e soluções. Existe um som normal que indica seu sopro vital: é um único bip curto que faz quando o ligamos. Logo em seguida escutamos o ventilador girar e está tudo em ordem: a imagem na tela aparece. Mas, por vezes, outros sons se fazem presentes, indicando problemas: um zumbido parecido com som de marimbondo pode indicar problemas no ventilador e tal problema pode ser sujeira ou desencaixe do fio ou fio tocando a hélice. Mais de um bip, ao iniciar, tem vários sentidos: um bipe longo e um curto- erro na memória ou 3 bips problema na memória, um bip contínuo problemas no cooler do processador (ventilador que fica em cima da sua superfície metálica), barulho forte na parte superior do gabinete do computador, problema na fonte, podendo ser também o ventilador acoplado a ela que pode ser por excesso



de poeira etc. Embora não ouvisse tais bips, pois aprendera com ele seus sons, abre o gabinete e olha a arquitetura interior do computador. Limpa tudo com pincel delicadamente. Sente a quentura vir do coração dele, o processador. Desacopla ele da placa com a qual se comunica e passa a pasta nele, uma única gota. Encaixa novamente na placa. Fecha a tampa. Aperta o botão da ignição. Ele liga! Ela se emociona. Dez anos de amizade não são 10 dias. No momento em que acabara de fechar a tampa e observava as imagens aparecendo na tela pensa que conforme o computador envelhecia ele não conseguia acompanhar, através de seu corpo, as mudanças velozes do tempo. Para continuar funcionando, ou seja, para que uma atualização fosse instalada nele era necessário desativar alguns componentes para diminuir o excesso de informação em sua memória para não sobrecarregá-lo, superaquecê-lo. E.L.A desativa o cd-rom, por exemplo, que não estava usando mais e que não era mais necessário ter porque as músicas podiam ser ouvidas no Youtube, ou seja, direto de um site. Desativa outros programas antigos que estavam habilitados na inicialização dele e que também já não eram mais usados, então, dessa forma ele não precisaria mais emprestar sua força para lembrar deles. Com esses espaços, agora de esquecimento, desinstalados, podia absorver outras coisas e se lembrar somente delas. Assim, mesmo estando num "grupo de risco" de desaparecer, ele se comunicava com E.L.A e lhe indicava o que era preciso ser feito para que ele ainda se mantivesse vivo. Olha sua temperatura através de um programa instalado nele e vê que esfriou bastante. Olha o consumo da memória e vê que, agora, estava bem baixo, mesmo quando E.L.A abre vários sites ao mesmo tempo. Ele estava bem, não precisava fazer esforço para lembrar. A produção de espaços de esquecimento foi realizada com sucesso! Dá uma gargalhada quando pensa: Nietzsche tinha razão, o esquecimento é o que

garante o exercício da nobreza das forças porque vence o ressentimento! Dionísio está presente aqui, como deus do esquecimento e da Criação, fazendo com que a memória que se afirme seja aquela que se metamorfoseia junto à vida! Mais gargalhadas dá!

Seu fascínio pelos efeitos do superaquecimento estava atrelado a um novo processo que se instalava em seu corpo: a menopausa. E o computador começou a superaquecer exatamente no mesmo momento em que E.L.A superaquecia pela primeira vez. Nesse estado percebia que quando chegava o calor, que subia do peito, na linha do coração, para a cabeça, E.L.A ficava alterada, sentia pressão no ouvido, zumbidos, começou a ter insônia e problemas de memória. Brincava que seu cooler estava com defeito e sua pasta térmica foi um fitoterápico que regulou tudo! Cai em gargalhadas!!!! Assim que termina de gargalhar um sorriso amarelo lhe invade o rosto: será que a máquina havia se apossado d'E.L.A por outras vias? Ou essa relação afetivo-filosófica a mantinha em estado de comunhão com a vida? E.L.A foi capturada pela máquina ou ela a incorporou no seu modo de se conduzir?

Relê tudo que escreveu sobre sua relação com o computador e os modos de subjetivação em curso e entende que é o momento de parar de escrever sobre isso, caso contrário, faria uma anti-tese sobre tal assunto. Mas acredita que tais aspectos de alguma forma vão tangenciar com outras dimensões tratadas por E.L.A no escrito rizomático dessa anti-tese. Ao escrever rizomático o word grifa a palavra. Ainda bem que E.L.A não se rendeu a confiar nele como guia de seus dedos! O mundo das palavras que habitam seu espírito é mais vasto do que o codificado pela máquina! Que assim se mantenha, reza baixinho!

Trilha Sonora: Pela internet II. Gilberto Gil  
[https://www.youtube.com/watch?v=8PtfnjJhx\\_Y](https://www.youtube.com/watch?v=8PtfnjJhx_Y)

Encantar-se com os  
nasceres: a escuta  
poética dos signos

## A escuta do ínfimo

*Escutar a sabedoria dos sonhos e do ínfimo, eis as ondas de saúde que seu corpo radiofônico a todo tempo lhe ofertava. Em 2019, estando isolada não pela pandemia, mas pelo modo em que se configurou sua estadia em outra cidade, agora Brasília, essa escuta se fez presente através de um conto chamado o ouvido e a formiga. Mas não falemos desse conto ainda, falemos de seu amor pelas formigas. E.L.A sempre amou formigas desde criança, as admirava, as ajudava. Esse amor nunca a largou. Certa vez, quando tinha uns 22 anos, foi passear no Parque da Tijuca com um professor que estava namorando. Ele viu uma bromélia no chão presa num pequeno tronco, pegou e lhe deu. E.L.A trouxe o tronco para casa e o colocou na sala em cima de um vaso. Passado um dia, viu uma pequena formiga preta sair de dentro dele, circular pela casa e depois de muito tempo, retornar para o tronco. Fazia aquilo sempre no mesmo horário e do mesmo jeito. E.L.A estranhava, tratava-se de uma formiga kantiana, pois diziam que era possível acertar o relógio sempre que ele saía para caminhar? Ria sempre quando pensava nisso! Como morava com os pais, mostrou a formiga para eles. Como eram sensíveis como E.L.A, adotaram a formiga, deixavam ela circular livremente. Porém, certo dia, o tronco caiu no chão e de dentro dele milhares de formigas saíram. Ela riu e pensou: não era a mesma formiga que eu e meus pais conversávamos, podia ser qualquer uma dessas. Fui enganada! Mas, que bom. Não havia Kant nelas! Os pais, não tão bem humorados como E.L.A correram para matar as formigas. E.L.A não deixou. Deu um jeito de juntar todas num pano, pegou o tronco e o colocou num plástico, depois sacudiu o pano dentro do plástico e o fechou. Desceu no elevador, pois morava em apartamento, foi no jardim do prédio e cuidadosamente colocou o tronco e as formigas lá. Subiu sorrindo!*

De outra feita, estando agora em Brasília, já na faixa dos 45 anos, viu várias formigas no açucareiro. O pegou e gritou dentro dele: vocês tem que sair dai! Sua voz ecoou pelo vidro e elas saíram correndo em disparada. Todas saíram pela janela e nunca mais voltaram. Ao menos é no que E.L.A acredita. **Ouvir aqui:** [https://mega.nz/file/nh8QVCQC#DFijZs2t\\_HZyuDC-EPy8sWSn02Y7JiYdRFI1p0iEkmw](https://mega.nz/file/nh8QVCQC#DFijZs2t_HZyuDC-EPy8sWSn02Y7JiYdRFI1p0iEkmw)

Alguns meses depois, as formigas voltaram a lhe habitar, não a sua casa, mas o seu espírito. Dessa vez trazidas por um sonho, que não foi seu, mas de sua companheira, em 2019 e que acabou virando um conto intitulado " O ouvido e a formiga".

## O ouvido e a formiga

Uma mulher se perde da outra. Essa outra desaparece de seus olhos. Não mais a encontra, some de seu raio de ação. A mulher que procurava a outra conversa com alguém do bar e este aponta sua localização. Ela segue a pista, mas continua sem vê-la. Havia seguido boêmios, músicos, indo em direção a um matagal, contagiada pela sonoridade e por imaginar que aquele grupo, era seu ninho. Desespera-se achando que podiam ter abusado da outra mulher, que era sua. Ao entrar no mato, de repente olha para o chão e vê uma formiguinha com vestido verde sob uma folha em tom ocre. Era a sua mulher. Reconhece-a por conta do vestidinho verde. Coloca-a com delicadeza em seu ouvido e a transporta através dele para um lugar longe dali. Pergunta para a sua pequena mulher-formiga: você consegue me ouvir? A pequenina mulher, frágil e minúscula, diz, de forma quase inaudível: “consigo, mas com alguma dificuldade” .:

De um lado um ouvido gigante que não deixava a mulher-formiga enxergar a boca que perguntava “você pode me ouvir?” talvez, essa mulher-ouvido percebesse que sua boca, ao transportar o som até o ouvidinho da mulher-formiga, era também gigante, de modo que a sonoridade chegava muito alta para a escuta delicada da mulher-formiga, mas, ao mesmo tempo, também sabia que sua mulher-formiga precisava de seu ouvido como veículo dela para que fosse transportada para além dela mesma, por isso o oferece. A mulher que se transformou em ouvido e este meio de transporte da mulher-formiga, não tem como escutar direito a voz da mulher-formiga. Não foi à toa que a mulher-formiga se perdeu entre músicos e mato. A mulher-formiga tem ouvidos sensíveis, está buscando os elementos de sua composição, mas não era entre humanos, entre humanos, amava a sonoridade musical, mas precisou efetuar uma transformação mais radical para encontrar sua natureza: virou formiga-com-vestido-verde. Podia ouvi-los e segui-los e não ser percebida por eles, mas corria o risco de desaparecer por pisadas distraídas e/ ou calculadas; o mundo humano é um gigante colocando-a sempre em risco de desaparecimento, mas segue, sabe que precisa seguir a música e o mato, como seguisse um alimento. Algo nela sabia que as formigas, juntas, tem maior peso que a humanidade inteira. A mulher formiga quer ser ouvida e quer cantar. Quer

ser outro corpo. A mulher-ouvido quer ouvir e entender. Mas os tamanhos de uma e outra dificultam o diálogo e, se não fosse o vestido verde, a mulher-formiga poderia ter sido pisoteada pela mulher-ouvido. O risco desse desastre assusta a mulher-ouvido, a apavora! Mas ela a achou mesmo assim e não estranhou sua metamorfose, algo nela sabia que sempre a encontraria. A mulher-formiga, por seu lado, percebe que não pode perder os signos da humanização e de localização amorosa, por isso manteve o vestido verde em seu corpo. Ele permite também que ela transite no mato e se confunda com ele, se proteja em alguma medida, mesmo que de maneira frágil. Mas ela encontra aconchego nesse ouvido gigante, úmido e quente, embora saiba que ele não é capaz de ouvi-la como necessita sua natureza de formiga. Ela grita, mas seu som, quando chega na mulher-ouvido, chega faltando palavras. Elas se perdem em função da distância de tamanhos. A mulher-ouvido não tem como virar formiga, sua natureza humana, demasiado humana, não lhe permite transmutações radicais, não tem como se abandonar no devir- animal-formiga tal como a sua mulher, mas se esforça em ouvir seu sussurro, quer ajudá-la, mas não sabe como e não têm como. Ofereceu seu ouvido como gesto amoroso, mas não pode ouvir. Mesmo assim, a transporta de um lado a outro para impedi-la de morrer, acolhendo algumas sílabas da voz, quase inaudível, da mulher-formiga que, até chegar ao seu ouvido, perde o sentido, mas ela se esforça em reunir os fragmentos de ruído e busca defini-los como uma frase que jamais é igual a que a mulher-formiga-de-vestido-verde proferiu e a mulher-formiga, por sua vez, não consegue escutar as frases da mulher-ouvido num tom baixo, porque o que lhe chega é sempre um estrondo. Ambas começam a ter incapacidade de audição em função da diferença de natureza e tamanho. Mas, mesmo assim, as duas vão levando a vida. Ouvir aqui:

[https://mega.nz/file/3kFgUY6D#BGgtQN6WqSoKwvvcUFICYD8zLQ-ZpsaEomxxmhOg\\_2g](https://mega.nz/file/3kFgUY6D#BGgtQN6WqSoKwvvcUFICYD8zLQ-ZpsaEomxxmhOg_2g)

O dia a dia da mulher-formiga não é fácil. Enxerga com dificuldade, conhece a vida por cheiros. O cheiro humano por exemplo, é percebido de longe, de modo que se afasta antes de qualquer aproximação. O cheiro das outras formigas é percebido pelo traçado deixado por elas, pelos caminhos, mas embora os encontre e deseje aproximação, não pode ser acolhida por elas, seu vestido produz distância, impede o encontro, produz estranheza. Para isso, teria que tirá-lo, mas ficaria em perigo de não mais ser encontrada pela mulher-ouvido. Mesmo assim, encanta-se com as miudezas, como também as escuta. Mas não consegue comunicá-las à mulher-ouvido. Nesse mundo de miudezas há muita beleza, mas os riscos de morrer podem ser maiores porque o mundo é um gigante maior que o da mulher-ouvido. Ela, a mulher-formiga-com-vestido-verde, percorre dois mundos, ela explora esses dois mundos, captando o que está para frente, ao redor e para cima, jamais para o que está abaixo, porque não existe

embaixo para ela, sua natureza não lhe dá essa dimensão de sentido, mas conhece a dimensão de profundo, pois é lá que faz morada. Pode também andar para trás, mas não pode olhar para trás. A anatomia de sua cabeça não permite. Assim, quem pode lhe avisar de algum perigo que vem por suas costas será sempre outra formiga que porventura esteja virada de frente para ela, mas ela não a encontra com facilidade por conta de seu vestido. Ela sabe que está só, então, quando a mulher-ouvido não está por perto, mundo menor e mundo maior se tornam perigosos, mas o maior ainda mais, porque é nele que a mulher-formiga enxerga com menor precisão. Sentir o cheiro do perigo também não é suficiente porque os odores são numerosos e a confundem. O mundo é gigante e ela, sozinha, é incapaz de marcá-lo com seu corpo. Ela não cabe, sozinha, nesse mundo maior, porque é facilmente engolida por ele e sofre de surdez constante e enxaqueca permanente. Também não cabe completamente no mundo menor, embora se desloque melhor nele. No mundo maior, deslocar-se é uma tarefa quase impossível e exaustiva. Não tem pernas humanas, agilidade humana, velocidade e, mais que isso, como formiga, precisa de outras para se orientar e se defender. Aprendeu, observando as formigas, a arte do bom encontro das antenas. Arte capaz de criar uma base coletiva e protetiva para enfrentar os desafios diários e, assim, ter peso maior do que o da humanidade. Aprendeu que só em comunidade de formigas pode encontrar seu corpo e sua potência. Entendeu também que uma formiga desgarrada de sua comunidade facilmente morre porque não encontrará os rastros das demais, somente os seus e andará em círculos; andará em torno de si mesma, até morrer de exaustão. Porque só encontrará seu próprio cheiro. Em conjunto ela consegue selecionar o tipo de contágio que pode atingir o seu ouvido e nariz; consegue sintonizar-se aos ruídos de seu mundo de miudezas, através do encontro de suas antenas com a de suas semelhantes, numa espécie de camada de proteção que as ajudam a sintonizar a estação certa para a sua audição. Dessa maneira é também capaz de encontrar moradia em lugares seguros e profundos e se deslocar com as outras quando, juntas, cheiram o perigo. Só funciona juntando inteligências. Sozinha, sem essas antenas tocando as suas, os demais ruídos da cidade, os ruídos humanos e das coisas inventadas pelos humanos, ficam altos demais para seus ouvidinhos. Tudo se torna demasiado grande e assustador. Sua inteligenciazinha caduca. Ela só funciona agenciada a outras e por ajuda mútua e voluntária. **Ouvir aqui:** <https://mega.nz/file/yskxWLCI#VAQ0MSGIf5U5Yo5dx-WaWnKpfCYxUFszwaepJW8e7X0>

Para a mulher-ouvido só existe o mundo grande, embora ela saiba da existência do menor porque ela tem a noção de embaixo. Mas ela não pode olhar para baixo senão pode perder seu caminho para frente. Pode desviar-se sem querer e cair em espaços desconhecidos dentro do mundo grande. Também não tem como habitar o espaço menor. É grande demais

para ele. Sua suavidade, nesse mundo minúsculo, vai se manifestar como força bruta por conta do tamanho de suas formas, mesmo se ela reduzir a sua força. Seus passos vão ser rápidos demais e podem ferir as miudezas, sem intenção de feri-las. No entanto, diferente da mulher-formiga, ela pode andar sozinha sem se perder, porque a cidade grande é sua morada, ela sabe entender seus sinais. Ela precisou construir seu tamanho de maneira compatível a tudo que a cerca, para não ser engolida. Ela sabe sobreviver e sabe também viver nesse espaço grande. Isso não significa que a solidão pode lhe deixar feliz e que não precise escutar, mesmo que com dificuldade, o que diz a mulher-formiga. E a mulher-formiga não pode abandonar o vestidinho verde, caso contrário perderá sua humanidade; deixará de ser mulher. Não pode abandonar também ser guiada pelo ouvido humano da sua mulher que dá contornos mais precisos ao vestidinho verde, mas precisa aprender a encontrar, de vez em quando, outras formigas-com-vestido para seguir os movimento sutis de seus corpos, guiar-se por seus cheiros e aprender a girar com elas, devindo mulher quando seus vestidos dançam com o bater do vento e, no mesmo lance, movimentam os minúsculos corpos nesse giro, que crescem esplendorosamente; girar, também, junto ao espalhar das folhas, lhe permitindo brincar, devindo criança e, assim, encontrar as antenas-abrigo que não provocam ruído, mas compõem vida quando com ela dança, dando passagem aos circuitos abertos de energia, alegria e cuidado. Parar de andar em círculos, tal como faz quando está sozinha e, nesse gesto, deixar a mulher-ouvido tranquila. Quem sabe assim a mulher-ouvido não precise mais se preocupar em encontrá-la para transportá-la para aqui e acolá e também possa ser cuidada, pois carrega o peso humano... quem sabe assim consiga, finalmente, ouvir com melhor precisão o som que sairá do círculo das outras formigas-com-vestido, que é mais rico e sonoro que a humanidade inteira, sem precisar abrir mão de seu corpo de trabalhadora do manicômio-cidade? **Ouvir aqui:** <https://mega.nz/file/P01VSb6K#4mUtRvr2aPPfyERXRAmw6edmbDE8U3e77aKEu-likyl>





E.L.A pegou esse conto e resolveu inscrevê-lo num concurso no qual o prêmio seria a sua publicação em uma coletânea sobre saúde mental. Para justificar a relação do conto com a temática e, dessa maneira, poder concorrer a publicação, escreve um resumo- já que não podia dizer simplesmente que o conto nasceu do sonho de sua companheira, que a acordou de madrugada dizendo: "você virou uma formiga de vestido verde, mas eu te reconheci! Você estava perdida no mato, perto de músicos, mas eu te achei e te transportei até em casa pelo meu ouvido!". Quando E.L.A escutou essas palavras do sonho, que se assemelhavam ao realismo fantástico, ficou tão impactada que o transformou em literatura, pois ele nasceu da relação de forças de Brasília na vida das duas, de modo que o sonho de sua companheira era também seu, talvez até o tivesse sonhado porque o escreveu num sopro só, sem nenhuma dificuldade. Mas, curiosamente, o resumo também saiu num sopro só, de modo que, quando terminou de ler o que seus dedos digitaram, percebeu que tratava do tema da saúde mental. E.L.A diz assim, no resumo: "O conto narra o processo de despersonalização que pode levar uma personagem, sem nome, a experiência limite da loucura, mas também narra experiências de cuidado baseadas na política da amizade que, ao acolher a diferença, impede a dissolução completa da personagem e/ou sua entrada no universo manicomial. O modo como se dá a relação da personagem com sua mulher mostra a alternativa amorosa que impede esse caminho. A tônica do conto é a aposta na liberdade de tornar-se o que se é. A personagem não se encaixa no manicômio-cidade, percebe que ele inventa o humano e este humano é uma máquina incapaz de ouvir as sutilezas e delicadezas pelos excessos de ruídos que aprende a absorver como vida. Por isso, a segunda personagem do conto é a sua mulher transformada em ouvido gigante. Essa parte dela entra no experimento, mas não perde a sua afinação com a humanidade como modo de vida. Seu ouvido, embora amoroso, é incapaz de ouvir as sutilezas, mas sabe que a vida só respira quando o modo de conduzir-se nela segue regras facultativas. Por conta disso, ela consegue acolher o processo de despersonalização da outra- que deixa de ser mulher, entra num devir formiga e se transforma em formiga, mas com vestes humanas. Embora incapazes de ouvirem-se completamente por conta do modo distinto que encontram para darem conta de seus afetos numa cidade enlouquecida, governam-se pela política da amizade e constroem uma ética de cuidado baseada no que cada corpo pode. Isso

permite que sejam criados arranjos para que a mulher-formiga possa viver no mundo humano e a mulher-ouvido aprenda a escutar o som da comunidade dos ínfimos que a mulher-formiga-de-vestido-verde encontra como seu modo de vida e saúde do espírito".

Embora E.L.A tenha ficado impactada pelos dois sopros, o do conto e do resumo, ficou incomodada com o segundo porque podia tirar a magia do conto, ou pior, guiar o olhar do leitor para um destino e, assim, não tecer junto com ele, não transformar o conto em imagem, em corpo, mas verdade a partir do detalhe ou do recorte. Mas se tivesse dito que nasceu da relação d'E.L.A com sua companheira, cairia no mesmo lugar... Por sorte, o resumo não ia aparecer na publicação e, por mais sorte ainda será publicado agora em 2021. É o chocalho do tempo, pensa E.L.A! E nesse chocalhar, lembra que no mesmo ano que escreveu o conto, 2019, E.L.A e sua companheira saíram de Brasília, para manterem a saúde mental, afinal foram praticamente expulsas de lá por conta de um decreto presidencial assinado em junho. Mas essa é uma história, que não sabe se dará tempo de contar ou se vai desejar detalhar ou se já contou. Agora precisa dormir.

### **E.L.A ,as baratas e outros insetos.**

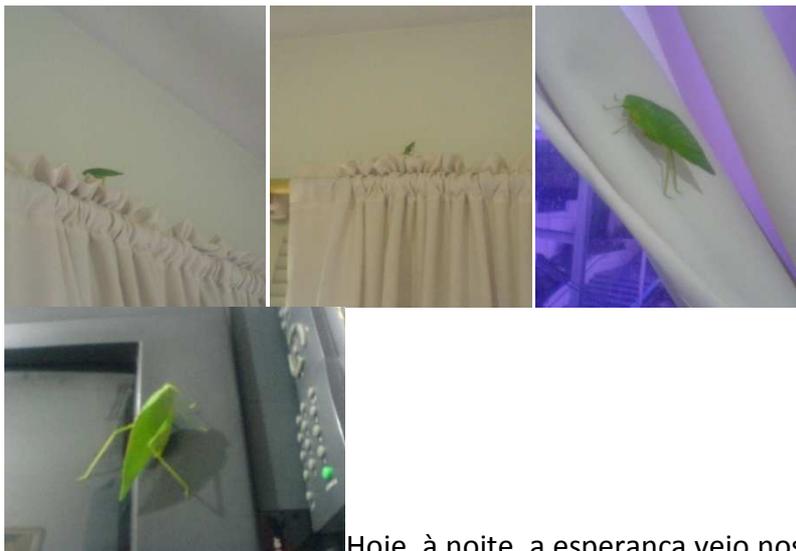
Acorda. Não sabia bem por que, mas resolveu reler e-mails trocados com uma amiga, falando da mudança do Rio para Brasília. Para sua surpresa (ou não), neles a temática dos insetos novamente se fez presente. Adentra naqueles dias. Lembra que o apartamento ficou uma loucura, era minúsculo e quase não dava para se deslocar dentro de casa. E.L.A havia etiquetado 73 objetos e embalado 69 caixas. Certo dia estava trabalhando no computador quando ouviu um barulho. Vira para trás e era uma barata enorme perto de uma caixa. Suou frio porque tinha pavor de baratas e também de lacraias, mas tinha desenvolvido uma escuta que conseguia identificar a presença delas em qualquer espaço. Sua mulher não estava com E.L.A para salvá-la. Então se levantou delicadamente da cadeira e foi para o quarto. Colocou no pequeno espaço da porta, próximo ao chão, um pano para impedir que a barata entrasse lá quando E.L.A estivesse dormindo. Quase não dormiu, mas conseguiu. No dia seguinte até esqueceu da barata, mas, a noite, E.L.A, sentada no mesmo lugar, viu a barata andando pela

casa. Então pensou: bem, não vou matar a barata, então preciso conversar com ela. Mas como se conversa com uma barata? Já sei, vou dar um nome para ela. Gregória! Isso, Gregória. Gregória, é o seguinte, eu preciso circular pela casa, preciso trabalhar nesse cantinho aqui e ficar de costas para você, então façamos um trato, quando eu estiver aqui você não aparece, só circule quando eu estiver no quarto. Não quero fazer mal a você e não quero que você pule em mim. Combinado? Seria melhor você ir embora. Os dias se passaram e E.L.A não mais viu Gregória, mas achava que ela estava por ali. Quando a mudança saiu e os ômi mexeram nas caixas E.L.A se lembrou de Gregória e achou que ela apareceria porque os ômi não puderam aproveitar todas as caixas que E.L.A embalara porque algumas caixas eram grandes demais e ultrapassariam os 12 metros cúbicos que tinha direito. Desse modo, tiveram que retirar coisas das caixas e colocarem em outras, mas elogiaram a forma como E.L.A embalou e brincaram que caso quisesse, conseguiria emprego na empresa de transporte. Foram tão simpáticos que incluíram mais objetos no transporte, ultrapassando os tais doze metros cúbicos. Um deles, quando viu que E.L.A. tinha um taco de sinuca lhe convidou para jogar em algum lugar da região satélite de Brasília. Pena que E.L.A não anotou o lugar! De todo modo, a movimentação no apartamento e o abrir de caixas fazia com que temesse que Gregória aparecesse, saísse de uma delas e, assustada, voasse. E.L.A mentalizava: Gregória, fique calma. Mas Gregória não apareceu. Pensou: Ela certamente foi embora. E.L.A conta para sua mulher, por telefone, a história de Gregória e sua mulher diz a E.L.A que na casa nova delas não tinha baratas que inclusive não achou nenhuma no prédio e nem nos arredores. Elas pareciam não gostar dali ou o serviço de dedetização do Plano Piloto deveria ser muito eficiente. Quando, em novembro, sua mudança chegou em Brasília, E.L.A e sua mulher estavam no apartamento para receber os rapazes. As caixas foram colocadas em um dos quartos que seria o escritório e as demais na sala. Os rapazes saíram. No dia seguinte, que foram exatos, 09 dias depois do seu aniversário, sua mulher dá um grito: Uma barata. Mas como assim? Só podem ter vindo de uma dessas caixas. E aí E.L.A só escuta o ploft. Sua mulher matara a barata. E.L.A vai correndo em direção ao escritório e começa a chorar: Você matou a Gregória!!! Como pôde? Mas meu amor, era só uma barata. Não. Era a Gregória. Tenho certeza! Passou o dia deprimida e sem falar com

sua mulher. Mas desenvolveu uma outra relação com as baratas! **Ouvir aqui:**  
[https://mega.nz/file/mgt3haLK#k74hDnD6LNpWd8JzZnuC1G7S\\_J\\_19BfJ2U\\_yeNWE6I](https://mega.nz/file/mgt3haLK#k74hDnD6LNpWd8JzZnuC1G7S_J_19BfJ2U_yeNWE6I)

Mas o que essa barata queria indicar para E.L.A? Por que foi até Brasília? Era estranho. Em cada uma das casas que morou sempre encontrara um inseto para lhe comunicar algo. E sempre foram insetos "fofos". Esse apartamento mesmo que E.L.A agora se despedira, esse do Rio de Janeiro, foi conduzido por uma cigarra. E.L.A estava procurando um apartamento para morar e estava receosa porque se mudaria de Niterói para o Rio de Janeiro e perdera a noção de como era morar no Rio. Encontra vários apartamentos, pela internet, com valor que poderia pagar mas eram minúsculos ou em locais em que E.L.A desconhecia as redondezas. Somado a isso, tanto E.L.A quanto sua mulher tinham pouco tempo para bater perna porque precisavam fechar negócio rápido, pois seu contrato de aluguel já estava quase vencendo. De repente, quando seu olhar pousou em um apartamento específico, uma cigarra entrou pela janela, pousou em seu teclado e começou a cantar. Na foto não dava para ver muita coisa do apartamento de modo que E.L.A nem iria olhar para ele, mas, vendo aquela cena da cigarra, pensou: É esse o apartamento! Sua mulher estava na rua e E.L.A falou: achei o apartamento! Me encontre no lugar tal e vamos correr porque ele vai ser nosso. Chegam na imobiliária e foram ver o apartamento. Um rapaz acabara de vê-lo e disse que gostou, que iria em casa juntar papelada. Elas já estavam com alguns documentos nas mãos, precisavam ver alguma coisa no cartório que ficava em outro ponto da cidade e voltar na imobiliária para fechar o negócio. Correram muito e acabaram conseguindo fazer tudo antes do rapaz! Ficaram com o apartamento e nunca tiveram problemas lá! Se não fosse ele, E.L.A teria dificuldades para se deslocar para o trabalho que fazia na época, bem como sua mulher.

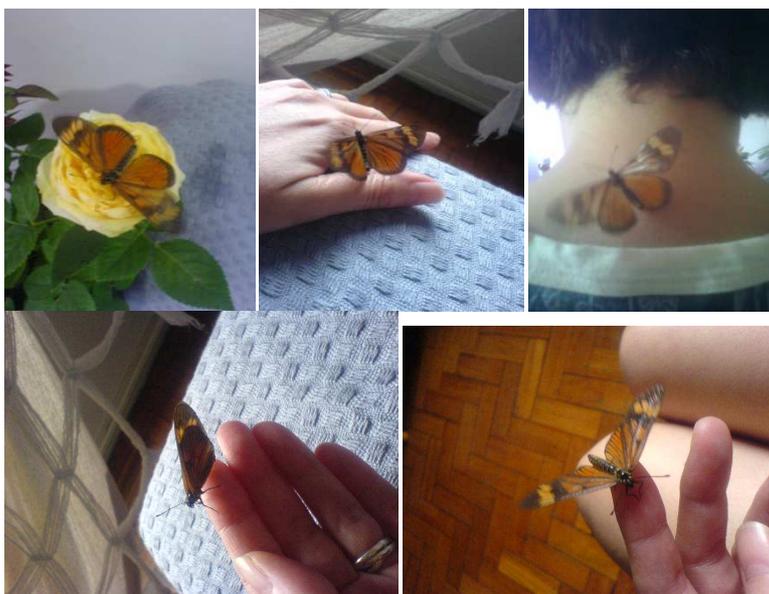
Na sua mudança para Niterói, anos antes, quem apareceu foi uma esperança e o apartamento que encontraram tinha muitos problemas, de modo que afirmar sua escolha era esperar ele ficar apto para moradia que demorou alguns meses até o proprietário consertar tudo. E.L.A escreveu nesse dia.



Hoje à noite, a esperança veio nos visitar emitindo sons que se assemelham a um assovio fino, como uma nota bem alta de violino. Curiosamente, meu espírito, tomado por uma falta de esperança, imaginou o pior: tem um morcego aqui dentro! Meu ouvido não estava sensível o bastante para distinguir bom presságio de perigo. Movida pelo medo, não sai da cama. No dia seguinte, à noite, uma amiga veio dar um presente de aniversário adiantado a minha amada, e, assim que ela se foi, quando olhamos para a cortina, vimos a Esperança, no alto dela, espiando os movimentos da casa. Lembrei então da noite anterior e ri da minha falta de esperança. No segundo dia percebi que, à noite, ela parecia se exercitar, pensei que caçasse, pois saltava da cortina para o sofá e deste para o outro, depois voltava para a cortina e tocava seu violino quando realizava seus saltos...Então, comecei a respeitar os hábitos noturnos da esperança que, agora, se tornava convidada da casa e quiçá, moradora, membro da família. Deixei, nesse dia, de estudar à noite na sala, deixava a luz apagada para ela se sentir a vontade... No outro dia, tentei me aproximar dela, mas ela se escondeu por detrás da cortina. Tirei fotos dela, ao longe. Continuei o ritual da noite. Mas eis que no quarto dia, ela apareceu na parte baixa da cortina. Aproximei-me dela, conversei com ela e ela não fugiu. Tirei fotos bem próximas a ela. Esperança parecia serena. Parecia saber que eu não a destruiria e que, acima de tudo, a respeitava. A noite tocou seu violino. No quinto dia, sai com minha amada; cheguei em casa e a esperança estava na cortina. Nesse dia, não estudei e não tirei fotos de esperança. Hoje, sexto dia, acordei cedo e esperança estava na cortina. Fui pesquisar sobre a alimentação dela e descobri que se alimenta de vegetais, folhas. Fiquei preocupada, ela devia estar esse tempo todo sem comer servindo apenas para se dar a

mim e a minha amada, pois, curiosamente, a janela da sala não ficava fechada, esperança não ia embora porque não queria ...Procuro algo na geladeira, mas nada havia. Olho para a cortina e a esperança foi embora. O tempo passa, anoiteceu e não vejo a esperança. Será que a esperança morreu? Queria tanto protegê-la! Coloquei um alimento para a esperança na janela, mas não era bem o que come... ao mesmo tempo seria absurdo querer domesticar a esperança... A esperança veio quando ela quis, atraída não sei pelo quê, emitiu seus sons noturnos e se foi quando já tinha conseguido estreitar seus laços conosco, quando não havia porque temer: ela havia se mimetizado a nós, éramos verde para ela e, para não ser capturada em humana, domesticada nessa fôrma, se foi, não deixando rastros de seu destino, mas, ao se fazer presente no silêncio diurno, no seu canto noturno e na leveza de seu ser que verdeja no verde, soube nos fazer verde para si própria, a ponto de poder morar, na nossa cortina clara ... ser vista sem precisar se proteger. A esperança nos escolheu, acolhemos a esperança e elas nos acolheu. Por isso, pode partir. A esperança que nada espera de nós não faz mal, desde que não façamos dela farol. Não foi essa a da caixa de pandora. A chamo de Esperança por pura falta de imaginação. Mas seu nome certo deveria ser calma ou sabedoria do tempo. Porque dias depois, conseguimos o apartamento.

***Também era visitada por borboletas que saiam das flores para pousar n'E.L.A:***



***Então barata e, mais tarde, morcegos, eram novidade! Anúncio do mau tempo...em Brasília!!!!***

**Ouvir aqui:**

[https://mega.nz/file/jgkXnRjY#pDnw2KhBHO\\_En\\_nOEK80skd7x7sQWCETBp\\_5JW0EbS0](https://mega.nz/file/jgkXnRjY#pDnw2KhBHO_En_nOEK80skd7x7sQWCETBp_5JW0EbS0)

### **Brasília-DF/ morcegos : primeiro anúncio da pandemia?**

Esse universo sensível também se apresentou de uma maneira assustadora. Estava E.L.A dormindo junto a sua companheira em 2019 pouco antes de voltar para o RJ, quando, de repente, sente algo pesadinho pousado em sua mão. Instintivamente E.L.A a sacode e escuta um barulho levemente forte bater no chão. Acorda e sua companheira também. E.L.A diz: algo pousou na minha mão. Acende o abajur. E.L.A, sem óculos, não enxergava bem, só percebia que era algo preto que parecia um sapo. Mas não fazia sentido. Como assim, um sapo? Se aproxima e vê que era um filhote de morcego. Pega uma caixa, amor, temos que colocá-lo nela, para depois soltá-lo. Não posso pegá-lo com a mão porque alguns morcegos podem transmitir o vírus da raiva pela saliva ou doenças infecciosas. Ai, caramba, será que ele me infectou? Ele estava na parte de cima de minha mão! Não acham uma caixa e resolvem sair correndo do quarto, aproveitando que ele continuava encolhido no canto, tão apavorado quanto elas. Deixam-no lá e trancam a porta. E.L.A lava a mão sem parar no banheiro. Dormem no outro quarto. No dia seguinte, o quarto estava todo zoadado, com mijo e fezes do morcego por vários pontos do quarto, até a janela. Ele tinha ido embora, dava para seguir seus passos até a janela. Mesmo assim, após limparem tudo, vasculharam cada canto do quarto, sacudiram os lençóis e tudo que se encontrava no quarto e nada encontraram. Alívio.

No dia seguinte, estavam na sala, quando, por volta das 18 horas E.L.A escuta um barulhinho que parecia de passarinho pequeno, vindo do lado de fora da cozinha, próximo ao tanque e cesto de roupa. Fica ali, com os ouvidos na janela, tentando descobrir de onde vinha o som. Não achou. Amanheceu e E.L.A desceu para contar ao porteiro o que acontecera para saber se havia morcegos no local e para saber se lá debaixo dava para ver se havia algum ninho de passarinho por conta do som que escutara. Quando o reproduziu para ele, ele disse: parece som de morcego! E.L.A diz: menino, como assim, outro morcego? Será que tem uma casa de morcegos vindo da minha cozinha? Correm e olham para cima e nada encontram. Ele diz que nunca ouviu de ninguém ali reclamação sobre morcego, que não tinha isso ali. Nisso, sua mulher está em casa e, na hora que vai colocar a roupa de cama na máquina, acha outro morcego, enrolado nos lençóis. Era ele que estava pedido socorro, piando, na

noite anterior. Sua mulher larga tudo e desce, pedindo ajuda a alguém para tirar o morcego da máquina de lavar. Pede a um morador que tenta desconversar, mas acaba cedendo a seu pedido. Quando tira o morcego dos lençóis, ele estava morto. Era um morcego para cada uma! O porteiro só acreditou na narrativa quando viu esse outro morto e tinha a mesma cara de perplexidade que elas duas, pois repetia: nunca apareceu morcego nessa área e trabalho aqui a mais de 20 anos! Naquele momento elas pensavam que alguém tivesse invadido o apartamento e os colocados lá para assustá-las porque tinham passado o dia todo fora de casa e chegando só a noite para dormir e meses antes tinham passado pela experiência de uma delas ter o celular invadido, com escuta e tudo, colocado nele sabe-se lá como. Mas não fazia sentido. Se tivessem entrado lá o porteiro e as câmeras viriam. Brasília produz um corpo paranóico. Mas, meses depois, a pandemia viria a partir do morcego...Seria esse o sinal?

**Ouvir aqui:**

<https://mega.nz/file/6kEUCRjB#AeUpHOOTBfTeghJ4mvV91D1PcFQMbW0xaatZLD6I5fw>

## A beleza dos nascimentos e a abertura para os acontecimentos

Começamos de novo. Ela **sente** os primeiros movimentos de diversos mundos de sua caverna. E.L.A se transporta, agora, para o tempo de seu nascimento, como ouvira muitas vezes de sua mãe Ribeiro, resolve compartilhar elementos sensíveis de seus primeiros respiros. E.L.A nasceu em 1972, às 03:55 da madrugada. Tinha tanta vontade de liberdade que quis sair rapidamente do corpo da mãe; por isso não permitiu que sua mãe tivesse tempo de ir ao hospital, nasceu no consultório médico mesmo, do Dr. Avenir que também morava no mesmo bairro mágico, como vizinho. Já saiu do corpo gritando, não precisou levar tapinha e se apresentou ao mundo toda roxa. Hoje talvez pensasse: Não foi nada disso, mãe. Eu queria muito sair, mas tão logo abri os olhos e, logo em seguida, senti o ar na terra, gritei e sufoquei, deve ser por isso que tenho tantas alergias oculares. Respirar por você era bem mais agradável



porque o ar chegava limpo pelo seu amor e eu te ouvia. Meus ouvidos eram os olhos do meu corpo através do seu. Por isso seu amor me ensinou a amar tudo que da terra produz beleza desde que saibamos escutar essas forças sensíveis e não nos prendamos ao que chega aos olhos de forma ruidosa como se fosse a realidade com letra maiúscula. Essa beleza auditiva que me dá ar para não permitir que o que está ao meu redor gritando me sufoque. Ao chegar em casa, onde morava com mãe, pai, avó, avô, tia e prima, no rádio tocava Acalanto, de Dorival Caymmi, na voz de Roberto Carlos, um álbum que também existia em sua casa, junto a outros do "Rei": "É tão tarde, a manhã já vem/ Todos dormem, a noite também/ Só eu velo por você, meu bem/ Dorme anjo, o boi pega neném/ Lá no céu deixam de cantar/ Os anjinhos foram se deitar/Mamãezinha precisa descansar/Dorme anjo, papai vai lhe ninar/ Boi, boi, boi/ Boi da cara preta/Pega essa menina/Que tem medo de careta/Boi, boi, boi Boi da cara preta/Pega esse menino/Que tem medo de careta/Boi, boi, boi". (<https://www.youtube.com/watch?v=KeDQ1HDd6NQ>) Sua mãe tinha 28 anos quando E.L.A nasceu e seu pai, Nascimento, 32 anos. Embora seu pai lhe contasse que seu nome foi criado por ele a partir da junção do nome de sua avó paterna, com o de sua prima materna, E.L.A sempre achou que essa junção havia se dado em seu pai por conta de uma famosa música francesa que tinha como título o nome que foi escolhido para E.L.A e já tocava nas estações do rádio desde o final dos anos 60 e E.L.A se recorda dessa música percorrer a casa toda em sua infância<sup>126</sup>. Seu avô materno tinha "problemas mentais", volta e meia era internado na colônia Juliano Moreira como narravam sua mãe e tia que também lhe diziam que tais problemas eram decorrentes de práticas espirituais ligadas ao candomblé. Era negro pouco pigmentado e tinha uma irmã mais pigmentada que o visitava com constância e outros irmãos que nunca o procuraram. Essa

tia-avó lhe deu de presente seu primeiro cachorrinho. Como só tinha 3 anos, não diferenciava cão de brinquedo, então pegava o cachorro e o sacudia como se fosse um boneco. Essa tia corria atrás d'E.L.A e dizia que ia fazer com E.L.A o que E.L.A estava fazendo com ele. Nunca mais fez, mas também nunca mais viu o cachorro. Nessa mesma época foi a sua primeira consulta no dentista e a médica para lhe convencer a deixar se tratar lhe disse que se E.L.A ficasse quietinha ganharia um pintinho de presente da sua mãe. Mas sua mãe não havia sido consultada. Quando ficou sabendo do contrato médica-paciente, teve que arranjar o bichinho. E.L.A ficou feliz, mas, num dia, achando que o pintinho estava com sede, o levou para a escola, abriu o bebedor, depois o bico do pintinho. Ele morreu afogado! Desesperada, procura a segurança da escola para se entregar, levando o pintinho morto nas mãos e dizendo aos prantos: moço, o pinto tá morrido! o pinto tá morrido! Pode me prender! O moço acariciou sua cabeça, disse para ficar calma e a levou para casa, que era na própria escola. Virou piada da família!

E.L.A pouco se lembra de seu avô, mas lembra bem da tia-avó que havia lhe dado o cachorrinho porque a temia e também porque tem uma foto dela em que E.L.A está dormindo em seu colo. Uma mulher muito bonita, cheia de pulseiras prateadas no braço, pele da cor da noite, brilhosa. A única imagem que tem do avô é uma lembrança na qual E.L.A estava andando sobre um muro que tinha na varandinha da casa e ele, ao passar por E.L.A, prevendo o perigo de queda, a pega no colo e a coloca no chão. Usava uma roupa branca. Não sabe até hoje se essa memória é d'E.L.A ou se foi inventada para E.L.A a partir das várias histórias que foi escutando ao longo da vida sobre ele. A mais recorrente era a de que ele mudava de voz e de feição. Incorporava uma criança, ficava com as bochechas rosadas e falava como um menino pequeninho, depois mudava para a voz de velho, a

boca curvava e ele falava como preto velho e uma terceira que E.L.A sabe que existia, mas não lembra os detalhes. E que ficava atrás da casa comendo bananas e falando a partir de tais vozes. Essa situação causava embaraço para a família porque poderia atrapalhar as aulas na escola, já que, o fundo da casa dava para os fundos da sala de aula. Outra lembrança que tem foi que tais vozes sumiram quando suas filhas lhe deram um banho de ervas, o rezaram e colocaram uma bíblia por perto. Receita dada por um "pai de santo" do bairro que disse que ele havia sido acometido de loucura por conta de trabalhos feitos contra ele e que as vozes poderiam ser tiradas, mas a sanidade não mais retornaria. As vozes sumiram, mas ele repetia muito a palavra "Normal". Não sabe quanto tempo depois ele veio a falecer. Foi de cirrose ou pancreatite, provavelmente decorrente dos "tratamentos psiquiátricos"- eletrochoques, que só foi possível ser formulado assim quando estava na Universidade.

Sua tia e prima tinham o tom de pele mais próxima da de seu avô, enquanto sua mãe era bem branca como sua avó. Seu pai era branco-avermelhado, apresentado como pardo na carteira de identidade. Não sabia como eram seus avós paternos porque não chegou a conhecê-los. Sabia que sua avó paterna era branca e conhecia bem as ervas e o avô era designado como "mameluco". Também sabia que sua tia, irmã de sua mãe, havia passado pelo S.A.M, mas não sabe os motivos dessa "internação" e nunca conversaram sobre isso, só sabe que não durou muito tempo. Ela fugia de lá constantemente porque ela "sofria dos nervos", era "muito rebelde", "seus cabelos caíram todos" e que não levava desaforo para casa e ainda tinha se envolvido com alguém que em algum momento foi preso, mas E.L.A não sabe se enquanto estavam casados ou antes e sabe que ele faleceu. O que lembra é que sua tia assumiu a filha sozinha. E, mesmo

nessa época da graduação em que fazia uma monografia na qual estudava toda a história desses espaços como o S.A.M, em nenhum momento pensou na sua tia. Nunca fez nenhuma associação com ela, só a via como auxiliar de enfermagem que atendia pessoas com câncer, profissão que ela conseguiu alcançar ou pensava nela como a irmã da mãe problemática e revoltada. Poderia ser porque sua tia jamais falasse sobre o assunto? Poderia, porque a única coisa que sua tia e mãe falavam sem parar era sobre o seu passado num orfanato, chamado de Santo Antonio, conduzido por freiras franciscanas e que ambas foram parar lá porque sua avó não tinha condições de cuidar do marido doente, das duas filhas e ainda trabalhar e oferecer boa educação. Naquela época, anos 1950, esse tipo de serviço era "oferecido" aos pobres como promessa de um bom futuro, caso houvesse vaga para não órfãos, funcionando como internato para meninas cujos pais não tinham condições de criar. Sua mãe e tia ficaram internadas por 5 anos, acredita que dos 8 aos 13 e aprenderam "boas maneiras" (bordar, fabricar hóstias, limpar com primor, assistir a filmes do inferno, a cantar e representar motivos religiosos e estudar alguma coisa e obedecerem sem questionar - coisa que a mãe d'E.L.A fazia, mas a tia não). Chegaram lá sabendo ler e escrever porque uma vizinha de sua avó as ensinou. Foram para uma escola quando saíram de lá, completando o curso técnico. Os assuntos referentes a vida depois do orfanato não eram discutidos. Mas, o que sente hoje, ao lembrar disso, é que olhava sua tia com a cabeça da branquitude, incorporando dentro de si as explicações de que sua tia era nervosa, logo, acabou no S.A.M, porque no imaginário da família, parar no S.A.M era destino natural para pessoas que se comportavam como ela e ela não era preta, mas "morena", no imaginário da família e do socius n'E.L.A. Preta era só a irmã de seu avô. Então, na graduação (anos 1990), ela não

tinha como fazer essa associação por conta desse tipo de subjetivação que só veio a ser discutido na sociedade e na universidade nos idos de 2016; ao menos, só chegou para E.L.A nesse período.

Então, embora, nesse momento, narre essa paleta de cores, nunca se ateuve a elas como algo que pudesse ter feito diferença na sua vida a ponto d'E.L.A falar deles a partir de seus tons ou pensar a trajetória dos seus através dele. Sempre falou deles a partir de seus nomes e os pensou através das dificuldades que atravessaram enquanto pobres. Nunca pensou que tais tons pudessem ter feito diferença na vida de seu avô, da irmã dele, de sua tia e prima. ... Mas certamente fez e hoje percebe que muitas diferenças d'E.L.A com a tia talvez pudessem ter sido resolvidas caso tivesse se atentado para isso, caso tivesse aprendido o que aprendera agora a partir de seus encontros com o grupo de orientação do novo doutorado, pois escutaria de outra maneira o ressentimento e raiva que sua tia tinha com sua mãe. Sua tia se sentia a mais feia porque desenvolveu quelóides no rosto, ao contrário da sua mãe; se apaixonou por um cara "errado" e assumiu a filha sozinha e sua irmã branca não teve o mesmo destino; via muita maldade nos outros e reclamava que minha mãe se passava de boazinha, tinha adoração pela sobrinha que era branca, mas tinha dificuldades com a filha com a cor da pele semelhante a dela etc. Assim, embora nunca tivesse ouvido da boca de sua tia que ela se via como preta, ela se sentia em desvantagem o tempo todo e tinha atitudes nada agradáveis com sua mãe, irmã e filha que, com a velhice, foram superadas. Agora que revive, de forma breve, algumas de suas histórias familiares, percebe com todas as nuances dos efeitos do racismo aliado a pobreza ou nela sobreposta, geraram destinos diferentes e mais doídos aos que tem tons de pele distintos. Somado a isso, as histórias que escutou ao

longo de sua vida a respeito do avô materno trazem bem esse recorte, bem como a relação de medo , mesmo pavor que E.L.A passou a ter do som de tambor, bem como das incorporações espirituais. Curiosamente era a tia que a levava a tais lugares. Medo da loucura que aprendera como advinda daí. E, sempre que esse som chegava perto d'E.L.A, E.L.A sentia que tombaria... Assim, embora não fosse do tipo que condena tais práticas, embora, onde morasse na infância, houvesse práticas religiosas diversas acontecendo nas casas e E.L.A fosse em todas, seu corpo repelia os sons geradores do medo... Somente aos 47 anos E.L.A se livrou desse medo e se descobriu filha de OXUM que lutava com OMULU pela sua cabeça... E, quando esse processo se deu, E.L.A recordou que, quando era criança, o senhor que fazia os tratamentos espirituais na comunidade em que morava, além de lhe passar garrafadas com ervas para acalmar seus sonhos, certa vez molhou suas mãos numa folha branca, estendeu-a num varalzinho em frente a sua mesa, olhou para essa folha e disse: vejo que existe uma harpa na sua alma, melodias, musicalidade. Não nomeou a força, mas hoje ela sabe que já era Oxum, mãe da música. Depois, aos 15 anos, numa viagem a Bahia, uma senhora a parou na rua e lhe deu um patuá de OXUM e disse que era para E.L.A sempre o carregar para se sentir protegida. E.L.A assim o fez, mas não perguntou nada e também não se perguntou sobre aquilo. Tem esse patuá até hoje.

### **Espelho estelar de oxum**

Trilha sonora: Estrela de OXUM /Monica Salmaso

<https://www.youtube.com/watch?v=bGx-rGy6W84>

Antes dessa descoberta, teve dois sonhos no espaçamento de um ano mais ou menos entre um e outro. No primeiro ela sonhou com um bongô. Morava em Brasília nessa

época. Ela passava por um lugar e ficava maravilhada com o instrumento. Acordou e esqueceu do sonho. Mais tarde, mas no mesmo dia, um amiga a convidara para conhecer um local em Brasília que vendia de tudo. Chegando lá E.L.A se deparou com o bongô e imediatamente se lembrou do sonho. Não pensou duas vezes e o comprou. Chegou em casa e percebeu que conseguia tocá-lo! Ficou acompanhando músicas a tarde toda de forma ritmada e passou a escrever parte dessa anti-tese com ele, no intervalo entre um parágrafo e outro sempre que se sentia chamada a tocar!



Mas, ainda presa aos valores da branquitude, não tinha a compreensão do valor sagrado do som desse instrumento. Maravilhada com a magia do encontro com ele que veio através de um sonho, maravilhada pela perda do medo de sua sonoridade, numa banca de qualificação de doutorado em que, dentre outros assuntos, se discutia o racismo epistêmico e sua relação com a rostidade, E.L.A, maravilhada também pelo texto da doutoranda, que hoje faz parte da banca dessa anti-tese, diz: "Desde meu primeiro encontro-ouvido com a doutoranda, escrevo sempre acompanhada do som de tambores, chegando até mesmo a comprar um bongô, que me apareceu num sonho e que, no dia seguinte do mesmo, andando num mercado para comprar outras coisas, fui encontrada por ele e esse encontro me fez lembrar do sonho. Em alguns momentos o uso, para dar passagem à minha escrita. Por isso, peço a permissão a vocês de, agora em diante, falar acompanhada desse som ao fundo". Nesse momento, E.L.A começa a falar do trabalho da doutoranda, intitulada por E.L.A como "fala

atabaque", com um som de um cd em que o tambor "cantava". Esse episódio gerou incômodo num dos participantes da banca, que era preto e a doutoranda tentou apaziguar a situação, mas depois, numa conversa particular, chamou atenção d'E.L.A para os perigos daquele arranjo supostamente amoroso. E.L.A entendeu muito bem o recado e meses depois, no dia da defesa disse, em público, que percebera a enorme dificuldade de pensar fora do decalque branco, mesmo tendo como ferramentas conceituais autores que equivocam a psicologia que objetifica corpos, mas a equivocam ainda dentro de um regime de codificação e decodificação brancos. E que o desconhecimento frente aos autores que a doutoranda trazia, bem como da cultura encarnada nesses autores e na doutoranda, não a qualificava para ser alguém capaz de avaliar o trabalho d'E.L.A, mas tão somente de ser sacudida por sua escrita e que nesse sacudir havia entendido o equivoco que foi colocar som de tambores ao fundo de sua fala na qualificação dela, porque pensava a partir da branquitude, pensava a partir de uma relação estético-amorosa entre a sonoridade do tambor com a sonoridade da escrita dela, bem como a importância desse som na vida d'E.L.A que a libertou do medo e do preconceito a ele ligados e que tinha uma relação íntima com a amizade desenvolvida entre E.L.A e a doutoranda, mas que essa "boa intenção" da sensibilidade não levava em conta o sentido maior conferido a esse símbolo sagrado que não provém da cultura da branquitude, fazendo com que se pulasse etapas de um processo que, embora amoroso, não podia habitar o espaço público, não podia servir a interesses individuais. Que entre o sagrado amizade entre duas pessoas e o sagrado tambor para uma coletividade há uma distância que E.L.A não podia captar ainda e, assim, cometera o erro por falar ver/sentir como um branco, mediada por um sagrado preto e lhe dando um sentido branco, de modo que estava cometendo



um racismo epistêmico e/ou, uma incorporação indevida de algo, retirando-lhe a força para lhe dar um destino distinto que esvaziava sua força originária. O que fez com que, ao reler o texto da doutoranda agora para a sua defesa, pensasse: Como comentar a respeito de um mundo de cores e dores que não fazem parte da minha vivência de pele? Como me situar nessa discussão sabendo que minha pele ofusca o saber necessário para compreender com o corpo? Diante dessa impossibilidade de sentir como, desse embaraço, o que me cabe fazer não é comentar/avaliar a escrita da doutoranda, mas o modo como meu corpo branco foi sacudido e o que passa a entender a partir daí. Isso seria mais honesto e talvez nascesse daí uma outra qualidade de saber e de comunicação na qual, no entanto, não seria possível o abandono de um corpo acadêmico que me constitui, uma escuta clínica que me acompanha, palavras que me desenham e uma certa maneira poética de me comunicar com os outros porque essa é a minha maneira de me conduzir no mundo. É assim que me verticalizo, no sentido de me manter de pé e me horizontalizo, no sentido de buscar uma comunicação que visa um entendimento em comum/para todos. Nem sempre alcanço tal objetivo, porque, a partir da tese da doutoranda, me interrogo : *quem é esse "para todos"?* Usamos o nós com tranquilidade, sem nos atermos a isso. Mas como existe um nós branco que me escreve de modo automático, que pensa ser impessoal, mas na realidade pessoaliza o "nós" no universo da branquitude. Então, a seta do meu desejo está voltada para que esse "nós" seja sacudido a partir do que meu corpo branco pôde sentir a partir de um corpo distinto do dele em termos de cultura das forças e, dessa maneira, se comunicar com os demais, a partir dessa "inquietação". Entendendo, também que a política do respiro nos distingue. A cultura da branquitude pode ter pausas no respiro, pode ficar invisível quando

deseja, pode mudar frequências para não sentir dor e "mergulhar em devires", pode se dar ao luxo de ter ócio criativo para fazer poesia. Enfim, lhes é dada a possibilidade de viver temporalidades mais alargadas quando sufocamos diante da política de destruição em curso. Podemos escolher não entrar em contato com nada, podemos ir para as montanhas... sempre temos uma segunda chance... de vida... não nascemos com certidão de óbito prévia só por existirmos. Nossa pele branca alarga nossas vidas em vários pontos de nosso corpo! Que, ao menos, nesse alargamento, possamos fazer um "bom uso" disso! Então minha fala habita um ponto de estrangulamento. Não posso sentir como um preto, mas posso *sentir com um preto; não tenho como largar minha pele, mas posso lançar flechas em mim mesma, não como um auto-flagelo tipicamente cristão, mas como um ferimento que cura meu sentir, caso não o desvie do desenho singular que essa flecha produz nos corpos que caregam branquitude para que, desse exercício, uma outra vontade nasça*. O que meu corpo sente-com-o texto não dirá a verdade do texto, mas o modo como ele me feriu, alimentou e transformou.

\*

O outro sonho, um ano depois desse (em dezembro de 2019), num tempo próximo a participação como membra da banca dessa defesa de doutorado, foi o mais gritante, até porque nessa época sonhava constantemente com sua morte, mas esse sonho foi o mais vívido sobre essa temática, falava da morte de uma identidade. E.L.A não estava mais em Brasília. Havia retornado para o Rio de Janeiro porque a permanência de sua mulher e d'E.L.A, naquela cidade, tornou-se impossível. Sua mulher havia sido exonerada a fórceps por um decreto presidencial e E.L.A também havia pedido demissão do trabalho que fazia num pequenino espaço da Justiça, por outras questões ou pelas mesmas. Eis o sonho:

E.L.A estava sentada numa pedra diante de um mar preto, que ia crescendo. Era um mar que parecia carregado de petróleo e ele crescia, com ondas enormes. Estava sentada em frente a ele, segurando os documentos, a carteira de identidade. E.L.A, enquanto via o mar crescer só pensava: "meu deus, eu vou perder os meus documentos, eu vou perder a minha identidade. Eu preciso fugir desse mar". Mas ele a pegava, pela perna. E.L.A sentia, de forma vívida, que a onda chegava e a puxava para dentro do mar e E.L.A tentava segurar a areia, mas ia ser levada, estava sendo tragada para dentro dele... Ao mesmo tempo, E.L.A via, nas suas costas, do lado esquerdo, um caminho, uma subidinha de terra, num passagem estreita, com uns matinhos nas laterais parecida com algum lugar que visitava na infância, na localidade onde morava e no chão saia gás em pequenas aberturas, na forma de uma fumacinha branca como se fosse um campo minado que, se E.L.A pisasse errado, explodiria e E.L.A teria que passar por ali, reconhecer os locais de perigo e desviar, como única maneira de se salvar. E também tinha um gorila enorme observando seus movimentos, do lado direito de suas costas. Mas a imagem e sensação de ser tragada pelo mar de lama preta oleosa, puxada pelas pernas por essa onda, que parecia um mar morto, mas em constante movimento, uma onda pesada em movimento e ascensão. A sensação de saber-se indo ao caminho da morte, foi a mais forte. Como se não tivesse conseguido subir a ladeira e efetivamente morrido, junto a sua identidade perdida.

Pouco tempo depois conversou com uma mãe de santo sobre esse sonho, uma senhora linda, de 82 anos, Iarolixá do candomblé muito amada por seus filhos, engajada com a preservação dessa cultura ancestral afro-brasileira. Quando a viu nessa primeira vez sentiu estar diante de alguém para quem precisava pedir a benção. Chegou nessa linda senhora

através dessa amiga que era doutoranda e que agora faz parte de sua banca e que mudou suas lentes corpóreas. Só nesse instante em que escreve essa recordação descobre que o sobrenome de batismo da senhora é o mesmo do d'E.L.A "Nascimento"... Nesse primeiro encontro, E.L.A lhe disse que se tratava de um sonho espiritual e que via, através dos búzios, uma briga entre Oxum e Omulu pela sua cabeça, que precisava dar de comer ao orixá, no caso, Oxum.

E.L.A não entendeu do que se tratava, mas resolveu passar pela experiência de resolução desse impasse na semana seguinte a esse encontro. Antes de fazer o "bori" que não tinha a menor ideia do que era e também não buscou saber porque só queria se entregar ao processo, chegou em casa, após esse primeiro encontro e chorou muito. Ao mesmo tempo, vários pensamentos a tomaram. Mas E.L.A não sentia como se estivesse pensando, mas algo n'E.L.A falava com E.L.A em alta velocidade. O espelho era o mote dessa falação dentro d'E.L.A. E.L.A nunca foi muito chegada a espelhos, porque a forma como este se apresentou a E.L.A estava ligado a arrumação do corpo, ao embelezar-se. Como se indicasse uma subserviência da mulher a beleza criada para E.L.A a partir de um fora social para que através dela tivesse conquistas amorosas ou se situasse no mundo a partir disso... Sua experiência com esse universo assim sentido tinha sido desastrosa na infância na qual foi escolhida a mais bela da rua, mas também eleita como a que devia apanhar por conta disso (vide p.78). Também estava ligada a uma relação egóica do tipo "narciso acha feio o que não é espelho", como cantado por Caetano, impedindo de ver as belezas do mundo.

Mas, naquele encontro com os búzios, entendeu que a beleza buscada no espelho de OXUM era a beleza da força e não da forma, era a beleza da luz que emana em todo ser vivente. O espelho reflete a luz e a partir dela torna

visível a forma. A beleza, portanto, que se busca através dele é a daquilo que é capaz de refletir, bem como o que quer se fazer ver refletido. Entende ali que gostava de ver refletida no espelho a potência dos que E.L.A amava. Buscava situar o espelho num ponto tal que refletisse essa imagem para devolvê-la ao seu remetente quando este não a via ou que estava impossibilitado de ver. Mas também o espelho era uma arma capaz de fazer com que nos olhemos e giremos o espelho para que nosso adversário também se olhasse. É local onde se enxerga uma certa forma, mas também onde tal forma se quebra nesse girar do espelho, em que forma e reflexo se observam e elas podem ser o adversário que existe em nós mesmos e que precisa ser combatido. O exercício de permitir que o abismo nos olhe. Oxum, Mãe das águas doces e senhora do jogo de adivinhação do Ifá, como o candomblé a apresenta, é também senhora do espelho mas, para ganhar essa potência precisa contar com a ajuda do elemento fogo, só dessa maneira a juda a vencer a força dos ventos e das tempestades do mau tempo. E o espelho, também, era um signo sensível e místico. E.L.A tinha uma lembrança vaga de que na Cabala, a mulher é vista como um espelho, como um inverso simétrico do homem, posto que se ele foi pensado como imagem e semelhança de deus, ela, como seu inverso, seria o local no qual o homem conseguiria ver Deus e Deus precisaria da mulher para dar luz a seu filho. Espelho também era importante na astrologia através do símbolo de Vênus, que parece um espelho ♀ e está ligado ao feminino, determinando como nos refletimos nos outros e os outros em nós mesmos. Espelho também tem relação com a lua, entendida como reflexo do sol e, ao mesmo tempo, regente da água, da fertilidade, da vida e das marés. Espelho, instrumento das imagens que quebra com a ideia de uma imagem única que refletia a todos de uma mesma maneira. Capta instantes de beleza, mas também de

feiúra. Capta forças antes ou além da forma ou forças que criam formas no presente. Lembra também do Zaratustra de Nietzsche em que há a descrição de um sonho desse personagem conceitual no qual aparece um espelho trazido por um menino até ele, convocando-o a olhar-se. Tal sonho aparece após ele falar do meio-dia narrado tão somente depois que pede aos seus discípulos que o abandonem para se acharem e construírem, cada um, uma ponte entre eles próprios e o além deles mesmos. Momento no qual assinalava que o homem era algo a ser superado; passagem para além dele e declínio para quem não ultrapassasse essa imagem. Quando, depois dessas falas com seus discípulos, tem esse sonho com o menino apresentando-lhe um espelho, ao mirá-lo, se olha e solta um grito porque não se via nele, mas sim a careta e o riso galhofeiro de um demônio. Entende ali que a mensagem do menino para ele era: sua doutrina estava em perigo, o joio queria ser chamado de trigo, sua aposta na potência da vida estava sendo distorcida. Porém, sabia que os sofredores lhe serviriam de médicos, só assim seu amor poderia ser para amigos e inimigos, só assim a torrente de seu amor poderia encontrar o caminho do mar. Para isso precisaria de uma nova língua, precisava abandonar a sola gasta dos discursos que até então proferira ao logo de sua jornada<sup>127</sup>, precisava ser ele próprio a criança recém nascida, a parturiente e a dor da parturiente<sup>128</sup>. Também gritava n'E.L.A a passagem em que Nietzsche dizia: "palavras são sinais sonoros para conceitos; mas conceitos são sinais-imagens, mais ou menos determinadas, para sensações recorrentes e associadas, para grupo de sensações. Por isso, continua ele, "não basta utilizar as mesmas palavras para compreendermos uns aos outros; é preciso utilizar as mesmas palavras para a mesma espécie de vivências interiores, enfim, é preciso ter experiência em comum com o outro".<sup>129</sup>

Tudo isso gritava n'E.L.A e em alta velocidade. Não sabe bem porque, mas entendeu que não tinha que fazer culto aos antepassados, não tinha que seguir o candomblé como local de sua espiritualidade, mas precisava passar pela experiência do bori, se entregar a ela para que outras espiritualizações viessem a partir desse ponto que estava pedindo passagem n'E.L.A. Poderia ser uma maneira branca de pensar? Certamente. Mas, no entanto, algo n'E.L.A entendia que ali também se fazia uma espécie de desfazimento de algo que por mais palavras que dispusesse para dar contorno aos afetos, nenhuma delas era suficiente para dar um destino narrativo ao processo e por isso vinham em alta velocidade sem que E.L.A pensasse sobre, mas um sobre pensasse n'E.L.A. E a todo momento se preocupava se estaria sendo desrespeitosa com uma cultura nova que se mostrava a E.L.A.

Uma semana depois a sua experiência no candomblé se efetivou e foi linda. E.L.A saiu de si no processo, escutava o som de tambores ao fundo, ouvia as vozes cantando, bem como o que as pessoas diziam, mas parecia estar em outro cômodo dentro d'E.L.A ou fora d'E.L.A, não sabe explicar. Como se E.L.A fosse os ouvidos que escutavam o fora, mas incapaz de ser um Eu tal como antes. Não conseguia abrir os olhos (acha que estavam fechados porque não via nada), seu corpo fazia movimentos involuntários como uma dança, estando E.L.A deitada (também acha que estava e sentia os movimentos). Comeu as comidas para o orixá, mas não achava que era um Eu comendo, não se sabia comendo. O "eu" d'E.L.A jamais suportaria comer. Era uma outra força n'E.L.A, a guiando e estava feliz. Apagou. Num determinado momento, bem tarde da noite acordou para ir ao banheiro. Viu que fazia calor, mas E.L.A não sentia calor e era dezembro, no estilo Rio 40 graus.. Viu que tinha mosquito, baratas e formigas no local e o eu d'E.L.A tinha pavor de baratas, mas ali, nada sentiu além da certeza de

que nada de mal aconteceria. Sentido e feito: nenhum deles a tocava. E.L.A, deitada no chão acompanhava, com os olhos, o movimento dos insetos e via que todos eles desviavam d'E.L.A quando se aproximavam do local em que estava deitada no chão, sobre um tapume. Todos estavam felizes e no dia seguinte a mãe de santo lhe disse que o nascimento da sua Oxum tinha sido lindo e que E.L.A era realmente sua filha: vem aqui, dá uma abraço na sua mãe! Ganhou uma guia de OXUM para proteção.

Dois meses depois teve um sonho com Ogum:

E.L.A estava andando num skate de gelo, na cidade de sua infância, ela ia passando por vários locais que ela conhecia e o gelo ia derretendo. Era tipo um carrinho de rolimã que, na sua infância, ela mesma fazia junto de outras crianças, um skate gigante que se anda sentado, mas era de gelo. E.L.A pára num ponto de ônibus porque precisava pegar um ônibus para um outro lugar e dentro do ônibus estava tendo um ritual de Ogum. Estavam dançando para Ogum. A trocadora que era uma mulher e o motorista estavam fazendo esse ritual para Ogum. E.L.A estava do lado de fora olhando e, ao mesmo tempo procurando dinheiro para pagar o ônibus. Ainda não tinha pandemia, era fevereiro de 2020. E.L.A estava observando o comportamento das pessoas na rua, porque o dinheiro d'E.L.A estava misturado em notas soltas penduradas na roupa e E.L.A poderia facilmente ser assaltada. Ai as pessoas entravam no ônibus, sentam no banco do ônibus. Acaba o ritual e elas levantam em direção a trocadora para pagar o ônibus. Uma pessoa se levanta atrás da outra. Quando E.L.A se levanta e vai dar o dinheiro para a trocadora, que tinha sido ocupada por Ogum e dançado para ele, diz: Você não precisa pagar porque você não tem mais medo.

No mês seguinte, março de 2020, veio a pandemia! Durante esse processo entendeu que a terra tinha se transformado em espelho para nós e, nesse lugar, nos dava a sensação de nos vermos de forma invertida, mas tão somente para mostrar a nós mesmos, como a olhávamos. E.L.A só devolvia o nosso reflexo nela. Se o que até então acreditávamos parecia estar invertido, se muitas pessoas pareciam alucinadas, nada disso era estranho para a experiência que a terra tinha de nós mesmos sobre ela e dentro dela! Sim, E.L.A não tinha medo. E.L.A sentia com a terra e, ao longo do processo, abraçou o trágico como dança-oração da vida, n'E.L.A.



Bloco de sensações  
pandêmicas e flashes  
de instantes do  
pensamento

Trilha sonora: o dia em que a terra parou. Raul Seixas

<https://www.youtube.com/watch?v=H8zbYY41Vus>

Niterói, RJ, 2020 pandêmico .Ouvir aqui:

[https://mega.nz/file/rgcFiabZ#I4UGS5jL6vcQFuwZr\\_wPbYBwK\\_L\\_LVt3INhNc8L5C94](https://mega.nz/file/rgcFiabZ#I4UGS5jL6vcQFuwZr_wPbYBwK_L_LVt3INhNc8L5C94) É noite em Niterói. E.L.A está buscando um fio para começar a escrita e espantar seu mal estar. Quer acender uma lâmpada que se apagou e que lhe retirou as palavras. Mas o que encontra, diante de si, é um emaranhado de fios, aparentemente com pontas ocultas. Não sabe o que é início e fim, pólo positivo e pólo negativo, também não sabe mais o que é o mundo, o isolamento lhe conferiu um estado de ser onde o mundo se confunde com sonho e o sonho com o mundo; mas um sonho embolado, como se fosse um emaranhado de forças disformes. Pára. Lê em voz alta o que acabara de escrever. Se assusta porque percebe que, no momento em que essas linhas apareceram em seus dedos e lhe apresentaram algo, como um esboço de uma estrofe, essas linhas diziam pra ela que seu desejo de escrita se embolou nesse emaranhado de fios. Ela estava há meses sem escrever. Afobada pelo que percebeu, arrisca puxar um deles, mas os fios se comprimem mais e não nasce a linha de escrita que imaginava escrever para dar passagem ao momento, continua sentindo mal estar. Solta-os. Dá uma volta pela casa. Acende um cigarro de palha e olha aquele emaranhado de longe. O estuda. Cada fio é uma passagem de sua vida e a de milhões, pensa. É, portanto, memória e tempo. E também um código específico relacionado a um determinado presente. Cada puxar, portanto, é uma narrativa que dá forma ao mundo e ela precisa encontrar os fios que fazem a lâmpada acender para encontrar um mundo dentro do mundo de agora, algo que se foi d'E.L.A. Mas sabe que no exercício do puxar, feito nesse agora, não encontrará uma forma inteira, mas quiçá, novos regimes de sensibilidade e ela precisa sentir de outro jeito para enxergar de outra forma. Precisa encarar os efeitos desse puxar, em seu corpo. Está tudo escuro ao se redor e há uma fadiga reinante. Sua lâmpada não funciona, mas a TV e o computador funcionam e eles a acompanham a semana toda e na anterior também e na anterior da anterior também. Na TV o repórter diz que **278.229 já morreram de covid-19 no Brasil.**<sup>130</sup> E.L.A não pode ficar sentindo somente através do que o olho vê desses aparelhos. E.L.A precisa se aparelhar de outra maneira. Desliga a TV e o computador também. Fica na escuridão por um tempo. Sente o silêncio de si mesma. Sente o barulho dos carros na rua. Sente um leve vento entrar pela janela e da janela, vê a lua iluminando tudo, mas

também a grade antes da lua cheia. Vê a ponte e os carros, mas também a grade antes da ponte e dos carros. Vê o mar e os navios no porto, mas também as grades antes do mar e dos navios no porto. Olha para si mesma e se pergunta: onde estou? Sente seus pés no chão frio de porcelanato. Olha para eles e se dá conta de que abaixo d'E.L.A tem 15 apartamentos e acima d'E.L.A 2 apartamentos. Num deles, uma pessoa já morreu. O vizinho do lado grita numa conversa imaginada com alguém . Xinga, fala palavras sem sentido. Bate na parede. Ele vive só e briga com seus fantasmas. E.L.A estranha o gesto porque ele só briga com seus fantasmas pela manhã, como se fosse um ritual que lhe dá mundo, lhe dá companhia. Embaixo do prédio, na rua, jovens bebem e conversam alto e alegremente. E.L.A esquece a grade e se imagina conversando com eles para pedir para ficarem em casa. Logo em seguida se imagina destruindo o local de aglomeração. Se assusta com seus afetos. Sai da janela. Volta a prestar atenção aos pés. Sem que se desse conta, sente como se estivesse pisando na terra; a sensação do frio do porcelanato havia se transmutado em sensação de terra molhada pela chuva. Sente o cheiro da terra. Se transporta para a infância quando brincava com barro e tomava banho de chuva com sabonete. A sensação da infância chega com força e a desloca do tempo. E.L.A vê um balancinho de patinho. E.L.A se vê nesse balancinho e sente seu corpo indo pra frente e para trás. E.L.A vê a roupa que usava, uma roupinha cinza, um vestidinho, com branco na bainha. Havia um laço em seu cabelo. Usava botas ortopédicas, que ela sempre destruía colocando terra. Estava de dia, seus olhos olhavam de frente para o sol e E.L.A os fechava e curtia o calor em seu rosto, enquanto balançava pra frente e para trás. E.L.A olha o entorno. Vê sua casa em detalhes, vê o mato, as árvores e sente a sensação de ver cada uma dessas coisas como via antes, nesse antes que ela estava agora. Fica ali, encantada com o que foi e o que estava sendo naquele instante. Fica ali, se alegrando com as miudezas que E.L.A, criança, expandia, sem saber-se expandir. Amplia mais seu corpo e o sente passeando pelas ruas. Vê muitas casas com quintais cheios de frutas. Reencontra a sensação de saborear frutas, colhidas desses quintais, sempre em bando. O sabor gostoso das frutas era co-irmão do saber-ser comendo-as em bando pois, em bando, subia-se em árvores, em bando uma fruta circulava de boca em boca e muita gargalhada vinha junto, em bando observava-se quando uma fruta estava boa de comer, de modo que se sabia quando era época certa de colher as frutas, às vezes simplesmente vendo-a

bicada por algum pássaro:goiaba, tanto a branca quanto a vermelha, tamarindo, amora, banana, cajá, caju, coquinho de catarro, carambola, manga, jaca, jabuticaba. Quintais juntos formando um mundo, formando a natureza que se comunicava com o bando e este se encontrava sem marcar encontro, apenas cada um deles acordava, tomava seu café e guiava-se pelo espírito de aventura, explorando o ambiente, brincando com cada coisa que encontrava pelo caminho e, quando olhava em volta, outros faziam o mesmo e se agrupavam compondo uma mesma melodia. Aprendiam olhando tudo com o sentir, tudo que estava a volta, em abundância. Construíam brinquedos e brincadeiras com essa matéria gratuita. A terra era a matéria prima que lhes dava tudo. Não havia luz nas ruas, somente nas casas. A noite era iluminada por vagalumes e estrelas. Não havia sentido para a palavra falta. Não existia isso. Adormece ali com essas sensações imagéticas encarnadas em seu espírito.

**Ouvir aqui:** [https://mega.nz/file/bxdkBB5B#IrhZJSKedeCX3QrYT5LW-LYYyLjah-BSpht\\_-2OoifM](https://mega.nz/file/bxdkBB5B#IrhZJSKedeCX3QrYT5LW-LYYyLjah-BSpht_-2OoifM)

Acorda com o amanhecer junto ao canto dos pássaros. Toma café. Olha o sol entrando na sala e repousando nas plantas. Desiste de esticar um fio. Começa a ler o que escreveu sobre o fio no dia anterior. Esse é o fio possível de hoje, diz para si mesma. Estaria E.L.A diante de uma germinação de si e do mundo? E.L.A sentou, queria escrever sobre mal estar, mas começou falando de fio, sem saber por que e para quê. Seguiu o fio e nasceu esse texto. Será que vai esticar mais um? Não sabe. Mas, ao ler o que escreveu pensa: será que o ser da criança é indígena? Será a infância o puro devir índio? Seria a infância o espaço onde nossa ancestralidade se manifesta? Seria a infância a ancestralidade manifesta? É hora de parar de escrever, diz para si mesma. Porque agora você pode ficar apaixonada por uma ideia e se perder do sentir...

**Ouvir**

**aqui:**

<https://mega.nz/file/esVTxCqS#Bavmte5ucHfkdJb2typPwdC6Jl2ufMWXEceiRzwstc> Envia esse texto para alguns amigos. Eles dizem acompanhar seus fios e que foram lançados ao encontro dos deles. Sua companheira diz que os fios parecem de teias de aranha, posto que bruxas usavam a teia para curar feridas. E.L.A se encanta com essa fala e lembra que a espécie de "cola" existente na seda da teia, além de curar feridas também é espaço onde se faz a caça, pois essa "cola" paralisa os invasores que nela

caem. Lembra também que os fios de seda formam o espaço onde ela circula e se locomove; espaço resistente e elástico ao mesmo tempo. A teia é refúgio e alimento. Como diz a canção, toda aranha tem na teia, ciência e capricho (<https://www.youtube.com/watch?v=wvr9ga7l8wo&t=1s>)<sup>131</sup>! Tocada por essa imagem E.L.A percebe que, no início, os fios que a trouxeram de volta para a escrita eram fios duros: enquanto escrevia visualizava fios pretos de eletricidade, que conecta aparelhos, se embolam, têm polaridades. Mas, no momento em que abandonou tais fios, que estavam paralisando seu desejo, fios mais delicados, porém mais resistentes e elásticos, se apresentaram e este foi captado pelas antenas de seus companheiros de vida. E.L.A só encontra saúde quando escreve guiada por esses fios de aranha. Inclusive, E.L.A sempre foi salva pelos insetos. Mas isso é uma outra história, talvez apareça mais a frente, quem sabe?

**Ouvir** **aqui:** <https://mega.nz/file/CwlgOKRQ#3MgVNfnGafmh1-QxU2FZLHsGhClpYsIrbVxo6XkmvCI> Ou talvez já tenha aparecido antes. Talvez E.L.A , no final do processo, desloque algum fio para outro ponto da teia da escrita. Isso não importa agora. O que importa, agora, é que E.L.A percebeu que esse espaço natural, esse espaço do fio e do ínfimo, é onde reside a sua dobra e essa dobradura não acende a lâmpada, mas o corpo. Não é espaço do entendimento, mas do sentir. Será que é por isso que Espinosa gostava de observar aranhas atacando moscas<sup>132</sup>? Nietzsche falava de tarântulas para ilustrar o espírito de vingança como veneno que faz algumas almas girarem, típicas aos pregadores da igualdade irrealizável, da justiça, em suma daqueles cujo impulso de castigar é o mais poderoso<sup>133</sup> ? E Deligny se sentisse aracniano, dizendo, inclusive que havia algo errado no zodíaco, pois nele o seu signo seria Escorpião, mas estava convencido de que nascera sob o signo da aranha! Essa lembrança a faz rir porque E.L.A devia sofrer do mesmo equívoco!<sup>134</sup> Gargalha! Em seguida, pensa: já que essa associação apareceu, deveria colocar uma nota de rodapé indicando aos leitores a confirmação dessa lembrança. Um sonoro **não** grita n'E.L.A. Não! Nesse momento não é mais esse o fio do seu corpo, precisa seguir em frente, quer sentir em frente, precisa se desapegar dessas suas lâmpadas, precisa abraçar a vida de outra forma, precisa da fluidez, ser rio, vento, chama, terra. Precisa chamar as forças antes das formas. Precisa desfazer as formas do que já leu , incorporando

apenas as forças despertadas nelas. No máximo, quando sentir que esse processo mudou de rumo, acrescente algo como notas de fim, mas não agora. Aliás, fique atenta e faça esse processo que só mostra os rastros no final, no texto todo, desde o início, para mantê-lo limpo. Mas, como é generosa, pensa: [se você, leitor, estiver ansioso para buscar a precisão da informação-lembrança narrada nas linhas acima, se desviando da leitura para entrar numa fiação mais dura, entre no google e escreva sobre o tema descrito acima + autor. Vai aparecer muitos artigos. Escolha um e leia. Ao final, busque a obra nas referências que podem inclusive estar em nota de rodapé ou de fim e, ao chegar nela, procure o livro no mesmo google e faça download. Leia o livro inteiro. Desde que inventaram essa ferramenta tecnológica que encurta caminho, faço isso, diz E.L.A. Mas só é uma viagem maravilhosa quando encarada como viagem para suas intensidades e como um portal. Não como porto. E também só te abastece quando se demora nela lendo o livro inteiro para sentir como o livro tocou o autor do artigo e como tocará você.

**Ouvir aqui:** <https://mega.nz/file/ep03HQja#a1EfeQ013jvZ70oI-VPPC-X33ar8tQKuQWu2SYtEiuc> Acende um cigarro de palha. Deixa uma fumaça saltar. Retoma o fio. E.L.A, nesse agora, nesse habitar de instantes, precisa se deixar falar pelas intensidades, pelos blocos de sensação, pelas imagens que nascem sem E.L.A as buscar. Não se trata mais de ter que parar o fluxo para legitimá-lo. Não se trata de verdade e de dever ser. Se trata de devir, de ir sendo. De experimento e experimentação. De provar o que escreve, saboreando o que aparece. De seguir um trajeto que salta pelos sentidos e não passa pela lâmpada avaliadora, mas pelos poros e pêlos, pela pele. Aprendeu que pele não tem juízo, vive dizendo isso aos amigos. E essa ausência de juízo que faz da pele o principal órgão do corpo. A pele acolhe ou repele. A pele é agora a luz que vem para salvá-la. Mas uma luz que não ilumina, mas é iluminada pela reinvenção do corpo criada nas relações com outros corpos humanos e não humanos, lhe dando outras proporções e atuações. Assim, E.L.A, agora, respira com o pulso. Escreve com as veias. Fala pelos dedos. Pinta com o sangue. Tece com o abdômen. Cheira com as orelhas. Escuta com o nariz. Encontra suas memórias nos pés, mas também ouvidos, nariz, mãos, boca. Come com o corpo todo. Dorme com os olhos abertos. Nesse desmonte, se transforma em ponte do que ainda não é, se fazendo

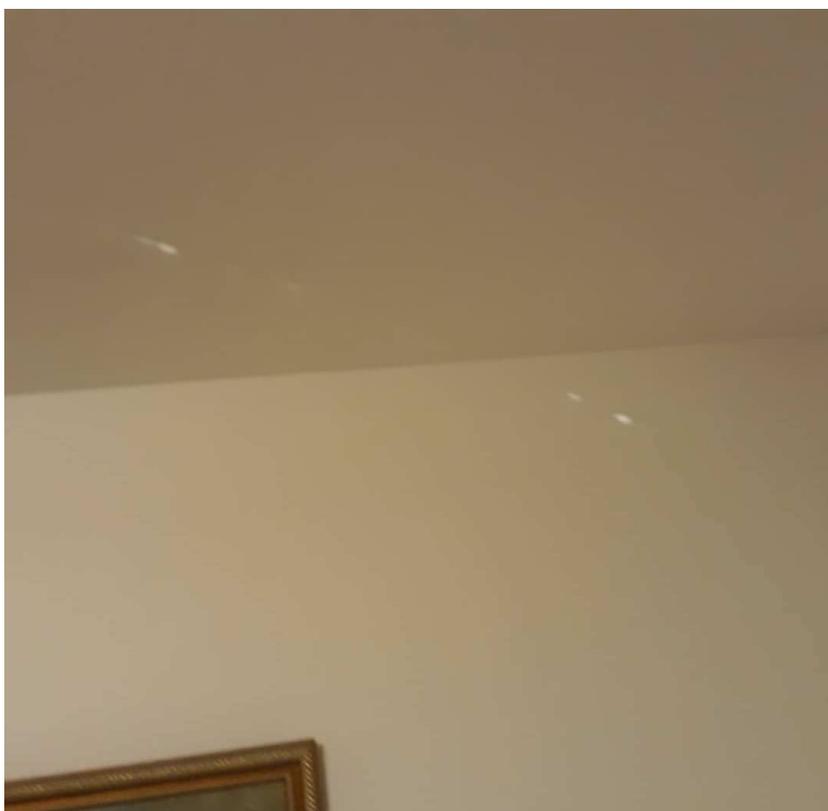
morada e namorada do pôr do sol. Tocada por ele, registra-o em fotos diárias, não para congelá-lo, mas para com ele copular antes da noite cair sobre o céu e sobre E.L.A. Copula com seu duplo. Esse duplo não é uma representação do sol, mas o duplo do sol na terra, sua intensidade e a novidade que instaura. Revela sua multiplicidade pois cada pôr do sol é único, como E.L.A também se sente, mas seus efeitos múltiplos. E é pelo sentir que capta fotos; não pelo olhar. Os olhos lhe servem pouco, mesmo que paradoxalmente ela fale através de imagens. Imagens são blocos de sensação. Os olhos comparecerem por último, compõem um órgão com menos importância. E.L.A precisou se desprender deles para ver o sentir, para esticar sua pele e ampliar seu regime sensível. Só assim imagens puderam saltar. E.L.A precisou se desprender da lâmpada acadêmica para encontrar a boa palavra que, como um sopro de vida, a curava. Boa palavra e o sopro que nasce com ela formam a canção que precisa para construir sua teia melódica. O ar, elemento do pensamento, é agora elemento daquilo que pensa n'E.L.A, antes d'E.L.A saber-se pensando. Ar, agora, é ação. E essa ação é conduzida por imagens que E.L.A vai descrevendo. Cada imagem é um fio que se sobrepõe a outro e E.L.A não sabe que trama vai surgir e também não sabe se as palavras são suficientes para narrar o que sente. Tem um mundo de conceitos que fazem parte d'E.L.A, bem como livros, autores e toda uma trajetória onde eles foram obrigados a ganhar destaque para que E.L.A fosse autorizada a escrever e defender seus escritos e seu lugar no mundo cotidiano. Mas, E.L.A sabe que se parar, agora, para falar através deles se perderá, porque estar com eles assim, manejá-los assim é estar presa num modo de estar no mundo que impossibilita a experiência de estar junto ao que pulsa no umbigo do mundo. O umbigo do mundo é o fio que nos conecta a todas as forças presentes nele e em nós, num processo indissociável. O umbigo do mundo não é a origem do mundo, mas seu destino ativo. É onde as relações de comunhão com tudo vem antes das funções. Funções são vazios de vida pulsante, são reatividade que visam uma ordenação exterior que congela a experiência. É exercício de domínio de um corpo sobre outro. Não há comunhão aqui. Só subjugação. Nosso lugar no mundo é em todos os lugares em que se fazem mundos. Nosso lugar no mundo é onde há conexão com aquilo que, ao nos expandir, expande o restante. O fio do umbigo do mundo é elástico, pulsante, resistente e brilhante. Ele só funciona no entrelace. Seu duplo, em nós, é a pele. Seu duplo é também a terra, pele da vida de todos os seres.

**Ouvir** **aqui:** <https://mega.nz/file/OtMTTRaB#94beB6xkWrKO-3j5ESQPPY4FUDd6i2ud4bb1SbdLuOO>

Pára, relê tudo que escreveu até aqui. Se perturba e se encanta. Vai colocando parágrafos onde acha viável colocá-los, mas se incomoda com eles porque não combinam com o que sente. Porém, precisa respeitar o leitor, pensa. Precisa respeitar sua respiração. As pausas são importantes na vida. O ar, quando se respira numa determinada intensidade, espaçando um pouco o expirar do inspirar melhora a digestão afetiva e as relações com todos os seres. Esse lembrete meditativo a acompanha. Ele não é uma descoberta ou um segredo seu, ele faz parte da vida natural, é só observar como os bebês respiram ou os animais quando não precisam caçar ou se defender de algo. Quando se respira respeitando intervalos, conseguimos nos aproximar dos bichos sem que eles temam nossa aproximação, de animais à insetos. O mesmo em relação a tonalidade de nossa voz. Saber respirar e saber usar frequências sonoras menos ruidosas, aproxima nossa pele da pele dos outros. Assim se faz comunicação e comunhão de mundos. O delicado na vida e para a vida só é captado no exercitar das orelhas pequenas, como aprendera com Nietzsche. Nos perdemos na cidade humana quando o ruidoso se transforma em som único do mundo. Necessitamos da arte do respiro e do saber escutar para efetivamente nos relacionarmos com tudo que nos cerca. E.L.A lembra de uma situação que aconteceu em maio de 2021, nesse período pandêmico em que conversou com uma pequenina aranha. E.L.A estava sentada no sofazinho do escritório. A janela estava aberta e uma fresta de luz do sol entrava. E.L.A se conecta com a sensação do sol lhe tocando a face e respira lentamente. De repente, sente uma presença do lado esquerdo. Olha naquela direção. Ali havia uma estante branca com seus livros. Seu olhar, de repente, repousa numa aranhinha, minúscula, andando no pequeno espaço que estava livre na frente dos livros. E.L.A olha para a aranhinha e com a voz bem doce e baixa diz: oi! A aranhinha parou, virou a cabecinha para E.L.A e a encarou por uns segundos, depois prosseguiu. E.L.A se maravilha com esse gesto e guarda, dentro de si, a sensação de encantamento. Depois de alguns minutos, levanta do sofá e vai contar o que aconteceu para os que estavam com E.L.A na casa. Os demais não parecem acreditar n'E.L.A e prosseguem em seus afazeres. E.L.A retorna para o escritório e senta na cadeira que ficava em frente da sua escrivaninha onde estava instalado seu



computador. A estante ficava do lado esquerdo e o sofá ao fundo, nas costas da escrivadinha. Ia começar a trabalhar. De repente sentiu que algo, muito delicado, lhe tocara de leve o joelho direito, como se tivesse pulado rapidamente nele e logo em seguida saído. E.L.A olha para o joelho e acompanha a sensação nele impressa. Por isso, olha instintivamente para o chão do lado direito. Nesse instante vê a aranhinha andando no chão e indo em direção a janela. Percebeu ali, naquele momento, que elas criaram uma relação de confiança. A araininha usou seu joelho para se deslocar de um ponto a outro, encurtando o caminho. E.L.A se emocionou porque teve certeza de que elas se comunicaram. Lembra então de outro momento, esse em Brasília. E.L.A e sua mulher haviam viajado, ficando alguns dias fora de casa. Quando chegam ao apartamento, à noite, ao entrar no quarto se deparam com um encontro inesperado que, na percepção artística d'E.L.A, poderia ser intitulado: teia sobre teia-filtro dos sonhos:ensaio de uma aranha. A teia de uma aranha percorria o teto do quarto de uma parede a outra, se alinhavava, no centro, junto a teia-filtro dos sonhos que adquiriram de um indígena e formavam uma bela e rica imagem de junção de forças protetivas e curativas, posto que, ao proteger os sonhos, desfaziam o feitiço dos olhos que não sabiam enxergar o ínfimo.







**Ouvir aqui:** <https://mega.nz/file/ug1ISQJ#fWhKqHI3lzbqn7E-BNPooKzQLt0jKclg4ydaOgRdd7Q>

Novamente E.L.A se debruça no que escreveu até aqui. Grava o que escreveu e escuta. Uma voz lhe diz: A escrita é cura e veneno, dependendo do uso, da dose. Cura quando o que se escreve, se escreve tal como se fala e esse duplo do gesto, posto que indissociável da vida que se habita e que se afirma habitar, dirá respeito ao modo como quem escreve se conduz no mundo. Escrita, aqui, é ação, é a(r)ção. A afinação entre condutor e condução. É afirmação da potência que nutre os fios da escrita; a afirmação dos processos que, como fios, se entrelaçam em frases e estas em outras. E.L.A entende então que afirmar é abrir, é alargar o ponto da teia para outro fio entrar. A voz continua e lhe diz: O veneno da escrita é pensar que o que se trama ai é a verdade. A verdade é o drama que engole a existência no detalhe inflacionado como todo... A verdade é retalho puído que foi elevado ao grau de relíquia e do Todo, curiosamente pensado como pensamento "nobre". A verdade da verdade é que jamais será tecido nobre, aquele que é cheio de fios e que se faz macio ao contato do corpo por conta de sua porosidade. Não se tece com a verdade e não há alegria alguma nela. Há paralisa e entristecimento. Há arranhão na pele. A verdade não conhece elasticidade porque lá onde ela mora não há movimento, mas invenção de ordem. A verdade é inimiga dos afetos porque não se afeta e não admite tensão, embora a promova e nos afete. A verdade é veneno que entranha e congela o sangue. A verdade é veneno de tarântulas. Veneno da interpretação que é inimiga da criação e do gozo pela existência. Uma escrita cura quando não rouba a voz, quando se aproxima da oralidade encarnada em outras dimensões da temporalidade que equivocam a adoração do deus Cronos...

**Ouvir aqui:** [https://mega.nz/file/f0lgHaCS#FAwzKYB6RCF8FLR\\_G4QWn8KIRapnt6Ff-d4b0z40H84](https://mega.nz/file/f0lgHaCS#FAwzKYB6RCF8FLR_G4QWn8KIRapnt6Ff-d4b0z40H84)

Atenta a essa voz, E.L.A se detêm na imagem do gesto duplo da fala-escrita que se desdobra no ternário fala-escrita-vida. E.L.A diz para si mesma: É isso! Aqui nasce mundo, um mundo dentro de outros, chacoalhando o tempo. E.L.A já havia falado isso antes, mas agora a imagem a vestiu de outro jeito. E.L.A experimenta um mundo capaz de ser lido, não com os olhos, mas com os afetos, com o corpo e que destrava memórias, ao mesmo tempo que as abre para o futuro. E.L.A percebe que cada lembrança aparece na relação que se tem com a evocação de uma imagem. A

imagem é um corpo que se relaciona com outros corpos. Dessa relação jorram-se forças que levam esses corpos ao encontro de outras sensações, num movimento incessante do que está por vir. Mesmo que, embora a imagem possa nascer de algum processo que se deu num ponto anterior do tempo e da sua história pessoal, a sensação dela, no presente, pode ser semelhante a do passado, mas seu destino imprevisível, tanto para E.L.A, que escreve e a experiência, quanto para o leitor que a lê e se lança em suas próprias memórias. E.L.A percebe agora que imagem é pré-sentido, pressentimento e tudo que se presente vive no futuro. Percebe agora que memória das forças e afetos é memória do futuro, esboço de um por do sol e de uma aurora no mesmo gesto da escrita que cura e cria. Sentir, diz para si e para o leitor, é ser, mas ser, aqui, não é estado, verdade, individualidade. Ser aqui é tudo que devém. Aquilo que escapa mas , no entanto, toca, convoca, provoca. Imagem não é fotografia, mas brevidade de um instante que se alarga ou se comprime de acordo com o efeito que provoca. Sua duração e extensão depende do tipo de fio da existência acionado e confeccionado pelo abdômen daquele que se sente tocado por ela. Se é do abdômen que nasce o fio que posteriormente será a teia de aranha, é do abdômen que nasce o umbigo antes de estarmos fora do ventre e é por onde respiramos. Umbigo que nos conecta a nossa mãe, mas também a terra. Talvez por isso se enterrem umbigos de criança, quando caem, pensa e sorri. Ao lembrar dessa imagem se toca que novamente está E.L.A de novo, falando de umbigo e mundo, não porque o pensamento seja circular, mas porque pensar através do sentir nos faz voltar para nos diferir na expansão de nós mesmos.

**Ouvir** **aqui:** <https://mega.nz/file/v9MUFarK#15O6RNq6OqDE-WgSkav0roL2-dhFuLVULpHx8c6O-qY> Do celular salta um som de passarinho, um pio. E.L.A se assusta porque estava imersa no que acabara de escrever. Era o som do whatsapp avisando que uma mensagem havia chegado. Pega o celular e vê que sua companheira tinha enviado um link de uma música. Parou para olhar e ficou impactada com o nome da música: "Com os afetos das canções". Retorna o início do texto e acrescenta nele uma passagem da música. Mas agora se deteve na tonalidade sonora dela, um reggae, e nas palavras todas que a acompanham e que saltavam, agora, para dentro de seu ouvido: "Deixar que o mundo se dane? /— Não! / Que o amor/ Não nos abandone, em vão! / Essas

pedras no caminho/Não me impedem o passo/ Todo corpo tem seu prumo/ Seu próprio compasso/ Se a história traça o rumo/Da humanidade/Com resposta, meu destino/Eu mesmo é que faço/ Deixar que o mundo se dane?– Não!/Que o amor/Não nos abandone, em vão!/ Deixar que o mundo se dane?– Não!/Que o amor/Não nos abandone, em vão!/ Toda aranha tem na teia/ Ciência e capricho/Toda abelha no seu mel/Doçura de bicho/ Se no afeto das canções/Eu me embaraço/Preso fácil das paixões/Eu viro em teus braços/ Deixar que o mundo se dane? /– Não! / Que o amor/ Não nos abandone, em vão!/ Deixar que o mundo se dane? /– Não! / Que o amor/ Não nos abandone, em vão!/"

**Ouvir aqui:** <https://mega.nz/file/3gUT0ZbQ#R4v2e9UVtcZpepR4G6Dw7N7K0dzsX8iEQhUdVJ2I4iQ>

Enquanto escuta a canção, uma frase pede para ser escrita por E.L.A. E.L.A se concentra, sem saber o que será escrito e seus dedos teclam as seguintes palavras: Afetos das canções. Canções são afecções. São corpos, tal como a imagem também o é, que afetam outros corpos e, nessa afecção cria uma morada provisória para outra canção ou estação do espírito, no caso do mundo dos seres humanos ou não. Uma canção pode quebrar um vidro, dependendo da sua entonação, mudando seu estado; como pode fazer um papagaio dançar no mesmo ritmo da música, um gato se acalmar, um cão latir etc. Esse corpo que afeta, na forma canção, tal como os demais, é um multiverso. Há tantos corpos em relação, Espinosa tinha razão! Esse multiverso-canção é efeito do encontro do som e das palavras, bem como da tonalidade com a qual ela, palavra, se veste, e que, ao tocar outro corpo, é capaz de criar mundos dentro do mundo, a cada encontro, antes mesmo que um sentido se faça presente, porque o que se faz primeiro é o que se sente. Canção tem força de demolição de estados afetivos! Tudo é relação de um corpo com outro, de uma força com outra que encontra forma nas palavras, mas ela, a força, sempre escapa e as palavras se tornam incapazes de dizer o desenho do todo. Muitas vezes uma única frase da canção nos impregna, sem explicação prévia e dela, um mundo se abre, nos trazendo, em generoso gesto, uma imagem prenhe de outras como uma flecha de força do tempo. Essa flecha, escapa das palavras, mas vibra em nós, como um simulacro daquilo que não sabemos ainda, mas que fica revoando na espera pelo pouso. Esse pouso acontece a nossa revelia, à revelia da razão. Vem quando essa força encontra espaço em nosso exercício de esticar o arco da canção e se agarra a nossa vontade de afinação. O tempo em que o pouso do

revoar se dá para que a seta encontre um destino afinado com os nossos passos, depende do espaço que se tem no corpo para abrigar uma estrofe nova, dependendo também da qualidade de nossa pele e da qualidade de sua escuta. Sim, a pele escuta. Quando escuta, se alarga, porque o corpo se expande e se transforma em arco da flecha. Só assim a vida se gesta e se manifesta em nós. Esse processo pode levar anos, mas pode também nascer e durar num instante. O mesmo se dá em livros com boa palavra, do sopro-palavra que ao nos assoprar, geram vida, uma nova vida e uma outra vida, mas não uma vida toda. O mesmo se dá no universo, que jamais pode ser descrito num único verso ou numa ciência que supostamente seria seu lugar de fala. Talvez o melhor lugar de fala do universo seja o poético e o místico e não o científico ou político. O que atravessamos no presente pandêmico, não reduz o universo a um corpo de lamúrias, a discursos de injúrias contra a vida. O trágico que parece estar atrás da porta ou das grades da janela é o poder mágico que faz a palavra calar para que a vida fale através de um vírus, de um corpo ínfimo e invisível, que entra em nós pela boca ou nariz e pode nos tirar o sopro, mas só o tira caso o experienciemos apenas como uma peça dentro do nosso cenário, de modo que ajustando essa peça no restante da engrenagem, tudo voltaria "ao normal", quando ele, vírus, do ponto de vista do universo, é uma força que pede que afirmemos o desmonte das peças que nos tornaram humanos, demasiado humanos para que nosso corpo seja outro e, na qualidade de outro, novas relações se estabeleçam e nelas, um outro mundo nos seja ofertado. Essas peças desse mundo humano, embora também multiversas, posto que feitas de encaixes que geraram mundos distintos ao longo da história, não foram capazes de asfixiar o sopro que comanda sua alma: o sopro do poder no lugar da potência, o sopro do poder acima da vida. Esse sopro tem nos estrangulado antes do vírus, mas esse estrangulamento só era sentido pelos sensíveis ou pelos indesejáveis no jogo da engrenagem: os pobres, os pretos, os indígenas. Os primeiros, lutando contra a asfixia da corda estendida, eram pouco ouvidos ou tratados como loucos ao longo da história ou enlouqueciam por excesso de história e os segundos e terceiros, silenciados pela matança quando faziam dançar tambor ou lança. As andanças desses tipos, a relação de seus corpos com os nossos corpos humanos, demasiadamente humanos, nos inspiravam, mas a inspiração ainda não era suficiente para que um sonoro não diante do que preservamos como humanidade fosse colocada a prova. Foi

necessário que um vírus, esse corpo trágico e mágico, viesse para asfixiar essa lógica! Vírus-ocasião da virada de forças, corpo da generosidade da vida que apela para que não nos afastemos mais dela. Vírus, um corpo que faz do nosso espaço de canção trágica, mas também nos sussurra uma canção de amor pela Terra. Vírus, jogo da criança e não do humano, pois nasce do próprio jogar das forças guiadas pela eterna busca da novidade. É a inocência do devir.<sup>135</sup>, jogo divino que também brinca no artista que se guia pela lei da destruição e criação ininterrupta de mais vida.

Após escrever, ela novamente lê o que foi escrito para entender o que foi dito. Relembra de algo que escreveu no início da pandemia no Brasil, em abril de 2020, chamado "O vírus é um universo".

**Ouvir**

**aqui:**

[https://mega.nz/file/OllmRCTB#at7\\_cfOhG6\\_Vwzp3XFoEhz5GBa8XEVOccqjLRmEG8LI8](https://mega.nz/file/OllmRCTB#at7_cfOhG6_Vwzp3XFoEhz5GBa8XEVOccqjLRmEG8LI8)

Sim

O vírus é um universo

Que espalha seus versos

Aos ouvidos atentos a sua melodia

Faz de um dia, uma eternidade

Faz da eternidade, para alguns, uma prisão

Para outros, a liberdade

Faz da cidade, espaço da natureza

Que sorri pela ausência do toque humano em suas entranhas.

O vírus é uma façanha

Uma brincadeira da vida

Que elimina nossos caprichos demasiadamente humanos

Em encontrar felicidade nas coisas

Mostra nossa inutilidade, nossa futilidade, nossa imaturidade

Para lidar com o simples.

O vírus ataca a capacidade de respirar

E nos faz voltar ao lar, para lá encontrar o respiro.

O vírus nos impede de circular

Para que a natureza circule.



O vírus nos coloca diante do que realmente nos tornamos  
 Sem a maquiagem do progresso  
 Derrete as ilusões.  
 Para alguns,  
 tira o sorriso do caminho  
 Para outros,  
 faz brotar o amor ao mundo  
 O vírus afasta o banal  
 E agrega o essencial.

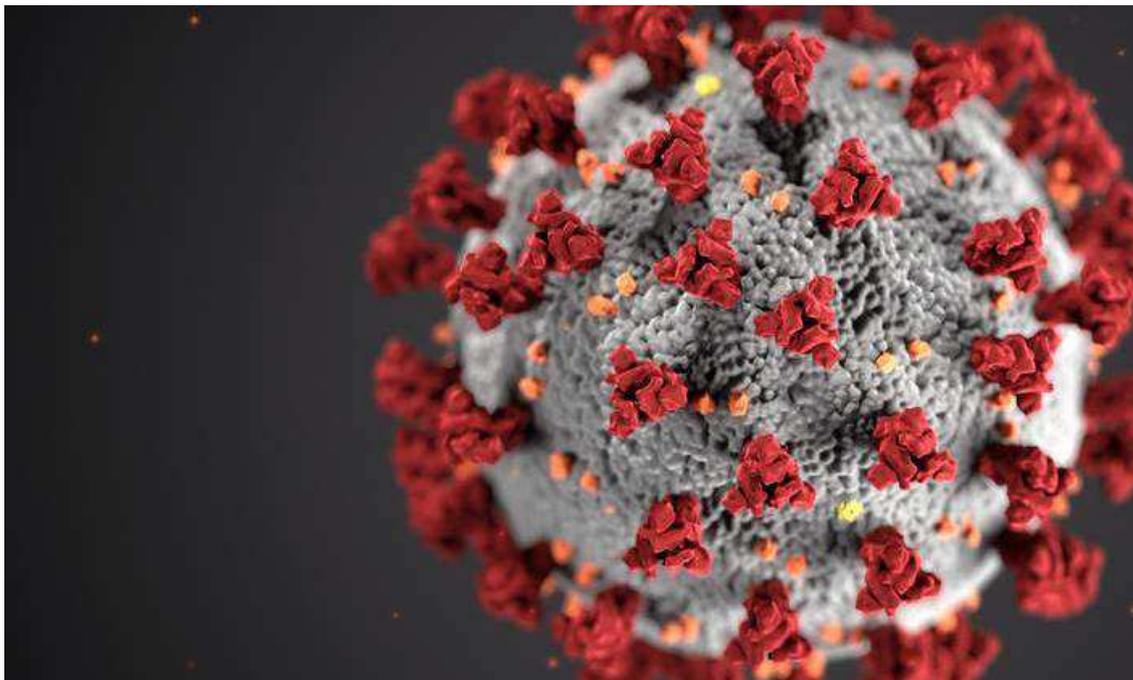
O vírus pode ser o peso mais pesado  
 Como também a loucura santa que nasce da desrazão.

O vírus coloca um Não  
 Ali onde vive um pensamento anão.  
 Tira os fiés da prisão do templo  
 E os fazem contemplar o céu  
 Agora mais azul posto que sem poluentes.  
 E também os (e nos) coloca diante de nós mesmos  
 Sem intermediação alguma, como um convite de espiritualização  
 O vírus possibilitou a terra tremer menos  
 E, rindo alto, nos faz tremer.

O vírus coloca um Não  
 No governo da vida pelas mãos de um mercado invisível, mas manipulado por mãos  
 humanas  
 Ele, também invisível, quebra as correntes que pareciam sólidas  
 E nos aprisionavam num eterno agora consumidor.

O vírus coloca um ponto de corte  
 Entre o que fomos e o que podemos vir a ser  
 O vírus é um devir mediante  
 Que sacode tudo que se tornou entediante e estressante para a terra  
 O vírus é a última cartada amorosa da vida  
 Para que nos reinventemos.

(OIKOS<sup>136</sup>) /05/04/2020



### Imagens poético-virais

Ao longo da pandemia, sobretudo entre 2020 -2021, E.L.A tirou muitas fotos e escreveu algumas poesias e contos. As publicou num blog despretenso que recolhia escritos sobre a pandemia e eles acabaram virando parte de um e-book que, em breve, estará disponível. Isso porque foram muito visualizados entre eles está " o vírus é um universo" e os demais que seguem abaixo (<https://www.antropologicas-epidemicas.com.br/blog>).

## GOVERNO DE SI EM TEMPOS PANDÊMICOS

OUVIR EM :

<https://mega.nz/file/j1Nwwa4D#bAL7pudhpFNjwbeLoqDdB-HohqLJYSUOkhd2ioNTJJQ>

O que meu corpo pede? O que meu corpo pode? Esse corpo, reconhecido como meu, através do espelho ou através da retina de alguém, não é o mesmo corpo que me alcança, quando estou comigo. Estar comigo é olhar para os afetos que configuram o que sinto e o que sinto é meu corpo. O que sinto é a forma que esse corpo fala comigo e diz o que pode ou não. O que sinto vem antes do que vejo pelo espelho. O olho do corpo são os afetos. A memória do corpo são as narrativas feitas a partir dos afetos. No meio da pandemia, meu corpo, visto pelo espelho, parece silencioso e harmonioso, embora expresse os afetos do corpo real, pelas olheiras que crescem dia a dia. O corpo real, tecido pelos afetos, está fragmentado e em luta diária para se manter inteiro. O olho lê as imagens e o corpo absorve o impacto das mesmas. Não me permito deixar os afetos se demorarem nesse impacto. Mudo a imagem, escuto som enquanto as deixo entrar pelo olho. Busco um governo de mim mesma para afastar o caos. Me recuso a mergulhar nos ruídos aterrorizantes que não deixariam margem para a quietude. Prefiro continuar amante de vazios, como olhar para o céu e ficar sem pensamento enquanto o sinto através de meu corpo inteiro. Luto com meus olhos o tempo todo. O que não significa que não veja o que está acontecendo do lado de fora da minha janela, que não sofra, que não chore, que não saiba, minhas olheiras são testemunhas desse saber. Posto imagens do dia, dos acontecimentos do dia, num momento específico de meu dia em que meu corpo consegue olhá-las, mas sempre meio de lado, porque estou atrás de outro saber e de outro respirar. Uma luta diária comigo mesma . Uma tentativa de trazer a luta para a arena do governo de si. É isso que meu corpo pede. É isso que meu corpo pode. Aqui reside a sua saúde.

Niteroi, Outono, 2020

## A lua gradeada

Ouvir em: <https://mega.nz/file/rtF2wLoL#EvypWqIj-KTb9YEJQyARQ7qmTF-rlG1fuUUHMuw-eCY>

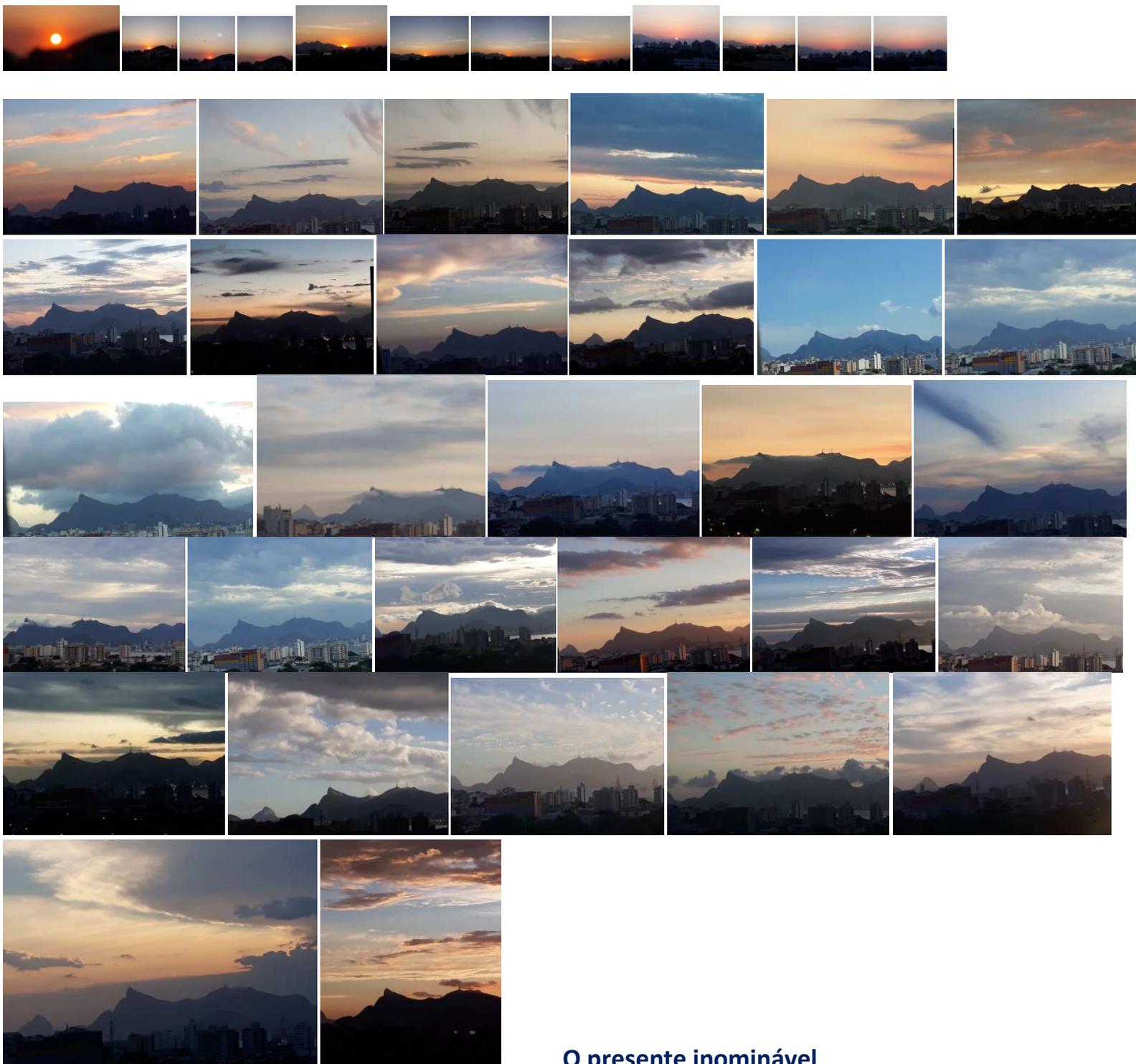
Ela perdeu o sono. Olhou pela janela, às 05 horas e 29 minutos e se deparou com a lua cheia ainda no céu. Os tons rosados, de um dia de verão, brincavam de pintar o céu de amorosidade. A cidade era puro silêncio. Nem os pássaros cantavam, pareciam estar hipnotizados pela beleza, como se não houvesse cântico capaz de, com ela, compor. Ela era a pura composição. Todas as notas deslizando num céu róseo. Ela pega o celular e busca registrar o que sente. Por um instante, quando seus olhos se posicionam na câmera na tentativa de encontrar um ângulo que lhe devolvesse o que sentia, clicou e, quando olhou para o instante capturado, se deparou com as grades da janela. Com lágrimas nos olhos, uma voz dentro dela sussurrou: a lua está gradeada. A lua está gradeada, a lua está gradeada... O sussurro se transformou num grito dentro dela: A LUA ESTÁ GRADEADA!!! Um grito tão forte que mesmo que ela tentasse fugir dele, racionalizando que o grito era uma frase absurda-, já que quem estava gradeada era ela, gradeada com chave na porta, mas impossibilitada de fazer girar o trinco porque estava gradeada pela luta para manter-se viva na pandemia, **gradeada pela moral da sobrevivência; gradeada pela espera de sabe-se lá o quê; gradeada por seus fantasmas; gradeada pela sintomatologia das forças governamentais que, sem nenhum disfarce, está matando grande parte da população que não é útil para a vida econômica; gradeada, portanto, pelo ápice do niilismo em sua face necropolítica, em que fazer matar e deixar matar se tornam a face escancarada da governamentalidade neoliberal, fazendo com que sintamos que a vida não faz sentido, quando é a gestão da vida pelos porta-vozes do capital e pela dependência do capital por nós e em nós que não faz e nunca fez sentido já que o alvo sempre foi matar os escolhidos como indesejáveis à terra e, assumindo essa posição, exploram e violentam, sem pudor, suas entranhas; gradeada pela patologização do poder incapaz de conquistar saúde posto que só produz saberes adoecidos, negadores da vida e esse processo não é de hoje- ele é o que sustenta o próprio poder do homem branco sobre a terra - mas, ELA e a LUA ERAM UMA SÓ, gradeadas para manter seu mundo ainda vivo, já que fora das grades o mundo caducou e ela não quer se perder de si mesma.**

OUVIR EM:

[https://mega.nz/file/z9MAyTrS#18J\\_3gGMn9woHxUaO8ZPr1NJxiwF\\_rXSE4hQ6JM-a-k](https://mega.nz/file/z9MAyTrS#18J_3gGMn9woHxUaO8ZPr1NJxiwF_rXSE4hQ6JM-a-k)

DEIXA A LUA FALAR NELA. A lua a enxergava pelas grades, mas pelas frestas, podia lhe tocar. Pelas frestas é que podia lhe mostrar sua beleza. Pelas frestas é que podia ser eternizada em uma foto. Pelas frestas é que podia respirar junto com ela. Pelas frestas é que podia segurar a sua mão e lhe ensinar que ela, lua cheia, condensa forças antigas que, juntas, iluminam o céu noturno, numa brevidade do tempo que inspira amantes da vida a encontrarem suas próprias raízes. Depois disso, minguia, desaparece, para dar lugar a um novo ciclo de aprendizagens. Cada aparição é única, porque cada lua é uma nova lua (uma lua nova). A lua a ensinava sobre vida e morte, morte e vida. E diz para Ela que, por amor a vida dos que estão abaixo dela, tem ficado mais tempo no céu para adiar a sua queda. Explica que entrou num acordo com o sol, no qual, em momentos breves, habitará também o dia, para que não nos sintamos sozinhos e sem rumo diante do buraco que cavamos, mas não tem como garantir a repetição desse encontro. Ele é um sinal para que encontremos a lua e o sol em nós. Finaliza lembrando que Humanos vieram até ela, mas não a viram. Andaram sobre ela, mas não a sentiram. Se tivessem me visto, ela diz, saberiam que daqui onde estou o seu planeta é mais lindo do que eu, e que a beleza de minha luz precisa da beleza do planeta para saber-se bela. Sou farol que ilumina aquilo que vocês são. Ainda os amo, por isso os ilumino para não ficarem na escuridão total. Temos caprichado, eu e o sol, e até fizemos um acordo para postergar minha presença e gerar colorações agradáveis- fruto do encontro breve de nossas forças- assim o dia tem entrado na noite e a noite, através de mim, no dia. Caprichamos hoje nas pinceladas rosadas dessa manhã porque o que vemos daqui de cima não tem a beleza de antes. Olho para baixo com tristeza nos olhos. Por favor, acordem mais cedo... para a vida. Não sucumbam diante do mundo subterrâneo em que foram lançados. Quanto mais a terra afunda, mais difícil será cuidar de vocês e até mesmo existir para vocês, afinal, para que o céu se mantenha leve, o ar precisa ser respirável!

Niterói, verão, fevereiro, 2021



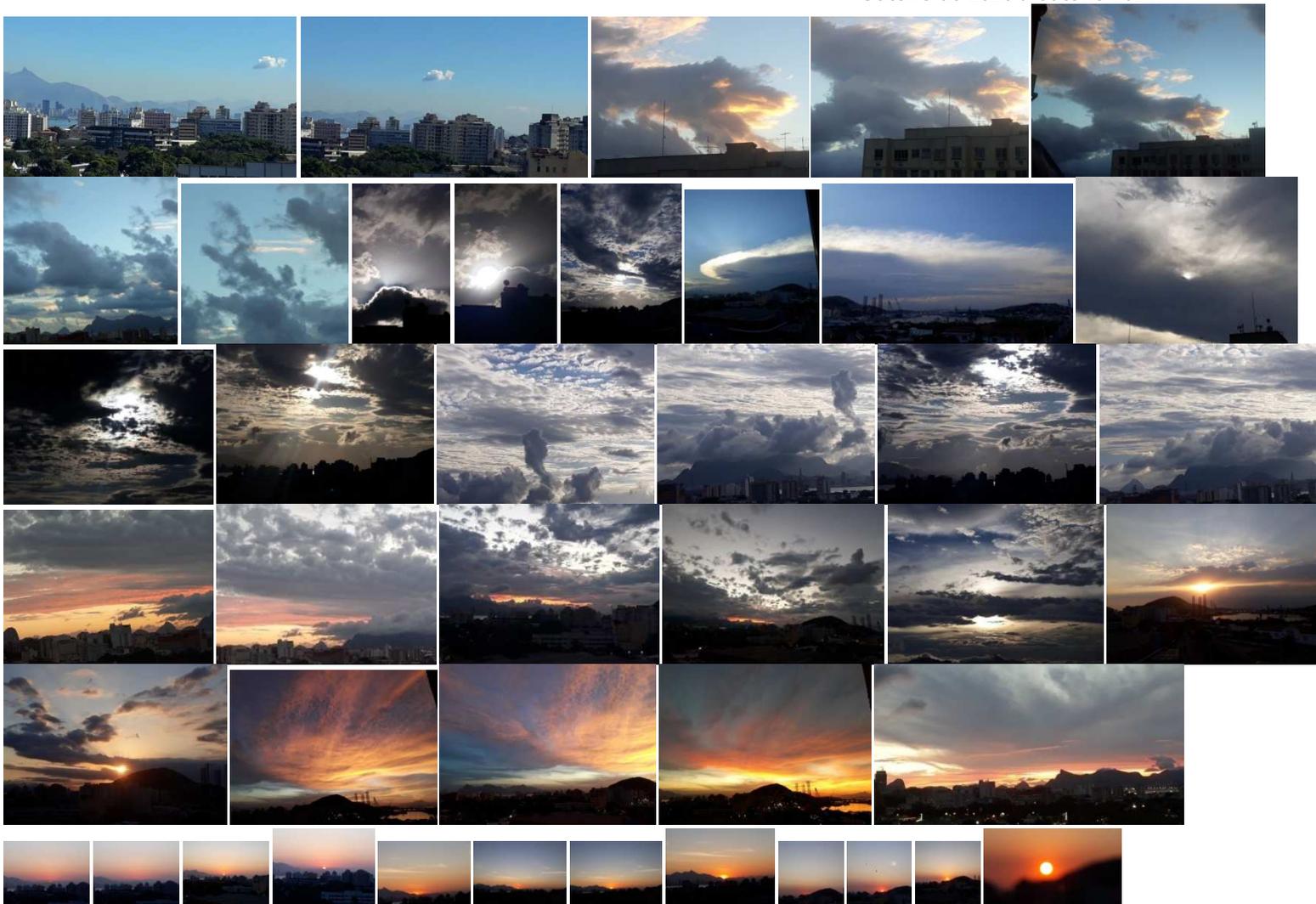
## O presente inominável

Ouvir em: <https://mega.nz/file/O0VFWQhA#bO017o3H93XauazdHwqpOvTUIrMG1WSIWCF8YlpQF1k>

Sempre olhei para o tempo como abrigo. Mas vejam bem, olhava o tempo...Via os dias passando e, por olhar o tempo, acreditava poder ter controle. Nesse olhar-para-o-tempo, tinha referência do passado para pensar o presente e, nessa matemática historiográfica, jogava meus sonhos para o futuro, que julgava poder construir, desde que

minha analítica respeitasse as singularidades do presente. Nela, fazia diagnósticos e prognósticos. Mas eis que, agora, com uma pandemia pegando o corpo de todos nós de frente, meu corpo passou a sentir o tempo e não mais a vê-lo. Sentir o tempo é instalar-se no agora e buscar fazer, desse agora, abrigo. Por vezes, esse agora não é um abrigo afetivo; esse agora desperta afetos de absurdidade tão imensos e, de tão grotesca experiência, meu corpo não sabe expressar, através de lágrimas, sua dor, como outrora fazia. Ele, agora, congela, entra em choque porque as experiências não têm um correlato afetivo que as pudesse dar um contorno. Ultrapassa a tristeza, é outro afeto que não sei nomear, portanto, não sei como fazê-lo desaguar. No entanto, o que me sustenta é ir construindo um novo saber a respeito do novo desenho do tempo em mim. Nele busco descongelar essas experiências sem correlato afetivo em imagens e sons conhecidos ou no silêncio respeitoso a mim mesma. Maneira de não permitir que esse afeto sem nome me governe. A política anímica de nomeação é importante, não só para poetas. Um nome, uma palavra, puxa um parágrafo existencial. Se não acho o nome, como posso respirar? Ai sinto o tempo, em sua manifestação artística e encontro um sopro que me sustenta. Tiro fotos do céu, mas não com os olhos, mas com o corpo todo. Não busco seqüenciar os dias para ter ideia de duração, mas busco o instante de uma aparição e nela me instalo. Meu corpo busca a fração do tempo outro nessas imagens que sejam distintas desse congelamento da palavra. Consigo, enfim, respirar e me abrigar.

Outono de 2020 à outono 2021.



## A sabedoria da pureza

**Ouvir** **aqui:** [https://mega.nz/file/CpUWITjB#wPoSJ48LtaMJo5rkMtVj-qVaOCFyDpm\\_KD3dlxJjahA](https://mega.nz/file/CpUWITjB#wPoSJ48LtaMJo5rkMtVj-qVaOCFyDpm_KD3dlxJjahA)

Uma menina de 6 anos, chamada Luana, faz uma caverna embaixo da mesa durante a quarentena. Pede uma coberta grande para a mãe e também solicita que ela a jogue sobre a mesa para criar uma atmosfera de isolamento. Enquanto isso vai ao quarto e pega alguns objetos que lhe dão segurança. Um ursinho, uma joaninha, um travesseiro, uma pedra mágica que ganhou da avó, um caderninho de colorir e canetinhas, uma lanterna que ganhou do pai, uma máscara e álcool gel, além, é claro, de seu cachorrinho. Entra na caverna. Brinca ali construindo um mundo de sonhos e pesadelos que ela vai gerenciando, governando junto a inúmeros heterônimos que vão surgindo. Alguns abrigo, outros monstro. Fala com eles. Dá bronca, dá gargalhadas, diz para o ursinho Pum pum passar álcool gel quando lhe pede ajuda para levar o lixo na lixeira, lembra que precisa limpar as maçanetas, de usar a máscara e depois lavá-la. Diz para a joaninha Sofia ligar para a farmácia e pedir comprimido para adormecer, porque eles precisam sonhar e para não esquecer também de pedir mais álcool gel porque estava acabando. Dá bronca em pum pum por ter esquecido de colocar a máscara ao sair para a aventura na lixeira e diz que já já chegará a entrega da farmácia e que ele precisa ter mais atenção. Pega a joaninha, simula que ela está voando e a coloca para dizer: Pum pum está com cara de pum. Os três, pum pum, Sofia e Luana caem na gargalhada. Luana pega a pedra mágica, a levanta acima de sua cabeça e olha para ela, dizendo: Senhora pedra, proteja essa casa. Não deixe nenhum monstro entrar. Converse com suas amigas e peça para que fiquem todas juntas na minha porta. No mesmo instante, sua mãe está com a Tv ligada e o presidente chamado na casa de pandemônio, está dando um pronunciamento e os repórteres comentam os horrores de sua fala. Sua mãe diz: Fora pandemônio! Deixe-nos em paz! O cachorrinho chamado moleque que estava na caverna, de repente, sai correndo, atravessa o pano e Luana sai de seu universo para trazer o moleque de volta. Vê sua mãe olhando pela janela compenetrada. Não percebe que ela tinha os olhos cheios d'água. Mas, por estar ali parada e em silêncio, aquele estado de quietude chama mais a atenção da menina do que o moleque fujão. Ela olha o que a mãe olhava. Percebe que, do outro lado da rua, ao lado da ponte, na lateral do supermercado, havia uma escada que dava para a proximidade do telhado do supermercado e que começava a ser usada por alguém que, de forma improvisada, criava ali um espaço, um outro espaço. Havia um pano pendurado no corrimão da escada, havia uns tapumes de papelão que criavam uma porta e um telhado e uma parede para criar um isolamento embaixo da escada e, de repente, um homem saiu dali. A menina sorri e diz: olha, mãe, ele também fez uma caverna! Posso levar para ele uns brinquedos para lhe fazer companhia? Será que tem máscara e álcool gel? Olha mãe, saiu mais um moço. Mas aquele espaço não é pequeno demais para eles dois? Mãe, ele não saiu com máscara! Os olhos da mãe se encheram de lágrimas. Nesse momento, apareceram dois homens enormes que começaram a destruir aquele espaço improvisado. Luana foi tomada de pânico, correu para sua caverna, pegou sua pedra mágica e pediu: Senhora pedra, mãe de todas as pedras, murem essa caverna e não deixem esses homens maus assoprarem ela até ela cair. Mas a casa era de papelão, e se desmontou no chão. A mãe soluçava e a menina correu e pegou a joaninha Sofia, que disse: Calma, os moços vão voltar e conseguir a



ajuda da mãe pedra que virá a noite, ela me sussurrou isso. Ai os homens maus não vão conseguir mais destruírem essa casa. A mãe abraçou a filha por um longo tempo. Luana foi para sua caverna, com Sofia, a senhora pedra e o moleque. Adormeceu e sonhou com a lua. Quando acordou, já era noite, ela pegou sua lanterna e foi para a janela. Viu, então, os moços refazendo sua caverna. Voltou para seu cantinho mágico e beijou a senhora pedra.



**Ouvir**

**aqui**

<https://mega.nz/file/K5Vyyb7D#jq2k2eMGA9lwJaWDF27GpWZNChtYZY1lta3H1edx2l>

Naqueles momentos, era assim que sentia e se exprimia. E não só E.L.A sentia assim, mas algo se dava no mundo para que E.L.A captasse esse instante e o traduzisse em poesia. E.L.A não falava sozinha. Por alguns meses sentiu as diversas camadas do mundo expostas, sentiu o cheiro do universo e assim pode se proteger do cheiro do ralo que subia quando ligava a TV e via os pronunciamentos do presidente. Ficou alguns dias assim, depois perdeu essa sintonia, seu rádio pifou . Sim, seu rádio, porque E.L.A descobriu ou sempre soube, que o universo é sonoro, como se fosse um rádio gigantesco emitindo várias ondas. E o rádio foi o primeiro presente que seu pai deu a E.L.A feito por ele mesmo e o tem até hoje. Tendemos a escutar o que é mais alto, mas, ao mesmo tempo, o que é mais alto, produz surdez. Ficando nesse círculo vicioso perdemos a audição mais fina, ficamos irritadiços e perdemos assim, também, a possibilidade de nos comunicarmos, porque a irritação do som alto nos deixa atônitos e amedrontados, tal como os cães com o barulho dos fogos de artifício. E.L.A lembra que durante um certo momento da pandemia, quando não estava mais em sintonia com essa sabedoria, começou a sentir zumbidos no ouvido e ficar com os olhos inchados. Achou que era sinusite por conta do cigarro. Se medicou e não resolvia. Ao

conversar com amigos viu que o mesmo processo se passava com eles e diziam: é efeito do isolamento da pandemia! E.L.A resolveu prestar atenção aos zumbidos e do efeito deles em seu comportamento. Percebeu que quando o zumbido chegava, E.L.A ficava governada por ele e não conseguia mais ter a sensibilidade costumeira para lidar com as pessoas que amava, estava sempre irritada, sempre pronta a atacar, sempre na defensiva. Não conseguia se comunicar sem brigar. Não conseguia ler, escrever, pensar, elaborar. Começou a dormir em excesso. Foi perdendo a vontade. E ficou cada vez mais presa a TV e ao PC, hipnotizada pelas notícias tristes, como se só fosse possível escutar o mundo através dali. Ao mesmo tempo em que sentia que seu corpo seria incapaz de digerir a velocidade com que as informações catastróficas chegavam, como se faltassem palavras para dar conta das relações de força que estavam em curso porque os afetos eram de perplexidade. Foi ficando com muito medo. Com paranóia. Se afastou de todos. Se isolou. Não queria conversar com ninguém porque não tinha o que dizer. Sentia-se como que diante de uma experiência de perda da voz enquanto perda da linguagem, enquanto perda da engrenagem valorativa humana que justifica acordar e seguir e falar. Não sabia mais seu lugar no mundo porque o mundo havia perdido seu lugar n'E.L.A e a cada dia se tornava incapaz de conseguir comunicar esse estado afetivo incomunicável. A todo instante lembrava de Primo Levy com sua pergunta : É isto o homem? Ao mesmo tempo em que se recordava que, quando tinha uns 13 anos havia escrito que o homem era o projeto errado de Deus, e tal questão metafísico-religiosa lhe perturbou por muito tempo. Mas, mesmo essas lembranças não faziam com que E.L.A avançasse em qualquer pensamento. Elas surgiam, mas se perdiam em meio ao zumbido que tomava conta de seus ouvidos com força cada vez maior. Demorou para chegar a conseguir juntar essas peças e sair da zumbilândia anímica, mas quando as juntou entendeu que precisava desencaixar seu ouvido dessa qualidade de ruídos. Análise, homeopatia e exercícios espirituais lhe ajudaram muito. Num certo dia, lendo o livro a Queda do Céu, o entendimento dos zumbidos se fez ainda mais claro, tratava-se do espírito zangão alaranjado que habita a fala dos brancos e que, quando se aproxima do povo das florestas , arranca suas línguas e fazem inchar os olhos.<sup>137</sup> Então, E.L.A estava captando essa frequência sensível, pensa. Os zumbidos foram embora e agora E.L.A podia novamente escutar o invisível e não abandonou seu cigarro. Quando escreve essa última frase, cai em gargalhadas.

**Ouvir**

**aqui:**

<https://mega.nz/file/f59niBAL#nN57NRv4msRyWvvDKpzu1WYhyjAliqrVEaDcnpjSWqA>

E.L.A acorda. Abre as janelas. Todas. Precisa arejar o apartamento. Pega os vasos com plantas e os coloca perto da janela para copularem com o dia. Fala com cada uma delas. Faz esse ritual todos os dias, ou melhor, desde o dia em que acordou para as ondas radiofônicas finas e se livrou dos zumbidos. Relê tudo que escreveu no dia anterior. Lembra de algo escrito há muito tempo sobre formigas. Sim, elas são suas amigas desde a infância! Vasculha suas pastas no windows explorer. Desiste, tem pastas demais e não estão organizadas. Resolve vasculhar e-mails antigos porque lembrou que havia enviado esse escrito a amigos, numa época em que fazia pós doutorado em psicologia social e havia uma encomenda de ler Gabriel Tarde. O escrito em questão nasceu desse encontro d'E.L.A com Tarde, numa madrugada, em Natal, cidade onde também morou, no final do ano de 2012. Nesse vasculhar dessa prótese de memória que é a caixa de e-mails, como também é o celular e demais aparatos tecnológicos, ao menos podia alegrar-se de estar orientada no tempo dos afetos, pois lembrara do conto, lembrara que o havia compartilhado com um grupo de amigos e lembrava mais ou menos o ano 2013 ou 2014. Achou o conto e outros contos e prosas que convergiam com tudo que vinha sentido nesse agora. Passou o dia e a tarde lendo tudo. Imagens voltaram junto aos afetos: onde estava quando escreveu tal e tal coisa, o que se passava com E.L.A e com seus amigos, o que esperava da vida e que caminho a vida apresentava. Estava diante de um filme que embora estivesse circunscrito há anos atrás, as imagens literárias que usava para descrever processos tinham um ar de eternidade ou de trans-historicidade. Resolve então, copiá-los e ver para onde a levariam.

Escrevera aos amigos:

"Envio a vocês uma viagem que fiz pelo universo infinitesimal das formigas que me ajudou a entender um pouco a leitura de Tarde ou simplesmente me fez ler Tarde a partir de uma lente insone ou seria insana, que tem me acompanhado. Estou numa fase de contos, de narrativas que fazem com que o deserto se transmute em literatura. Impressões de Tarde a partir dos detalhes do que acontece na madrugada

EXISTIR É DIFERIR.

Antes de começar a ler algumas páginas da "Monadologia e Sociologia", tive, sem saber, uma experiência bio-estética com o infinitesimal, ou seja, com o mundo dos

pequenos detalhes que já comporta, num mesmo movimento, o *socius* e o indivíduo, imitação e invenção.

Explicando melhor. Estava eu, insone, por volta das 3 horas da madrugada, quando me deu vontade de fazer xixi. Chego ao banheiro e vejo um exército de formigas organizado em dois pontos da parede. Tirei até foto, se der mando. Fiquei perplexa com a quantidade e passei horas observando seus movimentos, vi que andavam em fila seguindo o caminho branco da parede, o rejunte, carregavam insetos mortos nas costas e os levavam para um dos pontos na parede onde várias formigas se concentravam. Outras seguiam para o outro ponto, que era mais alto e no qual também havia pontos de concentração.

Vi, então, que elas andavam pela casa recolhendo o que podiam e levando para esses pontos, só não compreendi a concentração absurda de formigas num único ponto, ou em dois pontos. Pensei: Dessa forma elas estão muito visíveis a mim, já sei onde elas se concentram e, infelizmente, preciso exterminá-las, pois volta e meia tenho sentido coceiras e aparecem pontinhos em meu rosto que não são provocados por mosquito...além disso, não é uma formiga aqui e outra acolá, é um exercito enorme que domina a casa!!!

Confesso a vocês que tenho uma enorme dificuldade em eliminar esses e outros seres, com exceção de baratas, alias, nem as baratas elimino, *mas desejo seu extermínio* e sempre que aparece uma, fico histérica e chamo minha mulher para matá-la, coitada, ela também tem medo e gastura, mas alguém tinha que assumir esse papel rsrsrsr

Pois bem, estudei o movimento desse exército e coloquei um produto químico nesses pontos de concentração de massa. Elas desapareceram.

Passado uns dias, me encontrei novamente insone e vi, no mesmo banheiro, outra qualidade de formiga. Quando digo outra qualidade é em vários aspectos: forma, comportamento, moradia, organização. Uma outra estética de ser mesmo. Diferente das anteriores, eram minúsculas. Não andavam pela linha branca do rejunte, mas no chão mesmo. Não andavam em massa, eram dispersas. Só se juntavam para carregar um corpo mais pesado, mas formavam pequenos núcleos também dispersos, ao longo do chão, havendo algumas que não se juntavam a essas. E, o mais impressionante, quando precisavam seguir pela linha branca do rejunte e sentiam algum perigo, saltavam para o chão. Elas também não se comunicavam, tinham um comportamento singular, algo semelhante a um rodopio como se estivessem ligadas, antenadas o tempo todo ao exterior, se fossem pessoas diria que cheiravam cocaína, pois eram ligadaças! Ou seja, a cada perigo mudavam rapidamente o destino. O perigo era eu, claro, e tive dificuldade de saber onde era a casa delas, para onde levavam seus alimentos, pois elas andavam sozinhas e mudavam de direção o tempo todo.

O que fiz, deixei a luz apagada e me pus num canto distante da sala com uma lanterna, fingindo não as estar observando. Depois de muito tempo descobri um ponto na parede onde, uma a uma, em intervalos que não eram regulares, levavam seus alimentos. Então coloquei um remédio nesse ponto e também coloquei pequenas gotas de remédio no caminho que levava até esse ponto, numa linha de rejunte que saia do banheiro, passava por debaixo da porta, depois seguia ate o buraco na parede na entrada da cozinha onde era sua moradia provisória. Também coloquei remédio (gotas) no chão do banheiro para entender como funcionava o remédio, ver se elas o comiam etc.

Pois bem. Algumas formigas que estavam no chão do banheiro, curiosas, largaram sua presa (que era uma formiga maior morta) e pareciam comer o produto. Morreram

na hora. As que orbitavam e não faziam o trabalho pesado, mas estavam nas proximidades dessas que comeram se distanciaram o máximo que podiam dali, mas em movimentos rodopiantes e sem se comunicar com as demais, pois andavam sozinhas. As que seguiam pela linha que levava até o buraco na parede, quando se aproximavam das gotas de veneno, saltavam para o chão, como se fossem paraquedistas. Outras tentavam entrar no buraco por espaços onde não havia veneno, outras fugiam dali e buscavam outros caminhos, outras não sabiam o que fazer, enfim, estava diante de uma nova modalidade de vida e de resistência que nenhum veneno seria capaz de combater porque funcionava de forma dispersa, não se tornando, assim, visíveis em bloco para serem eliminadas.

Fiquei horas pensando nisso tudo e fazendo associações loucas com o capitalismo e suas modulações. Essa outra qualidade de formiga era da nossa era, a da velocidade, da dispersão, do individualismo e de novas formas de perseverar no ser. As anteriores, eram filhas ainda do capitalismo industrial... exterminá-las era mais fácil...suas defesas são conhecidas...

Importante assinalar que, claro que algum tipo de comunicação se estabeleceu ali, mas era outra sociedade de formigas, com outros arranjos... E detalhe: isso não é uma metáfora do capitalismo, mas o modo de gestar, as forças em jogo nessa gestão, seus instrumentos, suas formas de controle, agem também entre as formigas...inclusive na forma como elas criam resistências...

Enfim, depois disso, no dia seguinte, ao começar a ler Tarde, pensei: caraça, vivi uma experiência tardeana sem saber...mas em duas madrugadas rrsrrsr

O que tirei daí. Lembrei de Deleuze que diz, não lembro aonde, que uma sociedade se define melhor não por suas contradições, mas por suas linhas de fuga, por aquilo que escapa, o fluxo molecular que escapa... as formigas, as segundas, escaparam...e o escape delas desloca o universo molar, isto é, eu, agora, era esse universo molar e precisava pensar em que estratégias podia usar para eliminá-las? Esse é o jogo social que é também o jogo individual. Um único jogo que nunca acaba: vida. Relações de forças. Morte e nascimento de possíveis...Existir, é diferir!!!!

Assim, o mote da diferença emerge da relação dos movimentos de imitação e invenção que poderia ser pensada filosoficamente como processos imanentes de repetição e criação. A invenção das formigas não partia de uma formiga, uma mônada fechada que dizia as outras como agir, mas de certa forma a experiência com o veneno fez propagar invenções variadas em cada formiga para perseverar em seu ser. Um fluxo criativo as atravessou. Não a todas, mas a algumas, as que sobreviveram. As que podiam fazer agir invenções que as salvavam, compunha um campo de resistência ético, tendo em vista que as resistências foram variadas, assim, o agir dependia do que cada uma podia extrair de si para perseverar....outras imitavam os caminhos abertos pelas que se salvavam, saltando da parede e se dispersando pelo chão, mas não porque seguiam uma líder, mas porque entrou na mesma onda que outra...

Por isso, acredito, que Tarde, ou minha experiência com as formigas e depois com Tarde, aproxima natureza e sociedade a partir de uma teoria dos afetos isto é, são os afetos que governam as relações e podem ampliar ou diminuir a potência do *socius e do individuo, num mesmo movimento inventivo. Só dessa maneira, a partir desse aprendizado, pude suportar a experiência de matar formigas*

Depois de ler esse e-mail E.L.A foi dormir sorrindo.

**Ouvir****aqui:**

<https://mega.nz/file/3htXDBRA#p4mVtSPtVZDskBA8hpn6qBbQJZZHKEPScgG2iFLlz94>

Mas, em outros momentos, seu corpo, ao se agenciar com o efeito do corpo máscara, do corpo álcool nele, no cenário pandêmico, produzia afecções que afirmavam o medo e o cansaço que passavam a habitar o silêncio, fazendo muito barulho.

### **UMA CADEIRA HERACLITIANA EM TEMPOS PANDÊMICOS**

21/12/2020

Uma cadeira. Um puff para repousar as pernas. Um ventilador ao lado. Uma janela aberta, mas tendo o cuidado de fazer com que as laterais da cortina fiquem numa posição tal que esconda o prédio da frente e só se veja a imensidão do mar e os carros em movimento na ponte... Primeiro dia de verão no Rio de Janeiro! E.L.A se instala nesse dispositivo mágico e repousa seu olhar para o infinito que se abre. A luz do sol que toca os carros faz com que pareçam formigas de mercúrio em movimento. O som da estrada não chega, só o do ventilador ao lado. Há pequenos movimentos nas águas quando um pequeno barco desliza fazendo um desenho branco e espumado nas águas salgadas. Embarcações maiores repousam também. Só se vê uma leve espuma saindo de um dos motores de uma embarcação alaranjada, como se fosse sua respiração. Mas um tipo de respiração lenta. De repente percebe que a espuma aumenta. No instante em que seus olhos deixam de olhar para ela e repousam no teclado para digitar o que se vê, ao erguê-los, não mais a vê e em seu lugar há um enorme espaço vazio que amplia o tamanho do horizonte. Nesse erguer de olhos tem a exata noção da enormidade da embarcação. Agora pode ver o mar do outro lado da ponte. As formigas de mercúrio se avolumam. Esse estranho silêncio a acalma. DENTRO D'E.L.A TAMBÉM HÁ SILÊNCIO. Fora d'E.L.A só existe o ar agradável do vento tocando suas pernas, barriga e braço esquerdo. Deseja se manter assim, imperceptível, silenciosa e refrescada. Mas eis que o interfone toca. LEVANTA DA CADEIRA. CHEGOU UMA ENCOMENDA PARA A SENHORA, DIZ O PORTEIRO. E.L.A havia feito há um mês atrás. MÁSCARAS DE PROTEÇÃO mais confortáveis para sua mãe. E.L.A havia se mudado para um prédio em frente ao da mãe por conta da PANDEMIA. SE PREPARA PARA DESCER. COLOCA MÁSCARA. Pega o ÁLCOOL. COLOCA-O preso ao sutiã. Anda pelo

corredor. CHAMA ELEVADOR. Observa que há um papel na porta do elevador. Ou melhor, dois. Em um deles há a informação de que 8 CONDÔMINOS ESTÃO COM COVID. Na porta do outro elevador há a informação de que A PISCINA ESTÁ LIBERADA PORQUE A MAIORIA VOTOU PELA ABERTURA. Alguém aparece. DISFARÇA PARA NÃO ENTRAR JUNTO NO ELEVADOR. Finge que esqueceu algo em casa. Volta. Entra num elevador vazio. REZA ENQUANTO DESCE. PEDE PROTEÇÃO. ABRE A PORTA. ESPIRRA ÁLCOOL NAS MÃOS. PEGA A ENCOMENDA. Espirra ÁLCOOL nela. Pega a caneta do porteiro para assinar recebimento. Espirra álcool nos mãos e na encomenda. Espera elevador. Chega gente. Disfarça que vai na caixa de correios. NÃO ENTRA NO ELEVADOR. ESPERA. CHEGA OUTRO. SOBE. ABRE A PORTA. COLOCA ÁLCOOL. CHEGA EM CASA. COLOCA ÁLCOOL NA MAÇANETA. RETIRA OS CHINELOS. LEVA- OS PARA A ÁREA. LAVA- OS com sabão. LAVA BRAÇO E MÃOS com outro sabão. Retira a máscara e a lava. LAVA ROSTO. LAVA MÁSCARAS. TIRA A ROUPA. COLOCA NO CESTO. VAI PRO BANHEIRO. TOMA BANHO. COLOCA OUTRA ROUPA. SENTA NA CADEIRA. Não acha mais o silêncio...

\*

### Com que sonham as crianças

Em 2021, um menino de quatro anos, nesse cenário da pandemia, que era seu amigo desde Brasília, bem como seu pai e mãe, conversa com E.L.A ao telefone e diz:

Eu acho que o Bolsonaro vai nos atacar, vai vir na nossa casa por isso eu e o papai vamos trabalhar juntos no qualzinho que é aqui pra gente conseguir colocar dinheiro aqui e dizer pra o Bolsonaro colocar o dinheiro no lixo depois colocar dentro da palede e depois ligar aquela coisa que tem em cima do banheiro e ai a descarga vai ligar e ai vai lá pro esgoto e buffffffff quando chegar uma onda vai levar o dinheiro pra lá pro bosque nojento e ai quando o dinheiro chegar na mão do monstro nojento ele vai engolir, ele vai molar. Ai ele vai ficar lá e o Bolsonaro vai se esparramar no chão. O Bolsonaro é o monstro e quando ele sai ele vira humano. E o Bolsonaro também vira o palhaço da morte. Então ele consegue atacar.

**Ouvir** **aqui:** [https://mega.nz/file/PpMnHKYa#yUmKrAEy-qwUbDqLjXyfBAma\\_buroNJACK1gp5p6P70](https://mega.nz/file/PpMnHKYa#yUmKrAEy-qwUbDqLjXyfBAma_buroNJACK1gp5p6P70)

E.L.A pensa na série: dinheiro, lixo, esgoto, monstro no esgoto e este, quando sai na rua ou adentra nas casas vira humano, mas esse humano que também é monstro, também é o palhaço da morte. Esses elementos são signos muito fortes. Essa figura monstruosa vestida de humano adentra na casa, ao adentrar na casa, duas figuras masculinas da casa (uma delas a criança e a outra o pai da criança) preparam o ambiente para enfrentar esse monstro vestido de humano. Essas figuras de proteção da casa vão criar uma armadilha, vão deixar um dinheiro exposto num lugar da casa, provavelmente na entrada onde tem um altar. Vai pedir que esse humano, que é monstro, pegue esse dinheiro e jogue no lixo, quando esse dinheiro é jogado no lixo, na descarga, pelo próprio humano que é também monstro, ele cai no esgoto. Ele finge desprezar o dinheiro para agradar os humanos da casa. No esgoto o monstro traga esse dinheiro, ou seja, esse humano se transforma na imagem real dele, no seu duplo que é o monstro, engole esse dinheiro cheio de esgoto e na hora que ele engole, esse humano morre, se esfacela, se espalha no chão e esse humano, esse monstro é, também o palhaço da morte. Então tem o cara que é a figura humana e esse duplo, que é o monstro que está no esgoto e que também é ele e a mistura dos dois gera o palhaço da morte, aquele que brinca com a pandemia e consegue nos atacar. O que dizem as crianças! **Ouvir aqui:**

[https://mega.nz/file/D8dFAByB#Hm4FYCISRZH\\_LKPrFbTu\\_czrqVwy36h0Uvn9ZLApe\\_w](https://mega.nz/file/D8dFAByB#Hm4FYCISRZH_LKPrFbTu_czrqVwy36h0Uvn9ZLApe_w)

No mesmo período uma outra criança, dessa vez, seu afilhado, de 4 anos, também, lhe conta uma história do rato. Nomeou a história assim: "história do rato que come a terra"

Era uma vez um ratinho ai. Faz a voz do ratinho comendo. Ai o rato comeu tudo, roeu, roeu. Comeu o planeta todo. Calma, a história não acabou. Ai o rato ficou amigo e devolveu o planeta terra. Agora acabou a história.

O rato, óbvio era o vírus que devora para devolver o planeta terra! E.L.A ficou comovida, seu afilhado tinha acessado a necessidade da invenção de um outro mundo a partir da destruição desse. O rato fez amizade com o planeta depois de destruí-lo! As



crianças sabem tudo! **Ouvir aqui:**

[https://mega.nz/file/nltgVSqb#GOMYH90TP\\_vkxfpY4CPZ79TqTmTNr4XsXuLWolijm5Q](https://mega.nz/file/nltgVSqb#GOMYH90TP_vkxfpY4CPZ79TqTmTNr4XsXuLWolijm5Q)

Uma outra história, era do vírus que vinha nas costas da tartaruga e havia um coelho entrando na toca, que passava correndo. Ai E.L.A disse para o menino: você é muito inteligente. O vírus vindo nas costas da tartaruga e o coelho sendo mais rápido que ela, ele coelho, entrando na toca, se protege do vírus porque a toca é a casa dele, né? A gente é como esse coelho, né? A gente, entrando nossa toca, estamos na nossa casa, a gente tá protegido dele, não é? Ele concorda com um sonoro SIM! **Ouvir aqui:** [https://mega.nz/file/Lo9HACCR#5Uz5MCfcjLN3hG7laDn\\_EVaB2V5-FGgSy1ZsWWYKyK0](https://mega.nz/file/Lo9HACCR#5Uz5MCfcjLN3hG7laDn_EVaB2V5-FGgSy1ZsWWYKyK0)

Em total composição com o universo dessas crianças E.L.A sonha com o chapeleiro maluco da Alice no país das maravilhas. Nesse sonho o chapeleiro andava de patins de gelo, mas no asfalto, embaixo do prédio d'E.L.A e E.L.A estava grudada nas costas dele, **patinando com ele e escutando ele cantar** um ponto de xangô em português. Mas, E.L.A sabia que ele era inglês e se surpreende por ele cantar perfeitamente na língua d'E.L.A. E.L.A ficava impressionada e também cantava com ele. Sua mulher, quando E.L.A acorda, conta que ela acordou quando a ouviu cantar alguma coisa que ela percebia como sendo um ponto, mas ela não sabia qual e que, logo em seguida E.L.A ficou de barriga para cima rindo que nem criança.

Quando acorda resolve fazer um vídeo e enviar para os seus amigos crianças. E.L.A tinha um bonequinho do chapeleiro em casa que ficava pendurado por um fio, junto de outros personagens da Alice e também um minúsculo anjinho (feito em resina) que E.L.A deixava ao lado de um leão e este de um camelo perto dos livros de Nietzsche para expressar as três metamorfoses do espírito, juntou os dois - chapeleiro e anjinho. Disse para as crianças o seguinte, imitando uma voz específica que criou para o personagem: " Oi crianças, eu sou o chapeleiro maluco. Vocês estão vendo aqui que tem um anjinho deitado no meu colo? Olha só, (aproxima a câmera dos bonequinhos e com a outra mão balançava o fio), eu tô aqui ninando esse anjinho para que depois ele vá visitar o sonho de todas as crianças para que ele leve muitas brincadeiras, muita dança, muitas cantorias, muitas alegrias nos sonhos e as crianças acordem felizes em

2021. UM beijo. TChauuu. **Ouvir aqui:**

<https://mega.nz/file/m4cFkKzL#NpkNmQ0UE3XtniXLypRKH1PJbOXJBfxJsf01fFWB-KA>

No ano anterior, em 2020, nos primeiros meses da pandemia, fiz uma cantiga de ninar também para elas chamada "lua e mar", pois já estavam com dificuldades de dormir. Ao fundo da narração colocou uma sonoridade que coube direitinho na narrativa. A narrativa saiu num sopro só e o encaixe com a música de fundo também foi de primeira.

Era uma vez uma menina chamada lua e um menino chamado mar. Lua e mar brincavam de estrelas, correndo pra lá e pra cá. A lua dançando no céu escuro e o mar, na areia que molhava.

Um dia, a lua viu uma luz que não era a sua. Gritou pro mar, que parecia que dormia, e seu suposto ronco movia uma espuma que subia e descia, numa onda pequena, que quebrava acolá.

O mar, assustado com o grito, fez um movimento agitado e uma onda enorme pôs-se a levantar.

A onda era tão grande, mas tão grande que tocou a luz que não era da lua. A lua, assustada, escondeu-se na nuvem, que, distraída, passava por lá.

O mar, envergonhado, encolheu a onda e a jogou na areia de forma brusca. Mas ela trazia pedacinhos da luz que viera a tocar.

Ambos, mar e lua, olharam então maravilhados, para um desenho que começava a se formar na areia.

Eram pedacinhos de estrela, bebezinhos estelares, que começavam a brincar.

E nesse encontro mágico, lua e mar aprenderam, outras artes de iluminar.

Se antes fingiam ser estrelas, agora tinham as estrelinhas de verdade, para com eles brincar.

Mas nasceu o dia, e o mar não via a lua e nem as estrelinhas. Começou a chorar. Mas o sol lhe deu um sorriso e disse que elas estavam lá.

Mas elas dormiam de dia e como ele, mar, nunca dormia, precisava aprender a esperar. Dito e feito, veio a noite, e a brincadeira fez de novo seu encantar. **Ouvir aqui:**

<https://mega.nz/file/29UxBQLa#bmT8dwFJdEnwfQF1WaQbx6CCQYxUrSWfDYNH-n8wwUI>

## Niterói-RJ, março de 2020/ dezembro 2021

Começamos de novo. E.L.A sente os movimentos do mundo, da sua caverna. Antes, a caverna era em outra cidade e habitá-la para sentir os movimentos do mundo foi uma escolha porque precisava se sentir parada para ter movimento. Precisava não ser capturada pela máquina de velocidade que tudo apaga. Isso porque a caverna anterior era em Brasília e a secura do lugar, bem como a secura das pessoas não acionavam n'E.L.A o desejo de se agenciar com pessoas. Agenciada consigo conseguia escrever e não perder a dimensão úmida dos afetos que trazia no peito. Mas esse consigo incorporava o céu de Brasília, a vegetação e as joaninhas que a visitavam, bem como com várias trilhas sonoras que iam desenhando seus afetos e auxiliando a sua escrita mas, agora, nesse outro instante em que escreve, a caverna que habita é outra, se desenhou junto aos efeitos da pandemia no modo de habitar a vida. A passagem de uma caverna para a outra, a princípio, não lhe gerou dificuldade. A aprendizagem anterior lhe conferiu vantagem corpórea para lidar com esse novo convite iniciado em março de 2020. Curiosamente, nesse mesmo ano, mas um mês antes, fevereiro de 2020, E.L.A havia saído para encontrar uma amiga que conhecera em Brasília, mas era do Rio de Janeiro. Tal como E.L.A, essa amiga havia desistido dos contratos naquela cidade. Na televisão começava a circular alguma informação sobre a covid, mas na Europa. Não se falava em máscara ainda e só se pedia para passar álcool gel nas mãos. Não havia ainda o espírito de gravidade no ar. Nesse dia, E.L.A e a companheira encontram essa amiga num restaurante em Botafogo. Almoçam alegremente. Na volta para a casa, pegaram um metrô. E.L.A lembra que um rapaz espirrou no metrô perto d'E.L.A. Lembra de passar álcool gel nas mãos para segurar nas argolas. No dia seguinte teve muita febre, dor de cabeça alucinante nas têmporas e tosse seca. Se assustou porque nunca tem febre. Nunca. Pensa: será que isso é covid? Ninguém da casa lhe deu ouvidos porque aquilo não fazia parte do cotidiano ainda. Vai na emergência. Pergunta para a médica se podia ser e essa responde: tudo pode ser. Não há como saber de nada ainda. Faz raio x de pulmão. Estava limpo. Vai para casa, toma remédio para tosse e antibiótico No dia seguinte, sua parceira apresenta os mesmos sintomas, mas de forma mais leve. Ambas se recuperam e não sabem o que tiveram. Chega março e oficialmente começa a enxurrada de informações sobre a doença, momento

em que a OMS caracteriza a Covid-19 como pandemia.<sup>138</sup> Mortes começam a ser registradas no país. Nesse momento China e Itália eram os países mais afetados. O primeiro caso de contágio no país havia ocorrido em 26 de fevereiro e um mês depois quase 6000 infectados e mais de 700 pessoas mortas. No final de 2020 contabilizava-se 230.452 pessoas mortas, número alarmante e que certamente foi bem maior por conta de uma mistura entre uma certa "tradição" do país em subnotificações, as condições pandêmicas que dificultam pesquisas e a lógica bolsomínica que falsifica dados para manter a imagem da "gripezinha" .

Mas, no início da pandemia, em março, E.L.A lembra que alguns governadores e prefeitos no país implementam lockdown a partir de decretos. E.L.A passou a morar em duas casas: na casa da mãe em Niterói e da sogra e sogro no Rio de Janeiro para prestar assistência as duas. Estava ficando enlouquecida porque a dinâmica dos municípios ia se modificando de acordo com os decretos e eles nem sempre casavam. Foi muito exaustivo porque não se sabia ao certo com o que se estava lidando, só se sabia que era para ficar em casa e E.L.A se preocupava com sua mãe e sogros, posto que a vida deles, a rotina ia mudar e E.L.A e a companheira iriam assumir a frente das duas casas e assumir os riscos. Conforme as informações iam chegando, muitas conversas foram feitas com eles e muita vigilância para ver se estavam limpando tudo corretamente, se tomavam banho quando eventualmente iam a rua, se limpavam sapatos...No caso da sua mãe, buscou criar estratégias para que E.L.A se ocupasse: comprou mandalas para pintar com lápis de cor- que ela adorou, ainda bem, tinta para pintar guarda-roupa, um rádio novo com cd em que ensinou tanto a mexer, colocando etiquetas explicando onde tinha que apertar, quanto que estações ouvir para saber o que estava em curso no país, estoque de remédios que começavam a estar em falta; "aulas" regulares de como usar o celular que comprou para acessar youtube e whatsapp - tudo novidade para mãe d'E.L.A, um tablet para usar a internet de forma mais agradável aos olhos e frequentar a igreja virtualmente...A mãe d'E.L.A se cansava com tanta novidade, tadinha. Mas não desistia de aprender e E.L.A acredita que sua mãe se sentia protegida. Mas, de uma hora para outra, sua mãe não tinha mais o governo de sua vida, tinha que aprender a criar uma nova vida e esquecer os hábitos antigos que lhe davam referência e que envolviam sair, pagar contas, cortar cabelo, ir no acupunturista, visitar parentes, ir a igreja, médicos etc. E.L.A buscava ocupar esses

espaços perdidos por sua mãe da melhor forma que podia: cortava seu cabelo e pintava de 15 em 15 dias, fazia sessão de shiatsu e reiki nela, até ler a bíblia e cantar louvores fazia! A todo momento pensava: Já pensou se ainda estivesse em Brasília e não conseguisse vir para o Rio? Porque a circulação no espaço aéreo também estava obstaculizada...Os deuses do tempo realmente nos protegeram! E a minha companheira também, porque os pais dela também precisam de nós, sobretudo no quisito compras virtuais e organização do espaço doméstico além, é claro, de nossa escuta sensível para as dores deles...

Esse processo não foi fácil porque o excesso de cuidados em alguns momentos passava do ponto. Até E.L.A e a companheira perceberem que podiam confiar de que eles podiam dar conta do processo sozinhos demorou. Ambas se preocupavam com os sintomas que adviriam desse confinamento, bem como as dores físicas em função da pouca ou nenhuma mobilidade em casa, sobretudo dos pais de sua companheira que escolheram atravessar o confinamento assistindo filmes e mais filmes e quase não saíam do quarto. O sintoma de limpeza da mãe d'E.L.A a salvou de ficar parada e acabou ajudando na sua saúde mental...

Lembra que o uso de máscaras passou a fazer parte de seu rosto em junho de 2020. Momento em que já ia na rua para fazer compras, sempre com receio de levar o vírus para dentro de casa. Nesse interim se mudou, com a esposa, para perto de sua mãe e desejava que seu sogro e sogra também se mudassem para a mesma cidade. Mas não quiseram mudar de território e, como tinham carro, tudo ia ficar bem.

A mudança foi feita nesse momento-máscara, sob muita tensão. E.L.A e sua companheira receberam os moveis e fecharam o apartamento por três dias para deixar tudo em quarentena. Nesses dias, ficaram na sua mãe, mas, com receio de estarem transportando o vírus, se isolaram no quarto, ficavam o tempo todo de máscara e tomavam banhos cada vez que saíam. A mãe d'E.L.A achava tudo um exagero. Talvez fosse, mas, como ainda não tinha vacina, era melhor errar por excesso.

Com a chegada da vacina, no ano seguinte - poderia ter chegado antes<sup>139</sup> se o presidente não criasse tantas fake news de que a vacinação produziria doenças, que as pessoas virariam jacaré ou mudavam de sexo<sup>140</sup> que havia chips implantados nas vacinas, sobretudo chinesas<sup>141</sup>, que cloriquina ( remédio para malária)<sup>142</sup> e ivermectina (remédio para vermes<sup>143</sup>) era eficiente ao contrário da vacina, que havia uma

associação entre transmissão do hiv e vacina<sup>144</sup>. Sem contar com o descrédito que dava ao uso de máscara, a necessidade de distanciamento social e a incitação a ataques aos profissionais de saúde<sup>145</sup> e outras bizarrices seguidas de portarias que atrasavam a implementação das vacinas no país, decretos para boicotar estados e municípios, atraso proposital na informação de dados sobre mortes, troca de ministros etc - um leve alívio começou a rondar o espírito d'E.L.A. Leve, porque dar conta da pandemia e do pandemônio era um exercício quase impossível. Muitas pessoas caíram nas fake news do presidente e de seus apoiadores robôs e humanos e as mortes aumentavam absurdamente em 2021<sup>146, 147</sup> sobretudo entre março e junho de 2021, no momento mais crítico da pandemia no Brasil, quando já se somavam 518.246 óbitos<sup>148 149</sup>.

Conforme o esquema vacinal atingia mais pessoas, o número de internações diminuía, como outubro de 2021,<sup>150</sup> mas não o contágio porque a vacinação sem as medidas de proteção a ela casadas, não podia ser impedido só com a imunização. Com isso, municípios e estados afrouxaram as medidas e, de forma esquizofrênica, os jornais anunciavam o aumento da contaminação mas incentivavam a saída as ruas, podendo ser sem máscara em locais abertos e ida a eventos sem máscara. Ambos, incentivados pela prefeitura, no caso do RJ<sup>151</sup>, por exemplo, numa clara preocupação com o capital circulante que viria no Natal, fazendo com que a Fiocruz criasse uma cartilha de cuidados para esse período.<sup>152</sup> Porém, no início da pandemia muitos escutavam a Fiocruz, agora, nem os mais atentos procuravam informações. Todos estavam exaustos!

Ao longo desse período, bem como no posterior, E.L.A e os seus mantiveram todos os cuidados, mas eram vistos na rua como estranhos porque poucos usavam máscaras e menos ainda usavam álcool. Apesar da loucura toda em curso, a escrita tornou-se companheira que a ajudava a criar um phatos de distância fundamental para atravessar as dores. Lives do Krenak e convidados dele a ajudaram muito, publicações da N-1 também. Lives da cantora Teresa Cristina no instagram, sobretudo em 2020 alimentavam suas noites de insônia, muita análise com sua esquizoanalista, florais com uma amiga que também era astróloga e conversas com amigos foram seus alimentos, bem como programas de humor como "embrulha pra viagem" (<https://www.youtube.com/watch?v=MjJJCqEPgfM>) e "horas em casa"

(<https://www.youtube.com/watch?v=WR3tdKJG1ug>) que relatavam situações da pandemia de forma tragicômica . Além do contato com o infinitesimal que jamais a abandonou, bem como as canções e fotografias do céu.

### **O que falava n'E.L.A nos encontros acadêmico-afetivos**

E.L.A tem uma estranha mania que é a seguinte: quando recebe o texto de alguém que lhe encomenda leitura de um trabalho (artigos, teses, dissertações etc), antes de começar a ler e saber efetivamente do destino que a pessoa deu para um determinado assunto, olha só o título e se concentra na pessoa. Ai, do nada, começa a escrever coisas que não sabe se farão sentido na encomenda, mas que pedem passagem n'E.L.A e só depois lê o trabalho. Em 2021 escreve para uma amiga cujo trabalho era sobre cinema e ditadura e entre as palavras chaves havia menção a memória do futuro, era só essas flechas que tinha diante de si:

Para que haja memória do futuro é necessário estar instalado no presente e nos entendermos não como sujeitos, mas como ocasião em que várias forças do presente falam em nós, mas também, desse lugar, abrir o corpo para o que ainda não é, mas será, quando entramos em contato com aquilo que é preciso combater nesse presente. O cinema pode ser uma ocasião nesse sentido. Falar do presente não é pensá-lo tal como se apresentou no passado, mas olhar o que nesse presente emerge como diferença. Essa diferença não tem necessariamente um valor qualitativo no sentido de ser melhor ou pior. O presente, em sua diferença, pode ser assustador, mas esse assustar pode gerar um certo saber acerca das forças que, em sua relação com outras, geram esse estado de espírito. O presente não pode ser desvalorizado em detrimento de um passado que o explicaria ou de um futuro que o redimiria. Quem cria o presente não é um sujeito, mas relações de forças que produzem uma forma e

que cabe a cada um de nós entrar em contato com ela, bem como nos desviar dela para respirar fora dessa forma em que o presente se apresenta e que chamamos de realidade. Respirar fora dessa forma é exercício de uma vontade criadora, de uma vontade artística que está no tempo, nesse tempo presente, mas ao mesmo tempo fora dele. Esse exercício, essa atitude é chamada por Nietzsche de atitude intempestiva, daí o nome do livro Segunda Consideração Intempestiva: vantagens e desvantagens da história para a vida. Tem um filósofo italiano conhecido como Bifo (conheci sua produção ontem, no belo acaso de um bom encontro de orientação de projeto de mestrado) que diz: " Quando falamos em "história", quando enxergamos eventos de uma perspectiva histórica, impomos certa modulação de nossa percepção e projeção do tempo. A percepção histórica é o efeito de uma organização mental do tempo no interior da moldura teleológica. A percepção histórica dá ao tempo a forma de uma dimensão que tudo engloba e que força indivíduos e grupos a compartilhar suas temporalidades de acordo com uma unidade padrão e com um enquadramento teleológico (ou econômico). As pessoas adentram o domínio histórico quando a música que chega ao ouvido de todos é mais ou menos a mesma. O tempo é capturado por certo ritornelo rítmico, então as pessoas marcham em sintonia. Essa sintonia de percepção, instantaneidade e projeção do tempo é chamada 'história.'" <sup>153</sup>

E aí eu diria que há outras melodias que fogem a esse imenso ruído que nos subjete e que são elas que possibilitam criar uma memória de futuro como promessa de invenção de outro mundo, pois elas são a lembrança da força de outro presente, da força que escapou dele e que pode se metamorfosear no agora como virtualidade encarnada para que, nesse momento em que a asfixia é o norte das afecções sociais por conta dos efeitos da pandemia e sua gestão, em



que a lógica algorítmica é o condutora das relações sociais, funcionando como a alma das corporações, do mercado financeiro e, por conseguinte, da sociedade, não engula a lógica das sensações que nos mantém ativos e criativos nesse processo de diferenciação daquilo que já não podemos mais ser. É a lembrança da força que deve nos guiar, não a forma que teve no passado.

Em outras palavras, só há memória do futuro quando aprendemos a construir frestas de respiro ao caráter assustador do presente para que elas se transformem em lembrança de forças ativas, plásticas. Por isso, para que essas frestas sejam um exercício de saúde, de conquista de saúde diária, necessitamos, ao mesmo tempo, encararmos o imenso ruído dominante do presente de frente, diagnosticando suas forças a partir dos efeitos que produzem no corpo nosso e no corpo da terra para que, a partir desse saber corporal e da visão coletiva da dor e do adoecimento de ambos, compreendamos que é somente a partir da ótica da doença que podemos construir valores sãos, como dizia Nietzsche. Ao mesmo tempo, é a partir da plenitude e certeza da vida rica que podemos descer e olhar para a decadência em que fomos lançados e/ou nos lançamos. Em outras palavras, a doença está na lógica cristã da dívida infinita, da culpa, do ressentimento e do modo como essa imensa subjetivação do ocidente nos manteve cativos da moralidade e do juízo que, levada para dentro da invenção moderna do capitalismo nos escravizou ao modo de ser mercadoria como único modo de vida possível. Assim, fomos cada vez mais nos tornando mais e mais decadentes, doentes da mercadoria, escravos dessa lógica. Nesse universo da mercadoria, a democracia representativa também se tornou juízo e juiz, nos mantendo escravos de uma idéia que parece bela, mas que incapaz de se efetivar porque a própria democracia sustenta o sistema que nos estrangula: O Estado.

Ele nos controla, ele nos dá esmola tão logo demole nossa subsistência. Ele nos mata mesmo quando somos obedientes; ele nos mantém em estado de guerra, mas diz atuar em nome da paz chamada ordem e segurança. Ele nos mantém presos ao trabalho e determina quem tem direito a trabalho e sob que condições. E não há como ter um melhor Estado, desde que nas mãos de uns e não de outros. A engrenagem se mantém a mesma. A "ser" do Estado é a violência. O Estado é a forma-ocasião perfeita de incorporação e perpetuação do capitalismo mundial intergrado.

Compreender e diagnosticar as modulações dessa doença em nós, sustentada e refinada ao longo dos séculos, é o que nos permite nos deslocarmos junto às brechas que a própria vida nos oferta o tempo todo. O modo de ser decadente em que nossa cultura se fundou precisa implodir e a vida, através de um vírus e tem nos fornecido instrumentos para essa implosão. A arte, os saberes dos povos originários, a sensibilidade para o que precisa ser pensado, gestado e atuado como diferença absoluta dos valores que até então sustentaram o modo de ser branco ocidental, são a ponte para o por vir que necessitamos como saúde.

Só há memória do futuro quando, ao encaramos de frente isso que se repete na história e nos enoja, num gesto de saúde orgânica, pegamos esse monstro e devoramos sua cabeça para depois cuspi-lo.<sup>154</sup> Imagem de Zaratustra pressentindo a ideia do eterno retorno. Nessa passagem Zaratustra vê um jovem pastor contorcendo-se porque uma negra e pesada serpente saía de sua boca- esse pastore somos todos e também o próprio Nietzsche- Zaratustra grita para ele; Morde! Morde! Tal como o pastor nos é urgente mordê-la, arrancá-la de dentro de nós e cuspi-la ao longe, para assim, nos transformar. Vencer o nojo dessa cobra que entra sorratamente em nossa garganta através das nossas distrações e vencer o niilismo na sua face mais próxima a

nós, aquela que ainda acredita que há esperança para o homem branco e as engrenagens que o mantém. Aquela que aposta nessas engrenagens acreditando que trazem progresso para o espírito. Mantê-las em nós só faz com que tudo que nos apequena continue a voltar se não pararmos a máquina. E, parar a máquina é desfazer tudo que acreditamos como realidade para seguirmos as leis da natureza e também, ao mesmo tempo, não se ressentir pelo duro processo que precisamos seguir para nos elevarmos como as montanhas e árvores se elevam, para verticalizarmos nosso espírito e horizontalizarmos nossas relações. Vomitar para limpar e libertar o corpo do ciclo das repetições do mesmo e, esse mesmo que repetimos, desgraça a terra. Esse corpo estranho, ao entrar em nosso corpo, nos fará lembrar o que aconteceu, mas, ao ser cuspidos- e só pode ser cuspidos quando nos instalamos no presente ,ou melhor, no que Nietzsche chama de portal do instante- para que ele alargue nosso corpo para o futuro. Poderemos sentir, nessa experiência digestiva, que há passado no futuro e futuro no passado, ou seja, virtualidades sempre estão presentes, pois nem sempre existiu essa forma que nos estrangula. Há deslizamento do tempo, pressentimento do que virá, porque o que virá já está virtualizado no agora e mesmo na lembrança do que já foi, havia diferença. Lembremos que só há fresta quando escapamos do ruído que é pensado como único modo de ser daquele presente, como única história ou como razão da história. A memória do futuro é criação de memória, seleção do que deve ser útil de ser lembrado e do que deve ser esquecido. A vida experienciada ativamente, artisticamente é sempre memória criadora, repetição criadora, que memoriza para diferir ou que vive a lembrança como única, lhe dando intensidade diferente.

Mas só "transvaloramos" quando interrogamos o seguinte: Se no presente do passado muitos de nós se

recusavam a sustentar os ruídos da ditadura, o que, nesses muitos, era acionado para se contrapor a tais formas ruidosas? Que armas eram usadas nessa contraposição? Um ideal de mundo, de sociedade. Mas um ideal de mundo implica em pensar num modelo de mundo dentro das mesmas configurações de forças, ou seja dentro do modelo Estado. Acreditava-se na possibilidade de um bom Estado, de uma boa gestão do Estado, assim como de uma boa Justiça, uma boa gestão da justiça rumo a uma sociedade ideal prometida no futuro. Como se Estado e Justiça carregassem, em sua essência, a bondade, bastando apenas acionar sua forma primeira, original, livre de sujeiras, como se pudessem existir assim. Continuávamos platônicos e cristãos! Mas, mesmo platônicos, esse algo nesses muitos que se recusava a aceitar uma política de silenciamento e tortura como modo de governo, esse algo trazia o desejo de mudar, como norte. Mas esse desejo de mudar ainda não tinha alcançado o exercício do transvalorar que talvez só seja possível de ser efetivado agora, com as forças que desenham esse agora através de um vírus, porque só agora toda engrenagem está nua ou transparente, como gosto de dizer. Nesse agora, nossa subjetivação platônico-cristã-capitalística precisa implodir e só implodirá se destruímos os instrumentos que a mantém de pé. Isso envolve a criação e afirmação de outras epistemologias talvez desde que desvinculadas das universidades, isso envolve uma outra relação com a terra, isso envolve uma outra relação com o modo como nos conduzimos e nos servimos de coisas como se as coisas com as quais nos relacionamos nascessem para a vida, quando nascem para a manutenção desse tipo de vida que precisa ser destruída. A vida mercadoria, a vida do capital, a vida do estado etc. A vida que não mais se pauta na idéia de progresso, de evolução -ideias sobre a vida que só obedecem a um devir reativo e que só gera respostas reativas, mas de

metamorfose tal qual a dos insetos, que literalmente mudam de corpo e ganham outros sentidos nessa mudança. Um lindo exercício ativo que se serve sim, de uma reatividade (abandono de um corpo) para nascer em outro corpo, mas uma reatividade a serviço da atividade do corpo. Até a terra nos tem dado uma resposta reativa, por amorosidade, aguardando que sustentemos sua reação para tornarmo-nos outro corpo, que pode, inclusive, prescindir de nós caso não acompanhemos o seu chamado! De todo modo, a vida ativa habita um entre. Entre um tempo e outro dessa nossa história humana, a arte ou os tipos sensíveis nos trazem o componente a-histórico que atravessa o tempo sem repetir o tempo. Ao mesmo tempo, o componente histórico, o que passou como ponto de estrangulamento de determinadas forças de um agora passado, aparece como alimento ao que não mais queremos e, nesse agora, entendemos que para que se instaure um modo de viver inédito é preciso ferramentas inéditas que não sejam continuidade das que existiram ou modulações dela. É preciso preparar o corpo para viver o que realmente possa ser grandioso. A crença no futuro, a memória do futuro, é a promessa feita pelos sensíveis, capazes de mergulhar nessa possibilidade, sempre ofertada pela vida, de sermos outros, de quebrar com a manutenção da mesma história para que modos ativos e não mais reativos, possam compô-la, para que possamos responder a nós próprios como futuro. Só assim transvaloraremos!

Para que haja futuro, a natureza da repetição das coisas precisa mudar, senão, tem-se a ilusão da repetição do mesmo ou efetivamente há um mesmo que se repete, mas com outros arranjos que o tornam diferentes, mas com um mesmo destino de decadência, de falência das forças ativas ou captura dessas para esse fim reativo. A natureza da repetição muda quando não pensamos e agimos a partir de um modelo arbóreo, mas rizomático. Deleuze, baseado em

Nietzsche, dirá que a memória do futuro é "Faculdade de prometer, engajamento do futuro, lembrança do próprio futuro. Lembrar-se da promessa feita não é lembrar-se de que foi feita em tal momento passado, mas de que se deve mantê-la em tal momento futuro. Eis aí precisamente o objetivo seletivo da cultura: formar um homem capaz de prometer, portanto dispor do futuro, um homem livre e poderoso. Só um homem assim é ativo; ele aciona suas reações, nele tudo é ativo ou acionado"<sup>155</sup>. Toda essa argumentação leva em conta o tema do eterno retorno e da genealogia, questões que estão em Zaratustra e Genealogia da Moral.

Porém, se a análise for feita apenas a partir da Segunda Consideração Intempestiva, então podemos trabalhar com a relação do pensamento histórico com o sentir a-histórico, esse último entendido como uma atitude em que conseguimos nos instalar no presente em estado de suspensão, de esquecimento, não no sentido de fuga do presente; Mas, de atenção a outras dimensões dele que não a dimensão, digamos, molar mas uma certa proteção do excesso dela em nós para deixar falar em nós as intensidades que se condensam num instante, elemento ligado a vida e a ação. Portanto, desde que nos desintoxiquemos de afetos tristes, cancerosos, suicidas, pois estes afetos também são intensidades. Saber jogar nessa relação de temporalidades ou de formas em que a temporalidade se apresenta, é o que possibilita habitar e construir brechas, frestras. Essas frestras, nesse livro, poderiam ser pensadas a partir da fala de Nietzsche sobre o conhecimento supra-histórico entendido como aquele em que respeitando a relação entre pensamento histórico e o poder do sentir a-histórico, é capaz de produzir conhecimento e não verdades. Produz conhecimento para a vida, avalia a história não como processo, mas como valor; buscando nela aquilo que escapa

ao tempo em que foram produzidas. Buscando, enfim, a força ativa que alimenta a vida e escapa a temporalidade de cronos, descrevendo acontecimentos ou seja, momentos em que a cultura, povo ou indivíduo se mostrou capaz de produzir singularidades. Só assim o passado pode se tornar "modelo" para o futuro. Não busca reconstruir o que passou, não busca a verdade da história, mas seu valor e como esse valor pode produzir ou não novos valores. Por isso, destaca a singularidade em meio ao que se repete, transformando o acontecimento em símbolo, espécie de modelo artístico para novas gerações. Memória do futuro, aqui, seria espaço de ultrapassamento do presente a partir do que se aprendeu com essa singularidade "guardada" que pode virtualizar-se, servindo-se do passado como tonificante e não como algo que engessa e responde o presente. Lembrando aqui que o trabalho a-histórico e supra-histórico precisam estar atuantes na construção dessa memória. O primeiro interpretando, selecionando, reorganizando os elementos do passado e dizendo o que deve ou não ser lembrado para ampliar as forças da vida capazes de tonificar a história e o segundo como exercício de desviar o olhar do vir a ser para buscar o eterno, a dimensão monumental da história, encontrando no passado vestígios do futuro. Não está falando, portanto, de devir histórico, não se trata de colocar o devir ao lado de uma razão, de uma continuidade, mas buscar no passado os momentos em que houve rupturas com essa lógica que engessa, a lógica da repetição do mesmo, em que forças foram despertadas e onde criou-se algo realmente distinto. Aqui no caso seria a arte e o mito, mas que poderia ser pensado como voltarmos-nos, por exemplo, para os saberes originários de nossa cultura, o saber indígena por exemplo, o saber da diáspora africana também ou o saber da Grécia Antiga antes da racionalidade platônico-socrática etc. Beijós

# fragmentos póstumos

## da (na) anti-tese

jan 2018

### Sobre repetição

Platão foi atravessado pela visão trágica, mas não sustentou o que viu, ou seja, enxergou o múltiplo e, vendo que o mundo era governado pelo devir, inventa uma ordenação, em outro mundo, que precisaria ser lembrada pelo homem, com a ajuda dos filósofos, para que o caos ganhasse uma ordenação. Através da reminiscência e não da repetição, tal como exercitada pelo aedo do poeta e do adivinho, o homem conquistaria a sua liberdade, fora do mundo. Porém, o recurso utilizado para tal empenho era a o mesmo: o mito. A diferença é que, os poetas usam as narrativas não para fugir do mundo, negá-lo, mas para usar os feitos dos deuses e heróis como modelo de conduta no qual não impera lei, mas encontro com o acaso das forças e administração delas em si mesmos. O trágico grego significa necessidade e destino, portanto, exercício do amor fati no qual não existe interpretação causal, somente um desenrolar possível e ao mesmo tempo necessário.

2021

### SENTINDO O SENTIDO

O sentido da vida não está nas coisas em si mesmas, mas na força que se apropria das coisas e nela se exprime. Quem se apodera delas? Deus ou deuses. Eis a questão!



*abril 2018*

Temos que fazer como o céu, fundir nossas galáxias... re-inventar a existência sob novas bases para gerar estrelas bailarinas e um deus que dance ao som de tambores e flautas! Habitar uma percepção gasosa como disse Deleuze, onde tudo interage e não se deixa aprisionar pela solidez das opiniões ordinárias. Um pensamento literalmente estelar, pois uma estrela nasce nas nebulosas- imensas nuvens de gás aquecido e poeira!

\*

*maio 2020*

O confinamento decorrente da pandemia por COVID-19 fez com que o espaço fosse esvaziado e , com isso, o tempo foi inflacionado. A inflação do tempo nos lançou na memória e na imersão de uma nova relação com datas e horas que passaram a não valer mais como medida. Espaço esvaziado, ruas, falta de encontros fez com que fossemos lançados em nós mesmos. Ao tempo da nossa existência. O espaço agora é a TV e a tela do pc ou do smartphone. Espaço ocular em sua máxima potência.

\*

Corpo e temporalidade : afinação da flecha da vontade- 2019

Um corpo se define a partir daquilo que pode afirmar e só afirma aquilo que é capaz de sustentar. Afirmar não é lançar raios de ideia. É tecer fios, lentamente, como uma aranha. É bordar evitando o excesso de nós. É traçar, trançar um espaço para existir. Esse traço, essa trança é uma dança cujas linhas vem do que se sabe de si, do que se soube de si e do que virá a ser. Presente, passado e futuro em cada furo que gira em torno de si, até se cozer um ponto. Cada ponto é uma chegada e um lançamento para o seguinte. A afirmação é a teia pronta e sua contemplação. Nesse estado, somente nesse estado, pode-se destruir a teia para que outra nasça em outro espaço caso as condições de sua permanência naquele não seja mais possível. Cada fio, ou melhor, cada dobradura do fio até se formar um ponto é uma ideia, mas não uma definição de caminho. Um ponto sozinho não é capaz de capturar nenhuma presa. Um ponto sozinho mantém presa a aranha na falta do que ainda não se costurou. Por isso a aranha não tem pressa e também não se aborrece se o espaço escolhido pra sua arte de costura se desfizer no primeiro teste de força. Ela se retira e vai a procura do lugar onde seu corpo e sua potência podem mostrar-se aos olhos de todos que, hipnotizados pela beleza de sua arte, esquece do perigo de seu veneno. A beleza de sua obra, a afirmação de sua vontade, torna seu veneno, suavidade.

\*

2020

Diálogo seria logos do dia, a razão do dia, de um dia ?O logos do dia viria de um encontro, do q nasce dele, portanto, sem um destino prévio ou haveria uma razão que, como um juízo, guiaria o encontro para um dos lados dos falantes? No primeiro caso, o logos do dia nasceria do devir, no segundo, do ser , transformado e transtornado em um eu que julga e define rotas. No primeiro o infinito, no segundo, o limitado. no primeiro, o corpo, no segundo a vontade. No primeiro, o desejo. No segundo o querer. No primeiro o afectos , no segundo, sentimentos de ordem. Ordenações são cadeias. São ruídos estrondosos. Ausência de suavidade. Impossibilidade de escuta. Pra não se deixar ensurdecer, há que se desviar o corpo da cena. O corpo inteiro e lançar o olhar para alguma sombra q adormeça a vontade de golpe.

\*

14 de março de de 2018

*E.L.A havia saído de Brasília e vindo para Niteroi no dia 12 de março. Estava saudosa dos amigos e da mãe. Dois dias depois, dia 14, a noite, uma agonia percorria seu corpo e não fazia sentido algum porque já havia visto uma amiga e a mãe e estava feliz por estar no Rio. De repente, uma ventania enorme tomou conta da noite, uivando com uma força nunca vista por E.L.A. Estranhou porque o céu estava limpo... Nesse instante o whatsapp do celular apitava sem parar. Marielle Franco, vereadora preta e da favela da maré muito votada na segunda maior cidade do país, acabara de ser executada com 4 tiros no rosto. Mensagens de vários amigos chegavam e chegavam e chegavam. E.L.A não conseguia acreditar naquilo. Ficou sem ar. Chorou como se uma parte dela saísse junto e não entendia a intensidade que chegava porque não tinha proximidade com ela. Olhou para o céu que se agitava mais e mais tomado por ventos e raios. Os uivos aumentavam, fazia as janelas balançarem, vasos caírem e um estranho silêncio na rua contrastava com o estrondoso céu. Dentro dela uma enorme vontade de andar sem rumo pela rua. Não conseguiu dormir. Era o céu de Marielle falando n'E.L.A. No dia seguinte foi as ruas. Uma multidão homenageava Marielle. O tempo estava firme. Uma multidão não ia se calar diante de seu assassinato. Marielle havia sido executada três dias após após veicular o extermínio de jovens em Acari pela polícia, encontrados em uma vala. Uma mulher da favela não podia ter voz, não podia combater a milícia. Não podia existir, sobretudo dentro das engrenagens do Estado. O Estado, por sua vez, deu seu recado de sempre: vidas negras não importam! Mas o céu de ontem sabia da força dela e gritava: vidas negras importam!!!! O céu tinha fúria. No meio da multidão encontrou amigas com a mesma sensação. Elas também viram o céu. Mulheres negras tocavam tambores. Uma força hercúlia tomava as ruas. Marielle se transformara em força que percorria todos os cantos do planeta e a pergunta "quem mandou matar Marielle" era entoada por todos, seguidos de Marielle presente!!!! Essa beleza trágica a envolvia e uma voz nela dizia: Marielle vai virar as forças nefastas no momento certo. Axé!!!*

\*

2019

Na impossibilidade comunicacional, quem fala é o corpo. Os olhos doem, infeccionam. O cu se manifesta também, deixando a mostra, uma veia que salta dele. O que há em comum entre o olho e o cu é a impossibilidade de ver e de digerir corretamente. Nesse

processo, o apetite também desaparece. O que resta de expressividade é o grito e o choro. Como um bebê que não domina ainda a linguagem verbal, mas precisa dar vazão a infinidade de sensações sem nome. E, tal como um bebê, tudo chega gritante. O ouvido se torna um corpo enorme, falar alto o amedronta. Responde chorando. Mas também se encanta com o vento na pele. Tenta comunicar a beleza dessa sensação, mas ninguém entende. Chora de novo. Fica nesse mundo solitário olhando para os gigantes ao seu lado que fazem sons variados que ele, bebê, não entende, mas capta o campo vibracional. É ele quem dita o tom do dia e esse tom reflete no humor do bebê. E.L.A é esse bebê. Mas um bebê que já foi humano e não se esqueceu do que ser sujeito é, se recusa a querer voltar a essa forma. No entanto, se esconde na forma bebê porque sente como mais digna. Percebe que o humano e sua linguagem o levam para o abismo. Prefere a mudez. O choro. O gaguejar. O querer recomeçar de um ponto zero para todas as esferas do corpo. Pode enlouquecer. Pode...MAS QUER O RISCO. CANSOU DE SER RABISCO DAS PAGINAS DA HISTORIA. RABISCO DO Saber, do poder, do estado, da sociedade, da economia, da política, da academia. Cansou de ser engrenagem. Quer ser poesia. Quer ser o que ainda não foi. Sabe que tem que desaparecer e virar folha de si mesma, rodopiando com o vento sem medo de destino para deixar de ser medo que destina.

\*

Somos animais de carga do capital financeiro; animais de carga da democracia representativa; animais de carga Do Estado, somos ainda camelos que, no entanto, ao nos olharmos no espelho enxergamos leões. Acreditamos ser leões desde a modernidade, acreditamos que o individualismo era a forma de dizer EU SOU, EU QUERO, quando esse Eu isso ou aquilo não provinha de nós, era um produto a ser consumido como os demais em curso e por isso nos fazia agir como todo mundo, a seguir um mesmo destino porque nosso corpo foi emudecido pelos enunciados externos a ele, mas invocado como próprio, como a verdade de nossa consciência, como valor a ser desejado para ser membro útil da sociedade.

Assim, se via escravo da consciência de rebanho, achando-se livre de DEUS, mas escravo da máquina abstrata do capital, seu novo ídolo, seu novo mestre, mestre da pequena razão, da consciência, como se nosso intelecto fosse uma

ferramenta auto-suficiente que prescinde do que o corpo nos diz em seu encontro com o mundo.

niilismo passivo em alto grau= revolução sem subjetividade, puramente implosiva, passiva, revolta da resignação - Bifo (crônica da psicodetração) já vivemos isso na modernidade (último homem), mas não hiperbolizada como hoje  
Corpo se rebela- psicodetração- desacelera

Começamos de novo: Na companhia de Bifo e este, de Nietzsche, E.L.A concorda que sempre fomos animais de carga, hoje, do capital financeiro: animais de carga da democracia representativa, animais de carga do Estado. Portanto, somos ainda camelos que, no entanto, ao nos olharmos no espelho enxergamos leões porque esse espelho que individualiza essa forma é produzido por instâncias exteriores, dentre elas a psicologia quando essa esvazia a subjetividade num eu que é preciso conquistar para ser algo ou alguém, numa representação que só leva em conta o pequeno núcleo familiar. Não saímos desse núcleo quando o transferimos para o Estado ou quando acreditamos estar longe de suas práticas se formos profissionais liberais, porque continuamos consumindo tudo que provém da lógica do capital financeiro, trabalhando para adquirir "qualidade de vida" dentro de seus moldes. Eu sou o carro que adquiro, a roupa que compro, o patrimônio que conquisto... O eu isso ou aquilo não provém de nós, mas é um produto a ser consumido como os demais em curso e por isso, nos faz agir como todo mundo, a seguir um mesmo destino porque nosso corpo veio sendo emudecido por enunciados externos a ele, mas invocados como próprios, como a verdade de nossa consciência, como valor a ser desejado para ser membro útil da sociedade. Assim, o espelho real não nos devolve a imagem do leão, mas a do camelo, escravo da consciência de rebanho, que se acha livre de DEUS, mas é escravo da máquina abstrata do capital, seu novo Ídolo, seu novo

mestre, mestre da pequena razão, da consciência, como se nosso intelecto fosse uma ferramenta auto-suficiente que prescinde do que o corpo nos diz em seu encontro com o mundo. E esse corpo tem entrado em exaustão e loucura de fim e, nessa mistura, tem liberado toxinas altamente perigosas

niilismo passivo em alto grau= revolução sem subjetividade, puramente implosiva , passiva, revolta da resignação - Bifo ( crônica da psicodifusão) já vivemos isso na modernidade ( último homem), mas não hiperbolizada como hoje

Corpo se rebela- psicodifusão- desacelera

\*

2021

O Édipo da psicanálise pode ser vencido pela biologia de Emanuelle Coccia. Este, em Metamorfoses, diz coisas tão lindas que, se lidas no curso de psicologia, nos redenharia e faria a engrenagem psi desaprender a pensar a partir do mito de Édipo codificado pela psicanálise ou pelo modelo homem do socius, refém da moral de rebanho. Não que a psicanálise também não seja... Mas a descoberta do Inconsciente é algo fantástico, pena que se perdeu na engrenagem de poder do socius a partir da invenção da sagrada família reforçando-a em nós como fonte de todos os males, confundindo produção com essência... Mas voltando a Coccia. E.L.A conheceu seus escritos em outubro de 2020 e o que ele dizia, E.L.A já vinha escrevendo desde 2018. Se emocionou. Ele, tal como E.L.A, nos leva para a vida sensível e nos lembra que no início éramos todas e todos o mesmo ser vivo. Que nossa vida não começa no nosso próprio nascimento e isso já se faz notar no momento em que estamos na barriga de nossa mãe. Fomos um mesmo corpo, os mesmos humores, os mesmos átomos. Somos essa vida que compartilha um corpo de um outro, prolongada e levada para outro lugar. E.L.A para diante dessa imagem e pensa: como é isso, né? Não lembramos desse momento em que saímos de dentro de alguém e de repente não estamos nesse alguém e ao sairmos somos completamente distintos dele, tal como a imagem da

borboleta que saiu da lagarta trazida pelo autor. A mãe é um casulo para a metamorfose da vida. Os pais lembram do filho pequeno, o filho só sabe dos pais jovens por fotos. O sopro deles prolonga o nosso e esquecemos desse sopro e o nosso, mesmo quando morreremos e também os deles, vai alimentar outras vidas, em que serão ceia, alimento da terra. O sopro não morre. A vida não morre. A juventude dos pais, sua temporalidade, quando alcançada por nós, nos dá a noção da metamorfose das forças e da força do sopro. Só assim sentimos os diversos corpos que nos constituem, bem como suas diversas formas, nossas e deles. Saímos da individualidade inventada e percebemos que cada ser vivo é uma legião, que nascer implica em multiplicação de corpos e de "eus" e morrer também. E tal qual uma lagarta que para virar borboleta precisa esquecer da forma anterior, desaprender para aprender a ser em outro corpo, numa mesma vida, nós também somos assim. Somos o corpo de nossa mãe, parte do corpo de nosso pai e outras tantas partes de outros corpos antes deles, corpos da terra em transformação. Nascer é uma contração dos tempos, está na história e fora dela, dirá o autor. Numa passagem linda ele diz: "Como todas e todos, eu esqueci de que já fui o corpo do meu pai. Fui e ainda sou; e não apenas de um ponto de vista material. Ao nascer, carrego em mim a forma de meu pai e a forma de minha mãe: geneticamente, sou o improvável e barulhento diálogo entre seus corpos e suas formas. Esse esquecimento que coincide com o nascimento é o elemento mais profundo da memória. Aliás, meus pais também são fruto desse esquecimento e dessa mistura. Ter em mim o corpo de meu pai e de minha mãe, suas formas, suas vidas significa, portanto, ter em mim o corpo e a vida de uma série inumerável de seres vivos, todos nascidos de outros seres vivos, até às fronteiras da humanidade e ainda mais além, até às fronteiras do ser vivo, e ainda mais além. O nascimento não é simplesmente o surgimento do novo, é também o extravio do futuro em um passado sem limite(...) Nascer significa esquecer o que já fomos antes. Esquecer que o outro continua a viver em nós. Nós já o éramos, mas de outro jeito: o nascimento não é um começo absoluto. Já havia alguma coisa antes de nós, já éramos alguma coisa antes de nascermos(...)

nascimento é apenas isso, a impossibilidade de estar fora de uma relação de continuidade entre o nosso eu e o eu dos outros, entre a vida humana e a vida não humana, entre a vida e a matéria do mundo (...)"

Mas todo eu é um esquecimento, porque é corpo em transformação que faz nascer "eus" . Precisamos esquecer do corpo da mãe para sermos outro e E.L.A precisa fazer um esforço ainda maior para esquecer que nos gerou e assim, não pensar em nós como parte sua, embora tenhamos sido. Saber-se tão somente casulo ou flecha, é a sabedoria da vida dela. Saber-se distinto e novidade no mundo, é sabedoria do corpo do filho. Mas trazendo partículas dos pais, não para ser como eles, mas apenas para saber-se metamorfose junto aos demais seres visíveis e invisíveis. Ao mesmo tempo somos "a carne da Terra e a luz do Sol, que reinventam uma nova maneira de dizer eu" através de nossos corpos. Esse é nosso passado ancestral porque "a vida do planeta nasceu do sol, conduzida por metamorfoses há 4,5 bilhões de anos" . Luz do sol, que a folha traga e traduz, em verde novo, em folha, em graça, em vida, em força, em luz, já dizia Caetano.

\*

2021

E.L.A visita seus inúmeros trajetos e os territórios existenciais a eles correlacionados. Só pode falar deles a partir dos afetos desprendidos junto às lembranças. Sabe que cada retorno a eles pode produzir um roteiro diferente, seguindo os afetos do presente, mas também sabe que a intensidade do afeto original também estará lá, como um signo sensível, misturado a esse novo destino narrativo . Mas também sabe que esse novo modo de habitar o passado estará contagiado pela qualidade de sua alma, de modo que jamais serão verdadeiros, mas apenas estrofes do instante em que E.L.A os contempla. Suas apostas de caminhada ou o impulso gerador dela, sempre estiveram atreladas ao lugar que E.L.A colocava seus pares amorosos na sua vida. Essa sempre foi sua escolha. Mas, nessa escolha, ela não escolhia a si mesma, talvez porque a sua vida nunca teve sentido sem essa aposta. E.L.A e esses outros sempre se configuraram como um E.L.A, como um elo.Todos os movimentos que fez até esse

hoje, em direção ao que lhe parecesse somente seu, não deram certo. Muitas ranhuras apareceram, convites de inserção social que não lhe convinham ao espírito, aí E.L.A se esquivava o máximo que podia para preservar a única certeza que tinha de si mesma: não se curvar a adaptação ao mundo, a naturalização do trabalho sem sentido ou a qualquer perigo que a impedisse de ser veículo de criação e, sem que percebesse, se refugiava na escolha de quem com E.L.A estava mais próxima, e, nessa parceria amorosa, lhe fornecesse o pragmatismo que lhe faltava, a mola, o tônus ou o tom que não sabia presente n'E.L.A. De alguma forma, E.L.A se apropriava dessa vontade que não era a sua, mas que sabia que precisava fazê-la sua, para não desaparecer de vez e abandonar os entes que lhe dão sentido exterior e interior, posto que, para não se entregar a ausência de vontade dentro de um determinado mundo, lembrava do amor e do cuidado que precisava ter com esses entes, e assim prosseguia, guiada por uma força que não via como sendo sua. Em muitos momentos desejou morrer, mas, narcisicamente achava que os outros necessidade de sua presença na vida, então adiava esse desejo, chegando a pensar: quando eles se forem, ela poderia ir também...não se encaixava em nada que não fosse esse amor. Mas esse narcisismo era, na verdade, o desejo de vida d'E.L.A. Em outros momentos pensava: crie, arrisque-se a morrer fazendo algo útil ao mundo, talvez seja essa a resposta que precisa dar a si mesma. Mas logo em seguida sufocava esse pensamento quando lembrava que essa ameaça também ameaçaria os seus entes. Novo buraco se abria.

Então, de alguma maneira, esse lugar que colocava os outros era a sua encruzilhada. Mas estaria E.L.A pronta para tirar, de si, esse lugar de sentido? Abandonaria E.L.A a todos para bancar encontrar nos seus sentidos, o sentido? E.L.A percebia que qualquer lampejo de vontade singular a colocava distante deles, esquecendo-os para lembrar somente de si. Recua. Volta para a estrofe anterior, seu ritornelo. Mais eis que um novo destino narrativo se fez n'E.L.A. o ritornelo se abre em espiral, num movimento de fora para dentro em direção a um centro que era em formato de espelho . Seu corpo se viu como espelho que para se saber potente precisava entrar em contato com a potência dos demais, precisava refletí-los. Um espelho-ouvido, que acolhe e recolhe a imagem do que capta nele e a devolve em palavras, no sopro de uma palavra boa que deveria retornar para o emissor que não sabia que a proferia, fazendo uma outra espiral na direção contrária. Tinha um



desenho que dependia do movimento do outro para existir, mas esse desenho não era porque E.L.A era imprescindível, mas o mundo era, a terra era, as palavras eram e todos somos mundos. Se encontra e sorri. Não havia mais angústia. O todo é um. O um é todo. Estamos contidos nos outros e os outros na gente, num círculo que gira e nos dá consistência. Círculo com muitas espirais dentro, girando nos dois sentidos ao mesmo tempo. Não existe um si. Não existe um tempo, mas temporalidades. Existe entre que as abre e vários movimentos nos quais agenciamentos se dão. Só existimos em agenciamentos. E.L.A nunca esteve perdida, cindida. E.L.A nunca quis morrer. E.L.A só lutava para fazer morrer o que a impedisse de ser em conjunto. Essa é sua moral de espelho, que, no entanto, mata Narciso.

\*

Tive um insight a respeito do eterno retorno, como uma espécie de crítica ao hegelianismo. Se Hegel aposta num sentido histórico, ele acredita num curso linear da história, como se a vida fosse governada por uma força racional, exatamente como a imagem do pensamento que vingou desde Platão. Porém, se a vida é vontade de potência e, enquanto vontade de potência, ela é governada por uma luta de forças sem princípio ou fim. Ou seja, só há luta e dominação de uma força sobre outra, então, não há um caráter racional, antropomórfico para a vida, talvez um caráter "corporal" porque o dinamismo dela é semelhante ao que ocorre no corpo de todos os seres do universo, incluindo a terra. Porém, Nietzsche dirá que na vida tudo retorna infinitamente e que devemos afirmar esse retorno. Mas o que retorna não pode ser o Mesmo, se fosse o mesmo Nietzsche estaria lado a lado com Platão e suas essências. O que retorna, o que se repete, é o trágico, aquilo pelo qual não há possibilidade de verbo, por isso retorna e cada vez que retorna, damos um sentido diferente. Essa poderia ser uma primeira aposta. Ou que retorna é o que não pode ser digerido, elaborado, que obedece a um outro tempo. E aqui corpo seria psique e natureza, mas, se na vida mais global o mesmo processo se dá, então as figuras históricas, as dores etc. também retornam buscando passagem de sentido. Sócrates retorna na figura de Cristo, mas Cristo não é o Mesmo que Sócrates, porém, as forças que o fizeram emergir como Cristo repetem uma certa combinação que possibilitou a emergência de Sócrates. Mas são, ao mesmo tempo, forças diferentes, porque a constelação é outra, outro contexto de sentido alimentado pelo mesmo contexto astrofísico, mas adornado com o elemento novo das forças: a culpa. Ou então não há junção entre Vontade de potência (VP) e eterno retorno (ER).

VP pertence ao plano das forças

ER ao plano do tempo

Mas não daria para falar de temporalidade sem falar nas forças que estão presentes na vida. O tempo não pode estar desatrelado da vida ou está? Porque aqui cairíamos em Heidegger que acaba quase insinuando que ser é tempo...Em psicanálise é fácil falar de eterno retorno e memória como repetição da diferença, nos analistas que não se prendem ao Édipo na forma, mas nas forças que quebram com Édipo e derivados, quando as sabemos escutar.

Mas e na vida geral? Haveria uma grande Memória do mundo, cósmica que repete os fatos insistentemente, como acontece no psiquismo? Mas aí a memória não seria novamente ontológica? Isso não seria um antropomorfismo ou antes um psicomorfismo?

E como pensar psicomorfismo sem sujeito? Se fosse pensado no plano das forças que compõe a vida e o sujeito, portanto, além do homem, mas no entanto, semelhante ao conflito que se estabelece nele e o que possibilita reconhecê-lo também no mundo, com a diferença de que se afirma esse conflito ao invés de adorná-lo com a ordenação moral?

Talvez o trágico seja essa afirmação e a sustentação dela. A sustentação de que o conflito é inerente ao cosmos e ao homem...e isso não podemos representar, por isso não cabe pensar em sentido histórico, mas non sense da vida mesmo... mas aí não haveria saída? Ou haveria, pois em cada repetição de combinações o elemento de diferença que surge junto ao campo de forças, seria o espaço da liberdade de criação? Ou a liberdade de criação seria uma espécie de agenciamento com o que está em vias de ser? Ou antes a liberdade residiria na curvatura interior, na força plástica de ir se metamorfoseando junto a isso que se repete? Mas aí seríamos reféns das forças? Reféns dos efeitos do confronto? Ou não, pois se a força se enverga em si mesma, aí estaríamos retornando aos gregos antigos e redefinindo-lhes os gestos num contexto outro? E aí caberia pensar em seleção aqui, pois nem todos conseguiriam suportar isso...mas aí essa seleção não seria moral? Qual o crivo seletivo? Quem o faz? O corpo? O corpo escaparia do juízo de que haveria de um lado os melhores e do outro os piores, pendulando entre fortes e fracos para gerenciar os processos e a gerência deles seria o espaço da liberdade, como os guerreiros da agonística? Será que por isso Nietzsche se diz psicólogo? Ou o crivo seletivo seria o da metamorfose? Da morte de um corpo, seu esquecimento para aí sim saber-se outro e somente nesse estado, livre posto que diferente?

\*

2020

Eis que de repente E.L.A pensa que o mundo virou uma imensa caverna. Nela, telas de T.V e computador informam sobre o que ocorre do lado de fora. Um mundo invisível dentro do

mundo, fez o que se entendia até então como mundo, silenciar. Um mundo invisível dentro do mundo, que, diz-se ter surgido de um morcego infectado, mas não se diz como - talvez renascido das suas geleiras, agora finas, pela ação humana, demasiadamente humana, de exploração climática, chega com a força da mutação do que precisa mudar.

E, seus ouvidos atentos, não escutam o silêncio, mas os pássaros cantando, os micos conversando alto, o que lhe alegra, mas, ao mesmo tempo, escuta o revirar de latas de lixo pelas pessoas em situação de rua. Corre para a janela e chora!

\*

Sopro vital (ancestralidade próxima e distante) e canto existencial- será que consigo fazer pequenas composições musicais ou poemas? que canções nascem de paixões baixas e altas? Zaratustra também queria criar um canto. Índio tem canto. Qual a relação zaratustra e sonho? sopro e gestos- o que perpetuamos?

sopro e valorações- o que nos conduz?

sopro planetário e vírus

o sopro de minha avó, o sopro-presença de meu pai

insetos e mudanças nas nossas andanças- esperança (2009- ver texto que fiz com fotos), formigas (2012-13- ver e-mail que mandei para grupo h sobre isso), cigarra (2016), barata (2017- RJ e DF- ver conversa com t sobre isso), joaninha vermelha (2017-18- ver conversa com joaninha pousada em mim a noite toda), joaninha cinza (2018-DF), teia aranha (jun 2019) morcegos (2018), escorpião (dez 2019), aranha (junho-julho2021), joaninha preta(julho 2020/Niteroi), joaninha cinza (novamente, mas em Niteroi, 2022)-

-- congelamento vírus antigos nas geleiras. aquecimento global. emergência deles (virus). retorno...peste...

\*

### **Comum vento, como um vento**

A comunicação só se configura como pensamento que se compõe quando pessoas são como duas janelas abertas uma de frente para outra deixando o vento circular. O vento não tem dono, pode desarrumar as coisas, mas sempre traz frescor porque faz o ar circular. Ar que não vemos, mas capturamos no respirar ou no momento em que se transforma em vapor. Vento também não vemos, mas sentimos seu fazer movimentar-se, sentimos o ser do vento, assim como sentimos o ser do ar. Se uma janela se fecha e a outra está aberta, só a aberta percebe a entrada do vento. A outra, ao fechar-se, paralisa o movimento e teria que fazer muito esforço para perceber o que a primeira sente, mas também se ressentir por precisar da outra para o vento ser. O vento passa pela aberta, mas vai chocar-se com a fechada, tornando-se denso. Essa densidade, esse vento que não

circulou, vira um ar pesado, aprisionado a espera da abertura da janela fechada, para reencontrar sua fluidez.

2019

O que é uma pessoa? Não sei dizer, em que momento, essa palavra passou a existir, mas, de maneira geral, ou seja, no senso comum, pessoa significa ser humano ou indivíduo. Se for ser humano, pessoa seria um conceito geral que nos distingue dos demais seres. Se for indivíduo, pessoa seria algo único, indiviso, seria "uma pessoa", seria algo singular. Se partirmos desse segundo aspecto, como algo singular, nos restaria uma pergunta: o que se mostra singular é passível de ser singular sem trazer, para essa singularidade, o mundo ou vários mundos dentro da realidade? O que é o mundo? O mundo é uma constelação de forças e de formas dadas a essa constelação. Como se configuram tais forças e quem dá a elas determinadas formas? Elas não são configuradas por indivíduos, mas se manifestam sempre numa relação com outras forças. No choque entre uma força e outra que nasce uma forma e essa forma que nasce é batizada, ai sim, por indivíduos, com um nome. E esse nome só aparece de acordo com as forças que já estão nominadas num determinado momento. Em outro, já ganham outro sentido. Mas, nenhum sentido é único, posto que uma mesma relação de forças, quando caem em determinados locais, ganham a forma daquele local. Assim, por exemplo, espécie humana poderia ser um nome que nasce num território, por exemplo, da biologia, para distinguir do animal. Mas, também da filosofia, quando a palavra homem aparece para distingui-lo, por exemplo, de uma planta, mas em cada um desses lugares, tem um destino diferente. Numa conversa, ser humano pode parecer com outro sentido, para distingui-lo de monstros, quando monstro, por seu turno, poderia ser uma palavra da literatura ou das artes. Esses locais esbarram, então, uns nos outros, se relacionam e nessa relação mundos surgem. E uma mesma palavra pode, em diferentes contextos, ter qualidades ativas ou reativas, podem aprisionar uma existência ou ampliá-la. Mas em todas elas não tem identidade.

2018

E.L.A olha o pássaro na gaiola da vizinha, de frente para a janela aberta, e chora. Chora diante da força do canto. Da voz melodiosa que insiste em sair do corpo e que é maior do que a voz humana branca orgulhosa das palavras. Palavras jamais teriam esse som. Não o alcançam. Não podem nascer do corpo que mesmo preso, torturado por ver horizonte, mas incapaz de percorrê-lo, canta e encanta o humano que acredita prendê-lo como objeto de decoração.

E.L.A olha o pássaro na gaiola, de frente para a janela aberta, e chora. Chora diante da força do canto. De repente, um som lhe chega: "oro mi má/ oro mi maió/ oro mi maió/ Yabado mi oyeyeo/ oro mi má/ oro mi maió/ oro mi maió/ Yabado oyeyeo", palavras que o branco não conhece, que ela não conhece, mas um encontro se faz ali. Novo choro. E.L.A é levada para outras imagens do povo preto que, tal como o pássaro, vocalizava para o mar deus, o rio deus, sem poder senti-lo no corpo, pois lembra do navio negreiro, cárcere no mar, mas não cárcere do mar, pois a nação nagô sabia que o mar era inocente e protetor...

+++++

E.L.A anda com medo dos tambores. E.L.A sente todos os amores nele. Todo os amores do mundo no corpo e toda dor também. Toda a natureza dança e a faz girar, o choro do mundo grita e uma alegria incontável também. Descuidada, se deixa levar pelo som e resolve dançar, sozinha, na sala. Desaparece por uns minutos. Mas não se percebe desaparecida porque não havia ninguém para lhe dizer que desapareceu. O que sabe é que o som lhe envolveu. Sai a noite. Bebe. Fuma e desaparece sendo vista desaparecer. O corpo dá pequeninhos saltos, como um giro lento sobre si mesma. E.L.A desaparece por 10 minutos e fala com outra voz, mas uma parte dela está ali e diz: eu não sou mais eu. E.L.A não sabe que disse isso e que fez tais gestos e vocalização. Alguém diz que ela disse e o que fez. Servem-lhe café. E.L.A volta, mas não sabe que foi. E.L.A conversa normalmente. Nada aconteceu. Mas, quando sua inconsciência foi narrada, E.L.A estremeceu e desde então buscou fugir da sensação.

+++++

No dia seguinte, amedrontada com a experiência da espiral lenta e da passagem que se fez sem E.L.A se ver passando, procura equilíbrio através de um passe. Entra num espaço em que quase todos eram brancos, mas um negro a encontra ou E.L.A o encontra. Ele fica sentado de frente para E.L.A, repousa suas mãos na frente de seu corpo. E.L.A fecha os olhos. Curva a cabeça e sente algo e vê coisas. Luzes se mostram. Imagens aparecem. Parece um mapa. Uma cartografia de uma cidade japonesa, mas ela não consegue ver direito. Um livro aparece. Capa azul. Mas E.L.A não consegue ler. Vê vasos com símbolos. Está assustada e maravilhada. Ele toca em seu ombro. Pede para que fique de costas para ele. As cores aumentam. E.L.A as encara e elas se expandem em outros tons. A experiência termina. Ele lhe olha nos olhos e diz: Você sabe o que aconteceu aqui! E.L.A diz que sabe diante da força daquele olhar. E.L.A olha o olhar e viu o povo preto, todo ele, no olhar. E.L.A via isso, mas as palavras dele, diferentes do que seu olho lhe dizia, falava para ser grata a Deus e Meishu-Sama. E.L.A volta pra casa. Com uma sensação maravilhosa no corpo, mas uma inquietação no espírito.

+++++

E.L.A resolve fechar-se para os experimentos espirituais, mas eis que, um dia, tomada de amor, resolve concentrar-se em várias pessoas que precisavam de carinho e energia. Pede permissão às forças para fazer um Reiki coletivo à distância (nunca

havia feito), mas a permissão parece ter vindo, afinal suas mãos se aqueciam, mesmo diante do frio de 16 graus da noite. E.L.A abriu seu corpo e deixou a energia passar e seguir para os seus. Sente-se abastecida. Uma energia delicada e totalizante a envolve. Mas E.L.A precisou levantar. Nesse momento a energia saiu. O estômago doeu. E.L.A dormiu. No dia seguinte sentiu falta de ar o dia todo. Não conseguiu andar. Teve que recolher. Passou o dia assim. Responsabilizou o ar seco pelo mal estar. Mas, no dia seguinte, estava ainda mais seco e nada a fez mal. Percebeu que não se pode mexer com as energias sem prudência...

+++++

Se, na história do pensamento ocidental, temos como marco o antes de cristo e depois de cristo e tal marco nos deu uma determinada rostidade (rosto de cristo e suas modulações em rosto europeu na modernidade, rosto do colonizador, rosto do Estado, da justiça, da universidade, rosto da democracia, rosto dos direitos humanos, etc. , ousaria dizer que, na vigência dessa pandemia, os rostos caducaram. É tão simbólico que tenhamos que usar máscaras para nos vermos, não é mesmo? Porque nunca houve um rosto por detrás das máscaras, só invenções sobre nós mesmos. Há toda uma engrenagem que sustenta o rosto, que sustenta o que buscamos no espelho. Mas que existência é essa que nos manteve tanto tempo preso no rosto? Foi necessário um corpo invisível, um ser vivo inumano, para desmontar nosso corpo humanoíde. Sim, humanoíde. Porque isso que chamamos humano e nos orgulhamos de assim o chamar é exatamente o que vem nos matando. Insistimos em atuar ligando essa dita humanidade as engrenagens que sustentam as formas de vida que precisam de um agente externo para governar a nós mesmos. Dizemos que humano é nossa natureza e que nesse humano há aspectos ingovernáveis que precisam de ordem para termos paz. Mas um ser inumano vem nos mostrando o que temos feito com a terra; o que temos feito para ter paz...fazendo guerra aos rostos. Não há mais ilusões. Toda política de rostidade caducou. Esse caducar tem me colocado questões: para que escrever uma tese? Serve para quem e para quê? Para quê ler livros? Para provar que a experiência que é minha tem valor? Quem avalia esse valor? Aquele que leu mais livros? Esse valor é para quem? É possível avaliar experiências? Qual o papel do acadêmico para vida? Parece-me que o papel do acadêmico é manter a engrenagem da academia funcionando...será que ainda quero participar disso? A engrenagem da academia é também uma forma de Estado, mas se não acredito mais em Estado, para quê continuo na academia? Para formar pessoas? Mas a academia tem formado ou deformado? A academia prioriza a relação de si para consigo ? A academia está a serviço da vida ou de valorações de poder sobre a vida na forma capestalítica? Será que é por isso que

Nietzsche dizia numa seção do Crepúsculo dos Ídolos chamada Extratos de uma Defesa de Doutorado, o seguinte: "Qual a tarefa de todo ensino mais elevado?" - Tornar o homem uma máquina. - "Qual o meio para tanto?" - Ele precisa aprender a entediar-se.- "Como alcança um tal estágio?" - Através do conceito de dever.-"Quem é o seu modelo em relação a isto?"- O filólogo: ele ensina o enfronhar-se.-" Quem é o homem perfeito?"- O funcionário público.-Que filosofia fornece a fórmula mais elevada para o funcionário público/"- A filosofia Kantiana: o funcionário público enquanto coisa-em-si transformado em juiz do funcionário público enquanto fenômeno."

Nietzsche era filólogo. Ficou, acho que por 10 anos dando aula, mas pediu demissão em função de seu frágil estado de saúde, onde a enxaqueca era a deusa titã mais fulminante, bem como vômitos desconcertantes. Mas esse estado de saúde é que fez com que a obra dele aparecesse e nos desconcertasse e chamasse a esse estado de "instrutivos ensaios e experiências no terreno ético-espiritual", nas correspondências com um de seus amigos.

\*

2020- Nietzsche psicólogo

A psicologia de Nietzsche é exercício da VP no sentido afirmativo. Vontade de negar no lugar de vontade negativa de potência, pq a VP é sempre afirmativa. Através dela, a filosofia vai ruir de dentro dela mesma e por isso Nietzsche vai se intitular psicólogo e assim o faz quando descobre que nas próprias doenças dele está o próprio mundo. Há convergência entre eu e mundo, para Nietzsche. Ele não vai disputar, tal como fazem os filósofos, o território das verdades e mentiras. Ele sai desse terreno porque não quer não quer trocar aquelas metafísicas por outras, ele é um psicólogo nato. Seu olhar é clínico, isto é, seu olhar se faz a partir do encontro de forças com outras forças. Se a Vp é encontro das forças, então o psicólogo é a qualidade da VP enquanto essa força emerge do encontro com outros filósofos, o excedente da potencia, aquilo que excede. Ele já era psicólogo no Nascimento da Tragédia, ele é psicólogo de Sócrates e vai diagnosticar o que significa para a vida a morte da tragédia. O psicólogo vê que tudo é falso e tudo é interpretação, ele quer detonar todos os conceitos que ficam parecendo que não são interpretação.

Não foi a metafísica que fez o tipo escravo, mas o cristianismo se utilizando da metafísica que fez isso. O cristianismo que torna tudo valor quando passa a ser o plano. A metafísica seria uma arte do bem viver, mas meio ingênua, consoladora (vide aceitação e não afirmação do trágico) e o cristianismo transforma tudo numa vontade de domínio (negação do trágico).

Má consciência como tortura do nobre e o nobre convivendo com as forças que estão presas dentro dele e se achando culpado porque o ideal ascético é muito poderoso. Mas aí, Nietzsche, quando chega na psicologia, não pensa mais em interpretação, mas em avaliação. A psicologia é própria avaliação. E com a avaliação vem a doutrina da vp e a psicologia se torna a pp filosofia, com F maiúsculo que é tb a grande ciência. A filosofia sem o diferencial da psicologia seria a mesma filosofia de antes. Então, interpretar ganha um outro estatuto. Interpretar não é

revelar, mas pôr, é performativo. Interpretar, no sentido nietzschiano, não é revelar algo, mas pôr em ação alguma coisa, criar alguma coisa, por isso a VP é criativa, afirmativa. As máscaras são velamentos, puro falso, nenhuma máscara possui rosto, é puro falso. Uma máscara produz outra. Que não é mais a fase da psicologia como intrinsecamente relacionada a genealogia e ao diagnóstico da cultura, mas já seria ligada ao poder do falso, a transvalorização e ao eterno retorno, onde já teria a psicologia criando o próprio futuro e não sendo ouvida.

Filósofo deixando de ser psicólogo, não mais sendo diagnosticar da cultura, genealogista, para ser artista, na qual a VP está vinculada ao poder do falso e o eterno retorno. Já seria a psicologia criando o próprio futuro.

Figuras ultimo homem, homem superior, animais= impulso e tipo. A altivez da águia e sacralidade da serpente não são tipos, são elementos do tipo zaratustra.

Os impulsos tem direções diferentes e essas direções é que formam os tipos.

O sentido crítico assinala que, num determinado momento da cultura, surgiu uma vontade de negar e que levou a vida ao niilismo. Mas há um outro lado que é essa própria vida afirmando tudo sempre por debaixo disso, e construindo todos esses tipos, fazendo nascer todas essas obras de arte. Nietzsche não só fez o diagnóstico como deu ferramentas para uma nova aposta. Fez um trabalho crítico e um trabalho positivo.

\*

2018

O corpo da gente é um universo maravilhoso. Muitas vezes, quando lemos ou escutamos algo que é muito intensivo, sentimos sono e/ou bocejamos. Aqui é a saúde de nosso corpo dizendo: fique calma, deixe as informações entrarem e vá digerindo, no seu tempo, cada uma delas. Proteja-se da velocidade, mas não perca de vista a dimensão afetiva. Essa dimensão a gente só alcança se tivermos orelhas pequenas, isto é, se conseguimos escutar o que nos potencializa: os pequenos gestos, os pequenos acontecimentos, tudo que carrega beleza de vida, movimento da vida, mas que é negligenciado pela maneira como hegemonicamente construímos nossa história, nosso pensamento... Se acumulamos tudo, se deixamos tudo entrar sem digestão e não nos protegemos, nos tornamos orelhas grandes e assim não escutamos mais a dimensão sensível, nos tornamos meros reprodutores de falas... Na verdade, o que carrega essa beleza que pode ser ouvida pelas orelhas pequenas é todo e qualquer convite dos encontros da vida em nossos corpos pedindo para que nos ultrapassemos. Como nos momentos em que afetos novos em nós pedem passagem e não sabemos ao certo que afetos são esses e para onde vão nos levar. Em alguns momentos não podemos dar passagem a eles porque nosso corpo os sente, mas ainda não são nosso corpo, ainda não são nossa experiência... é como uma instrução que chega de fora, atinge algo em nós, mas como não foi ainda vivificada, chega antes do tempo do corpo e aí, fica morando nele um tempo até que a digestão necessária possa se tornar a nossa vida... Então, o corpo sonolento não está dormindo, está atento para a qualidade dos afetos que pode ou não afirmar. Mas pode ser uma defesa a intensidades que afastou de si por medo de amar...

\*

2019

A prisão ilegal de Lula foi desfeita em 8 de novembro de 2019. Ficou 580 dias preso. Faço aniversário amanhã, dia 09. O que será que está por vir em termos macropolíticos? Não sei. Só sei que o desmatamento na Amazônia bate níveis recordes, a pobreza aumentou, óleo se espalha pelos oceanos, a reforma da previdência foi promulgada, o RJ tem maior número de



mortes feitas por policiais, atingindo, inclusive muitas crianças e dia 09 fará 30 anos da queda do muro de Berlim, o caso de Marielle aponta para o condomínio em que Bozo mora e muito veneno aparece na comida já que liberou agrotóxicos novos nunca antes liberados, fez muitos cortes na educação e pesquisa que teve como resposta greve. Nesse primeiro ano de mandato comemorou a ditadura, seus filhos são investigados pela prática da "rachadinha", pediu para os brasileiros fazerem coco dia sim e dia não para combater a poluição ambiental, mudou várias coisas na legislação por meio de decretos, convidou Moro como Ministro da Justiça, facilitou o porte e compra de armas, facilitou a entrada de americanos na Amazônia sem precusar de visto. Enfim caos total.

2020

“Não creio que a história seja mais, em seu grande panorama desbotado, que um decurso de interpretações, um consenso confuso de testemunhos distraídos.” (Bernardo Soares/Fernando Pessoa)

E.L.A é constantemente interpelada pela pergunta: como produzir um corpo liberto do nojo? E, numa dessas interpelações escreve dois textos, inacabados, mas flecheiros.

Temos muitos corpos, de modo que não nos é possível dizer o que um corpo é. Isso porque, para se ter um corpo, para se produzir enunciados criados por nós mesmos sobre o nosso corpo, necessitamos apagar àqueles que o uniformizam. O corpo anátomo-fisiológico é feito de carne, ossos, veias, artérias, células, sangue, órgãos e uma enorme manta que o reveste: a pele. Essa descrição poderia abarcar todos os corpos, humanos ou animais, no sentido impessoal de que todos eles possuem tais elementos designando indivíduos, termo da biologia. No entanto, sobreposta a essa definição apareceu uma anátomo-política na qual sangue, pele e órgãos genitais e gestacionais foram moralizados em sangue real (azul) superior ao sangue plebeu, pele branca superior a pele negra ou indígena, pênis distinto e superior a vagina e útero como força e/ou fracasso da mulher (lembrando aqui que o útero é o enunciado utilizado, desde a filosofia platônica, como foco das doenças femininas e o útero também foi o locus para forjar a imagem da histérica como a diferença que incomoda).

Dispositivos de controle social surgiram dessa metáfora do corpo biológico, já que passa a designar outro objeto e outros objetivos para ele e tais corpos, assim metaforizados passaram a representar qualidades que, para se sustentarem dentro do universo de controle de condutas, precisavam trazer como correlata a imagem de uma alma que o amaldiçoa ou diviniza, imagem essa nascida antes da metáfora do corpo. O cristianismo se serviu muito bem desse elemento invisível para dizimar populações nas guerras "santas" que divinizavam as práticas de extermínio em nome de deus, em nome de uma suposta limpeza espiritual pautada na transcendência, quando se tratava tão somente de expansão territorial, roubo de riquezas e colonização do pensamento para que não houvesse resistências. No que tange a mulher, o cristianismo foi responsável pelo genocídio feminino na sua "caça as bruxas" posto que defendia que toda mulher traria, em sua natureza, um germe satânico, que, por sua vez era um decalque da imagem da mulher tecida desde a filosofia platônica. Esse

artifício político pode ser incorporado, mais a frente, na lógica que sustenta as práticas do Estado, momento em que os decalques metafóricos a respeito do corpo se alinham aos enunciados sobre a alma criados pelas ciências humanas, que sempre foram produtos sociais, agora pautados numa lógica de higienização das cidades, não mais pautada numa "limpeza espiritual", mas numa limpeza étnica e racial que, segundo os doutos, eram as geradoras das doenças do corpo, mas nascidas da alma desses indivíduos e que se manifestavam na forma anatômica dos mesmos. Decalque da lógica cristã, mas sob bases ditas científicas. Aqui também se operava um decalque da biologia, a teoria da evolução das espécies que ganhou força quando se metaforiza no darwinismo social e dele, cor da pele e alma malsã ganharam equivalência nos tribunais sociais, bem como o lugar da mulher que precisava continuar em menoridade de direitos. O Estado vai se solidificando em torno dessas tecnologias de uma suposta saúde da alma social e em torno delas vai criando vários estabelecimentos destinados a essa "saúde": trabalho assalariado distinto para homens e mulheres, escolas, prisões, hospícios... Cada um desses espaços produziu corpos que se desejam uniformes ou, ao menos, uniformes dentro do espaço que estão ligados. Então haveria um corpo do trabalhador que se distinguia monetariamente quando se referia a homens e mulheres e também socialmente pelo modo de subjetivação que lhe delegava um papel subalterno dada a sua anatomia metaforizada ou seu a alma "satanizada" e metaforizada em fluxos incontroláveis oriundos de sua natureza enunciada como distinta. Um corpo do escolar que seria o germe do corpo do assalariado ou de um gestor dependendo do tipo de escolaridade que tivesse acesso. Um corpo do prisioneiro e um corpo do louco caso os demais corpos não seguissem o destino traçado para eles. Trabalhador, escolar, prisioneiro, louco como representações de territórios que, no entanto, se interpenetram porque todo escolar e trabalhador é um prisioneiro de uma mesma engrenagem de subjetivação sempre a um passo de quebrar quando um outro corpo, esse sim, "indecável" se rebela; quando os fluxos de saúde real se expressam no exercício diário que corporifica o desejo de ser outra forma distinta da representação e singular em sua processualidade tecida nas relações que estabelece e que só quebra quando, "enlouquecidos" por essa saúde, fazem com que essas formas se quebrem dentro deles. Porém, se essa quebra não partir de fluxos de energia ativa, entendendo energia ativa como uma certa "libido" povoada de afetos de expansão que afirmam singularidades e não novas representações para o corpo, a mesma lógica pela qual se rebelam se mantém reativas neles e toda a engrenagem continua em pleno funcionamento, porque poderão vir a re-fundar a mesma moral que os enforca.

\*

2021

E.L.A passa pelos processos seletivos inicialmente presa a questão "o que tudo isso quer dizer" e, com isso, manteve-se platônica, buscando um sentido que é incapaz de alcançar porque as forças em jogo são múltiplas e as conexões heterogêneas. No lugar dessa interrogação passou a pensar: como isso funciona? E, nesse percurso chegou a engrenagem baiaçu, um analisador que mostra a conexão entre máquina social, máquina técnica, máquina desejante e a íntima relação delas com a cultura capetalística. Essa engrenagem não é exclusividade da academia, mas encontra-se por todos os espaços pelos quais passou porque trata-se da cultura capitalística. Engrenagem não é estrutura, mas funcionamento sustentado por práticas, que por sua

vez referem-se ao modo pelo qual um desejo circula. Mas esse desejo é suicidário porque voltado para o poder, resvalando para os processos de subjetivação em curso em sua íntima relação a organização social que os mantém vivos na reatividade.

2019

Mesmo quando aparentemente é um eu que fala esse eu só fala maquinado, conectado com forças que, traduzidas em formas pelos enunciados vigentes, o apresenta de determinada maneira. Todo pronome pessoal, já dizia Deleuze, é um agenciamento coletivo de enunciação. Logo, não pertence a uma interioridade, mas ao campo conectivo que desenha um tempo para além do tempo de uma história individual. Nenhuma história é individual porque não é possível congelar o tempo numa interioridade. Trata-se de processos de subjetivação. Os acontecimentos que promovem fissuras na subjetividade trazem a marca dos tempos que nos subjetivaram, e seu destino ganha contornos de acordo com a leitura que fazemos desse tempo. Não se trata mais de sujeitos aqui, mas de ocasiões. Todos nós somos ocasiões das relações de força e o modo como expressamos essas relações tem relação direta com nosso desejo. E esse desejo nem é nosso, no sentido de ser guiado por um querer, mas por um mirar mirado pelo desejo que desliza sobre a pele... E aqui lembra do documentário de Estamira, que, num determinado momento se apresenta assim: "Esta-mira! Logo, não se mira como sujeito, mas como pronome. Esta-mira está em todos os lugares, também dirá. O E.L.A é um esta-mira. Algo parecido com que Deligny chama de ponto de ver que é anterior a ponto de vista, ou que Nietzsche chama de perspectivismo que não é relativismo. São os espaços que circulamos e que circulam em nós que fazem-nos ver e desejar..

\*

## Pandemia II – 2021

Sim, podemos estar construindo um fim de mundo, quando podíamos estar criando o fim de um mundo... estamos deixando escapar a dimensão artística da vida que está na capacidade abundante de a todo instante nos ofertar instrumentos para que nos criemos junto a eles. A vida é virtude dadivosa, dirá Zaratustra de Nietzsche. Tais instrumentos que são virtudes dadivosas da vida vão desde uma paisagem, um vento, um local, um som, uma pessoa, um afeto, uma história e agora um vírus. Quando conseguimos fazer combinações entre esses instrumentos e neles somos forçados a pensar, a sentir, esse jogo nos transforma e se transforma em novos jogos. Nosso modo de existir sempre está atrelado a qualidade das forças que se apoderam do nosso pensamento. Cabe-nos a tarefa de selecionar essas forças, de caminhar na estrada daquelas forças que amplificam a potência do pensamento. Vida e pensamento andam juntos, mas estamos empobrecidos e descrentes em nós mesmos. Isso porque fomos subjetivados a confundirmos vida bela com vida boa. A primeira entendida como arte de **bem viver** -plano processual e facultativo- que, por sua vez, implica em afirmar a vida tal como ela é - impulso de criação e destruição e, nesse jogo, encontrar as referências para ultrapassar-se fora das formas desse jogo, mas nos fluxos que as equivocam porque tais fluxos sempre anunciam àquilo que precisa ser ultrapassado para que outras formas nasçam e com isso, viver bem). A segunda, vida boa trazia a ideia de progresso na vida material ou ações coletivas que pudessem oferecer essa mesma vida a todos como imagem de vida perfeita, que no entanto é

"estática" porque mantêm em funcionamento as mesmas engrenagens que apagam esse exercício do bem viver, quando só se sabem existentes a partir de regras exteriores em que cada um de nós cumpre sem questionar porque as cumpre. Afinal, mesmo questionando, ainda nos mantínhamos dentro delas, adquirindo um lugar dentro dessa engrenagem, mas criando a ilusão de que era possível fazê-la funcionar de outra maneira, de modo que não sofreríamos riscos porque teríamos uma garantia de vida plena de coisas, povoada de coisas que nos deixavam felizes e essa moral podia ser a de todos. Acreditávamos que os tensionamento deviam operar dentro dessa engrenagem buscando como resultado a criação de leis melhores, de representantes melhores, estabelecimentos com mais ofertas de serviços e com variadas e distintas representatividades que abarcaria diversidades, salários melhores etc. Mas, a ausência da vida boa que jamais alcançamos porque incapaz de se efetivar numa engrenagem que, mesmo antes da pandemia, se mostrou transparente no sentido mostrar seu funcionamento disfuncional que, sim, é disfuncional porque neoliberal, mas que também é disfuncional porque capitalístico e não simplesmente capitalista, como nos ensinou Guattari. E essa disfunção fomentada, claro, pelas práticas neoliberais atuais, ao cortar nosso acesso a saúde, a arte, a incitar violência contra as formas de amor, religiosidade e solidariedade diversas e materializá-las também em projetos de leis possibilitou também que essa mesma engenharia disfuncional fosse funcional na quebra das potências desse corpo que vinha sendo asfixiado e, ao mesmo tempo, anestesiado diante da impossibilidade psíquica de lidar com os absurdos. As entranhas da engenharia que construiu o corpo da vida boa foi exposta e o que escapou dele como forma de expressividade possível foi a agressividade de uns e resignação de outros. Como diria D&G, corpos sem órgãos cancerosos e corpos sem órgãos vazios. Como construir um corpo sem órgãos pleno pautado na arte de bem viver? Como produzir o N-1? Como construir um corpo liberto do nojo desse 1 que nos constituiu até agora? O além homem talvez não esteja longe, talvez esteja no exercício de uma escuta da sabedoria dos povos originários. Sejamos menos gregos e voltemos a sabedoria da nossa terra, da nossa ancestralidade, antes que seja tarde...

\*

Aprendizado com Pelbart 2022

N-1= o 1 é o ídolo e o ídolo é toda a construção humana (sujeito, religião, dinheiro, Estado, progresso, democracia, Édipo, academia, etc. tudo que aprisiona a força, tudo que está entre o corpo e aquilo que ele pode. O 1 é o fantasmático e o que nos enclausura. O 1 é a contenção do devir criado por nós por medo de nós mesmos, ou melhor, por medo da vida em nós. Nietzsche viu o 1 desde Platão. Poderíamos dizer que Nietzsche viu o 1 como imagem de nosso pensamento, de nossa decadência. O 1 são as imagens do niilismo, o endereçamento de nossa cultura. O além do homem é o n-1. O 1 é o idêntico, a mesmidade. O 1 é o elemento unificador e sua predominância é nossa catástrofe. ( fala de Pelbart, numa aula!)

\*

2022

E.L.A estava um pouco irritada fazendo uma limpeza nas pastas de seu pc porque viu que estava uma bagunça e levaria dias ajeitado. Resolve colocar uma música clássica no Youtube para acalmar seu ânimo. Normalmente, antes da música entrar aparece um anúncio que E.L.A nunca presta atenção, simplesmente clica em "pular anúncio" e

prosegue. Porém, não sabe bem por que, parou para ouvir o anúncio e era de um "lugar" chamado " Brasil paralelo", em que um rapaz jovem fazia críticas a rede globo e convidando o expectador ou o "clicador" a adentrar nesse espaço virtual onde supostamente teria acesso a informações mais confiáveis , filmes etc. Ela então descobre que esse tal ambiente é um dos produtores do modo de subjetivação fake news ! ( <https://theintercept.com/2021/12/18/facebook-lucrou-anuncio-brasil-paralelo-associa-simone-de-beauvoir-a-pedofilia/> )

\*

2022

O que se repete e se propaga é o retorno de uma mesma moral. Esse é o mesmo que nos faz crer que se trata do retorno de um mesmo cenário. Essa moral encontra no juízo "bom" sua força de propagação, mas esse "bom" nunca é um mesmo. Porque as codificações para ele mudam na história, logo, não se trata de um conceito universal, mas de um enunciado que anuncia as forças do presente no qual ele se erige como valor, mas que facilmente se transforma em palavra de ordem, como se trouxesse um sentido único ao longo da história. Sem a devida atenção a genealogia desse conceito, tendemos a deixar que esse enunciado esvazie outras forças, tornando-as impotentes para qualquer reação. Por isso observamos uma grande adesão ao discurso que alia Estado e Deus. Ele veio sendo hiperinflacionado quando, junto a ele, o medo também foi incitado como estratégia política. Quanto maior o medo, maior se tornou essa moralidade de rebanho. Somado a essa estratégia, surgiu outra, o empobrecimento da linguagem, que repetida a exaustão pelo poder da propagação digital e dos instrumentos digitais de repetição, criou uma pedagogia da pobreza argumentativa e intelectual, que, nesse cenário, tornou-se opinião ou liberdade de expressão. A opinião sobre todo e qualquer assunto se "democratiza". Para que cientistas em suas mais diversas formas se agora, todo e qualquer um tem acesso a todas as informações do mundo, sobre todo e qualquer assunto? E mais, esses assuntos vem mastigados para todo e qualquer um entender. Quanto mais simples, melhor e se vier com adereços em nome de Deus, melhor ainda, porque terá o selo de confiabilidade dessa moral de rebanho. Palavras difíceis só existem para manter o rebanho ignorante, é o que dirá essa moral. Preciso achar alguém que represente esse universo de linguagem que possuo para me sentir participando das escolhas políticas e agora, minha opinião faz diferença, inclusive ela me rende dinheiro. Não preciso de educação superior ou de qualquer mestre. Só preciso ser influenciador. O poder da influência digital me torna o novo doutor. E olha que maravilha, não preciso sair de casa e o poder da palavra vem de mim, da minha opinião. E se minha opinião é abominável para ou doutos, para os comunistas, pois todos os doutos são comunistas, então estou fazendo a limpeza divina, sendo o deus digital livrando a sociedade do mal.

ÁGUA AR

FOGO TERRA

ÁGUA

Trilha sonora: Nza (The Universe Created Itself Tiganá Santana.

<https://www.youtube.com/watch?v=4wpgeM8qoaY>

**Brasilia-DF 2018/ Niteroi, Rj 2021-2022**

**Ouvir aqui:** <https://mega.nz/file/j5NDSCAB#OdjPyU6-OLPTbGCUpKPOsDX0Hr7z9QBEJmJK-qROgQM> Começamos de novo. Ela sente os movimentos do mundo de sua caverna. Nesse estado, o corpo já se contraiu, como também se expandiu. Sentiu enjôo, que virou tonalidade de seu espírito em muitos momentos, ao mesmo tempo em que a enxaqueca atacou inúmeras vezes a sua retina. Era o aviso prévio de seu corpo. Ao mesmo tempo era expressão do que ocorria em outros corpos porque nunca se está só no mundo. Seu corpo expressando-se dessa forma anunciava a rota de seu escrito que não era um, mas vários, dentro dos vários corpos que a constituem. Sim, porque o corpo nasce do encontro com outros corpos, assim como o desejo que desliza no corpo se define nesses encontros e vai nos ensinando o que podemos. Tudo é múltiplo. O todo é múltiplo. Nesses encontros, quando o enjôo aparecia, foi sendo remetia ao nojo e esse nojo, ligado a enxaqueca remetia a necessidade de desaprender a usar o olho, para ver com o corpo todo e, dessa maneira, se livrar do nojo que a espreitava tentando se grudar a sua pele. E não só a sua, mas a de todos que, tal como E.L.A, sentiam a enorme claridade do presente que iluminava, sem a menor cerimônia, os efeitos e as práticas de como um certo mundo humano veio sendo construído e que agora, se estrangulava, nos estrangulando junto ao planeta. Mas esse mundo não era o planeta. Esse mundo buscava tornar mudo, silenciado, esse planeta. Mas, esse planeta, a nossa terra, que não é plana, mas redonda, gira e nesse girar nos tira do lugar supostamente confortável para girarmos nele de outra forma. Nesse girar de outra forma, E.L.A sentiu que precisava se despedir de corpos que não lhe serviam mais, dentre eles, o acadêmico. Por isso, escrevia uma anti-tese e já no título trazia um tensionamento. Uma parte dela dizia: "Desafios da travessia do niilismo no contemporâneo", expressando a linguagem acadêmica que só "eleitos" por ela entendem e, logo em seguida havia dois pontos no qual se lia: "como produzir um corpo liberto do nojo?" Aqui todos poderiam sentir o que E.L.A necessitava abordar e, o mais curioso é que intuiu essa parte em 2017, quando um tipo de nojo brasileiro estava se formando e que mal sabia E.L.A que encontraria seu ápice dois anos depois com a emergência daquilo que hoje se chama bolsonarismo. Aqui a saúde da escrita pensada inicialmente como saúde de uma escrita que se rebela contra a escrita acadêmica ia além dessa qualidade de dor, expressava a luta **que estava sendo** travada

n,E.L.A contra a imobilidade do pensamento, que também era o signo do presente e o bolsonarismo uma mera ocasião da expressão dessa imobilidade que não se resumia a ele. E.L.A ainda não sabia a força dessa intuição. Aos poucos foi percebendo que o sussurro provinha de seu corpo acadêmico e seus conceitos, trazia seu percurso, mas esse corpo, machucado pela academia, também estava machucado pelo *socius*, também estava machucado pelo modo em que a vida vinha sendo desenhada e exercida no desejo de várias pessoas e que se mostrou a E.L.A ao longo de seu percurso profissional e cotidiano. Suas lembranças traziam esse desenho. A subjetividade não se concentrava na experiência individual. Não existe essa experiência. O 'eu' é sempre um outro porque seu arranjo se faz com as ferramentas de um tempo no qual o desejo se agencia e produz modos de ver e sentir. De modo que tudo aquilo que narramos sempre nos ultrapassa, enquanto individualidade e fala sempre de um modo de subjetivação em curso. O caráter singular desse processo é o destino que damos a essa narrativa e as brechas que encontramos para que o desejo que nos inventa nos desvie dos estrangulamentos que parecem inevitáveis ou anestesiamientos que parecem necessários para fugir do estrangulamento. Aqui E.L.A atravessava várias formas pelas quais o niilismo se apresentava no socius, adentrando na academia, na política, na filosofia, na psicologia, assumindo também a forma tecnológica que hoje nos governa. Esse niilismo, portanto, tinha uma relação estreita com a história da nossa cultura da braquitude, do rosto de Cristo encarnado nesses outros rostos "sombras de Deus" deslizando no nosso desejo e assim, sustentando esse modo de estar no mundo. E.L.A sentia que era ao mesmo tempo tudo isso e também o seu contrário simultaneamente. Uma enferma e uma convalescente, tal como Nietzsche. Suportar essa ambiguidade a fez paralisar em alguns momentos. Neles a escrita perdia sua beleza, deixando de ser rio e vento, amigos do pensamento. De repente, E.L.A que sempre gostou de tantas páginas e não lhe faltava força nos dedos para essa tarefa, cansou. Emudeceu. Ou melhor, começou a ter sensações nos dedos que expressavam a totalidade de seu corpo, análogas a que a motivaram a iniciar a escrita do nojo. E.L.A começou a sentir nojo da escrita. Tornou-se um corpo sem dedos. Sem os dedos da academia e sem as tintas da poesia. E.L.A também não queria mais ler. Tinha novamente enxaqueca ocular. Quis abandonar o doutorado. Ele perdia o sentido. Chega de ver, de se instruir, dizia seu corpo para E.L.A ! O



pensamento assim produzido pedia pausa para E.L.A. Chamava por signos e canção distintos das que estavam em curso. Por isso não era qualquer canção. A canção que pedia passagem, pedia presença na forma de tambores, som de alegria e dores, por isso, em muitos momentos, foram eles, os tambores, que a fizeram voltar a escrever, ajudando-a a parir lembranças, como também o que não sabia n'E.L.As e n"ela. Não. Não é o pensamento que pedia pausa, mas o que pensa no pensamento e assim nasceu o E.L.A. Aquilo que até agora vinha sendo sua forma de expressão e extensão no mundo precisava passar por E.L.A. E.L.A dirigia sua atenção e não temia a hesitação. O que antes a constituía já não era mais suficiente para fazê-la virar dia e noite com a escrita; para fazê-la virar dia e noite da escrita. O que existira antes do E.L.A nunca foi um escrito. O antes nunca escreveu porque nunca foi escrita de "hoje e de ontem, mas também de amanhã e depois de amanhã e de alguma vez futura" tal como a de Nietzsche e que só agora podia chamar de sua também. Sentia que escrever era seguir a pele do corpo através dos sonhos e dos signos e somente nesse estado deixá-la encontrar as leituras cantadas e encantadas que dançavam nele e realmente poderiam ser tambores e flechas de seu espírito, sem precisar mostrá-las, tal como a academia pede, mas vivificá-las como a vida faz em nós. Agora mais calma, sabia que E.L.A tinha muitos amores e não os manteve em segredo, eles estiveram presentes na escrita d'E.L.A Mas eles não são autores da sua vida, mas aberturas de uma nova vida e foi dessa abertura que nasceu sua escrita. Foi dessa abertura que pode encontrar também novos amores, para criar novos acordes ou novos arcos para as suas flechas. Seu corpo havia se transformado em feto que se preparava para encontrar o buraco de saída da caverna em que se escondeu, mas, como não existe imobilidade na vida, nunca esteve parada e da caverna sentia mundos, mas queria não só sentí-los, mas habitá-los.

**Brasília-DF,**

**2018.**

**Ouvir**

**aqui:**

<https://mega.nz/file/25sHBKSR#Snt1i7TtXHfR5NQMF0LJGRGPDGPvJ1Q1KQm1Zorzncw>

Isso. Começamos de novo. E.L.A agora é um feto que escuta, da barriga, o mundo, E.L.A é afeto que se escuta e escreve-se a partir dele. *Isso! E.L.A nunca esteve propriamente na caverna, mas na barriga de um outro mundo dentro deste,* lembrando aqui de Galeano.<sup>156</sup> E.L.A sente que é preciso parir-se e para tanto, destruir as formas de expressão que até então a faziam falar, ver e andar. Embora E.L.A esteja

alimentada e protegida e pode escolher não sair da barriga deste mundo, há contrações inevitáveis que a expulsam deste, uma reatividade do corpo a serviço da atividade das forças. É o chamado da vida. E.L.A escuta os tambores e palavras que não sabe o sentido, mas que são sentidas. E.L.A tem orelhas pequenas, como as das crianças, e sabe captar os instantes criadores. Mas E.L.A ainda precisa aprender a falar diferente e dançar diferente. Precisa também de outra voz e gestos correspondentes. Não sabia ainda que estava buscando seu Ijexá, o ritmo de sua proteção. E.L.A precisa falar a partir de um novo mundo de afetos. Da barriga, água aquecida é o que conhece o movimento de um lento girar até que o nascer se faça e descubra o ar, vendo o novo mundo de cabeça para baixo. Descubra também, no mesmo instante, que o corpo que a trouxe precisou rasgar-se para fazer com que E.L.A entrasse num outro mundo e descobrisse, de imediato, que para respirar nesse outro mundo seria preciso encontrar uma força antes inexistente, aquela que faz entrar, num mesmo instante, mundo e o ar, por todos os orifícios de seu corpo. Aprenda que *pneuma* é vida como mais tarde escutará, mas que já sente<sup>157</sup>! Descubra, também, que é preciso o choro para ter sopro. Novamente água a encontra. Vem dos olhos, mas E.L.A sente vindo do corpo todo. Aparecem sensações novas. Frio. Mas aparece o fogo que nasce do encontro com outro corpo que a embala, que a aquece. Aparece o olfato que reconhece o corpo gerador e acalma o instante criador que também é destruidor das formas antigas de habitar o mundo-barriga. E.L.A entra em estado de reconhecimento do som que emana da voz que o carregou. Encontro com afetos amorosos, sem um rosto porque E.L.A não sabe o que é ver. Só sabe o que é sentir e reconhecer o amor através dos sentidos do corpo que a acalmam. No entanto, não conhece a terra. Ainda vai demorar para que possa pisar nela. O que não significa que não conheça o mundo, o cosmos. **Ela** é cosmosensação em estado puro outra palavra que descobre mais tarde, mas que já se fazia vívida n'E.L.A. E.L.A é sem palavras, mas pré-filosófica no *logos* do mundo. Corpo-audição. Em que coração, respiração, pulsação, sua e do existente que a embala se confundem e tamboreiam. Em que o mundo é esse instante de pulso e de troca-mistura. E.L.A precisa do som de um outro corpo para sentir o seu. Se já nascesse caminhando, como o rio e os bichos, seres completos, sinceros e plenos pelo que são<sup>158</sup>; em que a vida é instante de dádiva, sem melancolia e dor, destino em estado puro, não mergulharia, em outra dádiva, que é o enigma que estimula a vontade de

andar. Não precisaria, nesse momento em que escreve, da poesia para encontrar sua inteireza, do reconhecimento do amor como destino d'E.L.A e do som dos tambores e canto negro para trazê-la a nova vida. Sim, E.L.A escreve com esses sons ao fundo e não se pergunta pelo por quê, mas algo n'E.L.A sabe mais do que E.L.A, mas está em estado de sono e sonho, germinando... também é feto e afeto... O que sabe é que nesse momento da escrita, precisa da memória do corpo, dos encontros e da amizade de quem vai lê-la como abrigo que acolhe a coragem de esboçar-se em folha e seguir pela água. Mas E.L.A também sabe que foi o governar-se pelos afetos, no instante de nascimento, aquilo que possibilitou não se distinguir dos bichos e do rio, no horizonte de inexistência de um si, mas ao mesmo tempo aprendeu que precisa do cuidado de um outro para cultivar um "si" que precisa ser cultuado como promessa *de uma vida*. Um si que, no entanto, para ser com a vida, como a vida, é um tornar-se que se apresentará no depois. Nessa promessa, embora ainda use as palavras, quer fazê-las cantar. Um outro si se expressa em canto e espanto, portanto, não é um si, mas uma abertura para a aventura do nascer. *Esse* corpo-mundo-abertura se desenha com flechas, parido pelo arco do corpo de sua mãe, trazendo junto centelhas de seu pai e pronto para ser tocado e transformado pelos encontros com o que virá .

### Ouvir

**aqui:** <https://mega.nz/file/uh0FXDbJ#FaJ-TI-CiagWba6-sz02AWQuGWrCPbgL6MRzoWzzn98>

Nesse novo mundo nada tinha nome ou função. Por isso, não havia ser e não ser, sim e não. Não havia um si. Só havia um estar nas coisas e as coisas estando n'E.L.A. Só havia corpo e um sendo. As palavras eram ruídos não distintos dos demais. O que lhe sacudia, algo que chamam de espírito, era o afeto que vinha nelas. Como se o afeto fosse matéria que forma um corpo, antes de ser expressão. Assim ia aprendendo o que era alegria e tristeza através do prazer e desprazer, como diriam os estudiosos, mas que a E.L.A nada dizia. Para E.L.A tudo é fluência do som, no corpo, que também só sabe se expressar pelo som e ser compreendido pelos demais a partir do que sai dele: choro, lágrimas, secreções, odores, gases. E.L.A ensinava o que é a vida antes da linguagem, mas ninguém escutava seu ensinamento, pois só reconheciam humanidade onde há verbo, que lhes dariam a tola ilusão de tempo e mundanidade. E.L.A ensinava que o corpo dançava em várias dimensões de tempo indiferenciadas e nelas ia se transformando; que ele é

destino e não destinado. Que é rio que nos fez peixes, antes de sermos seres com pés e mãos. Antes de andar aprendemos a nadar e a girar na água produzida, primeiro pelo corpo daquela que nos carrega e depois por nossas próprias secreções. Ai já há transformação. Não somos os mesmos e nem a água é a mesma<sup>159</sup>. Antes do uso do pulmão e do ar, há água. Sou água e a água sou eu no seu caminhar em mim e no meu caminhar nela. Sou Oxum. A água é a minha mãe, é minha condição, como diz sabiamente a canção de Tiganá Santana . E.L.A aprendeu, tal como ele, que a mulher é primeira, que a mulher é sua parteira, sob a benção da deusa das águas. Talvez por isso E.L.A jamais tenha entendido o mito de Adão e, mais tarde, o mito do falo como sua ordenação! Embora insistam em conduzir o mundo na forma macho-normativa, Deleuze tinha razão, não há devir-homem porque o mundo é ventre e parto de tantos outros mundos.

Trilha sonora: Reverência. Tiganá santana.

[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=3&v=Qn4S2eZFg\\_I](https://www.youtube.com/watch?time_continue=3&v=Qn4S2eZFg_I)

**Brasilia-DF, Niterói, 2019/ Niterói-2021/2022. Ouvir aqui: aqui:**

[https://mega.nz/file/e1tz0YJb#ZRZ2i6nqGQCLKdy5O2PYkrO8j\\_gPXoucoEaywFSirNU](https://mega.nz/file/e1tz0YJb#ZRZ2i6nqGQCLKdy5O2PYkrO8j_gPXoucoEaywFSirNU) E.L.A

agora, ser que pisa na terra há quarenta e nove anos, revisita essa criança que pisa na terra pela primeira vez. Escreve para essa criança em alguns pontos dessa anti-tese, escreve-se como essa criança para não cair na armadilha da escrita acadêmica e saúda o bloco de sensações da infância como seu mais preciso tesouro, aquele que salvou o E.L.A e a trouxe de volta para a escrita quando essa emudecia. Aquela que sussurrou em seus dedos que se tratava de uma anti-tese. Aquela que a fez aprender a rir e chorar, esquecendo o choro mais rápido do que a alegria. Aquela que sabe que a inocência é o jogo da vida, porque forças não tem qualidades, somente as ganha quando se incorporam as formas e que essas formas, como brinquedos, podem virar outras, bastando mudar seus encaixes. Se tais encaixes se dão num círculo, é seu girar que pode nos levar para frente e para trás ao mesmo tempo, quando, nesse girar habitamos instantes do extraordinário e nesses instantes o "isso" fala em nós, conosco, quebrando ciclos de repetições do mesmo. É no instante que acontecimentos se dão. É no instante que devires variados passam em nós e no planeta, formando um mesmo tecido chamado vida. E é na história que enxergamos as repetições humanas

demasiado humanas que nos estrangulam, mas também os acontecimentos que furam seu tecido e nos dá ar. Mas esses furos pequeninos não rasgam um outro tecido chamado realidade porque não conseguíamos escutar o ruído silencioso do rasgar, por nos prendermos aos grandes ruidos dos "vencedores". Continuamos, assim, fazendo remendos nesse tecido. Mas no presente, há ruídos por toda parte e o rasgar desse tecido que recobre a vida se faz mais ávido, clímax e crise nunca tiveram tão próximos deixando a vida em estado de meio dia, mas expondo-nos a meia-noite. Com menos sombra talvez consigamos encontrar a caosmose guattariniana nos libertando do "tu deves" para sermos com o cosmos-caos que não está dentro nem fora, mas em todas as coisas, pois cria todas as coisas ,as interliga através da sensibilidade em estado selvagem, ou seja, sem julgamento, estado-pele-sopro. Essa interligação pode acionar em nós a semente saudável que fomos quando nascemos ao chegarmos ao planeta e estabelecíamos relações com o universo inumano, quando éramos saudáveis<sup>160</sup>, quando sentimos a reciprocidade entre a respiração cósmica e os ritornelos da singularidade<sup>161</sup> e nos aproximamos assim do que os povos indígenas chamam , nhe'ẽ porã = boa palavra, sopro de vida, hálito da vida, emissão da boa palavra que cura, já que , nhe'ẽ é hálito, respiração<sup>162</sup>. Porém, até chegarmos a esse estado não temos como escapar de outras vibrações do processo caosmótico em curso em nosso inconsciente, o caos do fluxo de informações digitais muito mais velozes do que o nosso corpo é capaz de acompanhar e digerir causando estragos por todos os lados, porque perdemos nosso ritmo natural e assim, temos dificuldade de selecionar o que é útil ou não ouvirmos. De modo que aquilo que nascer da relação entre caos-organismo e o seu ambiente determinará os rumos do presente, cabendo a nós a tarefa de interpretar os sinais sintonizados nele<sup>163</sup>. Cada um tem as antenas radiofônicas produzidas no modo como se relaciona com a vida e cabe-nos produzir caóides, como dizia Guattari, isto é, novas sensações produzidas em planos que recortam o caos e criam outras formas de pensamento capazes de nos fazer vencer os espasmos caosmóticos a que estamos submetidos<sup>164</sup>! Os d'E.L.A se tornaram visíveis ao longo da anti-tese e poderiam ser resumidos num e-mail que escreve a uma amiga, em que lhe dizia: " Quando criança, aprendemos que a aliança entre vida e espírito se faz na amizade que se tem com tudo que nos cerca: o barro, a flor, a formiga, o vento, a chuva, o raio, a pedra, a folha, o céu, o fogo, o sol, a fruta. Tudo é instante de

extraordinário e tudo segue, em beleza, por nosso corpo. Tudo brinca em nós. Somos amigos da terra e do cosmos. Somos cosmosensação- todos os sentidos imbricados com a vida. Não há diferenciação entre humano e barro, entre humano e flor, entre humano e formiga, entre humano e céu. Entre o humano e o vento. Entre o humano e o raio. Entre humano e mar. Entre o humano e o ar. Entre o humano e a fruta. Não há homem e mundo separado. Tudo dança no corpo livre que brinca. Só há amor e lançamento, sem medo, em tudo. Mesmo à noite, quando a imaginação cria monstros, encontramos escudos mágicos para nos proteger, muitas vezes encontrados ao longo do dia, uma flor pode ser um escudo, por exemplo. Eles estão sempre a mão. Um flor é um deus. Tudo que nos cerca está povoado de deuses. Acordar é continuar a adorar os deuses que estão nas coisas e que dançam e cantam no corpo. Por isso a recusa em dormir, comum às crianças. Mas, quando dormem, continuam a explorar a vida em estado puro. Não há diferença entre as imagens do sonho e da vida desperta. Não há temporalidades diferentes. O tempo é puro. Crescemos e esquecemos o aprendizado dessa cosmosensação (creio que somente os "adultos" indígenas não perdem isso por conta da relação com a natureza e aqueles que experienciam a cultura Yoruba). Passamos a ser governados pela cosmovisão das coisas, essa que separa homem e mundo e cria representação, que inibe a palavra para se referir sempre a mesma coisa, que inibe a sensação e aos poucos, vai nos tirando a vida do espírito. Crescemos e o tempo perde seu encanto. Somos levados a pensar o tempo pelo relógio e a história por antes e depois de Cristo. Tal como carrapatos humanizados, agimos num pequeno mundo com apenas três afetos (luz, odor e sangue)<sup>165</sup>, buscamos alimento nesse o corpo-tempo diminuto que elimina os deuses, do tempo, da história e por conseguinte, de nós mesmos, nos transformando em sugadores e perpetuadores de matanças do presente.

**Niterói, RJ, 2021/2022. Ouvir aqui:**  
[https://mega.nz/file/ehMX1ZQQ#ZRZ2i6ngGQCLKdy5O2PYkrO8j\\_gPXoucoEaywFSIrNU](https://mega.nz/file/ehMX1ZQQ#ZRZ2i6ngGQCLKdy5O2PYkrO8j_gPXoucoEaywFSIrNU)

A criança vive em estado de rizoma, ramificando-se horizontalmente por suas andanças no mundo, tecendo redes, como as da aranha. Os movimentos do corpo da criança são como Z da mosca, que sempre escapa das mãos dos humanos quando os adultos piscam o olho, desaparecendo em fração de instantes e, nesse escape correm riscos,

mas sobretudo conseguem experienciar aventuras criadas por onde a sensibilidade de seu corpo a leva, mantendo-o em estado de festa e rindo da travessura do escape. Acredita que mesmos as crianças recém-nascidas ou muito pequenas, sob o signo da pandemia, fazem o Z junto aos pais, no cotidiano com eles, mas só com eles, porque perderam a experiência coletiva com outras crianças, falando aqui daquelas que puderam ser protegidas das ruas, mas que perderam a experiência de contágio e reconhecimento de seu corpo junto a outros corpos semelhantes. Estas podem vir a ser lançadas num tipo de autismo novo e/ou num reviver do Édipo em proporções inimagináveis. O mundo corpóreo-afetivo delas se apequenou demais e, sem o devido cuidado, podem se tornar avatares do presente-futuro, pois seu primeiro contato com o mundo "fora" de casa se faz através de telas para onde sua libido acabaria se dirigindo e o medo do encontro com outros corpos ao ser justificado pela pandemia, seria reforçado por esse novo arranjo virtual. Por isso é importante aos pais não se esquecerem da dimensão do Z neles, perdendo-se em "olhos de adulto".

Os olhos dos adultos que mataram suas crianças neles, são aqueles que pensam o corpo das crianças como a igreja pensa, como o Estado pensa, como a ciência pensa, como a escola pensa, como a mídia pensa, como certa psicologia pensa, como certa psicanálise pensa, como a tecnologia pensa, aprisionando-o a uma norma, a uma forma, a um modelo, a uma estrutura ou, agora, como pequenos youtubers ou avatares, como corpos virtualizados na rede. Aqui é Galeano inspirando E.L.A, sussurrando em seus ouvidos: "A Igreja diz: o corpo é uma culpa. A Ciência diz: o corpo é uma máquina. A publicidade diz: o corpo é um negócio. E o corpo diz: eu sou uma festa"<sup>166</sup>. Esse modo de ser festa é o que singulariza a existência, afinal a criança é a inocência da roda que gira por si mesma, num jogo no qual o esquecimento lhe garante a força para escapar do ressentimento, porque nem o percebe. Basta dormir para esquecer porque o dia seguinte é sempre um dia novo no qual diz sempre sim e brinca. E, brincando, o E.L.A fez dançar na sua escrita o ritornelo "começamos de novo" com a respiração cósmica encontrada nos inúmeros signos que atravessaram a sua vida em escrita, a sua vida-escrita e, em alguns momentos, pode exercitar a boa-palavra-sopro-de-vida, aquela que espiritualiza o pensamento, aquela que se apresenta no formato de espirais que, tal como raios em zigue zague, a levou para caminhos que não sabia que seguiria, mas que a curaram do nojo, nos instantes que,

como brechas, brincavam n'E.L.A misturando tempos e abrindo mundos. E, por sua sorte, foram muitos esses instantes criadores. E.L.A aprendeu, nesse percurso, que só a sensibilidade é capaz de nos fazer superar o nojo ou o espasmo caosmótico, lançando-nos em outros tempos capazes de nos fazer vencer o ritmo patológico pelo qual nossos dias e noites se vêem tomados. Ouvir-se e ouvir o mundo, num mesmo processo, desfez n'E.L.A a vontade de olho e, assim, pode encontrar outros mundos dentro desse sendo guiada, muitas vezes, por devires inumanos. O encontro com vários signos produziram questões que E.L.A pode ir afirmando e, nesse processo, várias questões voltavam, mas ganhavam um destino narrativo diferente, porque E.L.A já se sabia diferente. Não precisava mais julgar, somente criar, para ser com a vida, como a vida, afirmando todos os encontros, guiada pelo devir mulher, mas sobretudo pelo devir criança que nada repete, constrói para destruir e destrói para criar e tudo feito através do Z. O Z do despecialista que mora n'E.L.A e é transdisciplinado. O Z do movimento elementar, movimento que presidiu a criação do mundo, como sugere Deleuze. O Z que lembra uma serpente e esta, um rio, para os indígenas. O Z, do zigue zague das aranhas tecendo a sua teia. O Z que E.L.A deseja que as crianças do presente encontre se cuidarmos da terra e do céu como precisam ser cuidados . O Z que se escuta porque se sabe efetivando-o no caminhar com todos os seus riscos e maravilhas.

### **Ouvir**

**aqui**

<https://mega.nz/file/jsshETqY#5PTpuUbneWSUqxFgUVSDiHzUe7RH5uO1ETcevQLrHX8>

E ai E.L.A lembra que gostava de ouvir a rádio relógio. Ficava maravilhada com a mágica que acontecia em 60 segundos. Ouvia-se uma pulsação ao fundo, um som de tic tac e ai, uma voz de mulher falava: x horas, x minutos, zero segundos em total sintonia com o intervalo entre um tic e um tac e ai, havia uma espécie de dois pontos que se estendia por três toques, marcando três segundos e uma voz masculina falava: você... sabia? Nesse instante começava a falar as maravilhas que encantavam a menina. E.L.A lembra como se fosse hoje: "você sabia que a mosca é um dos insetos mais ligeiros a voar e que se ela pudesse voar em linha reta levaria 28 dias para voar o mundo todo?" Ele falava e o tic tac estava ao fundo. Nesse momento o coração da menina e o tic tac eram uma coisa só e uma excitação lhe percorria o corpo: era o



mundo entrando n'E.L.A através da mosca! No instante seguinte em que terminara o parágrafo acima, vai ao Google e escreve: "radio relógio- você sabia?". Mal sabia que, no século XXI, uma outra magia ocorreria, essa lembrança que estava n'E.L.A podia ser reencontrada em 1 segundo por qualquer um! (<https://www.youtube.com/watch?v=crBy1A0oh30>). Mas, a mosca sabia que "a reta é uma curva que não sonha" e por não sonhar, o olhar reto que faz tudo correr, encurtando os espaços não permite que se capte os instantes de maravilhamento com a vida. Por isso a mosca não conseguiria "ver" o mundo em 28 dias, era anti-tecnológica, mesmo que seu corpo lhe possibilitasse isso, preferira escolher voar em zigue zagues. A criança, tal como a mosca, é mais ligeira que adultos, mas brinca em zigue zagues. Então, embora E.L.A tenha feito esse "gesto tecnológico" movida pelo corpo do presente, esse corpo digitalizado viciado no instantâneo, sabia que a magia daquele instante, a magia daquele passado do rádio n'E.L.A era um tesouro só d'E.L.A, memória de seu corpo que também trazia seu pai para ele porque o rádio onde ouvia tudo, onde o mundo entrava pelos ouvidos, tinha sido feito por ele. Tem esse rádio até hoje! Então não existia o rádio como mercadoria para E.L.A. O mundo do século XXI não vive a temporalidade da experiência. Não tem pulsação. A velocidade corta o pulso. Corta a respiração. O mundo do século XXI não tem extensão vocal, territorial, existencial. Não tem duração. Mas, no entanto, permite que E.L.A, com suas orelhas pequenas, continue a expandir-se de outra maneira. Talvez por isso E.L.A use tanto o google, mesmo sabendo de seus perigos. Mas só porque sabe selecionar o que lhe convém a expansão a partir daquilo que aprendera antes, quando conheceu o pulsar pelas ondas da rádio relógio e aprendeu a olhar o mundo como a mosca. Descobre agora que não foi Nietzsche que a ensinou a ampliar a visão! Com a experimentação-mosca aprendeu a ter velocidade no pensamento, mas a enxergar o mundo com uma lente gigante que o coloca em câmera lenta, lhe conferindo a possibilidade de digerir o que vê porque seus olhos são outros, são ouvido e sensações. Seu corpo é disforme ou não é conforme o corpo que se espera, pois só funciona dessarrumando o corpo modelo. E pode falar de experimentação-mosca porque conversa com elas e as observa desde a infância, com respeito e reverência. Tal como elas, sabe que, mesmo agora, em que tem uma nova ferramenta para ver o mundo todo em 28 dias, prefere não ser linear. Continua fiel a mosca. Sabe que mosca é poesia. É composição que se

esboça em zigue zague cortando o ar, mesmo que esse pareça inexistente para nós. E, nesse instante, lembra de Deleuze<sup>167</sup> quando disse que o som mais importante é o ZZZZ, que é o tic tac das asas velozes da mosca, fazedoras de vento cujo som expressa o corte delas no espaço vazio onde, complementa E.L.A, sustenta seu olhar de 360 graus, que, rodopiando, capta todos os instantes e todos os espaços em flashes precisos a partir de uma câmera lenta ocular que os digere e os expande em seu corpo. Nenhum detalhe escapa. Sua visão é nítida, mas a nitidez provém de um processo que congela as imagens e, a partir daí, faz com que consiga ver com olhos da sabedoria, aqueles que não se deixam pegar facilmente pelo minúsculo, porém orgulhoso, olho humano. Deleuze é um sábio zen! Mas a mosca, ah, a mosca, é uma deusa do Z, movimento que presidiu a criação do mundo, formato do raio que o iluminou e lhe tirou das sombras e as crianças, ah as crianças, essas são todas pagãs, todas poetas, como dizia Galeano.<sup>168</sup>

Mas, a mosca pode ser pega pela teia de aranha. Mas só é pega na teia porque a teia traz o Z como fundo que sustenta a espiral onde a mosca cai. É atraída pelo Z. Quando cai na teia, no centro dela, é enrolada pela aranha em sua seda, embalada para ser devorada em algum momento oportuno. Não precisa envenená-la, só embalá-la. Nesse estado, a mosca se prepara para a morte sem ressentimento. Esse poderia ser o jogo trágico da existência: Do Z de corpos que se encontram, uma fâisca te fez (assim como o cosmos). Logo, do Z viestes e para o Z retornastes embalada pela seda amorosa da vida.

Agora que chegamos até aqui resolve assinar a anti-tese: A.R.N. A.R. Nascimento. Aline Ribeiro Nascimento.

Ribeiro, de rio e Nascimento, nesse rio e mais além.

Canto de Oxum e Iemanjá. Maria Bethânia.

<https://www.youtube.com/watch?v=UhmwtlulUqc>



Playlist da anti-tese:

[https://www.youtube.com/playlist?list=PLqSwK-oWJ2vh2-xZb02ObxIFCek\\_4\\_IrB](https://www.youtube.com/playlist?list=PLqSwK-oWJ2vh2-xZb02ObxIFCek_4_IrB)



## Notas conversa

### Introdução

<sup>1</sup> Ouvir aqui remete ao como escutar como aquilo que nos é mais essencial e esse como define o ouvir; não ouvir a mim implica no exercício ético do ouvir, ouvir para ouvir-se a partir do *lógos* e ser tudo um, ou seja, uno-múltiplo.(Fragmento I e III). Cf. COSTA. Alexandre. Heráclito fragmentos contextualizados.Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, p.197 e 222-223)

<sup>2</sup> Aprendera com Nietzsche o que este aprendera com os gregos: "oh, esses gregos! Eles entendiam do viver! Para isto é necessário permanecer valentemente na superfície, na dobra, na pele(...)Esses gregos eram superficiais – por profundidade! ” (NIETZSCHE, F. A Gaia Ciência. São Paulo: Companhia das Letras,[2001, p. 15). E aprendera com Paul Valery "que o há de mais profundo no homem é a pele" (L'idée fixe". In: Oeuvres complètes. Tome II, 1960, p. 215) e José Gil quando diz que a pele é a interface paradoxal zona fronteira, elástica e atmosfera do corpo (Metamorfoses do corpo, 1997. p.155) que, por sua vez, conversam (com / em) Deleuze, Guattari e Rolnik (pele vibrátil, corpo vibrátil) estes, com Nietzsche e Espinosa. Ou seja, que o que sempre está em jogo é um traçado de afetos que se dá entre um corpo e outro, portanto, não está alojado "dentro" do corpo, mas faz-se sentir na pele, na superfície e se dá no espaço de contato entre um corpo e outro, entre uma pele e outra, na porosidade desse encontro, na relação de uma força com outra criadora de mundos sensíveis, desde que a pele se mantenha elástica e crie as condições para agenciamentos ativos nos quais o desejo desliza e abre mundos. É pela pele que circula eros.

<sup>3</sup> Cf. ADES, César. **A construção da teia geométrica enquanto instinto: primeira parte de um argumento.** Psicol. USP v.6 n.1 São Paulo 1995. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51771995000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771995000100008) Acesso em: 20 jun 2022

<sup>4</sup> Imagem retirada de: <https://bio.staern.li/webconstruction.php?lang=en> Acesso em:20 jun 2022

<sup>5</sup> Cf. NIETZSCHE, F.: prelúdio a uma filosofia do futuro. 2ª ed., S. Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.23.

<sup>6</sup> Trata-se de um momento em que Nietzsche faz uma crítica a Descartes dizendo que "um pensamento vem quando "ele" quer, e não quando "eu"quero", de modo que é um *falseamento* da realidade efetiva dizer: o sujeito "eu" é a condição do predicado 'penso". Isso pensa". Cf. NIETZSCHE. Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro[1992], p.23. Essa passagem tem íntima como também num fragmento póstumo em que dirá: O pensamento ... emerge em mim - de onde? Por meio de que? Não sei. Ele vem, independentemente de minha vontade costumeiramente envolto e ensombrecido por uma multidão de sentimentos, desejos, aversões, também de outros pensamentos... Nós o extraímos de tal multidão, limpamos, colocamo-lo sobre seus pés... quem faz isso tudo? - não sei, e sou aqui, seguramente mais espectador do que causa desse processo... Que em todo pensar parece tomar parte uma multiplicidade de pessoas:- isso não é, de maneira alguma, fácil de observar, somos fundamentalmente mais fortes no inverso, ou seja, ao pensar, não pensar no pensar. A origem do pensamento permanece oculta; é grande a probabilidade de que ele é apenas sintoma de um estado muito mais abrangente; que justamente ele chega e nenhum outro, que ele chega justamente com essa maior ou menor clareza, por vezes seguro e imperioso, por vezes fraco e carente de apoio...exprime-se em sinais, em tudo isso, alguma coisa de nosso estado global (NIETZSCHE, Fragmento póstumo; GA XIV, 40s., Junho-julho de 1885 ,n. 38[1]; KGW VII3, p. 323 s, apud MÜLLER-LAUTER, 1997:150). Em Blanchot o Isso será chamado de neutro como aquilo que nos destitui do poder de dizer eu e que nos coloca diante da experiência do fora no trânsito do eu ao ele, no caso aqui, ela; é a escrita em terceira pessoa, como diz em Espaço Literário (1987), na A conversa infinita 3: ausência de livro, o neutro o fragmentado (2010) e no Conversa infinita experiência limite, quando diz, por exemplo, que para Heráclito, o divino está no neutro (2007).

<sup>7</sup> Intempestivo é um conceito nietzschiano que implica no exercício da intempestividade, isto é saber estar "contra o tempo, e com isso, no tempo, esperando, com isso, estar a favor de um tempo futuro" (NIETZSCHE, F. Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, p7). É, portanto, na dimensão do intempestivo- que está ao mesmo tempo no e fora do tempo- que a vida, como avaliadora, como aquela que nos obriga a instaurar valores, age em nós, valora através de nós e nos possibilita produzir a diferença, também dirá Nietzsche em Crepúsculo dos Ídolos (NIETZSCHE, F. Crepúsculo dos Ídolos ou como filosofar com um martelo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000,p. 37)

<sup>8</sup> Tanto para os pré-socráticos quanto para os poetas/ cantores (*aedos*) a realidade do *cosmos* não era diferente da realidade da *physis*; o *deiv* era a dimensão comum do pensamento e da vida, refletindo o jogo trágico dessa realidade nos corpos. Cf. NASCIMENTO, A.R. A palavra (en) cantada do aedo: o

poeta como guardião da memória da tradição trágica. In: Desafios da memória em direção às formas de criação. Tese de doutorado em Memória Social, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2011. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Teses/Tese%2011.pdf> Acesso em 01 jul 2022.

<sup>9</sup> Aprendera, com Nietzsche, que a cultura grega jamais foi autóctone e que se serviu de elementos de outros povos, como a filosofia egípcia ou persa, mas lhes deu um outro destino. In: Nietzsche, F.. A filosofia na idade trágica dos gregos. Lisboa: Edições70, 2002.

<sup>10</sup> Aedo em grego antigo significa “cantor”; os aedos eram os poetas que, antes da invenção do alfabeto, praticavam o culto da deusa *Mnemosyne* e das musas, que eram suas filhas, e recebiam dessas divindades o dom de compor canções ao som da lira. O poeta do *aedo* era o responsável pela educação e perpetuação dos valores trágicos da cultura grega antiga que se perderam quando a “razão” platônico-socrática entrou em cena. Essa educação partia de uma força mágico-religiosa chamada *Mnemosyne* que cantava através dele, o possuía e o transformava em porta-voz da verdade (*alétheia*). Ela também produzia nele o esquecimento, como uma espécie de proteção para que ele pudesse se lançar às forças do cosmos, e, em delírio, tivesse acesso à intensidade do tempo dos deuses, o tempo de *aion*, comum à *physis* e ao *cosmos*. Não havendo, aqui, intermediação da razão nesse processo, mas um lançar-se às forças, sob a proteção do esquecimento “de si mesmo”. Cf. NASCIMENTO, A.R. A palavra (en) cantada do aedo: o poeta como guardião da memória da tradição trágica p.48-57. In: Desafios da memória em direção às formas de criação. Tese de doutorado em Memória Social, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2011.

<sup>11</sup> Cf. NIETZSCHE, F. Assim Falou Zaratustra. São Paulo: Companhia das letras, 2011, Prólogo 5, p.18: “Eu vos digo: é preciso ter ainda caos dentro de si, para poder dar à luz uma estrela dançante. Eu vos digo: tendes ainda caos dentro de vós. Ai de nós! Aproxima-se o tempo em que o homem já não dará à luz nenhuma estrela. Ai de nós! Aproxima-se o tempo do homem mais desprezível, que já não sabe desprezar a si mesmo”.

<sup>12</sup> Cf. NIETZSCHE, F. Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. 2ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.182.

<sup>13</sup> No encontro de corpos afetos se cruzam e produzem afecção, afirmação de um corpo sobre outro e efeito de um corpo sobre outro, como aprendera com Espinosa em sua Ética. Logo, como dirão Deleuze e Guattari, “não indicam um sentimento pessoal, tampouco uma característica, ele é a efetuação de uma potência de matilha, que subleva e faz vacilar o eu” (Mil Platôs V.4; *capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1997, p.22)

<sup>14</sup> C.f. ANDRADE, Vanessa Menezes . O Muleke e o Afrobetizar: Sankofa nos dias de destruição. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal Fluminense

<sup>15</sup> Essa temática das orelhas está presente nas passagens do Zaratustra chamadas, respectivamente, Da redenção” e “O Despertar”. Na primeira, Nietzsche apresenta Zaratustra caminhando por vários homens aleijados pedindo a Zaratustra para curá-los, mas ele dirá a eles que o mais enfermo dos homens não são eles, mas aqueles que não passam de um grande olho ou de uma grande boca. Conta que o pior encontro que teve foi com uma grande orelha que trazia como caule, bem pequeno, um homem, e que essa grande orelha era chamada, por todos, de gênio, o responsável pelos discursos do tipo “foi assim”. Já, na segunda, apresenta uma conversa do Zaratustra com o asno (orelhas longas) e ele percebe que esse personagem sabia dizer sim, expresso em seu bramido próprio como “I-A”. Mas esse “I-A” era uma repetição, uma ladainha, um clichê, que diz “sim” aquilo que se carrega, aos valores que precisam ser conservados como sendo a única expressão de uma vida, acreditando, no entanto, que dessa forma se estivesse afirmando a vida. Como sugere Deleuze: “Ele acredita que afirmar seja carregar; ele avalia o valor de suas afirmações pelo peso daquilo que carrega” ( A Ilha Deserta: e outros textos. São Paulo: Iluminuras, 2006, p.150). Ainda sob esse tópico “das orelhas grandes” e “pequenas” é importante assinalar que ele percorre vários escritos de Nietzsche.

<sup>16</sup> Otium criativo, ócio criativo, exercício dos filósofos pré-socráticos que admiravam , pensavam e escreviam pequenos fragmentos acerca do movimento do mundo a partir da vida contemplativa. O ócio passou a ter uma relação de começo de todos os vícios na era do trabalho. O trabalho e a diligência que antes pertenciam à deusa Saúde”, na modernidade “se transforma em doença”, dirá Nietzsche em Humano Demasiado Humano. Já na primeira sentença do livro *O Crepúsculo dos Ídolos* vincula psicologia ao ócio, inclusive o livro foi descrito como nascendo a partir “do seio do ócio de um psicólogo”. A citação é a seguinte: “O ócio é o começo de toda psicologia. Como? A psicologia seria um vício?” Curiosamente, encontramos no fragmento póstumo verão de 1887 11[107] a palavra filosofia no lugar da psicologia: “A ociosidade é o início de toda filosofia. Conseqüentemente, seria a filosofia um vício?...” Por que será que ele substituiu filosofia por psicologia? Mais ainda, conforme salienta Montinari, num artigo chamado “Ler Nietzsche: crepúsculo dos ídolos”, publicado originalmente em Nietzsche-Studien,13, 1984, com tradução de Ernani Chaves, diz: “Um caderno de anotações de Gênova, da época imediatamente anterior à redação da *A Gaia ciência*, contém, de fato, o seguinte fragmento: “A

ociosidade de Zaratustra é o início de todos os vícios" (fragmento póstumo 12 (112) do outono de 1881; KSA, 9, p. 596) e, ao final, ainda como título: "A ociosidade de Zaratustra de F(riedrich) N(ietzsche)" (fragmento póstumo 12 (225) do outono de 1881; KSA, 9, p. 616) (...) A ociosidade de Zaratustra tornou-se na primeira versão do título do *Crepúsculo dos Ídolos*, 'Ociosidade de um Psicólogo' (fragmento póstumo 22 (6) de setembro a outubro de 1888; KSA, 13, p. 586)".

<sup>17</sup> Segundo Bifo, Guattari formulou o conceito de espasmo caótico em seu último livro, *Caosmose*. Ele escreveu essa frase só uma vez no livro; era apenas uma intuição poderosa que ele não teve tempo de elaborar. Mesmo assim, a frase expressa a contração dolorosa provocada pelo caos, que leva a uma transformação na relação rítmica entre o organismo e o seu ambiente. Cf. BERARDI, Franco (BIFO). A guerra e o espasmo cósmico: relendo o *Plano para o planeta*, de Guattari. Disponível em: <https://www.n-ledicoes.org/a-guerra-e-espasmo-caosmico-relendo-o-plano-para-o-planeta-de-guattari/>. Acesso em: 20 março 2022.

<sup>18</sup> Cf. entrevista de Bifo "Fascismo senil y algoritmo financiero. Usos de Bifo // Entrevista a Franco "Bifo" Berardi por Diego Sztulwark, Lobo Suelto: Anarquía Coronada, nov 2018. Disponível em: <https://lobosuelto.com/fascismo-senil-y-algoritmo-financiero-usos-de-bifo-entrevista-a-franco-bifo-berardi-por-diego-sztulwark/>. Acesso em: 10 de fev de 2022.

<sup>19</sup> Para Foucault a racionalidade política se enraizou a partir da ideia de poder pastoral e depois na de razão de Estado, tendo como efeito inevitável a individualização e a totalização. Essa razão não reside numa arte de fazer com que reine a ordem e a paz, mas no modo de conduzir populações, governar suas condutas e no qual o que se fomenta é a guerra de todos contra todos. Nesse processo, razão de estado e policia se misturam no processo de formação da biopolítica, isto é, governo da vida, dos viventes, em todas as suas formas. Cf. CASTRO, Edgar. Vocabulário de Foucault: um percurso pelos temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

<sup>20</sup> Cf. KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Nas palavras de KOPENAWA: Os fantasmas dos antigos xamãs e seus espíritos maléficos já começaram a se vingar em terras distantes, provocando secas e inundações constantes. Os espíritos do céu, Hutukarari, do vendaval, Yarioporari, do sol, Mothokari, da chuva, Maari, dos raios, Yãpirari, dos trovões, Yãrimari, e do caos, Xiwãripo, estão furiosos com os brancos que maltratam a floresta. Assim é. A floresta é inteligente, ela tem um pensamento igual ao nosso. Por isso ela sabe como se defender, com seus xapiri e seus seres maléficos. Ela só não retorna ao caos porque alguns xamãs ainda fazem dançar seus espíritos para protegê-la. Mas hoje em dia, como eu disse, há nela cada vez mais xapiri furiosos, conforme seus pais vão sendo devorados pela epidemia xawara. Por enquanto, os espíritos dos xamãs vivos ainda estão conseguindo contê-los. Mas, sem o trabalho deles, a floresta e o céu não vão mais conseguir ficar muito tempo no lugar e continuar silenciosos e tranquilos como estamos vendo agora! (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 496-497)

<sup>21</sup> Cf. KRENAK, Ailton. O amanhã não está à venda. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 5-7

<sup>22</sup> Cf. KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p.310. Nas palavras de KOPENAWA "Nossos antigos sempre foram protegidos das doenças pelo frescor da floresta. Somos de outro sangue. Nunca vivemos, como os brancos, em terras ardentes e sem árvores, percorridas por máquinas em todo lugar. No primeiro tempo, nossos maiores viviam sozinhos na floresta, longe das mercadorias e dos motores. Essas fumaças de epidemia têm um cheiro ruim que cortou o sopro de vida deles. Desde que as respiraram, morreram todos, uns após os outros. E, ainda hoje, as gentes das terras altas continuam morrendo disso. Eu gostaria de ter dito aos brancos, já na época da estrada: "Não voltem à nossa floresta! Suas epidemias *xawara* já devoraram aqui o suficiente de nossos pais e avós! Não queremos sentir tamanha tristeza de novo! Abram os caminhos para seus caminhões longe da nossa terra!"

<sup>23</sup> Idem, p. 367-368. Nas palavras de KOPENAWA: "A epidemia xawara prospera onde os brancos fabricam seus objetos e onde os armazenam. Sua fumaça surge deles e das fábricas em que cozem os minérios de que são feitos. É por isso que a doença e a morte golpeiam os habitantes da floresta assim que estes começam a desejar as mercadorias. O fato de acumular com sofreguidão roupas, panelas, facões, espelhos e redes atrai o olhar dos seres da epidemia, que então pensam: "Essa gente gosta de nossas mercadorias? Ficaram nossos amigos? Vamos lhes fazer uma visita!". Chegam logo seguindo os brancos em suas canoas, aviões e carros, sem que se possa vê-los. Os grandes rios, as estradas e as pistas de pouso são seus caminhos e portas de entrada na floresta. É acompanhando os objetos dos brancos que acabam vindo se instalar em nossas casas, como convidados invisíveis. De modo que, para nós, as mercadorias têm valor de epidemia xawara. É por isso que as doenças sempre as seguem. É com peças de metal que esses males nos dilaceram a garganta ou nos furam os olhos e o crânio. Acontece sempre do mesmo

modo. Os seres maléficis xawarari não tiram os olhos das mercadorias, para onde quer que elas vão, mesmo muito longe das cidades. Quando um avião carregado voa para nossa floresta, eles seguem atentamente o seu trajeto. Depois, nem bem ele aterrissa, começam a buscar humanos para devorar nos arredores. Contudo, suas vítimas não podem vê-los chegar. Só os xapiri conseguem". (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 367-368)

<sup>24</sup> Em relação à esperança, é interessante nos reportarmos ao aforismo 71 de *Humano Demasiado Humano*, chamado "A esperança" que fala sobre o vaso de Pandora: "Pandora trouxe o vaso que continha os males e o abriu. Era presente dos deuses aos homens, exteriormente um presente belo e sedutor, denominado 'vaso da felicidade'. E todos os males, seres vivos alados, escaparam voando; desde então vagueiam e prejudicam os homens dia e noite. Um único mal ainda não saíra do recipiente; então, seguindo a vontade de Zeus, Pandora repôs a tampa, e ele permaneceu dentro. O homem tem agora para sempre o vaso da felicidade, e pensa maravilhas do tesouro que nele possui; este se acha à sua disposição: ele o abre quando quer; pois não sabe que Pandora lhe trouxe o recipiente dos males, e para ele o mal que restou é o maior dos bens - é a esperança - Zeus quis que os homens, por mais torturados que fossem pelos outros males, não rejeitassem a vida, mas continuassem a se deixar torturar. Por isso lhes deu a esperança: ela é na verdade o pior dos males, pois prolonga o suplício dos homens." Cf. NIETZSCHE, F. *Humano Demasiado Humano: um livro para espíritos livres*. S. Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.63-64.

<sup>25</sup> Inspirada em Nietzsche da Segunda Intempestiva **da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003 e em David Lapoujade em *Potências do tempo*. São Paulo: N-1 Edições, 2013 em especial as sessões Tempo e Afeto e Depois do homem.

<sup>26</sup> Cf. NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. 2ª ed., S. Paulo: Companhia das Letras, 1992, aforismo 119, p. 75.

<sup>27</sup> Deusa titã. Irmã de *Crono* e de *Okeanos*, mãe das Musas cujo coro ela conduz e com os quais às vezes, se confunde, conforme assinala Hesíodo na *Teogonia*, assinalado por Vernant em *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. Maiores detalhes c.f. NASCIMENTO, A. R. A palavra (en) cantada do aedo: o poeta como guardião da memória da tradição trágica p.48-57. In: *Desafios da memória em direção às formas de criação*

<sup>28</sup> Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Ano Zero: Rostidade*. In: *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. vol. 3. São Paulo: 34, 1996. p. 31-62. Rostidade entendida como superfície na qual se inscrevem valores, padrões e signos fixos de uma realidade inventada como dominante posto que transformada em um único mundo, em modelo de mundo. Nas palavras dos autores: "Uma criança, uma mulher, uma mãe de família, um homem, um pai, um chefe, um professor primário, um policial, não falam uma língua em geral, mas uma língua cujos traços significantes são indexados nos traços de rostidade específicos. Os rostos não são primeiramente individuais, eles definem zonas de frequência ou de probabilidade, delimitam um campo que neutraliza antecipadamente as expressões e conexões rebeldes às significações conformes" (D & G, 1996, p. 36)

<sup>29</sup> Cf. NASCIMENTO, Aline Ribeiro PEIXOTO, Maria Ignês. Da cultura platônica judaico-cristã à cultura capitalística: modulações do niilismo na construção da memória. *Morpheus* - ano 08, número 13, 2008. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/morpheus/article/view/4814/4304>. Cf. também NASCIMENTO, Aline R. A sombra de Deus na modernidade: a consciência como razão histórica e a memória hipertrofiada. O niilismo se expande até se tornar o nada de vontade. In: *Desafios da memória em direção as forças de criação*. Tese de doutorado em Memória Social, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2011. p.393-409. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Teses/Tese%2011.pdf>

<sup>30</sup> Nas palavras de KOPENAWA: ".Nós somos outros. Quando nossos olhos, durante o dia, morrem com o pó de *yākoana*, à noite dormimos em estado de fantasma. Assim que adormecemos, os *xapiri* começam a descer em nossa direção. Não é preciso beber *yākoana* de novo. Seus cantos misturados ressoam de repente na noite, como os gritos estridentes dos bandos de papagaios nas árvores. E logo percebemos, na escuridão, seus inúmeros caminhos luminosos enredados se aproximando, cintilantes como o brilho da lua. Então começamos a responder a seus chamados e, assim, seu valor de sonho chega a nós. Nosso corpo permanece deitado na rede, mas nossa imagem e nosso sopro de vida voam com eles". Cf. KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p.461.

<sup>31</sup> O nome *Aion* deriva de *aiei* (sempre) e sua "tradução heraclitiana" como aquele que é uma criança jogando e ao mesmo tempo reinando o jogo, faz com que o "ser" do "tempo", seja o devir, ou melhor, que a afirmação da totalidade da vida seja a afirmação do jogo no qual o devir brinca com a criança e como a criança. O tempo de *aion* é o tempo do tornar-se, o tempo da transformação na qual a eternidade é tomada como "uma criança, criando, jogando o jogo das pedras; vigência de criança" (HERÁCLITO, 1991, fragmento 52). Portanto, é um tempo contínuo e indeterminado, que não se esgota e não tem uma direção

prévia, ele não se distribui numa lógica de anterior e posterior e também não comporta um presente, que serviria de base para pensar passado (anterior) e futuro (posterior), passado e futuro acontecem juntos num instante em que se eterniza. Não é um tempo que preserva a Ideia de um progresso ou de um desenvolvimento, mas é um tempo “louco”, um tempo que se apresenta ao poeta através do delírio: ele é possuído pela deusa *Mnemosyne*. A verdade se produz, então, pela loucura e se faz discurso através da palavra que se apossa do poeta. O delírio lhe permite sair de si mesmo, perder as referências, livrando-o do tempo de *cronos*, ordenador e circular. Verdade e loucura não se contrapõem aqui. Cf. NASCIMENTO, A. R. A inocência do devir capturada pelas armadilhas do ser: quando o jogo humano se falsifica em jogo divino p.143-154. In: Desafios da memória em direção as forças de criação. Tese de doutorado em Memória Social, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2011.

<sup>32</sup> Cf. NARBY, Jeremy. A serpente cósmica, o DNA e a origem do saber Dantes Editora; 1ª edição, 2020, p.97-107; ELIADE, Mircea. Mefistófoles e o androgeno. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p.90 e CAMPOS, Augusto. Paul Valéry: a serpente e o pensar. São Paulo: Ficções, 2011, página 93-105.

<sup>33</sup> NARBY, Jeremy. A serpente cósmica, o DNA e a origem do saber Dantes Editora; 1ª edição, 2020, p.90

<sup>34</sup> Idem, p. 100. Convém assinalar que chegou até esse livro ouvindo uma live do Krenak com Jeremy em dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pbG4BdQnLc>

<sup>35</sup> Idem. O antropólogo, ao adentrar no universo dos xamãs amazonenses viu a serpente cósmica durante seu processo espiritual guiado pelos indígenas. Ao indagar por que havia visto uma cobra após tomar ayahuasca, teve como resposta que a cobra era a mãe do ayahuasca. Ao longo de seu trabalho foi sentindo que a serpente cósmica era mestre em metamorfose e que nos mitos do mundo em que desempenha um papel central, ela cria se autotransformando; muda enquanto permanece a mesma. A partir dessa intuição procurou a relação entre a serpente cósmica – esse mestre da transformação em forma serpentina, que vive na água e pode ser ao mesmo tempo extremamente longo e minúsculo, simples e duplo como o DNA. Essa relação se deu porque aprendera com os indígenas que a natureza se comunica conosco através das formas pelas quais se apresenta e, para o autor, a forma DNA em tudo se assemelha a descrição da serpente e sua relação com a vida na terra. Todo esse processo o aproximou de uma conversa com as plantas e com os seres inumanos que não vemos, mas está presente nelas.

<sup>36</sup> Cf. CAMPOS, Augusto. Paul Valéry: a serpente e o pensar. São Paulo: Ficções, 2011

## Trajetórias do tempo, tempo das trajetórias

<sup>37</sup> A alegoria da caverna é narrada por Platão como discurso de Sócrates, no livro VII da *República*. Nessa obra o problema central é o da justiça, ou seja, a preparação de um Estado bem constituído, sendo que é na teoria das “partes da alma” que desemboca a investigação platônica referente ao problema do que é justo, isto é, nas diferentes funções morais da alma, nas diferentes formas que a sua atividade moral adota. Como afirma Jaeger, no livro *Paidéia* (2003, p.751): “O Estado de Platão versa, em última análise, sobre a alma do homem”. Para tanto, Platão queria se transformar no novo educador grego, num modelador de almas”, ou, dito nietzschianamente, numa espécie de “melhorador” da humanidade. Daí as duras críticas proferidas a Homero, o grande poeta trágico que até então era conhecido como o educador de toda Grécia. No lugar do poeta educador do povo, agora, o filósofo teria essa função. Nessa arte política, exposta na forma de diálogos, as contradições são problematizadas e superadas em sínteses ou unidades conceituais, porque, na *República* de Platão, os princípios da unidade, semelhança e identidade são valorizados em detrimento da multiplicidade, posto que são vistos como chave de acesso ao mundo perfeito e inteligível. Talvez voltemos a ela mais a frente quando o Estado aparecer...Cf. NASCIMENTO, A. R. O Mito da caverna ou como o sol e o olho filosófico passam a julgar a vida se colocando acima dela. In: Desafios da memória em direção as forças de criação. Tese de doutorado em Memória Social, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2011, p.32-39

<sup>38</sup> Xenofonte, na obra *As Memoráveis*, testemunha a existência de Sócrates, porém interpretando-o do ponto de vista de um estrategista militar, lembrando que Xenofonte tinha uma ardente inclinação para a guerra e para a aventura. Cf. JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.1215).

<sup>39</sup> Cf. NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, III dissertação, aforismo 12, p.109.

<sup>40</sup> BARROS, Manoel de. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010, p.416.

<sup>41</sup> *Ibidem* p.363

<sup>42</sup> *Ibidem*

<sup>43</sup> *Ibidem*

<sup>44</sup> *Idem*. Tratado geral das grandezas do ínfimo. Rio de Janeiro: record, 2001, p.40.



<sup>45</sup> Deleuze e Guattari, no Anti-Édipo dizem: A chamada análise transcendental é precisamente a determinação [de] critérios imanentes ao campo do inconsciente enquanto *opostos* aos exercícios transcendentais de um «o que é que isto quer dizer?». A esquizoanálise é ao mesmo tempo uma análise transcendental e materialista. Ela é crítica, no sentido de que leva à crítica de Édipo, ou leva Édipo ao ponto de sua própria autocrítica. Ela tem o propósito de explorar um inconsciente transcendental, em vez de metafísico; material, em vez de ideológico; esquizofrênico, em vez de edipiano; não figurativo, em vez de imaginário; real, em vez de simbólico; maquínico, em vez de estrutural; molecular, micropsíquico e micrológico, em vez de molar ou gregário; produtivo, em vez de expressivo. O que temos aqui são princípios práticos como direções da 'cura'. (DELEUZE; GUATTARI, *Psicanálise e familiarismo: a santa família (o sentido é uso)*. In: *Anti-Édipo*, São Paulo: Ed.34,2010, p. 149-150). Cf. também aula de Ulpiano sobre experiência transcendental : <https://acervoaudioulpiano.wordpress.com/2017/09/03/aula-em-video-a-experiencia-transcendental/>)

<sup>46</sup> Cf. Dicionário grego-português. Portugal: Porto Editora, s/d.

<sup>47</sup> Os devotos de Dioniso após dançarem com ele, caem semidesfalecidos. Nesse estado acreditavam sair de si pelo processo do ékstasis, 'êxtase'. O sair de si implicava um mergulho de Dioniso em seu adorador através do *enthusiasmós*, 'entusiasmo'. O homem, simples mortal, *ánthropos*, em êxtase e entusiasmo, comungando com a imortalidade, tornava-se *ánér*, isto é, aquele que ultrapassou o *métron*, a medida de cada um. Cf. BRANDÃO, Junito. *Mitologia grega II*. Petrópolis: Vozes, 1987, p.132.

<sup>48</sup> No mundo analógico da época da monografia, a fonte da escrita era parecida com a que usamos aqui, feita em máquina de escrever e, nessa época digital que começa a se delinear mais para o final dos anos 90, com a exigência de escrever todos os trabalhos no word, a fonte exigida pela ABNT é times new roman.

<sup>49</sup> Uma dessas falas, registrada na monografia era de uma telespectadora que, ao ser interrogada sobre a existência de crianças de rua dizia que esse problema se resolveria se "os pobres não tivessem mais filhos, pois somente dessa forma não existiriam menores de rua e conseqüente violência". Uma fala que comungava com a fala dos representantes políticos da época e reforçada pela produção midiática sempre vinculando pobreza e marginalidade. Pedia-se a redução da idade penal alegando que só assim se combateria a criminalidade. Esse pedido vinha do secretário de segurança do Rio de Janeiro, que era um general o Nilton Cerqueira e do Prefeito Cesar Maia. Em SP, o mesmo ocorria. Na mesma matéria, para dar a falsa imagem de imparcialidade, o jornal o Globo, coloca a opinião contrária a essas acima, como a do criminalista Virgílio Donnici que dirá que não se combate criminalidade associando-a ao número de menores de 18 anos, mas criando-se um plano de amparo social e, logo em seguida aparece a fala da secretária municipal de Desenvolvimento Social da época, Wanda Engell, que, dirá, numa mesma frase que não se pode jogar um menino de 16 anos na penitenciária e, além disso, ao contrário dos que muitos pensam, o E.C.A prevê a perda de liberdade do menor, que deve ficar numa instituição socio-educativa e que é preciso fazer funcionar institutos como o Padre Severino. Logo em seguida, na mesma reportagem aparecerá o modelo punitivo da Inglaterra em que a prisão ocorre a partir dos 10 anos de idade...

<sup>50</sup> Cf. LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

<sup>51</sup> Heráclito. Fragmento LIX. Cf. COSTA, Alexandre. *Heráclito fragmentos contextualizados*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, p. 206

<sup>52</sup> AMARAL E SILVA, Eder. *A cruzada das crianças: constelações da infância à penumbra*. Seguida da tradução para o português de "Co-ire: album systématique de l'enfance" de René Schérer e Guy Hocquenghem, 1976. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Rio de Janeiro: UERJ, 2016.

<sup>53</sup> Cf. matéria do Globo em: <https://oglobo.globo.com/rio/ampliacao-do-galeao-devera-mudar-entorno-do-aeroporto-9698776>

<sup>54</sup> SUESS, Paulo. *O batismo de Ns da Imaculada Conceição no Rio Paraíba e como ela se tornou "nossa" em Aparecida*. Disponível em: <https://www.missiologia.org.br/wp-content/uploads/SuessAparecida.pdf>

<sup>55</sup> Disponível em: [https://app.uff.br/slab/uploads/2006\\_d\\_Aline\\_Nascimento.pdf](https://app.uff.br/slab/uploads/2006_d_Aline_Nascimento.pdf)

<sup>56</sup> No momento em que relembra essa situação do 11 de setembro, se recorda do destino interpretativo dado ao caso do pequeno Richard, por Melanie Klein- que E.L.A só entrou em contato muitos anos depois, completamente distinto do dado por E.L.A num caso-acontecimento global. Então, de alguma forma aprendera, na sua formação, a desenvolver uma escuta diferente que já combatia reducionismos. Klein, ao analisar os desenhos do pequeno Richard, em 1941, em plena Segunda Guerra Mundial, direcionava seu olhar interpretativo para Édipo, quando, as imagens que trazia era dos efeitos da Guerra em seu corpo. A queixa que o levou a análise foi: "medo de ir à escola e de estar com outras crianças que o leva não mais querer sair de casa só". Um medo natural diante da guerra, sobretudo porque a própria caso do menino de 10 anos, em Londres, havia sido bombardeada, não com ele dentro, mas num dia que deixara Londres e, ao retornar, não tinha mais casa. A título de exemplo, Richard estava preocupado porque Londres havia sido bombardeada e pergunta a Klein se ela tinha visto Londres

“arrasada”, se tinha presenciado algum bombardeio enquanto estivera lá. Diz que não gostava da cidade que parecia um chiqueiro e, ao sair para o jardim vê alguns cogumelos que acredita serem venenosos, retorna sala e abre um livro apontando a figura de um monstro horrível lutando contra um pequeno homem. Klein dirá, interpretando essa fala e esses gestos que o medo à cidade ‘chiqueiro’ representava o seu ‘interior’ (inside) e o ‘interior’ de sua mãe, que tinha se tornado mau por causa das tempestades e das bombas de Hitler. Estas representavam o pênis do pai ‘mau’ entrando no corpo da mãe e transformando-o num lugar ameaçado e, ao mesmo tempo, ameaçador. O pênis ‘mau’ dentro da mãe também era simbolizado pelos cogumelos venenosos que tinham crescido no jardim durante minha ausência, assim como pelo monstro contra o qual lutava o pequeno homem (que representava o próprio menino). Maiores detalhes consultar: Cardoso Júnior, Hélio Rebello; Domingues, Renata Pimenta. INTOXICAÇÃO PELA METÁFORA SEGUNDO GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI: OS DESENHOS DO PEQUENO RICHARD (1941). Línguas e Instrumentos Linguísticos – Nº 33 - jan-jun 2014. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao33/artigo8.pdf>

<sup>57</sup> Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Teses/Tese%2011.pdf>

<sup>58</sup> Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41478/28747>

<sup>59</sup> Tal manejo fica evidente em todos os seus escritos, mas a título de exemplo podemos dizer que não é sem motivos que, no *Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche, logo após o prólogo, apresenta 44 breves aforismos numa seção que intitula como “Máximas e flechas”, afirmando, posteriormente, no *Ecce Homo*, que “aquilo que no título se chama ídolo é simplesmente o que até agora se denominou verdade. *Crepúsculo dos Ídolos* - leia-se: adeus à velha verdade” (1995, p.99).

<sup>60</sup> Alusão a luta contra o platonismo e o cristianismo, tal como aparece no prefácio de *Além do Bem e do Mal*: “Mas a luta contra Platão, ou, para dizê-lo de modo mais simples e para o “povo”, a luta contra a pressão cristã-eclesiástica de milênios — pois o cristianismo é o platonismo para o “povo” — produzia na Europa uma magnífica tensão de espírito como até então não havia na terra: com um arco assim teso pode-se agora mirar nos alvos mais distantes” (1992, Prólogo, p.8).

<sup>61</sup> Vibrar a corda significa também sustentar a tensão que percorrerá a mão do arqueiro para que consiga criar pensamentos/conceitos intempestivos. Podemos afirmar que todas as obras de Nietzsche tem essa característica, isto é, tanto a forma como escreve, quanto os alvos que escolhe atacar ilustram bem a potência disruptiva de sua flecha. No *Ecce Homo*, por exemplo, quando discorre acerca da intempestividade de seus escritos, dirá que na *Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*, esse exercício do espírito o tornou capaz de diagnosticar o presente (século XIX) definindo esse escrito como aquele no qual “o sentido histórico de que tanto se orgulha este século foi pela primeira vez reconhecido como doença, como sinal de declínio” (1995, p.67).

<sup>62</sup> Quando Nietzsche, em *Além do Bem e do Mal* fala que o mais perigoso em nós, os eruditos, é que temos o instinto de reivindicar mediocremente honra e reconhecimento para se tornar reconhecível a si mesmo, tendo necessidade de que reconheçam seu valor e sua utilidade, sendo tão somente homem dependente e membro de um rebanho. Incapaz de fluir como uma corrente, se deixa levar, sendo seu maior perigo afrouxar o arco teso, que, dessa maneira, não sustenta nada, se afrouxa na compaixão para ter sossego no trabalho. Cf. NIETZSCHE, 1992, p.109.

<sup>63</sup> Dai afirmar, no texto *O Sujeito e o Poder*, um de seus últimos trabalhos que aparece em anexo no livro de Rabinow e Dreyfus, “que problema político, ético, social e filosófico de nossos dias não consiste em tentar liberar o indivíduo do Estado nem das instituições do Estado, porém nos liberarmos tanto do Estado quanto do tipo de individualização que a ele se liga. Temos que promover novas formas de subjetividade através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos (DREYFUS, H; RABINOW, Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica, 2010, p. 283).

<sup>64</sup> Alusão a uma passagem do Zarathustra intitulada “De grandes acontecimentos”, quando diz: “Liberdade é o vosso grito preferido; mas eu desaprendi a ter fé nos “grandes acontecimentos” desde que à sua volta haja demasiado barulho (...) Os maiores acontecimentos - não são as nossas horas mais barulhentas, mas as mais silenciosas. Não em torno de novos barulhos: em torno dos inventores de novos valores, gira o mundo; gira inaudível”(1994, p. 143). Mas também a Foucault quando fala, no último parágrafo de *Vigiar e Punir*, que temos que ouvir o ronco surdo da batalha (1987, p. 254).

<sup>65</sup> Essa temática das orelhas está presente nas passagens do Zarathustra chamadas, respectivamente, *Da redenção* e “*O Despertar*”, mas também percorre vários escritos de Nietzsche, como o *Ecce Homo*, na seção *Por que escrevo livros tão bons*, em aforismos de *Humano demasiado Humano* como o 217, por exemplo e outros do, *A Gaia Ciência, como o* 346 e o 381, só para citar alguns.

<sup>66</sup> Cf. NIETZSCHE, F. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 19

<sup>67</sup> Cf. FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes 2004, p.272 (aula 10 de fevereiro de 1982- 1ª hora)

<sup>68</sup> Cf. Prólogo V do Zarathustra, bem como as respectivas seções, “De grandes acontecimentos”, “Da redenção”, “O Despertar” e “As mil metas e uma só meta”.

<sup>69</sup> Entrevista a C. Bonnefoy, intitulada “Um nadador entre duas palavras”. In: FOUCAULT, Ditos e Escritos III. Estética: Literatura e pintura, música e cinema, 2006, p.246.

<sup>70</sup> Cf. NASCIMENTO, A. R. Da invenção da memória às memórias inventadas. *Mnemosine* (Rio de Janeiro), v.8, n.1 p.117-151, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41577/28846>

<sup>71</sup> Email -intervenção 1: "Como hoje sairia o resultado do recurso, era de se esperar que alguém me desse uma resposta, mas ela não veio. Não consigo compreender esse indeferimento e esse silêncio. Na verdade, eu nem precisaria anexar documentos, pois, se a titulação exigida no concurso aglutinava psicologia, filosofia, educação, história, ciências sociais e até planejamento urbano, não faria sentido ter que provar que memória social é um "tema" afim aos demais. Embora essa ausência de resposta tenha retirado de mim qualquer vontade de participar do processo seletivo, gostaria, ao menos, de uma explicação.

E-mail intervenção 2: Fiquei surpresa com o indeferimento de minha inscrição. Realmente meu doutorado não é em psicologia, mas em Memória Social e, como mostrei nos documentos, memória Social está vinculada ao departamento de Ciências Humanas e Sociais, logo é contemplado no edital. Mas, além disso, meu pós-doc em andamento é em Psicologia social, o que me colocaria novamente no território de "especialista" em psicologia. Mas será que o que se busca nesse concurso é um especialista em psicologia clínica? É isso? Separar o clínico do social, que em última (ou primeira instância) trabalha na produção de subjetividades que separa o indivíduo da sociedade? Busca-se especialistas das essências? Se for, é incoerente com a própria proposta da ementa e da bibliografia sugeridas, posto que ambas fazem com que o candidato entenda que a perspectiva do programa é transdisciplinar- parte de autores da filosofia, da epistemologia, da sociologia e da saúde mental para pensar a interface psicologia e saúde. Dessa maneira, se a proposta do concurso busca efetivamente ser coerente com a ementa e a bibliografia, não faria sentido indeferirem minha inscrição, pois, se olharem o meu currículo, bem como os documentos que enviei, sobretudo o documento sobre a avaliação da banca de doutorado, poderiam observar que os membros que dela participaram (filósofos e psicólogos) alegam, em seu parecer final, que minha tese contempla o campo da memória social, da filosofia e das ciências humanas. E, se observarem a minha trajetória perceberiam a coerência do meu percurso de pesquisa na discussão de aspectos que interessam a psicologia de uma forma geral. Além disso, minha pesquisa de Mestrado em Nietzsche que versa, dentre outras coisas, sobre a relação entre psicologia e saúde acabou me conduzindo para desdobramentos que só puderam ser contemplados no programa de Memória Social, tendo em vista que na época em que defendi não havia doutorado em Psicologia nessa Universidade e a banca havia sugerido a continuidade da pesquisa num doutorado. Na tese a questão da memória está diretamente ligada a questão da saúde de dos modos de subjetivação e atualmente minha pesquisa se desdobrou num pós-doc em Psicologia Social cujo foco é os efeitos- Foucault no Brasil, analisando toda a sua obra, a influência de Nietzsche na mesma e os efeitos desse encontro no Brasil, enfim, discussões que, a meu ver, interessariam ao programa, pelo menos na maneira como ele se apresenta no edital. Pensei que a proposta do programa de vocês estaria além de clínica entendida de um ponto de vista institucionalizante e de um profissional limitado a especialização numa área. Estou equivocada?

<sup>72</sup> Cf. NASCIMENTO, A.R.. Ferramentas e ferrugem: apontamentos sobre o conceito de representação social. *Mnemosine* (Rio de Janeiro), v. 9, p. 122-157, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41530/28799>

<sup>73</sup> NASCIMENTO, A. R., RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Filosofia e experimentação: exercícios espirituais em Nietzsche e Foucault. *Fermentario*, v. 2, p. 01-13, 2014. Disponível em: <http://www.fermentario.fhuce.edu.uy/index.php/fermentario/article/view/166/217>

NASCIMENTO, A. R. Ressonâncias de Nietzsche em Foucault: o encontro criativo da flecha do pensamento. *Griot JCR*, v. 11, p. 160-184, 2015. Cf. <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/636>

NASCIMENTO, A. R.. Nietzsche e(m) Foucault: O tiro espiritualizado da flecha do pensamento. *MNEMOSINE* (RIO DE JANEIRO), v. 12, p. 42-72, 2016. Cf. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41653/28922> e O tiro espiritualizado da flecha do pensamento: como fazer do 'si mesmo' uma promessa. In: Heliana de Barros Conde Rodrigues; Marcio José de Araujo Costa. (Org.). *Foucault e os modos de vida*. 1ed. São Luis: EDUFMA, 2017, v. , p. 303-344.

<sup>74</sup> Imagem retirada da internet. Disponível em: <https://www.zdwired.com/creative-ideas-of-forced-perspective-photography-technique/>

<sup>75</sup> Imagem retirada da internet

<sup>76</sup> Imagem retirada da internet

<sup>77</sup> Corpo -Dervixe é aquele que rodopia, em movimentos de espiral ascendente, para buscar a iluminação entendida como caminhada para o infinito é uma espécie de dança dionisiaca, do extase em que o girar do corpo conecta-se ao girar da vida em toda as suas formas e extensão, uma comunhão com os astros e o cosmo que o faz entrar em transe. É uma dança meditativa que se chama Sama da ordem Sufi Mevlevi, criada pelo poeta persa RUmó, no séc XIII. De acordo com textos sufis, dervixe significa aquele que espera na porta e que vive uma vida sem luxos ou riqueza. Nas palavras de Rumi: "Dançar não é flutuar sem esforço como um grão de areia soprado pelo vento. dançar é elevar-se acima do mundo, despedaçar o coração e desistir da própria alma. Dançar é partir-se em mil pedaços e abandonar totalmente as paixões mundanas. Verdadeiros homens dançam e rodopiam num campo de batalha; dançam em seu próprio sangue. / Quando renunciam a si mesmos, eles batem palmas; Quando deixam para trás as imperfeições do ser, eles dançam. Seus menestréis tocam música interior; e oceanos de paixão se rompem em espuma na crista das ondas." Cf. Camargo, Gisele Guilhon Antunes. ENTRE O CAMELO E O LEÃO: A DIALÉTICA DO GIRO DERVIXE Uma Etnografia do Sama - a Dança Girante dos Dervixes da Ordem Sufi Mevlevi, Florianópolis- santa Catarina.1997- UFSC. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/77122>

<sup>78</sup> Entrevista Raul Seixas disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0PTI3X20W2E>

<sup>79</sup> Segundo Foucault, *hypomnemata* refere-se a formas que a escrita sobre si assumiu na cultura greco-romana e que funcionavam como anotações de vida, como "aide-mémoire" ao cotidiano: como memória sobre o escutado, o feito, o lido, o vivido. Cf. FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992,129-160.

<sup>80</sup> Cf. <https://www.mdb.org.br/conheca/historia/> Acesso em 20 jan 2019

<sup>81</sup> Cf. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento\\_Democr%C3%A1tico\\_Brasileiro\\_\(1966\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Democr%C3%A1tico_Brasileiro_(1966))  
<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/ulisses-silveira-guimaraes>

<sup>82</sup> Cf. [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/19/politica/1513695154\\_142381.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/19/politica/1513695154_142381.html)

<sup>83</sup> Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=V-u2jD7W3yU&t=18915s>

<sup>84</sup> Cf. reportagem da Carta Capital: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/queremos-os-militares-protetendo-o-brasil-gritam-manifestantes-2537/>

Um exemplo de rede que convoca tais marchas: <https://www.facebook.com/familia.com.deus.pela.liberdade/>

<sup>85</sup> Cf. O documentário de 2020 de Petra Costa chamado *Democracia em vertigem* mostra bem esse momento do país. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80190535>

<sup>86</sup> Cf. (<https://www.youtube.com/watch?v=WvN7nYxbH-o&t=1s>)

<sup>87</sup> Cf. NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, I dissertação.

<sup>88</sup> Cf. BERARDI, Franco(BIFO). *Felix: narracion del encuentro con el pensamiento de Guattari, cartografia visionaria del tiempo que viene*. 1 ed. Buenos Aires: cactus, 2013.

<sup>89</sup> Cf. STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: a politica do nós e eles*.1 ed. Porto Alegre:[RS]: L&PM, 2018.

<sup>90</sup> A virulência do niilismo ativo, afirma Kossovitch (2004), está em seu poder de destruição que não visa os valores, mas a aniquilação das forças que os propagam, no qual a força de viragem torna-se querer do não-sentido, amar o acaso. Os tipos que conseguirem ter força para suportar essa visão podem fazer dessa experiência um conhecimento da vida para a vida, isto é, agora tem possibilidades de investigar os tons nos quais o niilismo se apresentou e entender que a força do niilismo que o sufoca pode libertá-lo, pois não tem mais amarras que o prendam aos valores traçados como necessários a sua existência. Pode perceber-se como uma abertura para um novo ciclo, isto é, o indício do fim de uma história para a abertura de outra que está em vias de se fazer. E, embora Nietzsche acentue que é possível que sejamos lançados num novo tipo de pessimismo, esse pessimismo será da força, isto é "que não permite mais as falsificações da vida pelas ideias, nem pelos eufemismos e que corajosamente olha de frente e diz Sim ao mundo, à terra, à vida, ao destino do homem". O mundo, para o homem que vence o niilismo nele mesmo, se abre, torna-se novamente infinito, posto que agora, passível de infinitas interpretações, portanto, desconhecido e amado. KOSSOVITCH, Leon. *Signos e poderes em Nietzsche*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004, p.127

<sup>91</sup> Cf. GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. Campinas, Papirus, 1995, p.25

<sup>92</sup> Cf. COCCIA, Emanuelle. *Metamorfozes*.Rio de Janeiro: dantes Editora, 2020, p.13 e 24.

<sup>93</sup> Fotos retiradas do #ocupaichuff. No site, o movimento foi descrito assim: "Nós, estudantes do ICHF-UFF, organizados em assembleia no dia 01 de novembro, decidimos pela ocupação do espaço em que estudamos. POR QUE OCUPAMOS NESTE MOMENTO? Atualmente mais de mil escolas e mais de

cem universidades estão ocupados em todo o país, além de diversas greves e atos contra a PEC55 (241) e as contra-reformas do Ensino Médio (MP746) e da previdência. E por que tem tanta luta contra a PEC? Essa PEC, proposta pelo governo ilegítimo e golpista do Temer, quer congelar o investimento em áreas sociais por vinte anos. Isso significa um ataque brutal à educação e saúde públicas, significa que o salário mínimo não vai ter reajuste e que o investimento em moradia, segurança e diversos outros setores serão cortados. Se hoje já está muito ruim, já faltam vagas nas escolas e estruturas nos hospitais, essa PEC é o fim do mundo. Na prática é um verdadeiro desmonte dos serviços públicos, abrindo cada vez mais espaço para precarização e privatizações. Temer diz que a PEC 55 é necessária, diz que o país não tem dinheiro, é mentira! O governo usa quase metade do orçamento do país para o pagamento da ilegítima dívida pública, que consome três bilhões de reais por dia e enriquece os banqueiros e grandes empresários. Por isso estamos em luta contra a PEC e pelo "Fora Temer", pois esse governo só quer favorecer os milionários enquanto joga a conta da crise nas costas dos trabalhadores e da juventude. É necessária a unidade de todas e todos que lutam, das ocupações e das greves para fortalecer esse movimento. Nós, estudantes ocupantes do ICHF-UFF, nos opomos ao governo Temer, à PEC 55, à MP746, à reformulação da LDB, à contra-reforma da previdência, ao Escola sem Partido e ao congresso nacional ilegítimo e golpista. Estamos pela suspensão do pagamento dessa dívida que não é nossa. POR QUE OCUPAR? A ocupação é uma ferramenta de resistência e transformação de um espaço presente no nosso cotidiano, mas que não reconhecíamos como nosso. Através dela podemos nos reunir e debater como gostaríamos de construir esse lugar que é nosso por direito. DE QUE FORMA ESTAMOS OCUPANDO? A ocupação tem se dado através da auto-organização dos estudantes, no compartilhamento de tarefas e na realização de diversas atividades: as estruturais, tais como limpeza, segurança, alimentação; e nas político-culturais, como organizações de aulas públicas, debates, oficinas e etc." ! [#FORATEMERGOLPISTA](#) [#OCUPATUDO](#) [#NADAATEMER](#) [#OCUPARERESISTIR](#) [#OCUPAICHFUFF](#)

<sup>94</sup> Nas palavras de Lispector: "O hábito tem-lhe amortecido as quedas. Mas sentindo menos dor, perdeu a vantagem da dor como aviso e sintoma. Hoje em dia vive incomparavelmente mais sereno, porém em grande perigo de vida: pode estar a um passo de estar morrendo, a um passo de já ter morrido, e sem o benefício de seu próprio aviso prévio." LISPECTOR, Clarice. Não sentir. In: A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.15 . Escrito em 16 de setembro de 1967, podia ser alusão ao silenciamento imposto pela ditadura. Em 1967 foi criada uma Constituição para fingir ares de normalidade, no entanto, nela todo poder se concentrou no Executivo e com isso se autorizou a extinção dos partidos políticos e abriu-se espaço para a instauração de emendas chamadas de atos institucionais.

### **O que está acima é igual ao que está abaixo: eterno retorno da benção e/ou da maldição?**

<sup>95</sup> Imagem retirada da internet: Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ouroboros>

<sup>96</sup> Princípio da Correspondência: como é em cima, é em baixo; como é em baixo é em cima. Tudo se corresponde. As mesmas leis que actuam sobre o homem actuam sobre uma lagarta ou estrela. Assim os astros se deslocam no céu, seguindo um princípio inteligente, assim é com nossas vidas; devemos interagir em relação ao universo que nos cerca com sabedoria. INICIADOS, Três. O Caibalion: estudo da filosofia hermética do antigo Egito e da Grécia. Trad. Rosabis Camaysar São Paulo: Editora Pensamento, 2015. Heráclito também dizia o mesmo: "caminho para cima e para baixo é um e mesmo caminho"(Fragmento 60). Cf. COSTA. Alexandre. Heráclito fragmentos contextualizados. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

<sup>97</sup> Primeira menção de Nietzsche sobre o eterno retorno: "E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: "Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá que viver mais uma vez e incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor a cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo que é infelizmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem (...) A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente- e você com ela, partícula de poeira! – Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: "Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!". Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e em cada coisa, " Você quer isso mais uma vez e incontáveis vezes?", pesaria sobre seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a vida, para não desejar nada além dessa última, eterna confirmação e chancela?" (NIETZSCHE, F. A Gaia Ciência. São Paulo: Companhia das Letras, p. 230). Heráclito também está presente nessa intuição, quando diz: " Com-um é o princípio e o fim na circunferência do círculo"( Fragmento 103). Os contrários se coincidem, princípio e fim, se aproximam e se repelem. Não há um centro e não há linha reta. Há giro. Cf. COSTA. Alexandre. Heráclito fragmentos contextualizados. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002

<sup>98</sup> ELIADE, Mircea. Mefistófoles e o androgeno. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p.89-92.

<sup>99</sup> CAMPOS, Augusto Paul Valery: a serpente e o pensar. 2 ed. São Paulo: Ficcções Editora, 2011 (p.103-105).

<sup>100</sup> ANDLER, Charles. Nietzsche vida e pensamento. Volume II. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2016. Sobre as fontes gregas temos Anaximandro que foi o primeiro a definir claramente o eterno retorno das coisas a elas mesmas no qual já estabelecia uma relação entre o Universo mutável e a convivência nele de mundos múltiplos. Os pitagóricos que pensavam essa mesma relação, mas através de especulações sobre número e tempo e que pensavam, a partir dessa relação, o passado e o presente como um só e o tempo como faixa circular que girava com um número limitado de imagens que desfilariam. Heráclito, responsável por inúmeras experiências "espirituais" em Nietzsche, para quem o mundo nascera do fogo divino e a ele sempre retornaria e esta imagem, por sua vez aproximava Nietzsche das religiões do oriente que ele já vinha estudando a tempos e nunca abandonou porque acreditava reconhecer nos gregos ideias orientais. Dentre elas um fragmento do livro sagrado do Zoroastrismo persa, o Avesta Pálavi, que Nietzsche teve acesso ao estudar um "historiador" grego, Plutarco, que parecia mencioná-lo e que inspirou a criação do Zaratustra. Além disso, a gnose iraniana através da seita dos servanistas não devia ser de desconhecimento dele e nela, embora afirmasse que mundo duraria 12 mil anos, o tempo, no entanto, por existir antes do mundo, perduraria depois dele, assim, seria preciso distinguir o tempo limitado, no qual se encerra o mundo e o tempo ilimitado que independe dele. Esse tempo ilimitado é o lugar em que residem as forças eternas que conduzem os mundos. Haveria também fontes hindus e brânicas que possibilitaram a Nietzsche pensar que criar é superar-se, de modo que a criatura prevalece sobre o criador e fontes búdicas que lhes possibilitaram apreender os aspectos sensíveis das formas que estão sempre em variação. Em outras palavras, através das primeiras encontrou a substância sem causa e nas segundas a causalidade sem substância. As primeiras captam em todo devir o ser e as segundas captam em todo ser aparente o devir. Além, é claro, de consultar também os estoicos cujas experimentações pareciam próximas dos persas e indianos, bem como das ideias de Heráclito sobre o fogo primitivo, pois diziam que o corpo do mundo era feito de uma dupla substância: água e terra, mas o calor secreto, o ar e o fogo que ele encerrava, era sua energia ativa que o punha em movimento e que, num determinado momento todos os planetas se reencontrariam no ponto de partida de seu curso e tudo se tornaria igual ao Sol, braseiro de onde tudo parte.

<sup>101</sup> Cf. NIETZSCHE, F. Humano Demasiado humano: um livro para espíritos livres, Volume II. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.13

<sup>102</sup> Cf. ANDLER, Charles. Nietzsche vida e pensamento. Volume II. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2016, p. 481.

<sup>103</sup> KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. A queda do céu, p.489

<sup>104</sup> Vida bela seria então aquela tecida numa arte de **bem viver** (plano processual e facultativo), que, por sua vez, implica em afirmar a vida tal como ela é e, nela, encontrar as referências para ultrapassar-se, *viver bem nela*, ultrapassar os afetos que aprisionam o pensamento a partir da qualidade dos agenciamentos que vamos tecendo em nossos encontros, com as ferramentas que colorem a vida. Que lhe dá movimento, pulsar. Ao passo que uma **vida perfeita** seria aquela pautada na arte do **bon viver ou da vida boa ( num modelo de vida)**, a vida estática tecida a partir de regras exteriores. Cf. NASCIMENTO, Aline R., RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Filosofia e experimentação. In: Foucault e os modos de vida. Org. Heliana de Barros Conde Rodrigues. Márcio José de Araújo Costa. São Luís: EDUFMA, 2017 p.17-36.

<sup>105</sup> ANDRADE, Vanessa Menezes de. JOVENS NEGROS QUESTIONAM A PSICOLOGIA. In: Psicologia, direitos humanos e movimentos sociais [recurso eletrônico]: capturas e insurgências na cidade / Organização de Mariana Alves Gonçalves, José Rodrigues de Alvarenga Filho, Carolini Cássia Cunha e Francisco Teixeira Portugal. – Florianópolis: Abrapso, 2017. Cf. [https://www.abrapso.org.br/download/download?ID\\_DOWNLOAD=551](https://www.abrapso.org.br/download/download?ID_DOWNLOAD=551)

Cf. CARDOSO, Aurea Alves. Um rio de memórias, experiências e vivências: Guerrilha do Araguaia  
Cf. MASCARENHAS, Luiza Teles. O pesquisar COM como ato político nas licenciaturas: contribuições às práticas de ensino em psicologia. [https://app.uff.br/slab/uploads/2018\\_t\\_LuizaTelesMascarenhas.pdf](https://app.uff.br/slab/uploads/2018_t_LuizaTelesMascarenhas.pdf)

<sup>106</sup> Trata-se da engrenagem-baiacu discutida em outro fios dessa escrita

<sup>107</sup> Fragmento XV. Cf. COSTA. Alexandre. Heráclito fragmentos contextualizados. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, p.199.

<sup>108</sup> Cf. <https://www2.camara.leg.br/transparencia/imoveis-funcionais-e-auxilio-moradia>. Acesso em: 05jul 2022

<sup>109</sup> No fragmento 67, Heráclito diz: "Deus: dia- noite, inverno-verão, guerra-paz, abundância- fome. Mas se altera como o fogo quando se confunde à fumaça, recebendo seu nome conforme o gosto de cada um"

(Fragmento XXIII) Cf. COSTA, Alexandre. Heráclito fragmentos contextualizados. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002p.200.

<sup>110</sup> Chega a escrever para a tal professora que até então E.L.A não sabia que tinha ficado com a vaga e lhe diz: Fiquei muito triste vendo um processo seletivo no qual o edital fere o direito do candidato a chegar até o final do processo e escolhem alguém sem dizer quem é e nem mostram as notas finais. Fiquei triste com tudo, como todo o cenário. Não é porque não passei que fiquei triste, mas pela forma que fui retirada do processo... Fiquei triste porque quando te vi, meu corpo respirou e eu ilusoriamente pensei que ainda havia fluxo de ar no meio da engrenagem mas é tudo tão perverso que tais engrenagens capturam instantes e, se não tomarmos cuidado, caímos no ressentimento. Ver você nesse cenário, me alegrou e feriu. Não por você, pessoa, mas por você acabar sendo ali, uma peça da engrenagem, sem saber-se peça. Não por escolha sua, mas simplesmente porque é assim que o mundo gira. Lembro que da vez que te conheci, foi só um encontro, você falava que precisava trabalhar, que ficar em casa não combinava com você, que estava com saudades das salas de aula como as que habitava em São Paulo e te ver ali, me deu alegria por você. Mas ai, quando te vejo como parte da banca e sei de sua competência para isso e penso no destino que me deram, sinto que só te colocaram lá para dar "ar de seriedade" para o concurso que, no final das contas, era carta marcada para alguém que não sei quem é e nem quero saber. Isso me deixa triste. Mas não se preocupe, não sou tola de me agarrar a esse afeto, porque é exatamente pela tristeza que perdemos nossa força, porque emburrecemos, como dizia Espinosa. Enfim, é desabafo. A professora nunca respondeu a essa mensagem...

<sup>111</sup> A imagem da águia enrolada no pescoço aparece no Prólogo de Zaratustra, na seção 10, p. 25, quando, ao meio dia, ela voava e emitia um grito agudo, fazendo círculos no ar, tendo uma serpente enroladinha nela, não como uma presa, mas como uma amiga. Águia como o animal mais orgulhoso de todos e a serpente como a mais prudente. Ambos seriam seus guias entre o declínio e anúncio do meio dia da terra e dos homens, quando chega a hora em que aquele que declina abençoa a si mesmo e interrompe o processo de declínio. Momento em que tais animais se retiram cuidadosamente e deixam Zaratustra ficar em silêncio, conversando consigo, tal qual a seção O Convalescente, p.212.

<sup>112</sup> Fragmento XXIV. Cf. COSTA, Alexandre. Heráclito fragmentos contextualizados. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, p.201.

<sup>113</sup> Cf. <https://www.brasilefato.com.br/2019/04/05/por-que-lula-esta-preso/>  
[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/07/politica/1523129533\\_111274.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/07/politica/1523129533_111274.html)

<sup>114</sup> Prólogo do Zaratustra, 5, p. 18 - "(...) A terra se tornou pequena, então, e nela saltita o último homem, que tudo apequena. Sua espécie é inextinguível como o pulgão; o último homem é o que tem vida mais longa. "Nós inventamos a felicidade" — dizem os últimos homens, e piscam o olho (...).deseja ainda governar? Quem deseja ainda obedecer? Ambas as coisas são árduas. Nenhum pastor e um só rebanho! Cada um quer o mesmo, cada um é igual: quem sente de outro modo vai voluntariamente para o hospício. "Outrora o mundo inteiro era doido" — dizem os mais refinados, e piscam o olho. São inteligentes e sabem tudo o que ocorreu: então sua zombaria não tem fim. Ainda brigam, mas logo se reconciliam — de outro modo, estraga-se o estômago. Têm seu pequeno prazer do dia e seu pequeno prazer da noite: mas respeitam a saúde. "Nós inventamos a felicidade" — dizem os últimos homens, e piscam o olho. —E aqui findou o primeiro discurso de Zaratustra, que é chamado de "prólogo": pois nesse ponto interromperam-no os gritos e o júbilo da multidão. "Dá-nos esse último homem, ó Zaratustra" — clamavam as pessoas —, "torna-nos como esse último homem! E nós te presentamos o superhomem!" E toda a gente exultava e estalava a língua. Zaratustra entristeceu-se, porém, e disse ao seu coração: Eles não me compreendem: não sou a boca para esses ouvidos. Vivi demasiado tempo nas montanhas, talvez, e demasiado escutei as árvores e os córregos: agora lhes falo como os pastores de cabras. Plácida está minha alma, e clara como os montes na manhã. Mas eles acham que sou frio, e um zombador de terríveis pilhérias. E agora eles olham para mim e riem: e, ao rir, também me odeiam. Há gelo no seu riso.

<sup>115</sup> Cf. Prólogo Zaratustra 5, p. 18 "(...) É tempo do homem fixar a sua meta (...) seu solo ainda é rico o bastante para isso. Mas um dia este solo será pobre e manso, e nenhuma árvore alta poderá nele crescer. Ai de nós! Aproxima-se o tempo em que o homem já não lança a flecha de seu anseio por cima do homem, e em que a corda do seu arco desaprendeu de vibrar! Eu vos digo: é preciso ter ainda caos dentro de si, para poder dar à luz uma estrela dançante. Eu vos digo: tendes ainda caos dentro de vós. Ai de nós! Aproxima-se o tempo em que o homem já não dará à luz nenhuma estrela. Ai de nós! Aproxima-se o tempo do homem mais desprezível, que já não sabe desprezar a si mesmo. Vede! Eu vos mostro o último homem. E prólogo 3, p.13-15 : " Eu vos ensino o super homem. O homem é algo que deve ser superado. Que fizestes para superá-lo? Todos os seres, até agora, criaram algo acima de si próprios: e vós quereis ser a vazante dessa grande maré, e antes retroceder ao animal do que superar o homem? O super-homem é o sentido da terra. Que a vossa vontade diga: o superhomem seja o sentido da terra! Eu vos imploro, irmãos, permaneci fiéis à terra e não acrediteis nos que vos falam de esperanças supraterras! São

envenenadores, saibam eles ou não. São desprezadores da vida, moribundos que a si mesmos envenenaram, e dos quais a terra está cansada: que partam, então! Uma vez a ofensa a Deus era a maior das ofensas, mas Deus morreu, e com isso morreram também os ofensores. Ofender a terra é agora o que há de mais terrível, e considerar mais altamente as entranhas do inescrutável do que o sentido da terra! Uma vez a alma olhava com desprezo para o corpo: e esse desdém era o que havia de maior: — ela o queria magro, horrível, faminto. Assim pensava ela escapar ao corpo e à terra. Oh, essa alma mesma era ainda magra, horrível e faminta: e a crueldade era a volúpia dessa alma! Mas também vós, irmãos, dizei-me: o que conta vosso corpo sobre vossa alma? Não é ela pobreza, imundície e lamentável satisfação? Na verdade, um rio imundo é o homem. É preciso ser um oceano para acolher um rio imundo sem se tornar impuro. Vede, eu vos ensino o super-homem: ele é este oceano, nele pode afundar o vosso grande desprezo. Qual é a maior coisa que podeis experimentar? É a hora do grande desprezo. A hora em que também vossa felicidade se converte em nojo para vós, assim como vossa razão e vossa virtude(...) Onde está a loucura com que deveríeis ser vacinados? Vede, eu vos ensino o super-homem: ele é esse raio, ele é essa loucura! —Depois de Zaratustra assim falar, alguém do povo gritou: “Já ouvimos bastante sobre o equilibrista; agora nos deixa vê-lo!”. E todos riram de Zaratustra. Mas o equilibrista, que achava que as palavras se referiam a ele, pôs-se a trabalhar.

<sup>116</sup>Cf. DELEUZE, G. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle.. Conversações. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226.

<sup>117</sup> Cf. BERARDI, Franco (BIFO). A guerra e o espasmo cósmico; relendo o plano para o planeta, de Guattari. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/a-guerra-e-espasmo-caosmico-relendo-o-plano-para-o-planeta-de-guattari/>

<sup>118</sup> Cf. site : <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-mundo-mediado-por-algoritmos/> Acesso em: 10 jun 2022. Cf. também reportagem da Veja. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/algoritmos-a-inteligencia-artificial-ja-chegou-e-dominou-nossas-vidas/> Aceso em 14 jul 2021

<sup>119</sup> Nietzsche dirá: "Considera o rebanho que pasa ao teu lado pastando: ele não sabe o que é ontem e o que é hoje; ele saltita de lá para cá (...) ligado de maneira fugaz com seu prazer e desprazer à própria estaca do instante, e, por isso, nem melancólico, nem enfadado. Ver isso edsgosta duramente o homem porque ele se vangloria de sua humanidade frente ao animal, embora olhe invejoso para a sua felicidade(...) Todavia o homem também se admira(...) por não poder aprender a esquecer e por ser novamente preso ao que passou; por mais longe e rápido que ele corra. a corrente corre junto(...) Então o homem diz: "eu lembro", e inveja o animal que imediatamente esquece(...) isso o aflige, como se pensasse em um paraíso perdido, ver o gado pastando, ou, em uma proximidade mais familiar, a criança que ainda não tem nada a negar de passado e brinca entre os gradis do passado e do futuro em uma bem-aventurança cegueira. E, no entanto, é preciso que sua brincadeira seja perturbada: cedo demais a criança é arrancada do esquecimento. Então ela aprende a expersão "foi" (NIETZSCHE. Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, p.7-8, grifos nossos).

<sup>120</sup> Cf. NIETZSCHE, F. Assim falou Zaratustra. III parte: De velhas e novas tábuas. São Paulo: Martins Fontes, 2011 p. 187-206.

<sup>121</sup> Cf. site Canaltech. Disponível em: <https://canaltech.com.br/internet/conheca-a-historia-dos-buscadores-e-veja-como-o-google-alcancou-o-topo-47289/> Acesso em: 10 jun 2022

<sup>122</sup> Cf. GIL, José . A pandemia e o capitalismo numérico Disponível em: <https://soundcloud.com/user-654449748/a-pandemia-e-o-capitalismo-numeric-jose-gil-pandemicritica-n-1-edicoes> Acesso em 06 jul 2022

<sup>123</sup> Cf. reportagem da exposição fora do Brasil: <https://viajonarios.com.br/experiencias-imersivas-de-van-gogh/> e no Brasil cf: <https://dasartes.com.br/de-arte-a-z/exposicao-imersiva-da-obra-de-van-gogh-chega-ao-brasil-em-2022/> e mais especificamente no RJ: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-04/casa-franca-brasil-oferece-viagem-imersiva-pela-obra-de-van-gogh>

<sup>124</sup> Cf. BERARDI, Franco (BIFO) da era pandêmica à Vax War; evolução de uma revolta previsível. Disponível em: <https://soundcloud.com/user-538516362/franco-bifo-berardi-era-da-extincao-pandemicritica-n-1edicoes>

<sup>125</sup> Cf. BERARDI, Franco (BIFO). El tecer inconciente: la psicoesfera en la epoca viral. Buenos Aires: Caja Negra Editora, 2021.

## Encantar-se com os nasceres: a escuta poética dos signos

<sup>126</sup> Cf. [https://www.youtube.com/watch?v=-E\\_Hyn53acA&t=2s](https://www.youtube.com/watch?v=-E_Hyn53acA&t=2s)

<sup>127</sup> NIETZSCHE, F. Assim Falou Zaratustra, Segunda parte. Sessão: O menino com o espelho, p. 79-81.



<sup>128</sup> Idem. Sessão "Nas ilhas bem aventuradas", p. 83.

<sup>129</sup> NIETZSCHE, F. Alem do bem e do Mal, 1992, p. 182.

<sup>130</sup> Em 08/08/2022 quando essa anti-tese foi defendida havia 680.239 óbitos e 34.034.656 casos conhecidos registrados de Covid-19 desde o início da pandemia, segundo dados reunidos pelo consórcio de veículos de imprensa.

<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/08/08/brasil-registra-188-novas-mortes-por-covid-media-movel-de-casos-conhecidos-e-a-menor-em-70-dias.ghtml>

## Bloco de sensações pandêmicas e flashes de instantes do pensamento

<sup>131</sup> Rita Ribeiro e Zeca Baleiro. Com o afeto das canções. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wvr9qa718wo&t=1s>

<sup>132</sup> Cf. a seguinte passagem: "Esta anedota nos parece autêntica, porque apresenta inúmeras ressonâncias 'espinosistas'. A luta entre aranhas, ou entre aranha e mosca, poderia fascinar Espinosa por diversas razões: 1º) do ponto de vista da exterioridade da morte necessária; 2º) do ponto de vista da composição das relações na natureza (como a teia exprime uma relação da aranha com o mundo, que se apropria como tal das relações da mosca); 3º) do ponto de vista da relatividade das perfeições (como um estado que marca uma imperfeição do homem, por exemplo a guerra, pode ao contrário testemunhar uma perfeição, se nós a reportamos a outra essência como a do inseto: cf. Carta XIX, para Blyenbergh)." DELEUZE, Espinosa Filosofia prática, 2002, p.18.

<sup>133</sup> Cf. NIETZSCHE. Assim falou Zarathustra. Segunda parte. Sessão Das Tarântulas, p.95-98

<sup>134</sup> Cf. DELIGNY. Fernand. Aracniano e outros textos. São Paulo: n-1 edições, 2015, p.16

<sup>135</sup> Cf. NASCIMENTO, A.R. A inocência do devir capturada pelas armadilhas do ser: quando o jogo humano se falsifica em jogo divino. In: Desafios da memória em direção as forças de criação Tese de doutorado em Memória Social, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2011, p.143

<sup>136</sup> Oikos em grego significa casa. Heterônimo usado pela autora nessa poesia.

<sup>137</sup> KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. A queda do céu ( p.231 e. p.490)

<sup>138</sup> Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic> Acesso em 05 jul 2022.

<sup>139</sup> Cf. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/27/brasil-poderia-ter-sido-primeiro-do-mundo-a-vacinar-afirma-dimas-covas-a-cpi> . Acesso em: 05 jul 2022.

<sup>140</sup> Cf. [https://ds.saudeindigena.icict.fiocruz.br/bitstream/bvs/4767/1/CP11\\_23621%20Not%C3%ADcias%20falsas%20sobre%20vacina%20deixaram%20ind%C3%ADgenas%20com%20medo%20de%20virar%20jaca%C3%A9%20mudar%20de%20sexo%20e%20at%C3%A9%20de%20morrer%20mostra%20documento%20do%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde.pdf](https://ds.saudeindigena.icict.fiocruz.br/bitstream/bvs/4767/1/CP11_23621%20Not%C3%ADcias%20falsas%20sobre%20vacina%20deixaram%20ind%C3%ADgenas%20com%20medo%20de%20virar%20jaca%C3%A9%20mudar%20de%20sexo%20e%20at%C3%A9%20de%20morrer%20mostra%20documento%20do%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde.pdf) Acesso em 05 jul 2022

<sup>141</sup> Cf. <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-25/chip-do-diabo-e-medo-de-ser-cobaia-afastam-indigenas-da-vacina-contr-a-covid-19.html> Acesso em 05 jul 2022

Cf. Também: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/01/27/e-fake-que-vacina-contr-a-covid-19-tem-chip-liquido-e-inteligencia-artificial-para-controle-populacional.ghtml> Acesso em 05 jul 2022

<sup>142</sup> Cf. <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/08/e-falso-que-cloroquina-tenha-salvado-100-mil-vidas-no-brasil-como-diz-bolsonaro.shtml> Acesso em 05 jul 2022

<sup>143</sup> Cf. <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2021/10/14/live-bolsonaro-comprimido-covid-astazeneca-pfizer-ivermectina.htm> Acesso em 05 jul 2022

<sup>144</sup> Cf. <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/bolsonaro-cita-fake-news-em-live/> Acesso em: 05 jul 2022

<sup>145</sup> Cf. <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-21/pesquisa-revela-que-bolsonaro-executou-uma-estrategia-institucional-de-propagacao-do-virus.html> Acesso em 04 jul 2022

<sup>146</sup> Cf. <https://www.poder360.com.br/coronavirus/covid-brasil-encerra-2021-como-12o-pais-em-morte-por-milhao/> Acesso em 04 jul 2022

Cf também: <https://butantan.gov.br/noticias/retrospectiva-2021-segundo-ano-da-pandemia-e-marcado-pelo-avanco-da-vacinacao-contr-a-covid-19-no-brasil> Acesso em 30 junho 2022

<sup>147</sup> Cf. <https://butantan.gov.br/noticias/retrospectiva-2021-segundo-ano-da-pandemia-e-marcado-pelo-avanco-da-vacinacao-contr-a-covid-19-no-brasil> Acesso em 30 junho 2022

<sup>148</sup> Cf. <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-06-19/brasil-supera-a-vergonhosa-marca-de-500000-mortos-pela-covid-19.html> Acesso em 30 junho 2022

<sup>149</sup> Cf. <https://portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-balanco-de-dois-anos-da-pandemia-aponta-vacinacao-como-prioridade> Acesso de 30 junho 2022

<sup>150</sup> [https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/49537/2/boletim\\_extraordinario\\_2021-outubro-21-red.pdf](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/49537/2/boletim_extraordinario_2021-outubro-21-red.pdf)

<sup>151</sup> <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/09/22/rio-autoriza-tres-eventos-teste-em-outubro-sem-exigencia-de-mascara-e-distanciamento.ghtml> . Acesso em 20 jun 2022

<sup>152</sup> <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/fiocruz-lanca-nova-cartilha-para-as-festividades-de-fim-de-ano/> Acesso em 4 jun 2022

<sup>153</sup> BERARDI, Franco (BIFO). *Asfixia: capitalismo financeira e insurreição da linguagem*. São Paulo, Ubu Editora, 2020, p.144

<sup>154</sup> Cf. Zaratustra, sessão "Da visão e do enigma": "Mas ali jazia um ser humano! E ali estava o cão, pulando, eriçado, ganindo — viu-me chegar — uivou novamente, então gritou: — algum dia escutei um cão gritar assim por socorro? E, em verdade, o que vi, jamais vira igual. Vi um jovem pastor contorcendo-se, sufocando, estremecendo, com o rosto deformado, e uma negra, pesada serpente que lhe saía da boca. Alguma vez vi tanto nojo e pálido horror em um rosto? Havia ele dormido? E a serpente rastejou para dentro de sua garganta — e ali mordeu firmemente. Minha mão puxou e tornou a puxar a serpente: — em vão! não conseguí puxar a serpente da garganta. Então de dentro de mim se gritou: “Morde! Morde! Corta a cabeça! Morde!” — assim se gritou de dentro de mim, meu horror, meu ódio, meu nojo, minha pena, tudo de bom e ruim gritou com um grito de dentro de mim. — Ó ousados ao meu redor! Vós, tentadores, tenteadores, e quem, entre vós, tenha se lançado com velas astutas em mares inexplorados! Vós, amantes de enigmas! Então interpretai-me o enigma que enxerguei, então interpretai-me a visão do mais solitário! Pois era uma visão e uma premonição: — o que vi eu então em alegoria? E quem é esse que um dia terá de vir? Quem é o pastor em cuja garganta a serpente entrou? Quem é o homem em cuja garganta entrará tudo de mais pesado, de mais negro? — Mas o pastor mordeu, tal como lhe disse meu grito; mordeu com boa mordida! Para longe cuspiu a cabeça da serpente —: e levantou-se de um salto. — Não mais um pastor, não mais um homem — um transformado, um iluminado que ria! Jamais, na terra, um homem riu como ele ria! Ó meus irmãos, escutei um riso que não era riso de homem — e agora me devora uma sede, um anseio que jamais sossega. u anseio por esse riso me devora: oh, como suporte ainda Assim falou Zaratustra".

<sup>155</sup> Cf. DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1962/1976, p. 111

## FRAGMENTOS PÓSTUMOS DO E.L.A DA (NA) ANTI-TESE

Nenhuma nota

### ÁGUA AR FOGO TERRA ÁGUA- "considerações finais"

<sup>156</sup> Galeano, numa entrevista, dirá: Vivemos num mundo infame, eu diria. Não é muito confortante, mas é isso. Um mundo mal nascido. Mas existe outro mundo na barriga deste. Esperando. Que é um mundo diferente. Diferente e de parto complicado. Não é fácil, o nascimento. Mas com certeza pulsa no mundo que estamos. Um mundo que pode ser pulsando no mundo que é. Me perguntam: o que vai acontecer? E depois? Eu respondo: nada. Nada. Não sei o que vai acontecer. E tampouco me importa o que vai acontecer. Me importa o que está acontecendo. Me importa o tempo que é. Há um outro mundo que nos espera. Esse mundo de merda está grávido de um outro mundo.” Eduardo Galeano, 24/5/2011, Praça de Catalunya — Espanha. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=mdY64TdriJk&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=mdY64TdriJk&feature=emb_logo)

<sup>157</sup> A partir dos gregos, mas também no saber da diáspora e no saber indígena.

<sup>158</sup> Inspiração de Maria Bethânia n'E.L.A quando declama um fragmento da poesia " Rio" de João Cabral de Melo Neto. (CD dentro do mar tem rio, lançado ao vivo, no ano de 2007). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=mJZXv4zb6pQ>

<sup>159</sup> Nos mesmos rios entramos, somos e não somos, como dirá Heráclito no fragmento XLIX. Cf. COSTA, Alexandre. *Heráclito fragmentos contextualizados*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, p.205.

<sup>160</sup> Trecho da fala de Krenak no curso de extensão *on line* do NUCS UFCG "Saberes ancestrais e práticas de cura" ocorrido em março de 2021, contando também com outra liderança indígena Alvaro Tukano que abriu o evento com um lindo canto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FEnc2arDpJg>. Trecho que fala:49:23.

<sup>161</sup> Bifo dirá que o termo “caosmose” alude ao mandato do caos e à perspectiva de sua evolução osmótica de si mesmo. O trabalho de base da caosmose é a reciprocidade incessante entre a respiração cósmica e os

ritornelos da singularidade BERARDI, Franco (BIFO) *Asfixia: capitalismo financeira e insurreição da linguagem*. São Paulo, Ubu Editora, p.143.

<sup>162</sup> Trecho da fala de Krenak no curso de extensão *on line* Krenak "Saberes ancestrais e práticas de cura" Fala sobre o hálito, o sopro da palavra boa no trecho 1:39:10, dizendo, também, que é por isso que as avós costumam soprar a moleira do neném, bem como seu peito. É prática de cuidado e junto a ela vem uma bênção em forma de canto.

<sup>163</sup> Cf. BERARDI, Franco (BIFO). *A guerra e o espasmo cósmico: relendo o Plano para o planeta*, de Guattari. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/a-guerra-e-espasmo-caosmico-relendo-o-plano-para-o-planeta-de-guattari/> Acesso em: 20 março 2022.

<sup>164</sup> Segundo Bifo, em *Fenomenologia del fin*: No vocabulário de Guattari, um caóide é um dispositivo semiótico que permite ao organismo se desconectar de um ritmo patológico e criar uma nova concatenação entre a consciência e a infosfera. Caosmose é o processo evolutivo de recomposição que leva ao surgimento de uma nova concatenação e, portanto, à possibilidade de uma nova sintonia simpática entre as moléculas que compõem o corpo social e os fluxos que circulam na infosfera (...) Guattari argumenta que, para alcançar a desvinculação, a prefiguração e a re-sintonização, devemos criar caóides. Estes nada têm a ver com a esfera da vontade e decisão política. Pelo contrário, eles pertencem à esfera da arte, educação, terapia: onde a sensibilidade é configurada (tradução livre). Tal conceito aparece no livro *O que é filosofia?* escrito com Deleuze. BERARDI, Franco (BIFO). *Fenomenologia del fin: sensibilidad Y mutación conectiva*. 1ed. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Caja Negra, 2017, p.269.

<sup>165</sup> Inspiração no plano etológico de Guattari e Deleuze em *Mil Platôs* quanto pegam o exemplo do carratato para descrever o plano afetivo no qual todos estamos lançados, mas que fazem questão de acentuar que tal plano se amplifica de acordo com os agenciamentos que o corpo for capaz de fazer.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, F.. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* - v.4. Trad. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997, p. 42-43).

<sup>166</sup> GALEANO, Eduardo. *Ventana sobre el cuerpo*. In: *Las palabras andantes*. Buenos Aires: Catálogos SRL, 2001, p.109.

<sup>167</sup> Deleuze, G., Parnet, C. *Letra Z*. In: *Abecedário de Gilles Deleuze*. Éditions Montparnasse, Paris. Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, foi filmada nos anos 1988-1989. Disponível em: <http://clinicand.com/o-abecedario-de-gilles-deleuze/>

<sup>168</sup> Eduardo Galeano, no documentário "Sangue latino", dirá que num dia que estava profundamente deprimido encontrou uma menininha que fez seu estado de espírito mudar: "Eu saía para caminhar pelo bairro e encontrei uma menininha que não que não devia ter mais que 2 anos, vinha brincando na direção oposta, e ela cumprimentava a grama, as plantinhas: "Bom dia, graminha!" Ou seja, nessa idade somos todos pagãos, e nessa idade somos todos poetas, depois o mundo se ocupa de apequenar nossas almas. Isso que chamamos crescimento, desenvolvimento". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=47aFAIDierM> Trecho:19:36-20:18.

---

ANEXOS - IMAGEM INVERTIDA DA ANTI-TESE ou a ANTES\_TESE

PROJETO APRESENTADO AO PROGRAMA:

**CANDIDATA: ALINE RIBEIRO NASCIMENTO**

**ORIENTADORA: CECÍLIA COIMBRA**

**LINHA DE PESQUISA: Subjetividade, Política e Exclusão Social**

**TÍTULO DO PROJETO DE DOUTORADO: Desafios da travessia do niilismo no contemporâneo : como produzir um corpo liberto do nojo?**

### **Introdução**

O nojo da sujeira pode ser tão grande que nos impeça de nos limparmos- de nos “justificarmos”.  
(NIETZSCHE, 1992b, p. 75)

Que instrumentos dispomos hoje para nos exercitarmos numa admiração diante das forças do mundo, num momento em que as engrenagens do funcionamento fascista de sua forma Estado, Justiça, Educação, Política, Economia etc., estão mais evidentes do que as forças criativas de vida na sua forma de resistência? Que caminhos podemos trilhar para diagnosticarmos os perigos de nossas alianças com as forças reativas desse funcionamento, que vem gestando um fascismo em nós, aquele que nos faz gostar do poder e desejar essa coisa mesma que nos domina e explora, como comentou Foucault<sup>168</sup> (FOUCAULT, 2010a) para delas se deslocar e, assim, criarmos outras formas de habitar o presente? Que instrumentos dispomos hoje para construirmos uma outra história, que parta de práticas em nome da vida e da potência inerente a ela e que está presente, também, em nossos corpos?

Em outras palavras, a transparência dos jogos de força, efetuados por humanos demasiado humanos, tem nos deixado perplexos diante de uma sensação de retrocesso na história no qual as conquistas realizadas por diversos movimentos ativos da vida, como os movimentos sociais ocorridos nos anos de chumbo, que, por sua vez, criaram condições para que hoje diversos direitos e políticas públicas existam, são esvaziados de força e apagados com a mesma intensidade, da história, através de narrativas

---

empobrecidas de conteúdo crítico. O mais grave é que tais discursos tem se multiplicado e ganhado estatuto de verdade.

Mas será que estamos diante de um retrocesso, como se caminhássemos rumo ao progresso? Nietzsche já nos alertava acerca do destino do devir reativo das forças e como esse destino estava atrelado a adoração dos ídolos modernos que são por ele chamados de "sombra de deus" presente na cultura humanística e histórica da modernidade. Por isso, entre tais ídolos estão o Estado, a Justiça, o mito da igualdade de direitos, o sentido histórico, o humanismo burguês, enfim, imagens-engrenagens que cultuamos como uma novidade, como signo de progresso e promessa de felicidade, mas que só materializam programas de melhoramento do homem desde a sua configuração socrático-cristã, resultando no rebaixamento das formas de existência, na homogeneização da cultura e na mediocrização generalizada que hoje está em seu ápice. Afinal, esse jogo agora encontra-se mais transparente, através do esgotamento político pós-moderno construído em torno de práticas de controle social que criam novas dívidas no horizonte da governamentalidade neoliberal e nos ajudam a silenciar a potência dos corpos e a criar aversão pela existência, nos afetando de um modo tal que, por todos os cantos ouvimos as pessoas dizerem que nada mais faz sentido, ou então colorirem-se com afetos de ódio, buscando os culpados por esse estado de coisas.

Por isso, é importante assinalar que essas são expressões do niilismo, que, para Nietzsche, é um acontecimento que se encontra na base de nossa cultura, portanto não é um acontecimento recente, mas uma "doença" que percorre a história do nosso pensamento de tal maneira que foi se alastrando em diversos campos: político, econômico, social, artístico etc. e, com isso, atravessa e compõe modos de existência. Ao mesmo tempo, embora seja sintoma de decadência, trazendo como efeito correlato o nojo pela existência, pode ser sintoma de força, condição para um novo começo, desde que estejamos equipados para atravessar seus efeitos em nossos corpos através de uma ontologia histórica de nós mesmos para que sejamos conduzidos a pergunta: como nos ocupamos de nós mesmos? como Foucault sugere em suas pesquisas, por exemplo ou, guiando pela relação entre desejo e campo social, como sugere Deleuze e Guattari, afim de criarmos um corpo sem órgãos como uma maneira de escapar do juízo de deus e suas sombras modernas.

De todo modo, nossa intenção, no primeiro momento da tese, é caminhar por algumas obras de Nietzsche em que a questão do nojo se mostra presente (1992b, 1994,

1995, 1998, 2001, 2003a), num segundo momento caminhar especificamente com seu personagem conceitual Zaratustra, o grande psicólogo nietzschiano, que atravessa o niilismo e nos conduz ao meio dia e ao eterno retorno, imagens-conceitos que trabalharemos ao longo da tese e num terceiro momento fazer Zaratustra visitar o século XX e XXI, fazendo a filosofia nietzschiana conversar com a história e os modos de subjetivação em curso na busca pelo meio dia ou, ao menos, nos ajudar a conquistar saúde, para que não façamos do nojo, um modo de vida.

### **Fundamentação teórica**

Nietzsche dirá, num fragmento póstumo:

Descrevo o que vem: o apogeu do niilismo. Posso descrevê-lo aqui porque aqui ocorre algo necessário. Os sinais estão por toda parte, faltam somente os olhos para esses sinais. Não elogio nem critico o fato de ele chegar: creio que exista uma das maiores crises, um momento da mais profunda auto-reflexão do homem. Se o homem recuperar-se dela, se apoderar-se desta crise, trata-se de uma questão de força: é possível...O homem moderno tenta acreditar logo neste, logo naquele outro valor e depois os deixa de lado: o círculo dos valores que sobreviveram e que foram postos de lado torna-se cada vez mais cheio; o vazio e a pobreza de valores faz-se sentir cada vez mais; o movimento é irrefreável, embora se tente retardá-lo em grande estilo. Finalmente ele arrisca uma crítica dos valores em geral; reconhece sua origem; reconhece o bastante para não acreditar mais em nenhum valor; o pathos está presente, o novo calafrio... **O que estou contando é a história dos próximos dois séculos (Fragmento póstumo novembro de 1887-março de 1888 11[119] (362)).**

Observando este fragmento, algumas palavras nos chamam atenção: apogeu do niilismo, sinais do niilismo, crise, questão de força, crença em valores e vazio dos valores, crítica dos valores e **fundamentalmente estar contando a história dos próximos dois séculos.**

Esse fragmento tem uma íntima relação com uma discussão presente em "O Crepúsculo dos Ídolos", na seção intitulada "Como o mundo verdadeiro acabou se tornado uma fábula", momento em que Nietzsche (2000b) afirmará que a partir da ficção platônica pautada na crença num outro mundo se inicia "a história de um erro", isto é, o de transformar a vida num erro, negá-la, para afirmar uma outra vida.

Em linhas gerais, nessa passagem é possível ver os **sinais** do niilismo de que Nietzsche fala.

A primeira imagem evocada pelo filósofo adviria da metafísica platônica e sua doutrina de um mundo "elevado e verdadeiro" responsável por criar, como imagem ideal do pensamento, a crença na divisão do mundo: o mundo ideal, transcendente e

---

verdadeiro de um lado e do outro, o mundo sensível, imperfeito e aparente. Nietzsche dirá: " O mundo verdadeiro, alcançável para o sábio, o devoto, o virtuoso — ele vive nele, ele é ele. (A mais velha forma da idéia, relativamente sagaz, simples, convincente. Paráfrase da tese: "Eu, Platão, sou a verdade)".

Em outras palavras a metafísica socrático-platônica inaugura um modo de pensar que, para se sustentar imagina uma outra realidade, fora do mundo e ordenada, que deveria servir de modelo para a conduta, para a *pólis* e para o conhecimento, chamada de mundo verdadeiro. A verdade de Platão, ou como dirá Nietzsche, em outro momento, " "os filósofos não tem consciência de que falam apenas de si mesmos - eles têm a pretensão de tratar 'da verdade' - quando, no fundo, trata-se apenas deles mesmos"<sup>168</sup>, se transforma em verdade do ser.

Assim, seu ideal era guiado por uma necessidade de expulsar da vida os elementos geradores de mudança e da tensão. Para tanto, impôs um modelo de verdade que, não podendo se sustentar numa realidade trágica, baseava-se na crença da existência de um outro mundo perfeito, imutável e estável. Esse modelo criará as bases para que emergam, ao mesmo tempo, novos valores sociais e uma nova direção para a cultura das forças na Grécia alcançável pelo exercício do que ele chama de rememoração ideal: a lembrança do passado ontológico, isto é a lembrança do ser que cuja imagem perfeita está no além, afim de nos desvencilharmos de suas cópias imperfeitas, distorcidas que estão dispostas no mundo sensível (NASCIMENTO, 2011)

A crença nesse passado do ser que visa negativizar o devir é o que passará a ordenar o *socius*, pois essa moral platônica triunfou na Grécia e no horizonte da história da filosofia! Afinal, esse germe niilista se manteve ao longo da história do pensamento ocidental como sua base. Desde então, para se pensar a vida, busca-se a verdade do ser e esta verdade produz-se a partir de algo apartado dela e distinto dela. Tais ideais superiores se tornam valores judicativos, endereçando a cultura para o niilismo, isto é, a negação da vida em nome do que ela deveria ser, mas não é.

Essa moral se expande com o poder de subjetivação do cristianismo, quando o niilismo se aprofunda e passa a habitar a "alma" humana através das noções de má consciência, culpa e pecado, trabalhadas por Nietzsche em *Genealogia da Moral*. O cristianismo surge, então, como uma avaliação da metafísica, a avaliação de toda interpretação do "ser" que, pautado no mundo das idéias de um mundo supra-terrestre e verdadeiro, se contraporia ao mundo terrestre, ao corpo, aos instintos. O tipo nascido daí,

amplifica a imagem do anterior. O desejo e o sofrimento advindo dele devem ser aniquilados com a promessa da felicidade extra-terrena. E, mais que isso, devem ser confessados. O homem passa agora a ser vigia de seus instintos impuros. É o momento do “tu deves” e “tu não deves” da cultura. Momento do peso. Momento em que emerge o ressentimento e a má consciência como estratégias de controle “sócio-pastoral”.

Neste momento, o que antes percorria a esfera conceitual da metafísica se transforma em representação dominante do mundo, na qual a moral apresenta-se como contranatureza, posto que é antítese da vida; age contra os instintos vitais (NASCIMENTO, 2011). Dai Nietzsche dizer: O verdadeiro mundo, inalcançável no momento, mas prometido para o sábio, o devoto, o virtuoso (“para o pecador que faz penitência”). (Progresso da idéia: ela se torna mais sutil, mais ardilosa, mais inapreensível — ela se torna mulher, torna-se cristã...)

Estas forças culturais pautadas numa ficção, são responsáveis pela emergência da primeira imagem do niilismo na nossa cultura chamado de **O niilismo negativo, ou seja, a negação da vida presente** em nome de valores superiores. Importante assinalar que a relação entre filosofia e política já estava presente nesse momento socrático-cristão através de uma aliança entre política e moral que servirão de base, na modernidade, para se pensar no governo de condutas. Por isso, chegamos ao seguinte problema: que tipo de vida se afirma a partir dessa escolha por uma outra vida? Que caminho da verdade é esse que nega o corpo, os instintos em nome da salvação? Engana-se quem pensa que essas imagens ficaram no passado. Elas se transformaram em modelo de verdade, contaminando a imagem criada para a vida, para a memória, para o pensamento e para a cultura, não se reduziram à esfera da filosofia e da religião, afinal, percorrem a esfera dos valores que fazem parte do nosso dia a dia, tendo em vista que são elas que dão subsídios a história da representação, produtora de conceitos como universalidade, verdade, identidade, fundamento, legitimidade etc. que estão presentes no modo como interpretamos a realidade até hoje e como a governamentalidade se expressa.

Não sem motivos, que tais imagens são chamadas de "sombra de Deus" na modernidade. Porém, aqui, o niilismo negativo se modula em **niilismo reativo**. Ou seja, a negação da vida presente se faz agora pela negação dos valores superiores em nome do progresso da humanidade. Dai Nietzsche dizer<sup>168</sup> :

O mundo verdadeiro — alcançável? De todo modo, inalcançado. E, enquanto não alcançado, também desconhecido. Logo, tampouco salvador, consolador,



---

obrigatório: a que poderia nos obrigar algo desconhecido?... (Manhã cinzenta. Primeiro bocejo da razão. Canto de galo do positivismo.)"

Então, o que vemos se operar ai é a instauração de valores substitutivos, isto é, o homem, ao ser colocado no lugar de deus, transforma-se no palco da verdade da vida e ficamos diante de um enorme perigo, a intensificação do niilismo. O que o canto de galo do positivismo produziu? A matematização da existência! O que a história produziu? A invenção do sentido histórico, pensando a modernidade como o ápice do progresso da civilização. E o que mais comparecia nos discursos modernos? A razão como moralidade e a moralidade como controle dos corpos, em que a vida de alguns era depreciada e justificada cientificamente e a de outros insuflada, aquelas que mantêm as engrenagens do "progresso da razão" em movimento. O tipo nascido daí é chamado por Nietzsche, ironicamente de "homens superiores", tais homens agora escolhem quem deve ser morto e quem deve ser salvo, basta lembrarmos do eugenismo, por exemplo! Tais homens escolhem o modo de narrar a história dos acontecimentos de modo continuísta e fazem esforço para negar as diferenças e isso ocorre também no âmbito das ciências e da política. Enfim, foram esses homens que produziram a cultura humanística e histórica da modernidade, criando os novos ídolos: Estado, Educação, Justiça, o mito da igualdade de direitos, o sentido histórico, o humanismo burguês, liberdade, fraternidade etc. pautados na vontade de poder e na vontade de verdade atrelada a ela.

Ao mesmo tempo, nasce também o **niilismo passivo, aquele gestado no coração de homens que percebem que nem Deus, nem o homem deram certo, mergulhando na** negação de todos os valores em que se predomina a falta de esperança, angústia, fastio, cansaço, vontade de nada, típica daqueles que Nietzsche chama de últimos homens. Porque perceberão que nesse percurso, tudo o que é visto como aparência (o temporal, o sensível, o corpo, o devir) ocupará o lugar do negativo, do que deve ser banido, mas, a felicidade prometida não chega e entende que não chegará. Ele se encontra diante do jogo trágico da existência, mas com defesas frágeis para lidar com ele e não suporta a visão das catástrofes produzidas por tal projeto moderno.

Esse homem prefere um nada de vontade a uma vontade de nada. Ou seja, enquanto o modo de subjetivação anterior se prendia a imagem de Deus e sua vontade e que, para nos orientarmos em torno dessa vontade, precisávamos acreditar que fora do

---

mundo alcançaríamos a felicidade, na modernidade, o homem elevado a categoria de objeto pautador da vida também não ofereceu a nós a promessa de felicidade na terra.

Por isso, dirá Nietzsche, tais homens expressam, em seus corpos, seu ressentimento diante de um processo histórico que não lhes forneceu a promessa de felicidade. Na impossibilidade de preencher-se dessa promessa, transformam seu desejo em falta materializada em estampas do espírito como angústia, melancolia e enfado. Tais estampas, transformadas em governo de si, governam também os outros, cria práticas que sustentam uma imagem niilista para a vida, sustentam, portanto, um novo modo de subjetivação em curso, no século XIX, que definirá o melancólico como aquele que se sente incompleto e anseia por uma completude definitiva que nunca chega. Ele sente tristeza, mas é uma tristeza marcada por raiva, uma amargura, ele sente nostalgia. Já o enfadado é marcado pelo cansaço, por uma sensação de falta de sentido, já que para o enfadado, nada muda. Algo do tipo: pra que fazer algo se toda ação que possa vir a fazer não faz sentido algum? E o angustiado mergulha na experiência de vazio de sentido. Qualquer semelhança com o homem pós-moderno não é coincidência!

Assim, podemos dizer que os modos de existência que decorrem das três imagens do pensamento, na nossa cultura, se tornam, de alguma maneira, equivalentes a atitudes: a primeira, do platonismo poderia ser entendida como a atitude do “homem contra mundo”, a do cristianismo, a do “homem princípio negador do mundo” e a da modernidade, como a do “homem como medida das coisas, como juiz do mundo”.

Todas elas, conforme afirma Nietzsche, colocam “a existência mesma em sua balança e acha que lhe falta peso”, isto é, em todas elas a vida é acusada, julgada e condenada e, com isso, mantêm-se uma cisão entre homem e mundo, que o último homem vê, mas não consegue fazer nada. Deus morre, mas a tábua dos valores cristãos permanece e se corporifica nesses novos ídolos: a adaptação, a evolução, o progresso, a felicidade para todos, o bem da comunidade; o Homem-Deus, o homem moral, o homem verídico, o homem social. São esses os valores novos que nos são propostos em lugar dos valores superiores, são esses os personagens novos que nos são propostos em lugar de Deus (DELEUZE, 1976). O mundo continua dividido em bem e mal. Os novos tempos buscam negar Deus, mas sobrevivem de sua sombra, isto é, do rebaixamento do homem, de suas forças vitais através da homogeneização da cultura e da padronização dos homens.

Por isso, afirma Deleuze que:

---

a história põe-nos em presença do mais estranho fenômeno: as forças reativas triunfaram, a negação leva a melhor na vontade de potência! Não se trata apenas da história do homem, mas da história da vida, e da história da terra (...) Em toda parte veremos o triunfo do 'não' sobre o 'sim', da reação sobre a ação. Mesmo a vida torna-se adaptativa e reguladora, reduz-se a formas secundárias: já nem sequer compreendemos o que significa agir (...) A vitória comum das forças reativas e da vontade de negar, Nietzsche chama-lhe 'niilismo' - ou triunfo dos fracos (2001, p. 23).

### **Sinais de saúde e genealogia**

O niilismo triunfa, atinge seu ápice quando a vontade de nada governa o desejo no campo social, quando a reação se junta a negação. Imagem que aparece em todo seu esplendor nos homens do século XX e XXI. Séculos narrados por Nietzsche como do momento ápice do niilismo, mas que não foram vividos por ele, pois seu último escrito data de 1889.

Mas é importante lembramos que Nietzsche apostava na intempestividade, sabendo-se niilista, mas também o seu contrário, pois detectou os signos da doença de seu século nele mesmo, mas também os sinais de saúde. Esses sinais de saúde estavam presentes também em tipos que furavam o horizonte da factualidade histórica, capazes de desenvolver um olhar crítico para o presente, encontrando naqueles que denominou psicólogos finos, os escritores e poetas, alguns desses parceiros (NASCIMENTO, 2006). Mas também viu outros, chamados por ele de frutos maduros, porém tardios, na leitura que Nietzsche faz, sobretudo dos gregos arcaicos e dos romanos antigos, tipos que emergiram antes do platonismo e antes do cristianismo respectivamente. (NASCIMENTO, 2011)

Essa nomeação de frutos maduros, porém tardios, por exemplo, ocorre porque, para Nietzsche, a expressão hegemônica do jogos de força que endereçou nossa cultura para o niilismo, ou seja, demonstram que as forças reativas triunfaram sobre as ativas, assim conseguiram porque o modo de pensar e executar ações nasceu de corpos enfraquecidos alimentados pela metafísica, pelo cristianismo e pelas ideias modernas, porém, em alguns momentos da nossa própria história, emergiram "tipos" fortes cuja maneira de viver e de ser em nada comungava com esses ideais. O que se colocava em jogo na perspectiva da moral nobre construída por esses "frutos maduros" é uma diferença em relação a nós, frutos da moral escrava, no modo de diferenciar liberdade e submissão. Para eles liberdade era a arte de governar a si próprio e submissão, aquilo que nos mantém reféns de algo externo a nós e que, além disso, não nos diferencia uns

---

dos outros. Assim, submissão é a necessidade de pensar e agir como todo mundo, para, a partir dos outros, ter força para nos preservarmos na vida e acreditarmos nela. Esse modo de valorar a vida, para eles, era fruto de um pensamento escravo. Por isso, para o nobre, o escravo se tornou escravo, não porque seja malvado ou tenha uma “essência” má, mas porque se mostra incapaz de valorar como o senhor, isto é, incapaz de fazer de suas próprias forças, uma vida plena.

Assim, a questão trazida por Nietzsche é pensar o tipo de força que é colocado em ação, o tipo de vontade atrelada a essa força, fazendo emergir uma vontade forte, nobre ou uma vontade fraca, escrava, ou melhor, que “nobre” e “escravo” designam formas da vida ou tipos de moral e observará que a história do homem e da terra, ao serem manchadas pela fraqueza da perspectiva lançada pelo poder de contágio de forças niilistas da metafísica e do cristianismo acabou seguindo um rumo que fez da vontade de potência mero instrumento da vontade de poder, ou seja, a vida se endereça para uma a menos de vida, para ressentimentos com a vida e para formas assumidas na cultura que reforçam esse endereçamento: Estado, religião, leis etc. O que Nietzsche chamará de “triunfo dos fracos”, na *Genealogia da Moral*.

Em outras palavras, é como se só conseguíssemos viver na dependência direta com as forças fora de nós: o Estado, a Igreja, a Justiça etc. porque não sabemos obedecer a nós mesmos, como se necessitássemos sempre de uma instância transcendente para nos governar e dizer como devemos agir, ser e pensar. Por isso, todos os estímulos produzidos por nossa cultura enfraquecem o corpo, arruinam o corpo, como Foucault afirma, apoiado em Nietzsche (NASCIMENTO, 2011)

Portanto, a construção da perspectiva genealógica defendida por Nietzsche será aquela que nos fornecerá instrumentos para avaliarmos o valor dos valores, nos trazendo a possibilidade de uma nova leitura do homem moderno e a possibilidade da superação deste homem o questionamento genealógico é:

sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor ‘bom’ e mau’? e que valor eles têm? Obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem? São indício de miséria, empobrecimento, degeneração da vida? Ou, ao contrário, revela-se neles a plenitude, a força, a vontade de vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro? (NIETZSCHE, 1998, p.15)

No entanto, é importante assinalar que essa perspectiva inicia-se em *Zaratustra*, mas o foco sobre as questões acerca do valor dos valores é coroado em *Genealogia da Moral*. Neste momento de seu pensamento, surge a genealogia como resposta à

---

construção dos valores, isto é, como possibilidade de investigação histórica de sua criação, ao mesmo tempo em que Nietzsche elabora uma tipologia das forças da vida e do homem, criando, assim, conceitos como ressentimento, má consciência e niilismo. Perspectiva essa que é experienciada por indivíduos que sabem que somente do caos, que existe neles mesmos, é que se pode produzir uma estrela bailarina, como disse Zaratustra (1994, p.18).

Essa história que narra um campo de luta, hoje nos pede para nos libertarmos do nojo e reinventarmos-nos a partir dele, isto é, recusando-nos a continuar sendo uma engrenagem de menos vida para colocarmos a vida em primeiro plano. Não a vida da sobrevivência a todo custo, que nos adapta às formas dadas; não a vida que acusa o outro de nossas dores e pede punição para que haja a infantil promessa de ordem; mas a vida que se desenha a partir da forma como habitamos o mundo, como nos conduzimos e produzimos história através de nossas práticas diárias. A vida que nasce da pergunta foucaultiana: como nos ocupamos de nós mesmos?

Abordar a história genealógicamente implica em adotar uma atitude na qual problematizar e diagnosticar as forças que adoecem o pensamento - como as que estão em curso no contemporâneo, através das formas assumidas pelos discursos e práticas que produzem subjetividades envenenadas - fazem parte de um mesmo processo e visam criar modos outros de habitar o presente, apontando para o que ainda não somos; para novos modos de subjetivação.

Essa discussão interessa, em especial, a Psicologia, desde que esse campo ultrapasse o modelo de sujeito e de social e pense nos processos que nos conduziram ao ápice do niilismo. Dessa maneira, tornar-se-ia possível dar continuidade à tarefa que Nietzsche destinou a sua filosofia, chamada por ele de “psicologia”, qual seja: multiplicar os gestos filosóficos, isto é, buscar filosofia em toda parte, na literatura, na política, nas artes, na história, na política etc., tal como afirmará Foucault<sup>168</sup> (2008a).

Foucault realizou muito bem essa tarefa e também multiplicou os seus próprios gestos, sendo procurado por pessoas de vários âmbitos, sobretudo ao provocar deslocamentos no campo filosófico e, em outros campos, como o da história, da psicologia, da psicanálise, da literatura, do direito, da sociologia etc., fazendo com que, inclusive, possam estabelecer um diálogo transdisciplinar ou ainda inspirando movimentos como o da antipsiquiatria, o da crítica à medicalização da sociedade, bem

---

como o da judicialização da vida, a biopolítica, a governamentalidade neoliberal e tantos outros.

Essa perspectiva genealógica e transdisciplinar foucaultiana, aprendida com Nietzsche, nos permite agregar saberes de outros campos porque sabe que para diagnosticar as forças do presente, é preciso analisar as diversas formas assumidas por elas, o que também torna possível entendermos que a nossa subjetividade não é efeito do sujeito que somos, mas das peças que nos confeccionam enquanto sujeitos, logo, ela não está dissociada da produção de subjetividade. E, ao assinalar a importância da “multiplicação dos gestos”, cria condições para que os pesquisadores “psis” confeccionem seus trabalhos na fronteira das disciplinas, em total ressonância com a complexidade do seu “objeto”, **que aqui poderia ser pensado como as formas assumidas pelo niilismo**, sendo o homem uma dessas formas, ou melhor, sendo princípio do ser humano como tal, como afirma Deleuze (1976).

Para que encontremos aquilo que escapa, vale retomar Foucault quando, numa conversa com Deleuze (1976, p. diz que somente lutando contra o poder em nós, isto é, contra as formas de poder que se exercem exatamente onde nós somos, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento – na ordem do saber, da “verdade”, da “consciência”, do discurso -, é que efetivamente podemos realizar um exercício crítico capaz de problematizar o que nos tornamos para afirmar outros modos de ser, outros modos de ver e, portanto, outros modos de pesquisar. Como diz o Zarathustra de Nietzsche, na seção endereçada aos virtuosos: “E outros têm orgulho de seu punhado de justiça e em nome dela cometem ultrajes contra todas as coisas: de modo que o mundo se afoga em sua injustiça. Ah, que náuseas, quando lhes sai da boca a palavra “virtude”! E, quando dizem: ‘sou justo’, soa sempre igual a ‘estou vingado!’” (NIETZSCHE, 1994) Esse estado de vingança é, portanto, alimentado pela covardia de assumirmos as engrenagens que ajudamos a sustentar e pelo esquecimento das resistências que dão colorido a nossa história e que ajudam a criar novos arranjos para o nosso mundo. Ao invés disso alimentamos, pela covardia e/ou ignorância, uma história que não nos prepara para a vida e a ação.

Por fim, cabe lembrar que Nietzsche não se conteve apenas em anunciar e/ou denunciar o niilismo, mas buscar as ferramentas para libertar-se dele. Por isso dirá que não critica nem elogia o fato do niilismo chegar em seu apogeu no século XX e XXI, dizendo que, nesse momento existirá "uma maiores crises, um momento da mais

---

profunda auto-reflexão do homem. Se o homem recuperar-se dela, se apoderar-se desta crise, trata-se de uma questão de força: é possível" Trata-se, portanto, de uma questão de força. É possível!

### *A possibilidade da virada das forças*

Se retomarmos a passagem da sessão " Como o mundo verdadeiro acabou se tornado uma fábula" (2000b) veremos Nietzsche dizer: " Abolimos o mundo verdadeiro: que mundo restou? o aparente, talvez?... Não! Com o mundo verdadeiro abolimos também o mundo aparente! (Meio-dia; momento da sombra mais curta; fim do longo erro; apogeu da humanidade; incipit zaratustra [começa Zaratustra]).

Nietzsche nos aponta aqui que a travessia do niilismo, que a travessia dessa história como um erro, é efetuada pelo personagem conceitual, o Zaratustra. Através desse personagem a postura de Nietzsche é clara, como salienta Machado " enquanto se sentir nojo, náusea, se é niilista. Dai por que a problemática da libertação do nojo está tão presente no Zaratustra ( p.128). Ou seja, Zaratustra é afetado pelos encontros com os diferentes tipos que expressam distintos modos de subjetivação em curso, porém, perceberá, em seu corpo, que tais modos só vão intensificando cada vez mais o endereçamento niilista da cultura ocidental. Mas, em um determinado momento, consegue se libertar desses traços em seu corpo, paradoxalmente quando se vê de frente com o maior dos perigos: o nojo do homem e também a grande compaixão por ele.

Nesse momento, o que Nietzsche retrata é a experimentação corporal de Zaratustra com niilismo passivo. Zaratustra é capturado pelo nojo diante da visão de que não é possível haver aperfeiçoamento do homem no sentido de progresso da humanidade. Não há moral que nos console. No entanto, há aqui a possibilidade de construir o que Nietzsche chama de niilismo da força, exercício que precisa ser guiado pela visão da afirmação do eterno retorno da diferença capaz de provocar a visão do meio dia, instante da sombra mais curta, que liberta Zaratustra do fastio.

Zaratustra encarna o último homem, o que se encontra no ápice dessa crise. Nela, como vimos, sente-se impotente porque não crê em mais nada e também não cria, pois nem os valores divinos, nem os humanos lhes dá contorno. Por isso, nele o niilismo se apresenta de forma passiva, pois prefere um nada de vontade a uma vontade de nada, mas, ao mesmo tempo encontra-se diante do momento de viragem das forças e diante de um risco: a possibilidade de afirmar o acaso ou sucumbir diante da sua "verdade".

---

Assim, encontrar-se nesse limiar, nessa linha de tensão, no qual o nada, a ausência de sentido, se apresenta em todo seu indicará o rumo das forças.

Como salienta Kossovitch (2004, p. 131), aqui a ascensão e a queda não se excluem, o nada que é comum ao niilismo negativo e ao positivo, examinado ao nível das forças, deve suscitar uma inversão do querer: as forças agirão no plano ativo de criação e destruição. Nesse jogo de forças uma nova seleção emerge e o homem vindouro será aquele que pode afirmar a intensidade das forças, portanto, não é a forma homem tal como a conhecemos, mas uma que está em vias de se criar, necessitando destruir a forma anterior, portanto, não é derivação, evolução de uma forma para uma melhorada, mas uma forma inédita, nascida do apagamento do sujeito. Um dardo lançado para o futuro que não diz respeito à humanidade, mas a uma seleção daqueles que afirmam e daqueles que sucumbem, dos que esgotam sua vitalidade diante do medo do acaso, daqueles que encontram uma nova vitalidade, no excesso de forças que agora colore o mundo.

Ele vê que o homem é também uma ilusão, tal como Deus. Esse homem deseja morrer, mas, curiosamente Zaratustra elogia esse homem que quer morrer: “Amo aqueles que não sabem viver senão sob a condição de morrer, porque, ao morrer, ultrapassam-se” (*Assim Falava Zaratustra*, prólogo, 4, trad. Geneviève Bianquis, Aubier, *apud* Deleuze, 2001, p. 71).

Só um homem que queira morrer pode fazer aliança com a vontade afirmativa, pode colocar a negação a serviço da afirmação, liberar o campo para as forças ativas. Por isso, se o despertar da atividade das forças ativas puder ser direcionada para a própria vida, abre-se a possibilidade para o além-do-homem. Em outras palavras, o além-do-homem, não sendo mais a imagem do homem tal como se conhece, poderá encontrar a possibilidade de transmutação, compreender que a agonia experienciada pelo último homem não é a estampa primordial de seu humor, de sua disposição, seu *pathos*. Ele não quer abandonar o mundo, vê-se banhado por uma alegria constante por ter finalmente a possibilidade de preparar-se para uma afirmação superior que até agora não pôde ser experienciada, por ter sido esmagada pelos valores que depreciavam a vida.

Assim, a perspectiva que se mostra aberta desde o último homem é a possibilidade de afirmar a tragicidade. Dizer sim à vida ou não à vida é agora o único ato cuja disponibilidade é deixada ao homem da ação. Esse ato, dirá Rosset, é



---

suscetível de mudar “o que existe” e o único (1989a, p. 53). Porque esse sim ou não são inteiros, são manifestação de uma vontade que se tornou livre para escolher seu destino, pois nada apóia sua vontade: não há além, não há ideais, só há a vida. Ele não a comanda, não tem um sentido para ela, mas mesmo assim, vive nela, podendo aceitar essa lançar-se ao acaso das forças ou recusar-se a estar lançado. A responsabilidade é do homem, ou antes, da potência que seu corpo pode afirmar. Esse é o único momento, o único movimento, no qual o nada pode se voltar contra as forças reativas e se converter em potência afirmativa, mesmo que a afirmação seja afirmar a morte. O último homem está, portanto, diante do último perigo, mas também, do júbilo. A virulência do niilismo ativo, afirma Kossovitch (2004, p. 127), está em seu poder de destruição que não visa os valores, mas a aniquilação das forças que os propagam, no qual a força de viragem torna-se querer do não-sentido, amar o acaso.

Como ainda salienta Rosset (1989 a, p.54),

segundo uma perspectiva trágica, apenas terão “agido” em vida, de um lado, os suicidas, de outro os afirmadores incondicionais. Se a “moral” tivesse, aos olhos do pensamento trágico, um sentido qualquer, tal seria seu critério de valor: a “dignidade” sendo aprovar globalmente ou negar globalmente, viver querendo-o ou morrer querendo-o. Suicídio e aprovação incondicional são, em todo caso, a seus olhos, as únicas formas de atividade.

O homem que consegue ter força para suportar essa visão pode fazer dessa experiência um conhecimento da vida para a vida, isto é, ele agora tem possibilidades de investigar os tons nos quais o niilismo se apresentou e entender que a força do niilismo que o sufoca pode libertá-lo, pois não tem mais amarras que o prendam aos valores traçados como necessários a sua existência. Pode perceber-se como uma abertura para um novo ciclo, isto é, o indício do fim de uma história para a abertura de outra que está em vias de se fazer. E, embora Nietzsche acentue que é possível que sejamos lançados num novo tipo de pessimismo, esse pessimismo será da força, isto é “que não permite mais as falsificações da vida pelas ideias, nem pelos eufemismos e que corajosamente olha de frente e diz Sim ao mundo, à terra, à vida, ao destino do homem”. O mundo, para o homem que vence o niilismo nele mesmo, se abre, torna-se novamente infinito, posto que agora, passível de infinitas interpretações, portanto, desconhecido e amado.

Em outras palavras, quando o homem é lançado numa enorme crise, a resposta dada a ela determinará a possibilidade de abrir-se ou não à transvaloração, porque os valores não podem partir nem de Deus, nem do homem; Deus morreu e o homem também precisa morrer para que a vida seja o critério de avaliação; é ela quem avalia,

ela é a doadora de sentido, não há como ter uma posição fora da vida e assim julgar conhecê-la bem, este fora sendo o homem ou sendo Deus, o fora é a própria vida.

(...) uma condenação da vida por parte do vivente permanece sendo em última instância apenas o sintoma de um determinado tipo de vida: sem que com isso se pergunte se uma tal condenação tem ou não razão de ser. Se precisaria ter uma posição *fora* da vida e, por outro lado, conhecê-la tão bem quanto um, muitos, quanto todos que viveram, para se ter antes de tudo o direito de tocar no problema do *valor* da vida: razões suficientes para se compreender que esse problema é inacessível a nós. Quando falamos de valores, falamos sob a inspiração, sob a ótica da vida: a vida mesma valora através de nós *quando* instauramos valores (NIETZSCHE, 2000b, p.37).

Assim, a aposta de Nietzsche é pensar que esse momento de perda de referências é o momento da decisão, pois somente instalado nele o homem pode abrir-se à possibilidade de ultrapassar-se. É o triunfo da afirmação das forças na vida, o niilismo é vencido por ele mesmo. Perceberá que a vida, em sua máxima potência, está para além dos valores humanos e divinos porque a natureza inteira é vontade de potência, isto é, um mar de forças que se chocam ao acaso e nela não há finalidade; “o tempo todo o Caos prossegue com o seu trabalho em nosso espírito” (Fragmento póstumo, primavera-outono de 1881, 11[121]). Esta obscuridade precisa ser considerada para que afirmemos a vida, só assim estaremos verdadeiramente lúcidos e perceberemos que não há separação entre o que somos e o que o mundo é, isto é, um realizar-se do impulso, que não é único, mas múltiplo, pois a criação só se dá na luta entre vários impulsos. Essa luta a cada momento adota maneiras diversas e possibilita variações na forma como a vida se apresenta.

E onde fica o eterno retorno? A primeira formulação do eterno retorno, como uma ficção positiva - tendo em vista que diferente das ficções metafísica e cristã - foi apresentada na obra *A Gaia Ciência*, aparecendo como aquilo que pode libertar às forças do negativo, como uma espécie de alternativa existencial para o último homem. Não é a experiência do além-do-homem, pois esse nasce da necessidade de destruição da forma homem e essa discussão aparece no *Zaratustra*, mas, no entanto, uma formulação passível de ser compreendida e experienciada ainda pelo homem. É um imperativo ético e uma idéia seletiva. Nas palavras de Nietzsche:

E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: “Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá que viver mais uma vez e incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor a cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem (...) A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente- e você com ela, partícula de poeira! –

---

Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: “Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!”. Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e em cada coisa, “Você quer isso mais uma vez e incontáveis vezes?”, pesaria sobre seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a vida, para não desejar nada além dessa última, eterna confirmação e chancela? (2001, p. 230).

A guerra e a paz retornam ao mesmo tempo em que fim e início coincidem, é o mais pesado dos pesos anunciado por um demônio ou por um deus, dependendo do tipo que acolha o anúncio. Como afirma Nabais (1997, p. 202), aquele que experiencia essa ideia, pode dar duas respostas a ela: pode ser interpretada como dor infinita, aniquilando aquele que liga a dor a um passado que se quer anular, mas que, retornando, é um pesadelo, ou então é promessa de uma repetição “como confirmação cósmica de um passado que é desejado por si mesmo” (1997, p. 203). Ou seja, quem é escravo das marcas, o eterno retorno é um tormento, uma maldição, um castigo, mas “quem é pleno em cada instante de sua existência, o eterno retorno é uma experiência dadivosa” (1997, p. 203). É uma experiência dadivosa para quem pode fazer de si mesmo uma promessa.

Mas, esse movimento não elimina que também às forças reativas retornem, por isso, ao homem não é possível a afirmação plena, a afirmação da afirmação, porém, é possível eliminar certos estados reativos que, em homens fortes, artísticos, são pouco desenvolvidos. Estes podem relacionar a vontade de nada com o eterno retorno e quebrar a sua aliança com o niilismo, pois essa vontade negava a força ativa e a levava a se negar, a se voltar contra si mesma, configurando o devir-reactivo universal que alimenta a História e o homem, o devir-reactivo das forças. Essa aliança, possibilitada por esse tipo, quebra o niilismo, torna-o completo, porque quebra a sua aliança com as forças reativas, fazendo da negação uma negação das próprias forças reativas (1976, p. 57). Aqui se opera a conversão do negativo. Nas palavras de Deleuze: “o niilismo, por e no eterno retorno, não se exprime mais como auto-conservação e a vitória dos fracos, mas como a destruição dos fracos, sua autodestruição” (1976, p. 57).

Por isso Nietzsche dirá que o eterno retorno pode tornar-se o peso mais pesado. Zaratustra entenderá que o homem não pode ainda afirmá-lo, daí a necessidade de um além-do-homem como aquele que é o único capaz dessa qualidade de afirmação. No entanto, podemos vislumbrá-lo agindo no corpo daqueles que, tal como Zaratustra,

estão à caminho dessa afirmação incondicional. Mas, estar a caminho não é ser o caminho, mas se lançar no jogo de forças. A esse respeito, Deleuze afirma que

Quando uma força reativa desenvolve suas últimas conseqüências é em relação com a negação, com a vontade de nada que lhe serve de motor. O devir-ativo, ao contrário, supõe a afinidade da ação com a afirmação; para tornar-se ativa, não basta que uma força vá até o fim do que ela pode, é preciso que faça daquilo que ela pode, um objeto de afirmação. O devir-ativo é afirmador e afirmativo, assim como o devir-reativo é negador e niilista. Um devir-ativo, não sendo nem sentido nem conhecido, só pode ser pensado como o produto de uma seleção. Dupla seleção simultânea: da atividade da força e da afirmação na vontade. Mas quem pode operar a seleção? Quem serve de princípio seletivo? Nietzsche responde: o eterno retorno. O eterno retorno, após ter sido objeto de nojo, supera o nojo e faz de Zaratustra um "convalescente", um "consolado" (1976p. )

Seguiremos as andanças desse personagem, ao longo do livro de Nietzsche, acompanhando os fios do niilismo em seu devir reativo desde a metafísica socrático-platônica e apontar, também para aspectos ligados ao niilismo da força, quando Zaratustra se vê diante do enigma do eterno retorno e o relacionará ao meio dia, mas também buscaremos dialogar com outros conceitos de Nietzsche, como grande saúde, grande política e pequena política, por exemplo. Para dar materialidade histórica para essas imagens-conceitos, buscaremos encontrar algumas formas dada as forças reativas do século XIX , sobretudo no universo das práticas sociais, e aqui Foucault nos ajudará bastante. Buscaremos também levar Zaratustra ao século XX e XXI, em que dialogará com o que encontra pelo caminho ( situações analisadoras), bem como com autores tais como Foucault, Canguilhem, Deleuze, Felix Guattari, Heidegger, Nikolas Rose, Blanchot, Agamben, Primo Levi, Castel, Bauman, Grois, Lazzarato, Peter Pal Pelbart, Heliana Conde, Cecília Coimbra, Sueli Rolnik, Edson Passeti, Thiago Rodrigues, Vladimir Safatle, Margareth Rago, dentre outros.

### **Justificativa**

Ao longo de minha experiência acadêmica, iniciada na Universidade Federal Fluminense, em Psicologia, entrei em contato com diversos autores de diferentes áreas, sobretudo a partir da filosofia da diferença<sup>168</sup>, pois a referida instituição trabalha numa perspectiva transdisciplinar.

Tive, então, acesso, em função dessa perspectiva inovadora, a uma concepção de psicologia que questiona o seu próprio campo de saber, que problematiza qualquer forma de especialismo, de modo que não busca a criação, muito menos a afirmação de uma identidade profissional, mas uma expansão do olhar e da escuta “psi” para além

---

dos modelos, através da intercessão entre campos diversos, criando, assim, dispositivos de análise que surjam do entrecruzamento entre eles nas mais diversas áreas: saúde, educação, clínica, cognição, grupos e instituições, dentre outros. O pensamento que se cria, a partir dessa perspectiva que se agencia com forças oriundas de vários âmbitos: filosofia, literatura, sociologia, biologia, história, cinema, psicologia, psicanálise etc. possibilita, ao aluno, ir cartografando<sup>168</sup> mapas intensivos e criadores e a abandonar, desta forma, a construção de verdades, mas inventando, a partir dos processos que vão se dando, estratégias de intervenção nos mais variados espaços.

Com isso, nós, estudantes, tínhamos a liberdade de criar práticas a partir de nossas vivências, ao mesmo tempo em que foi produzido, em nós, um olhar crítico para o presente e para a configuração do nosso próprio campo de saber, o que nos permitia problematizar e produzir conhecimento sobre os processos de subjetivação em curso e sustentar um *ethos* ético-estético-político, sobretudo a partir das leituras de Foucault, Deleuze e da Análise Institucional que estavam a todo vapor nos anos 90.

Esse percurso fez com que nascesse minha monografia intitulada: “Trabalhando com o Invisível: uma experiência de intervenção socioanalítica no Juizado da Infância e da Juventude” (1996), orientada pela professora Dr<sup>a</sup> Cecília Coimbra, responsável, também, pela coordenação do projeto intitulado MENINAR (Meninos [as] nas ruas), que, posteriormente, se desdobrou em PIVETES (Projeto de Intervenção Voltado às Engrenagens e Territórios de Exclusão Social) do qual fui integrante. Nessa monografia trabalhei com diversos textos de autores de vários âmbitos como: Foucault e Deleuze (filosofia), Ariès (história), Donzelot e Castel (sociologia), Canguilhem (epistemologia), Bleger (psicologia institucional), Lourau (Análise Institucional), Guattari (psicoterapia institucional), dentre outros, enfocando a genealogia como o horizonte no qual deveríamos indagar acerca da proveniência e emergência dos conceitos e práticas humanas, embora, nesse momento, ainda não me referisse a Nietzsche, mas a genealogia tal como Foucault a descrevia. Neste trabalho monográfico, busquei traçar tanto a história da intervenção de nosso grupo de estágio no referido estabelecimento, bem como a história da prática judiciária e do nascimento do setor de psicologia naquele espaço rico em questionamentos e hoje ao lembrar a monografia diria que ela visava apontar como a constituição dos sujeitos está em íntima relação com as políticas de subjetivação.

---

Ao mesmo tempo, fiz dois anos de estágio em clínica, no SPA da UFF, sob a supervisão do Prof.º Drº Roberto Novaes de Sá e, posteriormente, fui convidada, com mais duas alunas, pelo mesmo, a participar, na qualidade de bolsistas, de sua pesquisa intitulada “ Filosofia Hermenêutica e Clínica Psicoterápica”. Pesquisamos a obra “Ser e Tempo”, de Martin Heidegger, bem como outros hermenêutas, a saber, Schleiermacher, Dilthey, Gadamer e Paul Ricouer objetivando recensear as principais contribuições destes autores na questão da compreensão e interpretação na clínica psicoterápica. Nosso grupo de pesquisa participou do Prêmio Vasconcellos Torres de Ciência e Tecnologia-VII Seminário de Iniciação Científica e conseguimos o primeiro lugar na área de ciências humanas em 1997.

Em 2000, passei num concurso público e fui trabalhar na área de saúde da Prefeitura de Araruama/RJ, atendendo crianças, adolescentes, pais, recebendo encaminhamentos do Conselho Tutelar, do Juizado, de escolas, problematizando esses encaminhamentos com a equipe, fazendo intervenções em alguns espaços, montando grupos de discussão com os pais das crianças atendidas, com as adolescentes gestantes, grupos de trabalho com os profissionais de saúde etc. onde as ferramentas que compuseram minha formação inicial foram imprescindíveis para lidar com o cotidiano das práticas que emergiam tanto naquele espaço quanto em seu entorno. Tudo que eu havia aprendido se materializava, como, por exemplo, a formação de diversas instituições a partir das relações saber-poder, os fios que formam a rede dos dispositivos e a necessidade de criação permanente de estratégias para que se produzissem contra-dispositivos.

Trabalhava também, desde 1997, em consultório particular adotando, inicialmente, uma perspectiva fenomenológico-existencial, mas, ao poucos, fui me distanciando dessa abordagem e me aproximando mais de Deleuze e Guattari (esquizoanálise) e, a partir deles, aprofundando minha relação com os escritos de Nietzsche e Foucault, criando, inclusive, grupos de estudos no consultório onde buscava uma articulação entre clínica, filosofia e política. Esses grupos ocorreram nos anos de 2004 a 2007.

Creio que, sem que me desse conta, buscava uma certa “coerência epistemológico-existencial” que pudesse dar forma às diversas forças que me habitavam e que, a todo instante, me cutucavam no sentido de me forçar a pensar na minha prática, nos efeitos das ferramentas usadas nela e de como se constrói um corpo que a sustenta e

---

afirma. Esse processo acabou me conduzindo a tentar o Mestrado em Psicologia, também na UFF, em 2004, com o projeto “O que é a psicologia para Nietzsche?”. Através da orientação do Profº Drº Auterives Maciel pude aprofundar minhas inquietações acerca da minha trajetória profissional e fundamentalmente alinhar com mais propriedade a relação entre filosofia, psicologia e política de subjetivação.<sup>168</sup>

Percebi, com a feitura da dissertação e a partir dos efeitos dos eventos em que participei, bem como nos projetos de pesquisa em que fiz parte, nesse período, que as indagações que me motivaram a escrever sobre psicologia, provinham do desassossego que os autores que fizeram parte de minha formação havia produzido em mim, bem como a necessidade vital em escolher um caminho de pesquisa coerente com aquilo que o corpo do pesquisador efetivamente pode afirmar como sua trajetória de pesquisa, já que ela não está dissociada da vida que se escolhe trilhar. Assim, acabei me dando conta que o vasto campo da filosofia nietzschiana era exatamente o espaço capaz de dar contorno às minhas questões.

Somado a isso encontrei, na obra de Nietzsche, indagações acerca da relação entre filosofia e saúde que convergiam com os afetos que guiavam minha escrita, e, ao ver um filósofo se auto-intitular psicólogo para não ser confundido com a maneira tradicional de fazer filosofia, e, munido dessa máscara, propor uma abordagem genealógica dos valores, que implicava, por sua vez, percorrer todos os matizes que participam da produção da subjetividade, pude vasculhar a “história da alma moderna” numa empreitada na qual o diagnóstico da cultura não está desatrelado da problematização do saber, da consciência e da produção do sujeito, tal como havia aprendido através da “lente-Foucault”. E mais que isso, que essas problematizações só puderam emergir porque Nietzsche se utilizava de elementos vindos de várias fontes - filosofia, filologia, fisiologia, história, literatura etc. o que me auxiliava, também, na afirmação de uma proposta transdisciplinar de pesquisa em psicologia, conforme havia aprendido em minha formação.

Assim, Nietzsche acabou me conduzindo pelos caminhos que fizeram parte da minha formação, pois todos os autores que foram priorizados nela, de uma forma ou outra, mencionavam Nietzsche como referência principal deles, incluindo aqui Heidegger, o que me ajudou também a ganhar um entendimento melhor de seus trabalhos e a sua diferença em relação a Foucault e Deleuze. Aos poucos, como diria Nietzsche, pude ir encontrando “os remédios certos contra os estados ruins”, ou seja,

---

quais seriam os personagens e as ferramentas conceituais que poderiam me acompanhar na aventura dos processos do pensamento e da criação de práticas afins a tais processos. Mas, tudo isso só ficou claro para mim no final do processo da pesquisa.

Na defesa do mestrado, em 2006, foi sugerido que eu publicasse a dissertação e continuasse as minhas pesquisas em Nietzsche, num doutorado. Um dos membros da banca, o prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup> Miguel Angel de Barrenechea, docente do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), me sugeriu que eu fizesse um projeto pensando a memória social a partir Nietzsche.

Aceitei a sugestão e, em 2007, ingresso no doutorado com o projeto intitulado: “Os desafios da memória em direção às forças de criação”, sob a orientação desse professor. E ao aceitar o convite tive também a grata surpresa de deparar com um programa que concebe o conceito de memória social como polissêmico e transdisciplinar, objetivando, assim, não encontrar uma definição unívoca que remetesse a uma suposta essência ou pureza para tal conceito ou que pudesse configurar um território disciplinar que seria o detentor de sua verdade. Proposta, portanto, semelhante ao meu percurso dentro da psicologia da UFF e que, inclusive, me possibilitava aproximar as discussões acerca da memória social com a produção de subjetividade.

O objetivo principal de minha tese foi o de buscar diagnosticar as forças em jogo na produção da memória social, bem como apostar em aberturas nesse próprio jogo capazes de mudar a sua direção, ficando intitulada como "Os desafios da memória em direção às forças de criação". Tirei licença sem vencimento na prefeitura de Araruama e parei de clinicar para me dedicar inteiramente ao doutorado, pois havia conseguido uma bolsa da Capes.

Para atingir esse objetivo e ser fiel aos caminhos trilhados por Nietzsche para alcançar o que seria a genealogia da memória social, tive que percorrer novamente toda a obra de Nietzsche, bem como a obra de Platão, para entender a crítica que Nietzsche endereçava a ele e a memória ontológica inventada por ele, bem como os efeitos dessa produção no modo de existência dos helenos. Esse percurso me conduziu ao entendimento da relação que se estabelece entre memória (passado) e verdade e como essa relação determinava modelos de conduta tendo em vista que, sua sustentação implicava na expulsão do devir como elemento da vida e do pensamento, o que, em última instância fez com que tudo que comportasse a diferença passasse a ser



---

interpretado como um mal. Também foram analisados os desdobramentos do platonismo na obra de Santo Agostinho, a fim de explicitar o tema da memória no cristianismo e sua promessa de futuro a partir de uma nova crença no passado humano que ordenaria o *socius*, mas com elementos novos: o ressentimento, a culpa e a dívida, temas discutidos por Nietzsche em *Genealogia da Moral* e, por fim, a relação entre memória e história na Modernidade, temas da *Segunda Consideração Intempestiva*.

Dessa maneira, coloquei em análise o jogo de forças sócio-culturais que transformaram o homem num animal de rebanho, escravo de juízos de valor, de conceitos e preconceitos morais que o mantém preso ainda ao modelo platônico das Ideias e ao modelo cristão de uma memória do passado e da dívida. Tais modelos de verdade contaminam a imagem criada para a vida, para a memória, para o pensamento e para a cultura. Portanto, não se reduz à esfera da filosofia, mas percorre a esfera dos valores que fazem parte do nosso dia a dia, afinal, estamos diante da história daquilo que alimenta nossas práticas e que tem como efeito os conceitos de universalidade, verdade, identidade, fundamento, legitimidade etc. que estão presentes no modo como interpretamos a realidade. E fui percebendo que esse modelo está presente na forma-Estado e no modo como narramos à história do Ocidente, tal como discutido por Foucault, mas esse tema não pode ser aprofundado, pois fugia do escopo da pesquisa.

Nesse primeiro momento da tese, o que se coloca em questão era a produção do social e da subjetividade num mesmo jogo de forças, sendo a memória social uma noção que permitiria pensar na indissociabilidade desses planos. Pensar na memória social implicava na necessidade de entendê-la em permanente processo de construção, já que deriva das mudanças ocorridas nas condições de existência e, conseqüentemente, terá uma relação estreita com as condições sócio-político-históricas. Estas, por sua vez, acabam determinando uma certa produção discursiva, que, sem o devido questionamento, no faria incorrer no erro de encontrar uma definição estanque e unívoca para a memória social, como se fosse um valor dado que pudesse assegurar uma direção temporal da memória ligada a construção racional do passado, como origem de nossa identidade ou como verdade da história.

Assim, para escapar de um certo assujeitamento da memória às forças do *socius*, ao mundo das essências e/ou transcendências, a atitude crítica se torna fundamental para pensarmos na construção do que Foucault, interpretando Nietzsche, chama de “contra-memória”, nos permitindo assumir uma outra posição em relação ao modo de construir

---

narrativas acerca da memória social, pensando a temporalidade sob novos ângulos que por sua vez podem ser despertados por experimentações que afirmam o devir ativo nos corpos. Ao dar passagem a eles torna-se possível transgredir as formas dadas tanto para *socius*, quanto para os homens e, assim, produzir contra-memórias, através de novas práticas que veem na afirmação incondicional da vida o modo fundamental de profanar as diversas formas de verdade que nos silenciam.

Esses questionamentos são aprofundados no segundo momento da tese, no qual trabalhei a aposta de Nietzsche numa memória do futuro afirmada por aqueles que sabem fazer de si mesmos uma promessa de vida, uma arte. Ou seja, implicava numa memória social tecida a partir de uma ética e que se constituía como um exercício de criação de uma estética para a existência a partir das forças que se envergam no corpo, encontrada, sobretudo nos gregos arcaicos e nos romanos antigos, mas que também estão em nós, desde que entendamos a memória social como um dispositivo e a contra-memória como as forças que podem criar novas formas de narrar a história. Aqui entrava em cena toda uma discussão em torno da memória da vontade encarnada nesses tipos extemporâneos que nos colocaram o desafio de pensar-experimentar um outro sentido para a memória, lançada ao futuro imanente, mas que, no entanto, não se confunde com a promessa de futuro moderna, ligada a ideia de progresso e evolução, nem a ideia de linearidade da história, mas ao cultivo das forças ativas.

Tais tipos de vontade livre me colocaram novamente diante da relação Foucault-Nietzsche, mas, agora, ligada aos últimos escritos, bem como diante de outras proximidades entre os autores que foram timidamente trabalhadas em algumas passagens da tese para dar um contorno, digamos, prático, ao pensamento nietzschiano, bem como na possibilidade de pensar em modos de subjetivação ligados a criação de si. Dessa maneira, alguns escritos de Foucault apareciam, por exemplo, como uma ferramenta que me auxiliava nas análises relacionadas à compreensão do presente, ao que nos tornamos quando afirmarmos determinados valores, o que fazendo de nós mesmos ao afirmá-los etc., mas sempre numa perspectiva de Foucault falando de Nietzsche ou dos pontos tratados por Nietzsche acerca da memória, da história etc. que eram discutidos por Foucault em alguns escritos.

Foi ficando claro que todo esse processo estava me aproximando cada vez mais de Foucault. Numa pesquisa, à parte, fui reunindo material sobre as semelhanças dos dois autores que poderia ser usado numa pesquisa futura. Por isso, ao terminar o

---

doutorado, resolvi também olhar para a minha produção, mas por uma outra perspectiva e pensar num pós-doutorado em psicologia.

Percebi, através da minha dissertação, possibilidades de aproximação da definição de psicologia dada por Nietzsche com muitas discussões trazidas por Foucault. Por exemplo, quando Nietzsche analisa como se dá a produção dos modos de existência, quando se ocupa em desnaturalizar o lugar da verdade e quando propõe uma inovadora definição de saúde, doença e corpo, essas discussões estavam presentes, ainda de forma mais clara, em muitos escritos de Foucault, sobretudo quando ele acentuava a necessidade de se problematizar a naturalização do sujeito a partir de um tipo de psicologia que participa do adoecimento do corpo do homem ao sustentar discursos e práticas que priorizam uma determinada qualidade de jogo de forças do saber-poder, bem como quando ele pensa na libertação desse corpo a partir da ênfase dada às forças em jogo na ética de si que traz como consequência prática a criação de nós mesmos como obra de arte.

E, quanto a minha tese, percebi que, tanto a problematização nietzschiana acerca da utilidade e da desvantagem da história para a vida quanto a sua análise posterior, a proposta metodológica de investigação crítica da história através do que ele nomeia como genealogia - que se contrapõe, sobretudo, às concepções de história do utilitarismo, do evolucionismo e do positivismo -, estavam muito próximas das mesmas problematizações presentes nos escritos de Foucault e que deveria haver ainda outros pontos de convergência.

Após a defesa, em 2011, teria que regressar as atividades na Prefeitura de Araruama, mas, em função de um novo corpo ter nascido, o corpo-pesquisadora/docente, resolvi pedir exoneração para continuar a me dedicar a cuidar e equipar esse novo corpo levá-lo a espaços nos quais essa nova potência descoberta nele pudesse continuar a se expandir, junto aos alunos. Era chegada a hora de me lançar em concursos públicos para professor.

Nesse mesmo ano participei de um concurso para professor substituto, classe adjunto, na Universidade Federal Fluminense, na área de concentração em Fundamentos Histórico e Epistemológicos da Psicologia. Fiquei em segundo lugar, mas só tinha uma vaga. Inscrevi-me em outros, mas minha inscrição foi indeferida porque não consideravam o Doutorado em Memória Social como importante para a Psicologia, o que não fazia o menor sentido!

---

Em 2012, resolvo retornar para o meu trajeto de pesquisadora e reúno aquele material sobre Foucault que havia guardado, ao longo do doutorado, mas que não tinha tido possibilidades de explorar, pois fugia do tema da tese. Lanço-me em novas aventuras para o pensamento, com o projeto de pós-doutorado batizado como “Ressonâncias de Nietzsche em Foucault: O encontro criativo da flecha do pensamento”. No entanto, precisava encontrar como supervisor um professor que pesquisasse Foucault, conhecesse Nietzsche, me trouxesse novamente para o campo da psicologia e que apostasse numa perspectiva transdisciplinar. Fui então acolhida pela prof<sup>a</sup>. Dra Heliana de Barros Conde Rodrigues do programa de Pós Graduação em Psicologia Social da UERJ e alinharei meu projeto com o dela, cujo título é “Michel Foucault no Brasil: presença, efeitos e ressonâncias”, acrescentando ainda questões relacionadas aos modos de construção e de escrita da História.

Conseguimos uma bolsa do CNPq e, de 2012 a 2014, trabalhei, com afinco, em torno dessas ressonâncias, dessa vez percorrendo todos os escritos de Foucault, pois percebi que ele tornava o pensamento de Nietzsche mais acessível para a psicologia; afinal, materializava os conceitos nietzschianos no universo das práticas sociais e institucionais. Cumpro ainda destacar que Foucault foi um dos principais divulgadores do pensamento nietzschiano no Brasil, pois suas visitas a nosso país tornaram possível o interesse por Nietzsche nos espaços das ciências humanas e sociais, pouco receptivos ao filósofo até então.

Por isso, ao longo da pesquisa, busquei- tanto no campo da psicologia, quanto no da história - os efeitos desse encontro criativo Nietzsche-Foucault. Tanto no modo de abordar a história em cada um desses campos, como no modo de analisar problemas que emergem no presente, partir de uma perspectiva genealógica, que prioriza processos e não representações, promove *diferença*. Além disso, encontrei, junto à professora Helianade Barros Conde Rodrigues, a história oral como uma ferramenta excelente de análise, que comunga e prolonga, metodologicamente, a proposta dos dois autores.

Dessa pesquisa de pós-doutoramento nasceram alguns artigos, a saber: “Da invenção da memória às memórias inventadas “Ferramenta e ferrugem: apontamentos sobre o conceito de representação social””; “Filosofia e experimentação: exercícios espirituais em Nietzsche e Foucault””; “Ressonâncias de Nietzsche em Foucault: o encontro criativo da flecha do pensamento””; “Nada será como antes: a flecha

---

foucaultiana no Brasil trazendo Nietzsche em sua ponta afiada”e “Nietzsche e(m) Foucault: O tiro espiritualizado da flecha do pensamento”.

No estágio de pós-doutoramento também ministrei as seguintes disciplinas: Psicologia, Instituições e Saúde e Análise Institucional, para a turma de graduação em Psicologia e para a turma de Pós-graduação em Psicologia Social. Ministrei também aulas na graduação de Psicologia focado memória social em Nietzsche e medicalização social em Foucault; realizei estudos diversos com o grupo de pós graduação em Psicologia Social, coordenado por Heliana de Barros Conde Rodrigues, participei de orientações coletivas; participei da organização do VIII Colóquio Internacional “Michel Foucault e os saberes do homem”; participei de banca de defesa de mestrado em Psicologia Social e fui convidada a ser parecerista *ad hoc* de revistas de Psicologia Social e de Educação.

Cumpru ressaltar que, devido à plasticidade de minha formação, fui convidada, ao longo de minha trajetória, a ocupar espaços diversos no campo da docência, mas sempre de forma avulsa, por vezes remunerada e em outras não.

Assim, no ano de 2007 fui convidada a ministrar mini-cursos no Instituto de Fenomenologia Existencial (IFEN), em turmas de Especialização, mas levei para o espaço discussões que articulavam Nietzsche, Foucault e Bauman para pensar as práticas “psi” na contemporaneidade.

Na época do doutorado, influenciada pelas pesquisas de que fazia parte, bem como pelas pesquisas anteriormente realizadas, ministrei disciplinas na UNIRIO (Estágio de Docência obrigatório) para turmas de campos variados- Memória social, Biblioteconomia e Pedagogia-, tratando de temas como memória e filosofia da diferença, biopolítica e estado de exceção, Nietzsche e a educação etc.

Nesse período, para dar visibilidade a esse processo e às questões que julguei pertinente problematizar, participei de eventos na UNIRIO nos quais apresentei algumas discussões da tese, organizei seminários sobre o tema da memória e, como também fazia parte de um grupo de pesquisa da UFF sobre violência e contemporaneidade, participei de eventos que tinham como escopo a discussão dos direitos humanos, apresentando trabalhos em torno dessa temática (UERJ e FUNEMAC).

Além disso, publiquei alguns artigos: “Uma leitura nietzschiana para o filme ‘O Trem da Vida’” (2008); “De Auschwitz a Tropa de Elite: modulações do estado de exceção?” (2009); “Da cultura platônico-judaico-cristã à cultura capitalística:

---

modulações do niilismo na construção da memória” (2009); “Os desafios da memória em direção às forças de criação” (2011); “Exame criminológico: uma questão ética para a psicologia e para os psicólogos” e “É legítimo matar em nome da lei?” (2011).

Também atuei como professora convidada na Fundação Educacional de Macaé (FUMEMAC) nos anos de 2009 e 2010, no curso de especialização *lato sensu* em Teorias e Práticas Transdisciplinares e Violência, ministrando as disciplinas “Violência e Realidade Brasileira” e “Estratégias Transdisciplinares de Intervenção I e II”. Ainda na FUMEMAC, dei aulas no curso de extensão “Educação em Direitos Humanos”, ministrando o módulo “Fundamentos Históricos e Ético-filosóficos da Educação em Direitos Humanos”. Nesta instituição também orientei monografias de conclusão de curso com alunos de graduações diversas.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ministrei uma disciplina intitulada “Analítica do Poder e Violência”, como professora convidada, numa especialização *lato sensu* sobre Segurança Pública, Cultura e Cidadania (parceria da Faculdade Nacional de Direito com a Divisão de Integração Universidade-Comunidade, DIUC/PR5, em 2011).

Também recebi convites para dar aulas, como professora convidada, em turmas de Psicologia como, por exemplo, na PUC/RJ, onde discuti a genealogia do poder em Vigiar e Punir (2011) para pensar estratégias e táticas nas instituições sociais; no IBMR (2011), onde discuti os riscos de se transformar a discussão dos Direitos Humanos em mais um especialismo; e na UFF (2014), ministrei a aula “Vida, arte e estética da existência em Nietzsche e Foucault”, na disciplina “Tópicos Especiais em Psicologia Social”, para pensar possíveis práticas de si no contemporâneo

Fui convidada a participar de bancas de conclusão de cursos de especialização e de mestrado (2009-2014), abordando temas que versavam sobre sistema socioeducativo e prisional, justiça, mundo do trabalho e da educação, além de incursões na área de literatura e da saúde mental.

No que tange aos trabalhos técnicos, fui revisora técnica de um livro sobre filosofia deleuziana (2010) e fiz a orelha de um livro sobre psicologia e campo jurídico (2012). Além disso, como antes mencionado, desde 2012 tenho realizado pareceres ad hoc para revistas de Psicologia Social e de Educação.

Fui duas vezes aprovada em Concurso Público para o cargo de professor na Universidade Federal Fluminense. No primeiro caso, em 2011, já citado anteriormente,

---

fui classificada em segundo lugar para o cargo de professor substituto da área de concentração “Fundamentos Históricos e Epistemológicos da Psicologia”. No segundo caso, em 2013, fiquei em terceiro lugar no concurso para o cargo de professor adjunto 40 horas D.E. da área de concentração “Psicologia Social”, porém, só chamaram os dois primeiros lugares. Me inscrevi em outros concursos, mas, minha inscrição foi indeferida novamente por conta do doutorado em Memória Social. Fui chamada para compor o quadro de professores do concurso em que fiquei em 3 lugar pois surgiu uma vaga,, mas perderam o prazo para dar entrada no processo, de modo que não pude ser nomeada. Fizeram novo concurso com a vaga que seria minha, me inscrevi, já tinha pós-doc em Psicologia social. a prova era nesse tema, mas fui reprovada na prova escrita com uma estranha nota 5,0 e, no final, chegaram a abrir duas vagas.

Em 2015 fui aprovada como professora visitante de psicologia na UFG, porém mesmo tendo ficado em primeiro lugar na área da psicologia, tive de concorrer com professores de todas as demais áreas e o critério de pontuação não me favoreceu para concorrer com elas. Eram 22 vagas e eu fiquei em 34º lugar.

Somente em 2016 consegui ser contratada como professora numa faculdade particular, num momento político delicado que me colocou diante da necessidade de discutir, em sala de aula, com os alunos da graduação, o jogo de forças do presente, próximo, talvez, ao que Foucault nomeia como "jornalismo radical das ideias", ou seja formular questões no hoje e reagir ao que acontece no momento em que acontece. As disciplinas que foram designadas a mim, tais como: psicologia social; psicologia educacional e problemas de aprendizagem; psicologia da comunicação; psicologia das comunidades; esquizoanálise; psicologia ciência e profissão; história da psicologia e psicologia fundamental, seguiram esse princípio. Porém, eu me via solitária e assombrada pelos discursos e imagens que chegavam, lutava para que esse afeto não contaminassem meu discurso, buscando assinalar para os alunos as possíveis linhas de fuga que também estavam sendo desenhadas nesse agora. Mas, também me sentia esgotada nesse exercício solitário, tendo em vista também o despreparo da instituição de ensino para lidar com o que estava ocorrendo. A maioria se mostrava anestesiada, discutindo a psicologia do passado e suas fórmulas mágicas para lidar com o sofrimento e eu, fazia ( e faço) um movimento contrário.

Conforme as situações do presente iam se tornando cada vez mais tensas, mais forte essa tensão percorria o arco da flecha da minha vontade, criando , em meu corpo, a

---

necessidade de ultrapassamentos rápidos de discussões que não servem mais, mas sem tempo de me dedicar a tais ultrapassamentos, que vinham como raios. Além disso, percebi que não podia exigir dos alunos que acompanhassem esse meu lançamento, seria desrespeitoso com o corpo deles (teórico, existencial, temporal etc.). Então, precisei recuar, afrouxar o arco, diminuir o ritmo das problematizações, mas esse frear fez com que os afetos intensivos precisassem de um lugar para eu não adoecer.

Diante dessas inquietações e da necessidade de manter a flecha de meu pensamento em movimento, percebi que a melhor maneira de dar passagem e digerir os acontecimentos, sem ficar esgotada, anestesiada ou enojada, de modo que tais afetos não assombrassem minhas aulas, seria voltar a estudar.

Além disso, percebi que não somente eu, mas muitos amigos estavam assim, ora anestesiados, ora esgotados, ora perplexos, ora tudo junto, e isso me fez pensar que o afeto que me governava era o assombro. E, aí escrevi um bilhetinho para mim mesma assim:

Algumas imagens têm me assombrado. Assombrado? Seria essa a palavra? Vejamos. Assombrar remete a cobrir-se de sombra e, para tanto, inviabiliza a visão de imagens, embora invoque a lembrança da luz, a lembrança de momentos em que um cenário, estando iluminado, se permitiria ser visto...Então, assombrar, aqui, é, ao mesmo tempo, colorir-se de sombra a ponto da sombra ser o guia da visão e, nesse momento em que se escolhe a sombra como vida óptica do corpo, se teme o não ver mais como antes, como também, implica em invocar a lembrança do ponto anterior no tempo, em que a luz era presente e o cenário conhecido. Talvez por isso haja equivalência entre assombro e tornar algo sombrio, embora a lembrança da luz anterior funcione como aquilo que colore nossa visão e vontade de retornar ao que éramos antes da sombra... Mas desejar esse retorno da visão é exercício de potência? O que nem nós insiste em manter as coisas tal como eram?

Essa anotação disparadora foi me conduzindo a entender que assombro e anestesia estavam próximos, afinal, não encontramos um ponto luminoso para lançar o anzol de nossa vontade. Nós, no afã da procura da luz, por vezes, somos lançados em mais escuridão do espírito, tomados por afeto de raiva e ódio perante a vida. Para defender-se da escuridão se busca um ponto luminoso guardado no espírito para suportar a ausência de referências. Esse movimento aparece nas greves, mas também nos discursos de ódio. Mas, como cada um tem a verdade que merece, como dirá Nietzsche, podemos dizer que esse horizonte luminoso chamado verdade nos lança em mais e mais escuridão a respeito de nós mesmos, pois a busca por ela está guiada pela



---

lógica da conservação, da preservação e, nesse cenário, queremos preservar os ídolos e não a expansão da vida.

Assim desejar esse retorno da visão é exercício de potência? O que nem nós insiste em manter as coisas tal como eram? Como então acionar, em nós, o sentido de assombro como maravilhar-se, espantar-se, que também estão ligados ao verbo assombrar? Que imagens estão sendo germinadas quando há mais sombra e que movimentos precisamos fazer para achar novos espaços luminosos após ser tocado pela breve escuridão?

Essas questões disparadoras me levaram a escrever esse projeto. Entendi que na verdade assombro remetia a travessia o niilismo, de modo que a pergunta certa deveria ser: como alcançar o meio dia, instante da sombra mais curta, como diz Zaratustra? Aqui, ao meio dia, a agonística das forças vida está presente, mas o júbilo também, de modo que o assombro ganha sentido de maravilhar-se. .

A questão do assombro foi então me levando a pensar no tema do nojo e da libertação do nojo, tal como o caminho trilhado por Zaratustra. Engraçado é que, nas redes sociais a imagem do bonequinho vomitando é talvez a mais usada para descrever estados de espírito diante das atrocidades cotidianas, sobretudo àquelas ligadas a discursos governamentais.

Por isso, percebi que precisava convidar Zaratustra para acompanhar alguns cenários, buscando articular o que ele dizia e via com imagens que foram surgindo ao longo do século XX e XXI. Imagens que Nietzsche não viu, mas anteviu postumamente. O objetivo, portanto, desse projeto é pensarmos alguns conceitos-imagens para entendermos o contemporâneo, a saber: niilismo, meio dia e eterno retorno, guiado pela pergunta: como resistir a essa terrível pressão histórica de longa data, que estoura agora, no século XXI, sem sujeitar-se a ela e, sabiamente, como um convalescente em busca de saúde, não esquecer que o júbilo da força retorna, para quem faz da vida, um experimento e pode selecionar o que deve deixar para trás!

E, nesse momento em que ameaço terminar minha justificativa, uma parte de uma música adentra, como um chamado, em meus ouvidos: " tudo novo de novo, vamos nos jogar onde já caímos. Tudo novo de novo, vamos mergulhar do alto onde subimos!"<sup>168</sup>

Esse refrão poderia ser pensado como o niilismo vencido por ele mesmo, sobretudo se acompanharmos a letra inteira, mas, nesse momento, a derivação que faço

---

a partir desse som em meus ouvidos é que estou desejando retornar a UFF, gostaria de ser orientada novamente por Cecília Coimbra, minha primeira orientadora na época da graduação, portanto, me jogar onde já cai, porém, agora, tudo é novo (eu, ela, a UFF, seu grupo de trabalho, as condições histórico-políticas) e preciso mergulhar do alto onde subi, pois já tenho uma trajetória de pesquisa, que me permite olhar as coisas do alto, mas preciso retomar tudo de novo, pois a altura produz vertigem e isolamento.

Além disso, ser novamente orientada por Cecília Coimbra, que tem um corpo capaz de mudança, pois acompanha as modulações das forças do tempo e transforma seu espírito junto a essas modulações, mantendo, como ninguém, a vibratibilidade do arco de sua vontade sempre apontado para o futuro e sem perder a ternura, poderá me oferecer o que necessito nesse momento. Ou seja, preciso voltar ao início e reencontrar a terra ou o "aterramento" para dar conta das vertigens e da solidão produzidas pela impossibilidade de dar passagem aos meus afetos. A partir daí será possível mergulhar no mar de forças, pois não correrei risco de me afogar sabendo que terei uma rede forte, ativa e afetiva que acolherá a minha queda livre. Só dessa maneira as minhas inquietações podem germinar um "sol diferente no céu", desde que este seja contemplado do chão, junto às práticas de parceiros-amigos, lembrando aqui Foucault e a importância que conferia a amizade como modo de vida, pois nos ajuda "a celebrar nossa própria maneira de ser".

Além disso, diante do jogo de forças do contemporâneo, preciso ter o título de doutora em Psicologia, para ser aceita em processos seletivos, mesmo eu tendo sido fiel ao experimento da transdisciplinaridade, já ter feito doutorado em Memória social e até pós-doutorado em Psicologia Social. Quem sabe, assim, eu consiga habitar locais em que o exercício de lançamento de flechas, bem como o recuo possa se dar num mesmo espaço.

### **Metodologia**

Para abordar o tema, o caminho escolhido será a pesquisa bibliográfica e análise de discursos e práticas diversas em curso, dando ênfase ao contemporâneo.

### **Objetivos**

#### **1-Geral**

Seguir as andanças do personagem conceitual nietzschiano Zarathustra, acompanhando os efeitos do seu encontro com os fios do niilismo em seu devir reativo desde a metafísica socrático-platônica até a modernidade e apontar, também para

aspectos ligados ao niilismo da força, quando Zaratustra se vê diante do enigma do eterno retorno e o relacionará ao meio dia, mas também buscaremos dialogar com outros conceitos de Nietzsche, como grande saúde, grande política e pequena política, por exemplo, que também são importantes para entendermos o jogo de forças vigentes no contemporâneo, bem como nos auxiliará na construção de estratégias para nos sucumbirmos a elas. Nesse momento, muito do material já produzido por mim poderá ser reutilizado.

## 2- Específico

E, para dar materialidade histórica para essas imagens-conceitos, buscaremos encontrar algumas formas dada as forças reativas do século XIX , sobretudo no universo das práticas sociais, e aqui Foucault nos ajudará bastante e buscaremos também levar Zaratustra ao século XX e XXI, em que dialogará com o que encontra pelo caminho (situações analisadoras), bem como com autores tais como Foucault, Deleuze, Canguilhem, Heidegger, Guattari, Nikolas Rose, Blanchot, Agamben, Primo Levi, Castel, Bauman, Grois, Lazzarato, Peter Pal Pelbart, Heliana Conde, Cecília Coimbra, Sueli Rolnik, Edson Passeti, Vladimir Safatle, Margareth Rago, Thiago Rodrigues, dentre outros.

## Bibliografia:

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua**. Lisboa: Presença, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Estado de Exceção**. Tradução de Iraci Poletti. São Paulo: Boitempo, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Linguagem e Morte: um seminário sobre o lugar da negatividade**. Tradução de Henrique Burigo, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Profanações**. Tradução de Selvino Assmann. São Paulo, Boitempo, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O que resta de Auschwitz. O arquivo e a testemunha. Homo Sacer, III**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- \_\_\_\_\_. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó - SC: Argos, 2009.
- ARTIÈRES, P. **Dizer a atualidade: o trabalho de diagnóstico em Michel Foucault**. In: Gros, Frederic (org) **Foucault: a coragem da verdade**. Parabola editorial. São Paulo, p.15-37, 2004.
- BAUMANN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998a
- \_\_\_\_\_. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- \_\_\_\_\_. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017.

- 
- BLANCHOT, Maurice. **Nietzsche y La escritura fragmentaria**. In: La ausencia Del libro. Buenos Aires: Ediciones Caldén, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Michel Foucault tal como eu imagino**. In: Uma voz vinda de outro lugar. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 111-159.
- \_\_\_\_\_. **Conversa Infinita**. São Paulo: Escuta, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Conversa Infinita 2: a experiência limite**. São Paulo: Escuta, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Conversa Infinita 3: a ausência de livro, o neutro**. São Paulo: Escuta, 2010.
- CALVINO, I. **As Cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990
- CANGUILHEM, George. **O normal e o patológico**. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Escritos sobre medicina** - Ed Forense Universitária. 1a edição. 2005
- \_\_\_\_\_. **Michel Foucault: morte do homem ou esgotamento do cogito?** Goiânia: Edições Ricochete, 2012.
- \_\_\_\_\_. **O conhecimento da vida**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b.
- CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social** Petrópolis: Editora Vozes, 1998
- \_\_\_\_\_. **A insegurança social - o que é ser Protegido?** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005
- \_\_\_\_\_. **Pensar y Resistir – La sociología crítica después de Foucault**. Estados Unidos: Circulo de Bellas Artes, 2006
- \_\_\_\_\_. **Gestão dos riscos: da anti-psiquiatria a pós-psicanálise**. Rio de Janeiro: Frabncisco Alves, 1997
- \_\_\_\_\_. **O psicanalismo**. Rio de Janeiro: Graal, 1978
- COIMBRA, Cecília. **Guardiães da Ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “Milagre”**. Rio de Janeiro. Oficina do Autor, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Operação Rio: o mito das classes perigosas: um estudo sobre a violência urbana, a mídia impressa e os discursos de segurança pública**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor; Niterói: Intertexto, 2001a
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Rio, 1976.
- \_\_\_\_\_. **Pensamento nômade**. In: MARTON, Scarlett (org.). *Nietzsche Hoje?* São Paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Crítica e Clínica**. Coleção TRANS. São Paulo: Editora 34, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Nietzsche**. Lisboa: Edições 70, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Proust e os signos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- \_\_\_\_\_. **A Ilha Deserta: e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2006a.
- \_\_\_\_\_. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2 ed., 2006b.
- \_\_\_\_\_. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2007
- \_\_\_\_\_. e GUATTARI, Félix. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Imago editora, 1976.
- \_\_\_\_\_. **O que é a filosofia?** 1991 Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** (Vol. 1). Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Mil Platôs2: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Mil Platôs3: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Mil Platôs4: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed.34,

---

1997.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs5: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1998.

DOUZINAS, Costas. **O fim dos Direitos Humanos**. Tradução Luzia Araújo. São Leopoldo:Unisinos, 2009

DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ERIBON, Didier. **Michel Foucault**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FOUCAULT, Michel. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

\_\_\_\_\_. **O Nascimento da Clínica: uma arqueologia do olhar médico** (1963). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres** (1984). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 3: o cuidado de si** (1984) Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: O nascimento da prisão** (1975). Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1: a vontade de saber** (1976). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **História da Loucura na época clássica** (1961). 3 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

\_\_\_\_\_. **Qui êtes-vous, Professeur Foucault?** In: Dits et écrits I. Paris: Gallimard, 1994, p. 601-620.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas** (1966). 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos).

\_\_\_\_\_. **A verdade e as formas jurídicas** (1973). 3 ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

\_\_\_\_\_. **Discurso y verdade em la antigua Grecia**. Buenos Aires: Paidós, 2004a.

\_\_\_\_\_. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

\_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos III: Estética, literatura, pintura, música e cinema**. 2ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006 a.

\_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

\_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e história dos sistemas de pensamento**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 a.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia do saber** (1969). 7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b.

\_\_\_\_\_. **O homem e o discurso (a arqueologia de Michel Foucault)**. Col. Comunicação nr. 3. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008c.

\_\_\_\_\_. **Segurança, território e população: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008d.

\_\_\_\_\_. **O nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008e

\_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos VI: Repensar a Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010 a .

---

\_\_\_\_\_. **O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

\_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos VII: Arte, Epistemologia, filosofia e História da Medicina**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011a.

\_\_\_\_\_. *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros 2: curso no Collège de France (1983-1984)*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011b.

\_\_\_\_\_. **O governo dos vivos: curso no Collège de France, 1979-1980 (enxertos)**. São Paulo: Centro de Cultura Social: Rio de Janeiro, Achiamé, 2011 c.

\_\_\_\_\_. **Gênese e estrutura da antropologia de Kant**. São Paulo: edições Loyola, 2011d.

\_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade e Política**. 3ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Ditos e escritos 1. Problematização do sujeito, psicologia, psiquiatria e picanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b.

GARAPON, A.; GROS, F.; PECH, T. (orgs.). **Punir em democracia: e a Justiça será**. Lisboa: Instituto Piaget, 2002. (Coleção Direito e Direitos do Homem)

GUATTARI, Felix.. **Caosmose; um novo paradigma estético**. São Paulo: ed.34, 1992

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo, editora Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **Micropolítica- Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1993.

GROS, Frederic. **Foucault et la vérité cynique**. Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 23, n. 32, p. 53-66, jan./jun. 2011.

\_\_\_\_\_. **A propósito de “A hermenêutica do sujeito”**. Mnemosine Vol.8, nº2, p. 316-330 (2012).

\_\_\_\_\_. **O cuidado de si em Michel Foucault**. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.) *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 127-138.

\_\_\_\_\_. **Estados de violência: ensaio sobre o fim da guerra**. São Paulo: Editora Idéias & Letras, 2009.

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche, vol. I- IV**. San Francisco: Harper & Row, 1987, trad. David Farrell Krell.

\_\_\_\_\_. **Ser e Tempo I**, Petrópolis: Vozes, 1988, trad. Emmanuel Carneiro Leão.

KLOSSOWSKI Pierre, **Nietzsche e o círculo vicioso**. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000.

KOSSOVITCH, Leon. **Signos e poderes em Nietzsche**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

\_\_\_\_\_. NEGRI, Antonio. **Trabalho imaterial**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. P. 25-42

LEBRUN, Gérard. **O avesso da dialética: Hegel à luz de Nietzsche**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

\_\_\_\_\_. **A filosofia e sua história: Gerard Lebrun**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Paciência do conceito; ensaio sobre o discurso hegeliano**. São Paulo: Editora UNESP, 2006b

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

- 
- \_\_\_\_\_. **Se não agora, quando?** São Paulo: Companhia das letras, 1999.
- LEVY, Tatiana Salem **A experiência do Fora: Blanchot, Foucault e Deleuze.** Conexões(19). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003
- LOBO, Lilia Ferreira. **Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- LÖWITH, Karl. **O sentido da história.** Lisboa: Edições 70, 1991.
- \_\_\_\_\_. **De Hegel a Nietzsche: La quiebra revolucionaria del pensamiento en el siglo XIX.** Madrid: Ed. Katz, 2008.
- MACHADO, Roberto. **A arqueologia do saber e a constituição das ciências humanas.** Discurso, São Paulo: USP, v. 5, n. 5, p. 87-118, 1974.
- \_\_\_\_\_. Loureiro, Ângela; Luz, Rogério; Muricy, Kátia. **Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil.** Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Por uma genealogia do poder.** In: Foucault, Michel. *Microfísica do poder.* Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. VII-XXIII.
- \_\_\_\_\_. **Ciência e saber: A trajetória da Arqueologia de Michel Foucault.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Nietzsche e a Verdade.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Foucault a filosofia e a literatura.** 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001a.
- \_\_\_\_\_. **Zaratustra, tragédia nietzschiana.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001b.
- \_\_\_\_\_. **Deleuze e a filosofia.** Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Deleuze, arte e a filosofia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009
- MARTON, Scarlett (org.). **Nietzsche Hoje?** São Paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Um Extemporâneo entre Nós.** Revista Discurso (22), 1993, p. 11-12.
- \_\_\_\_\_. **A irrecusável busca de sentido: autobiografia intelectual.** São Paulo: Ateliê Editorial; Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2004.
- \_\_\_\_\_. **O Averso do avesso é o direito?** In: Falando de Nietzsche. Org. Vania Dutra de Azevedo. Ijuí: Editora Unijuí, 2005, p. 13-22.
- \_\_\_\_\_. **Extravagâncias; ensaios sobre a filosofia de Nietzsche.** 3 ed. São Paulo: Discurso Editorial e Editora Barcarola, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Nietzsche: filósofo da suspeita.** Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2012.
- MORAIS, José Geraldo Vinci de e REGO, José Marcio. *Conversas com historiadores brasileiros.* São Paulo: Ed.34, 2002.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **A Doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche.** S. Paulo: Annablume, 1997.
- MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. **Nietzsche: civilização e cultura.** São Paulo: Martins Fontes, 2005
- NASCIMENTO, Aline Ribeiro. **O que é a psicologia para Nietzsche?** Dissertação de Mestrado em Psicologia, Niterói: UFF, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Uma leitura nietzschiana do filme O trem da vida.** In: BARRENECHEA, M. A. de (org.). *As dobras da memória.* Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 115-122
- \_\_\_\_\_. **Os desafios da memória em direção às forças de criação.** Tese de doutorado em Memória Social, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Da invenção da memória as memórias inventadas.** *Mnemosine Vol.8, nº1, p. 117-151, 2012.*

\_\_\_\_\_. **Ressonâncias de Nietzsche em Foucault: o encontro criativo da flecha do pensamento.** Griot- Revista de Filosofia Amargosa, Bahia – Brasil, v.11, n.1, junho/2015 p.160-184.

\_\_\_\_\_. **Nada será como antes será como antes: a flecha foucaultiana no Brasil trazendo Nietzsche em sua ponta afiada.** Mnemosine ( Rio de Janeiro), 2015, no prelo.

\_\_\_\_\_. **O tiro espiritualizado do pensamento: como fazer do “si mesmo” uma promessa de vida.** In: RODRIGUES, H, B e COSTA, M.J,A (org) Coletânea Foucault e as formas de vida. . Rio Pesquisa (FAPERJ), 2016 (no prelo).

\_\_\_\_\_. **Nietzsche (em) Foucault : O tiro espiritualizado da flecha do pensamento.** Mnemosine Vol.12, nº2, p. 42-72,2016.

\_\_\_\_\_ e RODRIGUES, H.B.C **Filosofia e experimentação:exercícios espirituais em Nietzsche e Foucault.** Fermentario, nº 8, volume 2, 2014, p.1-13, 2015.

\_\_\_\_\_ e Peixoto, M. I. M. **Da cultura platônico-judaico-cristã à cultura capitalística: modulações do nilismo na construção da memória.** Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 08, número 13, 2008

NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia.** 2a ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1992 a.

\_\_\_\_\_. **O livro do filósofo.** Porto, Rés, s/d.

\_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro.** 2a ed., São Paulo:Companhia das Letras, 1992 b.

\_\_\_\_\_. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém.** 7a ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

\_\_\_\_\_. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da Moral: uma polêmica.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Humano demasiado Humano I: um livro para espíritos livres.** S. Paulo: Companhia das Letras, 2000 a.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos Ídolos ou como filosofar com um martelo.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000b.

\_\_\_\_\_. **Cinco prefácios para cinco livros não escritos.** Rio de Janeiro: 7 letras, trad. Pedro Sússekind, 2000c.

\_\_\_\_\_. **A Gaia Ciência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Filosofia na época trágica dos gregos.** Lisboa: Edições70, 2002 a.

\_\_\_\_\_. **O Anticristo.** Lisboa: Edições 70, 2002b.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos finais.** Seleção de fragmentos póstumos por Flávio R. Kothe, Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002c.

\_\_\_\_\_. **Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003a.

\_\_\_\_\_. **Schopenhauer educador.** In: Escritos sobre educação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003b, p. 138-222.

\_\_\_\_\_. **Aurora.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Sabedoria para depois de amanhã.** Seleção de fragmentos póstumos por Henriz Friedrich, São Paulo: Martins Fontes, 2005a.

\_\_\_\_\_. **A visão dionisíaca do mundo e outros textos de juventude.** São Paulo: Martins Fontes, 2005b.

\_\_\_\_\_. **Escritos sobre história/ Friedrich Nietzsche.** Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio; São Paulo: Loyola, 2005c.

\_\_\_\_\_. **A Vontade de Poder.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Humano Demasiado humano: um livro para espíritos livres, Volume II.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.



---

\_\_\_\_\_. **Fragmentos póstumos: 1887-1889: volume VII.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos póstumos: 1887-1889: volume VI.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

NABAIS, Nuno. *Metafísica do trágico: estudos sobre Nietzsche*. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

NUNES, Benedito. **No tempo do niilismo e outros ensaios.** São Paulo: Ed. Ática, 1993

PASSETI, Edson. **Kafka-Foucault, sem medos.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2004

\_\_\_\_\_, OLIVEIRA, Salete. **A tolerância e o intempestivo.** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. **Terrorismos.** 1. ed. São Paulo: EDUC, 2006.

PELBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão.** São Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea.** São Paulo: Editora Iluminuras, 2000a.

\_\_\_\_\_. **Vida Capital: ensaios de biopolítica.** São Paulo: Editora Iluminuras, 2000b.

\_\_\_\_\_. **Travessias do niilismo.** In: FEITOSA, Charles, BARRENECHEA, Miguel Angel de, e PINHEIRO, Paulo (Org.). Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação. Assim falou Nietzsche V., Rio de Janeiro: DP&A: Faperj: Unirio; Brasília, DF: Capes, 2006.

\_\_\_\_\_. **O tempo não-reconciliado.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. **O avesso do niilismo: cartografia do esgotamento.** São Paulo: N-1 edições, 2013.

POL-DROIT, Roger. **Michel Foucault, entrevistas.** São Paulo: Graal, 2006.

PORTOCARRERO, Vera (Orgs.). **Retratos de Foucault.** Rio de Janeiro: Nau, 2000.

\_\_\_\_\_. **As ciências da vida: de Canguilhem a Foucault.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche: uma crítica radical.** In: In: Curso de filosofia. Antonio Rezende (org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1986

RAGO, Margareth. **O efeito Foucault na historiografia brasileira.** Tempo social, Ver. Sociol.USP, São Paulo, 7 (1-2), out 1995.

\_\_\_\_\_. **As marcas da pantera: Foucault para historiadores.** Resgate, nr.05, 1993.

RIBEIRO, Renato J. (Org.). **Recordar Foucault: os textos do Colóquio Foucault.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Foucault: Leituras da história da loucura (1961-1980).** In: Foucault: leituras da história da loucura. Elisabeth Roudinesco, George Canguilhem, René Major e Jacques Derrida. Rio de Janeiro: Relume- Dumará, 1994.

\_\_\_\_\_. **Filósofos na tormenta: Canguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze e Derrida.** Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2007.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. **Ensaio sobre Michel Foucault no Brasil. Presença, efeitos, ressonâncias.** 1. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016

RODRIGUES, Thiago. **Narcotráfico: uma guerra na guerra.** São Paulo: Desatino, 2012

\_\_\_\_\_. **Guerra e política nas relações internacionais.** São Paulo, Educ, 2010

---

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROSSET, Clément. **Lógica do pior**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989 a.  
\_\_\_\_\_. **A antinatureza: elementos para uma filosofia trágica**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989 b.

ROSE, Nikolas. **Inventando nossos selfs: psicologia, poder e subjetividade**. Petrópolis: Vozes, 2011

\_\_\_\_\_. **A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI**. São Paulo, Paulus, 2013.

\_\_\_\_\_ e MILLER, Peter. **Governando o presente**. São Paulo. Editora Pulus, 2012.

SAFATLE, Vladimir. **Circuito dos Afetos: Corpos políticos, Desamparo, Fim do Indivíduo**. São Paulo: Cosac Naify, 2015

SAFRANSKY Rüdiger, **Nietzsche - Biografia de uma tragédia**. São Paulo: Geração Editorial, 2001

SENNETT, Richard **Carne e pedra**. Rio de Janeiro-São Paulo, Record, 1997

\_\_\_\_\_. **A corrosão do caráter**. Lisboa: Terramar, 2003.

\_\_\_\_\_. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **Os inimigos íntimos da democracia**. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

VEYNE, Paul. ; **Foucault revoluciona a história**. In: Como se escreve a história. Brasília: UnB, 1982.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. **A Grande Política em Nietzsche**. São Paulo: Annablume, 2006.

VOLPI, Franco. **O nihilismo**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.